



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA



ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO

“FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS”: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952).”

BELÉM/PA

2016

ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO

“*FOOTBALL* SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS”: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952).”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de Doutor em História.

Orientador: Prof. Dr Antonio Mauricio Dias da Costa.

BELÉM/PA

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca de Pós-Graduação do IFCH/UFPA

Gaudêncio, Itamar Rogério Pereira

"Football suburbano e festivais esportivos": lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952). / Itamar Rogério Pereira Gaudêncio. - 2016.

Orientador: Antonio Mauricio Dias da Costa

Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia, Belém, 2016.

1. Clubes de futebol - Belém (PA). 2. Futebol - Aspectos sociais 3. Subúrbios 4. Lazer.

CDD 22. ed. 796.33362098115

ITAMAR ROGÉRIO PEREIRA GAUDÊNCIO

“*FOOTBALL SUBURBANO E FESTIVAIS ESPORTIVOS*”: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952).”

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção do grau de Doutor em História.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Antonio Mauricio Dias da Costa. – Orientador
PPHIST/Universidade Federal do Pará.

Profª Drª Edilza Joana de Oliveira Fontes – Arguidora.
PPHIST/ Universidade Federal do Pará

Prof. Dr Leonardo Affonso de Miranda Pereira – Aguidor
Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Profª Drª Carmem Izabel Rodrigues – Arguidora
PPGSA/Universidade Federal do Pará

Profª Drª Lucília da Silva Matos – Arguidora
Faculdade de Educação Física/Universidade Federal do Pará

BELÉM/PA 2016

Torcedora “federal”...

Para a tropa do clube do Remo

Em Nazareth, conheço uma donzela que é do Remo ranzinza torcedora.

Em verdade, é uma flôr mimosa e bella tipo “mignon”... uma princesa loura.

No campo quando torce, se revela do futebol gentil conhecedora.

Vence o Remo, oh prazer! Fica amarella si do azulino a sorte oscila e goura...

Mas, uma vêz, num prélio extraordinário- em que o conjunto azul perdia a zero.

Eu a vi, tendo às mãos lindo rosário, rezando... (juro que não conto história !)

Tanto rogou aos céos com ardor sincero, que o Remo por final, ganhou victória!...

Luis Gomes (Revista *A Semana*, 13/08/1921, nº175.)

(...) Na Belém daquêles tempos estava no “clímax” a velha discórdia entre os bairros da cidade que se disputavam a liderança em tudo: carnaval, São João e até no futebol, com a infância do São Domingos, jurunense, e clubes como Riachuelo, Pará Time, Onze paraenses no Umarizal. Gente dos Jurunas não ia com a que formava o “martelos de prata”, o “Rouxinol”, o “Canário”. “campineiro” não tolerava “cidadão” (...)

RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de Outrora... p. 73.

(...) Fundado com a finalidade especifica de difundir o futebol association dentro do chamado ESPORTE MENOR paraense, por uma estatística levantada, tomando por base que o FUTEBOL ASSOCIATION teve grande evidencia dos anos de fundação 1915 até 1960, quando por motivos sobejamente conhecidos, além dos desacertos de algumas administrações o SÃO DOMINGOS desativou o seu DEPARTAMENTO DE FUTEBOL depois de memoráveis lutas enfrentadas os mais variados adversários, entre eles o famoso BELÉM SPORT CLUB, outro clube aqui do bairro do Jurunas, uma batalha sensacional que ensejou uma disputa na atual, o perdedor seria sumariamente alijado do futebol do bairro.

O SÃO DOMINGOS sobreviveu essa inusitada, APOSTA, onde foi posta em jogo o caráter, integridade moral de um dos maiores domingueses de todos os tempos. E sempre lembrando DAVINO CARVALHO. Nessa monumental peregrinação, acho que bem poucos clubes de futebol paraense chegaram a tanto. O SÃO DOMINGOS jogou cerca de 2.210 vezes, aproveitando os domingos e feriados, devendo ser esclarecido que nos anos de fundação os jogos eram na base de DESAFIOS, muitos jogos não atingiram o tempo normal dos noventas (90) minutos como determina as REGRAS DO JOGO DE FUTEBOL.(...) RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Jurunas-Belém: Livro não publicado, 1999/2000.

AGRADECIMENTOS

Finalizar este trabalho acadêmico, depois de quase cinco anos, é antes de tudo a realização de um sonho. Um sonho de todo garoto que buscou ser “bom de bola” no “país do futebol”, mas, que na maioria das vezes não consegue, por que nesse mesmo país, o cotidiano da labuta diária e as desigualdades sociais não permitem que todos os garotos vençam nos campos desse esporte.

No entanto, Deus, eu creio, talvez até por ser “torcedor brasileiro” ou por outro motivo, me deu um presente: “os caminhos da educação”. Nestes caminhos, construí uma pesquisa sobre o esporte mais praticado no mundo a partir das suas peculiaridades históricas e sociais na cidade de Belém do Pará.

“Que golaço!” O garoto que buscava ser “bom de bola” foi presenteado por Deus para escrever sobre o *football* local, o “presente”: defender uma tese acadêmica no Curso de História na Universidade Federal do Pará. Um grande “presente” para quem sabe que as mazelas sociais e o local que as pessoas nascem, apesar de não justificar, influenciam na construção histórica de cada indivíduo. Um fato que talvez explique os garotos que ficam no meio do caminho, tanto na prática do futebol, como na busca pela educação que deveria promover as igualdades sociais.

Por isso, quero agradecer a Deus pelo maior presente que ele proporciona ao ser humano cotidianamente: a dádiva da vida, a minha dádiva! Te agradeço Pai, por nunca ter me abandonado, nas crises, nas alegrias, nas intempéries, nas tristezas, sempre enviastes teus anjos, através das pessoas, para me ajudar a ter sabedoria, vencer as dificuldades e receber tuas bênçãos. Obrigado Pai pela ajuda durante o curso! Perdoe-me as fragilidades! Obrigado Jesus por sua dádiva! “Os passes para o gol foram fenomenais!”

Agradeço a todos meus amigos de Tomé-Açú, Santa Izabel do Pará, Belém e Marituba, que influenciaram positivamente na construção desta “partida” ao longo de 15 anos: obrigado Rosivaldo, Cristiano e Sinara, Cadinho, Dani Moura e Rodrigo, Dênis Bezerra, Mariza, Josiane, Jeisiane Calderaro, Moisés, Neto, Bonifácio Cabral e Maria José, Aldaíze e Esaú, Ildefonso Haneman, Reinaldo Borcém, Miguel Ângelo, Marcelo Simonetti, Mário Junior, Antonio Vicente e Denise, Ronaldo Charlet, Moisés Conceição, Wando, Roberto Magno, Sônia Passos, Gilberto, Cecília, Rodrigo Reis, Marcos Paulo, Adma Salim, Galdino e Nataly, Alexandre, Elias, Nezilda, Luis, Rosa Cláudia, Alan Coelho e a todos que deixei de

mentonar, mas, que foram importantes para o trabalho. Eu sei que vocês estavam nas “arquibancadas.”

A todos os integrantes da Polícia Militar do Pará nas pessoas de Oficiais e Praças dessa importante Instituição Militar Estadual que convivo ao longo dos anos. Aos amigos remanescentes da turma de Soldados de 1998 e a turma de Aspirantes à Oficial - 2008. Aos integrantes da Academia de Polícia Militar “Cel Fontoura”: Oficiais, Alunos e Praças dessa Biosa Instituição de Ensino Superior Militar Estadual que sirvo à praticamente cinco anos: Cel Marcel, Ten Cel Mario Antonio, Ten Cel Rayol, Ten Cel Simonetti, Major Henrique; Capitães: Heider, João Azevedo, Carvalho, Tenentes: Rusimuller, Louseiro, Ádamus, Vieira, Janete, Ingrid, Mozer, Nascimento. As Praças: Sgt Medeiros, Helen, J. Cruz, Juscelino, Freitas, Luz, Cb Aline, Sd Fernanda, Gisely, Vc Lilian e Bianca. E a todos que contribuíram com meu trabalho.

Aos amigos do grupo de pesquisa Histórica dos 200 anos da Polícia Militar do Pará: Cel Lazáro Saraiva, Ten Cel Rufeill, Ten Fernando, Ten Ismael. Obrigado pelos debates e levantamento de fontes que me ajudaram na pesquisa nessa reta final.

Também agradeço o apoio de todos os servidores do Instituto de Ensino e Segurança do Pará: uma Instituição que forma os agentes de Segurança Pública em todo o Estado. Obrigado pelo apoio, principalmente da Biblioteca desta Instituição que através da Dr Ádma Salim me ajudou bastante ao levantar fontes que estavam arquivadas no local. Assim como estendo meus agradecimentos ao ex-diretor Ten Cel Lima e Silva e o atual Diretor Ten Cel Alisson, um grande incentivador para minha entrada no Programa de Doutorado em História na UFPA.

Um agradecimento especial aos professores da Faculdade de História da Universidade Federal do Pará especialmente meu “Treinador”, professor, amigo Antonio Mauricio Dias da Costa, que nos momentos de orientação sempre relativizou algumas certezas e influenciou bastante no trabalho final. Agradeço aos precursores desta pesquisa: Prof. Aldrin Figueiredo, Profª Edilza Fontes, Profª Franciane Lacerda e o Prof. Willian Gaia, os considero “técnicos” deste trabalho. Agradeço também as sugestões da Profª. Maria de Nazaré Sarges, Prof. Fernando Arthur, Prof. Otaviano e Prof. Rafael.

Aos servidores do Centro de Memória da Amazônia-CMA, Biblioteca Pública “Arthur Vianna”- CENTUR. Obrigado pela paciência.

A “tabelinha” com a Faculdade de Geografia e Cartografia na construção dos mapas foi fundamental para nosso trabalho. Por isso, agradeço a todos os seus servidores, em especial á época da pesquisa estudante da Faculdade de Geografia e Cartografia da UFPA, Mário Hélio dos Santos Filho, o responsável pela construção técnica dos mapas.

Agradeço a todos integrantes do Clube São Domingos do bairro do Jurunas: Obrigado Dona Maria de Belém Cavalcante Mamede, Sr Edilson dos Santos Ferreira, Inácio Mamede (*in memorian*), Theodorico Rodrigues (*in memorian*) e todos os membros que constroem a história do clube. A partir deles faço uma homenagem a todos os clubes suburbanos de Belém.

Um muito obrigado ao jornalista Edson Matoso que aceitou participar da defesa deste trabalho acadêmico. Um grande reforço para determinar a “vitória no final da partida.”

Agradeço à vocês, membros da minha família que recebi assim que casei: meu “bolsista” e cunhado Chagas, Marco, Sérgio, Cleide, Célia, Joaquim, Bárbara (“bolsista”), Almir, Dona Perpétua (*in memorian*). Muito Obrigado pela paciência!

Quero agradecer aos meus sempre torcedores especiais: minha mãe Ana Gaudêncio, meus irmãos Liliana Gaudêncio e Diego Leonardo, meu cunhado, irmão e amigo Ivaldo Soares, meus amados filhos Saulo Emanuel e Luana Gaudêncio, meu pai José Gaudêncio (*in memorian*), meu tio Paulo Soares (*in memorian*) e minha tia Fátima, meus avós Alexandre e Margarida (*in memorian*), meu avô Rufino. Todos eles foram “torcedores natos” e fundamentais para realização dos variados “embates” ao longo da pesquisa.

Um agradecimento todo especial a você Letícia Gaudêncio, “zagueira guerreira”, “marcação total” para que ficasse livre para o “gol”. Obrigado minha amada esposa, você é fundamental para a consolidação dessa vitória e para união de nossa humilde família. Te agradeço pela paciência, carinho e amor durante todo este “campeonato”. Estamos na “final!”

Por fim, faço uma homenagem especial a você meu filho Samuel Gaudêncio (*in memorian*). Queria você aqui comigo, juntamente com sua mãe e seus irmãos. Sei que você seria um “jogador” especial, um “goleador”. Pena que não tive a oportunidade de conviver mais com você. Agora você é um “anjinho”. Obrigado! A tese também é sua, você faz parte desse time que chegou até a “final do campeonato”. Afirmo hoje, com lágrimas nos olhos e muitas saudades, que você é o nosso “campeão”!

Belém do Pará, “capital do futebol da Amazônia”, 02 de Março de 2016.

RESUMO

O presente estudo trata da análise sobre a prática e a popularização do futebol a partir dos clubes de subúrbio, na cidade de Belém do Pará, durante os anos de 1920 à 1952. Dessa forma, mapeamos a urbe a partir desses clubes de futebol nos seus variados bairros com objetivo de analisar a dinâmica da prática esportiva que construiu um processo de popularização do futebol. Um fato que se alicerçou através da quantidade de clubes de futebol e a experiência dos sujeitos que participavam ativamente da construção do lazer e da prática esportiva nesse espaço urbano. O aumento do número de festivais juntamente com o trabalho da imprensa esportiva, a circulação de diversos grupos sociais, proporcionou ao longo dos anos a construção de um processo de popularização do *football* na cidade que fortaleceu o esporte em torno do Clube do Remo e do Paysandú. No entanto, ao levantar fontes jornalísticas, consegui perceber que apesar dos discursos serem inerentes a prática de quem escreve nos jornais, existia um ponto em comum, que era a prática de futebol nos variados locais da cidade. Havia indícios de que sujeitos de bairros populares como o Jurunas, Sacramento, Pedreira e Telégrafo participavam mesmo que indiretamente das partidas realizadas no largo de São Braz ou na Praça Batista Campos. A ideia da tese passa pelo estudo do futebol que se popularizou a partir de um conjunto de fatores que também estava aliado a experiência dos sujeitos nos clubes dos bairros apresentados pela imprensa, durante o contexto histórico da época, como populares ou suburbanos, e não somente pela dupla *Re x Pa*.

Palavras-chave: futebol, subúrbio, clubes, popularização e lazer.

ABSTRACT

This study deals with the analysis of the practice and popularization of football from the suburb of clubs in the city of Belém do Pará, during the years 1920 to 1952. Thus, we map the metropolis from these football clubs in their various neighborhoods in order to analyze the dynamics of sports who built a process of popularization of football. A fact that has its foundations by the amount of football clubs and the experience of individuals who actively participated in the construction of leisure and sports activities in this urban space. The increase in the number of festivals along with the work of the sports press, circulation of various social groups, has provided over the years to build a football popularization process in the city strengthened the sport around the Clube do Remo and Paysandu . However, to raise journalistic sources, I managed to realize that despite the speeches are inherent in the practice of those who write in the newspapers, there was a point in common, which was the practice of football in various places of the city. There were indications that subjects of popular neighborhoods like Jurunas, Sacramento, Quarry and Telegraph participated even indirectly matches held in the Largo de Sao Braz or Praca Batista Campos. The idea of the thesis involves the study of football that became popular from a set of factors that was also combined with experience of subjects in the clubs of the districts presented by the press during the historical context of the time, as popular or suburban, not only the double *Re x Pa*.

Keywords: football, suburb, clubs, popularization and leisure

LISTA DE IMAGENS E MAPAS

IMAGENS:

Nº 01 - Praça da República, Belém, 1930. **Fonte:** Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em Sessão de 20 de maio de 1930 pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Facíola. p. 94_____p. 57.

Nº 02 – Avenida São Jerônimo, início do século XX. Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 104_____p. 58.

Nº 03 -Praça Floriano Peixoto, Largo de São Braz. **Fonte:** ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO.p. 95_____p. 61.

Nº04 - Hospedaria de imigrantes na ilha do Outeiro. 1899. **Fonte:** ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO.p. 34._____p. 78.

Nº 05 - Velódromo em Belém. **Fonte:** Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 265._____p. 88.

Nº06 - Um festival esportivo na sede náutica do Clube do Remo. **Fonte:** *Revista A Semana*, 08/02/1919_____p. 91.

Nº 07 - Fotografia dos “sócios-atletas” da Recreativa, Tuna Luso Comercial, Clube do Remo e Yole Club. **Fonte:** *Revista A Semana*, 26/04/1919. _____p. 106.

Nº 08 - Sede do Sport Club of Pará em Belém. **Fonte:** Albúm Revista de Belém. Souza Cabral. Caixa postal nº 647. Pará. Sem data. _____p. 110.

Nº 09 - Grupo náutico da Tuna no ano de 1919. **Fonte:** *Revista A Semana*, 01/03/1919._____p. 115.

Nº 10 - Taça de vencedor no ano de 1920. Fornecida pela Federação Paraense de Sports Náuticos a Tuna. (Pesquisa de campo na sede da Tuna Luso, realizada em 11 de setembro de 2014.) _____ p. 116.

Nº 11 - Clube Remo no ano de 1915. **Fonte:** CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969, p. 373. _____ p. 120.

Nº 12 - Jogadores do Paysandú momentos antes de uma partida na capital paraense. **Fonte:** *Revista A Semana*, 13/05/1919. _____ p. 131.

Nº 13 - Festival esportivo promovido pela Loja Maçônica da época. No campo do Clube Do Remo. **Fonte:** *Revista A Semana*, 18/09/1920. _____ p. 135.

Nº 14 - Time de futebol do Yole Club, nas festas em comemoração ao dia 13 de maio. **Fonte:** *Revista A Semana*, dia 24/05/1919. _____ p. 137.

Nº 15 - Time de futebol do 47º BTL de caçadores, que participava de festivais esportivos na época. **Fonte:** *Revista A Semana*, 30/05/1919. _____ p. 138.

Nº 16 - Fotografia da Praça Justo Chermont. **Fonte:** ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO. p. 70. _____ p. 149.

Nº 17 - Praça Batista campos no final do século XIX. **Fonte:** ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO. p. 94. _____ p. 151.

Nº 18 - Trabalhadores construindo na área do São Domingos provavelmente anos de 1930-1940. **Fonte:** pesquisa de campo no arquivo do São Domingos. (realizada no período de set-dez de 2014). _____ p. 185

Nº 19 – Avenida Generalíssimo Deodoro, bairro de Nazaré, início do século XX. **Fonte:** Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 108. _____ p. 190.

Nº 20 - Ofício expedido do Uberabinha Esporte Clube ao São Domingos no dia 06 de janeiro de 1936. **Fonte:** pesquisa de campo no arquivo do São Domingos no período de set-dez de 2014. _____ p. 207.

Nº 21: Porto do sal, bairro da Cidade Velha em Belém. Ano de 1916. **Fonte:** Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém:

Secult, 1998. p. 64. _____ p. 227

Nº 22 - Imagem de trecho de ruas no bairro da Matinha nos anos de 1960. (**Fonte:** PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968.) _____ p. 239.

Nº 23 – Vista aérea do bairro da Condor e Jurunas nos anos de 1942-1944. (**Fonte:** Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará. Belém: estudo ambiental do estuário Guajarinu. Belém: IDESP, 1990. p. 100-101.) _____ p. 255.

Nº 24 – Bairro do Jurunas e Condor no mesmo período. **Fonte:** Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará. Belém: estudo ambiental do estuário Guajarinu. Belém: IDESP, 1990. p. 100-101. _____ p. 255

Nº 25 – Excursão a Ilha de Tatuoca. Integrantes do Clube do Remo. **Fonte:** Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 265. _____ p. 261.

Nº 26 - Campo do Sacramento no ano 2013 durante um festival esportivo. **Fonte:** acervo pessoal, pesquisa de campo realizada no dia 08/09/2013. _____ p. 271.

Nº 27 - Campo do Sacramento nos anos de 1970 em Belém do Pará. **Fonte:** Revista *Gol revista semanal do esporte paraense*, ano I, nº 25 ? /?/ 1976 Biblioteca do Instituto Ensino e Segurança Pública do Pará. _____ p. 272.

Nº 28 - Jogo do Sacramento no seu “campinho” nos anos de 1950. **Fonte:** Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978. p. 14. _____ p. 273.

Nº 29 - Bilhete do jornalista Edgar Proença ao São Domingos no ano de 1936 solicitando um convite para um amigo. **Fonte:** pesquisa documental nos arquivos do São Domingos no período de setembro de 2014 a janeiro de 2015. _____ p. 297.

Nº 30 - Ficha de sócio de Abel Chermont e Hugo Leão. Ambos *Sportmen*. **Fonte:** Pesquisa no arquivo documental do São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014. _____p. 302.

Nº 31 Ofício expedido ao São Domingos s/n 17 de junho de 1937. Festival esportivo convidando o São Domingos e organizado pela Rádio clube no campo do clube do Remo. **Fonte:** pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014. _____p. 320.

Nº 32 Ofício s/n 27 de abril de 1936, São Pedro jóquei club convidando o “campeão suburbano”. **Fonte:** pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014. _____p. 322.

Nº 33: Ofício enviado pelo Rancho não posso me amaofiná ao São Domingos. 14 de agosto de 1935. **Fonte:** Pesquisa no arquivo documental do São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014. _____p. 324.

Nº 34 - Bairro do Jurunas nos anos de 1960. **Fonte:** PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p.p. 304-306. _____p. 326.

Nº 35 - Bairro do Jurunas nos anos de 1960. **Fonte:** PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 307. _____p. 326.

Nº 36 - Bairro do Jurunas nos anos de 1960. **Fonte:** PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 307. _____p. 327.

Nº 37 - Comprovante de pagamento de mensalidade de sócio do clube, no ano de 1937. **Fonte:** pesquisa documental na sede do São Domingos, 2014. _____p. 330.

Nº 38 – Fotografia do *team* do Clube São Domingos, 1941. **Fonte:** acervo documental do Clube São Domingos. _____p. 334.

Nº 39 - Anuncio de uma partida de futebol, no Jornal *A Folha do Norte*, entre os clubes Ypiranga e o Panther. **Fonte:** Jornal *A folha do Norte*, quarta-feira, 08 de julho de 1914. _____ p. 336.

Nº 40 - Ofício do clube Bomsucesso do bairro da Matinha e o discurso da modernidade sobre o “sport” possivelmente o documento é dos anos de 1930. **Fonte:** Pesquisa realizada no arquivo do São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014. _____ p. 337.

Nº 41 – Ofício do Nacional atlético Club, ex Phanter. Fundado em 1917. **Fonte:** Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014. Circular expedida ao São Domingos nº 01 Belém 20 de janeiro de 1937; livro “História do Clube do Remo, 1911. p. 54 – 1917 O ex Panther vira Nacional.” _____ p. 340.

Nº 42- Sede do Imperial no bairro do Jurunas. **Fonte:** fotografia realizada da sede do Imperial durante a pesquisa de campo no dia 13/09/2014. _____ p. 346.

Nº 43 - O seu Tibúrcio e Dona Mocinha. Sócio do São Domingos. **Fonte:** acervo pessoal de Dona Maria de Belém. Pesquisa setembro a dezembro de 2014. _____ p.350.

Nº 44- Dona Maria de Belém, a primeira da esquerda para direita agachada. Atleta do time de basquete do Santa Rosa nos anos de 1960. **Fonte:** acervo pessoal de Dona Maria de Belém. Pesquisa realizada no período setembro à dezembro de 2014. _____ p. 351.

Nº 45: A Avenida Senador Lemos e suas barracas. **Fonte:** PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 347. _____ p. 359

Nº 46: Sede do Sacramento Sport Club na avenida Senador Lemos. **Fonte:** Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978. p. 14-15. _____ p. 365.

Nº 47: Sede do Clube Alegria no bairro da Pedreira. **Fonte:** Pesquisa de campo realizada no dia 14/10/2013, no Clube Alegria da Pedreira. _____ p. 373.

Nº 48: bilhete do senhor Pedro dos Santos Martins ao Clube São Domingos. **Fonte:** Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014. _____ p. 374.

MAPAS

Mapa da pesquisa 01 – Quantidade de clubes por bairro no período geral (1896-1952). **Fonte:** Pesquisa que ocorreu ao longo dos quatros anos de construção da tese. _____p. 197.

Mapa da pesquisa 02- Quantidade de campos de futebol na cidade belenense. **Fonte:** Pesquisa que ocorreu ao longo dos quatros anos de construção da tese. _____p. 198.

Mapa da pesquisa 03 – Quantidade de clubes catalogados na cidade no período de 1896-1920. **Fontes:** Pesquisa que ocorreu ao longo dos quatros anos de construção da tese. _____p. 199.

Mapa da pesquisa 04 – Quantidade de clubes por bairros na cidade no período de 1921-1941. **Fontes:** Pesquisa que ocorreu ao longo dos quatros anos de construção da tese. _____p. 200.

Mapa da pesquisa 05 – Quantidade de clubes por bairro no período de 1942-1952. **Fontes:** Pesquisa que ocorreu ao longo dos quatros anos de construção da tese. _____p. 201.

Mapa 06: Mapa da cidade de Belém sem os limites de cada bairro nos anos de 1960. **Fonte:** TUPIASSÚ, Amílcar Alves. A área metropolitana de Belém. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará-IDESP, Série monografias, 1968. Anexos. _____p. 221.

Mapa 07: Mapa da cidade de Belém e os limites de cada bairro nos anos de 1960. **Fonte:** TUPIASSÚ, Amílcar Alves. A área metropolitana de Belém. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará-IDESP, Série monografias, 1968. Anexos. _____p. 229.

Mapa 08 – Mapa da cidade de Belém nos anos de 1970. A parte clara são as áreas mais altas da cidade e as escuras as mais baixas onde ocorriam os alagamentos. **Fonte:** FIGUEIREDO, Napoleão. Rezadores, pajés e pujanças. Belém: BOITEMPO, UFPA, 1ª EDIÇÃO, 1979. p.8. _____p. 233.

SUMÁRIO

LISTA DE IMAGENS E MAPAS.....	11
“TUDO PRONTO PARA O ESPETÁCULO, APITA O JUIZ! ROLA A PELOTA NA CAPITAL DO FUTEBOL DA AMAZÔNIA”.....	19
“1º TEMPO” – FESTIVAIS, <i>SPORTMEN</i>, <i>FOOTBALL ASSOCIATION</i> E “RE X PA”: AS PRÁTICAS <i>SPORTIVAS</i> NA CIDADE “ELEGANTE”	53
1.1- Festivais, <i>sportmen</i> e o discurso da “ <i>Belle Époque do football</i> ”	57
1.2– <i>Sports</i> , lazer e migração: Manaus e Belém, uma breve comparação.	77
1.3– A prática do “chic e distinto” <i>football</i>	99
1.4 - Clubes, educação <i>Physica</i> , <i>sports</i> e a dinâmica do lazer	109
1.5 – <i>Sports</i> e identidade: Memória da imigração portuguesa e a Tuna Luso Caixeiral.	117
1.6. - Ave Grupo do Remo: os <i>sports náuticos</i> e as lembranças do <i>football</i>	123
1.7. - Memória, República e Guerra: A fundação Paysandú Foot Ball Club.	130
1.8. – O cotidiano das “especializadas”, o futebol suburbano e o “Re x Pa”.	138
1.9.– Remo x Paysandú: o processo de popularização do futebol.....	165
“2º TEMPO” – A CARTOGRAFIA DO FUTEBOL PARA ALÉM DO RE X PA: OS CLUBS DE SUBÚRBIO E O ESPAÇO ESPORTIVO.	172
2.1 – O <i>football</i> no espaço da cidade: para além do RE x PA.....	174
2.2 - Os subúrbios: <i>Clubs</i> , <i>sujeitos e espaço na urbe</i>	188
2.3 – Subúrbios em Belém: que espaço é esse?.....	191
2.4 – A pesquisa sobre os clubes esportivos: a cartografia do futebol e do lazer.....	198
2.5– Um subúrbio <i>sportivo</i> ?	227
2.6 - Os <i>Clubs</i> , seus sujeitos e os subúrbios.	274
“PRORROGAÇÃO”–IMPREENSA, POLÍTICA E DIVERSÃO: A DINÂMICA <i>SPORTIVA</i> NOS CLUBS E SEUS CAMPOS DE SUBÚRBIO EM BELÉM.	293
3.1 “Entre o ideal e o real”: os subúrbios futebolísticos belenenses na visão dos literatos-jornalistas.....	295
3.1.1 - Bruno de Menezes e Edgar Proença: Futebol, clubes e crônica esportiva em Belém.....	296
3.1.2 - Intelectuais, Subúrbio e o jornais.	303
3.2 – Os <i>clubs</i> suburbanos na política e a política nos <i>clubs</i> suburbanos.	315
3.2. 1 – <i>Clubs</i> e política na transição do século XIX para o século XX:.....	317
3.2.2 – Os clubs e a prática política nos anos de 1930.	326
3.3 – <i>Football</i> e festas: os <i>clubs</i> nos bairros em Belém.	329
3.3.1 - As festas e os clubes.....	332
3.3.2 - O bairro do Jurunas e a pesquisa sobre clubes suburbanos.....	343
3.3.3 - O São Domingos Sport Club: o Jurunas e a cidade.....	351

3.3.4 – O Imperial e o São Domingos	363
3.3.5 - A memória do São Domingos e o bairro do Jurunas	367
3.3.6 - A Sacramenta do “Sacra”: a dinâmica esportiva de um clube suburbano.	378
3.3.7 – A Pedreira e o futebol suburbano	388
FIM DE PAPO! FINAL DA PARTIDA! E COMEÇA O JOGO...	397
REFERÊNCIAS UTILIZADAS	413
REFERÊNCIAS CONSULTADAS:	422
FONTES	425
APÊNDICE	439
ANEXOS	439

“TUDO PRONTO PARA O ESPETÁCULO, APITA O JUIZ! ROLA A PELOTA NA CAPITAL DO FUTEBOL DA AMAZÔNIA”¹

Este texto é a versão final da tese de Doutorado que se iniciou com o projeto de pesquisa intitulado “Entretenimento, jogos e festas: lazer e sociabilidade nos festivais esportivos em Belém do Pará (1920-1940)”. Na atual versão, ocorreram mudanças no recorte histórico pesquisado.

As modificações foram necessárias, pois, a existência de pesquisa nos clubes, bairros e documentos por parte do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, ao longo de quatro anos, permitiu o levantamento de novas fontes. Dessa forma, nosso recorte foi ampliado até os primeiros anos de 1950.

Esse recorte histórico destaca o momento em que a capital paraense passava por uma série de mudanças sociais, políticas e culturais. Além disso, no campo futebolístico nacional, consolidava-se no país, entre mediações e embates, o futebol como esporte nacional, dada sua popularização e avanço da cultura de massa².

¹ Esse título é uma montagem de várias frases que faz referência aos jogos de futebol que escutei pela Rádio Clube do Pará, Rádio Liberal e Rádio Marajoara, no final dos anos de 1980 aos anos de 1990. Temos como destaque os narradores Jorge Dias, Ronaldo Porto, Guilherme Guerreiro, Géo Araujo, Giuseppe Tomazo, Cláudio Guimaraes e o comentário de Theodorico Rodrigues, Gerson Nogueira e Carlos Castilho. É uma homenagem que faço a esses cronistas que fizeram parte do meu cotidiano nos dias jogos pelo campeonato paraense, brasileiro e amistosos. Também faço uma homenagem aos narradores Edson Matoso, Carlos Ferreira, Ivo Amaral, Paulo Fernando, Agripino Furtado, locutores esportivos que fizeram parte da minha infância e adolescência, também narravam e comentavam os jogos dos times paraenses na capital e interior do estado.

² A ideia de cultura de massa, dentre outros autores, é analisada pelo historiador Britânico Eric Hobsbawm, que nos seus estudos sobre o século XX enfatiza uma construção histórica e social dessa cultura a partir do ano de 1914. Nesse contexto, os meios de comunicação de massa em escala moderna eram tidos como certo nos países ocidentais (Estados Unidos, França, Inglaterra, por exemplo). Mesmo assim, seu crescimento na “era dos cataclismos foi espetacular”. O autor destaca o avanço do cinema em escala mundial; a imprensa através jornais que vendiam muito entre os anos de 1920-1950 nos Estados Unidos; destaque para o rádio que ainda era um maquinário pequeno e privado e se restringia muito mais a países desenvolvidos. Sua capacidade de falar a vários indivíduos ao mesmo tempo possibilitou a transformação do mesmo num veículo poderoso de informação de massa. Foi durante a segunda Guerra Mundial que o rádio ganhou maior notoriedade com comentário esportivo, as novelas, tipos de seriado. Sua profunda transformação foi estruturar a família segundo um horário rigoroso, governando a esfera do trabalho e ao mesmo tempo do lazer. A música passa através do rádio a abolir suas limitações acústicas, pois, um número ilimitado de ouvintes poderiam ouvir determinada música, inclusive a de minorias. As forças que dominaram as artes populares foram à imprensa, a câmera, o cinema, o disco e o rádio. A revolução nas comunicações levou seus produtos muito além dos ambientes originais. A prática do futebol também se tornou um modelo de cultura de massa global a partir da Copa do Mundo de 1930. HOBBSAWM, Eric. Era dos extremos: o breve século XX. (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 193-197.

Dessa forma, o texto passou a ter o título de “*Football* suburbano e festivais esportivos: lazer e sociabilidade nos clubes de subúrbio em Belém do Pará (1920-1952).”³ Essa mudança no título não significou uma ruptura com as práticas de outros *sports*, pois, ainda ficou ligada ao cotidiano dos festivais esportivos⁴. Assim, pensei em estudar as outras formas de lazer que ocorriam nesses famosos festivais, e não mais somente as práticas futebolísticas, que independente da origem dos Clubes suburbanos ou clubes elitizados⁵ mereciam ser estudadas.

No entanto, no decorrer da pesquisa, percebi que os festivais esportivos tinham como ponto mais forte as práticas futebolísticas e todas as atividades dos clubes estavam norteadas por elas, por isso, fazia sentido estudar os jogos de futebol, já que, estavam ligados a outras práticas que ocorriam nos Clubes, no contexto da primeira metade do século XX.

³ A utilização da palavra *football* no título se deve ao fato que no estudo das fontes dos clubes paraenses percebemos que muitas vezes a ideia de *sport* como prática de higiene também existia nos clubes ditos suburbanos pela imprensa esportiva. Dessa forma, apesar de geralmente se usar o termo em inglês para diferenciar os clubes aristocráticos dos populares, resolvi utilizar o termo como forma de relativizar essa explicação, pois, a popularização do *football* ocorreu de maneira concomitante à prática desse esporte pelas elites locais. Os grupos populares também ressignificavam a prática do esporte na cidade, que somente com o passar dos anos vai “abrasileirar” o termo para futebol.

⁴ Os festivais esportivos eram atividades ligadas à prática dos *sports*, lazer e sociabilidade que ocorriam na capital paraense. Nesses eventos, geralmente, havia a participação de vários clubes esportivos e seus diversos sujeitos. Inicialmente os festivais ocorriam no âmbito dos setores sociais mais elitizados, em seguida, quase que de maneira concomitante, se propaga pelos setores menos abastados nos bairros populares. Durante os festivais ocorria o baile, o consumo de bebidas, almoço, jantares, comemorações cívicas, “aparecimento de políticos”, disputas entre clubes ou times que representavam um determinado grupo de sujeitos. As disputas poderiam ocorrer em esportes aquáticos ou terrestres. O *football* era a atividade esportiva mais praticada nos festivais segundo as fontes levantadas. Esse cotidiano dos finais de semana e dos feriados na cidade de Belém do Pará pode ser conferido no trabalho sobre o Re x Pa, na capital paraense. GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará. (1905-1950) Dissertação. Belém: PPGHIST/ IFCH/UFPA, 2007.

⁵ Os clubes ditos elitizados estavam ligados ao contexto de modernização do início do século XX na capital paraense. Estes se localizavam nos bairros como Nazaré, Cidade Velha e Campina. Os sujeitos sociais que frequentavam os clubes possuíam uma origem ligada aos comerciantes, funcionários públicos e políticos. Já os clubes populares se localizavam nos bairros considerados pela imprensa de suburbanos, que possuíam por base a circulação de sujeitos de origem popular e suas práticas diárias nos bairros de concentração humana ligada a falta de estrutura urbana e aos igarapés que cortavam a cidade. Dentre esses bairros, podemos citar o Jurunas, Pedreira e Sacramenta. Tais afirmações se baseiam no levantamento das fontes oriundas na pesquisa no arquivo do clube São Domingos, localizado no bairro do Jurunas (em Apêndice e anexo); O livro Intitulado “Histórico do São Domingos (1915-2000)” de autoria do jornalista esportivo, Policial Militar, sócio do São Domingos, ex – árbitro Theodorico Rodrigues; fontes jornalísticas, revistas e também o livro de Antonio Rocha Penteado, citado no decorrer do trabalho sobre a geografia urbana de Belém nos anos de 1960. Foi pesquisado o “Anuário estatístico do Brasil em 1950” p.p. 458. Nesta documento se destaca uma quantidade de clubes bem elevada e de variados esportes na cidade de Belém no ano de 1948. Também é utilizado o trabalho do historiador paraense Michel Pinho, que construiu uma monografia no Curso de História, na Universidade Federal do Pará, no ano de 1997, sobre as práticas esportivas em Belém do Pará. Neste o autor destacou as atividades dos clubes esportivos que foram fundados por sujeitos detentores de certo prestígio social. O trabalho de Michel Pinho é importante por destacar uma parte da cidade que praticava esporte como símbolo do discurso da Belle époque na capital paraense.

Outro aspecto que foi considerado ao longo da pesquisa foram os festivais esportivos compreendidos entre os anos de 1913 e 1914, pois, passaram a ter entre seus participantes o Clube do Remo e o Paysandú Club, respectivamente. A participação desses clubes nos festivais, o trabalho da imprensa esportiva e a circulação de diversos grupos sociais proporcionou, ao longo dos anos, a construção de um processo de popularização do *football* na cidade e fortalecimento do esporte em torno desses dois clubes esportivos⁶.

Ao levantar fontes jornalísticas, consegui perceber que, apesar de os discursos serem inerentes à prática de quem escreve nos jornais, existia um ponto em comum: a prática de futebol nos variados locais da cidade. Ou seja, a despeito da existência na primeira década do século XX da prática do pedestrianismo, da corrida de cavalos⁷, do torneio de patins, de vôlei, da natação e do remo⁸, dentre outros esportes⁹, o futebol foi bastante praticado em

⁶ Sobre a Fundação do Clube do Remo temos a Obra a “História do Clube do Remo”, do Historiador Ernesto Cruz, citada ao longo desse trabalho, sendo importante fonte de pesquisa por ter a descrição da ata de fundação do Clube do Remo. Sobre a fundação do Paysandú temos várias obras do escritor e cronista esportivo Ferreira da Costa, no qual o mesmo cita fontes de jornais sobre o futebol paraense. Quanto aos dois clubes conhecidos pela sigla Re x Pa, temos o livro do jornalista: LEAL, Expedito. RE-PA: Rivalidade gloriosa. Belém: Meta editorial e propaganda Ltda. 2013. Esta obra ressalta a paixão do torcedor paraense pelo futebol. O ano de 1913 é o período que o Clube do Remo começa a participar do campeonato local a partir da sua reestruturação. O ano de 1914 é o ano da fundação do Paysandú e do primeiro jogo entre os rivais. O Grupo do Remo, como foi chamado inicialmente, não tinha o futebol como prática esportiva, sua principal atividade era os esportes aquáticos, somente em 1913 e que o Clube do Remo entra para o campeonato Oficial. O Paysandú Clube foi fundado como homenagem as batalhas relacionadas a Guerra do Paraguai. Políticos importantes como Hugo Leão, Dionisio Bentes e literatos como Edgar Proença ajudaram a fundar um Clube que pudesse fazer frente ao Remo. O Paysandú teve origem a partir da extinção da agremiação esportiva Norte Clube, que pelas camisas que os jogadores usavam, o Clube era chamado de “Time Negra”, como se fosse o time de futebol das camisas negras. Essa vontade de superar o adversário como o Clube do Remo surgiu possivelmente devido as rivalidades entre os *Sportmen* que praticavam o esporte na cidade, isto é, durante as partidas de futebol. Essas informações podem ser encontradas nos livros do autor paraense Ferreira da Costa, citado ao longo do trabalho, e no caso do Clube do Remo, além de Ferreira da Costa, temos a Obra já citada de Ernesto Cruz. A rivalidade entre o clube do Remo e do Paysandú é descrita por Ernesto Cruz na p. 72 da sua obra através de uma carta que o clube do Remo corta as “relações amigáveis” com o seu rival, no dia 23 de fevereiro de 1915. Sobre o significado da palavra *Sportmen* é um vocábulo de origem inglesa que significava atleta, não especificamente de um esporte, mas no contexto do início do século XX, o atleta que participava de vários esportes ao mesmo tempo. Os primeiros times de futebol do Clube do Remo e Paysandú eram formados por jogadores chamados de *sportmen*. Um outro detalhe importante é que esses atletas eram filhos de membros das elites locais. O jornalista Edgar Proença foi considerado um *Sportman*, Jogador do Brasil Sport e fundador do Paysandú é citado no livro do Professor Aldrin Figueiredo. FIGUEIREDO, Aldrin. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012, p.p. 77-87.. E o literato, jornalista Bruno de Menezes de origem humilde do bairro do Jurunas circulava nos Clubes e também era considerado um *Sportman*. jogador do Guarani do bairro de São Braz.

⁷ Notícia que destaca os páreos no Jockey-Club paraense. *Folha do Norte*, 27/12/1896.

⁸ Sobre a prática de esportes na cidade, Michel Pinho destaca na sua monografia a fonte do Jornal *Folha do Norte* de 06/07/1910, os variados esportes que eram disputados em Belém. Todos estavam inicialmente ligados ao discurso de higiene que estava ligado ao Sport Club Of Pará, o objetivo de seu estudo. Todas essas atividade físicas se confundiam com as atividades de diversão como as festas, saraus dançantes, bailes literários, passeios fluviais. PINHO, Michel. O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde, perde. Não há desonra. O esporte é higiene em Belém na primeira década do século vinte. Trabalho de Conclusão de Curso. Belém: Departamento de História, UFPA, 1997.

Belém por grupos de uma “elite heterogênea”¹⁰. Vale ressaltar, porém, os indícios de que sujeitos de bairros populares como o Jurunas, Reduto, Umarizal, Pedreira participavam - mesmo que indiretamente - dos jogos elitizados jogados no largo de São Braz ou na Praça Batista Campos.

Nessa perspectiva, sob a orientação do Professor Antonio Costa¹¹, percebeu-se a necessidade de estudar o futebol aliado às práticas de lazer¹² de clubes dos bairros suburbanos da cidade juntamente com a circulação das experiências esportivas entre os variados grupos sociais que vivenciavam o cotidiano da urbe belenense.

Segundo Mirleide Bahia, o significado de lazer perpassa sobre um conceito que não pode ser visto apenas pelo viés de padrões de análise de dominação e alienação social. Deve ser visto, também, a partir de outras vivências modificadoras de valores, de atitudes, e

⁹ O termo esporte vem da Europa do século XIV, quando os marinheiros usavam as expressões “fazer esporte”, “desportar-se”, ou “sair do porto” para explicar seus passatempos que envolviam habilidades físicas. Na Alemanha do contexto pós 2ª guerra, passou-se a usar a expressão *Sportunterricht* ou simplesmente *Sport*. Na França, se usava o *Education Physique e sport*. Na Inglaterra e EUA predominava os termos *physical education, sport e recreation*. Na Itália prevaleceu *sport*. Na Espanha emprega-se o termo *Deporte*. No Brasil prevaleceu o termo desporto e esporte. TUBINO, Manoel José Gomes. O que é esporte. São Paulo: Brasiliense, 2006. P. 8-9. O esporte é uma prática moderna, ainda que possamos encontrar fenômenos análogos em outros momentos históricos suas origens se encontram na Inglaterra do século XVIII, e mais claramente nas escolas públicas inglesas do século XIX se espalhando por outros países como França e Estados Unidos. MELO, Victor Andrade. Corpos, Bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de Melo. (orgs). História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais – São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 71. Segundo Cleber Dias o associativismo civil é apontado como elemento histórico importante para a difusão dos esportes no Brasil. A fundação de ligas, clubes e federações pertenciam a uma dinâmica privilegiada nesse processo. No entanto, outros grupos, como os militares, também contribuíram de maneira relevante para a construção dessa dinâmica esportiva que buscava uma melhor preparação física do seu efetivo. DIAS, Cleber. Esportista, militar e cidadão. História(s) do sport. O blog do laboratório sport. Pesquisado no dia 03/08/2015.

¹⁰ O termo elite é usado de maneira genérica para destacar grupos sociais que detinham poder político, econômico e social. O uso termo de elite heterogênea serve para enfatizar a discussão levantada por Cristina Cancela que retrata Belém no início do século XX, nas suas obras citadas ao longo do trabalho, no qual a autora nos informa os grupos que formavam as elites econômicas, políticas e sociais na capital paraense estavam ligados às famílias mais tradicionais que viviam na região desde o período colonial, os grupos formados por profissionais liberais, os comerciantes ligados a imigração estrangeira, os militares que circulavam nos meios sociais. CANCELA, Cristina Donza. A família na economia da borracha. Belém: 1ª edição, Estudos amazônicos, 2012. p.p. 38-44. _____ Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Belém editora açai, 2011. p.p. 23-24. _____ A imigração portuguesa no Pará. Belém-Pa: 1ª edição, editora Estudos amazônicos, 2012. p.p. 14-22.

¹¹ Professor Doutor da Pós- Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia; Graduação em História da UFPA. Importante estudioso e pesquisador sobre lazer e sociabilidade na região de Belém do Pará. Autor de obras sobre o estudo de festas, clubes, esporte, sociabilidade nos bairros, música em Belém do Pará. Algumas de suas obras são citadas ao longo desta pesquisa. Também é o Orientador deste trabalho.

¹² Sobre o lazer temos a obra: PARKER, Stanley. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. Ver também as obras do pesquisador Victor Andrade de Melo citadas no decorrer do trabalho sobre lazer.

do exercício da liberdade, assim como o próprio direito a cidade.¹³

Seguindo esse pensamento da autora, obviamente, que estudar um fragmento das atividades de lazer no espaço dos clubes e dos bairros, na capital paraense, deve-se levar em conta os aspectos de menor investimento do poder público em atividades de lazer para os grupos sociais que vivenciam os lugares considerados pobres, isto é, um espaço com desenvolvimento urbano precário. Este fator nos possibilita analisarmos o imprevisto dos sujeitos para a prática de esportes e levar em consideração como os mesmos construíram suas estratégias de sobrevivência no espaço urbano.

Stanley Parker considera lazer como tempo livre de trabalho e outras obrigações caracterizadas por um sentimento de relativa liberdade, no qual, como em outros aspectos da vida, o lazer é uma experiência individual, um atributo do grupo ou de outra atividade social.¹⁴

(...) um dos problemas básicos em qualquer sub área é definir seus limites, e isto é, se torna especialmente importante com relação a um conceito tão ambíguo quanto lazer, mas a maior parte destas definições inclui _ separada ou integralmente _ as dimensões de tempo e atividade. O lazer é tempo livre de trabalho e de outras obrigações, e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade. Como sucede com outros aspectos da vida da estrutura social, o lazer é uma experiência do indivíduo, um atributo do grupo ou de outra atividade social, e possui organizações e instituições relevantes que procuram atender as necessidades de lazer, reconciliar interesses conflitantes e implementar as políticas sociais.(...)¹⁵

Essa visão de Parker nos leva a pensar o lazer como experiências individuais e coletivas que expressam relativa liberdade dos sujeitos e também explicitam a realidade do local.

Ao explicar sobre a categoria lazer, Antonio Costa destaca que existe uma separação generalizada entre tempo de trabalho e tempo de não trabalho nas sociedades complexas. Para o autor, “o tempo do não trabalho não é exatamente o tempo do ócio, embora

¹³ BAHIA, Mirleide Chaar. O Lazer e as relações socioambientais em Belém – Pará. Tese (Doutorado). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, 2012. p. 12.

¹⁴ PARKER, Stanley. A sociologia do lazer. Op. Cit. p. 10.

¹⁵ Idem.

ele possa ser usado para esse fim.”¹⁶

Nessa linha de análise, durante o século XVIII, os teóricos da economia clássica buscavam construir o tempo do não trabalho como uma orientação voltada para a produção de riquezas e não como momento do ócio. O lazer emerge como um produto típico das sociedades saídas da revolução industrial com suas atividades recreativas, lúdicas e instrutivas que buscavam trabalhar a formação “moral” do trabalhador.¹⁷

Ao relacionarmos o passado e o presente do lazer na cidade é possível perceber na nossa sociedade a rua e a casa como parte desta construção histórica. Estas passam a ser “equipamentos” de lazer para os sujeitos moradores do bairro. É notório que esses “equipamentos” não são distribuídos de maneira igualitária. Pois, cinema, teatro, praças, quadras de esportes encontra-se distribuídos de maneira que contribuem para segmentação e a exclusão de parcela da população urbana. Uma lógica da “periferização” das cidades que impede a democratização dos “equipamentos” de lazer. Refletir sobre lazer então significa refletir sobre vários aspectos da vida social e inclusive sobre o seu significado no início do século XX.¹⁸

O lazer é um campo acadêmico inserido em uma longa tradição de pesquisas apesar da carência de maior reconhecimento por parte das Instituições universitárias. No entanto, o mais importante este estudo é que se saiba que o lazer é um campo de tensões entre as classes sociais. Um fenômeno social e motivo de intervenção de políticas públicas, mesmo que de maneira secundária, pois, essa intervenção está relacionada a prática de uma sociedade que se estabelece a partir de um mercado de consumo, que foi construído ao longo da história dos sujeitos.¹⁹

A ideia da tese perpassa pelo estudo do futebol que se popularizou não somente a partir dos jogos entre Remo e Paysandú, pois se compreende, nesse trabalho, que desde os anos de 1920, o discurso da imprensa, bem como outros fatores, contribuiu para a propagação de valores de clubes da elite que frequentavam festivais suburbanos. Nesse sentido, é interesse desse trabalho compreender o futebol desde os festivais dos clubes elitizados até os festivais dos clubes de bairros e compreender suas intersecções e experiências.

¹⁶ COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Lazer e sociabilidade: usos e sentidos. Belém: Açaí, 2009. p. 14-15.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem. P.p. 29-32.

¹⁹ MELO, Victor Andrade de Melo. ALVES JUNIOR, Edmundo de Drumond. Introdução ao lazer. Barueri-SP: Manole, 2003, p. 22.

Houve uma construção da prática do futebol no subúrbio belenense, ao longo dos anos, que estava voltada para bairros antigos de cunho “popular”, como o Jurunas que tinha por peculiaridade ser voltado para um cotidiano ribeirinho²⁰, bairros operários, como o Reduto, e seus clubes ligados a imigrantes, por exemplo²¹. Neste bairro, tivemos o aparecimento de Clubes como Itália Sport Club e Boa Fama, ambos ligados ao grupo de imigrantes italianos e suas fábricas com seu cotidiano operário. E no Jurunas, dentre outros clubes importantes, tivemos o aparecimento do clube São Domingos em 1915²².

A prática diária de futebol nos bairros possibilitou uma construção de uma ideia de lazer e sociabilidade que buscava um padrão civilizatório²³ no discurso. Porém, isso, na prática estabelecia uma nova forma de olhar para o futebol e os outros esportes que ocorriam nos bairros e clubes populares da cidade, uma vez que, na primeira metade do século XX, a

²⁰ No caso do bairro do Jurunas, Carmem Izabel Rodrigues destaca na sua obra intitulada: *Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades no espaço urbano*, Belém: Editora do NAEA, 2008. p. 15-16, que grande parte do sujeitos que constituíam o bairro do Jurunas, um dos mais antigos de Belém, era formada por migrantes de origem ribeirinha. Tais sujeitos seriam pessoas oriundas das ilhas localizadas no arquipélago do Marajó, assim, como pequenas cidades localizadas ao longo do rio Guamá, Tocantins, Acará, Pará, Moju, e do baixo e médio Amazonas. O bairro do Jurunas e marcado por diversos portos com grande circulação de pessoas que misturam práticas e saberes ribeirinhos com novas práticas construídas no mundo urbano. Esses sujeitos ressignificam rede de parentesco compadrio e conterraneidade na cidade e não cortam seus laços de construção cultural com seus lugares de origem.

²¹ No caso do bairro do Reduto, Rosana Sousa destaca no seu trabalho acadêmico intitulado “Reduto de São José: História e Memória de um bairro operário”, que o local sempre foi considerado historicamente como de “gente pobre”, isto é, bastante frequentado pelos setores populares e pelos operários que trabalhavam nas fábricas desse espaço de Belém. SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. *Reduto de São José: História e Memória de um bairro operário*. Dissertação, Belém: PPHIST/UFPA, 2009, p.13.

²² O clube Itália do Bairro do Reduto é citado no Estatuto dos clubes CMA/UFPA CX 03, DOC. 35. Ano 1926. E na obra: EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008. p. 235. O Clube Boa Fama aparece nas fontes: *A semana* 05/11/1938; Festival suburbano em homenagem ao prefeito Abelardo Condurú. *O Liberal* 24/ 11/ 51 cita vários bairros e salões de festas na cidade. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000)*. Livro Não Publicado, encontrado no arquivo do Clube São Domingos: Jurunas, Belém-Pa, 2000. Além da fundação do São Domingos, famoso clube do bairro do Jurunas, cita também na página p. 32 a agremiação de operários da extinta fabrica Boa fama. Também citado na obra: EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade*. Op. Cit. p.p. 181. Todas as fontes sobre os clubes estão contabilizadas no quadro de cada Clube por bairro em Apêndice e anexo.

²³ O discurso civilizatório foi analisado na obra clássica de Norbert Elias “O processo civilizador”. Esta obra nos ajuda a compreender que a construção do conceito de civilização está relacionado ao mundo ocidental. Para o referido autor seria a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Um conceito difícil de descrever por ter diferenças entre as nações ocidentais. Porém, nesse trabalho é possível conhecer a construção histórica de longa duração do desenvolvimento dos “costumes civilizados”. O entendimento desse conceito de civilização nos leva a perceber que na visão de Norbert Elias não existe atitude natural do homem e sim um desenvolvimento dos modos de conduta no âmbito social. O autor afirma que para entendermos o discurso civilizatório é preciso observar o sentido da história. Este sentido pode ser discutido a partir do pormenor, da minúcia e do considerado irrelevante, detalhes que nos levam a perceber uma lição de cultura e seus custos. Uma discussão sobre civilização e progresso que não é a mesma através dos séculos de construção histórica dos grupos humanos no ocidente. ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Vol. I, uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1994.

capital paraense possuía muitos campos de futebol e muitos clubes foram surgindo, no decorrer dos anos, nos setores sociais menos abastados²⁴.

É relevante informar ao leitor que a partir do levantamento das fontes foi necessário estudar algumas das categorias importantes que aparecem nas discussões levantadas ao longo do trabalho, como a construção histórico-social da categoria “subúrbio” na cidade de Belém do Pará, no recorte histórico pesquisado.

Segundo Nelson Fernandes, em análise do caso carioca, o subúrbio é uma categoria sociológica que está ligada a questão espacial da cidade e ao “rpto” do sentido original que a palavra possuía em outros momentos históricos da cidade do Rio de Janeiro. Essa afirmação se relaciona a um processo de construção da modernização capitalista que chega ao Brasil e se alicerça conforme a visão ideológica dos espaços centrais da cidade que passaram a ser disputados pelas elites e outros espaços ocupados pelos setores populares da cidade do Rio de Janeiro. Estas características mostram um senso comum sobre o morador destas áreas afastadas do centro urbano, o que o autor chama de “conceito carioca de subúrbio”²⁵.

Essa ideia de “rpto ideológico” segue o pensamento de Lefebvre que ao criticar a falta de despolitização e a espessura histórica da geografia e da sociologia levanta um significado da palavra subúrbio, como uma mudança brusca e drástica do significado de categorias e conceitos. Neste momento, seus atributos originais são expurgados do seu conteúdo e substituídos por significados novos, que no caso do Rio de Janeiro, estava baseada numa nova ordem de reformulação do padrão colonial de cidade e implantação de uma ordem espacial-social profundamente marcada pela discriminação e exclusão²⁶.

De maneira análoga, temos a ideia de José Martins que define subúrbio em São Paulo, inicialmente como zona rural imediatamente próxima da cidade, sendo parte da sua

²⁴ O São Domingos, Oratório Festivo do Jurunas e Belém eram clubes que possuíam campos de futebol. **Belém Sport**. Ofício expedido do São Domingos s/n de 21 de agosto de 1935. O Belém foi fundando em 1918 após a 1ª Guerra Mundial pelo “SEU PEDRO CANDUGA”, um morador citado na obra: RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000)*. Livro Não Publicado encontrado no arquivo do Clube São Domingos: Jurunas, Belém-Pa, 2000. p. 4. O campo de futebol do Clube Belém ficava entre a tv Conceição e Rua do Jurunas (hoje Fernando Guilhaon e Roberto Camelier). Clube que também possuía campo de futebol conforme Livro “Histórico do São Domingos” p. 3 e p. 39.

²⁵ A discussão sobre o subúrbio em Belém no período que estamos estudando é importante devido ideia de futebol suburbano que aparece nas notícias dos jornais e revistas. No geral, o local da cidade chamado subúrbio, no caso do Rio de Janeiro, é visto a partir de um discurso ideológico fruto de uma construção histórico-social que “rptou” o sentido Original da palavra. FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *O rpto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

²⁶ O autor usa os conceitos de Lefebvre sobre os conceitos de rpto. Idem.p. 16.

unidade e seu contorno. A categoria morador, nesse contexto, definia esse espaço inicialmente da cidade e seus arredores, a partir do último quarto do século XIX, a cidade de São Paulo se alicerçou em mudanças econômicas e sociais que multiplicaram funções urbanas, deixando a urbe de ser um apêndice do campo. Ao ganhar vida própria, segundo o autor, o isolamento dos potentados rurais em suas fazendas da cidade ganhavam um significado de quebra do poder das oligarquias e, concomitantemente, fortalecimento e disseminação de relações sociais, econômicas, políticas baseadas no discurso de modernidade e civilização²⁷.

Baseado na discussão de Nelson Fernandes sobre o Rio de Janeiro e de José Martins sobre São Paulo, percebi que o discurso sobre as áreas suburbanas estão construídos nas ideias de progresso e civilização, alicerçados na discriminação social e racial. Acredito ser possível pensar da mesma forma a cidade belenense e a experiência dos seus sujeitos no que se refere às relações de sociabilidade e lazer nos diversos clubes esportivos da cidade.

Essa ideia de discriminação racial e social analisada para entender a categoria subúrbio no Rio de Janeiro e São Paulo, pode ser pensada para a capital paraense porque no mesmo período do século XX, a cidade de Belém, por meio do capital oriundo principalmente da economia da borracha, também passava por mudanças estruturais, baseadas no processo de modernização e no discurso de modernidade, que cria as suas próprias contradições.

Nesse sentido, as áreas de moradia dos mais pobres possibilitaram que seus moradores construíssem experiências cotidianas diferenciadas dos locais mais elitizados, próprias dos bairros suburbanos. Locais que com o passar dos anos vão dar origem às “baixadas”, um termo utilizado pelas historiadoras Edilza Fontes e Franciane Lacerda²⁸ para estudar a vida de moradores em alguns bairros de Belém. Nesse sentido, as palavras

²⁷ MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2002. p. 7.

²⁸ Sobre os bairros populares em Belém povoados por migrantes nordestinos, mestiços, negros e brancos pobres o trabalho de Franciane Lacerda nos proporciona uma ideia desses espaços, que eram diferentes dos locais onde as transformações, a modernização do espaço urbano pautadas no discurso de modernidade ocorriam. LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência. (1889-1916) Belém: Açai, PPHIST-UFGA/CMA(UFGA), 2010. Nesse trabalho de Edilza Fontes é possível perceber parte da história de vida da autora como professora e militante dos movimentos sociais na capital paraense, no contexto de redemocratização do Brasil a partir dos anos de 1980, no qual ela destaca o termo “baixada”. FONTES, Edilza Joana de Oliveira. O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954) Belém: Paka- tatu, 2002. p. 209. Em ambos os trabalhos temos destaque para o termo “baixada” como sinônimo de áreas ocupadas por sujeitos dos setores populares. E relevante ressaltar que o termo baixada não aparece nas fontes na primeira metade do século XX.

modernidade, modernização e modernismo²⁹ são categorias que irão aparecer ao longo desse texto, pois esses termos estão entrelaçados na pesquisa ora apresentada.

Nessa linha de análise, o conceito de modernidade perpassa por um projeto intelectual, artístico, político das vanguardas europeias³⁰ que se fortaleceu a partir da segunda metade do século XIX, alicerçado ao capitalismo monopolista e sua modernização. Foi um processo de expansão capitalista que cultivou a utopia da civilização e do progresso europeu pelas áreas do globo. Na verdade, esse sentimento de “ser moderno” perpassava pelo padrão do desenvolvimento europeu que nas suas áreas de expansão coloniais alimentava nos diversos sujeitos a ilusão da *Belle Époque*.

Segundo Eric Hobsbawm, em sua obra intitulada a “Era dos Extremos”, o modelo de civilização ocidental é oriundo do século XIX. Tal modelo estava pautado na noção de civilização capitalista na economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica; exultante com o avanço da ciência, do conhecimento, da educação, do progresso material e moral; profundamente convencida da centralidade da Europa³¹. Assim, a imagem de euforia de grupos de sujeitos em locais da Europa, como Londres e Paris se pautava no discurso civilizatório europeu, que cultivava um avanço tecnológico e do conhecimento científico a partir do discurso de modernidade que vai adentrar o século XX.

Essa visão utópica europeia vai dar base no campo cultural para os movimentos modernistas que se iniciaram no século XIX, na sua segunda metade, e anos depois já no século XX, principalmente, no entre guerras, qualquer que fosse a linhagem modernista, o movimento tornou-se o emblema dos que queriam provar que eram cultos e atualizados. Por

²⁹ Sobre essa diferença entre modernização e modernidade temos a obra de Nicolau Sevcenko “Orfeu extático na metrópole” citado ao longo do trabalho. SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura, nos frementes anos de 1920. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Para Stuart Hall a modernidade é uma forma altamente reflexiva de vida e não somente a convivência com a mudança rápida, as sociedades são modernas por estarem em mudanças, rápidas, constantes e permanentes. HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p.p. 14-15. A modernização com o significado de transformação a partir de obras que constroem base para um maior fluxo da sociedade capitalista do contexto da transição do século XIX para o século XX, temos a obra de HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma- a ferrovia madeira-mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das letras 2005. Sobre o modernismo, um termo mais usada para destacar o movimento artístico dos anos de 1920 e 1930, destaque para a obra de FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura do Pará nos anos 20. Belém: IAP, 2012. p.p. 16-17. Eric Hobsbawm afirma que tudo em 1914 que se podia chamar pelo amplo e indefinido termo de “modernismo” já estava a postos: movimentos artísticos como o cubismo, expressionismo, abstracionismo puro na pintura, o rompimento com a tradição da literatura, dentre outros. HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das letras, 1995. p.p. 178-179.

³⁰ HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos. O breve século XX (1914-1991). Op. Cit. p.p. 178-179.

³¹ Idem. p. 16.

exemplo, o jazz americano que despertou aprovação universal entre a Vanguarda, por ser um símbolo da modernidade³².

Nas colônias ou nos países dependentes do capitalismo europeu, para o sujeito “sentir-se moderno”, na transição do século XIX para o XX, significava que ele deveria estar atrelado aos símbolos desse sistema econômico. Este avançava de maneira desigual nas variadas áreas do planeta. Assim, a modernidade vai está ligada ao local e suas especificidades que se utilizavam desse discurso baseado num processo de modernização urbana, por exemplo, que não servia a todos os setores sociais, como relata Maria de Nazaré Sarges, numa de suas obras que ressalta uma discussão sobre essa ideia de modernidade em Belém.³³

Maria Odila leite da Silva Dias, ao prefaciар a obra de Nicolau Sevcenko sobre a cultura e a sociedade de São Paulo em plena transformação nos anos de 1920, destaca a crítica que o autor faz a história linear e a concepção de modernidade ligada a uma categoria social que explicaria toda uma construção histórica. Na visão da autora, a crítica de Sevcenko busca entender a noção de modernidade a partir da multiplicidade dos sujeitos, no qual o humano universal cede lugar ao sujeito humano plural com suas diferentes percepções e assuntos específicos³⁴.

Na verdade, a crítica à noção de modernidade e à vida urbana são os temas centrais do seu trabalho. A abordagem da referida autora serve para mostrarmos que a noção de modernidade em Belém ou em São Paulo devem ser relativizadas e entendidas a partir do local, pois, os diversos sujeitos sentem as transformações urbanas, que fazem parte do discurso utópico do “ser moderno”.

Nicolau Sevcenko destaca uma grande euforia sentida pelos diversos sujeitos que circulavam na cidade São Paulo de 1919. As mudanças que a cidade passava eram sentidas por cronistas e os operários da fábrica do Bráz, por exemplo³⁵. No entanto, o espaço da cidade que os sujeitos estavam durante “a euforia” e as mudanças que chegavam à urbe davam sentido às suas percepções que não eram homogêneas. É nessa linha de análise que o autor crítica a noção de modernidade e desenvolvimento da urbe paulista como uma construção

³² Ibidem. p.p. 178-183.

³³ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Epoque (1870-1912). Belém: Paka-tatu 2000. p.p. 95-97.

³⁴ DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Prefácio: Hermenêutica e narrativa. In: SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Op. cit. p.p. 16-17.

³⁵ Idem. P.p. 24-25.

histórica linear, pois, os diversos sujeitos que conviviam em São Paulo, no início do século XX, tinham visões fragmentadas sobre a cidade e sobre qual papel cabia a cada sujeito no teatro social paulistano, tais visões eram baseadas em experiências cotidianas, provenientes dos espaços de trabalho.

Nesse sentido, o sentimento sobre as transformações urbanas que ocorriam no processo de modernização na cidade de São Paulo, causavam espanto, encantamento, porém, a sensação dos sujeitos de sentir-se alicerçado ao modelo burguês-europeu de civilização estava mais voltado aos grupos que compunham as elites da capital paulista.

Nos seus argumentos, Nicolau Sevcenko enfatiza as “várias cidades” no espaço da cidade de São Paulo ao descrever a visão de cronistas sobre a urbe paulistana, que nos anos de 1920 já era cosmopolita. Na visão de um dos cronistas da época, a cidade paulistana aparece a partir das experiências cotidianas que criam laços de identidade na multidão, os novos hábitos esportivos, clubes e “diversões” que excitavam o espírito das pessoas que circulavam, faziam parte do olhar deste. Enquanto outro cronista via a cidade a partir da percepção fragmentada dos diferentes sujeitos e experiências de locais da cidade que a concepção de modernidade estava propositalmente “esquecida” ou não era considerada por determinados grupos abastados³⁶.

Em ambos os casos, o autor consegue perceber o nítido recorte de discriminação social que se baseava no passado escravocrata. Mesmo numa cidade que não podia se dizer propriamente de negros ou de brancos. Uma urbe “brotou nova” no olhar dos seus diversos moradores, nas diversas experiências dos sujeitos nas multidões. Os tratos sociais ainda se baseavam no estranhamento ao processo de metropolização, originados na atitude brutal das autoridades que não enxergavam determinados grupos sociais e pautavam suas ações em relações hierárquicas históricas.

Nesse sentido, as ideias de modernidade, modernização e modernismo estão entrelaçadas e são pensadas de maneira relativas no trabalho. Já que se tornou necessário enfatizar que a busca por um padrão burguês europeu de modelo de vida existiu na cidade de Belém, mas, por razões óbvias, nem todos os sujeitos tinham a partir de suas experiências como “vivenciar” uma ilusão civilizatória europeia. Esse processo de modernização que ocorreu na cidade de Belém, nesse contexto, existiu de maneira peculiar, porém, não atingiu os mais pobres que povoavam as áreas consideradas suburbanas da cidade.

³⁶ Ibidem. p.p. 28-36.

Assim, os clubes esportivos foram mapeados com a intenção de mostrar como o lazer dos variados sujeitos praticados na cidade estava conectado a um padrão europeu e também como a construção cotidiana local de seus sujeitos nos seus bairros ressignificava esse mesmo “padrão”.

A modernidade descrita por Nicolau Sevcenko como o sentimento dos sujeitos que vivenciavam algum ponto do processo eufórico de modernização capitalista na Europa ou em áreas “periféricas” como São Paulo, é vista de maneira análoga em Belém do Pará, conforme Geraldo Coelho enfatiza no seu texto “A lira de Apolo”³⁷.

Neste trabalho, o referido autor busca analisar as posições políticas de Antonio Lemos e Augusto Montenegro, no período de 1897 a 1912, com relação às artes. A base dessa proximidade entre política e arte esta alicerçada na idealização burguesa, no final dos oitocentos que seguia o padrão do discurso de modernidade³⁸. Um discurso que não incluía os grupos mais pobres da capital paraense.

Portanto, o estudo do autor ressalta a relação de uma elite política baseada na economia gomífera que estreitava laços com artistas e intelectuais na busca de uma construção simbólica da cidade através da arte, isto é, um discurso da arte como signo da civilização³⁹.

Essa ideia de Geraldo Coelho explica o período do final do século XIX e início do século XX, no qual, destaca-se o discurso de modernidade pautado numa modernização da cidade, que não estava voltada a todos os grupos sociais, o chamado padrão da *Belle Époque*. É importante ressaltar que durante o recorte histórico pesquisado, esses valores construídos pelos sujeitos conviveram e apareceram no âmbito esportivo, já que as práticas esportivas inicialmente possuíam todo um simbolismo civilizatório europeu.

Em termos metodológicos, a nossa pesquisa foi baseada numa abordagem qualitativa de fontes de jornais, revistas, ofícios de clubes e outros, ao longo de alguns anos de pesquisa sobre a prática esportiva, em Belém do Pará e os sujeitos com ela imbricados. A

³⁷ COELHO, Geraldo Mártires. A lira de apolo: o mecenato em Antonio Lemos e Augusto Montenegro.(1897-1912). Belém –PA: Editora Estudos Amazônicos, 1ª edição, 2014. p.p. 10-11.

³⁸ Idem. p.p. 10

³⁹ Ibidem.

maioria dos jornais, livros e revistas pesquisados foram encontradas no CENTUR⁴⁰, no setor de microfilmagem, biblioteca e obras raras⁴¹.

Outras revistas foram descobertas ao longo da pesquisa, como a “*Gol*” dos anos de 1970, na Biblioteca do Instituto de Ensino e Segurança do Pará⁴². Tais revistas contêm reportagens históricas sobre os clubes como: Sacramento, São Domingos e Imperial⁴³, dentre outros, inclusive com fotos dos campos de futebol, da sede dos clubes e de sujeitos que circulavam nas agremiações esportivas. Uma curiosidade é que a descoberta dessas fontes foi meio que por acaso, pois, as mesmas já estavam no setor que as levaria para incineração.

Também foram consultados os processos crimes, ofícios entre clubes esportivos, bilhetes entre clubes, atas de reuniões, fotografias, livros e algumas entrevistas com sujeitos que construíram o cotidiano de lazer cidade durante o levantamento de fontes históricas nas sedes das agremiações esportivas.

Os processos crimes foram encontrados juntamente com o Estatuto dos Clubes esportivos da cidade, no Centro de Memória da Amazônia (CMA/UFGA). Um Centro de referência na pesquisa histórica e social, catalogação, armazenamento de fontes de vários períodos da região amazônica, pertencente à Universidade Federal do Pará. As fontes encontradas foram importantes para a construção deste trabalho no sentido de poder comparar com as notícias que estavam sendo relatadas nos jornais da época, até então principal fonte histórica do trabalho.

No caso dos processos crimes que foram encontrados nos CMA/UFGA, a análise de alguns casos nos proporcionou um conhecimento sobre parte da cidade a partir dos

⁴⁰ Biblioteca Pública Artur Viana localizada na avenida Gentil Bittencourt, composta por um acervo de Jornais e revistas. Local de referência em relação à pesquisa histórica na cidade de Belém.

⁴¹ Esta pesquisa sobre a prática futebolística na cidade de Belém está completando 15 anos. Ela se iniciou com o projeto de pesquisa na disciplina Metodologia da História II no ano de 2000 na graduação em História, ministrada pela professora Franciane Lacerda. Desde o início da pesquisa o CENTUR com seu setor de Obras raras, microfilmagem e a biblioteca foi um dos principais locais de pesquisa ao longo desses anos, onde encontrei fontes jornalísticas, revistas e livros raros. Os jornais e revistas utilizados na pesquisa foram: *Folha Vespertina* (1941), *A folha do norte* (1914, 1915; 1930- 1950), *O Estado do Pará* (1911; 1914;1938 – 1950, *O Liberal* (1951-1952; 1993), *Revista A Semana*(1919-1929), *a Província do Pará* (1920; 1964; 1992), *Revista Guajarina* (1930-1932). *O livro histórias do meu subúrbio* (1941). *Dados do IBGE/1951*.

⁴² Centro acadêmico e referência na formação de agentes de segurança pública militares e civis no Estado do Pará e na região amazônica. Conhecido pela sigla IESP. Um complexo criado no ano de 1999, que agrupa as academias da Polícia Militar, Polícia Civil, Corpo de Bombeiros, Sistema Prisional. Possui formação Superior e Pós-Graduação nas Academias Militares reconhecido pelo Conselho Estadual de Educação e por último, no ano de 2014, obteve autorização para diplomar os respectivos títulos acadêmicos, antes cancelados pela Universidade do Estado do Pará/UEPA. Localizado a margem da BR 316, no município de Marituba.

⁴³ Clubes esportivos que ainda existem nos bairros da Sacramento, Jurunas respectivamente, sobre o histórico dos bairros e dos clubes iremos explicar melhor mais a adiante. Que foram visitados no período de 2013 a 2014. Que estão na relação de Clubes em anexo.

moradores e seus problemas no âmbito judiciário e policial, no qual, muitas vezes aparecia a descrição dos locais de moradia ou características do sujeito que estava sendo processado.

O Estatuto dos clubes descreve as normas de cada clube pertinentes à entrada de sócios, endereços das sedes sociais e os sujeitos que estavam participando das reuniões para construção do estatuto dos respectivos clubes.

Algumas obras de natureza memorialística foram utilizadas como fontes para a construção dessa narrativa histórica, como a História do Clube do Remo do ano de 1969, do Historiador Ernesto Cruz. Os livros do Cronista esportivo Ferreira da Costa intitulados: A Enciclopédia do futebol paraense; Leão Azul centenário; Remo x Paysandú: O clássico mais disputado do futebol mundial; Memorial Cruzmaltino; Papão: 90 anos de paixão e glórias; Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol; Gigantes do Futebol Paraense, Remo x Paysandú: uma guerra centenária.⁴⁴

Esses dois autores merecem destaque por escreverem e transcreverem fontes de jornais, revistas, documentos que destacam os mais de cem anos de práticas esportivas na cidade de Belém do Pará. Obviamente que as suas visões perpassam por uma ideia de memória esportiva ou futebolística da cidade relacionada aos feitos de cada clube destacado nos trabalhos.

Outros trabalhos memorialísticos também são utilizadas, como O livro “Antonte, ontem e hoje”⁴⁵ do morador e sócio do clube São Domingos do bairro do Jurunas, Inácio Mamede, conhecido popularmente como “Janjão”. Este autor é esposo de Dona Maria de Belém Mamede, sobrinha de Bruno de Menezes⁴⁶, sócia atuante do clube São Domingos. A obra de “Janjão” foi publicada no mês de novembro de 2014, um pouco antes do falecimento do autor. A preocupação deste era escrever sobre os grandes feitos do São Domingos, os clubes, as festas, os velhos carnavais, os “causos” de assombração que se ouvia quando

⁴⁴ As obras de João Batista Ferreira da Costa possuem um caráter memorialístico como descrição dos resultados dos jogos dos clubes de futebol. Dentre duas obras podemos citar: DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense, Belém: vol. I.1999; e DA COSTA, Ferreira. Leão Azul centenário. Belém-Pa: 2006; _____ Remo x Paysandú: O clássico mais disputado do futebol mundial. Belém: 2009; _____ Memorial Cruzmaltino. Belém: 2012; _____ Papão: 90 anos de paixão e glórias. Belém: 2004; _____ Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol, Belém: 2012; _____ Gigantes do Futebol Paraense, biografias de jogadores de destaque em 100 anos de História. Belém: Haley S.A. gráfica e editora, vol I, 2014; _____ Remo x Paysandú: uma guerra centenária. Belém: 2015.

⁴⁵ MAMEDE, Inácio (Janjão). Antonte, ontem, e hoje. Belém: Editora WS gráfica. 2014.

⁴⁶ O literato-jornalista e atleta Bruno de Menezes com parentes que na atualidade circulam no Clube São Domingos, no bairro onde nasceu, terá sua vida melhor explicada mais adiante.

criança. Uma visão do autor a partir das suas experiências ao longo da sua história de vida no bairro do Jurunas e no Clube São Domingos.

Outro trabalho utilizado é o livro sobre as memórias de 90 anos do bairro da Sacramenta intitulado: “Sacramenta, 90 anos de história.” Escrito pelo Professor Guilherme Pimenta, nascido no bairro. O autor sentiu a necessidade de qualificar a importância do local de seu nascimento, a partir da construção de um trabalho escrito de cunho histórico que destacasse os aspectos geográficos, culturais, memoriais e sociais desse espaço na capital paraense.⁴⁷ Nesse sentido, para a nossa investigação histórica, a obra do professor Guilherme nos permite visualizar alguns aspectos do bairro e do Clube Sacramenta, este fundado em 1936, considerado importante para entendermos como era o cotidiano do lazer e sociabilidade dos seus moradores.

É utilizada como fonte de pesquisa a obra literária escrita por De Campos Ribeiro intitulado “Gostosa Belém de Outrora”; que destaca o cotidiano de bailes, clubes e subúrbios da capital paraense. O autor que pertence a uma geração de intelectuais ligados ao modernismo paraense como Abguar Bastos, Bruno de Menezes, dentre outros, é considerado importante para a literatura regional, por destacar aspectos da nossa cidade relacionados às nossas construções culturais que retratam o tempo que o autor escreve e a imagem construída sobre o passado da cidade belenense.⁴⁸ Para o nosso trabalho, foi importante ler esta obra devido à construção da imagem do subúrbio que era destacada nos jornais e que de certa forma influenciava na construção da imagem do futebol suburbano na cidade, já que De Campos Ribeiro também atuava como jornalista, assim, como Bruno de Menezes e Edgar Proença⁴⁹.

⁴⁷ PIMENTA, Guilherme. Sacramenta, 90 anos de história. Belém: Cromos, 2013.

⁴⁸ RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. Belém: Secult, 2005.

⁴⁹ Segundo Aldrin Figueiredo o literato e jornalista Bruno de Menezes liderou um grupo de escritores, na década de 1920, chamado de “Vândalos do Apocalipse”. Uma das suas fontes de estudo foram jornais e revistas da época, como as revistas *A semana*(1918) e *a Belem Nova*(1923). Os literatos dessa época passavam pelas avaliações dos jornais. Nesse sentido, os modernistas paraenses entraram a fundo na política, identificando-se com os problemas sociais. Uma visão do cotidiano local e os grupos sociais menos abastados começavam a aparecer nos jornais e revistas. Em 1921 é criada a associação dos novos formada por Ernani Vieira, Abguar bastos, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro, e o diretor da Revista Bruno de Menezes. Existia uma busca de uma identidade nacional enquadrada sob uma ótica do norte. Edgar proença é citado na Obra do Professor Aldrin como sujeito atuante nesse contexto histórico e escrevia nas páginas da Revista *A Semana*, gostava de elogiar a beleza feminina nas ruas de Belém. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Op.cit. p. p.11-39 e 77-85. Possivelmente este contexto destacado pelo professor Aldrin influenciou no aparecimento nos jornais sobre os clubes suburbanos e seus campeonatos. Bruno de Menezes juntamente com os “Vandalos do Apocalipse” era frequentador dos bares da cidade que começavam na Avenida Independência e terminavam nos bares de São Braz, os boêmios de São Braz. No “Café da Paz, no terrasse do Grande Hotel” encontravam-se Rocha Moreira, Edgar Proença, não raro

O romance de Nelio Reis, “subúrbio”, publicado no ano de 1937⁵⁰. Esse trabalho do autor é considerado importante devido o mesmo circular no meio dos literatos paraenses da sua época e destacar nessa obra uma visão do subúrbio, como a Pedreira, numa cidade do norte do Brasil.

A obra de Lidolpho Mesquita (Zé Vicente), intitulada “Histórias do meu subúrbio”, publicada em 1941, destacada como “pedaços do meu subúrbio” é dedicada pelo autor aos amigos dentre eles, Edgar de Campos Proença, considerado pela Imprensa atual como um ícone da prática esportiva paraense.⁵¹

O poema Visão Noturna da Vila da Barca, que está no livro "Lua Sonâmbula", de Bruno de Menezes.⁵² O livro é de 1953 e trata do contexto da criação e do cotidiano dos moradores da Vila da Barca, uma área com falta de estrutura urbana bem próxima ao centro da capital paraense. Essa descrição de parte do cotidiano do bairro nos possibilita entender como os sujeitos que moravam nesse local conseguiam sobreviver na urbe e, assim, termos uma compreensão construção de experiências ligadas a um espaço.

As obras de Dalcídio Jurandir são importantes para esta tese por que retratam o cotidiano da cidade na sua parte central e os subúrbios, além da ligação cultural da urbe com

nas noites de boemia encontrar De Campos Ribeiro, Abelardo Condurú, Abgvar Bastos, Lindolpho Mesquita, por exemplo. Noites em que após a “soirée chic” do Olímpia encontrava-se os membros da gente fina, a chamada elite. RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. Op. Cit. p.p. 129-131.

⁵⁰REIS, Nélio, Subúrbio. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora, 1937.

⁵¹ MESQUITA, Lindolpho (Zé Vicente). Histórias do meu subúrbio: crônicas humorísticas. Belém: Revista da veterinária, 1941. p. 4. Sobre o autor é relevante destacar que vivenciou o movimento modernista no Pará convivendo com Bruno de Menezes, Edgar Proença. Criou o Jornal *Jazz Brando*, que nos fins de 1926, passou a acompanhar os números da Revista *Belém Nova*. Possuía o pseudônimo de Zé Vicente que assinava como Diretor do *Jazz Brando*. Possuía origem modesta, filho de imigrantes cearenses, conhecedor do cotidiano popular nas feiras da cidade. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Op.cit. p. 77-79.

⁵² Bruno de Menezes, anteriormente citado como uma liderança intelectual de um momento importante para entendermos o cotidiano da cidade de Belém do Pará, principalmente, a partir da década de 1920, quando o movimento modernista ganhou força juntamente com as peculiaridades do local, passa a ser um sujeito importante para um descortinar da construção histórico-social do futebol suburbano em Belém. O homem que foi literato, jornalista, nascido no ano de 1893, no bairro do Jurunas, jogador de futebol, filho de pais pobres, dentre outras especificidades, no ano de 1923, era um jovem de trinta anos. Sua formação profissional estava ligado a um passado duro como tipógrafo na Livraria Moderna. Conheceu no seu local de trabalho autores do anarquismo que influenciou no seu cotidiano. Literatura e revolução foram palavras utilizadas pelo referido autor. Foi jogador do Guarany Foot ball Club, do bairro de São Braz, na década de 1910. O literato circulava nas áreas suburbanas e consideradas elitizadas, era considerado um *sportman*, mesmo sem que a sua origem social ligada as famílias mais ricas da cidade, se tomamos por base a referência da chegada do futebol em Belém do Pará. MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Lendo o Pará, 14, Edição Especial, Folclore, Vol. II, Belém: Secretaria estadual de cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993, p. 11. COELHO, Marilne Oliveira. O grupo dos novos(1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA-UNAMAZ, 2005. p.p. 83-84. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Op.cit. p.p. 37-46; 57-65. _____Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia(orgs). Diálogos entre História, literatura e memória. Belém: Paka-tatu, 2007.

interior do Estado. Dentre as obras estudamos a *Ponte do Galo* de 1971; *Chão dos lobos* de 1976; *Os Habitantes de 1976* e *Passagem dos Inocentes de 1963*.⁵³

Utilizamos algumas informações de duas obras escritas sobre áreas fora da capital: uma de Paulo Cordeiro intitulada “O futebol da Vigia. De 1920-1985. Publicada no ano de 2009, e a outra do jornalista chamado de Jorge Granhen intitulada “a verdadeira história de Marituba”. 2002. Em ambos trabalhos buscamos relacionar com as outras fontes levantadas e perceber a relação de alguns sujeitos que estavam participando ativamente das atividades esportivas que envolviam a capital. No caso de Marituba, nesta obra memorialística, é possível saber da Fundação do Clube Marituba e entender que no contexto do início do século XX, o atual município pertencia a Belém do Pará.⁵⁴

A utilização das obras memorialísticas e literárias como fontes históricas neste trabalho seguem uma perspectiva da história social. Um tipo de análise, que segundo Sidney Chalhoub e Leonardo Pereira destacam na obra “História Contada”, significa que o pesquisador deve adotar um pressuposto necessariamente materialista. Nesse caso, a literatura como obra de arte, por exemplo, é tomada aqui como um problema histórico a ser explorado e analisado. Um estudo que se propõe a perceber como se constrói a relação dessas obras com a realidade social.⁵⁵

O historiador Ernesto Cruz⁵⁶ é autor de várias obras sobre a História paraense, e ao escrever a *História do Clube do Remo*, enfatizou um período que ele chegou a vivenciar.

⁵³ O Literato Dalcídio Jurandir, nasceu em Ponta de Pedras, Ilha do Marajó, Estado do Pará no ano de 1909. Foi jornalista e funcionário público estadual. Trabalhou sem remuneração na revista *Fon fon*. Morou no Rio de Janeiro em 1928. Voltou à Belém no mesmo ano. Em 1940, escreveu o romance premiado chamado *Chove nos campos de cachoeira*. COELHO, Marilce Oliveira. O grupo dos novos(1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA-UNAMAZ, 2005. p. 48.

⁵⁴ Paulo Cordeiro é historiador e Membro da Sociedade Literária e Beneficente Cinco de Agosto, fundada em 1871, no município de Vigia de Nazaré-Pa. Já escreveu outros trabalhos sobre a História do carnaval no seu município. O seu livro é importante para analisarmos as fontes sobre o futebol da capital e da cidade de Vigia, que possuía clubes esportivos famosos, nas primeiras décadas do século XX, pois, o autor apresenta indícios desse contato. Seu trabalho apesar da busca pela análise histórica, tem um cunho mais geral e memorialístico. Um dos pontos mais fortes é o levantamento de fontes orais e fotográficas. CORDEIRO, Paulo. O futebol da Vigia, de 1920 a 1985. Vigia-PA: 2009. O jornalista GRANHEN escreveu sobre a história de Marituba com objetivo de preservar a memória do local. Seu livro estabelece um argumento descritivo buscando atingir as pessoas que não conhecem hoje o município da Região Metropolitana de Belém. Para a nossa pesquisa a obra é importante por percebermos o relato da fundação do Clube Marituba, no ano de 1909. GRANHEN, Jorge. A verdadeira história de Marituba. Marituba- PA: 2002.

⁵⁵ CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda.(orgs) A História contada. Capítulos de história social da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p.p. 7-8.

⁵⁶ Historiador paraense que vivenciou grande parte do século XX. Escreveu varias obras de cunho historiográfico como: Noções de História do Pará; A Água de Belém; Ruas de Belém, Monumentos de Belém; Igrejas e Sobrados de São Luís do Maranhão; História do Clube do Remo; O Poder Judiciário do Pará: três períodos Políticos: Colonial, Imperial e Republicano; Obras públicas no Pará, vol. I e II. História de Belém. Foi Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará nos períodos de 1963/66; 1966/69; 1969/1972; 1972/75;

Não foram apenas a escrita de uma história do clube de futebol, a partir de fontes de jornais, revistas ou documentos do referido clube, mas, também prevaleceram suas lembranças dos jogos de futebol que o mesmo assistia quando criança, no largo de São Braz, no início do século XX. Dessa forma, seu método de escrita histórica se baseava na transcrição de documentos ditos oficiais ou jornalísticos com ênfase na sua memória sobre a prática esportiva na cidade.

O estudo dessa memória sobre a prática de esporte na cidade é peculiar e importante para entendermos o contexto que escreveu o historiador Ernesto Cruz. Nas páginas do seu livro aparecem notícias de jornais, revistas e atas de reuniões do Clube do Remo, que servem para observarmos o contexto dos jogos e atividades esportivas do referido clube, na cidade de Belém, durante a primeira metade do século XX. Um estudo da memória esportiva a partir do olhar de Ernesto Cruz sobre as fontes selecionadas com objetivo de contar a história do Clube de cores azul-marinho.

Dessa forma, o livro sobre a história do Clube do Remo de Ernesto Cruz, passa a ser relevante para construção de um trabalho de história social do futebol local. As fontes utilizadas pelo autor foram comparadas com as fontes levantadas ao longo da pesquisa proporcionando uma maior sustentação à presunção de verdade que esse trabalho possui ao abordar um contexto do lazer nos clubes suburbanos da cidade.

O autor João Batista Ferreira da Costa é um jornalista, pesquisador, estudioso do esporte local e considerado por colegas de jornalismo esportivo como “profundo conhecedor” do futebol paraense e “cientista do nosso futebol”⁵⁷. Seus trabalhos buscaram mostrar a memória do futebol paraense através da descrição de títulos dos clubes, rivalidades, jogadores que vestiram as camisas de determinados clubes esportivos na cidade.

As principais fontes trabalhadas por Ferreira da Costa foram os jornais, revistas que estão no Centur, como a revista *A Semana*, Jornais *O Estado do Pará*, *Folha do Norte*, *A Província do Pará*, dentre outros. Também usou as fotografias de álbuns familiares de

Membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico e Geográfico dos estados do Mato Grosso, Bahia; Membro do Instituto de Cultura Hispânica (Espanha/Madrid); Grupo Bolivariano de Cuba; Academia Paraense de Letras; Academia Paulista de Letras; Conselho Estadual de Cultura (Pará); Historiador da Cidade de Belém e Diretor da Biblioteca e Arquivos Públicos do Pará. CRUZ, Ernesto. O Poder Judiciário do Pará: três períodos Políticos: Colonial, Imperial e Republicano. (28 de agosto de 1758 a 20 de dezembro de 1911) Belém: Edição do Governo do Estado do Pará, I volume, 1974. Historiador que circulava no meio literário, jornalístico e intelectual. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Op.cit. p. 38.

⁵⁷ Como já foi ressaltado o referido autor tem importância para nossa pesquisa por permitir que possamos investigar as fontes que são tratadas no seu trabalho. NETTO, Pio. Prefácio. In: DA COSTA, Ferreira. Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol. Belém: 2012. P. 10.

jogadores. Outra fonte utilizada por Ferreira da Costa foi o livro do professor Ernesto Cruz *História do Clube do Remo*, 1969. Além das fontes citadas, o autor usou entrevistas com jornalistas, cronistas esportivos, dirigentes de clubes, jogadores que contaram sobre os principais fatos esportivos da cidade.

A forma de escrita de Ferreira da Costa está voltada para informar o leitor sobre os “fatos” daquele momento, dos jogos de futebol e eventos esportivos em geral. Não se busca nas suas obras uma análise do contexto histórico e a relação dos eventos esportivos com as questões políticas, sociais, culturais da época. No entanto, muitos dos fatos descritos nos possibilitam ter pistas de como as atividades esportivas estavam sendo “filhas do seu tempo”, isto é, não estavam desconectadas do que ocorria no âmbito local e global.

Assim, devido Ferreira da Costa levantar uma série de fontes interessantes sobre os clubes paraenses, seus trabalhos passam a ser relevantes na construção desta tese, no sentido de compararmos com outras fontes, que nos ajudam a construir a discussão sobre os clubes suburbanos na cidade.

A análise dessas fontes nos leva a compreender a partir do ponto de vista de seus autores, “o mundo considerado suburbano” e seus festivais esportivos no recorte histórico da primeira metade do século XX. Essa visão da prática futebolística nos clubes nos mostra indícios do processo de construção cultural do desenvolvimento do lazer e sociabilidade que são parte da história da cidade de Belém do Pará, no período evidenciado.

Essa construção de ideias ligadas ao cotidiano dos clubes elitizados e os clubes de subúrbio, aliado às questões políticas, e aos discursos da imprensa esportiva, provocou uma construção não linear da prática esportiva e futebolística na cidade.

Essas atividades tiveram por base construções culturais típicas dos grupos mais pobres e o discurso dos clubes elitizados. Esse contato entre os grupos sociais, ao mesmo tempo, que se tornou uma disputa sobre a prática esportiva, foi fator preponderante para o futebol se popularizar como atividade na cidade belenense.

A busca por indícios de uma história do futebol suburbano, em Belém, pode ser explicada a partir do pensamento de Victor Melo. Este afirma que independente das discussões conceituais, nos últimos anos, a história do esporte aparece como um novo campo profissional de investigação histórica. Esse novo campo de pesquisa alia uma série de pesquisadores que utilizam o método histórico para tentar entender determinados contextos,

marcados por produção regional ou local, relacionados a clubes, cidades, estados, personalidades, fatos ou temas específicos⁵⁸.

Esse novo campo de pesquisa enfatizado por Victor Melo assinala uma preocupação na utilização de métodos, como o comparativo, para a construção dos vários estudos científicos sobre a prática esportiva no Brasil. Esse estreitamento entre as discussões acadêmicas e o esporte, como objeto de estudo, nos possibilita a oportunidade de tentar entender outras realidades, como a cidade do Rio de Janeiro, considerada um local de bastante atividade esportiva desde o início do século XX, e que por ter esse ambiente, é possível perceber a relação do movimento histórico Macro e o Micro nas comparações com outras realidades.

Nesse sentido, utilizando-se das novas possibilidades de pesquisa sobre o esporte, inclusive com o método de história comparada, tem-se a história da prática esportiva como importante para entendermos determinadas realidades, como o cotidiano de Belém do Pará, suas práticas de lazer, trabalho e sociabilidade nos festivais esportivos e seus respectivos clubes na primeira metade do século XX. Busca-se entender, neste contexto, como funcionava o futebol suburbano na cidade, que nos conduz a indícios de uma possível realidade do lazer numa capital amazônica, a partir do olhar das práticas suburbanas.

Na verdade, é uma visão sobre a cidade que não se limita ao seu centro urbano, pois, focamos nos variados sujeitos que circulavam em diferentes áreas, bairros e ruas que tinham outra dinâmica espacial. Os bairros ditos “elegantes”⁵⁹ pela imprensa esportiva passam a ser apenas uma parte desses locais, sendo fator importante para estudarmos as formas de lazer das pessoas que praticavam o futebol em determinados clubes nos bairros considerados suburbanos. Essa relação entre clubes de bairros elegantes⁶⁰ e clubes de bairros suburbanos a partir da prática futebolística é que nos interessa, pois, nos possibilita entender como ocorria a

⁵⁸ MELO, Victor Andrade de(org). Apresentação. In: *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007. p.p. 14-15.

⁵⁹ Segundo Antonio Rocha Penteado, a cidade Belém do Pará possuía áreas consideradas elegantes no início do século XX. Boulevard da República, avenida 15 de agosto, avenida Independência, avenida Nazaré sombreada por mangueiras, ladeadas por colégios e Clubes que juntamente com a Avenida São Jerônimo formam o setor aristocrático da cidade. PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. p. 156-157. Os bairros que nos anos de 1920 tinham alguns bares frequentados na Avenida Independência e Avenida 15 de agosto, que geralmente encontravam-se Rocha Moreira, Edgar Proença, o próprio De Campos Ribeiro, Abelardo Condurú, Abguar Bastos, Lindolpho Mesquita, por exemplo, eram considerados pelo autor como elegantes ou da “chamada elite”. RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. Op. Cit. p.p. 129-131.

⁶⁰ Idem.

relação entre os diferentes sujeitos das diversas classes sociais no âmbito do lazer voltado à prática esportiva.

Sob esta ótica, a pesquisa sobre a atividade futebolística em Belém está baseada na discussão das experiências dos sujeitos e sua cultura de classe a partir dos clubes esportivos. Esta ideia está ligada ao pensamento do historiador E.P.Thompson, na sua obra de três Volumes que destaca a formação da classe operária inglesa.⁶¹ Essas ideias marxistas de Thompson estão presentes na busca da relação individual e coletiva dos grupos de trabalhadores na Inglaterra durante a conflituosa e heterogênea formação da classe operária.

Segundo os historiadores Claudio Batalha, Fernando Teixeira da Silva e Alexandre Fortes, as ideias de Thompson nos permitem perceber o processo de formação de uma cultura de classe, a partir de um olhar voltado para a construção de vida dos diferentes sujeitos sociais, como operários, camponeses e outros diversos trabalhadores, e as suas raízes mais profundas, no qual, a cultura plebeia subverteu a benevolência paternalista da Inglaterra do século XVIII.⁶²

Dessa forma, é possível a partir dessa ideia de uma cultura operária, por exemplo, se buscar entender as construções dos grupos sociais que frequentavam clubes suburbanos e participavam dos festivais esportivos.

O início dessa investigação histórica sobre os clubes de futebol está intimamente relacionado às questões levantadas na minha dissertação de Mestrado Intitulada “Diversão, rivalidade e política: O Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950)”. Neste trabalho, busquei entender as disputas entre o Clube do Remo e o Paysandú como características de uma identidade cultural dos variados sujeitos que se relacionavam às práticas futebolísticas na cidade de Belém do Pará. Rivalidade que mostrou uma passagem nada homogênea ou tranquila do *football* para o futebol⁶³.

⁶¹ Esta obra de Thompson mostra como a formação da classe operária inglesa estava pautada nas diferentes experiências diárias dos diversos trabalhadores na Inglaterra. Nesse sentido, o volume três da obra destaca o movimento Ludista a partir de uma construção histórica dessas experiências dos trabalhadores do campo, como os oriundos da cidade, isto é, um movimento que ocorreu por uma série de fatores e formado por diferentes trabalhadores. THOMPSON, E.P. A formação da classe operária inglesa vol. III A força dos trabalhadores - Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987. Os outros volumes são: “Vol I A árvore da liberdade e Vol.II, A maldição de Adão”1987. Outras obras do autor que podemos trabalhar com a ideia de experiências, práticas, o “fazer-se do sujeito” são: _____ Folclore, Antropologia e história social. In: *as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p.p.260-263. _____ Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998. _____ Senhores e caçadores: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: paz e terra, 1987.

⁶² BATALHA, Claudio H. M. (et al). Org. Culturas de classe. Campinas, SP: editora Unicamp, 2004. p. p. 11-12.

⁶³ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará(1905-1950). (Dissertação) Belém: PPHIST/UFPA, 2007.

No início do século XX prevaleceu um discurso da imprensa esportiva na cidade, que valorizava a ideia de clubes considerados “elegantes”, ligados à ideia de “civilização-progresso”. Porém, ao mesmo tempo, estas agremiações estavam relacionadas aos festivais esportivos que aconteciam na urbe. No ambiente desses festivais, os clubes dos variados setores sociais se encontravam juntamente com os valores dos “*Sportmen*” e do jogador de futebol da população mais pobre. Esse contato, ao longo dos anos, facilitou a construção de discussões em torno do profissionalismo do jogador de futebol e também a popularização do “clássico Remo e Paysandú.” A participação desses clubes nos festivais esportivos causava um impacto tanto no cenário dos jogos, como pela participação da imprensa, que noticiava nos jornais e revistas sobre os dois clubes durante os festivais esportivos ou pelo campeonato oficial na urbe.

A construção desta tese passou por um processo de “descoberta de novas fontes”, durante a pesquisa de campo, que são utilizadas nesse trabalho. Essa “garimpagem” de materiais sobre os clubes, na cidade belenense, explicita ao leitor um maior entendimento das dificuldades encontradas para catalogação de resquícios históricos dos sujeitos que vivenciaram o lazer nos clubes de bairros populares, principalmente.

O levantamento de fontes provenientes dos clubes esportivos nos levou a um cruzamento de informações e dados que possibilitou o mapeamento da cidade de Belém do Pará e seus respectivos bairros, a partir das práticas esportivas dos clubes.

Quando comecei a avaliar e comparar as fontes documentais encontradas no São Domingos Esporte Clube e Beneficente⁶⁴ com as fontes jornalísticas e documentais (estatutos dos clubes, processos crimes) que tinha levantado durante a pesquisa, percebi a riqueza de informações que estava em minhas mãos.

Essas informações possibilitaram a continuação e a qualidade da investigação histórica sobre o lazer dos variados grupos da cidade a partir das práticas futebolísticas. Dessa forma, através do cruzamento de fontes conseguimos os endereços dos clubes, localização dos campos de futebol, os clubes que tinham contato com outros bairros, os diferentes sujeitos que participavam dos jogos de futebol, atletas do passado ainda vivos, descendentes de literatos, como o *sportman-literato* Bruno de Menezes⁶⁵, por exemplo. E essas mesmas questões

⁶⁴ Clube do bairro do jurunas que vai ser melhor explicado no decorrer do trabalho.

⁶⁵FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura do Pará nos anos 20. Op. Cit. _____Arte, literatura e revolução: Bruno de Meneses, anarquista, 1913-1923.op. cit. COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Op. Cit.

começaram a “ferver” minha mente, no sentido do pensá-las para os clubes e o cotidiano esportivo nos seus respectivos bairros no período supracitado.

Durante esses quatro anos de trabalho, houve uma busca incessante no sentido de mapear a cidade a partir dos clubes de futebol. Uma das estratégias de pesquisa foi a atividade de visitas à sedes e campos de clubes futebolísticos que ainda existem na cidade, nas áreas consideradas pelos cronistas esportivos do início do século XX como suburbanas.

Essas visitas ocorreram nos dias que as pessoas circulavam para os momentos de lazer ligados às práticas esportivas, como torneios de futebol nos finais de semana, por exemplo. Assim, de certa forma, vivenciei uma parte do cotidiano esportivo de alguns clubes, como o São Domingos, o Sacramento, o Imperial, o Alegria, o Uberabinha, o Marituba, o São Joaquim e a tradicional Tuna Luso Brasileira⁶⁶. Essa experiência de visualizar esses locais nos mostra parte da construção dessa pesquisa e as dificuldades enfrentadas para se encontrar documentos de clubes de bairros ligados aos setores populares da cidade.

Gostaria de enfatizar ao leitor que essa pesquisa passa um pouco pela minha história de vida, uso inclusive como referência Tony Costa, na sua tese sobre música de subúrbio em Belém. Neste trabalho, o autor afirma que a sua narrativa histórica tem muito a ver com suas experiências nos bairros populares da capital paraense, um historiador que sempre vivenciou as construções culturais populares por onde passou⁶⁷.

É assim que me sinto, pois, apesar de não ser um jogador de futebol considerado “bom de bola”, sempre participei de jogos, torneios e festivais esportivos, e percebia o envolvimento das pessoas da rua que morava, tanto mulheres, como homens, crianças, adolescentes. Todos acabavam participando e disputando partidas nos times feminino, masculino ou eram torcedores que participavam daquele momento de lazer popular.

Comecei a perceber esse gosto das comunidades menos abastadas pelos esportes, no final dos anos de 1980 até os dias atuais, com maior ênfase no futebol, nos vários locais que morei ao longo da minha história de vida.

Em cada local, mesmo com suas peculiaridades, existiam semelhanças, principalmente, por que nessas áreas era possível perceber, mesmo quando era criança e mais jovem, que os espaços periféricos do bairro tinham um cotidiano do lazer próprio. A ida aos

⁶⁶ Clubes esportivos de Belém e região Metropolitana que vão ser apresentados mais adiante no trabalho e estão descritos na relação de clubes catalogados com os endereços no anexo do trabalho.

⁶⁷ COSTA, Tony Leão da. “Música do subúrbio”: Cultura Popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Rio de Janeiro: Tese (doutorado). Rio de Janeiro: HISTÓRIA/ICHF/UFF, 2013. p. 22.

igarapés dentro de cidades, como Marituba e seu “igarapé do tubo”(que desapareceu), nos anos de 1980 e 1990, por exemplo, era uma prática bastante popular de lazer dessa cidade. Os jogos de futebol entre adolescentes, na escola Guilherme Mártires, no bairro da Divinéia, em Santa Izabel do Pará. Os jogos de futebol na colônia do Cuxiú e no bairro da Kanebo, no município paraense de Tomé-Açu.

As “cervejadas”, as variadas músicas que tocavam nos festivais futebolísticos, os troféus, que nesses locais do interior eram animais, como porcos, bois, galinhas, uma garrafa de cachaça “Velho Barreiro” ou uma grade de cerveja para os campeões e melhores jogadores.

Também influenciou nessa escrita minha paixão particular pelo Paysandú Sport Club, que me fez acompanhar o time em vários jogos nas arquibancadas do Estádio Olímpico Edgar Proença “o Mangueirão”⁶⁸ e dos tradicionais Estádios do Baenão⁶⁹ e Curuzú⁷⁰. E mais a frente como objeto de pesquisa me fez ampliar a paixão pelo Clube do Remo e sua “fanática torcida”, na perspectiva *Re x Pa*. Todo esse meu cotidiano do futebol e da prática esportiva no Pará, influenciou na pesquisa desse tema até aqui desenvolvida. Falar dela, é como se também estivesse falando de minha pessoa, confesso ao leitor.

⁶⁸ Segundo Sinei Monteiro, o Estádio Olímpico Edgar Proença, “o Mangueirão” foi criado no contexto da ditadura civil-militar no Brasil. O nome popular foi escolhido devido a quantidade de mangueiras que caracterizavam Belém como a “cidade das mangueiras”. A partir do projeto do “Mangueirão” as disputas políticas em torno da obra se tornaram grandes entre os grupos políticos mesmo em 1969, quando essas questões estavam muito controladas pelos militares que controlavam o poder político brasileiro. O povo, segundo a autora, apesar de ser usado nos discursos políticos não participou das decisões. No campo nacional “o Mangueirão” surge num contexto que os estádios financiados pelo governo Federal deveriam expressar uma ideia de grandiosidade, assim, como a prática política e econômica dos militares que estavam no poder político. Foi inaugurado no dia 20 de janeiro de 1978, denominado estádio estadual “Alacid Nunes”, no jogo pelo campeonato brasileiro de futebol entre Clube do Remo e Operário do Mato Grosso. MONTEIRO, Sinei Soares. Futebol, ditadura e trabalho: uma análise das relações políticas e sociais no campo desportivo paraense (1964-1978). Dissertação de Mestrado. Belém: PPHIST/UFPA, 2009.

⁶⁹ Estádio Evandro Almeida, o popular Baenão, conhecido dessa forma por ficar localizado na Avenida Tito Franco, atualmente Almirante Barroso, esquina com a travessa Antonio Baena. Segundo Ernesto Cruz, a fundação do referido estádio ocorreu na manhã de uma quarta-feira, 15 de agosto de 1917. Data que o Clube do Remo comemorava o sexto aniversário de sua reorganização. Inclusive, o Tenente Benjamim Sodré participou do evento de inauguração que teve salva de tiros e foram içadas a bandeira nacional e a azulina. O jogo que inaugurou o estádio foi entre o time da Reserva Naval e um selecionado da Liga Paraense de futebol. O árbitro do jogo foi o Sr Hugo Leão do time do Paysandú. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969. P. 118.

⁷⁰ Estádio Leônidas Sodré de Castro, o popular Estádio da Curuzú. Esse nome popular se explica devido o mesmo ficar localizado entre as travessas do Chaco e Curuzú na antiga Avenida Tito Franco, atualmente Almirante Barroso. Ruas construídas no período do Intendente Antonio Lemos que destacou os feitos “heroicos” da Guerra do Paraguai nas ruas do bairro do Marco da Légua, no início do século XX. Segundo Ernesto Cruz, o estádio foi construído em parceria da Liga Paraense de Futebol com a Empresa Ferreira e Comandita, que entregou o campo inaugurado no dia 14 de Junho de 1914 com o jogo entre o Clube do Remo e o Paysandú Sport Club. O estádio inicialmente não pertencia ao Paysandú. Nesse local foram realizados os campeonatos entre os Clubes da capital que ocorriam na praça Floriano Peixoto em São Bráz. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969. p. 65.

Dessa forma, tive contato com diversos sujeitos que podiam me dar uma ideia do cotidiano dos clubes na sua relação passado-presente. Por isso, faço uma descrição sucinta de alguns dos clubes que visitei, as minhas impressões, como foi o contato com as pessoas que frequentavam esses locais, o que mostra um pouco de como cheguei a algumas fontes e a importância de visualizar o presente dessas agremiações esportivas que ainda sobrevivem no seu respectivo bairro.

Um dos primeiros clubes que visitei foi o Sacramento Sport Club, fundado em 1936, localizado na Avenida Senador Lemos com a Dr Freitas⁷¹. Em seguida visitei: o Uberabinha Sport Club⁷², fundado em 1921, localizado no bairro do Telégrafo, na Rua Coronel Luís Bentes próximo a Senador Lemos; a sede da Tuna Luso Brasileira⁷³, no bairro do Souza; a sede do Imperial⁷⁴, localizada na rua Fernando Guilhon; o próprio São Domingos⁷⁵, localizado na Roberto Camelier, ambos do bairro do Jurunas; a casa do presidente do Aliança Esporte Clube Recreativo e Beneficente⁷⁶, já que apesar da sede existir, localizada na Cesário Alvim, ela estava bastante sucateada e os documentos que tive acesso são guardados na casa, localizada numa passagem, a margem da rua Cesário Alvim, no bairro da Cidade Velha. Visitei também: o São Joaquim Esporte Clube⁷⁷, localizado no bairro da

⁷¹ Visita realizada no dia 05 e 08 de setembro de 2013 no campo do Sacramento Sport Club, clube fundado no bairro que tem mesmo nome no ano de 1936. Nessa visita foram tiradas algumas fotos do campo, da festa e das pessoas que circulavam no local no dia do festival esportivo que teria entrega de troféus ao campeão do festival e aos melhores jogadores como goleiro e artilheiro do torneio. É possível visualizar indícios da construção histórica do Clube Sacramento e do bairro da Sacramento na obra memorialística de PIMENTA, Guilherme. Sacramento, 90 anos de história. Op. Cit.

⁷² Visita realizada no dia 15 e 17 de outubro de 2013, na sede do Uberabinha, localizado na rua Cel Luis Bentes, próximo a Senador Lemos, bairro do Telégrafo sem Fio. Foram feitas entrevistas com os senhores Adir, Léo, Doroca, este último foi ex-jogador e sócio do clube, e os outros são membros do Clube. Nesses dois dias, fiz observações e houve conversas informais com outros sócios, além de fotografias dos troféus, camisas do clube.

⁷³ Apesar de não ser um clube suburbano, por ter sua imagem ligada aos comerciantes portugueses ligados a elite econômica e política local. A Tuna Luso foi visitada para que eu pudesse levantar as fontes de outros clubes que poderiam estar na sua sede ou nos livros publicados sobre a história do clubes. EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira(1850-1950). Belém: NAEA, 2013. p. 54. DA COSTA, Ferreira. Memorial cruzmaltino, Belém: 2012. p.p. 14-15.

⁷⁴ Visita ao clube e entrevista com o senhor Arlindo Leitão Diretor de finanças do clube no dia 13 de setembro de 2014. Ele alegou que o clube foi fundado por pessoas da mesma família. Os fundadores do clube buscavam construir uma relação de sociabilidade a partir do lazer dos operários do curtume Gurjão. Que na sua rivalidade com o São Domingos do Jurunas construíram um discurso de clube de operário e por isso de característica popular enquanto o São Domingos seria mais elitizado.

⁷⁵ Relação de clubes catalogados nos seus respectivos bairros apêndice e anexo ao trabalho. Op. Cit.

⁷⁶ Clube visitado no dia 04 de novembro de 2014.

⁷⁷ Clube visitado nos dias 22 de outubro e 03 de novembro de 2014.

Marambaia; o Marituba Esporte Clube⁷⁸, fundado no ano de 1909, localizado na cidade de Marituba; o Esporte Clube Alegria, fundado no ano de 1940, no bairro da Pedreira.⁷⁹

Essa quantidade de clubes visitados, se comparada com o número de clubes catalogados durante a pesquisa, é pequena, porém, tem uma explicação: muitos dos clubes levantados na primeira metade do século XX desapareceram ao longo dos anos, juntamente com os seus campos de futebol e as sedes que foram perdidas para especulação imobiliária, que ameaça constantemente os clubes que ainda resistem. Impossível então de se fazer pesquisa em todos os locais. No entanto, nos poucos clubes que visitei, tirei fotos e conversei com as pessoas, consegui pensar sobre o cotidiano do lazer dessas agremiações esportivas suburbanas na nossa capital e região metropolitana. Pensei na relação entre passado e presente dos sujeitos que frequentavam os clubes e mantinham seus momentos de lazer ligados aos clubes de bairro.

Essa relação entre passado e presente é discutida por Antonio Mauricio Costa, na sua obra sobre “o circuito bregueiro de Belém do Pará”, no qual, o autor destaca o estudo dos “Bailes da saudade”⁸⁰ apoiando-se teoricamente na ideia de Marc Bloch, em sua “Apologia da História”, de que só se conhece o presente pelo passado e vive-versa. No caso desses bailes, “o reviver o passado” se justifica por se apoiar na diferença em relação ao presente.⁸¹

Essas visitas foram importantes para construção deste trabalho, pois, me fizeram visualizar um presente de práticas esportivas futebolísticas e, ao mesmo tempo, pensar no passado de clubes que estão ligados à história da expansão urbana de Belém.

A visita realizada no bairro Sacramenta, no ano de 2013, me chamou bastante atenção, quando “descobri” o clube chamado Sacramenta Sport Clube. Na verdade, visitei o clube duas vezes, uma num dia de semana e outra num domingo. Ao conversar com os responsáveis, os mesmos me confirmaram que a sede do Sacramenta atualmente é o prédio de uma rede famosa de farmácia, localizada na Avenida Senador Lemos, que restava apenas do clube o campo de futebol. Os documentos do período da sua criação no ano de 1936 não existiam mais. Depois do clube ter participado do futebol profissional, algumas vezes,

⁷⁸ Clube visitado em Marituba num dia de um torneio no dia 20 de outubro de 2013.

⁷⁹ Clube visitado no dia 14 de outubro de 2013.

⁸⁰ Segundo Antonio Mauricio Costa, os bailes da saudade são uma variação festiva voltada ao público predominantemente adulto do circuito de festas de brega de Belém do Pará. Têm repertório musical especializado em boleros, sambas-canção, merengues, temas de seresta, tocadas por aparelhagem ou acompanhadas por cantores conhecidos nos bailes. COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2ª edição, 2009. P. 221.

⁸¹ Idem.

existiam apenas os projetos sociais ligados a uma escolinha de futebol e a prática do “futebol pelada”⁸² durante os finais de semana num campo de muita areia e nenhuma grama.

Quando cheguei ao campo do Sacramento, o clima no local estava “escaldante”, de acordo com aquele horário de meio-dia, no qual, pessoas se abanavam, tomavam cerveja e refrigerante, pois, estava muito quente, situação bem característica da nossa capital. Naquele momento essas pessoas estavam participando de um festival esportivo com vários clubes do bairro e de outros bairros da cidade, e no campo de areia ocorria uma partida de futebol pertencente ao festival futebolístico.

No muro do campo de futebol percebi também muitas pinturas de símbolos de clubes como Uberabinha, o Sacramento, e outros clubes mais atuais. Ao redor do campo havia uma quantidade enorme de residências, inclusive edifícios, já que é um terreno que fica próximo da Avenida Doutor Freitas e da Avenida Senador Lemos, bastante especulado pelas empresas de construção de prédios residenciais, segundo os participantes do festival que estavam no espaço coberto ao redor do campo.

No local um “som de aparelhagem”⁸³ fazia uma barulho ensurdecador para os não acostumados com o volume bastante alto do “tecnobrega”⁸⁴, que tocava no ambiente onde muitas pessoas entre mulheres, homens, idosos e crianças dançavam, cantavam, gritavam, corriam, compravam cerveja, churrasquinho “de gato” e viam uma partida de futebol bastante disputada. Essa imagem do local me fez pensar no passado dos festivais, suas continuidades, rupturas que estavam se apresentando aos meus olhos.

A visita ao clube Uberabinha ocorreu no mês de outubro do ano de 2013, logo após a que ocorreu no Sacramento, na qual, conheci dentre outros, os senhores idosos Adir, Doroca, Luís e Léo⁸⁵, que me explicaram um pouco da trajetória do clube, no bairro do

⁸² O futebol pelada é colocado pelas pessoas na atualidade como o futebol praticado sem chuteiras e, principalmente, em campos de bairros populares.

⁸³ Esse termo faz referência às festas de brega típicas da cidade de Belém do Pará ligada as Aparelhagens de som famosas na cidade. No geral, as festa de brega para muitos dos praticantes tem um sentido de continuidade com as festa de bolero e merengue nos anos de 1950 e 1960. A identidade de ambas está ligada a construção cultural dos moradores da periferia da capital paraense. COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2ª edição, 2009.

⁸⁴ Fusão da música brega padrão com elementos eletrônicos do teclado com a mesa de som. O público geralmente está na faixa etária máxima de 30 anos. Idem. p. 221.

⁸⁵ Os senhores Adir, Doroca e Léo aceitaram cooperar com a pesquisa, porém, de maneira informal. O que sabemos é que esses senhores têm na faixa de setenta e quatro anos, e moram no bairro do Telégrafo desde que nasceram. O Senhor Adir toma conta do prédio da Sede do Uberabinha. Já o Senhor Léo é advogado. Doroca foi zagueiro do time nos anos de 1960. O Senhor Luís era Militar aposentado da Força Aérea Brasileira. Todos até a data da visita só frequentavam aos jogos de dominó e cartas que ocorriam no clube. O clube, segundo os entrevistados, era visto como “clube de idosos” e muitos pela idade costumavam brincar com morte de sócios

Telégrafo. Fiquei impressionado com estrutura da sede do referido clube, com suas cores rubro-negras, conservadas para um clube com pouco ganho financeiro, que sobrevive da venda de cervejas no bar e da doação dos sócios em idade avançada.

Não vi nenhum jovem entre aqueles senhores de cabelos grisalhos que visitavam o espaço do clube, que lembrava um bar normal, com mesa de bilhar, jogadores de dominó e venda de cervejas durante os finais de semana.

Segundo os entrevistados, o jogo de dominó entre os sócios é um dos principais passatempos entre os anciãos, que reclamavam bastante de não possuírem apoio dos filhos, netos para montarem um time de futebol. Na verdade, esses jovens só frequentavam o local em dias de jogos de futebol do Clube do Remo e do Paysandú televisionados por canal fechado.

No discurso dos quatro senhores, sócios do clube Uberabinha, existia uma rivalidade entre o “Clube rubro-negro” e os outros clubes pertencentes a bairros suburbanos da cidade. Clubes ligados aos Bairros da Matinha, Sacramento, Cremação e Pedreira, principalmente.

Toda essa rivalidade com outros clubes suburbanos mostra parte da trajetória do Clube Uberabinha e indícios de como os setores populares construíam as atividades de lazer ligadas a um clube de futebol oriundo da expansão urbana para o bairro do Telégrafo, conforme afirmou o senhor Léo em um momento que conversávamos sobre o Uberabinha e o lazer do bairro.

O Imperial Esporte Clube é uma Agremiação esportiva que foi fundada no ano de 1935, no bairro do Jurunas. Visitei-a paralelamente a pesquisa documental que estava realizando na sede do seu rival, São Domingos. Um dos motivos dessa visita foi à proximidade espacial e a rivalidade de ambos os clubes, que me chamaram bastante atenção.⁸⁶ Impressionou-me como essa rivalidade do São Domingos com o Imperial estava aguçada e ligada, na atualidade aos bailes da saudade e festas de aparelhagem⁸⁷, que os referidos Clubes ainda fazem, geralmente nos finais de semana.

Segundo o senhor Arlindo Leitão, Diretor de finanças do clube Imperial, este possuía uma identidade cultural operária, pois, à época da fundação, seus sócios eram na sua

quando assumiam a presidência do clube e apontavam para um quadro dizendo da foto do amigo, que ao assumir a presidência do clube morreu logo. Por isso, alguns sócios não queriam assumir a função. Eles contavam o fato de maneira engraçada mesmo se tratando da morte dos sócios do clube Uberabinha.

⁸⁶ Clube esportivo do bairro do Jurunas. Conferir anexo 1, clubes por bairros, bairro do Jurunas. Imperial.

⁸⁷ COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Op. Cit. p. 221.

maioria funcionários do Curtume Gurjão. O objetivo da fundação do Imperial estava alicerçado a rivalidade com o clube alvi-rubro (São Domingos) da Rua Roberto Camelier. Não consegui encontrar documentos que pudessem apresentar parte do cotidiano do referido clube. No entanto, o senhor Arlindo descreve que as festas eram comuns na sede do clube, inclusive com a participação dos funcionários do citado Curtume, que pertenceu aos seus tios.⁸⁸

No dia 04 de novembro de 2014, visitei o que restou da sede do Aliança Esporte Clube Recreativo e Beneficente, localizado na Travessa Cesário Alvim, bairro da cidade Velha em Belém. Esta visita ao Aliança ocorreu depois de muita insistência da professora Nezilda Campos⁸⁹, que por ser moradora do bairro da Cidade Velha, me informou que poderia ter documentações importantes na sede desse clube que promoveu muitas festas no bairro.

Quando cheguei a sede social, percebi que a mesma estava abandonada, pichada, fechada e, segundo moradores da área, às vezes aconteciam algumas festas. Foi quando descobri o número do senhor Naldo e tentei manter contato via telefone com ele, que segundo as informações preliminares era o atual presidente do clube.

Esta agremiação esportiva, segundo alguns dos moradores da Travessa Cesário Alvim, foi ligado durante anos à família do senhor Naldo, que estava tentando levantá-la financeiramente e socialmente, depois de muito tempo nas mãos de outras pessoas que não pertenciam a sua família.

Como não consegui ter contato com o Senhor Naldo⁹⁰, atual presidente do clube, os moradores da área me deram o seu endereço e falei com a sua esposa. E depois de muita conversa, me mostrou um bloco de documentos do Clube Aliança, que infelizmente não tive

⁸⁸ Arlindo Nazaretino Leitão, com 75 anos de idade, 60 anos de clube, é diretor de finanças do clube Imperial e o responsável pelo patrimônio do clube. Consegui uma conversa informal com o mesmo sobre o clube. Nesta conversa o mesmo afirmava que o clube iniciou com membros da sua família. Entrevista informal realizada no dia 13 de setembro de 2014.

⁸⁹ Professora Nezilda Jacira Lourinho de Campos, Mestre em História Social Pela UNICAMP, Docente da Faculdade de Ciências Sociais/UFPA. Moradora do bairro do Jurunas e professora de Metodologia da Pesquisa Científica da Academia de Polícia Militar “Cel Fontoura” no período de 2005 a 2008, contexto que fui seu Aluno no Curso de Formação de Oficiais. Essa professora da área de Ciências Humanas acompanhou a pesquisa que fiz quando estava terminando a Dissertação de Mestrado. Por isso, quando a mesma soube que eu estava construindo uma tese a partir dos clubes de futebol suburbanos, me ajudou bastante quando falou que ainda existia a sede do Clube Aliança do bairro da Cidade Velha. O clube Aliança consta no anexo 1 do trabalho, clubes por bairro, Cidade Velha, Aliança.

⁹⁰ Durante a busca pelo Clube Aliança as pessoas ficavam desconfiadas para nos fornecer informações sobre o clube. Por isso, a esposa do presidente do citado clube, identificado apenas como “Senhor Naldo” aceitou conversar e mostrar alguns documentos, porém, a mesma só informou o prenome do presidente do Aliança Assim, como não forneceu o seu nome. Apenas colaborou me deixando ver os documentos referentes ao *club*. Pesquisa realizada no dia 04 de novembro de 2014.

acesso a sua totalidade. No entanto, tive a oportunidade de tirar algumas fotos de documentos que mostram indícios da importância do referido clube, no sentido do lazer e sociabilidade, no bairro da Cidade Velha.

O contato com esposa do senhor Naldo numa residência humilde, localizada próxima a Sede do Clube Aliança, mostrou-me a quantidade de documentos que ainda existiam desse clube: materiais que mostravam fotos, ofícios, carteiras de sócios, recibos que possivelmente poderiam contar parte do contexto histórico dos sujeitos que frequentavam as atividades esportivas e festivas do clube no início do século XX.

Essas visitas e a conversas com os sócios dos clubes também ocorreram na Tuna Luso Brasileira no ano de 2003 e 2014; Clube São Joaquim, localizado na Marambaia, no ano de 2014; no Marituba Esporte Clube, localizado no bairro de Marituba, no ano de 2013; No Clube Alegria da Pedreira, no ano de 2012. Nesses clubes não tive acesso à documentação, mas, consegui fazer algumas fotografias e conversar de maneira informal com alguns sujeitos que circulavam no momento da visita.

Na Tuna Luso Brasileira⁹¹ não tive acesso à documentação por conta dos procedimentos exigidos pelo responsável do setor de documentação histórica do Clube. No Marituba⁹², as informações que obtive com as pessoas que circulavam no local e participavam de uma partida de futebol é que o clube não possuía mais documentação, possivelmente se ainda existisse algo da época da sua fundação poderia estar no Cartório Bezerra Falcão, localizado no município vizinho de Ananindeua. No caso do Clube Alegria do bairro da Pedreira, no ano de 2013, conversei com pessoas responsáveis pelo clube e não tive acesso a nenhuma documentação, apenas consegui fazer algumas fotografias de uma partida de futebol de salão entre meninos pertencentes à escolinha local e do símbolo do Clube, não foi autorizado nenhum acesso a documentos⁹³.

A visita no Clube São Joaquim, ocorreu de maneira rápida, conversei informalmente com o presidente do Clube que me falou dos projetos e mostrou-me o campo

⁹¹Clube de origem portuguesa. Apêndice e Anexo do trabalho, consta no bairro da Cidade Velha pela sua sede Náutica. Fiz pesquisa de campo no ano de 2003, seu Manoel Oliveira ainda era vivo, porém, não conseguir entrevistá-lo. No ano de 2014, apenas observei sede social e tirei fotografias do livro do senhor Manoel Oliveira sobre a Tuna Luso, publicado em 2003, e também de alguns troféus e quadros de personalidades do referido Clube. Pesquisa realizada no dia 11 de setembro de 2014.

⁹²Acompanhei um jogo de um festival esportivo que participava o clube Marituba. Clube localizado no anexo 1 deste trabalho. Pesquisa de campo realizada no dia 20 de outubro de 2013. Ver também: GRANHEN, Jorge. A verdadeira história de Marituba. Marituba: 2002.

⁹³Visita realizada na sede do clube localizada no bairro da Pedreira, no dia 14 de outubro de 2013. Clube que consta no apêndice e anexo deste trabalho.

de futebol localizado às margens da Avenida Pedro Álvares Cabral, em seguida me levou até a sua sede social, e destacou o clube como famoso pelos “bailes da saudade”.

Essa experiência de pesquisa de campo explicitou a dificuldade do levantamento de fontes históricas sobre grupos populares, suas práticas de lazer e esportivas na cidade belenense. Por outro lado, as visitas aos clubes esportivos, que ainda existem nos respectivos bairros, nos levou a pensar a realidade atual do lazer e dos clubes esportivos nos seus espaços urbanos ou suburbanos a partir do conceito histórico, no qual, o passado pode ser pensado pelo presente e o presente pode ser pensado pelo passado.

A intenção de estudar os clubes esportivos na cidade de Belém do Pará passava também por mapear os locais que cada clube “descoberto” tinha construído a sua sede social. A intenção era saber a localização dos clubes, quantificando as referidas agremiações esportivas por períodos e bairros. Dessa maneira, consegui saber quais os locais em que cada clube surgiu, os períodos em que surgiram mais clubes suburbanos e os chamados clubes dos *Sportmen*.

Esses mapas foram produzidos através de parceria entre a Faculdade de Geografia e Cartografia e o Programa de Pós Graduação em História Social da Amazônia, ambos pertencentes ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

A construção dos referidos mapas ocorreu a partir da catalogação de dados das fontes mencionadas (jornais, revistas, processos crimes, entrevistas, visitas, documentos que circulavam entre os clubes, livros). Ressalto ao leitor que não identifiquei todos os clubes. A impressão que tive é que existiam muito mais clubes do que os catalogados durante o levantamento da pesquisa.

Dessa forma, a construção dos mapas está baseada no cruzamento de fontes que são computadas em tabelas por bairros da cidade de Belém. Nessas tabelas constam as fontes catalogadas, o nome do clube, a data de fundação, endereços e a quantidade de campos de futebol no bairro. Além da comparação com os dados do IBGE sobre a quantidade associações esportivas no Estado do Pará.⁹⁴

Essas tabelas de bairros constam em apêndice e anexo ao trabalho, assim como uma tabela quantitativa a partir do livro de sócios do São Domingos que destaca a quantidade de sócios a partir do gênero, idade, profissões e local de suas residências.

⁹⁴ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Brasil. Ano XI. 1950. Rio de Janeiro: Conselho nacional de Estatística, IBGE, 1951, p.p. 457-458.

A construção dessa tabela a partir do livro de sócio do Clube São Domingos nos possibilita perceber os indícios de contato entre as classes sociais, sujeitos de localidades no interior do Estado do Pará e de outros bairros da cidade da capital paraense.

Neste trabalho, cada capítulo será destacado como um tempo de uma partida de futebol, assim como iniciei a introdução como o momento que “a pelota rola nos gramados da capital do futebol na Amazônia”. Isto é, teremos três capítulos: 1º tempo, 2º tempo e prorrogação. As considerações finais lembrarão um fim de jogo, quando este acaba, mas, ao mesmo tempo os torcedores, jogadores e cronistas esportivos pensam no próximo jogo ou campeonato. Não é um fim de um trabalho, mas, uma reflexão, que pode provocar um início de novas pesquisas sobre o assunto.

O 1º tempo é intitulado Festivais, *Sportmen*, *football Association* e “*Re x Pa*”: as práticas esportivas na cidade “elegante”. Trata de mostrar ao leitor como estava o panorama do futebol e da prática esportiva paraense na primeira metade do século e aborda como foi feita a pesquisa sobre a construção cultural e popularização do *Re x Pa* na cidade de Belém e a relação das novas fontes levantadas durante a pesquisa no Doutorado.

O 2º tempo é intitulado “A cartografia do futebol para além do *Re x Pa*: os *clubs* de subúrbio e o espaço esportivo” está baseado no estudo sobre a prática do futebol suburbano belenense nos anos de 1920 a 1950. Busca-se entender a relação da criação dos clubes esportivos com o conceito de modernidade, espaço urbano, subúrbio e lazer na capital paraense.

Pretende-se neste capítulo mostrar um mapeamento da cidade de Belém do Pará a partir das práticas futebolísticas suburbanas e sua relação com os conceitos de progresso e civilização presentes, principalmente, nos festivais esportivos dos clubes de “elite” da cidade. Nesse sentido, foi necessário levantar indícios de clubes que surgiram nos anos de 1896, por exemplo, e que depois conviviam na cidade com clubes que foram fundados no decorrer dos anos de 1920 até os anos de 1950 em outros bairros da urbe belenense.

A prorrogação é intitulada “Imprensa, política e diversão: a dinâmica *sportiva* nos *clubs* de bairros de Belém”. Iremos abordar três aspectos importantes da dinâmica esportiva na cidade: o primeiro ponto discutiremos a relação entre “o ideal e o real” atribuído aos subúrbios futebolísticos belenenses na visão dos literatos-jornalistas. Enfatizar-se-á o estudo sobre a concepção de “subúrbio idealizado” nas visões dos “cronistas esportivos”. No segundo ponto, observaremos nas mudanças do contexto histórico como o discurso de “o

subúrbio na política e a política no subúrbio” estava inserido no futebol suburbano e a prática política na cidade. E por fim, mostraremos a construção cultural de bairros como Pedreira, Jurunas, Telégrafo, Sacramento em torno da prática esportiva e suas realizações de sociabilidade e lazer. A ideia é discutir os “Bairros, festas e futebol no espaço do subúrbio em Belém do Pará a partir das práticas sociais nos clubes.”

Portanto, a ideia principal da tese é discutir a prática e a popularização do futebol a partir dos clubes de subúrbio na cidade de Belém do Pará, no período de 1920 a 1952. Dessa forma, mapeamos a urbe a partir desses clubes de futebol nos seus variados bairros. A dinâmica da prática esportiva que construiu um processo de popularização do futebol e nos possibilita entender o deslocamento de populações para outros bairros na cidade, uma característica que se alicerçava através da quantidade de clubes de futebol.

A discussão da tese possibilita que possamos entender a prática futebolística não somente a partir do mito de origem da chegada do esporte pelos europeus no Brasil, simplesmente, como um objeto civilizatório repassado aos grupos sociais menos abastados. É possível entender o futebol pela perspectiva dos setores populares em Belém, que também praticavam futebol paralelamente aos jogos de times mais elitizados.

Na verdade, a própria ideia de civilização ligada ao conceito de *Sportman* pode ser discutida, no sentido de se entender o “homem-atleta” a partir de um discurso que também adentra e é ressignificado pelos sujeitos nos clubes suburbanos, durante o cotidiano esportivo de uma cidade na região amazônica, durante a primeira metade do século XX.

Por isso leitor, escolha seu time e entre conosco nas disputas do *football* nos variados bairros da cidade. Você está convidado a ver a “bola rolar” com os times nos campos de subúrbio, conhecer parte do lazer e do processo de popularização do futebol em Belém do Pará.

“1º TEMPO” – FESTIVAIS, SPORTMEN, FOOTBALL ASSOCIATION E “RE X PA”: AS PRÁTICAS SPORTIVAS NA CIDADE “ELEGANTE”



do Clube do Remo, já vitorioso desde 1915.

Neste “1º tempo”, o objetivo principal é apresentar um panorama geral do que foi pesquisado sobre a prática esportiva na cidade Belém do Pará, principalmente futebolística, durante a primeira metade do século XX. Essa perspectiva está relacionada às novas fontes que foram levantadas durante a pesquisa do doutorado juntamente com a análise das fontes, que possibilitaram à construção da dissertação sobre a experiência dos variados setores sociais a partir da rivalidade entre o Clube do Remo e o Paysandú na capital paraense.⁹⁵

Como já foi dito, busco a partir desse panorama geral da cidade de Belém do Pará, voltar o olhar aos festivais esportivos e do *Re x Pa* com possibilidade de levar o leitor a entender como a pesquisa sobre o futebol suburbano surgiu e como podemos entender o lazer popular na urbe belenense sob o ponto de vista das práticas futebolísticas.

Outra situação seria a de familiarizar o leitor com alguns clubes esportivos que aparecem no trabalho dissertativo e que aparecem no decorrer da tese. Porém, na dissertação, por conta do *Re x Pa* nos festivais esportivos ser a base da pesquisa, os clubes de outros bairros pobres ou não, deixaram de ser estudados especificamente e, quando apareciam, foram vistos a partir do “olhar” sobre o Remo e o Paysandú. Esse fato cria um entendimento parcial dos clubes ditos suburbanos, já que a análise das fontes perpassa pelo âmbito geral e acaba não tendo uma maior preocupação específica com os grupos sociais que circulavam nos outros clubes de Belém.

Abordaremos também, neste momento, a discussão sobre a prática futebolística na cidade de Belém, uma cidade importante para a história da Região Amazônica, de forma comparada, a cidade de Manaus, capital amazonense, outra cidade de relevância histórica para região, a partir da construção do cotidiano esportivo de ambas as cidades.

O objetivo de estudar superficialmente a “cidade manauara”, a partir das práticas futebolísticas, é explicável com o sentido de afirmar ao leitor que os “tentáculos” do capitalismo da virada do século XIX para o século XX se espalharam pela região com seus objetivos alinhados à economia vigente no âmbito internacional. Também os sujeitos criavam

⁹⁵ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: o RE X PA nos festivais futebolísticos em Belém do Pará. Op. Cit.

seus modos de lazer e sociabilidade nos clubes pautados nesse padrão europeu e a realidade regional das ditas cidades “elegantes”. Tanto em Belém, como Manaus, as práticas futebolísticas ou esportivas estavam inseridas no âmbito de um processo de avanço capitalista, no qual, o esporte como símbolo do europeu na região passa a ser ressignificado de acordo com cada peculiaridade da cidade⁹⁶.

Na verdade, esta comparação entre as duas capitais amazônicas nos leva a pensar a partir de Belém, que esta não estava isolada do que acontecia no planeta. Em outros locais, como Manaus, ocorria o mesmo processo. No entanto, possivelmente a dinâmica local influenciou na forma com que cada cidade desenvolveu as atividades de lazer e sociabilidade no âmbito esportivo. Já que, só assim é possível pensar na rivalidade centenária entre o Clube do Remo e o Paysandú.

Para entender essa questão global e local, gostaria de abrir um parêntese para destacar a análise de Beatriz Perrone Moisés, ao prefaciар a edição brasileira de Serge Gruzinski, sobre o processo de colonização do século XVI na América espanhola, na obra “a colonização do imaginário”. Segundo a autora a obra citada enfatiza o encontro de culturas entre o colonizador espanhol e as sociedades indígenas no México. Uma visão diferenciada das análises históricas que ora viam pelo ponto de vista do colonizado, ora viam pelo ponto de vista do colonizador. Na verdade, existe uma tentativa por parte do autor em tecer uma rede de explicações seguindo as novas conexões, no qual, nem o relato da destruição, nem o da resistência é favorecido individualmente, mas, os numerosos processos de transformação cultural que caracterizam o mundo colonial mesclado e mestiço.⁹⁷ A história segundo o autor é marcada pela multiplicidade e suas interconexões.⁹⁸

Ao estabelecer uma relação com a ideia de Gruzinski, busco entender essa construção da prática futebolística construída pelos diversos sujeitos no processo de transformação que passava a região amazônica na transição do século XIX para o século XX. Por isso, uma rápida comparação do processo histórico da prática esportiva entre Manaus e

⁹⁶ Serge Gruzinski trabalha com a ideia de história conectada na relação entre local e global. No caso da região amazônica, o referido autor destaca que se sabe menos da região ter sido uma das zonas nos quais diferentes países e distintas sociedades começaram a se encontrar e a se conectar. Esse ponto de vista que é interessante para o nosso trabalho, pois, pode ser usado para entendermos as construções culturais e sociais a partir da chegada do esporte na região. GRUZINSKI, Serge. *A Amazônia e as origens da globalização (Sécs. XVI-XVIII)-da história local à história global*. Belém: Estudos Amazônicos, 2014. p.7.

⁹⁷ _____. *A colonização do imaginário: sociedades indígenas e colonização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.p. 9-15.

⁹⁸ _____. O historiador, o macaco e a centaura: “a história cultural” no novo milênio. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003. p. 323.

Belém do Pará, mesmo com a intenção de construir um estudo sobre esta última, no período enfatizado. E em seguida uma discussão do processo de popularização do futebol produzido na relação entre os grupos elitizados da cidade e os setores considerados populares.

Na realidade da cidade de Belém, o entendimento do lazer futebolístico a partir dos clubes “principais” (Remo e Paysandú) da cidade será destacado concomitantemente aos clubes considerados suburbanos⁹⁹ que aparecem durante a análise das fontes. Dessa forma, o leitor poderá perceber os diferentes sujeitos que circulavam nos finais de semana, feriados durante os festivais futebolísticos e terá uma ideia do ser *Sportman* nesses clubes da cidade nos espaços suburbanos ou “elegantes” da cidade.

Essa concepção construída nos primeiros anos das práticas esportivas sobre os atletas dos clubes deve, inclusive, ser relativizada. A análise dos clubes do subúrbio e clubes “elegantes”¹⁰⁰ como o Clube do Remo, Paysandú, Tuna Luso, *Sport Club of Pará* nos mostrou ao longo dos anos que existiu a construção de um discurso sobre os atletas ligado à perspectiva “civilizatória europeia”, que foi entrando em confronto com o atleta do subúrbio que não tinha o mesmo padrão social dos *Sportmen* na cidade.

Essa experiência de atletas nos clubes suburbanos juntamente com a maior participação popular nos festivais esportivos levou ao debate da profissionalização *versus* o amadorismo que se exacerbou nos anos de 1930 a 1940. Neste contexto, o futebol no Brasil passou a ter uma maior participação dos grupos mais pobres, negros e mestiços que buscavam além do lazer, a sua construção de identidade social e cultural a partir das práticas cotidianas.

Segundo Nicolau Sevcenko, as mudanças em torno do sentido lazer pode ser percebido em São Paulo, no ano de 1919, “o hábito de repousar nos finais de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está.”¹⁰¹ As práticas esportivas já estavam no contexto dessa ideia de lazer da sociedade.

⁹⁹ No Capítulo II teremos mais explicações sobre o tema, inclusive com a cartografia da cidade a partir de dados dos clubes elegantes e clubes suburbanos. No capítulo III serão levantados e estudados especificamente alguns bairros suburbanos pela quantidade de clubes que circulavam pela cidade no início do século XX.

¹⁰⁰ Essa ideia de clubes elegantes é criada pela imprensa esportiva que ao longo do século XX foi destacado nas notas esportivas dos jornais sobre os clubes de bairros considerados elegantes como Nazaré. A ideia de Clube suburbano está focada nesta separação por bairro, os clubes suburbanos não pertenciam, obviamente, aos setores considerados pela imprensa como elitizados. Sobre esse termo elegante temos a notícia sobre a pugna futebolística na cidade ocorrida no ano de 1920, na “temporada pernambucana” que enfatiza a participação nas arquibancadas do Clube do Remo dos sujeitos ligados ao mais “chic” da sociedade. No qual, o título da reportagem era “a nota elegante”. Revista *A semana*, 07/02/1920.

¹⁰¹ SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Op. Cit.p.33-34.

Nesse momento, toda uma série de hábitos são arduamente exercidos, principalmente, nos finais de semana. Os clubes passam a ser o local que se buscava uma nova identidade, ligada à mentalidade “jovem”. Inicialmente o modelo dos clubes era voltado para a construção cultural da imagem das elites, no entanto, nos anos de 1920, em São Paulo, já estavam totalmente difundidos nas áreas de várzea, periferias e nos bairros até como desdobramento natural dos grupos de operários.

No caso dos clubes suburbanos belenenses existia o discurso civilizatório, porém, o sentido de ser um *Sportman* se pautava mais próximo da realidade do seu bairro, que na maioria das vezes, era fruto da experiência de espaços mais próximo dos portos, dos rios e que a falta de pavimentação e inexistência de saneamento eram marcas do cotidiano.

Assim, percebeu-se que a ideia deste sujeito só pertencer à elite é relativa, pois, “o ser *sportman*” passava por um sentimento que é visto também nos considerados clubes suburbanos, nos seus respectivos bairros da cidade, situação que será mais explicada quando for apresentado os sujeitos e a prática do futebol suburbano especificamente nos seus bairros.

É claro que o modelo de atleta descrito nos jornais e revistas está pautado no padrão burguês que se expandiu nas décadas iniciais do século XX e que essas ideias circularam nos variados locais da cidade, fator que possibilitou um ressignificar dos sujeitos sobre o aspecto simbólico de ser atleta no espaço do seu clube.

No entanto, neste primeiro capítulo, o foco será apresentar uma análise panorâmica dos clubes que estavam ligados aos times considerados de origem elitizada, como a Tuna Luso Brasileira, o Clube do Remo e o Paysandú Clube. E levantar algumas contradições das práticas criadas por esses sujeitos nos festivais esportivos. O objetivo é mostrar ao leitor um cotidiano esportivo, a partir das fontes, de alguns *Sportmen* que estavam circulando no âmbito das elites e apontar indícios do contato com os grupos populares durante as práticas esportivas nos clubes da cidade.

1.1- Festivais, *sportmen* e o discurso da “Belle Époque do football”

A capital paraense parecia que estava “borbulhando” de festivais esportivos e futebolísticos, na primeira metade do século XX. Esta é a impressão que se tem quando se

começa a catalogar as fontes da pesquisa sobre os clubes esportivos nos bairros da cidade de Belém do Pará. Estes festivais consistiam em festas, nas quais, os clubes da cidade promoviam eventos que tinham como principal fonte de divertimento dos grupos sociais heterogêneos a prática de diversos esportes (dentre eles o futebol) e os bailes que ocorriam na sede dos clubes.

Abaixo, temos a descrição de um desses eventos que ocorreu em Belém nos anos de 1930, que nos dá uma ideia de como ocorriam os festivais esportivos e sua ligação com festas, bailes na capital paraense no início do século XX:

(...) Festas

Os alumnos da nossa faculdade de medicina e cirurgia commemorando a posse da nova directoria do seu centro acadêmico, promoverão, no dia 16 deste mez, uma festa que se auspicia brilhante e encantadora.

Os aristocráticos salões da Assembleia Paraense, nesse dia, receberão o que mais selecto e elegante existe em nosso set o que irá emprestar, certamente, a solennidade de posse, dos jovens eleitos, e as danças que se seguirão, um cunho de verdadeiro requinte e de alta distincção.

Aproveitando a oportunidade a directoria do Centro acadêmico de Medicina do Pará, festejará, também a entrada dos novos acadêmicos, effectuando o festival dos calouros (...) Paulo Filho.¹⁰²

Nos anos iniciais do século XX, os sujeitos sociais que circulavam na cidade participavam desses eventos, muitas vezes ligados aos clubes oriundos das camadas mais abastadas¹⁰³. Era uma forma que algumas pessoas achavam para se aproximar dos valores de vida capitalista e sob a égide europeia.

O “sentido da modernidade” caracterizava o cotidiano da cidade para alguns sujeitos, no qual, proporcionados pela riqueza acumulada da exploração gomífera e outros setores da economia local, construíram significados para as práticas futebolísticas que representavam uma distinção social ao aproximar diversos sujeitos do discurso de civilização.

Esse discurso sobre a prática esportiva ligado à cultura e padrões europeus possibilitou que vários jogos ocorressem nos diversos campos de futebol da cidade, na época chamado *praça de sports*, como os da praça Batista Campos, localizada no bairro da Batista

¹⁰² Revista *Guajarina*, 01/05/1931.

¹⁰³ Existia uma elite heterogênea formada por comerciantes, militares, imigrantes, políticos, donos de terra, na capital paraense na época com destaque para as famílias tradicionais herdeiras de sesmarias e uma elite nova baseada na economia Gomífera. CANCELA, Cristina Donza. A família na economia da borracha. Belém: 1ª edição, Estudos Amazônicos, 2012. p.p. 38-44.

Campos¹⁰⁴; da Praça Floriano Peixoto, localizada no Largo de São Braz; Campo da empresa Ferreira e Comandita, atualmente chamado de estádio da Curuzú, localizado na avenida Tito Franco (Almirante Barroso), bairro do Marco; no campo do largo do São José, também chamado de penitenciária¹⁰⁵, no bairro do Jurunas ou mesmo na Praça Paes de Carvalho, no Distrito do Pinheiro,.¹⁰⁶

Esses membros das elites locais, por fazerem suas partidas em áreas consideradas pelos cronistas como suburbanas e abertas, tinham uma aproximação maior com os setores populares. Esse fator nos mostra indícios de como ocorreu o processo de popularização do futebol na cidade.

Esse processo de prática futebolística e posterior popularização que ocorreu em Belém é comparável ao que ocorreu em outros locais do Brasil. Como é possível perceber na narrativa de Fátima Antunes ao escrever a obra sobre futebol e identidade Nacional a partir de Mario Filho, Jose Lins do Rêgo e Nelson Rodrigues¹⁰⁷.

A autora enfatiza na sua obra que o futebol integrou um “movimento modernizador”, cultivado pelas elites, que atingiu as cidades, principalmente as grandes, que estavam sendo alvo dos projetos de reformulação urbanística com fins higienistas e civilizadores. O futebol era encarado pelas elites como mais uma atividade esportiva cujo objetivo era de preservar a saúde do corpo de seus atletas. No entanto, o futebol, que como outros esportes, era praticado em sua maioria por jovens das camadas mais ricas da sociedade, atraiu também o interesse e a atenção das camadas populares.

Esse contato entre sujeitos de setores sociais diferentes é evidenciado no trabalho de Leonardo Pereira que ressalta, além do interesse popular pelo esporte, o potencial aglutinador em torno do discurso de nação, principalmente, após a conquista pela Seleção brasileira do III campeonato sul-americano de futebol, no ano de 1919. Um evento futebolístico, que segundo a imprensa carioca levou a construção do novo estádio do Fluminense com o discurso de “o mais belo monumento congênere da América Latina”. Dessa forma, o campeonato sul-americano foi tratado como assunto de utilidade pública,

¹⁰⁴ Na obra do historiador Ernesto Cruz sobre as ruas de Belém é possível localizar as denominações das praças ou largos como eram chamados esses espaços. Cruz, Ernesto. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. 2ª edição, Belém: CEJUP, 2013. P. p. 104-118.

¹⁰⁵ Idem

¹⁰⁶ A localização dos clubes pode ser percebida nos mapas com localização de campos de futebol na cidade e também na tabela construídas por clubes e bairros que estão em anexo ao trabalho e que serviram de base para a construção dos mapas dos clubes esportivos na cidade belenense.

¹⁰⁷ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004. p. 22.

recebeu apoio de desportistas, jornalistas e autoridades. Inclusive os cronistas saudavam a competição como um evento que os orgulhava e satisfazia o seu patriotismo.¹⁰⁸

A suposta modernidade assentada nos padrões europeus sustentou o crescimento do esporte entre os chamados *Sportmen* e para aqueles que pertenciam a outros grupos, bairros e classes sociais na cidade¹⁰⁹. Esse sentimento de busca por um conceito de civilização europeia, ainda segundo Leonardo Pereira, permeou a vitória da seleção brasileira na disputa entre seleções na América latina. Apesar do potencial aglutinador em torno do discurso de Nação, a vitória contra o Uruguai tinha aproximado, supostamente, o Brasil mais de Paris, como afirmou Coelho Neto, à época da vitória, que assim como outros sujeitos buscavam um tom patriótico, mas, defendiam uma vitória que mostrava o Brasil se igualando com a Europa.

O campeonato entre as seleções do continente sul-americano foi disputado no novo estádio das laranjeiras, especialmente construído para a competição disputada no ano de 1919. O atleta destaque da competição, considerado ídolo pela Imprensa esportiva da época, foi o jogador mestiço Arthur Friedenreich, o “El tigre”, filho de uma lavadeira negra e um imigrante Alemão. O seu gol no jogo final contra a seleção do Uruguai foi até fonte de inspiração para o choro composto por Pinxiguinha¹¹⁰.

Esse discurso em torno do conceito de civilização, destacado durante as primeiras décadas do século XX, vai coexistir com os diferentes grupos sociais urbanos do período. Os diferentes sujeitos pertencentes a determinados grupos sociais reelaboravam o discurso de modernidade conforme sua experiência diária. Por isso, esse fato de termos a aproximação das práticas locais com os costumes dos europeus, nesse período, atrelada as atividades esportivas, inclusive o futebol, nos leva a pensar que a experiência de cada indivíduo vai alicerçar mais a frente o processo de popularização do futebol.

No entanto, a busca por um padrão europeu permaneceu como alicerce da relação entre os diferentes sujeitos, principalmente, daqueles pertencentes a grupos das elites, que possuíam o poder político. Somente com passar dos anos é que a aproximação do futebol com os grupos populares se tornará mais evidente por parte dos políticos, principalmente quando se inicia a década de 1930, mas, a busca por uma ideia de civilização ainda servia de parâmetro para as práticas diárias.

¹⁰⁸ PEREIRA, Leonardo de Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro(1902-1938)* RJ: Nova Fronteira, 2000. p.p. 134-135; e 303-304.

¹⁰⁹ Idem, p.p. 303-304.

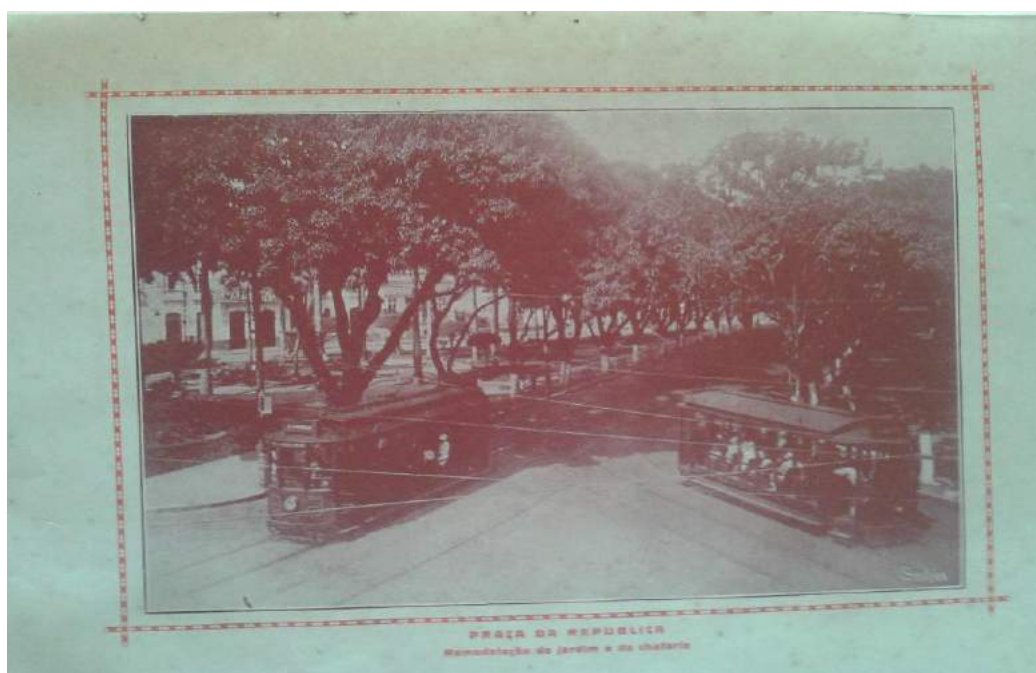
¹¹⁰ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva* em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições da Biblioteca Nacional. p.p. 54-55

Nesse sentido, para o leitor ter uma ideia de Belém a partir do discurso de modernidade, destaco uma imagem fotográfica da Praça da República, nos anos de 1930, retirada do Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, cujo objetivo era mostrar como ocorria movimento dos bondes e a circulação das pessoas no período.

Nessa fotografia abaixo é possível perceber os resquícios da ilusão do discurso da *Belle époque* e o seu desenvolvimento urbano, cujas obras de modernização foram tão enfatizadas ao longo dos anos, mesmo quando se tratava das ideias de lazer nesse ambiente citadino.

Essa imagem da Praça da República, captada pela câmera do fotógrafo que a publicou no relatório ao Conselho Municipal, destaca como foi dito acima, o cotidiano da cidade e a circulação dos sujeitos nos bondes ao centro da foto. Uma cidade em movimento que no discurso governamental mostrava a dinâmica dos seus sujeitos no cotidiano local sob o olhar de um setor da urbe que prevalecia a rua, a praça e suas obras de infraestrutura.

Imagem 1: Praça da República, Belém, 1930.



Fonte: Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em Sessão de 20 de maio de 1930 pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Facíola. P. 94.

A ideia é mostrar o cotidiano urbano a luz de um discurso de progresso e de trabalho do Intendente Municipal, segundo o Senador Antonio Facíola. O mesmo chegou a enfatizar que “as nossas rendas, apesar do seu sensível decréscimo, ainda podiam dar muita

cousa” e que “o município de Belém solveu todos aos seus compromissos e encerrou as suas contas em dia com o seu funcionalismo e com os seus fornecedores”¹¹¹.

A seguir temos a Imagem de uma fotografia da Avenida São Jerônimo, atual Avenida Governador José Malcher.

Imagem 2 – Avenida São Jerônimo, início do século XX.



■ Primitivamente chamada Estrada do “Paul d’Agua”, depois Estrada e Avenida São Jerônimo, é hoje denominada Avenida Governador José Malcher. Vista do cruzamento com a Avenida Generalíssimo Deodoro. À esquerda, antigo palacete do Dr. Augusto Montenegro, onde hoje se encontra instalado o Museu da Universidade Federal do Pará - UFPA. (HFN)

Fonte: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 104.

Esta imagem, apesar de ser diferente do contexto da fotografia anterior da Praça da República, nos mostra algo que busco perceber em ambas, a relação com o discurso de modernidade. Na fotografia anterior, procurei ver o resquício do discurso de modernidade, já que ela foi feita nos anos de 1930. Enquanto na fotografia da São Jerônimo é possível termos uma ideia dos palacetes que faziam parte da paisagem da avenida. Fato que nos mostra a busca por um padrão europeu por parte dos moradores que viviam o cotidiano dessa Avenida considerada elitizada.

Quando se observa as fotografias acima é possível pensar como trabalhar as imagens fotográficas como evidências históricas. Peter Burke ressalta que nos últimos tempos os historiadores estão ampliando seus trabalhos para incluir a vida cotidiana dos sujeitos que estão sendo estudados.

¹¹¹ Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em Sessão de 20 de maio de 1930, pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Facíola. P. 4.

Assim, o uso dessas imagens deve ser visto não como mera ilustração da narrativa histórica, mas, como um campo de possibilidades de interpretações históricas. Muitas vezes, o uso das imagens como um todo pode ser a fonte mais rica que o historiador pode ter de evidências de um determinado momento histórico. No caso das fotografias, elas precisam ser contextualizadas. Apesar de que essa possível contextualização, nem sempre é fácil, pois, muitas vezes não se sabe a identidade do fotógrafo e dos fotografados, dentre outros fatores que influenciam na análise dessas fontes para construção da narrativa histórica.¹¹²

A discussão levantada por Burke nos possibilita pensar em indícios históricos, que nos leva analisar o relatório da prefeitura como parte de um discurso governamental, que buscava repassar uma situação de organização do espaço urbano belenense. Um discurso típico de propaganda de uma organização pública.

As ideias de Burke também nos levam a analisar a fotografia da Avenida São Jerônimo como parte do discurso de modernidade ligado aos palacetes do local. Um espaço que os governantes e os grupos dos setores mais abastados queriam passar para o mundo, uma urbe ligada ao conceito de progresso e civilização ocidental.

No entanto, ao mostrar o trânsito e as ruas de uma área central de Belém, juntamente com o discurso de organização urbana, assim como seus palacetes de áreas elitizadas, as imagens nos fazem pensar e indagar como a cidade estava sendo considerada no âmbito dos seus subúrbios? Possivelmente a ideia de mostrar trabalho e o “desenvolvimento” da cidade a partir da Praça da República ou a organização dos palacetes da São Jerônimo, não passava por discutir outros espaços da capital paraense.

De qualquer maneira, as fotografias são importantes para podermos pensar os espaços belenenses a partir dos resquícios do discurso de cidade moderna. É claro que a fotografia da Praça da República nos mostra uma imagem da cidade no contexto da chamada “pós-Belle Époque amazônica”, pelo menos 20 anos após o contexto de decadência da economia gomífera. No entanto, como enfatizado anteriormente, essa imagem ainda busca mostrar um cidade em desenvolvimento em outro momento que nos faz pensar nos anos iniciais do século XX.

Esse discurso de desenvolvimento também foi apresentado por um periódico, dezesseis anos antes, em 1914, que destacou no seu caderno de esportes algumas atividades esportivas que ocorriam na urbe, e como esses jogos de *football* ou os desafios náuticos

¹¹² BURKE, Peter. Testemunha ocular: História e Imagem. Bauru-SP: EDUSC, 2004. p.p. 11-15; 26-27.

representavam o discurso de distinção social de uma elite heterogênea e seus *Sportmen* que conviviam na capital paraense.

(...) Notas sportivas

Nazareth Foot –ball “versus” Instituto Lauro Sodré Foot-Ball Club. No próximo domingo, as 8 horas da manhã, enfrentar-se-ão no vasto “ground” de São Braz as primeiras equipes dos clubes acima citados, estando assim formados o 1ª “team” do Nazareth: “goal”(..)

Tiro Brasileiro Foot-ball Team – num “match” de desempate bater-se-ão, no próximo domingo, no “ground” de São Braz, às 7 horas da manhã. Os segundos “teams” do Tiro Brasileiro e Nazareth Club.

As equipes estão assim organizadas(...)

Ypiranga Club “versus” União Sportiva – realizar-se no próximo domingo, às 3 horas da tarde, no bem tratado “finid” no largo de São Braz, um match de “foot ball”, entre a sympatizada “team” alvi-roxa (Ypiranga Club) e a ... e gloriosa União Sportiva.

Sem medo de errar, palpitamos a victoria da União, porém, em seus “homens” terão muito que lutar para alcança –la, dado os bons elementos que conta o Ypiranga, especialmente a sua excelente defesa.

Raio ao Pinheiro – o grupo náutico da Tuna Luso Caixeiral, aceitou o desafio dos valorosos rapazes que compõe o grupo náutico da Recreativa, para fazer a “raid” daqui até aquella pittoresca villa, no dia 11, as 5 horas da manhã.

Deve causar muito entusiasmo esta prova dos dois valentes grupos(...)¹¹³

Como é possível perceber, o noticiário do jornal *A Folha do Norte*, acima, destaca as partidas de futebol que ocorreriam no mês de Janeiro de 1914, nos quais os primeiros times a jogar seriam o Nazareth Foot Ball Club contra o Instituto Lauro Sodré Foot Ball Club, que se enfrentariam às 08 horas da manhã. Antes, às 07 horas da manhã, se enfrentariam o segundo time do Nazareth Foot Ball Club contra Tiro Brasileiro Foot ball time. Em seguida ocorreria a partida entre o Ypiranga Club contra o União Esportiva, no horário das 03 horas da tarde.

Todas essas partidas de futebol ocorriam no campo de futebol do Largo de São Braz. Além dessas notícias sobre a prática futebolística no referido campo, houve também o destaque para o noticiário sobre o desafio náutico, que ocorreria às 05 horas da manhã, de Belém a Vila do Pinheiro, atual Distrito Municipal de Icoaraci, entre os grupos de rapazes das equipes náuticas da Tuna Luso Caixeiral e a Recreativa.

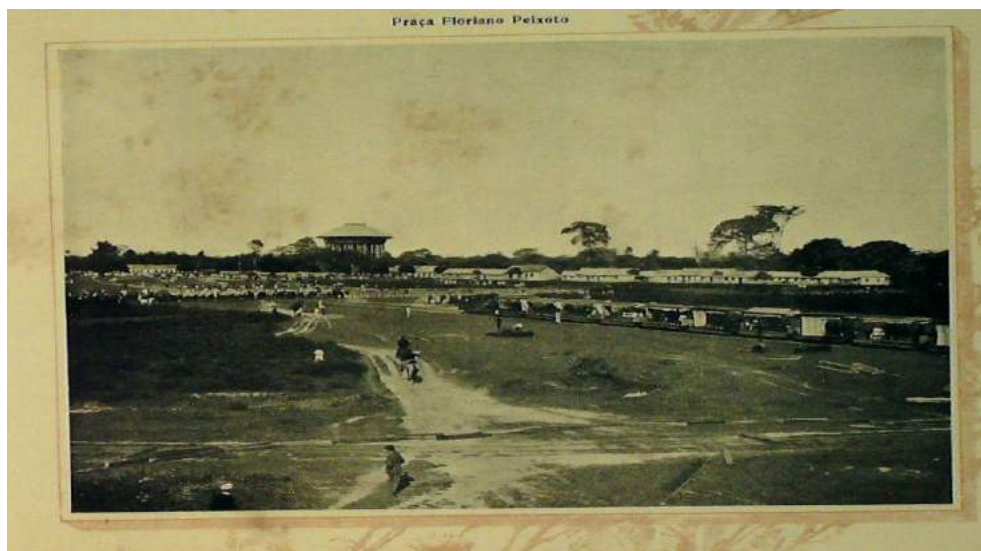
Edgar Proença também descreve, baseado em sua memória, como ocorriam os jogos em São Braz em 1912. Conforme fragmento abaixo:

¹¹³ Jornal *A Folha do Norte*, *Notas Sportivas*, 09/01/1914.

(...) lembro-me bem, já em 1912, as lutas no *field* do largo de São Braz. Não havia arquibancadas nem gradís, apenas uma corda separava a assistência dos jogadores. Por isso, no ardor da luta, o que se ouvia era isto: “olhem a linha! Por favor afastem-se!” é que a ânsia de não perder nem um lance levava a multidão instintivamente a avançar para o interior do campo, quasi impedindo que o balão e os atletas se movessem. Também naquele tempo já havia “sururú”. Dessa feita, para anular uma partida, promoveram uma invasão de bois, que impossibilitou a continuação da mesma.(...) ¹¹⁴

Na imagem a seguir, podemos visualizar o largo de São Braz no final do século XIX e início do século XX. Um local onde os setores das elites locais praticavam suas partidas de futebol, embora estivesse localizada no subúrbio da cidade. Essa fotografia foi retirada da obra construída por Fidanza e pelo Dr Henrique Santa Rosa, patrocinado pelo Governo Paes de Carvalho, denominado *Álbúm do Pará* e visava mostrar as modificações urbanas que a cidade estava passando naquele contexto.

Imagem 3 : Praça Floriano Peixoto, Largo de São Braz.



Fonte: ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO, p. 95.

A imagem acima, nos mostra indícios de como ocorria à circulação de pessoas nas áreas suburbanas de Belém, no caso, a fotografia do movimento na Praça Floriano Peixoto, no

¹¹⁴ Relato sobre a história do futebol paraense, conforme a memória de Edgar Proença. Nesse fragmento ele descreve os jogos no largo de São Braz, no ano de 1908. *O Estado do Pará*, 09/04/1944.

bairro de São Braz. Neste bairro, é possível afirmar que os setores populares e os membros das elites locais se aproximavam quando ocorriam as atividades esportivas e de lazer entre clubes dos *sportmen*. Conforme podemos analisar a partir do relato de Edgar Proença sobre o cotidiano dos jogos de futebol no largo de São Bráz, no início do século XX.

Na descrição feita por Edgar Proença de uma partida de futebol, durante um dos finais de semana da cidade, na referida praça, um espaço considerado livre, apenas com uma corda que separava atletas da torcida durante o jogo, é possível analisarmos que a utilização desse local para os jogos de futebol facilitou o contato para os indivíduos que moravam nos arredores e não eram membros dos grupos de *sportmen*. Havia uma aproximação desses sujeitos nessa praça nos dias que aconteciam os jogos e, possivelmente, estes até participavam dessas partidas.

Percebe-se na fotografia da Praça Floriano Peixoto no ano de 1899, que esta era uma grande área descampada, com pouca pavimentação, um espaço da estrada de ferro Belém-Bragança, da circulação a pé, de “pontas de matas”, da circulação de pessoas à cavalo e das crianças correndo para todos os lados. Um espaço caracterizado por suas marcas rurais, típicas das áreas suburbanas de Belém.

Na descrição acima, feita por Edgar Proença, é possível perceber essas marcas rurais do bairro de São Bráz, conforme a fotografia anterior, e sua ligação com as práticas esportivas. O referido jornalista relata “a invasão de bois” durante uma partida de futebol na praça Floriano Peixoto. Nesse caso, o espaço de São Bráz se apresenta como uma área suburbana utilizada pelos *Sportmen* para suas disputas e desafios entre clubes de *football* nos finais de semana.

Dalcídio Jurandir na sua obra denominada “Ponte do galo (1971)” destaca sobre os *sportmen* no largo da penitenciária, local que era utilizado como campo de *football*. Conforme fragmento do texto abaixo:

(...) Aqui embaixo, passando de largo, sempre proibidas pelos maridos, as senhoras de família bordejavam, farejavam, imaginando os cabedais da moura, numa ansiosa vigiância para saber quando os cabedais chegavam, quando saíam. Ou vinham no bico dos tucanos? Sábado, sábado, as duas netas atravessavam o Largo da Penitenciária, agora campo do Aston Vila Football Club fundado por um moço que os ingleses da Booth Line levaram para a Inglaterra, trazido de volta com seus sapatos brancos, linho branco, intérprete, Belém-Manaus, no vapor “Hildebrand”, linha da Europa, trajando a rigor no jantar a bordo pelos estreitos de Breves. Sábado, as duas netas faziam sinais para o mirante. A moura, na janela, com seu penteado

torre-de-pisa, fincava os cotovelos na almofada bordadinha, enfiando as contas do seu colar e sem olhos para o aceno, ou fingia? E tanto as moças insistiam, no largo, bem na área de *penalty* marcada a cal, que a senhora retirou-se. Ficavam as duas debaixo do gol caído a ver o moço de branco ordenar as marcações de linha. Mal as netas ganhavam o trilho do bonde, reaparece a D. Brasileira na janela, jogando arroz para o rente telhado onde os pombos arrulhavam. O tajá, no peitoril, guardava a senhora. Alfredo seguia de longe as marcações do campo, o aceno das netas, os movimentos da moura na janela.(...)¹¹⁵

A partir do fragmento do texto de Dalcídio Jurandir, é possível pensarmos nessa relação entre *sportmen* e os bairros suburbanos como espaço das práticas futebolísticas e os moradores da área.

Essa relação dos *Sportmen* com o espaço suburbano nos mostra uma proximidade entre os grupos sociais que circulavam durante os eventos esportivos na cidade. Esse fato nos possibilita analisar que o discurso de progresso e civilização a partir das práticas esportivas não eliminava a experiência real dos sujeitos. Pois, no campo da Praça Floriano Peixoto, os sócios dos clubes ditos elitizados vivenciavam um ambiente suburbano, que pelo discurso da época seria no mínimo contraditório. Na verdade, temos nesse cotidiano esportivo as marcas da relação ambígua entre o esporte como lazer e, ao mesmo tempo, como símbolo de “elegância”.

Outro detalhe importante na análise dessas fontes, é que havia um contato entre os variados sujeitos dos bairros considerados pela imprensa como “aristocráticos” e os bairros suburbanos através da prática esportiva. Inicialmente, o contato ocorria através da participação dos sujeitos das elites circulando nessas áreas suburbanas, em seguida esse contato aumentava com a criação de clubes e participação das pessoas mais pobres, principalmente, durante as partidas de futebol.

Sobre a análise das fontes, Leonardo Pereira no seu texto: “O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro”, afirma a importância de se analisar o significado que os contemporâneos do jogo atribuíam ao fenômeno. Para ele, esses diversos sentidos atribuídos ao jogo podem iluminar o processo de construção de uma memória do esporte.¹¹⁶ Por isso, a importância de entender as obras de Dalcídio Jurandir e as crônicas esportivas de Edgar Proença. Ambos davam sentido as práticas do futebol que ocorriam na cidade. Esse sentido que ambos promoviam ao jogo em Belém era fruto de suas

¹¹⁵ JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971. p. 130.

¹¹⁶ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. O jogo dos sentidos: os literatos e a popularização do futebol no Rio de Janeiro. In: CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda (orgs). *A História Contada. Capítulos de História Social da Literatura Brasileira*. Op. Cit. p.p. 197-198.

experiências entre os setores sociais diversos e opiniões sobre os campeonatos e festivais que ocorriam nos campos de subúrbio à época.

Essas atividades esportivas, noticiadas pelo Jornal *A Folha do Norte* 09 de janeiro de 1914, já faziam parte do cotidiano do lazer de alguns sujeitos da cidade, na década de 1910, que vivenciavam esses jogos como parte do discurso de modernidade, que tinha chegado a essa capital, no início do século e, possivelmente, distinguia os rapazes socialmente.

Na fonte abaixo, temos outro noticiário que destaca essa pretensão dos grupos que praticavam esportes na cidade.

Auspicia-se encantador o festival sportivo que proximamente, se vae realizar no ground do Clube do Remo, sob a égide dos distinctos Officiaes do cruzador “José Bonifácio”. Se os outros elementos de êxito não tivesse a promissora festa, a só razão de ser patrocinada pelos estimáveis marinheiros que hospedamos e que pelo seu poder de fascinação pessoal tanto pelas sympathias conquistaram, seria já uma segura affirmação de triumpho. O programa da encantadora festa está sendo feito caprichosamente.¹¹⁷

A partir da notícia do jornal, percebe-se que havia certa ansiedade dos cronistas sobre o festival esportivo, que ocorreria, no *ground* do Clube do Remo. Os sujeitos que estavam cotados para participar desse evento esportivo são os oficiais da embarcação chamada de “cruzador José Bonifácio”. O que inicialmente nos dá indícios de que a prática do *football* passava a ser uma representação social de membros mais ricos da sociedade belenense que visavam no esporte a busca pelo padrão civilizatório europeu.

Essa ideia de representação social dos esportes para as elites locais ligadas ao discurso de modernidade, com o decorrer dos anos, teve uma diminuição, assim como, no caso da prática futebolística no Rio de Janeiro, que foi iniciada pelos grupos elitizados como uma representação do seu cotidiano dito “moderno”.

Um dos fatores para essa diminuição de representação social das elites foi a apropriação por parte dos grupos populares de Belém das práticas esportivas. Os grupos mais pobres, também criavam sentido às atividades físicas, principalmente, por que os jogos de futebol na capital paraense eram disputados nas praças públicas. Com o decorrer do tempo, as

¹¹⁷ Comentário sobre o festival do Cruzador José Bonifácio, um navio da Marinha brasileira que passava por Belém. *Revista A Semana*, vol. II. nº. 89 - 06/12/ 1919.

patidas de futebol foram para os campos fechados e com um número maior de torcedores. Um fator que cria mais à frente o alicerce para o debate da profissionalização do jogador de futebol na cidade belenense.

A experiência esportiva da cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, é estudada por Leonardo Pereira, para o qual, a construção de estádios, a entrada de jogadores de origem de negra, nos clubes tradicionais, como o Vasco da Gama, cujos atletas faziam do futebol sua profissão, são fatores que contribuíram para o processo histórico de disseminação do esporte na cidade.¹¹⁸

O autor destaca ainda que os *Sportmen* do Rio de Janeiro através do jogo de futebol alcançaram muitos objetivos que visavam diferenciá-los dos setores populares, isto é, o futebol defendido por eles como uma marca de superioridade. No entanto, o futebol ficou longe de ser definido como uma prática restrita aos grupos letrados na cidade carioca sendo praticado em outros campos por negros, pobres e trabalhadores dos quais os jovens da elite tentavam se diferenciar¹¹⁹.

Estes fatores aceleraram a discussão sobre o profissionalismo com seus treinamentos específicos *versus* amadorismo, no decorrer da década de 1920, o que levou ao questionamento dos jogos da “várzea¹²⁰” por grupos mais ligados às elites que defendiam uma não profissionalização, por não ter, em tese, uma prática ligada desenvolvimento físico específico, o respeito às regras e, talvez, pelo seu cunho popular e racial¹²¹.

O debate da profissionalização do jogador de futebol para os setores abastados do Rio de Janeiro estava baseado no amadorismo *Sportman* em detrimento de um amadorismo popular e, ao mesmo tempo, também se discutia o que já vinha se desenhando, a participação

¹¹⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*(1902-1938). Op. Cit. p.p. 309-311.

¹¹⁹ Idem. p. 87.

¹²⁰ Termo bastante usado até os dias atuais no centro-sul do Brasil, no caso belenense o termo que aparece no jornais é futebol suburbano, que vai se intensificar mais no processo de popularização do esporte a partir dos anos de 1920. Esse termo só foi usado para fazer referência as obras sobre futebol dos autores como Hilário Franco Junior, Bernardo Buarque de Holanda e Leonardo Pereira que o usam a partir das suas pesquisas que são ligadas ao espaço do Rio de Janeiro e São Paulo. O termo futebol suburbano também aparece nessas obras, porém, futebol de várzea é mais utilizado para designar o futebol praticado por grupos populares. DE HOLANDA, Bernardo Borges Buarque, “*O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego*”. Op. cit; PEREIRA, Leonardo de Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*(1902-1938) Op. cit; FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade*. Op. Cit.

¹²¹ PEREIRA, Leonardo de Afonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*(1902-1938). Op. Cit. p.p. 308-309.

desses sujeitos dos grupos populares que davam vitórias nos jogos e começavam a dar rentabilidade financeira aos clubes cariocas¹²².

Segundo Nicolau Sevcenko, o pós primeira guerra mundial foi caracterizado por um investimento de nações europeias como França, Grã-Bretanha nas práticas de educação física, no aprimoramento dos atletas com objetivo torná-los pessoas preparadas para defenderem sua pátria, já que boa parte desses atletas era formada por militares¹²³.

Havia também a crença de que indivíduo preparado fisicamente proporcionaria um maior ganho econômico para os países, pois, havia uma tendência de aumento da produtividade desses sujeitos no modelo capitalista. Nesse sentido, é perceptível uma mudança no discurso das práticas esportivas na Europa. “nem só guerra e festival - o novo surto desportivo era tido também como um fator inquestionável de incremento de produtividade econômica.”¹²⁴

Inicialmente, até a década de 1920, o discurso estava mais voltado para uma representação das elites locais. Com o decorrer dos anos, a participação das camadas populares nas práticas desportivas, levou o esporte a ser pensado como uma forma de “adestramento” para defesa da nação. Essa ideia ficou mais fortalecida no Brasil a partir dos anos de 1920 a 1930.

Segundo Celso Castro, na sua Obra “Invenção do Exército brasileiro”, o cenário internacional desse período “apontava para um crescente descrédito da democracia liberal, em favor das visões politicamente autoritárias à esquerda e à direita”.¹²⁵ E “a partir de 1930, o conteúdo das mensagens veiculadas sobre Caxias e o dia do soldado não enfatizava somente a legalidade e a disciplina, mas, também a fusão do Exército com a nação¹²⁶.

No caso local, os jogos construídos pelos jogadores oriundos dos grupos que residiam em áreas consideradas populares ou suburbanas na capital paraense, mesmo no transcorrer dos anos ainda vão ter o destaque para o “homem-atleta¹²⁷” que seria uma espécie

¹²² Idem. p. 309-310.

¹²³ SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. Op. Cit.p.46-47.

¹²⁴ Idem. p.46-47.

¹²⁵ CASTRO, Celso. A invenção do Exército brasileiro. (coleção descobrindo o Brasil) Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2002. p.p. 20-21.

¹²⁶ Idem. p. 22.

¹²⁷ Termo traduzido da palavra *Sportman*. É utilizado para um maior entendimento didático.

de “amador da elite” e não o jogador que não possuía trabalho, dependente do clube (um amador popular)¹²⁸ que vai ser base para o início dos debates sobre o jogador profissional.

Nesse período, não há a negação das partidas que ocorriam nos subúrbios entre camadas populares. Porém, é importante afirmar que jornais e revistas da época vão destacar os “amadores elitizados” (*Sportmen*) como um fator favorável para construção dos conceitos de civilização que se passava no âmbito da cidade, nesse período.

Por isso, nesse primeiro momento, os festivais estavam voltados para os grupos das elites econômicas, políticas, intelectuais, criando um ambiente de sociabilidade e lazer para os sujeitos que circulavam nesses locais. Sendo assim, as atividades esportivas muitas vezes tinha um tom de crítica e rivalidade relativa às mudanças que aconteciam na prática de esportes entre os clubes da cidade.

No entanto, é importante enfatizar que os festivais esportivos dos clubes de bairros como Nazaré, Batista Campos e São Bráz aconteciam sem eliminar a possibilidade dos festivais também ocorrerem no âmbito de clubes considerados pela imprensa como suburbanos. O que estamos destacando é que nesse primeiro momento os jornais destacavam mais os jogos de clubes das áreas centrais da cidade e ligados aos setores “elegantes”.

Esses indícios, relacionados às rivalidades entre clubes esportivos, destacados acima, podem ser percebidos no discurso abaixo, redigido pelo cronista da Revista *A Semana* do dia 15 de maio de 1920:

Nos domínios do nosso football – palavras muito oportunas

Vae começar o nosso “football association” e anda por aí pela cidade de envolta com uma anciosa expectativa dos “habitués” de nossos campos, a attitude calma e reflectida de uma numerosa maioria que, desprezando o ferror optimista e entusiasta dos “torcedores” e das “torcedoras” antevê no desenrolar das pugnas futuras os lamentáveis acontecimentos que durante quase toda temporada passada transformou nosso jogo bretão num motivo plausível para os acessórios, as vaias moleques e até as escaramuças remontadas pela polícia a cavallo com espada e chafalho(...)

Clubes e jogadores como se deram as mãos para o attestado visível de uma decadência sportiva do Pará, em 1919, e, passado o ano macabro que desejamos completamente esquecer, vem de Recife os rapazes do América com quem (Deus permita que não) tomaram lições de aperfeiçoamento os nossos “foot-ballers”(...)

Que fará a Liga, entretanto, ao início da temporada actual para garantir mais do a ordem e a moralidade dos seus “matchers”, a bolsa dos que frequentam os nossos campos!

¹²⁸ Atleta do subúrbio que jogava nos clubes menores e que depois ia para clubes grandes como o Clube do Remo e o Paysandú. Termo colocado por mim para facilitar o entendimento da diferença entre o jogador *Sportman* e o amador do subúrbio.

Bem sabemos que os estatutos da Liga, do seus regimento interno, do seu regulamento, enfim.

Mas, com isso tudo, a Liga possui uma comissão de “foot-ball” que deve ser uma verdadeira comissão técnica, com seus membros bem scientes das responsabilidades do cargo, e nunca uma comissão que como a de 1919, viva o anno todo “bancando” asneira a grosso e a retalho.

Excusamo-nos de citar quaes os defeitos e os erros cometidos pela comissão do anno passado. Tão conhecidos são elles que seria fastidioso repetil-os.

E depois, para quê?

Vamos esperar os acontecimentos, e deixando de lado a analyse que nos despertariam sentimentos de supposta vaidade, esperemos acção profícua da comissão, neste anno em que parece esta desejoso de reerguimento o “Association” paraense.

Acreditamos que a crise sportiva que attingiu os nossos clubs, há pouco tempo, tende a desaparecer.

Mas, com os seus botões, há de inquirir o leitor: que crise sportiva ? que vem a ser isso?

Simplesmente a situação que nos crearam as “borboletas” que andaram daqui para o Maranhão em “vão arribado”(…)

Situação que bem caracterizou a crise sportiva paraense, ameaçando de um profissionalismo absorvente o nosso meio “foot-ballistico”(…)

O amadorismo não poderá nunca desaparecer. E no dia que elle desaparecer morrerá toda a cultura phisica por excellencia, isto, ficará a cultura physica pelo e para o profissionalismo, absolutamente excluída de qualquer sentimento moral, pois é, esse sentimento o esteio base em que se apoia o amadorismo.

Com início da nossa temporada de 1920, não melhor occasião do que esta para despertar no espírito resolutivo dos nossos homens de sport, um sagrado grito de guerra contra o profissionalismo. (...)

D.A.C.¹²⁹

Nesses anos de 1920, em Belém do Pará, percebe-se a partir da leitura da fonte, que o cronista esportivo de pseudônimo D.A.C. faz uma campanha contra o profissionalismo na atividade futebolística. No seu discurso, percebe-se os valores “morais” e a chamada “cultura physica” que são oriundos do processo de busca por uma padronização europeia nas práticas esportivas. Dessa forma, é possível destacar o nome “*football Association*” como referência às regras, aos *clubs* e aos atletas ligados ao padrão inglês.

Nesse caso, talvez a utilização do termo *football Association*, tenha soado como ironia aos dirigentes e ao futebol praticado no âmbito local, pois, o autor da crônica esportiva criticava: o prenúncio do profissionalismo no futebol local, como fator para a desorganização da Liga que controlava essa prática esportiva em Belém.

¹²⁹ Revista A Semana 15/05/1920.

O discurso do cronista de valorização dessa “cultura physica” estava em consonância com as ideias de “civilização” tão propagado pelas elites locais, que nessa segunda década do século XX, estava sendo abalado, possivelmente, pela participação dos sujeitos oriundos dos setores sociais mais pobres da cidade nos jogos de futebol controlados pela Liga futebolística, isto é, estava existindo uma resistência por parte dos setores mais abastados a essa mudança nos rumos nessa prática esportiva na capital.

Sobre as elites locais, Cristina Cancela destaca esse grupo como heterogêneo, pois, eram formados por militares, políticos, donos de terra, comerciantes, dentre outros. A análise da autora está baseada a partir do seu estudo sobre a relação dos casamentos, no início do século XX, na capital paraense. Segundo a autora, é possível perceber alguns sujeitos como os herdeiros de uma nova elite econômica relacionada ao empreendimento gomífero, que circulavam nos mesmos ambientes que os filhos de uma elite política e tradicional, dona de terras. Os jovens, filhos dessas elites, circulavam nos mesmos espaços que suas famílias cujo locais proporcionavam festas nos clubes, casas de parentes e amigos, escolas escolhidas pelas famílias. Nesses ambientes, os jovens encontravam seus amores para seus compromissos de matrimônio.¹³⁰

O lazer nos clubes para os jovens do início do século XX, em Belém, significava também participar de um cotidiano esportivo. Um símbolo de uma proximidade com o sentimento de ser moderno, que poderia culminar com um maior prestígio social, que no âmbito do lazer nos clubes “elegantes” revelava a possibilidade de um “bom casamento”, como afirma Cristina Cancela.

Os jogos de futebol que ocorriam nos festivais esportivos eram também espaços de construções culturais, que no seu início em Belém estavam atrelados a outras atividades esportivas, como vôlei, pólo aquático, hipismo, regatas, dentre outros. Esses esportes faziam parte de um contexto ligado à primeira metade do século XX, momento que segundo Letícia Magalhães, no seu trabalho sobre Belém e o discurso de cidade moderna, prevalecia o discurso para elites locais de “*Belle Époque* do futebol ou *Belle époque sportive*”¹³¹, no qual,

¹³⁰ CANCELA, Cristina Donza. A família na economia da borracha. Op. Cit. p. 47. Ainda sobre a heterogeneidade das elites de Belém temos o trabalho mais aprofundado da autora em tela intitulado “Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Belém editora açai, 2011. p.p. 23-24.”

¹³¹ Termo que faz referência ao sentimento de modernidade que grupos de paraenses residentes em Belém buscavam quando mantinham contato com materiais, modas e costumes oriundos da civilização europeia, mas na verdade, os grupos que mantinham contato com esses símbolos da modernidade como a bola de futebol, por exemplo, eram poucos e restritos, pois, o sentimento de modernidade dessa *Belle Époque* significava um não pertencimento de alguns grupos sociais, no caso os mais pobres. Sobre essa ideia de modernidade temos

os grupos mais abastados da sociedade belenense, de maneira geral, aproveitavam os campeonatos que aconteciam na cidade, como forma de representação de um discurso de ideal civilizatório europeu.

Esse contexto de prática esportiva, ligadas às elites, começa a se modificar com o passar dos anos, a partir da discussão sobre o profissionalismo do jogador de futebol nos anos de 1930 e o processo de consolidação da popularização do futebol na cidade. Tais fatos ocorreram nas outras capitais brasileiras, que em maior ou menor grau praticavam o futebol como símbolo de um período de modernização capitalista que buscava um ideal de civilização europeia.

Por isso, visualizar a cidade de Belém do Pará, no início do século XX, onde transformações urbanas aconteciam, principalmente nas áreas centrais da urbe, nos proporciona indícios, nos quais, os membros dos setores mais ricos da cidade andavam nas ruas buscando imaginar Paris, como referência de cidade “civilizada”. A urbe europeia era considerada por estas pessoas como a metrópole da modernidade. Elas enfatizavam Paris como modelo de cidade a ser seguida, tanto no seu aspecto de reestruturação urbana, promovida pelo prefeito Haussman, como por ser considerada berço das teorias sobre a ordem, progresso e civilização.

Sobre esse “imaginário da cidade de Paris”, Maria de Nazaré Sarges ao discutir sobre as riquezas que produziram o discurso de *Belle Époque* na capital paraense, identificou na obra de Gilda de Mello e Sousa, intitulada: “o espírito das roupas: a moda do século XIX”, publicado no ano de 1987, o discurso da *Belle Époque* que traduzia parte do sentimento dos membros das elites da época. A autora se propõe a entender a moda como fenômeno cultural,

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a *Belle-Epoque* (1870-1912). Belém: Paka-tatu 2000. p.p. 95-97. Nesse sentido, “*Belle époque sportive* ou do futebol” é uma forma de entender esse discurso ou sentimento num primeiro momento desses grupos sociais mais ricos a partir da prática do futebol. Assim, de maneira análoga ao trabalho de Sarges é feito o uso do termo para explicar a prática de esportes na capital paraense no início do Século XX como inicialmente dentro de um discurso que tentava homogeneizar as ações dos indivíduos. Porém, o discurso da modernidade pautados nas transformações urbanas e práticas esportivas, servia para os grupos mais ricos delimitarem uma espécie de hierarquia com relação aos setores populares. Esses sujeitos que moravam nos subúrbios não sentiram as transformações urbanas no seu espaço na cidade. No entanto, apesar da tentativa de hierarquizar, os grupos populares construíram seus próprios significados para as atividades esportivas que estavam sendo desenvolvidas na urbe belenense. O historiador Leonardo Pereira utiliza o termo “*Belle-époque* do futebol” para falar do contexto da chegada e popularização do futebol no Rio de Janeiro. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na *Belle-époque* do futebol. Cadernos. Belém: CFCH/UFPA, vol. 12, nº ½, p. 29-40. 1993. Letícia Magalhaes também utiliza em seu texto o termo para explicar o discurso de modernidade a partir da prática esportiva na cidade. MAGALHÃES, Letícia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. In: MELO, Victor Andrade de. Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.p. 307-330.

social e estético buscando captar as sutilezas imbricadas no vestir e as distinções sociais veiculadas pela indumentária e ornamentação¹³².

Ao pensarmos Belém do Pará pelo ponto de vista de uma mulher ou homem membro das elites locais, que tinha a cidade de Paris como um centro cultural e reforçava o discurso de modernidade europeia, é preciso destacar os estudos de Maria de Nazaré Sarges sobre o contexto do final do século XIX e início do século XX. Em suas pesquisas, a autora enfatiza que as mulheres de classe abastada em Belém tinham um zelo pela indumentária “tanto que mandavam buscar seus vestidos em Londres e/ou Paris.” Em seguida, “estabelecimentos comerciais se instalaram para atender o requinte das damas e dos cavalheiros. Entre as casas destacamos A Paris N’Ámerica, o Bom Marché e casas exclusivamente de modas e chapéus.”¹³³

No campo econômico, os barões da borracha e as casas estrangeiras comercializavam o látex, produto originário de uma árvore nativa da Amazônia chamada de seringueira (*hevea brasiliensis*). Um fato que proporcionava o maior contato com os negociadores ingleses que promoviam a circulação de capitais no território paraense através de objetos que muitos sujeitos sociais ambicionavam da Europa e dos simbolismos que representavam para a região¹³⁴.

Assim, a cidade de Belém do Pará, no início do século XX, também é marcada pelas ambiguidades, metamorfoses, encantamentos, contradições proporcionados pelo avanço tecnológico juntamente com seus significados no discurso de progresso e civilização, que se destacam nos rituais diários urbanos dos sujeitos que buscam o padrão da modernidade. Essa visão de mundo possivelmente se alicerça a partir de impressões que estavam intimamente próximas aos artefatos de ferro e vidro, que ora causavam indignação, ora causavam espanto e encantamento entre os sujeitos¹³⁵.

Esse processo histórico explicita a quebra das tradições, culturas que pertenciam a uma dinâmica social ligada a expansão da civilização europeia e seus simbolismos que incluíam e excluía os sujeitos no cenário urbano moderno.

¹³² SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Epoque (1870-1912). Op. cit. p.p. 30-31.

¹³³ Idem. p. 31.

¹³⁴ SAMPAIO, Patrícia Melo. Economia da borracha na Amazônia. Belém: 1ª edição, Estudos amazônicos, 2011. p. p. 22-23.

¹³⁵ HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma- a ferrovia madeira-mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das letras 2005. p.p. 33-39.

Essa realidade dos discursos da modernidade e civilização na cidade de Belém é destacada por Geraldo Coelho, quando este analisa o significado da inauguração do monumento a República, no ano de 1897. Segundo o autor, a nossa capital, àquela altura, era a única a contar com um conjunto escultórico voltado a exaltação da República. A partir dessa ordem reproduziam-se aqui as demandas ideológicas e representações simbólicas da produção escultural europeia que exaltava o nacionalismo francês e suas figurações discursivas. Uma cidade “afrancesada” e bem ao gosto dos membros das elites locais.¹³⁶

Para Geraldo Coelho, o processo histórico do final dos oitocentos implicava nas condições reais ou imaginárias da *Belle Époque* que o mercado capitalista estava estendido pelos locais do globo e que nos mesmos canais que circulavam as riquezas também circulava a cultura. Na verdade, esse mercado, do ponto de vista da burguesia industrial, também tinha o papel de criar uma hegemonia planetária baseada no discurso civilizatório¹³⁷.

Essa opinião corrobora também com outro trabalho de Geraldo Coelho sobre a prática do Mecenato nos governos de Augusto Montenegro e Antonio Lemos como símbolo da civilização europeia na capital paraense. As artes nesse sentido estavam interligadas aos signos do discurso moderno que imperava entre as elites locais¹³⁸. Isto possivelmente colocava de lado na agenda governamental as questões populares com relação à moradia, trabalho e práticas cotidianas, ou seja, os projetos quanto aos mais pobres não cabiam nas discussões travadas pelas elites locais no sentido de “ser moderno”.

Na verdade, as contradições do sistema capitalista e seu projeto modernizador apareciam nos locais da cidade onde circulavam os sujeitos que conviviam com a falta de estrutura urbana, bairros considerados suburbanos, que com o decorrer dos anos deram origem às “baixadas”. Termo usado por Edilza Fontes, construído a partir do discurso de seus entrevistados, na obra intitulada o “Pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954)” moradores dessas áreas pouco assistidas pelo poder público no sentido da estruturação urbana¹³⁹.

Esse discurso civilizatório, pode ser entendido, no campo esportivo, como parte de um esforço de aproximação das ações das elites brasileiras com um ideal de civilização

¹³⁶ COELHO, Geraldo Mártires. No coração do povo: o monumento a República em Belém(1891-1897). Belém: Paka-Tatu, 2002. p. 15.

¹³⁷ Idem. p.p. 16-17.

¹³⁸ COELHO, Geraldo Mártires. A lira de apolo: o mecenato em Antonio Lemos e Augusto Montenegro. (1897-1912). op. cit. 2014. p.p. 10-11.

¹³⁹ FONTES, Edilza Joana de Oliveira. O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Op. Cit. p. 209.

européia, principalmente nas grandes cidades que sofriam um processo de domesticação de seus espaços públicos.¹⁴⁰

Essas contradições que existiam na cidade de Belém, no período inicial do século XX, aparecem também, na narrativa histórica de Maria de Nazaré Sarges, intitulada “Memórias do Velho Intendente”. Nesta obra, a autora nos proporciona pistas da discrepância entre o discurso de modernidade das elites locais, que se fortaleceu na figura do político Antonio Lemos, e a vivência dos sujeitos que pertenciam aos grupos dos mais pobres da cidade¹⁴¹.

A referida autora chega a afirmar que “não quer cair na armadilha” de analisar a memória de Lemos a partir de suas obras, juntamente com o político que causou o desenvolvimento da cidade de Belém. Para ela, é necessário o “descortinar de uma história que oficializou o tempo de Lemos, como o tempo da *Belle époque*”¹⁴².

Essa autora nos mostra indícios de que no período de Antonio Lemos Belém passou por modificações urbanas pautadas no processo de modernização capitalista conectado com a exploração da economia gomífera em escala mundial. No entanto, as contradições estavam relacionadas aos sujeitos que moravam em outras áreas da cidade. Estes só tinham acesso a uma estrutura de modernização urbana quando circulavam no centro urbano. Situação diferente do momento que esses mesmos indivíduos circulavam e construíam suas experiências nas ruas e casas dos bairros do Jurunas e da Pedreira, por exemplo, considerados bairros suburbanos, durante este período.

1.2– Sports, lazer e migração: Manaus e Belém, uma breve comparação.

O contexto de transição do século XIX para o século XX, momento em que se introduz o futebol na região amazônica, é caracterizado pela prática de vários esportes que vão dinamizar o lazer na capital paraense, a partir de “modismos” que vão ser disseminados baseados nas relações econômicas e culturais com a Europa. Essas práticas de esportes foram

¹⁴⁰ CAPRARO, André Mendes. *Et al.* Nobert Elias, uma nova abordagem para o estudo da história do futebol brasileiro. Artigo publicado no IX Simpósio internacional processo civilizador, tecnologia e civilização. Ponta Grossa-PR.

¹⁴¹ SARGES, Maria de Nazaré. *Memórias do Velho Intendente: Antonio Lemos (1869-1973)*. Belém: Paka-tatu, 2002. P.p. 16-17

¹⁴² Idem.

construídas inicialmente por parte da juventude (principalmente os oriundos das elites locais) das cidades amazônicas, como Belém, para a qual, o futebol era apenas mais um dos esportes praticados, representativo dos ideais de “civilização” europeia. Esse processo ocorreu juntamente com os grupos de imigrantes que adentravam a região.

No relato a seguir, temos um artigo escrito por Edgar Proença para o jornal *O Estado do Pará*, no dia 09 de abril de 1944, que faz referência a esse contexto:

(...) Um pouco da história do futebol paraense

Edgar Proença

Não se pode escrever a história do futebol paraense sem fazê-lo com falhas e defeitos. Precisava o trabalho de um pesquisador paciente e que tivesse atuado desde os primeiros albos do “association”. O melhor que eu conheço até hoje, sobre o assunto, devemos a F.F. Alvez Cunha, um velho desportista e jornalista, que durante longo tempo trabalha afincadamente no esporte paraense. Há alguns anos porém, ele se aposentou das lides da imprensa e do esporte, e daí por diante ninguém mais escreveu sobre o que ocorreu em dias passados, agitados, gloriosos e sombrios: lembro-me que em 1908 o largo dos quartéis, hoje Praça da bandeira, era o paraíso dos que começavam a ouvir em futebol. As primeiras bolas que rolaram sobre o chão eram de cano de meia; depois a civilização esportiva do meio levou a conhecer-se o balão de couro, de tamanho muito maior que os atuais e que inchava nos primeiros ponta-pés.

No largo de São José, todas as noites, reunia o pessoal do Clube Recreativa Paraense, à frente Manoel Pessoa que era um “becão”, e Elzamam Magalhães, excelente caráter que vive a anos longe de sua terra natal. Eu, fazia o ridículo papel de “bombeiro”. Punha-me atrás das traves a aparar a bola e devolvê-la, afoitamente, orgulhoso de haver dado o meu “drop”. o futebol caminhava assim para o seu esplendor.

No largo de São Braz feriram-se as grandes pugnas. O Pará Foot Ball Club e o Pará Clube eram os maiores rivais. O primeiro possuía um extrema direita de nome Barwinkel, alemão, alto funcionário da Firma Berringer, atleta de mão cheia. Num domingo ele declarou, preso a um orgulho patrioticamente germânico, que faria um goal. Veia a bola, numa arracada louca, deixou-a nas rêdes rivais. Fizera-o em homenagem a data natalícia do Kaizer.

O Pará Clube possuía, também, um “az” valoroso. Chamava-se Burley, zaga, seguríssimo, e cuja calma britânica constituía um belo espetáculo. (...)

(...) e o time Nêgra, o mais ruidoso dos clubes, por que era constituído da rapaziada boêmia, que muitas vezes, ao pisar o campo, é que os jogadores sabiam serem companheiros do mesmo clube. No time Nêgra, empolgou desde, logo Hugo Leão. Chegara do Rio, aluno da escola militar, e trazia a credencial de preliante nos gramados cariocas. Time Nêgra e Clube do Remo assumiram a liderança dos jogos, que se tornaram os mais importantes da época. Depois, numa noite, na travessa Dr Moraes, Hugo Leão e eu compreendemos que devíamos dar melhores rumos ao Time Nêgra, fundada, aliás, por Antonio Coimbra. E pensamos na mudança do nome. Seria, porém, muito melhor fundar outro clube. Estava feito. O nome? eu alvitrei Norte, Hugo Leão opinou por Paysandú. No dia seguinte, na casa de Abelardo Condurú, à rua dos Pariquis, fundiram-se Time Nêgra e Internacional, surgindo o Paysandú, cujo belo destino está aí, nessa apoteose de expressivo valor que todos reconhecem e aplaudem.(...)¹⁴³

¹⁴³ Descrição feita a partir da memória de Edgar Proença sobre a história do futebol paraense. *O Estado do Pará*, 09/04/1944.

Nessa descrição memorialística, Edgar Proença conta a sua versão sobre a história do futebol paraense até os anos de 1940. Mesmo não sendo um relato do período inicial da prática esportiva na cidade, é possível observarmos indícios de como o conceito de civilização europeia foi sendo inserido através dos esportes no cotidiano da cidade de Belém, durante a passagem para o século XX.

O cronista fala de sua participação nos jogos de futebol e as características dos jogadores estrangeiros, sempre fazendo referência ao discurso do seu local de origem, no caso, o jogador alemão falando do Kaizer e o inglês com o estilo “britânico de jogar”. Assim como podemos perceber os grupos de atletas ligados aos estudantes provenientes das elites, como Hugo Leão, pertencente a um time de “boêmios” que participava dessa prática esportiva e era um estudante da escola militar no Rio de Janeiro.

Esses estrangeiros que jogavam futebol, citados no relato anterior, nos possibilita entender a prática futebolística na região amazônica como relacionada inicialmente ao momento de avanço do capitalismo monopolista europeu. Pois, esse contexto provocou a chegada de materiais oriundos da Europa e os grupos de estrangeiros, no porto de Belém, como no porto de Manaus. Esta expansão do contato dos europeus com as cidades da Região Amazônica foi um fator importante que possibilitou uma ampliação das relações das pessoas que residiam em Belém e Manaus com as novidades da modernização europeia, dentre elas a prática do futebol, nos clubes das respectivas cidades.

A cidade de Manaus, apesar de não estar no âmbito do nosso objetivo de pesquisa histórica, também participou, assim como Belém do processo de “*boom*” das práticas esportivas, como o futebol, rúgbi, tênis, pedestrianismo, remo, dentre outros¹⁴⁴. Ou seja, apesar dos indícios da prática do futebol ter se desenvolvido, primeiramente, em Belém, esclareço o leitor de que não estou buscando valorizar um possível “mito de origem” sobre a prática desse esporte na nossa região. Procuro entender as experiências dos sujeitos e seus significados durante as partidas, que ocorriam na cidade belenense. Isto não minimiza o papel

¹⁴⁴ NORMANDO, Tarcisio Serpa. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua Belle Époque. Revista digital, Buenos Aires, ano 12, nº 112. Setembro de 2007. . Sobre as práticas esportivas em Manaus e a comparação com as práticas esportivas em Belém, temos o trabalho sobre o contexto da ditadura militar nessas duas cidades, que é um contexto diferenciado, mas que nos possibilita enxergar as atividades futebolísticas nas duas cidades da região amazônica em destaque. MAGALHÃES, Letícia. Deixem disso, amigos bons da grande Amazônia”: futebol é arte tanto em Belém como em Manaus. (1967-1975). (Artigo) Natal: XXVII Simpósio nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. ANPHUR, 2013. Autora também pesquisa sobre o futebol feminino na capital paraense com outros trabalhos: _____. Futebol é coisa de mulher: participação feminina no futebol paraense (1960-1979). TCC. Belém: História, IFCH/UFPA, 2005. _____. Memória, futebol e mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. (1980-2007). Monografia de Especialização. Belém: História, IFCH/UFPA, 2007.

dos grupos sociais e seus *Sportmen* que buscavam se estabelecer na cidade de Manaus, a partir de um ideário europeu e seu discurso civilizatório.

O discurso sobre a cidade moderna podia ser visto também em Manaus, como afirma, Francisca da Costa, no seu trabalho sobre a cidade nos anos de 1900 a 1915, onde as demolições no centro urbano representavam para as elites locais uma busca por uma Manaus ideal. A renovação do parque arquitetônico e bens culturais objetivavam suplantar a imagem de atraso, do anti-progresso ligado à pobreza, trazendo para dimensão pública o encantamento com as cidades europeias, principalmente Paris. Esta cidade, na visão dos grupos elitizados, fazia contraponto à Manaus real, lugar onde os trabalhadores, pobres urbanos habitavam vilas e cortiços de alvenaria e contemplavam os “avanços” da cidade “civilizada”¹⁴⁵.

Quanto ao cenário esportivo da cidade “moderna”, Tarcísio Normando destaca no seu artigo, a Amazônia Esportiva em sua *Belle Époque*, que o estilo *Sportman* foi bem recebido em Manaus, assim como todos os costumes estrangeiros o foram. Tais práticas se tornaram “febre” principalmente entre os mais jovens, que ainda buscavam uma ocupação ou não tinham assumido grandes responsabilidades no meio social¹⁴⁶.

A narrativa construída por Tarcísio Normando nos possibilita compreender como a chegada do futebol, no espaço de Belém do Pará e Manaus, estava relacionada ao padrão de discurso civilizatório europeu do período, que foi ressaltado por Francisca Costa, ao pensar o espaço da capital manauara. Uma análise da cidade que segue, a partir do olhar historiador sobre a prática do futebol em Belém e Manaus, um caminho que se interliga a narrativa histórica de Ana Maria Daou, na obra “A belle époque amazônica”¹⁴⁷. Vale ressaltar que o estudo desta autora é mais abrangente, pois, não tem como foco somente o desenvolvimento do esporte na região.

A obra de Ana Maria Daou enfatiza o período final do século XIX e início do XX, momento em que prevaleceu o discurso de “bela época”, uma expressão de euforia e do triunfo de uma sociedade burguesa europeia, que se notabilizou por conquistas materiais e tecnológicas a partir de uma ampliação das redes de comercialização em vastas áreas do globo antes consideradas isoladas, que aos poucos foram incorporadas a dinâmica da economia internacional.

¹⁴⁵ COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana. Manaus, 1900-1915. In: FENELON, Déa Ribeiro. Cidades. São Paulo: PUC/Olho d’gua, 1999. p.p. 85-127.

¹⁴⁶ NORMANDO, Tarcísio Serpa. Op. Cit.

¹⁴⁷ DAOU, Ana Maria. A belle époque amazônica. Rio de Janeiro: 3ª edição, Jorge Zahar editora, 2004. p.p. 7-8.

Foi nesse momento histórico que Otoni Mesquita destacou em sua obra “Manaus: história e arquitetura (1852-1910)”¹⁴⁸, a cidade de Manaus ao entrar no século XX com o aspecto visual transformado, diferente do vilarejo que prevaleceu no período monárquico. Manaus tinha se tornado “moderna com uma aparência mais europeia” e experimentava “as delícias do consumo num delírio característico da Belle époque”. Isto é, se observamos as modificações na cidade destacadas pelo autor, podemos entender de maneira análoga o caso do desenvolvimento das práticas esportivas na cidade de Manaus que seguiu, primeiramente, um processo que envolveu o discurso de modernidade, progresso e civilização, assim como aconteceu em Belém do Pará.

É importante enfatizar que Otoni Mesquita, pesquisador nascido no Amazonas, ao publicar sua obra, colocou para o grande público sua dissertação de Mestrado, defendida em 1992, na UERJ. Não é um historiador de formação. Sua visão está ligada à sua formação em artes plásticas e história na pós-graduação e também na área de jornalismo. No entanto, como o objetivo do seu trabalho foi estudar a arquitetura e as reformas urbanas na cidade de Manaus, nos anos de 1852 a 1910, é possível vermos os indícios dos discursos que ocorreram na capital amazonense e também pensarmos Belém do Pará, a partir da sua reestruturação urbana, que estava caminhando junto com o desenvolvimento da prática esportiva¹⁴⁹.

Ana Maria Daou, ao refletir sobre a relação entre Belém do Pará e Manaus, nesse contexto que o discurso de civilização europeia se expandiu pelo planeta e a exploração da economia gomífera aumentou na região amazônica, nos mostra as discrepâncias entre as elites das duas capitais do ponto de vista das origens sociais e de sua composição. No Pará, as elites eram bastante heterogêneas, eram grupos formados por proprietários de terras, comerciantes, pecuaristas além dos setores urbanos formados por funcionários públicos que descendiam dos portugueses. Em Manaus, havia uma elite de formação recente, ligada aos segmentos urbanos, comerciantes e profissionais liberais. No entanto, para a autora é possível termos uma aproximação entre as duas capitais e falarmos de uma expansão do discurso capitalista na região¹⁵⁰.

Esse trabalho de Ana Maria Daou sobre as duas capitais amazônicas nos permite pensar que em ambos os espaços urbanos as práticas esportivas foram inicialmente difundidas

¹⁴⁸ MESQUITA, Otoni Moreira de. *Manaus: História e Arquitetura, 1852-1910*. Manaus: Editora Valer, 3ª edição, prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006. p. 121.

¹⁴⁹ Idem. p.p.15, 17, 19.

¹⁵⁰ Ibidem. p.p. 8-9.

e praticadas pelos grupos das elites locais, assim como outros costumes e modismos ditados pelo discurso de progresso e civilização europeu.

No caso dos eventos esportivos em Manaus, os estrangeiros promoviam tais atividades, no geral, nos seus domínios particulares. Os igarapés passaram a ser locais de disputas de esportes náuticos, paralelamente, a fundação de clubes esportivos por estrangeiros, assim como os brasileiros usavam as viagens de recreio, os banhos de rio como espaços e momentos de lazer ligados aos clubes familiares.¹⁵¹

De maneira contraditória ao discurso de *Belle époque* amazônica, Ednea Mascarenhas Dias, enfatiza no seu trabalho acadêmico “A ilusão do Fausto, Manaus, 1890-1920”, como a capital amazonense é tomada por uma onda imigratória muito grande, não somente por brasileiros, que vinham de outras regiões, mas, também por estrangeiros que vinham de diversas regiões do mundo. Os brasileiros buscavam trabalho, atraídos pelas notícias de riquezas e o sonho de fazer fortuna¹⁵².

Nesse contexto, a cidade recebeu uma quantidade de sujeitos que ocuparam diferentes atividades e também os excluídos do mercado de trabalho, que passaram a compor o grupo de desempregados e carentes. O espaço urbano, que estava pautado no discurso civilizatório, foi transformado para atrair mais investidores estrangeiros para urbe e reproduzir a sua própria contradição, baseada na experiência de sujeitos que vivenciavam o outro lado da vida urbana em Manaus¹⁵³.

Esse processo migratório também ocorreu em Belém do Pará e seus distritos. Os motivos para esse fato não estavam simplesmente ligados ao desenvolvimento da economia da borracha na região, mas, aliados também ao processo implementação de políticas de colonização agrícola através da imigração estrangeira no Pará, como forma de produção de riquezas e povoamento dos “vazios demográficos”¹⁵⁴.

Na imagem, a seguir temos um retrato do local, no ano de 1899, que os imigrantes que vinham em busca de trabalho e sobrevivência, se hospedavam na Ilha de Outeiro. Esse local estava relacionado ao projeto de colonização durante o governo Paes de Carvalho no Pará. Portanto, apresenta uma idealização da migração europeia para a Amazônia, marcada pela fartura e prosperidade, como sugere o registro.

¹⁵¹ Idem ibidem. p. 44.

¹⁵² DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do Fausto: Manaus(1890-1920). Manaus: editora Valer, 2ª edição, 2007. p.p. 117-119.

¹⁵³ Idem.

¹⁵⁴ Ibidem.

Imagem 4: Hospedaria de imigrantes na ilha do Outeiro. 1899.



Fonte: ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO, p. 34.

Vários estrangeiros, no final do período Imperial e início do período Republicano, vieram em busca de melhorias de vida, trabalho e possibilidade de riqueza. Muitos passavam pela cidade de Belém e depois seguiam para a colônia agrícola, como no caso da colônia de Benevides nos anos de 1875-1877. Outro grupo que chegava à região era formado por migrantes nordestinos, introduzidos logo depois dos estrangeiros nas áreas de colônias agrícolas. Muitos desses nordestinos, principalmente cearenses também moravam e circulavam na capital paraense¹⁵⁵.

Dessa forma, comparando resquícios da realidade das duas cidades mais importantes para a região amazônica do período, é possível perceber indícios das características comuns desse processo de expansão capitalista que proporcionou uma “modernização” nas cidades e explica como se desenvolveram as práticas esportivas entre os variados sujeitos, principalmente em Belém.

¹⁵⁵ EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia (1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Belém: NAEA, 2008. p.p. 116-124. Também é possível entender a chegada dos migrantes nordestinos na obra LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916). Op. Cit.

No caso específico do futebol, a última Copa do mundo realizada no Brasil foi relevante para pensarmos a prática desse esporte na Amazônia. A ideia da relação entre o passado e o presente na construção da narrativa histórica, nos leva a uma crítica acadêmica sobre a construção da Arena Amazônica, localizada na cidade de Manaus, mais de cem anos depois da chegada desse esporte, trazido na “bagagem dos funcionários ingleses”, para servir de “palco” para a partida de futebol entre a seleção inglesa e a italiana, no dia 14 de junho de 2014¹⁵⁶.

Essa partida significou mais que uma lembrança de uma prática esportiva, que tinha importância para o mundo do futebol atual, mas, uma “peleja futebolística” que possibilitava, para um olhar mais atento, lembrar que esse primeiro momento da prática futebolística na região, no final do XIX e início do XX, estava voltado ao “auge das relações comerciais do primeiro ciclo da borracha, trazendo chuteiras, bolas e uniformes na bagagem, dando início a propagação do *Football*.”¹⁵⁷ Como já foi dito anteriormente, o futebol regional teve uma expansão ligada à propagação do capitalismo internacional e seus sujeitos, que aportavam nos estados do Pará e do Amazonas.

Os ingleses que vinham para a capital paraense, citados anteriormente, segundo a obra *Belém da Saudade*¹⁵⁸, estavam ligados aos representantes e funcionários dos bancos: *English Bank* e *London and Brazilian Bank*; e da Empresa *Symons & Co* de Liverpool. E também estavam ligados aos serviços de viação urbana, iluminação pública e distribuição de energia pelo sistema elétrico da empresa *The Pará Electric Railways and Lighting Company Limited*. Empresa que segundo Ernesto Cruz, no dia dezoito de dezembro de 1905, celebrou com o Intendente Antonio Lemos o contrato para atuar em Belém. Esteve presente como representante da *Pará Electric*, o Comendador e cidadão inglês Henry Swales.¹⁵⁹

Além dos imigrantes ingleses, que estavam trazendo as práticas *sportivas*, como fruto dessa expansão econômica e cultural do capitalismo internacional, vários outros grupos de estrangeiros chegaram à região amazônica nesse contexto histórico do final do século XIX e início do XX, dentre eles, podemos citar italianos, libaneses, sírios, espanhóis, alemães,

¹⁵⁶ Reportagem escrita sobre a Copa do Mundo no Brasil, realizada no ano de 2014. BARROS, Thiago & ALENCAR, Jocelyn. Uma breve história sobre o football na Amazônia. in: *Revista Amazônia viva: Amazônia, terra do futebol. No mês da Copa do mundo no Brasil, conheça como o esporte que se tornou paixão nacional chegou a região no início do século XX. Belém: O Liberal*, edição nº 34, ano 3, Junho de 2014.

¹⁵⁷ Idem. p.p. 36-43.

¹⁵⁸ *Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais*. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 26

¹⁵⁹ CRUZ, Ernesto. *As obras públicas no Pará*. Volume II. Belém: Governo do Estado do Pará, 1967. p.p. 46-47.

franceses, portugueses e japoneses. Estes imigrantes aportavam em Belém por motivos variados, que na maioria das vezes estava ligado ao trabalho nas colônias, no comércio local ligados ao capital gerado pela economia gomífera.

Como a imigração é um fato social que envolve duas sociedades, esse encontro entre a cultura local e a dos imigrantes influenciava nas práticas cotidianas na capital paraense¹⁶⁰.

Segundo Luiz Carlos Ribeiro, os imigrantes que vieram para o Brasil de maneira significativa, ajudaram a fundar clubes de futebol no início do século XX. Concentrados em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, esses grupos humanos contribuíram direta ou indiretamente para “disseminação dos esportes em geral e para fundação de clubes esportivos, em especial o futebol”¹⁶¹.

Todo esse processo de práticas esportivas, imigração e discurso civilizatório estava inserido no contexto no qual “o projeto de modernização que as elites locais em associação com o grande capital internacional desejavam, previa uma ação disciplinadora do espaço público, mas, legitimada pelos princípios liberais e de autonomia dos indivíduos e das instituições”¹⁶².

A chegada dos imigrantes europeus nas capitais amazônicas (Belém e Manaus) proporcionou a fundação de clubes que estavam voltados para o lazer e a sociabilidade desses grupos humanos. As ideias de Luiz Carlos Ribeiro nos possibilitam pensar no cotidiano desses clubes na capital paraense e de que forma ocorreu essa interação entre os sujeitos da terra, as elites locais e os imigrantes a partir do esporte, principalmente, o futebol.

Alguns clubes que foram fundados na nossa capital, durante a primeira metade do século XX, tiveram uma influência estrangeira. A Tuna Luso Caixeiral, foi fundada em 1903¹⁶³, por um grupo de portugueses, que chegaram durante as festas de final de ano de 1902. O Itália Sport Club foi criado em 13 de maio de 1926¹⁶⁴, por um grupo de italianos, que

¹⁶⁰ EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira (1850-1950). Belém: NAEA, 2013. p.p. 19-23.

¹⁶¹ RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. Revista digital- Buenos-Aires – ano 8 – nº 56 – Enero de 2003.

¹⁶² Idem.

¹⁶³ Quadro de associação portuguesas criadas no período de 1854-1954. A Tuna Luso Brasileira é citada no ano de 1902. Sua fundação está ligada ao processo de imigração portuguesa no Pará. A tabela foi construída pela autora no ano de 2000. Nessa tabela são citados mais 13 associações portuguesas. EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações na Amazônia brasileira. Op. Cit. p.p. 54; DA COSTA, Ferreira. Memorial cruzmaltino. Belém: 2012. p.p. 14-15.

¹⁶⁴ Itália Sport Club, Fundado em 13 de maio de 1926. Estatuto dos Clubes CMA/UFPA CX 03, DOC. 35. ano 1926. Tabela em anexo, bairro do Reducto. EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia (1870-1950):

trabalhavam na área do Reduto. O Clube e Associação de operários Bôa Fama¹⁶⁵, criada por antigos operários da fábrica Bôa Fama¹⁶⁶. Os donos dessa fábrica que foi fundada em 1902 eram italianos. O Cedro Sport Club e o Syrio Sport Club, que estavam relacionados à imigração Sirio-libanesa no Pará, foram fundados no contexto da primeira metade do século XX¹⁶⁷.

A possível participação da associação de operários Bôa Fama, nos jogos de futebol, aparece a partir do ano de 1938, na imprensa esportiva, entretanto, temos indícios de que seus “jogadores” poderiam participar das partidas desde a fundação da fábrica, já que esses imigrantes conheciam tais práticas esportivas e depois fundaram esses clubes.

Outro clube que temos indícios de que seus fundadores eram imigrantes italianos, foi o Palestra Esporte Clube (Itália)¹⁶⁸. Essa suspeita ocorre devido a terminologia “palestra” ter o significado próximo a “ginásio” em português, o que lembraria as práticas esportivas para os Italianos.

Theodorico Rodrigues descreve no seu Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)”¹⁶⁹ os jogos e o cotidiano esportivo de clubes de bairros populares e considerados elitizados de futebol belenense. Na sua obra aparece a descrição da sede do Clube Palestra que se localizava no bairro do Jurunas. No entanto, segundo o autor, o referido clube foi

pioneirismo econômico e identidade. Op. Cit. p. 235. _____. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira. (1850-1950). Op. Cit. p. p. 131-132.

¹⁶⁵Tabela em apêndice e anexo, bairro do Reduto, contendo as seguintes fontes: *A semana* 05/11/1938, Festival suburbano em homenagem ao prefeito abelardo condurú, vários bairros. Salões de festas na cidade. *O liberal* 24 11 51. RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit. p. 32 que ele cita que o Bôa Fama foi uma agremiação de operários da extinta fábrica Bôa Fama. Sobre a Fábrica Boa Fama que possivelmente deu origem ao clube temos duas obras: EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia(1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Op. Cit. p 181 e p. 235. _____. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira. (1850-1950). Op. Cit. p. p. 131-132.

¹⁶⁶ O clube Boa fama surgiu junto com a associação por isso foi colocado como a mesma instituição. Conforme nota 147.

¹⁶⁷ O Cedro Esporte Clube, fundado 08 de março de 1925, Estatutos dos clubes, 1951, Cx 07, doc 13, CMA/UFPA, Grêmio da colônia libanesa – Bailes – *O Liberal*, 31 01 1952; *O Liberal*. 08/02/1952. Syrio Sport Club, 08/03/1925 Estatutos dos clubes.CMA/UFPA, CX 05, DOC. 35, ano 1942. *A Folha do norte*, 05 set 1931, Festival do batutas do Tenoné, com a presença de DE CAMPOS RIBEIRO, homenageando a beleza das mulheres. Sobre esse processo de imigração EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações na Amazônia brasileira. Op. Cit. p.p. 168-170. Tabela de ambos os clubes em apêndice e anexo, o primeiro clube citado como “sem bairro”, pois, não foi possível encontrar a localização de sua sede social. O segundo, de acordo com os jornais citados, pertencia ao bairro de Nazaré.

¹⁶⁸ Temos indícios da fundação desse clube por italianos e sua sede se localizar no Jurunas. Primeiro, devido a terminologia Palestra ser italiana, e seus Clubes representarem uma busca por uma identidade dos sujeitos ligada as suas tradições vindas do território italiano. Segundo, devido a possibilidade de mudança de Palestra Itália para Palestra Esporte Clube no contexto da Segunda Guerra Mundial. Conforme o que aconteceu com o Palmeiras, em São Paulo e o Cruzeiro, em Minas Gerais, cuja a primeira terminologia foi Palestra Itália, como referência a essa busca por uma identidade Italiana dos imigrantes no Brasil. Essas informações sobre o termo Palestra e a mudança de nomes dos clubes estão no site da Sociedade Esportiva Palmeiras e do Cruzeiro Esporte Clube.

¹⁶⁹ RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op.cit.

fundado por membros da família Fonseca. Esse nome, Fonseca seria de origem portuguesa, porém, com uma terminologia italiana para o Clube de futebol¹⁷⁰. Esse é um indício que o Palestra é um clube formado por italianos em Belém, citado anteriormente como Palestra Itália.

Nessa discussão, o mais importante para este trabalho é o entendimento de que os imigrantes que estavam chegando a Belém poderiam estar envolvidos no contexto de lazer, ao mesmo tempo, em que buscavam uma reelaboração ligada à identidade do seu local de origem e o contato com os grupos sociais que residiam na cidade. Tal prerrogativa, nos dá indícios maiores de ser o Palestra um Clube formado por Italianos que circulavam no bairro do Jurunas.

Em relação à criação do Itália Sport Club, é possível perceber na leitura do seu estatuto, que os seus sócios eram imigrantes italianos, que buscavam trabalho na região. A fundação do clube, segundo Marília Emmi, significava uma forma de construir a identidade de grupo na cidade ou local que esses sujeitos tinham escolhido para trabalhar. O que é possível perceber na descrição dos seus Estatutos sobre a prática de jogos e lazer. Conforme fragmentos abaixo:

“(...) Cap I –

Art. 1º - O Itália Sport Club, fundado em 23 de maio de 1926, em Belém do Pará, onde tem sua sede, é uma sociedade sportiva, tendo por objectivo promover entre os associados à prática de todos as sortes de jogos e exercícios athleticos, principalmente, o jogo de ‘Foot Ball’ bem como outras diversões. (...)

(...)

A COMISSÃO ORGANIZADORA

José de Mello Monteiro – Relator

Laurestino Soares – membro

Edgar Pina – membro

Felix Antonio – membro

DIRECTORIA

Presidente – Francisco Addario

Vice – José Lins Torres

1º Secretário – Edgar Pina

2º Secretário – Laurestino Soares

Thesoureiro – Nicola Chiappetta

Director sportivo – Antonio Varella Mesquita.

SÓCIOS FUNDADORES

¹⁷⁰ Tabela em Apêndice e anexo, bairro do Jurunas, contendo as seguintes fontes: *A semana* 30/01/1932, Nos subúrbios. 12º aniversário do Palestra – Clubes em festa – 17 02 1952 – *O liberal*; RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit.. P. 32. Uma agremiação da família Fonseca p. 32. Esse clube aparece como suburbano, e também não aparece sua data de fundação. E computado no ano de 1932 quando aparece na Revista *A semana* e no livro de Theodorico Rodrigues, citado anteriormente.

Antonio Stravalhi, Antonio Moraes Maia, Astorpho Barsottelli, Alfredo Gustavo Guimarães, Cosme Stravalhi, Castellani Biagio, Clodomiro Franco, Domenico Ammoscato, Dionysio Ricardo, Francesco de Tommaso, Francesco Adario, Francesco Tancredi, Felix Antonio, Francesco Falesi, Francesco Maradei, Francesco Paixão, Giuseppe de Tommaso, Giuseppe Amato, Giuseppe Longo, Giuseppe Grisólia, Giuseppe Gazzango, Giuseppe Macri, Giovanni Calfa, Giuseppe Murosine, Giuseppe Addario Fligio, Giovanni Pigmataro, Giovanni Mileo, João Pinto, Luigi Ventimiglia, Michelle Del Tetto, Mario Falesi, Nicola Chiapetta, Nicola Tancredi, Thuríbulo Nunes Barreiros, Ugo Furini, Zacharias Brandão Castro, Quintilho Del Pomo.(...)”¹⁷¹

Percebe-se aqui a quantidade de pessoas que participaram da fundação do clube Itália. Nomes familiares, que se formos levantar em documentos diversos, ainda hoje perduram no nosso meio social, como “De Tomazo, Adário, Del Tetto, Chiapetta,”¹⁷² dentre outras famílias. O jornalista da *Folha do Norte* Laurestino Soares¹⁷³ também aparece como sócio fundador do clube formado pelos italianos e no ano de 1932 tornou-se sócio honorário do Clube São Domingos.¹⁷⁴

Um dos pontos que nos chama atenção é a preocupação desse grupo de imigrantes europeus com atividades ligadas ao lazer em geral. No caso, o *football* é destacado explicitamente pela comissão que construiu o estatuto. Esse fato nos indica a possibilidade dos associados do clube gostarem mais dessa prática esportiva, apesar de mencionarem outras atividades atléticas.

Outro ponto interessante sobre o Itália, citado no trabalho é que ele não aparece nos trabalhos de Marília Emmi¹⁷⁵ nem como clube de elite, nem suburbano. Era um clube de imigrantes. Somente nos casos do Palestra e do Bôa Fama é que os mesmos figuravam como clubes suburbanos, a partir da nossa interpretação das fontes que os destacavam nos festivais

¹⁷¹ Itália Sport Club, Fundado em 13 de maio de 1926. Estatuto dos Clubes CMA/UFPA CX 03, DOC. 35. Ano 1926. Tabela em anexo, bairro do Reducto.

¹⁷² Essas famílias destacadas aparecem quando é feita a pesquisa na internet. O sobrenome Adário aparece no trabalho de Letícia Magalhães nos seus agradecimentos com destaque para João Adário, dirigente do Clube Fuzuê no anos de 1970. MAGALHÃES, Letícia. “Futebol é coisa de mulher”: participação feminina no futebol paraense. TCC. Belém: História/IFCH/UFPA, 2005.

¹⁷³ Laurestino foi cronista esportivo do Jornal *Folha do Norte*. Sócio do Clube São Domingos e fundador do Clube Itália. Essa participação na fundação de um clube esportivo nos leva a pensar que o referido cronista estava no meio esportivo e escrevia sobre os subúrbios. Pois, como já foi dito, se tornou sócio do São Domingos. Sobre a referência de Laurestino Soares como cronista ver: DA COSTA, Ferreira. Gigantes do futebol Paraense: Biografias de jogadores de destaque em 100 anos de história. Vol. I. Belém: Halley S.A. Gráfica Editora, 2014. p. 314.

¹⁷⁴ Laurestino Soares. Ficha de sócios do São Domingos. nº 28. Sócio honorário no dia 19 de abril de 1932. Arquivo do clube São Domingos. Pesquisa realizada nos meses de setembro a dezembro de 2014.

¹⁷⁵ EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia(1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Op. Cit. p. 181 e p. 235. _____. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira. (1850-1950). Op. Cit. p. p. 131-132.

esportivos¹⁷⁶. O primeiro por fazer referência ao bairro popular, como o Jurunas e o segundo pela participação de Operários da Fábrica Bôa Fama.

Mas é importante compreender que noção de clube suburbano depende do discurso jornalístico que o veiculava. É possível que tal referência seja relacionada ao tipo de campeonato ou torneio. Geralmente, ao observar as fontes, quando um clube participava de festivais somente com clubes de bairros a imagem criada pela imprensa era de suburbano. Quando participavam Remo ou Paysandú, o torneio se transformava em grande festival, mesmo que fosse contra clubes de bairros. Assim, o que concluímos, é que, na verdade, essa relação passava muito pelo discurso do cronista esportivo.

Segundo Ferreira da Costa, o jornal *Folha do Norte* de 19 de abril de 1932, destaca uma proposta do Luso Brasileiro para que clubes da Liga Esportiva Paraense dissidente da Federação Paraense de Desportos participassem do campeonato daquele ano. Dentre os clubes convidados estava o Itália, no entanto não houve acordo e, o referido clube, participou apenas do torneio do início do campeonato paraense de 1932, um período conturbado no futebol na capital¹⁷⁷.

Sobre os clubes de origem sírio-libanesa, o estatuto do Cedro Esporte Clube e Syrio Sport Club, deixava claro o objetivo da fundação dos clubes esportivos. Conforme fragmento abaixo:

“(...) a) tratar cuidadosamente do desenvolvimento físico, moral e intelectual dos seus associados promovendo jogos, torneios, conferencias e concursos e mantendo uma biblioteca.
b) criar diferentes secções de esportes.
c) promover recepções, festas e outras diversões.
d) a sociedade terá a duração de tempo indeterminado.(...)”¹⁷⁸

“(...) tratar cuidadosamente do desenvolvimento físico, moral e intelectual dos seus associados, promovendo jogos, torneios, conferências e concursos e mantendo uma biblioteca.
b) crear diferentes secções de sports.
c) promover recepções festas e outras diversões proveitosas.(...)”¹⁷⁹

¹⁷⁶ RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit.. P. 32. O autor citar ambos como clubes suburbanos.

¹⁷⁷ DA COSTA, Ferreira. Parazão Centenário: a história do campeonato paraense de futebol. Op. Cit. p.p. 52-57.

¹⁷⁸ Cedro Esporte Clube, fundado 08 de março de 1925, Estatutos dos clubes, 1951, Cx 07, doc 13, CMA/UFPA.

¹⁷⁹ Syrio Sport Club, 08/03/1925 Estatutos dos Clubes. CMA/UFPA, CX 05, DOC. 35, ano 1942.

A fonte destaca como os clubes de origem Síria e Libanesa, na capital paraense, estavam voltados para o discurso de desenvolvimento da cultura da diversão, festas e a prática esportiva. Essas características em ambos os estatutos estavam relacionadas aos “atributos morais dos seus sócios”, um discurso inerente ao contexto de criação dessas normas. Essa normatização do cotidiano dos sócios foi construída de maneira semelhante tanto no Syrio quanto no Cedro. Um fator que corrobora com os discursos existentes por parte dos setores abastados quanto à prática esportiva e sua representação social.

A análise das fontes nos faz perceber que os estatutos dos clubes Cedro e Syrio foram criados num contexto diferente. O estatuto do primeiro foi criado em 1952 e, do segundo, em 1941. Dessa forma, a criação dos estatutos ocorreu após a criação dos clubes – ocorrida em 1925 -, nos apontando indícios de que, em alguns momentos, as normas escritas dos clubes eram produzidas após uma construção de experiências dos sujeitos em torno de seu cotidiano de lazer. Isto é, o contexto de criação dos clubes Cedro e Syrio estava alicerçado nas práticas culturais e experiências dos grupos de imigrantes na capital, nos anos de 1920, enquanto os seus estatutos foram criados depois em momentos diferenciados, o primeiro nos anos de 1940 e o segundo nos anos de 1950.

Esta observação nos ajudou a entender como catalogar os clubes por bairros e por períodos sem confundir a sua data de criação com a consolidação dos estatutos de cada clube, haja vista que o período de criação do clube nos ajuda a perceber o contexto histórico vivenciado pelos sujeitos, enquanto, a análise dos estatutos nos ajuda a compreender os discursos dos grupos sociais em torno da prática esportiva.

A partir dessas fontes, é possível pensar os festivais esportivos que funcionavam nos diversos clubes, como parte de um cotidiano de lazer e atividade física que envolvia os diferentes setores sociais da cidade, nos dias de jogos de futebol ou de disputas esportivas diferenciadas, com característica também percebida nos clubes de imigrantes que passavam a morar na cidade.

As elites locais, por exemplo, participavam inicialmente de disputas no âmbito dos seus clubes e, com o passar do tempo, os setores populares que participavam de forma indireta das disputas esportivas, passaram a ampliar a sua participação com a criação de diversos clubes, principalmente, após participarem dos torneios futebolísticos.

Essa participação dos grupos populares nas práticas esportivas possivelmente se intensificou com a chegada de migrantes nordestinos nos bairros mais pobres, uma vez que

tais sujeitos vivenciavam o cotidiano de bairros sem o recurso disponibilizado pelo poder público, deixando explícita a contradição da construção de Belém como “cidade moderna.”

Nesse sentido, a modernização urbana era destinada a que grupo social? A resposta estava fora dos bairros como Nazaré, por exemplo, e localizada nos espaços cujo cotidiano estava ligado às casas de palha, ruas sem calçamento e falta de saneamento.

Sobre esses locais, José Dias Junior no seu estudo sobre o bairro do Guamá, destaca uma imagem do bairro ligada às casas de madeira, com telhados de palha, que perduravam no ano de 1999, nos quais, os moradores pertenciam aos grupos mais pobres da cidade. Esta visão de outra realidade da cidade foi dita por uma das pessoas entrevistadas pelo autor no ano de 1999, Dona Maria de Nazaré, que na época estava com setenta e seis anos. Segundo os moradores, ela deveria ser entrevistada por “contar muitas histórias do Guamá antigo”¹⁸⁰ e devido sua memória que lembrava um bairro do Guamá que possuía uma maior quantidade desse tipo de construção.

Essa discrepância de modernização entre os bairros também foi encontrada pelos médicos que visitavam Belém, no ano de 1904. Segundo eles:

“(...) A Avenida Nazaré prolonga-se pela Avenida Independência quase com a mesma feição e vai ter a uma vasta praça ainda não beneficiada pela municipalidade, e bem merecedora de melhoramento por sua boa topografia. Nesta Praça está situada a estação inicial da estrada de ferro de Bragança. Voltamos pelo Bonde do Umarizal, atravessando a princípio ruas de bom aspecto; logo depois, porém, entramos num bairro que punha a descoberto defeitos da cidade: casebres, barracões e palhoças de pindoba ao lado de boas casas, emergindo de todas de um terreno pantanoso, aproveitado em certos lugares para o plantio de capinais. Em certas ruas não calçadas desse bairro a lama detonava que por lá não havia políticos que tivessem sido vereadores. Esta impressão de que certas partes da cidade estão edificadas em terrenos baixos e alagadiços, nós a colhemos em vários outros passeios de bonde (...)”¹⁸¹

¹⁸⁰ Nessa dissertação, o autor trabalha com a relação entre passado e presente baseado nos resquícios das habitações do bairro e na memória dos seus entrevistados, no caso a senhora Maria de Nazaré de 76 anos á época da entrevista. DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outra práticas culturais em um bairro da periferia de Belém. Dissertação(Mestrado), PPHIST/UFPA, 2009. p.p. 50-51

¹⁸¹ Nesse trabalho, os médicos Adolfo Lindenberg e Vitor Godinho descreveram suas impressões sobre três Estados do Norte do Brasil, no ano de 1904, Amazonas, Pará e Maranhão, a partir da estadia e das viagens as respectivas capitais: Manaus, Belém e São Luís. Tudo por conta de um surto de bubônica em São Luis.O trabalho desses viajantes é importante para a tese no sentido da descrição com detalhes dos bairros centrais de Belém, a ligação da cidade com o rio e o cotidiano de uma outra cidade que não era a que estava passando por um processo de modernização, apesar dos autores estarem passeando mais pelo centro urbano do que pelos bairros mais populares. LINDENBERG, Adolfo & GODINHO, Vítor. Norte do Brasil através do Amazonas, do Pará e do Maranhão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011. p.91

As práticas esportivas, inicialmente, estavam ligadas aos grupos das elites locais como símbolo da busca por um padrão europeu pautado no discurso de modernidade. Tais grupos festejavam essa “euforia” quando nos finais de semana participavam de atividades de lazer urbano, voltadas às práticas de esporte náutico e também o futebol.

No Jornal *A Folha do Norte* do dia 27 de março de 1915, sábado, temos o destaque do cronista, no editorial *Sports*, para as atividades esportivas entre sujeitos que pertenciam aos clubes “Pinheiro Foot-Ball Club” e as atividades da “Liga Paraense de Foot-Ball”.¹⁸²

O primeiro, clube esportivo da Vila do Pinheiro estava aproveitando o espaço no periódico para “convidar brevemente a todos os clubs de ‘foot-ball’ desta capital para irem treinar na Villa daquele nome, em dia que será previamente designado”. O segundo, a entidade esportiva da capital paraense, naquele momento estava gerenciando as atividades “oficiais” de futebol na cidade. A notícia destacava “a Sessão da Directoria” que estava sendo presidida pelo Senhor Abel Chermont, Presidente da LIGA, com a presença dos Delegados do Remo, Paysandú, Panther, Brazil-Sport, Guarany, União Esportiva e Alliança e membros da “Commissões de informações e foot-ball”. Nesta Sessão estava sendo decidida a desfiliação de clubes futebolísticos, a filiação de novos clubes, mudança de cores de uniforme de um clube filiado e a participação dos clubes nas rendas dos jogos que estavam ocorrendo no campo da empresa dos “Srs Ferreira e Commandita”, hoje o campo do Paysandú, na Avenida Almirante Barroso, que ocorreria sob a fiscalização da Liga¹⁸³.

Essas notícias de práticas esportivas, na cidade de Belém corroboram com as ideias de Cleber Dias o qual argumenta criticamente sobre o desenvolvimento da prática do *football* no Brasil ligada às grandes metrópoles, no caso, as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Para o autor, o desenvolvimento das práticas esportivas tem uma conexão muito forte com o desenvolvimento da cidade nos grandes centros do Brasil, porém, capitais como Belém do Pará, tiveram um desenvolvimento dos *sports* paralelo e autônomo em relação ao que acontecia no Rio de Janeiro e em São Paulo¹⁸⁴.

O desenvolvimento dos *sports* não teria ocorrido simplesmente em um ponto do país, como às vezes, se sugere. Ele irradiou-se de vários pontos, causando dificuldade de

¹⁸² Jornal *Folha do Norte*, *Sports*, 27/03/1915.

¹⁸³ Idem.

¹⁸⁴ DIAS, Cleber. Esporte e cidade: balanços e perspectivas. Revista Tempo I, vol 17, nº 34, Dossiê uma história do esporte para um país esportivo. UFMG. Publicação: 17/10/2012.

afirmação de um centro responsável pela dinâmica esportiva no Brasil da transição do século XIX para o XX. O caso brasileiro sugere que em algumas situações, o desenvolvimento das práticas esportivas ocorreu em locais pouco ou nada urbanizados. Nesse caso, Belém é um exemplo ilustrativo das pluralidades e formas dos trajetos da disseminação do esporte no Brasil, conforme Cleber Dias ¹⁸⁵.

Esse trabalho de Cleber Dias nos ajuda a pensar sobre as pesquisas das práticas esportivas em Belém do Pará no sentido de entendermos essa dinâmica inicial do desenvolvimento dos *sports* alicerçada às disputas entre os sujeitos dos Clubes das elites locais e seu contato com os grupos de migrantes que circulavam pela região.

Na imagem abaixo, temos um exemplo desse desenvolvimento da dinâmica esportiva na capital paraense entre o final do século XIX e início do século XX.

Imagem 5 – Velódromo em Belém.



Fonte: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 265.

O fotógrafo retrata o momento da prática do ciclismo em Belém, na sede da Associação Dramática e Recreativa, no período de transição do século XIX e início do século XX. Nesta foto é possível perceber os sujeitos que participavam do ciclismo no velódromo. Este evento esportivo ligado ao ciclismo serve de exemplo para entendermos o contexto da construção histórico-social das atividades esportivas na urbe e o caráter simbólico que estava atrelado aos seus praticantes.

Segundo os viajantes médicos, Adolfo Lindenberg e Vitor Godinho, que passavam pela capital paraense nos anos de 1904, o lazer dos grupos elitizados estava ligado às “ilhas balneárias de Mosqueiro e Pinheiro onde vão veranejar as famílias mais abastadas da

¹⁸⁵Idem.

cidade de Belém. Linhas de Pequenos vapores tornam fácil a comunicação.¹⁸⁶ Em seguida, os viajantes descreveram uma das características da cidade, quando estavam chegando para vivenciarem parte do cotidiano da capital no qual “A correnteza em toda parte do rio é extraordinária quando coincide com a vazante, pelo que a nossa subida não foi rápida, dando-nos tempo de examinar a paisagem, que oferece pouca coisa de interessante: um rio largo(...)”¹⁸⁷

Essa característica regional de abundância das águas de rio nos leva a pensar em como os *sports* náuticos tiveram um bom ambiente para se desenvolverem em Belém. A peculiaridade do cotidiano ligada ao rio nos proporciona indícios de como a prática esportiva náutica estava presente nos clubes, principalmente, naqueles que estavam voltados para esses setores mais abastados da capital paraense.

Seguindo esta linha de estudo e observando a relação de grupos elitizados de Belém com a prática esportiva podemos nos utilizar das ideias de Ricardo Pinto dos Santos que destaca no seu artigo intitulado “Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro”¹⁸⁸ a complexidade do entendimento da dinâmica das práticas esportivas nas cidades, como o Rio de Janeiro, no início do século XX.

Esta complexidade está ligada ao processo histórico de modernização do espaço urbano e aos valores da sociedade em geral. Valores que estavam pautados na herança escravocrata que definia as relações sociais daquele período. O que explica o fato de a maioria das atividades de lazer dos clubes estarem ligadas aos jovens da elite carioca, principalmente, quando se tratava de esportes como o turfe e o remo.

Os esportes aquáticos eram o que faziam o maior sucesso no período, mas fundamentalmente o *football* foi o esporte que possibilitou um acesso maior dos setores populares às atividades esportivas, apesar de também seguir o modelo aristocrático e fazer sucesso entre esse setor da sociedade carioca.¹⁸⁹

A ideia de Ricardo dos Santos sobre a prática de esportes aquáticos pelos *sportmen*, nos clubes esportivos do Rio de Janeiro, estarem ligadas a essas elites aristocráticas

¹⁸⁶ LINDENBERG, Adolfo & GODINHO, Vítor. Norte do Brasil através do Amazonas, do Pará e do Maranhão. Op. Cit. p. 85.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ SANTOS, Ricardo Pinto. Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro. In: TEIXEIRA, Francisco Carlos & SANTOS, Ricardo Pinto do. (organizadores) Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ, 2006. p.p.. 33-54.

¹⁸⁹ Idem.

se conecta ao pensamento de André Schetino sobre “o mundo em disparada”¹⁹⁰ que caracteriza as primeiras décadas do século XX.

Por isso, se utilizando das ideias de André Schetino, fazer um estudo do desenvolvimento desses esportes é pensar no mundo em constante modificação e uma maior participação dos setores elitizados, assim como acontecia no Rio de Janeiro. Também, assinalava-se um processo histórico semelhante nas cidades brasileiras, como Belém e seus grupos de jovens das elites locais, que buscavam um padrão de comportamento social “moderno”. Como o caso do jogador do Paysandú Suisso, conforme relato abaixo:

(...) o Guarany deliberando entregar cinquenta por cento da arrecadação a que tinha direito por inteira, ao filhinho de “Suisso”, presta uma commovente homenagem de saudade àquella que foi o maior de seus jogadores e que lhe deu a preferência de escolha quando chegou à sua terra natal vindo do estrangeiro, onde se educára(...) ¹⁹¹

Segundo André Schetino, na sua obra “Pedalando na modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o século XX”, o mundo moderno é marcado pelo seu “extremo dinamismo e velocidade,” já que, o cotidiano dos sujeitos, principalmente nas cidades europeias, estava ligado, nesse contexto, à diversidade de uso da bicicleta, um objeto que inicialmente nasce “moderno e veloz” e passa ser um representante do discurso de progresso e modernidade¹⁹².

Dessa forma, utilizando as ideias de André Schetino, a prática de esportes pelos sujeitos na capital paraense e seus clubes esportivos, no início do século XX, estava voltada ao discurso europeu de progresso, que criava um cotidiano de lazer inicialmente dos setores elitizados, que se baseavam em parâmetros das cidades europeias. E em seguida, os grupos menos abastados que reelaboravam, de acordo com suas experiências, as atividades esportivas que ocorriam na cidade.

Os esportes náuticos eram outra prática esportiva bastante difundida entre alguns clubes na cidade. A imagem a seguir, nos mostra uma fotografia de uma reportagem sobre as atividades esportivas em Belém, divulgada na Revista *A Semana*, do dia 08 de fevereiro de

¹⁹⁰ O autor faz uso da frase de Antony Giddens em sua obra: “modernidade e identidade” publicada em 2002. SCHETINO, André Maia. Pedalando a modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2008. 13-14.

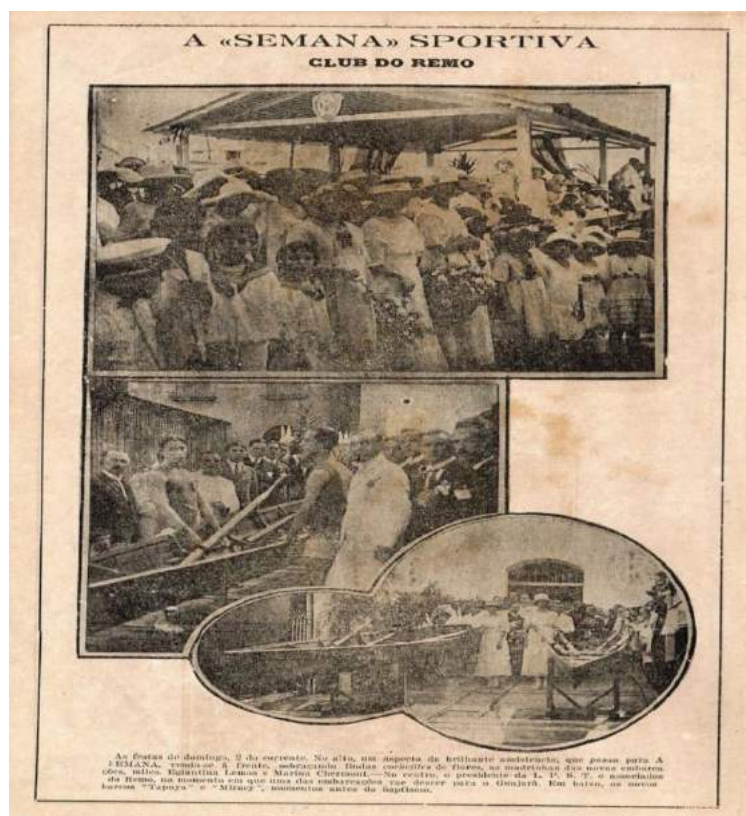
¹⁹¹ Noticiário sobre a morte de Suisso, atleta do Paysandú e do Guarany de São Braz, no qual, ocorre um relato de sua ida a Europa para estudar e a sua volta para jogar no Guarany. Revista *A Semana*, 15/07/1922.

¹⁹² SCHETINO, André Maia. Pedalando a modernidade: a bicicleta e o ciclismo na transição do século XIX para o XX. op. Cit. 13-15.

1919, um periódico semanal que destacava notícias relacionadas às elites locais, no qual, é possível perceber a quantidade relevante de pessoas que estavam na sede náutica do Clube do Remo juntamente com atletas e dirigentes. Estes participavam ativamente da prática esportiva na capital.

Os atletas, inclusive, algumas vezes, também disputavam partidas de futebol, dentre outras atividades esportivas, que movimentavam a cidade nos finais de semana, como esse evento esportivo destacado na fotografia. Dentre os presentes, temos a participação de mulheres junto ao público, na sede náutica do “time azulino” e que em seguida participaram do “batismo” das embarcações.

Imagem 6 - Um festival esportivo na sede náutica do Clube do Remo.



Fonte: Revista *A Semana*, 08/02/1919.

Essa fotografia está dividida em três imagens que, como foi especificado anteriormente, fazia parte de uma notícia da Revista *A Semana* que mostrava as festas na sede náutica do Clube do Remo, no Domingo, dia 02 de fevereiro de 1919.

A notícia dessas festas saiu na Revista no dia 08 de Fevereiro de 1919. Abaixo da fotografia, no seu rodapé, temos a descrição da festa esportiva, em linhas gerais, segundo o

cronista, que ressalta na primeira fotografia “um aspecto brilhante da assistência que posou para *A Semana*, vendo-se a frente sobrançando lindas corbeilles de flores as madrinhas das novas embarcações, Mlles. Englatina Lemos e Marina Chermont.”

Na segunda fotografia, mais ao centro, temos o destaque para o “presidente da L.P.S.T. e associados do Remo, no momento em que uma das embarcações vae descer para o Guajará.” E na terceira fotografia “em baixo, os novos barcos ‘Tapuya’ e ‘Miracy’, momentos antes do baptismo”.

Essa descrição do cronista na revista *A Semana* nos mostra como os grupos sociais da elite regional tinham suas práticas de lazer vinculadas aos clubes considerados elegantes na cidade, como o Clube do Remo. Nesse caso, a participação das mulheres com suas roupas no estilo europeu nos mostra como a sociedade belenense dos setores sociais de prestígio viam a prática esportiva na cidade como vitrine da vida “elegante”.

Apesar da data da reportagem ser do ano de 1919, é perceptível através desse discurso do cronista ainda a valorização dessas relações de batismo dos barcos pelas mulheres dos setores abastados, por exemplo, como continuidade desse discurso de “superioridade europeia” a partir das práticas cotidianas dos sujeitos com suas roupas e poses fotográficas para a referida revista.

Essa reportagem destacada pela Revista *A Semana* do dia 08 de fevereiro de 1919, que mostra um festival esportivo com a participação dos *Sportmen* na sede náutica do Clube do Remo, é também enfatizada por Ernesto Cruz, Na sua Obra “História do Clube do Remo” que cita cada sujeito eleito como membro da diretoria do Clube e sua participação no evento. Dentre eles, temos o Presidente, Dr Nilo Penha, o seu vice-presidente, Benjamim Bolonha, e o seu primeiro secretário, Elzemann Magalhães¹⁹³.

As senhoritas Englatina Lemos e Marina Chermont, que aparecem na fotografia anterior, foram servir de madrinhas das embarcações chamadas “Tapuia” e “Miraci” e são citadas por Ernesto Cruz. Dentre os *Sportmen* que estavam recebendo as medalhas das provas atléticas disputadas no dia 26 de janeiro último, estava Geraldo Mota¹⁹⁴, Luis Horácio de Lima, Diretor dos esportes náuticos e, Benjamim Bolonha, que tinha sido eleito vice-

¹⁹³ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo, de 1905 a 1969. Op. Cit. p. 134.

¹⁹⁴ Destaque para Geraldo Mota, o *Sportman* Rubilar do Clube do Remo e do União Esportiva, considerado “atleta completo”. DA COSTA, Ferreira. Gigantes do futebol Paraense, biografias de jogadores de destaque em 100 anos de história. Belém: Haley S.A. gráfica e editora, vol I, 2014. p.p. 266-267. Rubilar também circulou nos Clubes Suburbanos como o São Domingos. Livro de registro dos sócios, p. 158. nº 316, registrado como Geraldo Mota. Não consta a data.

presidente do Clube. Ao final da festa no salão de honra foi inaugurado um retrato do Dr Gama Malcher Filho em homenagem aos grandes serviços prestados ao Clube do Remo¹⁹⁵.

Outro fato ligado aos esportes náuticos foi noticiado na revista *A Semana* do dia 29 de maio de 1920, no qual, o cronista D.A.C. destaca na seção Náutica depois do grande sucesso do *match* entre Remo e Paysandú foi “o casamento da Federação Paraense de Sports Náuticos com o Conselho de Regatas do Pará”¹⁹⁶.

No livro “História do Clube do Remo”, de Ernesto Cruz, é destacado outro festival que se realizou no próprio campo do Clube do Remo, no domingo, dia 26 de janeiro de 1919, cuja descrição do evento passava pelos elogios “um grandioso festival esportivo”. Clubes, como o Sport Club of Pará, participaram da “magnífica festa”. Este clube, por exemplo, levou outro *Sportman*, chamado de Benjamim Sodré, conhecido pelo “apelido” de Mimi Sodré, Tenente da Marinha, atleta do Botafogo do Rio de Janeiro e do selecionado brasileiro de futebol¹⁹⁷ e sua turma de crianças “muito bem treinadas para prática de ginástica”.

O evento que ocorreu no campo do Clube do Remo consistia em provas de corrida de 100 metros, salto em altura com corrida, lançamento de dardo, estafetas, luta de tração, exercícios de ginástica, lançamento de martelo, corrida de barreiras -100 metros, salto em comprimento com corredores e salto em altura com trampolim¹⁹⁸.

Essa participação dos membros das elites locais nos mostra que os esportes náuticos eram “modismos” importados da Europa, assim como o *football*, que chega a Belém na transição do século XIX para o século XX, juntamente com outras atividades esportivas.

Abaixo, uma descrição feita pelo cronista da *Jairo* da Revista *A Semana* do dia, cujo Redactor Chefe era o jornalista Rocha Moreira, destacando os vários esportes praticados em Belém na transição do século XIX para o século XX:

Divagações esportivas

¹⁹⁵ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo, de 1905 a 1969. Op. Cit. p. 134.

¹⁹⁶ “Casamento” entre a Federação Paraense de Sports Náuticos com o Conselho de Regatas do Pará. Revista *A Semana* 29/05/1920.

¹⁹⁷ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 133. Destaque para o histórico do *Sportman* Benjamim Sodré, que chegou a ser presidente da Liga Paraense de Sports Terrestres (LPST) 1917, do Paysandú, 1918, Liga Paraense de Sports Náuticos (LPSN) 1919 e neste mesmo ano foi presidente do YOLE. DA COSTA, Ferreira. Gigantes do futebol Paraense, biografias de jogadores de destaque em 100 anos de história. Op. Cit. p.p. 212-213.

¹⁹⁸ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 133.

(...) No Sport Club, com o hipismo, no velódromo paraense, com o ciclismo, os torneios náuticos e os campeonatos de pébol, onde pontificaram com pujança o Pará Club, Belém Club e União Esportiva, taes eram fontes de aplicação salutar na vida dos músculos(...) ¹⁹⁹

Essa ideia da participação dos membros da elite pode ser vista pela própria participação do presidente da Liga Paraense de Sports Terrestres que estava presente no evento náutico, conforme relato do cronista, na fotografia do festival esportivo, conforme destaque na imagem número seis, que retrata o festival.

1.3– A prática do “chic e distinto” *football*.

A dinâmica inicial da prática do *football* foi construída ao longo dos anos por variados sujeitos, com ela uma série de modificações nas relações e construções culturais da sociedade paraense. O “modelo de vida esportiva” europeia influenciava no cotidiano dos sujeitos durante os momentos de lazer desses setores sociais. Seus encontros e discussões durante os jogos criavam um ambiente de sociabilidade que indicam relações com a política, com o lazer e com os grupos menos abastados que acompanhavam os jogos em praça pública.

A partir dessa prerrogativa, Ferreira da Costa apresenta a possibilidade de que a entrada do futebol em Belém do Pará tenha ocorrido por volta do ano de 1896, quando algumas partidas desse esporte estavam sendo praticadas na área da Praça Batista Campos. Esses indícios estão baseados nos relatos dos jornalistas Paraenses Julio Linch²⁰⁰ e Loris Baena²⁰¹, e do pesquisador F. F. Cunha²⁰² e de relatos jornalísticos contidos na Obra “História do Clube do Remo” de Ernesto Cruz, todos descritos nos trabalhos de Ferreira da Costa ²⁰³.

¹⁹⁹ Revista *A Semana*, 01/01/1921.vº 04, nº 144.

²⁰⁰ José Julio Corrêa Linch, Jornalista, foi editor de esportes do Jornal *O Liberal*, e pesquisador paraense, neto de ingleses que trabalhavam na cidade de Belém no início do século XX, falecido em 1998. Buscava através das pesquisas sobre futebol paraense considerar Belém como o primeiro local a praticar futebol no Brasil. Ideia que desconstrói o mito de origem de Charles Muller e o primeiro jogo DE futebol em São Paulo. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense. op. Cit. _____. Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p. 11. BARROS, Thiago. As marcas britânicas do futebol na Amazônia. (Partes 1,2 e 3.) Escrito no dia 21/08/2014. .

²⁰¹ Loris Baena Cunha, jornalista e historiador do futebol brasileiro. Paraense, residente no Rio de Janeiro, advoga a tese de que haveria registros de uma partida de futebol entre funcionários de companhias inglesas em Belém no ano de 1890. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense. op. Cit. _____. Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p. 11. BARROS, Thiago. As marcas britânicas do futebol na Amazônia. (Partes 1,2 e 3.) Escrito no dia 21/08/2014. .

Essa informação corrobora as memórias da infância de Ernesto Cruz, que faz referência a outros locais, como o largo de São Braz, onde as crianças e os jovens se reuniam todos os domingos e feriados para assistirem treinos, partidas de futebol feitas nos campos improvisados entre clubes da cidade, como descrita a seguir:

Acostumei-me desde o ano de 1913, a ir todos os domingos e feriados ao largo de São Braz, para assistir aos treinos e às partidas, que ali num campo improvisado, eram disputados entre os Clubes da terra. Destes mereciam minha atenção de menino afeiçoado aos esportes, o Grupo do Remo- que usava nos treinos camisa azul e branca com linhas horizontais; a União Esportiva, camisa branca e preta, listras verticais; o Internacional, uniformes todo branco e o Norte Clube chamado Time Negro, por causa das camisas inteiramente pretas.²⁰⁴

Os ingleses se destacaram como o grupo de estrangeiros que tiveram grande importância para o desenvolvimento dessa prática esportiva no Estado do Pará, contribuindo de forma direta para o começo das ligas de futebol, na nossa capital, pois, muitas famílias abastadas mandavam seus filhos para estudar na Europa, como o caso do famoso jogador Suisso do Paysandú²⁰⁵.

Essa situação é explicada devido à própria facilidade de locomoção para o Velho Continente e também pelo contato com os funcionários das companhias comerciais, telegráficas, energia elétrica, dentre outras empresas estrangeiras, que mantinham ligações econômicas com a região, proporcionando um desenvolvimento do *Football* na capital do nosso estado.²⁰⁶

²⁰² F.F. Cunha segundo a descrição de Edgar Proença no ano de 1944, foi “o melhor que eu conheço ate hoje, sôbre o assunto, devemos a F.F. Alvez Cunha, um velho desportista e jornalista, que durante longo tempo trabalha afincadamente no esporte paraense. Há alguns anos porém, êle se aposentou das *lides* da imprensa e do esporte, e daí por diante ninguém mais escreveu sobre o que ocorreu em dias passados, agitados, gloriosos e sombrios”. *O Estado do Pará 09/04/1944*. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense. op. Cit. _____. Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p. 11. BARROS, Thiago. As marcas britânicas do futebol na Amazônia. (Partes 1,2 e 3.) Escrito no dia 21/08/2014.

²⁰³ Entrevista com o jornalista Ferreira da Costa com o Título: “Bola cheia de História” no qual o cronista relata sobre a história do futebol no Pará, incluindo os locais onde eram praticados os primeiros jogos de futebol em Belém, informando algumas características das partidas que eram realizadas na Praça Batista Campos. *Revista Troppo*, nº 269, pp. 6-7 encartado no *jornal O liberal* no dia 13/01/2002. Ver também: DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense, Belém:1999, vol. I. Há uma referência a esses jogos no livro a História do Clube do Remo Ernesto Cruz p.p. 19, nº 4, Futebol em 1896.

²⁰⁴ Relato dos jogos que ocorriam no largo de S. Braz, Belém, no ano de 1913. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo, de 1905 a 1969. Op. Cit. p. 9.

²⁰⁵ Noticiário sobre a morte de Suisso, atleta do Paysandú e do Guarany de São Braz, no qual, ocorre um relato de sua ida a Europa para estudar e a sua volta para jogar no Guarany. *Revista A Semana*, 15/07/1922.

²⁰⁶ Sobre os ingleses em Belém: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. Op. Cit. p. 26. CRUZ, Ernesto. As obras públicas no Pará. Op. Cit. p.p. 46-47.

Sobre esse contato entre brasileiros e ingleses temos uma descrição do noticiário da Revista *A Semana* do dia 19 de agosto de 1922:

(...)No campo do Paysandú

Do encontro realizado entre um quadro inglês de *Hildebrand* que se achava em nosso Porto, e o principal do Paysandú. Venceu este último por 7 x 0 bolas.

Os ingleses que se diziam optimos jogadores, não passam de “sopas”, sendo vencidos com uma facilidade espantosa, estes visitantes estrangeiros tem apanhado cada uma surra dos “caipiras”(....)²⁰⁷

Dessa maneira, é possível perceber que o contato dos sujeitos que possuíam tradições esportivas ligadas ao discurso de modernidade possibilitou aos belenenses a prática do *football*. Esta prática ocorria juntamente com os funcionários das empresas estrangeiras e a juventude dos setores mais abastados da sociedade que foram estudar na Europa ou que mantinham contato com os europeus. Esse contato possibilitou que os estudantes, os funcionários ingleses fossem agentes preponderantes para que as primeiras exibições do futebol ocorressem em nossa capital.

Sobre esse assunto, José Sergio Leite Lopes afirma que o futebol na Grã-Bretanha, com a disputa da taça da Inglaterra, em 1872, seguia um curso popularizante até com a aceitação de um profissionalismo nas áreas de fronteira. No caso da prática futebolística em outros locais do globo, como o Brasil, por exemplo, no mesmo período, seguia-se um processo inverso, pois, o futebol estava alinhado a uma rede de contatos que as relações prévias e espontâneas das elites locais estabeleciam com os membros das elites inglesas e suas instituições. Foram os jogos esporádicos entre equipes de funcionários de companhias inglesas e de jovens que iam estudar na Europa a iniciativa de fundarem clubes esportivos para a prática do *Football*, dentre outros *sports*.²⁰⁸ No Brasil, somente anos mais a frente, a partir da década de 1920, é que o futebol seguiria os passos de um processo de popularização.

Um relato abaixo, destaca no início do século XX como foram organizadas as primeiras partidas de futebol em Belém e quais os sujeitos que participavam:

²⁰⁷ Uma partida de futebol entre ingleses e o time do Paysandú. Revista *A Semana* 19/08/1922, nº227.

²⁰⁸ LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio H. M. et al (org.) *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2004, p. 125

“(...) efetuou-se no domingo 11 de março de 1906, às 4, 30 da tarde, um jogo de futebol entre dois bons disputantes da época. A partida foi realizada na praça de S. Braz, estando os dois conjuntos assim formados:

Lloyd

Redigg e Clissold

Wright, Melio e White

Dehr, Balley, Compton, Delfim Guimaraes, e A. Andrade.

O outro conjunto disputante foi este:

Bill Balley

Timbridge e Breach

Wesley, Ruiz e Borges

J. Borges Alves, C. Andrade, P. Palmério, Danin e Weitzman

Diziam os jornais daquele tempo que o time que tivesse LLOYD no goal sairia vencedor. (...)”²⁰⁹

O relato retirado da obra de Ernesto Cruz, acima, evidencia que muitos dos belenenses participavam da prática do *Football*, nos seus momentos iniciais em Belém, juntos com os sujeitos de origem inglesa. Este contato simbolizava uma ideia de aproximação com o discurso europeu de civilização e afastamento do discurso de atraso sobre locais como a cidade belenense e a região amazônica, que aparecia no imaginário dos grupos europeus e principalmente das elites locais.

As tradições culturais das populações da região²¹⁰ eram confrontadas por um processo de modernização baseado no discurso de progresso europeu, no qual, os nomes ingleses dos jogadores e das posições de cada um durante as partidas de futebol, nos finais de semana, nos momentos de lazer representavam essa dinâmica esportiva e social.

Nesse sentido, de maneira análoga, os clubes que foram fundados na cidade seguiam o padrão destacado por José Sergio Leite Lopes, no qual, afirma que no caso do Rio de Janeiro e São Paulo, esses espaços serviam como um lugar urbano de sociabilidade, onde se prolongavam através das atividades físicas e esportivas os salões, saraus, que reuniam as famílias nos seus sobrados, no início do século XX. Os jogadores, inclusive participavam dos bailes dos clubes, já que, o fato dos mesmos praticarem *Football* era apenas uma das várias características de um modo de vida da elite.²¹¹

²⁰⁹ Relato sobre um jogo de futebol na área de S. Braz. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 24.

²¹⁰ A ideia de “tradições culturais das populações da região” significa a ligação dos sujeitos com a floresta, rios, com o porto, as condições de vida nos seus bairros. No início do século XX, pelo levantamento que foi feito dos bairros a maioria não possuíam acesso a estrutura urbana que estava sendo desenvolvida em bairros como Nazaré, por exemplo. Por sua vez, bairros como a Sacramenta são destacados por memorialistas como bairro populares e que se caracterizavam por uma quantidade de matas e construção de ambientes chamados de rústicos. PIMENTA, Guilherme. Sacramenta, 90 anos de História, 1922 a 2012. Belém: Cromos, 2013. p. 17 e 18.

²¹¹ LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. Op. Cit. p. 127

Percebe-se pela leitura da fonte acima que os jogadores tinham nomes ingleses e que a partida de futebol estava sendo realizada no campo da praça Floriano Peixoto, em São Braz, um dos locais que são citados como ambientes cotidianos das práticas futebolísticas na cidade.

No relato jornalístico da Revista *A Semana* do dia 07 de fevereiro de 1920, temos os indícios de como ocorriam esses encontros sociais a partir das práticas futebolísticas:

(...) A nota elegante

A nota elegante desta semana foi sem dúvida o primeiro match da temporada pernambucana.

Nem só as rodas sportivas, mas também as elegantes se preocuparam vivamente com grande pugna footballistica. O jogo bretão, com sua vertigem febril e empolgante, atraiu ao ground do Clube do Remo. O que Belém possui de chic e distinto na sociedade, na política e nos sports.

Dest'art o match de domingo, sem embargo da chuva diluvial que inundou a cidade, foi um verdadeiro acontecimento mundano(...)

Judex²¹²

Nessa partida de futebol das equipes do Clube do Remo, citada pela Revista *A Semana* contra a equipe pernambucana do América, que estava participando da “temporada pernambucana”, percebe-se que o discurso da crônica esportiva estava com ênfase para o que Belém possuía de “chic” e “distinto” no meio social. O jogo de *football* não representava somente uma “pugna” que os meios esportivos estavam ansiosos por ver, mas também um “*match* de domingo” que atraía as rodas mais “elegantes” que se preocupavam com os jogos de futebol.

É nesse sentido, por uma busca de distinção social dos sujeitos, que se pensa nos materiais que eram importados para a prática futebolística, como a bola de *football*, por exemplo. Assim como, uma série de outras mercadorias, que eram comercializadas na região oriundas do “Velho Mundo”. A compra desses materiais esportivos nos proporciona indícios de que essa circulação de mercadorias, além da relação de mercado, representava uma tentativa de hegemonia cultural europeia, que existia através da circulação de capital simbólico.

Dessa forma, o capital financeiro que circulava em Belém, também era acompanhado de mercadorias que representavam o modo de vida europeu. Estas simbolizavam o que era mais “progressista” e “moderno” na época, no sentido de costumes e

²¹² Revista *A Semana*, 07/02/1920. Vol. 02, nº 97.

tradições que tentavam minimizar a cultura local em relação as nomenclaturas, tradições e costumes que vinham do “Velho Continente”.²¹³

Assim, por volta de 1906, Ernesto cruz ressalta que em Belém do Pará ocorreu o primeiro campeonato de *Football*²¹⁴, com várias equipes com nomes ingleses, inclusive para as posições dos jogadores. Entretanto, segundo Ferreira da Costa esse primeiro campeonato futebolístico, teve o seu início e não teve um fim, devido “divergências que o tumultuaram”. Eram disputas que ocorriam nos jogos dos *Sportmen*, com partidas que aconteciam no Largo de São Braz, na Praça Floriano Peixoto, um dos campos de futebol que existiam na capital paraense.²¹⁵ Esses jogos mostram uma dinâmica esportiva que estava alicerçada aos discursos de progresso e civilização que ainda eram relacionadas no ano de 1906 ao discurso de *Belle Epoque*.²¹⁶

Esta dinâmica esportiva possibilitou que no ano de 1908 fosse criada a Liga Paraense de Futebol que pediu apoio ao Intendente de Belém, no ano de 1913, Dionysio Bentes, político influente no âmbito local, para construção de uma área fixa no largo de São Braz para ser cercada e onde os clubes da Liga pudessem jogar melhor, além de autorização para construção de um palanque para as autoridades acompanharem os jogos²¹⁷.

O pedido para o intendente Dionysio Bentes, tinha explicação, já que, mais tarde o referido político, no ano de 1925, chega a assumir o governo do Estado, e no âmbito esportivo

²¹³ Sobre o avanço capitalista temos a analogia do “trem fantasma” que “assombra e encanta” no período temos: HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma- a ferrovia madeira-mamoré e a modernidade na selva. Op.cit. p.p. 33-39. É feito uma analogia para o processo de exploração das riquezas locais com a compra de materiais oriundos da Europa e costumes tradições que circulavam com esse mercado capitalista, citado por Maria de Nazaré Sarges, na sua obra, “Belém: riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912) op. Cit. p.p.82-83 e em “Memórias do Velho Intendente: Antonio Lemos (1869-1973) op. Cit. com destaque para a descrição de que Belém, em 1924, era uma cidade em ruínas segundo um artigo que foi publicado no *Imparcial* que tinha como referência um momento em que Lemos teria deixado a urbe “nos moldes da civilização europeia” p.p. 197-201. Sobre a expansão capitalista do período do século XIX os britânicos são colocados com uma economia forte e um Estado suficientemente agressivo para conquistar os mercados dos seus competidores e uma conjuntura econômica que permitia que se lançasse à indústria algodoeira e à expansão colonial. HOBBSAWM, Eric. A era das revoluções: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 24ª edição, 1977. p.57.

²¹⁴ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. 1905-1969. Op. Cit. p.p. 33-34.

²¹⁵ DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. op. Cit. pp. 7-9. _____ Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p. 13-14.

²¹⁶ Sobre essa analogia do esporte e o discurso da *Belle Epoque* já foi ressaltado anteriormente com a as ideias contidas nessa obra: SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a *belle-époque* (1870-1912) op. Cit. p.p.82-83

²¹⁷ DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. op. Cit. pp. 7-9. _____ Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p. 13-14.

foi um dos sujeitos que participava do controle do futebol, cujo padrão de regras dos jogos, uniformes se baseava no modelo inglês.²¹⁸

Esse famoso modelo inglês para o “jogo da bola” surgiu para definir regras de um esporte, que segundo especialistas muitos “povos” praticavam desde a antiguidade. Entretanto, o futebol praticado com regras, que conhecemos atualmente, apareceu na Inglaterra, no período do século XIX, momento em que os ingleses dominavam o mercado mundial, sendo uma das principais potências econômicas.

Alguns estudiosos afirmam que o *football* e o *rúgbi* surgiram ao mesmo tempo, durante os mesmos jogos e passatempos. O grupo de adeptos que iniciaram essas práticas, criou a “hegemonia” dos esportes com bola, no qual, os jogadores do esporte que se dominava a bola com os pés ganhou mais força. Para se diferenciar dos que achavam que o jogo de bola deveria ser feito também com as mãos, foi criado um grupo que elaborou regras específicas para o *football*, a “Internacional Board,” surgindo o modelo inglês de se praticar esse esporte.²¹⁹

Com a ampliação dos laços comerciais dos ingleses com outros países, o futebol foi difundido pelo planeta com grande receptividade em alguns locais, como o Brasil. Nesses locais, o esporte ganhava adeptos, e inicialmente a obediência às regras do “esporte bretão” significava seguir para os sujeitos pertencentes as elites locais um modelo europeu de viver. Esse “modismo” possibilitou além do lazer, mercado consumidor, renda, uma tentativa de construir prestígio social junto às pessoas que demonstravam ter uma ligação com este ritmo de vida dita “civilizada.”²²⁰

Uma outra fonte, nos possibilita enfatizar justamente essa discussão sobre o futebol como representação da modernidade tão difundida no início do século XX pelos sujeitos que pertenciam as elites locais ou que gostariam de pertencer a estas:

²¹⁸ O modelo de futebol praticado em Belém na época estava bastante associado ao padrão inglês de jogar bola, inclusive com a criação de entidades que regulavam as regras do esporte. Talvez aí uma explicação da Pará Futebol Liga em 1906 e depois a criação da Liga Paraense de futebol em 1908. Dionísio Bentes foi um político de bastante influência nas primeiras décadas do século XX. Foi intendente de Belém no ano de 1913 e chegou a chefiar o executivo estadual no ano de 1925. ROQUE, Carlos, História Geral de Belém e do Grão-Pará. Belém: Distribel, 2001. p.187.

²¹⁹Filme “History of football Fifa 2005”. Destaca uma história do futebol a partir do olhar da FIFA. Uma história oficial contada pela maior entidade do futebol mundial. Ver também: TOLEDO, Luis Henrique de. No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2000. p.p.70-71. SANTOS NETO, João Moraes dos. Visão de jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. 13-37.

²²⁰ Idem.

De um comentarista da época destacamos esse trecho: é-me grato registrar que o campo se achava devidamente calcado e marcado de acordo com as regras do jogo britânico, e mais ainda que os jogadores mostraram-se verdadeiros *sportmen* obedecendo fielmente as decisões do *referee*, não havendo, durante o jogo, um *foul* sequer.²²¹

As próprias palavras *referee*, *foul*, *sportman* tinham como significado em português árbitro, falta e homem dos esportes (homem-atleta) respectivamente, entretanto, a escrita e a pronúncia em inglês, dentre outras situações, de maneira sutil possuía uma representatividade de reverenciar o padrão de civilização europeu, no caso o inglês.

Os nomes de jogadores, os lances das partidas, a referência aos árbitros, destacados na fonte anterior mostrava como havia o cuidado e o destaque por parte dos primeiros praticantes do *football* e da própria nascente imprensa esportiva, em lembrar que o jogo contrariava o que era considerado antiquado ou um passado colonial presente no dia-a-dia da cidade, isto é, praticar *Sports* significava para os seus *Sportmen* caminhar pelos trilhos do “progresso”, que neste raciocínio levaria a uma sensação pessoal de “modernidade” por parte desses sujeitos.

É importante salientar que esse processo de construção histórica, no qual, as elites locais belenenses estavam embebidas no padrão europeu de cultura, levando-as a práticas esportivas que minimizavam um cotidiano regional, prevalecia uma valorização do discurso do modo de vida inglês ou francês. Em contrapartida boa parte do operariado inglês praticava o *Football*, nesse mesmo momento que essas elites de Belém buscavam praticar esse esporte como uma “moda” elegante, isto é, na Inglaterra o *Football* já era popular enquanto no Brasil, as marcas de uma pretensão “elegante”, de maneira geral, ainda era a principal representação dos indivíduos que o praticavam.

Assim, o início do século XX é marcado pela criação de uma Liga futebolística, conforme destaca Ernesto Cruz nos fragmentos do seu Livro abaixo:

²²¹ Relato sobre como os praticantes do soccer buscavam se aproximar ao máximo das regras inglesas, inclusive pelos próprios nomes. Esse relato ocorreu no jogo entre Remo e Guarany no dia 13 de maio de 1913, partida realizada em comemoração a abolição da escravidão. CRUZ, Ernesto. A história do Clube do Remo. op. cit. p. 54.

“(...) campeonato de futebol

Na sede do Sport Clube estiveram reunidos, no dia 19 de novembro de 1906, os representantes de varias associações esportivas com a finalidade de darem andamento a idéia da criação da Instituição denominada – ‘Pará Futebol Liga’, para disputa do campeonato de futebol deste estado. até aquela data já se achavam inscritos os seguintes Clubes: Pará Futebol Clube, Pará Clube, Esporte Futebol Time, Clube Recreativo, Brasil Clube, Clube Esportivo e Internacional Futebol Clube.(...)”²²²

“(...) primeiro jogo do campeonato de 1906

No domingo 16 de dezembro defrontaram-se no campo da praça Floriano Peixoto com a presença de numeroso público, avultando o comparecimento de senhoritas da sociedade paraense, o primeiro do jogo de campeonato disputado em Belém. Os contendores foram: Pará Futebol Clube – Belém Futebol Clube.(...)”²²³

“(...) campeonato Oficial do Pará

Estava marcado para o domingo 29 de junho, no campo da praça Floriano Peixoto, o jogo inaugural do campeonato de futebol do Pará naquele ano.

Em nome da Diretoria da Liga, o Sr. T.H. White convidou o Sr. Dr. Dionisio Bentes, Intendente de Belém, e o D. Enéas Martins, governador do Estado, e compareceram a cerimônia.

O jogo será arbitrado pelo Sr. José da Gama Malcher, ajudado pelos esportistas do Grupo do Remo Galdino Araújo e Aimée Feio. A partida inauguração oficial do campeonato de 1913 foi travada entre as equipes do internacional e União Esportiva, que terminaram o jogo empatados em 2 X 2.

O 2º Match do campeonato foi travado entre Norte Clube (camisa preta e calção branco) e Panther Clube (cores azul e branco).

Venceu o Norte Clube por 2 X 0. O Norte Clube era também chamado time Negro.(...)”²²⁴

As fontes descrevem a participação de personalidades importantes, como o prefeito de Belém, Dionísio Bentes e o governador do Estado, Enéas Martins à época, durante as partidas de futebol na cidade.

A ampliação dessa prática futebolística no Pará nos possibilita perceber que apesar das fontes descreverem a participação desses políticos no processo de popularização do *football*, o objetivo para que tais sujeitos implantassem um campeonato no Pará, estava relacionado mais ao lazer e ao prestígio social dos grupos elitizados.

Na verdade, esses integrantes dos clubes de futebol eram prestigiados por praticarem um esporte tipicamente europeu, e menos pela participação de setores populares

²²² Relato sobre a organização de um campeonato de futebol no nosso estado. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Idem. p. 33.

²²³ Relato do primeiro jogo do campeonato de futebol organizado em 1906, que foi disputado no largo de São Braz, na época tinha o nome de praça Floriano Peixoto. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Ibidem p. 34. Ver também: CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. pp. 116, 122, 126.

²²⁴ Relato sobre o campeonato de 1913 que teve como colaboradores o prefeito de Belém Dionysio Bentes e o Governador do Estado Enéas Martins. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 55.

nesses jogos, principalmente, por estarem envolvidos em disputas políticas que envolviam o governo estadual e municipal muitas vezes.

Os sujeitos sociais que tomaram parte das ações que implantaram entidades esportivas baseadas nos modelos europeus, principalmente, os modelos de clubes relacionados aos campeonatos de futebol que ocorriam na Inglaterra, pertenciam a grupos sociais considerados abastados, como o caso dos políticos, que muitas vezes tinham formação acadêmica, muitos estudaram na Europa e Estados Unidos. E gozavam de um bom prestígio nas relações sociais da nossa capital.

Citado no relato anterior, o Senhor José Carneiro da Gama Malcher, pode ser mencionado como um desses sujeitos que participavam do futebol para demonstrar o seu conhecimento e prestígio social, o que era comum para os integrantes do “Bola-pé” em Belém, no início do século XX.

José da Gama Malcher²²⁵ foi político aliado de Lauro Sodré, sendo seu Secretário de Fazenda, e durante os anos de 1930 participou dos conflitos que ocorreram na capital paraense na época da posse de Magalhães Barata, no qual, mais tarde se tornou Interventor do Estado do Pará dos anos de 1935 até 1943, durante um período de quase oito anos, englobando o período da decretação do Estado-Novo. Foi escolhido para o cargo pelo presidente Getúlio Vargas, principalmente por ter sido um dos fundadores do Partido Liberal no estado.

Essas atividades sociais e profissionais demonstram a influência deste senhor a época dos primeiros campeonatos de futebol em Belém. O que explica em parte o mesmo ter sido escolhido como árbitro da partida inaugural do campeonato de 1913. Na época ligado ao grupo político de Lauro Sodré (Lauristas). Já que, a escolha do juiz das partidas, de certa forma, era feita de modo a privilegiar as pessoas com prestígio na sociedade paraense.

Nessa situação, os relatos da Revista *A Semana* e do jornal *A Folha do norte*, citados anteriormente, nos proporcionam a entender o processo de difusão do futebol na sociedade local, na primeira metade do século XX, que fica evidenciado quando se destaca a fundação de agremiações esportivas como o Clube do Remo, Paysandú e a Tuna Luso Caixeiral, clubes que surgem no contexto dos chamados “*Sportmen*” conjuntamente com práticas esportivas como remo, ciclismo, dentre outros.

²²⁵ Relatos nas páginas do livro sobre a participação desse político no contexto conturbado da Política paraense Durante a Primeira metade do século XX. ROQUE, Carlos. op. cit. p. 146 e 157; 168-169.

1.4 - Clubes, educação Physica, sports e a dinâmica do lazer

Nas primeiras décadas do século XX, corroborando com o aumento das práticas esportivas na cidade, nos seus espaços mais centrais, temos a fundação e o destaque nos jornais de vários clubes esportivos, principalmente, no ano de 1914 e 1915.²²⁶

Nesse período, pude catalogar cerca de 24 clubes fundados ou comentados nos jornais sobre suas atividades esportivas. Alguns não indicam data de fundação, somente o destaque esportivo em determinado periódico. Às vezes com o cruzamento das fontes dos estatutos do clubes, dos livros já citados no trabalho, é possível perceber qual clube estamos enfatizando e a sua data de fundação.

Quando não é possível perceber a data de fundação, buscamos utilizar a data mais antiga que é noticiada sobre o clube analisado no periódico, e em seguida colocamos na tabela no quadro corresponde ao ano de fundação, e explicamos que a primeira notícia daquele determinado clube ocorreu naquela data. Esse dado vai compor a somatória dos clubes em determinado período. Assim, podemos de maneira geral ter uma ideia da quantidade clubes que apareceram em determinado período histórico.

Assim foram criadas as tabelas com os clubes e endereços que estão no Apêndice e anexo deste trabalho. E as tabelas que correspondem aos clubes que não foi possível localizar os endereços na cidade. O objetivo dessas tabelas foi servir de base para mapearmos a cidade por períodos: o primeiro período de 1896-1920; o segundo período de 1921-1940; o terceiro período de 1941-1952.²²⁷ Todos esses períodos englobados pelo período geral que vai de 1896-1952. Essa construção dos mapas a partir desses períodos vai ser mais explicada e apresentada nos mapas, no capítulo II.

Um indício no mínimo intrigante, que se destaca na tabela sobre esses clubes, que aparecem no ano de 1914-1915 é a fundação do clube São Domingos, no bairro do Jurunas. A sua fundação em 1914, ocorre num contexto de fundação de muitos clubes nas áreas centrais da cidade e ligados aos setores mais elitizados da cidade.

No mesmo momento que clubes surgiam nas áreas centrais, surgiu esse clube São Domingos, no bairro considerado popular e sem a infraestrutura urbana que os bairros como Nazaré e Campina, por exemplo, possuíam. Essa fundação nos leva a pensar que

²²⁶ Tabela dos clubes fundados nos anos de 1914-1915. Apêndice e anexos.

²²⁷ Tabela dos Clubes com localização de bairros e Tabela dos clubes que não foram localizados os bairros, no apêndice e anexo deste trabalho.

possivelmente os setores populares ao longo dos anos participavam do processo de ressignificação das práticas esportivas que faziam parte do cotidiano do lazer da urbe belenense e não somente os setores mais abastados. No entanto, sobre esse clubes populares trataremos posteriormente.

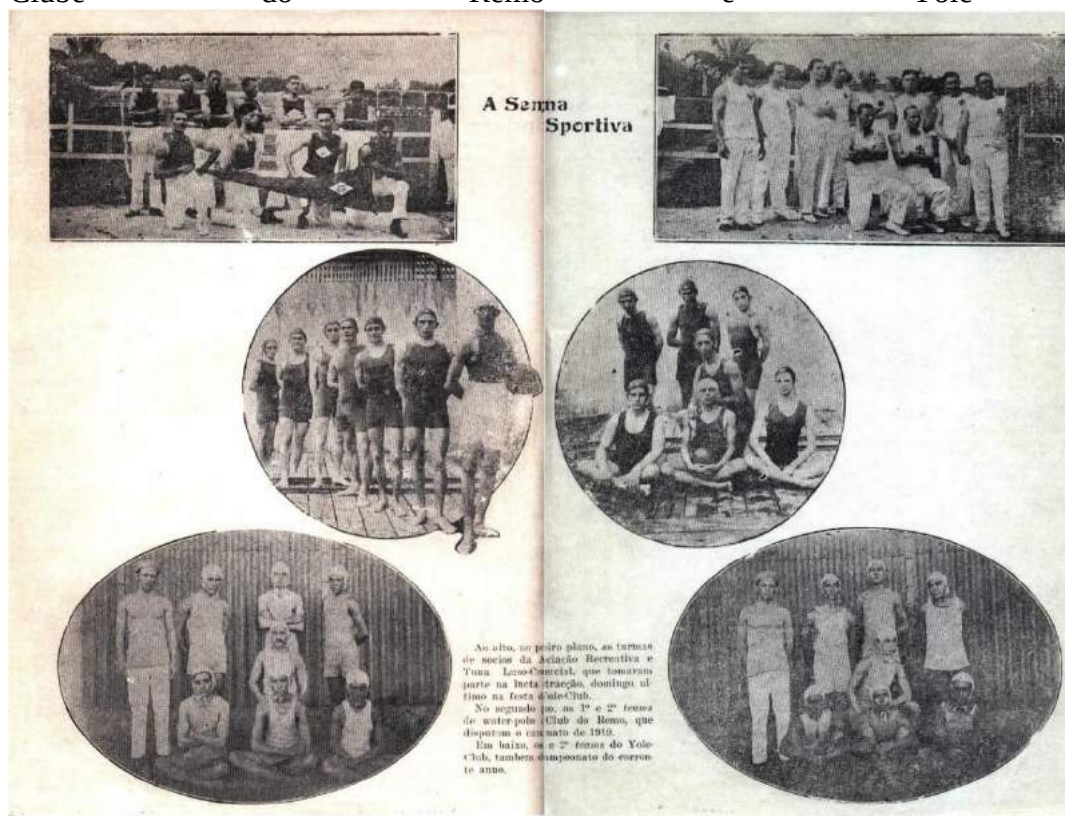
Sobre esse contexto, na página seguinte, temos fotografias que apresentam vários atletas de Clubes da Remo considerados pela imprensa como “*Sportmen*”, pois, praticavam diversos esportes, dentre eles o Water pólo, o chamado pólo aquático, que também servia de lazer e símbolo da modernidade para alguns setores da elite paraense, que buscavam seguir o modelo cultural europeu de difusão do esporte, como um padrão de civilização.

Esses atletas, no âmbito esportivo, seguiam um modelo de vida baseado nos padrões europeus de cuidado com o corpo, pelo qual o esporte servia para identificar de forma simbólica os homens considerados “*Sportmen*”, que para além do lazer, demonstravam ao praticar os esportes de origem europeia um discurso de progresso e civilização.

É importante se salientar que a imagem que está sendo repassada na fotografia também busca essa percepção do leitor da Revista *A Semana*, no sentido do discurso civilizatório, higiene e cuidados com a forma física dos sujeitos.

Essas fotografias são indicações de uma realidade que estava muito fortalecida no âmbito do discurso dos sujeitos como forma de aproximação desse padrão europeu de práticas esportivas. A imagem tem muito ligação com os detalhes sobre atletas e as práticas esportivas que ocorriam na cidade de acordo com o olhar do fotógrafo.

Imagem 7: Fotografias dos “sócios-atletas” da Recreativa, Tuna Luso Comercial, Clube do Remo e Yole Club.



Fonte: Revista *A Semana*, 26/04/1919.

Dessa maneira, a imagem captada pelo fotógrafo mostra os “sócios-atletas” de clubes da capital, tais como: Associação Recreativa, Tuna Luso Comercial, Clube do Remo e Yole Club com seus respectivos uniformes. A Recreativa e a Tuna Luso estavam posando antes ou após os jogos de “Tracção”²²⁸, realizado no domingo último, na festa do Yole Club. Os *teams* de Pólo Aquático do Clube do Remo e do Yole estavam posando para as câmeras fotográficas nos jogos que valiam pelo campeonato da modalidade esportiva no ano de 1919.

Segundo a explicação do cronista, os atletas do “primeiro plano” pertenciam a Recreativa e a Tuna Luso Comercial, sendo que os “sócios” do Recreativa estavam com um uniforme mais escuro, camiseta e calça, com o símbolo do Clube no centro da camiseta, segurando a flâmula do clube, enquanto que a Tuna Luso estava de branco, com a cruz de malta como símbolo, no lado esquerdo do peito. Ambas as turmas de atletas eram formadas

²²⁸ Conhecido popularmente como “cabo de guerra.” Competição em que duas equipes puxam em direções opostas as pontas de uma corda grossa, vencendo a que conseguir arrastar a outra. DICIONÁRIO BARSA DE LINGUA PORTUGUESA. São Paulo: Barsa Planeta, 2008. p. 164.

por dez jogadores que tiraram fotografia formando duas fileiras. Estes atletas tinham participado da disputa de “tracção” no festival do Yole Club.

No “segundo plano” temos os sócios-atletas do Clube do Remo, o primeiro e segundo time de Pólo aquático que disputaram o campeonato de 1919. Os uniformes das duas equipes estavam em tom escuro, lembrando o tom azul-marinho tradicional do Clube.

“Em baixo”, os primeiros e segundo times de Water Pólo do Yole Club que também disputavam o campeonato daquele ano. Os seus sócios-atletas também estavam com uniforme mais claro e posaram para a fotografia que foi publicada na Revista *A Semana* do período.

Em todas as fotografias se percebe uma preocupação do fotógrafo e do cronista em mostrar como os grupos sociais estavam interagindo em torno das práticas esportivas na cidade de Belém do Pará. No caso específico da prática de Pólo aquático e os atletas que participavam do campeonato daquele ano e seus respectivos uniformes.

Essa imagem dos atletas corrobora com o discurso da prática esportiva típica dos amadores. Como é possível perceber a partir do contexto da fundação do Yole Clube, ocorrida no dia 30 de novembro de 1917, objetiva-se “incentivar, estimular e desenvolver, para todos os meios ao seu alcance, o sport náutico n’este Estado concorrendo sempre que lhe for possível aos torneios promovidos pela Federação Paraense de Sports Náuticos”²²⁹.

O Yole Clube, cujo seu estatuto deixava transparecer o discurso civilizatório nos seus artigos, estava alicerçado nas disputas ligadas atividades esportivas nas águas dos rios na cidade. No entanto, sem descartar as práticas de outras modalidades esportivas, como afirma o art. 2º do seu Estatuto, no qual o referido clube e seus atletas poderiam encontrar em outros esportes “incremento para prosperidade” e no art. 3º cuja a ligação com as atividades militares navais para os sócios, chama a atenção, principalmente por ser uma determinação baseada no Decreto Federal nº 12088.²³⁰

Dessa forma, temos indícios que as práticas de pólo aquático, assim como, os jogos de futebol, que ocorriam na capital paraense, neste primeiro momento, estavam ligados a um contexto de valorização dos padrões culturais europeus pelos sujeitos que pertenciam ou circulavam nos meios sociais de uma elite heterogênea. No qual, a prática esportiva fazia parte do cotidiano de lazer na cidade e símbolo de uma valorização do discurso de higiene, civilização e progresso europeu.

²²⁹ **YOLE CLUBE.** Fundado em 30/11/1916. Estatuto dos Clubes, CMA/UFPA. CX 02, DOC. 44.

²³⁰ Art. 2º e 3º do Estatuto. Idem.

Esse discurso de civilização pode ser percebido nos fragmentos do Estatuto do Sport Club do Pará, quando ocorre o destaque para “educação Physica” abaixo:

“(…) Cap I – Do club e seus fins

Art. 1º - o Sport Club do Pará, com sede em Belém, Capital do Pará, fundado em 25 de setembro de 1896, com sociedade desportiva, tem por desenvolver a educação physica de seus associados, pelo cultivo dos desportos em geral.

(…) Cap II – Dos Sócios

Art. 4º - os sócios compreendem quatro categorias beneméritos, remidos, effectivos e honorários.

§ 1º - Beneméritos são os actuais sócios desta categoria já existentes.

§ 2º - Remidos são os que contribuírem de uma só vez com a quantia de um conto de réis.

§ 3º - Effectivos são os que concorrerem com jóias de cem mil réis no acto de sua admissão e a mensalidade de dez mil réis paga adeantadamente, no princípio de cada mez.

§4º - Honorários – são os actuaes sócios desta categoria, já existentes. (...)”²³¹

Esse fragmento do Estatuto do Sport Club do Pará, nos mostra o discurso de “educação physica” para os associados do Clube, como o argumento que destaca a valorização do *sports* como padrão de vida prioritariamente segmentos abastados da sociedade local.

A ênfase está na forma de educar os seus sócios com o cultivo de várias atividades consideradas desportivas. Ao mesmo tempo, no próprio estatuto é possível perceber a contradição capitalista, que inclui e exclui os sujeitos na cidade. Fator que explica os motivos para o indivíduo ser sócio nesse Clube, considerado de elite, era preciso ter bastante dinheiro para pagar as “jóias”²³², mensalidades, que variavam de 10 mil réis, 100 mil réis a 1 conto de réis de uma só vez.

Esta realidade financeira “eliminava” do grupo de sócios a maior parte dos sujeitos que trabalhavam nas ruas, no porto e moravam em outros locais na urbe. Por isso, a maior parte das pessoas que frequentavam como sócio os salões de festa, jogos e atividades esportivas do Sport Club pertenciam aos grupos mais abastados socialmente, ou circulavam entre eles e “desfrutavam” do discurso elitista de progresso e civilização.

No fragmento da revista *A Semana* do dia 25 de Julho de 1931, abaixo, podemos perceber à ideia de clube elegante que foi construída ao longo dos anos a partir da imagem do Sport Club.

²³¹ Sport Club do Pará, fundação em 1896, Cartório de títulos e documentos, série estatutos, 1927, Cx 02, Doc 50. CMA/UFPA.

²³² Uma espécie de cota para ser pagar aos sócios do clube separada da mensalidade.

(...) O sport revivendo

Os associados e frequentadores do elegante e querido Sport Club apresentam-se para magnífica “soirée” dansante que este Grêmio com o bom gosto e a distribuição de sempre, vae proporcionar à nossa “haute gomme”. (...) ²³³

O uso do relato acima destaca aspectos importantes para a contextualização do período: primeiro a ideia é explicar os resquícios do discurso sobre a elegância dos frequentadores do clube. Segundo a fonte é dos anos de 1930. Nesse sentido, apresenta uma relação de continuidade com as ideias do início do século sobre o Sport Club. Não é uma fonte do período, mas, nos ajuda a pensar essa realidade. Por fim, as festas ou *soirées* no espaço do clube representavam outra forma de lazer que ocorria, além das práticas esportivas. Fato que indicava que as festas, os encontros nesse clube eram valorizadas pela imprensa no sentido dos setores abastados que frequentavam.

Assim, ao se resgatar a ideia de continuidade do discurso civilizatório do início do século XX, a partir da fonte dos anos de 1930, é possível perceber as festas e as atividades que ocorriam no *Sport Club* como práticas ligadas ao discurso das elites locais.

Essas práticas das elites locais no âmbito dos clubes também estavam pautadas no momento da transição do século XIX para o século XX, no qual, o avanço do capitalismo imperialista possibilitou um aumento populacional em Belém do Pará, proveniente da exploração do látex, que por gerar bastante riqueza fez com que imigrantes portugueses, italianos, alemães, franceses espanhóis, principalmente, e migrantes nordestinos circulassem pela urbe em plena transformação desigual, bem próximo do que acontecia nas grandes cidades brasileiras da época.

Abaixo, temos uma fotografia da sede do Sport Club do Pará, considerado pela imprensa esportiva como um clube das elites locais, na capital paraense.

²³³ Sport Club era como se conhecia à época o Sport Club of Pará na capital paraense. Um famoso *Club* aristocrático. Revista *A Semana* 25/07/1931, vol. 13, nº 676.

Imagem 8: Sede do Sport Club of Pará em Belém.



Fonte: Albúm Revista de Belém. Souza Cabral. Caixa postal nº 647. Pará. Sem data.

A fotografia destaca a fachada do conhecido *Sport Club*. Este local nos leva a pensar nas práticas esportivas que ocorriam nos seus espaços, e também como funcionava os bastidores da sede social retratada, onde haviam as festas e reuniões entre as elites locais que frequentavam o espaço do clube.

Além do *Sport Club*, segundo Ernesto Cruz, foi fundado na capital, no mesmo ano da criação do clube São Domingos (1915), o clube Assembléia Paraense. Este clube foi fundado na cidade no dia 27 de dezembro de 1915, e nasceu com o *status* de “mais alta expressão da vida aristocrática da cidade.”²³⁴ Dessa forma, a Assembleia Paraense seguia o mesmo perfil de sócios estabelecido pelo *Sport Club*, que se relacionava a manter entre os seus sócios sujeitos dos setores sociais mais abastados e promover o discurso de civilização no seu ambiente esportivo.

²³⁴ Ernesto Cruz destaca na sua obra a criação da Assembleia Paraense como mais um clube esportivo e de lazer voltado para as elites locais, assim, como o Sport Club. CRUZ, Ernesto. História de Belém. 2º vol. Coleção José Veríssimo. Belém: UFPA, 1973. p. 427. Sobre a Assembleia Pararanse: Acessado no dia 14 de julho de 2013. Estatuto dos Clubes, CMA/UFPA; baile de carnaval, *O Liberal* – 12 02 52 – festas dos brotinhos – carnaval inferno verde.

Sobre a circulação de pessoas de variadas origens na cidade, Cristina Cancela afirma que dos anos de 1900 até 1920, a população da capital do Estado ultrapassou a marca de duzentos mil habitantes, sendo que em 1868, esta população era apenas de trinta mil.²³⁵

O estudo sobre os clubes esportivos, suas partidas de futebol e seus “homens-atletas”, nos proporciona a possibilidade de levantar indícios de um contexto histórico importante para os padrões das cidades amazônicas da época, como no caso específico de Belém do Pará, a partir do lazer e das relações de sociabilidade dos sujeitos em seus variados grupos sociais. Esta circulação de sujeitos e ideias nos leva a proximidade de um passado de uma cidade construída a partir de um cotidiano desses sujeitos, nos seus clubes, pertencentes às elites sociais ou não.

O estudo dos clubes de futebol e seus atletas nos festivais esportivos que aconteciam em Belém do Pará, explicam parte da própria história da cidade, nessa “ebulição” de sujeitos ávidos por busca de trabalho e riquezas numa capital amazônica²³⁶, que viveu um auge econômico no início do século XX.

Quando construí, a partir da minha dissertação de mestrado²³⁷ uma discussão inicial sobre a representatividade da fundação dos Clubes como: a Tuna Luso Brasileira, Clube do Remo e Paysandú Sport Club, não estava de maneira “dolosa”, querendo afirmar que a história dos clubes belenenses, no contexto da Primeira República, passava simplesmente por essas três agremiações esportivas.

Mas, o que talvez tenha acontecido, é que estava também embebido pelo presente, que me levou como historiador a pesquisar e a escrever a narrativa histórica com a experiência do futebol paraense do meu tempo, com o pensamento na História atual de Remo, Tuna e Paysandú.

Dessa forma, pensei nesse assunto a partir da ideia de Le Goff ao prefaciар a obra “Os Reis Taumaturgos” de Marc Bloch, cita uma análise de Carlo Ginzburg que enfatizava a construção dessa obra importante para historiografia, como fruto das experiências de Marc Bloch na guerra dos anos de 1914 a 1918.²³⁸

²³⁵CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Op.cit. p.p. 68-84.

²³⁶ Idem.

²³⁷ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará. Op. Cit.

²³⁸ LE GOFF, Jacques. Prefácio. In: BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo, Companhia das letras, 1993. p.p. 12-13.

Marc Bloch teria visto ali, no contexto da primeira guerra mundial, a reconstrução de uma sociedade quase medieval, como uma regressão a uma mentalidade “bárbara e irracional”. O autor reforça a ideia de que a incompreensão do presente nasce da ignorância do passado sendo preciso compreender o passado pelo presente.²³⁹

O estudo sobre os clubes: Tuna Luso, Clube do Remo e o Paysandú, considerados “grandes”²⁴⁰ atualmente, e também no contexto do início do século XX, como Clubes esportivos belenenses, surgiu também como fruto das minhas idas e vindas como espectador no jogos profissionais do campeonato paraense de futebol, brasileiro e outros eventos futebolísticos.

Certamente, esse contato com os eventos futebolísticos influenciou nessa construção da narrativa histórica sobre o contexto da prática esportiva em Belém do Pará, no recorte histórico trabalhado durante a pesquisa.

A partir das minhas experiências como torcedor nos jogos de futebol na atualidade construí problemas, que me levaram aos resquícios do passado desses clubes e a sua relação com atividades de lazer na cidade.

1.5 – Sports e identidade: Memória da imigração portuguesa e a Tuna Luso Caixeiral.

A “Real” Tuna Luso Caixeiral e seus *sportmen* possuem um mito de origem ligado ao contexto de imigração portuguesa para capital paraense nos primeiros anos do século XX. Os imigrantes portugueses construíram o processo de fundação da Tuna Luso entre o final do ano de 1902 e início de 1903²⁴¹. A criação desse clube possibilitou a inclusão de mais uma agremiação esportiva que buscava através de seus atletas a prática de atividades náuticas e mais tarde do *football*, assim como aconteceu no âmbito de outros clubes.

²³⁹ Idem.

²⁴⁰ A ideia de “clubes grandes” está ligado atualmente a quantidade de títulos dos três Clubes levantados no campeonato paraense. São os clubes que juntos possuem maior quantidade de títulos do campeonato paraense, nos seus mais de cem anos.

²⁴¹ Sobre a relação da Tuna Luso com os imigrantes portugueses temos a obra: EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira(1850-1950). Belém: NAEA, 2013. p. 54. Sobre a descrição de como a Tuna Luso foi fundada e o nome “Real Tuna Luso Caixeiral”, que segundo o “boletim cruzmaltino”, órgão oficial de divulgação do Clube, registra na seção testando a memória, com as suas respostas, a página 18, que o Rei de Portugal, D. Carlos I, que tinha outorgado o título de Real ao Clube”, temos o trabalho memorialístico: DA COSTA, Ferreira. Memorial Cruzmaltino, Belém: 2012. p.p. 14-22. Sobre o termo Real Tuna Luso ver também: CRUZ, Ernesto. História de Belém. op. cit. p. 426.

A Tuna Luso Brasileira²⁴² entrou nas disputas oficiais de futebol no início dos anos de 1930, conforme afirma o jornalista Ferreira da Costa, que destaca o campeonato paraense de 1933, como o primeiro campeonato que o clube participou.²⁴³ No entanto, o clube já fazia seus jogos de futebol nas primeiras décadas do século XX, segundo Manoel Oliveira²⁴⁴, um memorialista e ex-atleta do clube (citado por Ferreira da Costa), que argumenta que a Tuna Luso praticava futebol desde 1915, no espaço do “estadinho da Batista Campos”, que mais tarde passou para o Clube Liberto. Porém, esses jogos se restringiam ainda a clubes entre os grupos de portugueses²⁴⁵. Sua fundação ocorreu no ano de 1903²⁴⁶, no contexto da imigração de portugueses para região amazônica em busca de sobrevivência, no sentido da busca pelo trabalho e acumulação de riquezas²⁴⁷.

As práticas esportivas, na capital paraense, eram noticiadas por algumas revistas e jornais, que abriam espaço para relatar os fatos, que ocorriam no âmbito dos clubes, como festas dançantes, nas suas respectivas sedes. Um exemplo desses noticiários foi quando a revista *A Semana*, no dia 08 de fevereiro do ano de 1919, anunciou nos seus cadernos, uma festa que a Tuna Luso comercial faria, na sua sede social, reabrindo os seus salões de dança.²⁴⁸ Esse evento, nos mostra, como a Tuna Luso participava das atividades esportivas na cidade e que estas estavam relacionadas ao lazer, as festas dançantes, nas sedes dos Clubes.

Outro noticiário esportivo do Jornal *A Província do Pará*, no dia 01 de agosto do ano de 1920, relata que a Tuna Luso já possuía um campo de futebol, na área da Batista Campos, que serviria de espaço para os festivais esportivos e as práticas futebolísticas dos clubes de bairros na cidade, como o “São Domingos, Ibérico, Gram-Pará, Foguistas, Flamengo, Sporting”²⁴⁹.

Esse clubes estavam participando de um festival esportivo que iria favorecer a festividade de “São Domingos dos Caripunas”. Nesse evento estavam tomando parte todos os núcleos filiados da Associação Paraense de Sports Amadores (A.P.S.A) e estava sendo

²⁴² Clube de portugueses imigrantes que chegavam à cidade de Belém do Pará. DA COSTA, Ferreira. op. cit. p.p. 14-22.

²⁴³ DA COSTA, Ferreira. Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. Belém: 2012. p.p. 58-59.

²⁴⁴ Atleta, dirigente e Sócio Benemérito. Autor do livro Tuna, sua vida e glória. Belém: 2003.

²⁴⁵ Nome atual da Tuna Luso, que já foi Caixeiral, Comercial e atualmente Brasileira.

²⁴⁶ DA COSTA, Ferreira. Memorial cruzmaltino. Op. Cit. p.p. 26-27.

²⁴⁷ CANCELA, Cristina Donza. A imigração portuguesa no Pará. Belém-Pa: 1ª edição, editora Estudos amazônicos, 2012. p.p. 14-22.

²⁴⁸ Uma festa dançante na sede da Tuna Luso. *Revista A semana, Caderno A Semana Sportiva*, 08/02/1919. Volume I, nº 46.

²⁴⁹ Festival esportivo no campo da Tuna Luso. *Jornal A Província do Pará*, 01/08/1920.

ofertado pela Diretoria da festividade de São Domingos um lindo bronze para “premiar o club victorioso”. A ordem do “*match*” tinha o tempo de vinte minutos e seguia a ordem de “corners”, ficando os jogos no campo da Tuna Luso, na seguinte ordem: “Gram-Pará x Ibérico; Sporting x Foguistas; Flamengo x S. Domingos e seguidamente o vencedor do primeiro encontro com o vencedor do segundo e este com o vencedor do terceiro”.²⁵⁰

A fundação da Tuna Luso, assim como da maioria dos clubes, estava pautada no contexto histórico de valorização das práticas de *sports* pelos sujeitos na cidade. A atividade futebolística não foi destacada no primeiro momento. Pois, assim como outros Clubes, a Tuna foi fundada a partir de grupo de portugueses ligados a música e fortaleceu as atividades esportivas náuticas. Por isso, talvez o futebol tenha se fortalecido ao longo dos anos de 1920 e somente nos anos de 1930 é que o referido clube tenha destacado um time de futebol para representá-lo no campeonato oficial.

Um ponto interessante, quando analisamos essas fontes acima, é como os diversos sujeitos circulavam nos variados setores sociais. Existe pelo menos indícios desse contato entre os sócios-atletas da Tuna e pessoas de clubes como o São Domingos, um clube do Bairro do Jurunas. Esse fato nos leva a pensar que a cidade no seus variados espaços estava ligada nas práticas esportivas, o que relativizaria uma possível relação polarizada entre “clubes da elite” e “clubes populares”.

A participação da Tuna Luso, nas atividades esportivas náuticas, foram as mais evidentes, inicialmente, por que um dos objetivos da fundação do Clube era participar das atividades ligadas aos *sports* náuticos.

Sobre o assunto, Sandra Magalhães apresenta no seu trabalho sobre *sports*, em Belém do Pará, uma fotografia do noticiário esportivo da revista *A Semana* de 18 de outubro de 1920, no qual aparecem duas mulheres como atletas da Tuna Náutica, juntamente com o “patrão” da equipe, formando a guarnição que foi vencedora do páreo Associação Cívica Floriano Peixoto, no dia especificado pela revista.²⁵¹

O objetivo da autora, ao destacar as duas mulheres na fotografia, estava na afirmação da participação das mulheres nas práticas esportivas na cidade, já que no senso comum se pensava por algum tempo que somente os homens faziam atividades esportivas. No entanto, as fontes levantadas pela autora corroboram com a afirmação inicial sobre a Tuna

²⁵⁰ Idem.

²⁵¹ MAGALHÃES, Sandra Leticia Ferreira. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 326-327.

Luso que as suas atividades esportivas, inicialmente, estavam relacionadas com os *sports* náuticos.

Sobre a prática dos *sports* náuticos, temos uma fotografia abaixo, que destaca a imagem de atletas da equipe náutica da Tuna Luso, que não foi a única equipe portuguesa a figurar no contexto desportivo da cidade belenense.

É uma fotografia que apresenta a imagem do “Grupo Náutico da Tuna Luso Commercial” no ano de 1919. A ênfase nos *sportmen* da Tuna mostra como ocorria a ligação do clube com os *sports*, no caso, especificamente os esportes aquáticos. Característica que combinava com a dinâmica regional ligada ao porto e os rios que formam a baía do Guajará.

Essa fotografia é uma imagem “típica” dos atletas que estavam na iminência de participar do evento esportivo ou depois que este acontecia. O registro destaca os esportistas, os símbolos do clube e seus respectivos uniformes.

Nessa imagem, é possível perceber que os atletas em destaque eram homens, na fotografia, não aparece nenhuma atleta do sexo feminino.

Imagem 9: Grupo náutico da Tuna no ano de 1919.



Fonte: Revista A Semana, 01/03/1919.

Na imagem posterior, temos uma fotografia por mim registrada dos troféus do ano de 1920 fornecida ao vencedor pela Federação Paraense de Sports Náuticos. Uma fotografia tirada durante a pesquisa de campo na sede da Tuna Luso Brasileira. Esta é uma peça que nos faz pensar no passado do clube lusitano, que fundado pelos portugueses, não construiu uma “popularidade” no futebol, como a dupla Remo e Paysandú.

A hipótese quanto a este fato, talvez seja explicada pela busca de uma identidade a partir das práticas esportivas náuticas, de um grupo estrangeiro de portugueses chegados a Belém. Somente *a posteriori* é que o grupo tunante entrou nas disputas futebolísticas, quando a rivalidade entre o Remo e o Paysandú estava mais consolidada na cidade. Esta situação popularidade futebolística que não facilitou uma difusão do clube tunante entre os setores populares, apesar do orgulho dos funcionários ao mostrarem durante a pesquisa a coleção de troféus desse clube Luso.

Imagem 10: Taça de vencedor no ano de 14/07/1920. Fornecida pela Federação Paraense de Sports Náuticos a Tuna Luso.



Fonte: Pesquisa de campo na sede da Tuna Luso, realizada em 11 de setembro de 2014.

A imagem dos troféus da Tuna Luso, nos faz pensar nesse discurso contado por memorialistas que ratificam sua história ligada aos *sports* e como ocorreu uma busca de uma representação de identidade por parte da colônia portuguesa em Belém.

Esse grupo de portugueses utilizou no nome do clube o termo Caixeral, que representava uma orquestra popular com a participação dos comerciantes portugueses da

época. Essa característica musical que levou esse grupo de jovens portugueses a fundar esse conjunto, a fim de perpetuar a chegada ao nosso porto de Belém, para uma visita de cordialidade, no dia 12 de novembro de 1902, do cruzador português, “D. Carlos”.²⁵²

Esse conjunto cresceu tanto, que a partir de 1º de janeiro de 1903, quando foi oficialmente fundado, já possuía seu maestro, o famoso musicista português Antonio Lobo, que a passeio por Belém, foi insistentemente convidado e aceitou a grande e nobre missão, logicamente que este era o discurso dos sócios-fundadores da agremiação tunante.²⁵³

Segundo o Memorialista e ex - atleta Manoel de Oliveira, a 1ª diretoria da Tuna foi presidida por Manoel Nunes da Silva, que teve como secretários, Manoel Augusto Correia e Antonio Lobo. A 1ª sede da Tuna foi nos altos de um prédio assobradado da Rua Nova de Santana, hoje senador Manoel Barata, esquina da Travessa Campos Sales, onde atualmente se localizam as instalações da loja Y. Yamada. Pois bem, o Grupo executante ficou famoso, e além de promover de festivais de integração comunitária e social, fazia-os de caridade, em benefício de várias instituições. Sua maior apresentação verificou-se no tradicional Teatro da Paz, com lotação total. Mais tarde passou atuar nas praças esportivas incluindo sua sede náutica, e depois atuando com seus times de futebol.²⁵⁴

Por isso, percebe-se que um dos clubes considerados “grandes” do futebol paraense no final do século XX, começou sua história ligado a um contexto de imigração estrangeira para Amazônia. Sua imagem foi construída ao longo dos anos alicerçada não como um clube considerado suburbano ou popular, e sim uma agremiação esportiva ligada aos portugueses que desenvolveu a prática do *football* efetivamente nos anos de 1930, no âmbito da popularização do esporte na capital paraense.]

²⁵² As fontes utilizadas por Ferreira da Costa são as descritas pela memória de Manoel de Oliveira na sua Obra Tuna Luso, sua vida e glória do ano de 2003, livro comemorativo dos 100 anos da Tuna Luso Brasileira; relato de Francisco Vasquez sobre a História do Clube; Boletim cruzmaltino, órgão oficial de divulgação do Clube do ano de 1958; DA COSTA, Ferreira. Memorial cruzmaltino. Op. Cit. p.p. 13-28.

²⁵³ DA COSTA, Ferreira. A enciclopédia do futebol paraense. op. Cit. p.p. 166-167.

²⁵⁴ Idem. p.p. 166-167.

1.6. - Ave Grupo do Remo: os *sports náuticos* e as lembranças do *football*.

A construção de uma narrativa histórico-social do contexto de fundação do Grupo do Remo perpassa pelo entendimento do discurso de modernidade, “paixão clubística” e a busca de uma identidade entre os membros do clube. Esse discurso, que também estava em outras agremiações esportivas²⁵⁵, e se pautava na participação dos sujeitos de variados setores da sociedade belenense na prática de diversos esportes, como o remo, pólo aquático e natação. Já que somente no ano de 1913, o futebol começa a ser praticado no campeonato oficial pelos *sportmen* da agremiação esportiva “azulina”²⁵⁶.

É possível que a prática cotidiana do *football* estivesse ocorrendo, por algum tempo, entre os próprios associados, que tinham fundado o clube. No entanto, as fontes que foram levantadas mostram o Grupo do Remo, como um clube social e esportivo voltado inicialmente para as atividades náuticas e somente depois de sua reorganização em 1911, e que este passa a ter suas atividades também voltadas para as práticas futebolísticas.

O “clube azulino” representa hoje, além da sua valorização como um espaço do mercado de trabalho ligado ao lazer da cidade, uma agremiação esportiva ligada a esse processo histórico de expansão das atividades de *sports* na nossa região, na primeira metade do século XX.

Sua história representa parte de um discurso que destaca o contexto de sua fundação e do desenvolvimento dos *sports*, na urbe belenense, no ano de 1905. Uma construção histórica dos sujeitos que estavam conectados aos discursos e “modismos” próprios do período, que numa relação de passado-presente é possível ser percebida na tentativa da valorização do clube como patrimônio histórico da cidade, por parte de alguns

²⁵⁵ Outros clubes no mesmo período destacavam esta busca por uma identidade dos membros do clube voltada para a prática dos *sports*, inicialmente ligada às atividades esportivas náuticas. Como já foi citado a Tuna Luso Caixeiral, Sport Club Of Pará, Yole Club.

²⁵⁶ O termo azulino ou time azulino está relacionado com a cor azul-marinho do uniforme e da bandeira do Grupo do Remo. Até hoje a torcida e os dirigentes do clube valorizam sua cor azul-marinho no uniforme principal. Na fonte do livro do Ernesto Cruz existe um desenho de uma tabela do campeonato de futebol organizado pela Liga Paraense de Futebol dos jogos realizados até 11 de setembro de 1913. O destaque para o nome dos clubes com a pontuação, gols prós, gols contra, ao lado do nome dos clubes as cores das camisas de cada agremiação e como elas ficavam conhecidas no campeonato. Clube do Remo: azul; Norte Clube: negra. (conhecido como time Negra, que depois foi extinto para ser fundado no seu lugar o Paysandú, que vai ser destacado mais a frente); Internacional: branca; União Esportiva: preta e branca; Guarany e Panther Clube: azul-vermelha; Belém Esporte: azul e branco. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. op. cit. p. 58.

sócios e sua torcida no Pará²⁵⁷. Por isso, a importância do levantamento dessas fontes relacionadas ao Clube do Remo, durante a primeira metade do século XX, pois, também servem para o estudo da realidade do esporte paraense do século XXI.

Essa perspectiva de estudar o processo de construção das atividades esportivas da cidade através do Clube do Remo, nos possibilita entender, que atualmente o clube é bastante popular, mas, nem sempre teve essa característica. Sua fundação foi construída e alicerçada pelos seus *Sportmen*, sendo assim, bastante carregada de historicidade, que explica parte do que foi lazer, sociabilidade e prática esportiva na cidade de Belém do Pará, na transição do século XIX para o século XX.

Essa paixão clubística, vista na atualidade, pode ser destacada no discurso do historiador Ernesto Cruz sobre a inspiração para escrever uma das principais obras da historiografia futebolística paraense, “História do Clube do Remo”, publicada em Belém, no ano de 1969:

“(...) para escrever a história social e esportiva do Clube do Remo é necessário senti-la e percebe-la nas suas minúcias. O que vai ser lido é o reflexo do que sentimos e motivo que empolga os azulinos de todos os tempos. Para reunir os efeitos registrados nas páginas deste livro, recorri aos jornais, documentos e revistas da época, a partir de 1905. Examinei-os todos, para conhecer e lembrar episódios a fim de tornar a revelação séria e honesta. Fiz tudo com paciência, o zelo, a probidade e a pertinência de um pesquisador que tem sob a sua responsabilidade a divulgação de trinta obras e estudos especializados, e é, atualmente, o Presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Pará. Ao traçar estas páginas tive sempre no meu pensamento aquele menino de 14 anos de idade que fremia de entusiasmo quando o Grupo do Remo triunfava(...)”²⁵⁸

²⁵⁷ No ano de 2010, começou uma discussão nos jornais e rádios da cidade sobre a ideia do Clube do Remo e seus bens como campo de futebol, sede social se tornarem patrimônio histórico de Belém.

²⁵⁸ Idem. p. 10. O autor não especifica as fontes no trabalho sobre o Clube do Remo de maneira separada, como é feito atualmente. Ele relaciona essas fontes no início do livro e somente no decorrer do trabalho vai citando revistas, jornais, estatuto do clube que são citados desde 1903, 1905, com algumas fontes de jornais de 1896. Algumas vezes, durante a leitura da obra, se tem a impressão, que ele coloca de acordo com relatos baseados na sua memória ou na memória de outros sujeitos. De qualquer forma, foi possível identificar as seguintes fontes: revista *Caraboo*, 1917; esta fonte não foi encontrada na nossa pesquisa; Jornal a *Folha do Norte* 1903, 1905, 1906, 1907, 1908, 1913, inicialmente, pesquisados no Arquivo Público do Pará; *Folha da Tarde* 1905; *ata de Sessão de Assembleia do ano de 11/05/ 1907. Atas de reunião de Assembleia* de 1913; Jornal O Estado do Pará 15/08/1915, 13/06/1914; 23/08/1914; 29/01/1915; 25/02/1915, nesta data houve o início da rivalidade entre os clubes. Um relato de dois ofícios de 23 e 24/02/1915 que o Clube do Remo Corta relações amigáveis com o Paysandú. *O Estado do Pará* 04/07/1915. Desenho da tabela Oficial da Liga Paraense de Futebol até o mês de Junho de 1915; 26 de agosto de 1915. Estatuto do Clube do Remo Publicado em Diário Oficial. Nº 4049 de 09 de julho de 1905. Estatuto aprovados no dia 07/08/1914.

A obra de Ernesto Cruz está ligada a sua experiência como “torcedor – adolescente” do Remo, que ia assistir aos jogos do clube no cenário esportivo local, e também como dirigente, sócio e historiador da sua época, que buscou “reunir documentos que comprovassem” a veracidade dos fatos para privilegiar a “comunidade azulina”.²⁵⁹ Na verdade, além do levantamento de fontes construídos pelo historiador, temos um forte sentido memorialístico na construção de sua narrativa sobre o clube, pois, algumas vezes é perceptível as lembranças do historiador juntamente com a descrição das fontes.

Na fonte abaixo, temos a transcrição de uma notícia de uma revista ilustrada chamada *Caraboo* publicada no dia 05 de fevereiro de 1916, feita por Ernesto Cruz que destaca a fundação do Grupo do Remo:

“(...) No dia que hoje transcorre, em 1905, fundou-se em Belém o Club do Remo, fato determinado por uma dissidência do Sport Club do Pará, à frente da qual se achavam os incansáveis *sportmen* Raul e Victor Engelhard, Roberto Figueiredo, Antonio Pina e Melo, José H. Danin, Narciso Borges, José Olimpio Gomes, Eduardo Cruz, Jean Marechal, Alfredo Cruz, Eurico e Euclides Borges, Samuel Capper, José Aranha, Abílio Silva, Amaral Menezes, Palmério Pinto, Oliveira da Paz e outros.(...)”²⁶⁰

É possível perceber, no relato do periódico acima, citado no trabalho de Ernesto Cruz, que os fundadores do clube foram atletas ligados aos grupos elitizados da cidade, já que pertenciam ao Sport Club, como destaca a fonte. Afirmativa que corrobora com a descrição feita pelo autor, que caracteriza esses sócios fundadores como *Sportmen*. Essa caracterização dos sujeitos que enfatizam o *sport* como parte de uma prática de lazer e sociabilidade, inicialmente ligada aos estudantes filhos de famílias abastadas, facilitou a divulgação dos valores civilizacionais interligados a um processo de construção social dos sujeitos sobre os esportes na cidade belenense.

Na imagem a seguir, temos a fotografia dos jogadores do Clube do Remo antes ou após uma partida de futebol, no ano de 1915, no campo da Ferreira e Comandita. Esta imagem que foi tirada do livro “História do Clube do Remo” de Ernesto Cruz,

²⁵⁹ Sobre o termo “azulino” o autor usa o mesmo termo na sua obra, que é bastante conhecida a nível local pelos torcedores do Clube do Remo. Enquanto o seu maior rival é chamado de “bicolor”, o Clube do Remo é chamado de azulino, identificado pelas cores do seu uniforme. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Idem. p. 10.

²⁶⁰ Ernesto Cruz destaca a notícia sobre a fundação do Clube do Remo que saiu na Revista *Careboo* de 05 de fevereiro de 1916. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Ibidem. p. 11.

possivelmente, foi selecionada pelo autor para representar uma ideia do que seria o cotidiano futebolístico dos *sportmen* do clube, também praticantes de outros esportes.

Imagem 11: Clube Remo no ano de 1915.



do Clube do Remo, já vitorioso desde 1915.

Fonte: CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Belém: s/e, 1969, p. 373.

A fundação do clube do Remo é uma referência no estudo da história social do futebol paraense. Um dos motivos é a ligação do clube com os membros das camadas elitizadas de Belém no seu processo de criação, pois, assim como em outros clubes, a prática de vários esportes terrestres e aquáticos representava um discurso de modernidade e progresso alimentado por seus *sportmen*.

Um discurso de setores sociais da cidade que estavam embebidos, no início do século XX, por atividades relacionadas ao lazer dos sujeitos, que através do esporte construíam suas próprias concepções culturais.

Assim, as fontes nos proporcionam conhecer o surgimento de um clube que estava ligado às “paixões” de setores da sociedade paraense, que os sujeitos se denominavam *Sportmen*. Estes atores sociais evidenciam o tradicionalismo da criação do Clube do Remo, que se originou de uma “dissidência do antigo Sport Club of Pará”, famoso clube da cidade²⁶¹. No primeiro momento, a intenção do novo clube era “dominar” os esportes

²⁶¹ Entrevista do Sr Henrique Danin, que concedeu à “A Província do Pará”, sábado, 05 de fevereiro de 1955. Nesta entrevista o referido sócio do Clube do Remo destaca que inicialmente eram sete pessoas interessadas em fundar o clube. A partir de uma dissidência do Sport Club of Pará (Esporte Clube Pará) eles começaram a pensar na fundação de um novo Clube. CRUZ, Ernesto. A história do Clube do Remo. Ibidem. p. 11. Id ibdem. O Sport Club of Pará é citado no início do capítulo e está destacado nas fontes deste trabalho nos Estatutos do Clubes. Este Clube também é citado no trabalho de Michel Pinho, no qual, era conhecido como Clube aristocrático

náuticos. Com o passar dos anos, buscou-se uma ampliação para as práticas futebolísticas, no qual, se tornou referência até os dias atuais, como um clube que conquistou bastante títulos esportivos.

Abaixo, tem-se uma descrição dos objetivos do Clube do Remo, que estavam ligados a diversão e ao lazer dos seus sócios e atletas. Esses sujeitos, pertencentes ao setores sociais abastados, participaram da fundação desta agremiação esportiva e construíram uma empatia pelo discurso modernidade aliado aos *sports náuticos*:

DIARIO OFICIAL DO ESTADO

Ano XV, nº 4049, sexta-feira 9 de junho de 1905

D)

ORGANIZAÇÃO SOCIAL

Art. 1º- Fica fundada na cidade de Belém do Pará a sociedade Clube do Remo que se destinará: § 1º - a incentivar, estimular e desenvolver por todos os meios a seu alcance o esporte-nautico neste Estado, promovendo regatas sempre que julgar oportuno e seus recursos o permitirem:

§ 2º . A promover quaisquer outras diversões marítimas que tenham por objeto não só proporcionar aos seus associados útil e proveitosa distração como também, alimentar o gosto por esta especialidade esportiva.

Art. 2º - Não obstante ser este o fim principalmente da Associação, fica entretanto subentendido que ficam excluídas do seu seio de outras distrações nas quais possa encontrar incremento para sua prosperidade e elementos para mais cabalmente preencher o fim a que é destinada.

Art. 3º - O Clube do Remo será administrado por uma diretoria composta por três membros, eleitos anualmente na última quinzena de dezembro; Essa diretoria compor-se-á de presidente tesoureiro e secretario, cargos que poderão ser ocupados por qualquer um dos três eleitos, conforme eles entre si deliberarem.

Art. 4º - as obrigações e atribuições de cada um destes funcionários acham-se perfeitamente delimitadas pela própria natureza dos seus respectivos cargos; convém, entretanto observar que a iniciativa de tôdas as resoluções caberá particularmente ao presidente, que será por assim dizer o centro executivo de todas deliberações.

Art. 5º - Só poderão ser diretores do Clube os sócios escolhidos entre os 20 fundadores²⁶².

Nesse sentido, o Grupo do Remo tinha como principal objetivo proporcionar diversões náuticas aos seus associados, isto é, estimular, promover, aumentar o gosto dos “sócios-atletas” pelos esportes ligados ao mar, no caso, as disputas esportivas que ocorriam na Baía do Guajará e os seus rios.

“Sport Club”. PINHO, Michel. O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde, perde. Não há desonra. O esporte é higiene em Belém na primeira década do século vinte. op. cit. p.p. 28-30.

²⁶² Descrição do documento original contido no Diário Oficial do Estado, ano XV, nº 4049, sexta-feira de 9 de junho de 1905, sobre a fundação e a organização do Clube do Remo na cidade de Belém do Pará. CRUZ, Ernesto. A história do Clube do Remo. Ibidem Ibidem, pp. 39-41.

No decorrer dos primeiros anos, após a criação oficial do Clube do Remo, ocorreu uma crise entre os associados desta agremiação esportiva, no ano de 1908. Fator que provocou a extinção desta entidade esportiva, que ganhou destaque na cidade no período da sua fundação. Somente em 1911 é que o clube se reorganizou a partir da figura do *sportman* Rubilar, também chamado de Geraldo Mota, Elzeman Magalhães, dentre outros, que formaram um time de *football* ganhando o seu primeiro campeonato no ano de 1913.²⁶³

O processo de popularização do futebol ganhou uma ampliação em outros setores da cidade, principalmente, a partir dos anos de 1930. Já que, temos evidências do aumento da quantidade de clubes que estava sendo fundados durante esse período nos bairros mais populares da urbe belenense²⁶⁴.

As agremiações esportivas, como o Clube do Remo, consideradas de elite, também se popularizavam. Este processo de popularização ocorreu a partir da prática dos seus atletas nos festivais esportivos nos bairros juntamente com o discurso escrito por letrados como Antonio Tavernard. Este escreveu um artigo no jornal *Folha do Norte* de 08 de agosto de 1931, sob o título de “Ave Clube do Remo_Filho da Glória e do Triunfo”, mais especificamente, no ano de 1931, logo após o Clube ter ganhado o título de campeão paraense de remo²⁶⁵.

Esse “título”, possivelmente, teve ligação com o prestígio que o “clube azulino” recebia dos seus “sócios-praticantes” dos *sports* e da própria imprensa esportiva. Além de demonstrar que o clube possuía grandes vitórias em campeonatos esportivos locais em sua história.

Dessa forma, é bom explicar, que esse título recebido pelo “Grupo do Remo” estava relacionado “à paixão” do poeta Antonio Tavernard²⁶⁶ pela prática de *sports* dos

²⁶³ DA COSTA, Ferreira. Leão Azul centenário. Belem-Pa: 2006. p.p. 11-13.

²⁶⁴ O crescimento dos clubes esportivos na cidade a partir dos anos de 1930 pode ser observado no capítulo II nos mapas que foram produzidos por período e nas tabelas desse período.

²⁶⁵ Sobre a homenagem do poeta Antonio Tavernard ao Clube do Remo temos: CRUZ, Ernesto, op. Cit. p.p. 226-227. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. op. cit. p. 08. Leão azul centenário. Op.cit. p.p. 16-17.

²⁶⁶ Conhecido como poeta paraense de magna expressão, Antonio Nazareth Frazão Tavernard nasceu na Vila do Pinheiro, em 10 de outubro de 1908. Conhecido pelo mais íntimos como Toni, seu nome tem Nazareth em homenagem a “Virgem de Nazaré”, já que o mesmo nasceu na época do cirio. Filho do jornalista redator da *A Província do Pará*, piauiense Otílio de Alencar Tavernard e Marieta Frazão Alencar. Ingressou na Faculdade Livre de Direito do Pará. Escrevia textos para revista *A Semana* e assumiu o posto de redactor Chefe da mesma. Uma das Revistas mais lidas na época que mesmo na década de 1920 ainda mostrava uma sociedade “bellepoquista”, uma visão de uma sociedade burguesa em Belém. JANGOUX, Izabela de Almeida Alves. Antonio Tavernard: vida em versos de um flâneur estático. Dissertação. Belém: Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. 2011. p.p. 19-20; 78. PANTOLFO, Sergio Martins.

atletas “azulinos”. Uma situação que proporcionou com que o autor em questão, possivelmente, escrevesse o artigo no Jornal *Folha do Norte*. Este é um indício que nos mostra que muitos “homens letrados” desse período tinham um gosto grande pelo futebol local.

A comparação com Hércules, herói mitológico grego, e a sua ligação com o discurso dos valores da juventude, como força, vontade de vencer, perseverança, ficam claras no momento em que Antonio Tavernard escreve sobre o Clube do Remo no jornal. É como se fosse uma demonstração de que mesmo existindo outros clubes esportivos locais, como inclusive o seu rival na atualidade, os “bicolores”²⁶⁷, somente o time de azul-marinho invocava o discurso de civilização, higiene e *sports*, que lhe proporcionava características não só de associação esportiva, um início do discurso de “todos os azuis, mas todos_ da pátria fundadora do velho Andrade”²⁶⁸, “perfeita” em suas apresentações e extremamente forte com relação aos adversários²⁶⁹.

Para se entender o discurso de valorização dos atletas do Clube do Remo como símbolo do esporte local, é necessário que se compreenda a dinâmica dos festivais esportivos promovidos pelos diversos grupos na cidade ao longo da primeira metade do século XX. Essas atividades esportivas estiveram ligadas a construção das elites locais sobre os valores sociais dos *sports*, dentre eles o *football*, assim como também os grupos populares construíram seus próprios valores. Esse fator é importante para explicar a construção da imagem dos atletas que participavam das atividades esportivas ligadas ao Remo e o Paysandú.

Essa rivalidade futebolística, que se aprofundou ao longo dos anos, foi “fruto” de uma mistura de três fatores, a princípio: o papel da crônica esportiva, a participação de políticos e principalmente o contato entre grupos sociais mais pobres com os grupos de uma elite heterogênea nos festivais esportivos, que ocorriam nos diversos bairros, com a participação do Clube do Remo e do Paysandú. Isto é, a rivalidade entre esses dois clubes está ligada a construção de novos clubes em bairros considerados suburbanos pela imprensa. Por

Centenário do poeta Antonio Tavernard. pesquisado no dia 07/08/2015. BARROCCO, Enzo Carlo. Antonio Tavernard: o passáro doente. Blog de GALVÃO, Hélio Augusto. Pesquisado no dia 07/08/2015. Antonio Tavernard. pesquisado no dia 07/08/2015.

²⁶⁷ Referência atual dada pela imprensa esportiva ao Time do Paysandú, torcedores e jogadores devido as cores azul-celeste e branco do clube.

²⁶⁸ Nesse discurso de Tavernard já começa a aparecer uma ideia de “pátria azul” que remonta o discurso nacionalista, ligado, principalmente ao futebol.

²⁶⁹ DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Idem. p. 08.

isso, a popularização do *football* perpassa também por essa rivalidade que ganhou força nos jornais e nos bairros populares a partir dos anos de 1930.

Por isso, discutir sobre o contexto da participação esportiva do “Grupo do Remo” e seus *sportmen* também perpassa pela construção de uma rivalidade com o clube fundado pelo “*sportman* Hugo Leão”²⁷⁰, pois, ambos os clubes, no decorrer dos anos, participavam de festivais nos bairros, o que provocou um alcance popular sobre agremiações oriundas dos grupos mais elitizados. Essa rivalidade se tornou importante para explicar a dinâmica do lazer dos diversos sujeitos na cidade, que ampliavam “seus gostos” pelo *football*, não sendo possível falar do Remo, sem falar no Paysandú ou vice-versa.

1.7. - Memória, República e Guerra: A fundação Paysandú Foot Ball Club.

A fundação do Paysandú Foot Ball Club, no ano de 1914²⁷¹, é mais do que uma narrativa histórica sobre a prática esportiva na cidade de Belém do Pará. É uma discussão histórico-social sobre memória, República e construção de uma identidade nacional pautada nos relatos oficiais da Guerra do Paraguai e as atividades de lazer na cidade.

O nome do clube, no contexto da primeira guerra mundial, associava-se a exaltação direta a lembrança da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai(1865-1870). Conflito continental que serviu de base para consolidação da República Brasileira, que tinha sido proclamada vinte e quatro anos antes da fundação do “maior rival do Clube do Remo”²⁷².

Na verdade, o clube “bicolor” surge no contexto de lazer e sociabilidade pautadas nas ideias do discurso da *Belle Époque* que ratificava o discurso político de busca por uma identidade nacional brasileira, durante o recém implantado sistema republicano.

Nessa relação passado-presente, o clube é considerado hoje como um dos mais importantes da Região Norte devido sua participação em campeonatos, torneios de destaque no âmbito nacional e internacional.²⁷³ Por isso, foi levantado esse contexto da sua fundação,

²⁷⁰ Hugo Leão é destacado como um dos fundadores do Paysandú, assim como Edgar Proença, Dr Deodoro de Mendonça, Dr Renato Amanajás e Arnaldo Moraes, no ano de 1914, Jornal *Folha do Norte*, 06 de fevereiro de 1914.

²⁷¹ Jornal *Folha do Norte*, 06 de fevereiro de 1914. Destaque para fundação do Paysandú Foot Ball Club.

²⁷² Como também é conhecido o Paysandú atualmente no meio dos torcedores e cronistas esportivos.

²⁷³ No Site do clube é possível perceber o histórico da participação do clube na taça libertadores da América em 2003.

apesar do futebol paraense ter grandes dificuldades atualmente quanto as atividades dos seus clubes na escala do futebol nacional.

Mas, o cotidiano do futebol na cidade, nos primeiros anos do século XX, estava ligados a outros clubes e outros esportes, isto é, antes do Paysandú, já existiam clubes que participavam dos campeonatos e jogavam os festivais esportivos.

O futebol, nas primeiras décadas do século XX, já estava se destacando como o principal esporte praticado pelas elites locais. Por isso, não era novidade a fundação de clubes de futebol²⁷⁴ ou esportivos nos variados bairros da cidade, principalmente os ligados aos jornais, que ganhavam bastante destaque.

Relembro ao leitor, o caso da fundação do Paysandú se torna emblemático devido aos discursos dos sujeitos que o fundaram estarem vinculados naquele momento aos símbolos da República e seus heróis da Guerra do Paraguai. Assim, como as ruas do bairro da Pedreira e do Marco da Léguas que ganharam nomes de batalhas e heróis desta famosa Guerra ocorrida na América do Sul.²⁷⁵

Segundo Ernesto Cruz as ruas de nomes: Itororó, Lomas Valentinas, Angustura, Mercedes, Curuzú, Humaitá, Vileta, Curupaiti, Chaco, Visconde de Inhaúma, Marquês de Herval, Duque de Caxias²⁷⁶; representavam esse projeto urbanístico de Lemos que simbolicamente homenageava os feitos na Guerra do Paraguai buscava consolidar os discursos republicanos de ordem e progresso a partir de seus mitos e heróis.

Um melhor entendimento sobre a fundação do Paysandú e a relação com a Memória da Guerra do Paraguai, pode ser percebido no estudo de Aldrin Figueiredo²⁷⁷ ao

²⁷⁴ No Apêndice e nos anexos a quantidade de clubes fundadas no ano de 1914-1916, período que foi fundado o Paysandú e iniciava a I Guerra Mundial (1914-1918).

²⁷⁵ Sobre as ruas do bairro do Marco e da Pedreira Aldrin Figueiredo destaca que os jogadores do time do Cerro Portenho do Paraguai, quando vieram jogar com o Paysandú, no ano de 2003, ficaram curiosos e espantados com a quantidade de nomes nas ruas e avenidas que faziam referência as localidades Paraguias e militares brasileiros que lutaram na Guerra do Paraguai. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias do Marco da Léguas: Paysandú, Modernismo e Guerra do Paraguai. In: SIMONIAN, Lígia T. L.(org.) Belém do Pará: História, cultura e sociedade. Belém: NAEA, 2010. p.p. 139-140. Sobre as ruas do Marco e da Pedreira e os nomes ligados a guerra do Paraguai temos também VALENTE, José. A história nas ruas de Belém. Marco e Pedreira. Belém: CEJUP, 1993. E CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970. pp. 116, 122, 126.

²⁷⁶ Na obra “história de Belém” Ernesto Cruz afirma que essas ruas faziam parte do projeto de desenvolvimento para cidade de Belém lideradas pelo “velho Lemos”, como era conhecido vulgarmente o Intendente Antonio José de Lemos. Na obra “Ruas de Belém” o autor explica o significado de cada rua, travessa e largos. E CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 2ª edição, 2013. p.p. 21-22. História de Belém. 1º volume. Belém: coleção amazônica, série José Veríssimo, UFPA, 1973. p.p. 50-51.

²⁷⁷ Destaque para a participação de literatos na construção de uma comemoração dos cinquenta da vitória do Brasil na Guerra do Paraguai. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Memórias do Marco da Léguas: Paysandú, Modernismo e Guerra do Paraguai. Op. Cit. p.p. 139-140. Lembrando a guerra do Paraguai:

ressaltar que essa memória da Guerra, no início do século foi fruto dos debates intelectuais que ocorreram nos anos de 1910 e 1920, quando, o furor vanguardista sacudia algumas searas das artes na Amazônia, principalmente os literatos ligados ao Instituto Histórico e Geográfico do Pará e Academia Paraense de Letras que se puseram a pensar na comemoração do cinquentenário do Conflito em questão²⁷⁸.

Talvez essa discussão seja parte de uma “teia” de informações que destacam os literatos como parte da influência na fundação do clube, já que dentre os fundadores do Paysandú estava Edgar de Campos Proença, que era jornalista, jogador de futebol (*Sportman*) e literato influente no período especificado²⁷⁹.

(...) No dia 02 de fevereiro de 1914, data da fundação do Paysandú, o Jornal ‘O Estado do Pará’ inseria a última nota, convocando os desportistas para que tomassem parte da fundação do Paysandú. ‘Estão convidados todos os interessados na fundação do novo clube de Foot-ball, a comparecer hoje, às 08h00min horas da noite, no prédio á rua Pariquis 22.(...) a reunião foi iniciada às 20h15min horas a uma segunda-feira, 2 de fevereiro de 1914, na residência de Abelardo Leão Condurú, localizada à rua Pariquis 22, entre as travessas Apinagés e São Matheus (atual Padre Eutíquio).

Por unanimidade, a assembléia escolheu os desportistas Hugo Leão, mais entusiasmado com a idéia da fundação da nova agremiação, para presidir os trabalhos, escolha essa feita a unanimidade. Hugo Leão como líder do movimento e na qualidade de presidente da reunião, convidou o desportista Humberto Simões para funcionar como secretário. Em seguida, tomou posse como presidente da sessão, passando a esclarecer a finalidade da reunião, que era da construção de uma nova Agremiação Esportiva, propondo, ao mesmo tempo, a denominação de Paysandú Foot-Ball Club, ‘como Homenagem ao feito glorioso e heróico da Marinha de Guerra brasileira ao transpor o Passo do Paysandú, na guerra contra o Paraguai’. A sugestão de Hugo Leão foi motivos de acirradas e acalorados debates na assembléia, que logo se dividiu em duas alas, uma a favor da proposição de Hugo Leão e outra contrária, pugnado pela denominação de ‘Team Negra Foot-Ball’. Os debates já se prolongavam por mais de meia hora, até que Hugo Leão colocou em votação uma proposta, que era a da maioria dos presentes. Edgar

história, memória, futebol e modernismo. In: RICCI, Magda Maria de Oliveira e SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. (org.) O oitocentos na Amazônia: política, trabalhos e cultura. Belém: Editora açai, 2013. p.p. 165-182.

²⁷⁸ Sobre a discussão da Guerra do Paraguai e a participação de tropas paraenses na famosa guerra temos dentre outras: MACHADO, Francisco Ribeiro. Visão histórica da Polícia Militar: pesquisa e compilação. Belém: IOEPA, 2012. p.p. 89-112. REGO, Orlando L. M. Moraes. Retrospectivo histórico da Polícia Militar do Estado do Pará (1822-1930). p.p. 31-64. SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990. CARVALHO, José Murilo de. Forças armadas e política no Brasil. 2ª edição, São Paulo, 2012, p. 176. POMER, Léon. Paraguai: nossa guerra contra este soldado. 2ª edição, São Paulo: Global, 1984. DORATIOTO, Francisco Fernando Moteoliva. A ocupação político-militar brasileira do Paraguai (1869-76) In: CASTRO, Celso (et al, org) Nova História Militar brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. p.p. 209-236.

²⁷⁹ Sobre Edgar Proença destacaremos mais sua figura no capítulo III a partir de um tópico que trata sobre os literatos-jornalistas. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os Vândalos do Apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012, p.p. 77-87.

Proença requereu que a votação fosse feita nominalmente, o que foi aprovado. Feita a votação, registrou-se que a vitória, por maioria de votos dos 42 desportistas presentes, escolhendo-se a denominação de Paysandú Foot-Ball Club²⁸⁰.(...)

Discurso sobre fatos “heróicos”, homenagens a recém proclamada República e seus militares, participação de diferentes sujeitos sociais, notícias nos jornais. A fundação do Paysandú Sport Club, nesse sentido, nos possibilita perceber que muitas “personalidades importantes” da vida política paraense estavam envolvidas na criação de clubes de futebol, como Deodoro Machado de Mendonça. Este foi Deputado, Senador, Secretário e Assessor de Estado, homem político com influência na sociedade belenense do período, onde ora fazia antagonismo, ora apoiava outros políticos da sua época. Um sujeito que estava presente no cenário político local.²⁸¹

Deodoro de Mendonça foi mais um dos políticos da época que participaram de fundações de agremiações esportivas, como o Paysandu Sport Club. Foi um homem de carreira política que demonstrava bastante influência no âmbito social, já que era um proprietário de terras, advogado, funcionário público, professor e jornalista, sendo que chegou a ser Diretor do Jornal *O Estado do Pará*.²⁸²

Inicialmente foi contra a chamada “Revolução de 1930”, depois participou da Frente Única Paraense (FUP,1935-1937) e durante o Estado Novo foi Secretario-Geral do Pará, no governo de José da Gama Malcher (1937-1943). Alguns anos depois se tornou um dos fundadores do PPS, no contexto da redemocratização de 1945, o chamado Partido Popular Sindicalista²⁸³.

A participação de alguns políticos ligados a fundação desse clube na cidade, nos leva a pensar sobre a importância do futebol como uma construção cultural e social das elites

²⁸⁰ Relato sobre a fundação do Paysandú, o autor cita o Jornal *O Estado do Pará*, 02/02/1914. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Belém: Cabano, 1º Ed., 2000. pp. 247-250.

²⁸¹ BORGES, Ricardo, *Revista Vultos notáveis do Pará*, 2ª Ed., Revista aumentada comemorativa do centenário do nascimento de Deodoro de Mendonça. Edições CEJUP, Belém, 1986. pp. 287-298. Ver também: Relatos nas páginas do livro sobre a participação desse político no contexto conturbado da Política paraense Durante a Primeira metade do século XX. ROQUE, Carlos. Historia Geral de Belém e do Grão-Pará. op. cit. pp. 153- 154.

²⁸² A formação acadêmica de Deodoro de Mendonça estava alicerçada na Faculdade de Direito do Pará, o que possibilitou a sua ascensão ao cargo de Promotor Público, no Ministério Público do Pará. Nos anos de 1930 se dedicou a exploração de Castanha-do-Pará no interior do Estado. No âmbito político, foi chefe de gabinete de seu tio, Virgílio Mendonça, então prefeito de Belém(1913). Foi escolhido Prefeito da cidade de Cametá(1923). Secretario-Geral de Estado nos governos de Antonio Emilianno de Souza Castro (1921-1925), Dionysio Bentes (1925-1929) e Eurico Vale(1930).BRAGA, Sergio Buarque. Quem foi quem na Assembléia Constituinte de 1946, um perfil sócio-econômico e regional da Constituinte de 1946. Artigo. Brasília, vol. I, 1998. Ver: , 12/08/2007. É feito referência a vida política de Deodoro de Mendonça.

²⁸³ Idem.

locais. Esses grupos praticavam o *sport* e possibilitaram reelaboração da sua dinâmica por parte dos outros segmentos sociais. No entanto, inicialmente, os que possuíam prestígio social construíram ativamente a prática do esporte. A participação de Deodoro de Mendonça nos mostra a individualidade dos sujeitos e o coletivo da prática de *sports* nos clubes da cidade. fatores que caminhavam lado a lado no processo de consolidação do chamado *football association* no Pará. Peculiaridades que também estavam presentes na criação do Paysandú.

As reuniões dos sócios-fundadores e o debate sobre o nome do novo clube, que poderia enfrentar o Clube do Remo, nas partidas locais, relatavam um ambiente de construção de uma rivalidade futebolística, no qual, prevaleceu o nome defendido por Hugo Leão.

Sobre esse contexto de fundação do Paysandú, Agostinho Monteiro enfatiza em sua entrevista para o historiador Carlos Roque sobre a participação de personalidades políticas da época como o Deodoro Machado Mendoça, que era “remista” e Abelardo Condurú:

(...) eu fui um dos fundadores do Paissandu. Vim do tempo do Time Negra. O Time Negra foi criado por uns rapazes, sem formação clubística propriamente dita, mas que originou a criação posterior do Paissadu. Fui presidente do Paissandu por vários anos, com Abelardo Condurú, o Deodoro Mendonça. Não o Deodoro foi sempre remista. Não joguei oficialmente no goal do Paissandu. Porem, não deixei em treinos de fazer minhas defesas.(...) ²⁸⁴

Esse depoimento de Agostinho Monteiro nos indica os setores sociais que os grupos que formaram o Paysandú pertenciam. Nesse caso, Agostinho Monteiro era um *sportman*, assim, como Edgar Proença, Hugo Leão, dentre outros. Sujeitos que politicamente e socialmente eram influentes e participaram da criação do clube.

Esse nome do novo clube estava atrelado a uma memória republicana brasileira da Guerra do Paraguai, que também aparecia no nome das ruas da cidade de Belém, no início do século XX. A urbanização do centro urbano, promovida por Antonio Lemos, de maneira indireta, acabou sendo enfatizada, pois, também lembrava as batalhas desse conflito sul-americano, assim como os sócios do antigo clube escolheram o nome que lembrava as ruas do bairro do Marco planejado pelo “Velho intendente”²⁸⁵. Dessa forma, os nomes de fatos

²⁸⁴ ROCQUE, Carlos. Depoimentos para história política do Pará. Belém: Mitograph editora ltda, 1981, p. 61.

²⁸⁵ Termo usado por Maria de Nazaré Sarges na sua obra citada neste trabalho “Memórias do Velho Intendente” para referir um tipo de imagem construída sobre o político. SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do Velho

históricos que ocorreram na região Platina, especificamente no Paraguai, eram comuns, nas construções das obras urbanas desse período, assim como foi a ideia dos sócios sobre a fundação do Paysandú.

Para além da fundação de uma agremiação esportiva, é possível que as influências do discurso republicano estivesse sendo usada para justificar o nascimento de um time ligado ao processo de estabilização da República e seus heróis militares. Assim, se explica por que o nome “Team Negra”, não prevaleceu, no momento da escolha do nome do clube, por parte dos primeiros associados. O significado apenas lembrava as cores do Norte Clube, enquanto time futebolístico. Já o nome Paysandú referenciava toda uma conotação histórica militar que os membros da elite local buscavam enfatizar.²⁸⁶

A busca por parte de determinados sujeitos pela construção de um clube que exaltava a memória da guerra do Paraguai, no contexto do início da primeira guerra mundial, nos leva a pensar que a construção de uma determinada identidade nacional estava sendo atrelada às atividades esportivas desse novo clube. Num processo que vai ser mais enfatizado a partir dos anos de 1930, porém, é possível percebermos os grupos que estavam no poder político, não somente local, mas nacional, que buscavam a exaltação de uma República e seus mitos que justificavam a solidificação dos grupos que almejavam o poder.

Entender esse discurso de busca por uma identidade nacional brasileira, não é visto nesse estudo de maneira inocente, pois, as fontes destacam a fundação do Paysandú no contexto de maior valorização de uma nação republicana brasileira. Esse contexto pode ser entendido através da narrativa de Eric Hobsbawm, no seu trabalho sobre “o apogeu do nacionalismo”. Para o autor, o momento histórico do final da primeira Guerra mundial facilitou a propagação do modelo de estado-nação e o “princípio da nacionalidade do século XIX”. Os fatores para facilitação e desse triunfo do nacionalismo capitalista não foram intencionais, mas, ligados ao fim dos impérios multinacionais na Europa e a Revolução

Intendente. Op. Cit. Ernesto Cruz usa o Termo “o Velho Lemos”. CRUZ, Ernesto. História de Belém. 1º vol. Coleção Amazônica, série José Veríssimo. Belém: UFPA, 1973. p. 50.

²⁸⁶ Segundo Ferreira da Costa, houve uma disputa em torno da escolha do nome do clube que substituiria o Norte Clube. A nossa ideia foi analisar esse processo de fundação do Paysandú de acordo com o contexto histórico, marcado pelo início da Primeira Guerra Mundial, lembrança da Guerra do Paraguai e discurso de um recém implantado regime republicano, que era exaltado no nome das ruas e avenidas, principalmente do bairro do Marco. O uso da fonte do autor serve para ampliar o debate sobre o futebol local e a perspectiva da História social. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Op. Cit. p.p. 247-250.

Russa, que fizeram com que os aliados “preferissem o discurso Wilsonianos que os bolcheviques”.²⁸⁷

No caso da prática futebolística, a dinâmica do jogo baseada em ataque e defesa territorial, os símbolos do clubes, a função de cada jogador, seus uniformes, as convocações para as partidas, nos leva a pensar como essas características importantes facilitaram o desenvolvimento do discurso nacionalista, algumas vezes nos clubes, seleções locais e nacionais. Nesse sentido, os clubes passam a representar “nações” ou seus jogadores quando convocados passam a defender seleções, que durante as partidas de futebol simbolicamente defendem o território de um país ou região.

Temos abaixo a imagem do time do Paysandú divulgada no noticiário esportivo da Revista *A Semana* do dia 13 de maio de 1919. As lentes do fotógrafo captam uma imagem dos jogadores do Paysandú de maneira tradicional²⁸⁸, à margem do campo de futebol, cinco anos depois da sua fundação. Esses jogadores eram sócios do clube, que estavam participando de um festival esportivo, chamado de “festa acadêmica”.

²⁸⁷ HOBBSBAWM, Eric. O apogeu do nacionalismo: 1918-1950. In: _____ *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 159-194.

²⁸⁸ Geralmente nas fotografias dos times de futebol os jogadores faziam pose a partir de uma fileira de jogadores em pé e outra sentada ou agachada para serem divulgadas pela Imprensa ou oficialmente pelo clube. Por isso, chamo este tipo de pose de tradicional, por ser um tipo de fotografia bastante tirada pelos clubes de futebol ao longo dos anos. Hilário Franco destaca numa fotografia de jogadores de futebol uma organizacional piramidal, conforme a descrição feita anteriormente. FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. Op. Cit. p.p. 222-223. Imagem 23.

Imagem 12 - Jogadores do Paysandú momentos antes de uma partida na capital paraense.

A Semana

A SEMANA SPORTIVA



Os socios do Paysandú que tom aram parte na festa academica do dia 13 do corrente.

Do interior

As cousas deliciosas do interior... São tantas e valem uma bibliotheca de tolices. Ha em certa comarca um juiz que faz baptisados civis. Eu o conheço bem. Não é muito alto, nem é baixo de mais. E' porém, a quint'essencia da moralidade...

Para pedir a noiva, alem da consulta previa aos paes, o caboclo ouve, religiosamente, os padrinhos de sua eleita. E depois dos padrinhos, por precaução, o viga-

rio da parochia, sem cujo assentimento o casorio será infeliz e os filhos do casal malaventurados da sorte...

★

Vae de andar a roda da sorte e cada um cuida de si e Deus de todos... De repente, o milharal floresce e, maduras as espigas, eis a colheita farta e preciosa entre cantilenas roceiras.

E o milho amontoado na choça, o caboclo parte á caça e á pesca, ficando as mulheres de casa, toda a familia a amarrar as mãos:—cincoenta espigas que se vendem a seis tostões...

Tudo porque o milharal precisa dar mais á proxima colheita. O caboclo entende assim.

Os poetas que vivem na cidade e cantam a delicia do amor e o encanto da linha... recta dos George Walsh, precisavam, em bando, passeiar ás margens maravilhosas do Amazonas. Por exemplo, o Rocha Moreira, com um aparelho cinematographico, faria film indigena e adoravel de todos os frequentadores do que se chama por ali a arte do silencio...

Film esse que venceria cem chronicas de Fra Diavolo...

D'A. C.

Senhora recém chegada do Rio de Janeiro, aceita
encomendas de «tailleurs», vestidos,
roupa branca, etc. e ensina corte, costuras, chapéus e flo-
res. Das 9 ás 11 da manhã, e das 2 ás 5 da tarde.

PREÇOS MODICOS ★ Rua dos 48, n 12

Fonte: Revista A Semana, 13/05/1919.

Essa participação dos sócios como jogadores de futebol explica o significado de ser *Sportman* nesse contexto, assim como, possibilita um entendimento sobre a relação do sócio com o clube esportivo, uma relação de busca de lazer, por parte desses sujeitos, no espaço do seu clube.

“O Paysandú Foot Ball Clube” surgiu como um clube de futebol e regatas que relembra a República, e de certa forma exaltava a memória de Lemos e sua reestruturação urbana na capital paraense. Sua fundação exaltou um símbolo republicano que foi a guerra do Paraguai. A vitória no Paço do Paysandú, no Uruguai, o discurso de “*Belle époque sportive*” incorporado nas percepções de seus fundadores, caracterizou o início do clube ligado a um debate sobre construção de identidade nacional. Buscava-se, assim, o alicerce da legitimidade do sistema baseado na memória do “conflito na região do Prata”, ocorrido na segunda metade do século XIX.

Esse contexto fez com que parte do discurso intelectual dos literatos sobre as comemorações da vitória na Guerra do Paraguai colaborasse na busca por uma construção de identidade nacional, quarenta anos depois, ligado a todo o discurso de modernidade trazida por Lemos, ex-membro da Marinha, que ampliou o bairro do Marco e da Pedreira, exaltando as batalhas na região platina a partir de nomeação de ruas e avenidas, forjando uma memória de “grandiosidade” para o clube e a cidade de Belém.

1.8. – O cotidiano das “especializadas”, o futebol suburbano e o “Re x Pa”.

No processo de pesquisa percebi que os grupos os quais circulavam junto às elites locais construíram festivais que serviam de símbolo da ascensão capitalista, pelo menos, no que se refere à parte esportiva. Nesses locais, onde ocorriam os festivais, os campos eram abertos e se localizavam nos largos, nas praças da cidade. Fator que facilitou uma aproximação das camadas populares durante os jogos de *football*.

A separação entre os grupos sociais ocorria, de certa forma, durante as festas que ocorriam em clubes como o Clube do Remo, Sport Club Of Pará, por exemplo, considerados pela imprensa como clubes *chic* da cidade.

Os jogos de *football* nas praças da cidade facilitaram o contato e a reelaboração dos diversos setores sociais ligados a uma cultura dos grupos menos abastados com o esporte. Esse setor social era formado por operários, trabalhadores autônomos, braçais, negros, indígenas e mestiços moradores de bairros considerados suburbanos.

Baseado nesses fatos podemos nos perguntar sobre os festivais. O que seriam os festivais futebolísticos que mobilizavam várias pessoas em toda cidade de Belém? Desde de quando eram praticados? Quais os sujeitos sociais que participavam? Que assuntos poderiam estar envolvidos nas festas nos clubes que ocorriam na cidade de Belém?

Na verdade, eram festas regadas por muito futebol, bailes nos clubes e festas durante os jogos, ocorrendo não somente em clubes grandes da época, mas também nos clubes suburbanos, que muitas vezes jogavam sem o equipamento considerado adequado, em campos de “várzea”²⁸⁹, terrenos baldios, como, o caso do clube Boqueirão²⁹⁰, citado no início do texto.

O Clube do Remo e do Paysandú estavam atrelados aos grupos das elites locais, que fundaram os seus clubes com o objetivo de proporcionar lazer e sociabilidade entre seus pares. No entanto, devido uma grande propagação da Imprensa e o contato com outros clubes da cidade durante os festivais, esses dois clubes foram se popularizando. Na notícia da Revista *A Semana do dia* 30 de julho de 1921, a seguir, temos indícios da participação do Clube do Remo em festivais esportivos:

O festival dos acadêmicos realizou-se domingo vencendo nas eliminatórias o Clube do Remo, e no encontro entre Paraense Colegial e Acadêmicos, este último com como magnífico resultado de 3 a 1 bolas.

Foi uma festa deveras magnífica, a de domingo, promovida pelos estudantes de Direito, tendo a ella comparecido grande multidão.

A hora annunciada teve inicio o festival, sendo procedido o sorteio para o 1º encontro que teve como partes o

Brasil e Phanter

Esta jogo foi arbitrado, com acerto, pelo S.r. Galdino de Araújo. O Brasil asenhorou-se por completo do terreno e ali actuou com facilidade, conquistando dois pontos pelo ponta-pé de Rochinha que esteve deveras excellente.

O quadro tricolor não conseguiu vazar a rêde “brasileira”.

Entram em campo depois o

Remo e Luso

Com o melhor desenvolvimento e mais tachnica, do que o jogo anterior, desenrolou-se esta peleja que de renhida que foi, arrancou applausos da assistência. O Remo ganhou o Luso pelo mesmo resultado de Brasil e Panther. Com uma pausa de 15 minutos entra em campo para o resultado final da taça “Souza Castro” as esquadras do Brasil e Remo

Que entram em campo sob a direcção do Sr. Aristides Baymam, o qual estreando na difficil posição do arbitro demonstrou entender do recado.

²⁸⁹ A palavra mais adequada seria subúrbio ou futebol suburbano, porém, o termo de várzea é usada no centro-sul e também é conhecido por ligar a prática futebolística às “áreas populares”. Por isso, foi usado de maneira análoga no trabalho.

²⁹⁰ O clube é do bairro do Jurunas. Surgido nos anos de 1930 é um exemplo da prática futebolística nos bairros com os “pés descalços”. Essa fonte é citada no início do capítulo, e nos remete aos setores populares construíam as suas experiências futebolísticas no bairro acima citado. *Jornal O Estado do Pará*, op, cit. 09/01/1938. p. 6. Esse clube também é citado nas tabelas de clubes por bairro em apêndice e anexo.

O Brasil joga com dez homens apenas, pois, Coelho fora machucado no 1º jogo. Sem domínio e num permanente equilíbrio debateram-se os quadros, tendo o Remo por final como vencedor, por uma bola a zero.

A escola de marinheiros, dá entrada em campo e faz diversas evoluções com garbo e rapidez, merecendo francas aclamações do povo.

Esgottada essa parte, o Sr. Galdino Araújo chama a postos, as turmas do Paraense Collegial e acadêmico ²⁹¹

O registro da fonte acima destaca os jogos produzidos pelos acadêmicos do Curso de Direito, fato que nos possibilita compreender a dinâmica futebolística na cidade de Belém, no qual eram comuns jogos de futebol em clubes dos bairros “ditos elegantes da cidade”, mais precisamente dos bairros do comércio, Cidade Velha, Nazaré, S. Brás, e até de áreas distantes como o Bairro do Marco, que participavam de forma efetiva dos torneios.

Muitos gostavam de participar não somente pela própria dinâmica do jogo futebolístico em si, mas pelos encontros de diversos setores sociais que participavam promovendo desfiles de escolas dos marinheiros, tendo participação de militares sob a organização e participação de clubes tradicionais da cidade, o que trazia uma boa quantidade de pessoas para os locais onde ocorriam os jogos.

Esse fato evidencia que a prática do futebol atraía as pessoas também pela sua dinâmica de jogo. Nesses ambientes se enfatizava uma paixão clubística que aumentava nem tanto pelo discurso dos valores que eram repassados de garra, força, perseverança e trabalho em equipe, mas pela organização dos eventos que transformavam o *football* numa atração dos domingos e feriados na cidade.

No âmbito do festival esportivo dos acadêmicos de direito, conforme a fonte anterior, percebe-se que sua construção estava relacionada com a disseminação dos esportes no início do século XX.

Ao compararmos com outros festivais, sabe-se que o lazer das pessoas não limitava somente ao futebol, utilizavam também outras práticas esportivas como atração, inclusive brincadeiras como corridas de ovos para moças²⁹², dentre outras.

²⁹¹ Relata um dos muitos festivais que ocorriam em Belém onde jogou o Clube Luso Brasileiro e o Clube do Remo; Brasil e Panther, clubes considerados de elite mesmo no início do século XX. *Revista A semana, Caderno A Semana Sportiva* – 30 / 07/1921- nº 173,/ vol.04; O Clube Luso Brasileiro foi fundado no dia 17 de fevereiro de 1917, participava dos campeonatos oficiais e dos festivais esportivos. Centro de Memória da Amazônia-UFPA, ano 1918, Caixa 2, Documento 51.

A partir dos anos de 1930 os festivais esportivos começam a se consolidar com um único evento: os jogos de futebol. Apesar da boa fama dos outros esportes, existem evidências que esse discurso de valores morais repassados no decorrer dos jogos, principalmente nos de futebol, ganharam fama nos diversos setores sociais de Belém. Essa fama se alicerçava também pelo seu lado considerado pejorativo, pois, em muitos jogos “o excesso de garra” fazia a imprensa esportiva, no decorrer dos anos, convocar os diversos sujeitos para comparecerem às partidas, de modo a verificarem os “bravos clubes” que se enfrentariam. No clássico Remo x Paysandú, as intrigas, a rivalidade eram comuns, o que se transformava em fator para o comparecimento de várias pessoas aos jogos.

Os festivais esportivos que surgiam na cidade, no começo do século XX, foram fruto do contato entre a prática futebolística europeia e o cotidiano local. Para José Sergio Leite Lopes, pensando no espaço do Rio de Janeiro, o processo de popularização do futebol começou a acontecer mesmo quando o *Football* era praticado pelas classes aristocráticas, pois, os setores considerados subalternos da sociedade tinham contato com essa prática esportiva nos locais em que os “grandes clubes” jogavam.²⁹³

No caso de Belém do Pará, percebemos que independente da classe social, grupos, cor ou “etnicidade”, o futebol foi apropriado de acordo com o cotidiano local²⁹⁴, inicialmente dos clubes como o Clube do Remo, Sport Club of Pará, Panther, Tuna Luso, dentre outros, e mais à frente uma disseminação na cidade e seus subúrbios, como veremos no capítulo seguinte.

²⁹² Relato de um festival Atlético do Clube do Remo no ano de 1918. Dentre os eventos, corridas, Cricket, cabo de guerra e corrida de ovos para moças. CRUZ, Ernesto. A história do Clube do Remo. Op. Cit. p.126.

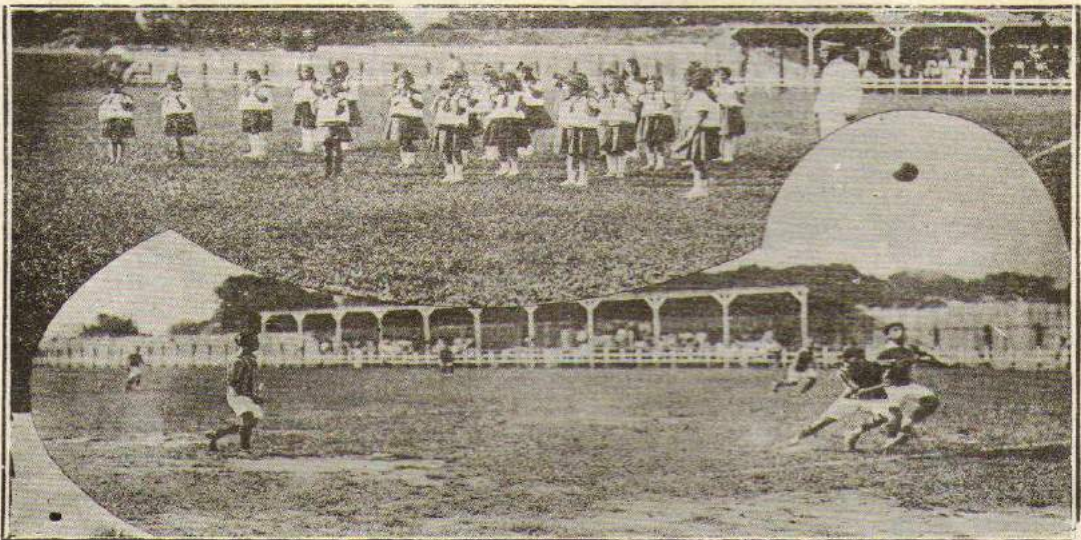
²⁹³ LOPES, José Sergio Leite. “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro.” IN: BATALHA, Cláudio H. M; DA SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre.(orgs.). *Culturas de Classe*. São Paulo: UNICAMP, 2004, pp. 121-163.

²⁹⁴ Idem.

Imagem 13 - Festival esportivo promovido pela Loja Maçônica Firmeza e Humanidade. No campo do Clube do Remo.

A Semana

O FESTIVAL DA FIRMEZA E HUMANIDADE



Ao alto as crianças da escola montada por aquella Loja Maçônica, em exercício de gymnastica sueca. Em baio, ao fundo, a archibancada do campo do Club do Remo, vendo-se um interessante aspecto do jogo de «foot-ball»



SANTELMO
O REI DOS
SABONETES

4

INOICTA

A MELHOR TINTURA
PARA OS CABELLOS



PRODUCTOS DE FAMA RECONHECIDA

PERFUMARIA

DAS DAMAS

PARA o BANHO e FRICÇÕES

4

GUITYRIO

ODONTYNOS

A ULTIMA DESCOBERTA PARA A
CONSERVAÇÃO DOS DENTES

Fonte: Revista A Semana, 18/09/1920.

Esse festival da Loja Maçônica Firmeza e Humanidade foi um dos eventos esportivos que evidenciou a participação de determinados grupos das elites que construíam um discurso civilizatório. Segundo a revista *A Semana* de 11 de setembro de 1920, uma semana antes do evento, essa Loja Maçônica destacava a promoção de um concurso de todos

os clubes de Ligas, um imponente festival esportivo, no campo do Clube do Remo. O objetivo do evento seria arrecadar benefícios para as escolas mantidas por essa Loja, onde mais de duzentas crianças recebiam “a luz das instruções”. O festival deverá acontecer com a presença do Grão-Mestre Honorário da Maçonaria Brasileira Exmº Sr Dr Lauro Sodré e as crianças “que se educam na escola Firmeza e Humanidade entoarão num dos intervallos os hynos Nacional e Maçonico.”²⁹⁵

A imagem destacada na fotografia nos mostra um evento festivo, que dentre as atrações, estava a partida de futebol entre o Clube do Remo e o Brasil Clube, destacada na parte inferior da fotografia. Na parte superior da imagem tem-se o início da cerimônia que abriu o festival esportivo através dos alunos das escolas que são mantidas pela Loja Maçonica Firmeza e Humanidade. Estes estão entoando o hino nacional. Uma festividade que destacava os grupos sociais ligados a maçonaria e o lazer na cidade a partir de atividades esportivas. Esses eventos ocorriam geralmente aos finais de semana, quando os membros da Loja Maçônica, de maneira geral, podiam promover suas atividades ligadas ao lazer, assim como outras instituições ou clubes.

A seguir temos uma imagem retratada pela revista *A Semana* que destacava o time de *football* do Yole Clube, na festa de 13 de maio²⁹⁶ de 1919. Uma cena do cotidiano esportivo da cidade, no qual um clube dirigido pelas elites locais estava participando de um festival futebolístico em comemoração “a libertação dos escravos”. Conforme afirma o noticiário da revista *A Semana* do dia 24 de maio de 1919 ao ressaltar a importância da “áurea data”.²⁹⁷

²⁹⁵ Festival da Loja Maçonica Firmeza e humanidade. Revista *A Semana* 11/09/1920.

²⁹⁶ Esta “áurea data no Pará” também se comemorava o fim do movimento da Cabanagem com a derrota dos cabanos frente a tropa legalistas. No dia 13 de maio de 1836, desembarcou na fazenda Pedreira à margem direita do rio Guamá, depois de ter vencido os cabanos, entra triunfante em Belém o Brigadeiro Francisco José de Souza Soares de Andréa. RÊGO, Orlando M. de Moraes. Calendário histórico de Belém (1616-1946) Belém: Instituto Histórico e Geográfico do Pará e Fundação Cultural do Estado do Pará, 1979. p. 88.

²⁹⁷ Revista *A Semana*, 24/05/1919. Vol. II, nº 60.

Imagem 14 - Time de futebol do Yole Club, nas festas em comemoração ao dia 13 de maio.



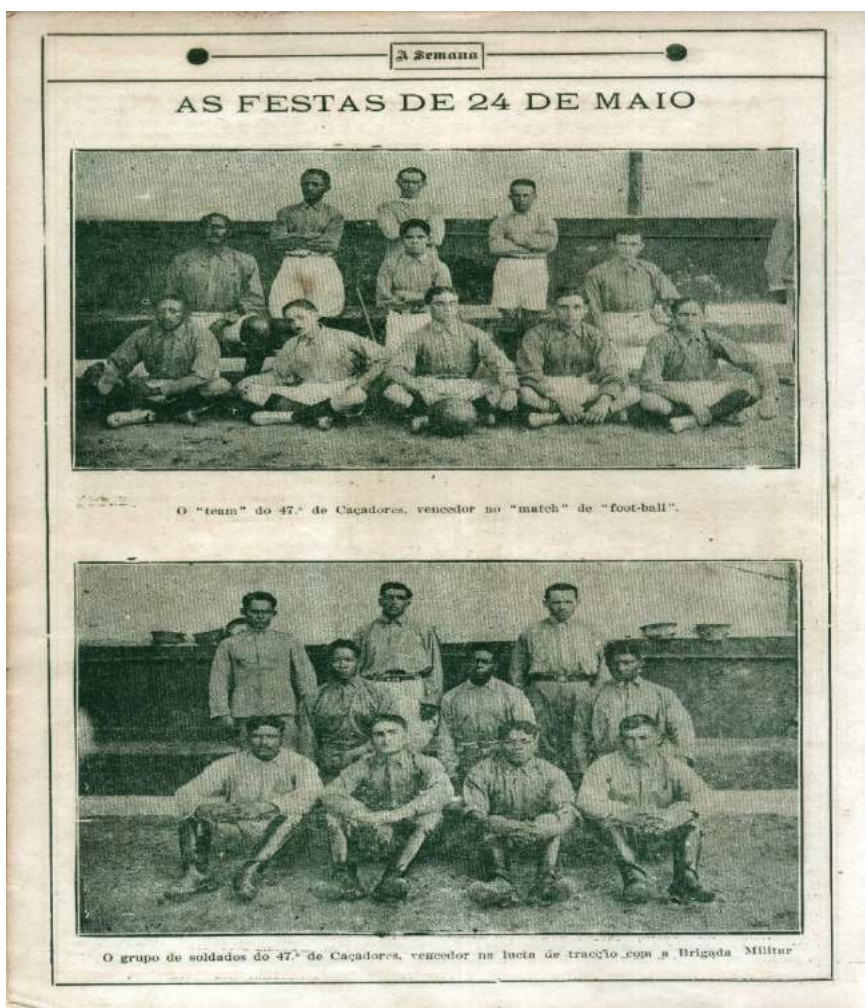
Fonte: Revista A Semana, dia 24/05/1919.

Essas fotografias acima, imagem 14, mostra os sócios do Yole Club que tomaram parte do festival futebolístico do dia 13 de maio de 1919. Outros clubes também participaram do festival, tais como o Clube do Remo e o Brasil Sport. Alguns desses clubes iniciaram as suas práticas esportivas a partir da prática de remo ou outras atividades aquáticas, e depois passaram a disputar futebol, a partir do ano de 1919, como é o caso do Yole Clube.

Na imagem abaixo, temos os atletas militares do 47º Batalhão de Caçadores do Exército Brasileiro da época, atores sociais que estavam envolvidos no cotidiano esportivo da

cidade de Belém, no ano de 1919, em comemoração a vitória na batalha do Tuyuti durante o período que ocorreu a Guerra do Paraguai.²⁹⁸

Imagem 15: Time de futebol do 47º BTL de caçadores, que participava de festivais esportivos na época.



Fonte:Revista A Semana, 30/05/1919. Vol. II, nº 62.

Essa fotografia também relaciona as práticas esportivas aos militares, como já foi citado anteriormente, pois, foram homens que viveram o cotidiano esportivo no Pará. Estes

²⁹⁸ Comemoração da Batalha de Tuyuti em 24 de maio de 1919. Revista A Semana, 30/05/1919. Vol. II, nº 62.

vivenciavam momentos de disputa e lazer construídos a partir de uma concepção ligada ao ambiente militar e sua rivalidade com outras Forças, como a Brigada Militar do Estado²⁹⁹.

A fotografia acima do Batalhão de Caçadores destaca o time de futebol na primeira imagem e, na segunda, o grupo de soldados do mesmo batalhão vencedor na “luta de tracção com a Brigada Militar”. Na verdade, temos indícios de festivais entre militares do efetivo Exército, como o Batalhão de Caçadores, no ano de 1919, e o grupo formado pelos militares pertencente a Brigada Militar, uma Força Militar Estadual. Ambas as Forças militares conviviam no cotidiano da cidade, inclusive o esportivo.

Sobre essas disputas esportivas entre os grupos de militares e fazendo uma relação com a fundação do Paysandú, assim, como outros clubes, é possível afirmar que a participação dos militares nas atividades esportivas eram próximas, na primeira metade do século XX. No caso de Belém, eles participavam dos festivais e organizavam suas atividades ligadas ao esporte.

Segundo Karina Cancelli, no ano de 1922 a organização dos jogos olímpicos latino-americanos contou com atuação direta dos militares, seja como integrantes ou como atletas. A autora destaca que as atividades físicas regulares já eram identificadas nestas instituições desde do início do século XIX, sendo desenvolvidas a partir de exercícios característicos da profissão de militar.³⁰⁰

Essa aproximação dos militares com as atividades físicas estava relacionada à possibilidade do desenvolvimento de habilidades fundamentais para o exercício militar que, posteriormente, passaram a ser realizadas também em caráter esportivo como a natação, a esgrima e a equitação³⁰¹.

A participação dos militares na difusão dos esportes, no início do século XX, na capital paraense, é percebida nos clubes suburbanos e seus festivais, assim como nos Clubes considerados elegantes.

No dia 20 de julho de 1937, temos um ofício assinado pelo comandante Geral da Polícia Militar do Pará, Coronel José Manoel Ferreira Coelho, convidando o clube São Domingos e seus atletas para participarem da corrida “volta da cidade”, organizada por essa

²⁹⁹ A Brigada Militar do Estado é o que hoje chamamos de Polícia Militar. No início do século XX, era uma tropa aquartelada, uma espécie de Exército Estadual.

³⁰⁰ CANCELLI, Karina Barbosa. As forças armadas e os jogos esportivos do centenário de 1922. In: SANTOS, João Manuel C. Malaia & MELO, Victor Andrade de. 1922: Celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7letras: Faperj, 2012. p.p. 118-141

³⁰¹ Idem.

Instituição Militar. Esse ofício-convite nos possibilita perceber, nos anos de 1930, a participação dos militares e os clubes nos festivais juntamente com atividades físicas em geral e o discurso voltado para “pujança e a belleza physica e moral da nossa raça”.³⁰²

No regulamento da competição denominada “volta da cidade” existe a previsão de convite aos vários setores da sociedade, inclusive os “Clubs Sportivos” para participação do evento esportivo, que ocorreria no mês de setembro de cada ano a partir daquela data em comemoração ao dia da Polícia Militar do Estado³⁰³.

Dessa maneira, os festivais esportivos e futebolísticos eram comuns, com a participação inclusive dos setores militares, no decorrer da década de 1930, momento em que a prática futebolística aumenta na cidade, mas, foram construídas culturalmente desde a chegada do *Football* em Belém.

Os festivais faziam parte do cotidiano dos finais de semana da cidade. Logicamente que as atividades esportivas com maior destaque na imprensa esportiva, pertenciam às agremiações famosas da época, como o Clube do Remo e o Paysandú.

Assim, foi no decorrer dos anos, que os jornais e revistas passaram a enfatizar a proximidade de festivais esportivos, como o festival do Clube do Remo, considerado um dos mais difíceis e um dos melhores do ano de 1931. Essas mudanças criaram uma imprensa especializada, no qual, os cronistas também criticavam o futebol paraense do período, por ainda não ter saído da época dos festivais, servindo de justificativa para analisarem o nosso futebol e a sua falta de organização, principalmente a partir da crise da Federação Paraense de Desportos (F.P.D.), considerada por alguns dos seus críticos como local de lutas políticas, onde muitas vezes os clubes suburbanos só ganhavam crédito de acordo com o momento político³⁰⁴.

É importante observar que os padrões de campeonatos do centro-sul do país eram comparados pela imprensa com os campeonatos que ocorriam no Pará. Por isso, o desânimo, talvez de alguns críticos do futebol paraense e a sua organização que valorizava os festivais

³⁰² Ofício s/n da Polícia Militar do Pará de 20 de Julho de 1937. Assinado pelo Comandante Geral da Instituição a época, CEL José Manoel Ferreira Coelho, convidando o Clube São Domingos para participar da Corrida denominada “Volta da cidade” em comemoração ao dia Polícia Militar do Pará que tem como data festiva o dia 25 de setembro de cada ano, em comemoração à batalha de sua tropa no arraial de Canudos, no dia 25 de setembro de 1897. Documento encontrado no arquivo documental do São Domingos durante a pesquisa de campo realizada no ano de 2014.

³⁰³ Regulamento da corrida “volta da cidade” do ano de 1937. Arquivo documental do São Domingos. Encontrado durante a pesquisa de campo realizada no ano de 2014.

³⁰⁴ Trata do assunto a participação de times que jogavam festivais nos campeonatos da época. *Revista A Semana, Sports*, 1 n° 66, 11/04/1931.

em detrimento de um campeonato oficial. Na verdade, a homogeneidade almejada por vários sujeitos sociais que viam no *football*” esse caráter civilizatório, mesmo nos anos de 1930, era reelaborada pelos diversos setores sociais, de acordo com as especificidades locais, o que talvez fosse um fator importante para o desânimo dos críticos.

Os festivais de futebol em Belém do Pará davam a característica paraense a um jogo que veio da Europa e se popularizou por todo o Brasil, com clubes suburbanos que representavam o cotidiano local e não uma mera imitação dos clubes do centro-sul do país.

Clubes como Remo e Paysandú, que tinham grande prestígio no cenário futebolístico local, eram convidados a participarem de jogos pertencentes aos festivais, inclusive de entidades consideradas suburbanas. Fato que provavelmente contribuiu para aumentar a grande rivalidade entre os dois clubes paraenses mais conhecidos no âmbito local.

Muitos clubes participavam dos campeonatos organizados pela Liga Paraense de Futebol, no ano de 1915. No qual, vários clubes que participavam dos festivais esportivos resolveram individualizar os jogos de futebol, estabelecendo um campeonato somente de futebol, que ocorria de acordo com as regras e tabela dos jogos que eles chamavam de “*football-association*”. Esse fato também se relacionava às práticas futebolísticas nos festivais que ocorriam desde o início do século XX³⁰⁵.

Além dos tradicionais clubes da cidade, os festivais futebolísticos eram feitos por agremiações esportivas que apareciam junto com a ampliação da cidade. O bairro do Marco da Léguas³⁰⁶ foi um desses locais onde surgiram novos clubes de futebol e que no decorrer dos anos de 1920 e 1930 foi crescendo a sua participação nos eventos futebolísticos, inclusive com disputas com o Remo e o Paysandú.

Por sua vez, o jornal *O Estado do Pará* de 16 de janeiro de 1938, através do discurso do cronista, elogia bastante a participação do Marco Sport Club no Festival do “Folha do Norte”³⁰⁷, o qual, se preparava para enfrentar o esquadrão Remista. Segundo o

³⁰⁵ Descrição de uma tabela do campeonato da Liga Paraense de Futebol, onde ocorria a participação de varias Clubes como Panther, União Esportiva, Guarani, Brasil, que disputavam à primeira divisão de 1915. CRUZ, Ernesto. A história do Clube do Remo. op. cit. p.p. 76 e 77.

³⁰⁶ Significa a implantação do Marco da posse da primeira légua patrimonial de Belém que assinalava o término da extensão da propriedade da terra que lhe fora mandada dar, por vontade régia. CRUZ, Ernesto. Ruas de Belém. op. cit. pp. 32. História de Belém. op. Cit. p. 52. Ver também: VALENTE, José. A história nas ruas de Belém – Marco e Pedreira, Belém, CEJUP, 1993.

³⁰⁷ O jornal *Folha do Norte* foi no início do século XX “Laurista” e fazia oposição a Província do Pará reduto dos partidários “Lemistas”. Na verdade, eram jornais que destacavam notícias mas tinham seus grupos Políticos. O primeiro ligado a Lauro Sodré e o segundo ao Intendente Antonio Lemos. SARGES, Maria de Nazaré. Memórias do Velho Intendente Antonio Lemos. (1869-1973). Op. Cit. p.p. 64. Segundo levantamento feito por Rafael Matos O Jornal *A Província do Pará* foi fundado por Joaquim José de Assis, Francisco de Souza Cerqueira e

cronista esportivo da época, os jogadores do Marco tinham boas possibilidades de fazer um jogo disputado com o Clube do Remo e se tornar um grande clube da cidade, por começar a cumprir algumas regras inerentes ao futebol, como a utilização de uniformes adequados e a capacidade dos seus sócios como integrantes de um clube em ascensão.

(...) O festival do Folha do Norte

O Folha realiza hoje, o seu festival esportivo que se revestirá de grande brilho, dada a força dos combatentes.

Luctarão Remo x Marco, os novos rivaes das “especializadas”, no qual os marcoenses pretendem levar de vencida os azulinos, para se reabilitarem da última derrota (...)

Os marcoenses contam vencer encaravam a lucta como ponto de honra para suas para suas cores. Dahi o brilho que terá essa contenda, entre os dois leões do nosso futebol especializado(...)

O premio disputado por esses dois clubes será a linda taça Gama Malcher(...) ³⁰⁸

Esse comentário sobre o desempenho do clube “Marcoense” já tinha ocorrido no ano de 1931, através de outro periódico que enfatizava que este “Grêmio da Cidade Nova” estava fazendo grandes empreendimentos para se tornar um grande time da capital, inclusive com festas oferecidas às pessoas consideradas importantes na sociedade, regadas por bebidas e ao som de jazz e homenagem ao “1º aniversário da Revolução”³⁰⁹.

Dessa forma, é importante ressaltar dois pontos importantes sobre as notícias do Marco Esporte Clube: o primeiro, é que a homenagem feita pelo clube a “Revolução de 1930” teve um caráter político e, segundo, que um clube considerado suburbano estava se

pelo Político Antonio Lemos. Segundo o autor as notícias sobre esporte inicialmente não tinham grande destaque nesse periódico. O jornal a *Folha do Norte* pertencente a Enéas Martins e Cipriano Santos surge como oposição a Antonio Lemos e como forma de divulgar as ideias do partido Republicano Federal, chefiado por Lauro Sodré e depois por Paes de Carvalho. O jornalista Paulo Maranhão assumiu e mudou parcialmente a linha editorial do jornal e focou nas mudanças urbanas que Belém estava passando. Foi o jornal que mais destacou notícias esportivas, segundo o autor. O jornal *O Estado do Pará* foi fundado por membros da família Chermont no ano de 1911, e seguia a mesma linha editorial que a *Folha do Norte*. No entanto, havia uma certa rivalidade entre esses jornais quanto ao jornalismo esportivo. A revista *A Semana* era de propriedade de Manoel Lobato e Alcides Santos. A revista destacava notícias sobre cinema, humor, literatura, letras, política e esportes. As edições disponíveis no Centur, na Seção de Obras Raras do Pará, é do período de 1919 a 1930. MATOS, Rafael. *Sportmen nas redações: o jornalismo esportivo na Belle Époque*. (artigo) Belém: 2º Encontro Regional Norte de História da mídia, 2º seminário de História, cultura e meios de comunicação na Amazônia. UFPA, 2012.

³⁰⁸ “Festival esportivo do Folha do Norte” os novos rivaes das “especializadas”. O termo nos leva a indícios do que essa nova rivalidade estava ocorrendo no âmbito dos festivais, isto é, ambos os clubes se tornavam rivais nas disputas ocorridas nos festivais esportivos. *Jornal O Estado do Pará*: 16/01/1938, p. 6.

³⁰⁹ Festival esportivo em benefício do Marco Sport Club”. *Jornal A Folha do Norte*: 05/09/ 1931.

especializando, isto é, estava participando da divisão principal do futebol paraense no ano de 1938³¹⁰ e buscava melhorar seus festivais.

Por isso, esses fatos futebolísticos não eram apenas um passatempo comum, no qual, muitos sujeitos estavam nos seus momentos de lazer. Na verdade, esses momentos de lazer também apresentavam indícios de relações de enfrentamentos e construções culturais, dentre os quais, fatos políticos e militares, como a “Revolução de 1930”³¹¹.

Neste contexto da política populista de Getúlio Vargas, o futebol foi utilizado como estratégia de aproximação dos políticos junto às camadas populares. E no caso específico do Marco, clube esportivo do bairro homônimo, que foi fundado no ano de 1930, a sua participação nos festivais e nos campeonatos oficiais, se “especializando”, ocorreu no contexto que o poder político nacional se estabeleceu nas mãos de Getúlio Vargas.

Segundo Edgar De Decca, o processo histórico chamado revolução de 1930 foi gestado desde pelo menos 1928 e possuía um inimigo a ser vencido que envolveu neste processo o fantasma das oligarquias e nesse lugar dos vencedores se ocultou a luta de classes sociais. O grupo político que apoiou a “revolução” criou, assim, uma ideia de sociedade de revolução contra essas mesmas oligarquias e, ao final, se apropriou dessa estratégia como sistema de poder dos vencedores³¹².

É importante entender os anos de 1930 como um processo de mudança política nacional que também influenciou nas práticas futebolísticas locais. Portanto, a fundação do Marco Sport Club faz parte de um processo, no qual a popularização do *football* está inserida dentro desse sistema populista.

Por exemplo, como foi descrito anteriormente, este mesmo clube faria no mês de outubro do ano de 1931 a comemoração do 1º aniversário do movimento de 1930. Tal fato, apresenta indícios da ligação do futebol com a política, não como objeto de alienação social, mas, com aproveitamento da popularização, que nos anos de 1920 e 1930, possibilitou aos políticos a utilização do “bola-pé” como estratégia de aproximação entre agentes políticos e seus projetos junto às camadas populares.

³¹⁰ A participação do Marco Sport Club no campeonato paraense principal ocorreu no ano de 1938, 1939, 1940 e 1941. Inclusive no ano de 1941 o time leva de 14 x 1 da Tuna Luso, campeã paraense daquele ano. Nas tabelas apresentadas no trabalho: DA COSTA, Ferreira. Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. op. Cit. p.p. 65-72.

³¹¹ Sobre a “revolução de 1930” Liderada por Getúlio Vargas temos dentre outras obras: DE DECCA, Edgar Salvatori. 1930, O Silêncio dos Vencidos: Memória, História e revolução. São Paulo: Brasiliense, 2004.

³¹² Idem. p. 107.

(...)Marco Sport Club-

O querido Grêmio da cidade Nova que pelos seus empreendimentos conseguiu firma-se em nosso meio esportivo, vae realizar no segundo domingo do mês de novembro a sua primeira festa esportiva, em beneficio dos seus cofres sociaes.

- Os Dioclesio A. Gomes de Mello, Mannoel Tavares, Edisio Sousa, e outros no domingo, 27 do corrente, promover uma festa intima, dedicada ao presidente da Assembléia Geral, Sr. Dr. Rosemiro N. Sousa.

Essa homenagem ao esforçado presidente da Assembléia promete revestir-se de grande animação, contenda do programma, um lauto almoço, regado a vinho imperial, seguido de um sarau dançante, ao som de afinado 'jazz'.

Dioclesio G. Mello, o promotor dessa festa conta com a adesão de todos os 'marcoenses'.

Num bello gesto de solidariedade ao Paysandú S. Club, a directoria do 'sol nascente' poz a disposição dessa sociedade o seu primeiro time de futebol para tomar parte do festival em beneficio a caixa dos seus atletas.

Tendo o convite sido aceito, a directoria pede a presença dos seguintes jogadores amanhã, a 1 da tarde na sede social : Mangabinho, Pery, Wandick, Pinto de Almeida, Brasil, Firmino, R.S. Castro, Sobral, Osmar, Casttello, Machado, Didico, Brandão, Seabra, Pércles, Baptista, Jocelyn, e todos os jogadores do Grêmio.

Associando-se aos grandes festejos que vão ser promovidos a 3 de outubro vindouro, em homenagem ao 1º anniversario da Revolução. O MARCO Sport Club, vae realizar em sua praça de esportes uma festa esportiva em que tomarão parte os principais grêmios da zona.

Na próxima segunda-feira, à noite, haverá reunião na sede social, do Grêmio, havendo convidados a comparecer a mesma, para tratar desse assumpto os directores dos Clubes: 1º de dezembro, Boa vista, Gram-Pará, Paraná, Vera Cruz e Curuzú. (...) ³¹³

No âmbito desse processo de popularização do futebol, o Marco Sport Club, conhecido como famoso grêmio da Cidade Nova, nos anos de 1930 e 1940, tinha possivelmente, através de seus jogos, ajudado no processo de circulação de pessoas e ocupação urbana da sua área, já que existia um maior número de pessoas durante os finais de semana nos seus jogos.

Por isso, com aumento do número de torcedores e clubes de futebol no contexto do governo Getúlio Vargas, era comum ocorrerem encontros de futebol promovidos por políticos locais, no qual, o discurso populista servia para celebrarem eventos que buscavam legitimar o poder político constituído na época da chamada "Revolução de 1930".

Nesse sentido, percebemos que atos considerados importantes para o governo na época muitas vezes eram comemorados juntamente com a população local, para o qual, a prática futebolística era um excelente caminho de legitimação do sistema, tanto que muitos

³¹³ "Festival esportivo em beneficio do Marco Sport Club". *Jornal A Folha do Norte*: 05/09/ 1931.

clubes, como o 1º de Dezembro, o Boa Vista, Gram-Pará, Paraná, Vera Cruz e Curuzú, foram convidados a participarem do Festival do primeiro aniversário da “revolução” que ocorreria sob o comando do famoso clube do “sol nascente”. Na verdade, outra forma que os cronistas chamavam o time Marco.

Os festivais esportivos nos anos de 1930 possuíam objetivos implícitos e explícitos. O primeiro, de maneira explícita, era de conseguir arrecadação financeira para o clube e beneficiar seus sócios-atletas. Segundo, construir culturalmente as relações de lazer na cidade a partir da prática futebolística nos festivais e em outro momento nas “especializadas”. Terceiro, comemorar um momento importante para a Interventoria federal no Estado, no sentido de celebrar o primeiro ano da “Revolução de 1930”. E de maneira Implícita legitimar as ações do governo sob a Interventoria de Magalhães Barata.

Na construção desse festival esportivo, percebe-se através da análise das fontes que não havia somente a prática do futebol. O presidente da Assembléia Geral do Clube Marcoense, organizou um almoço com sócios do clube, onde ocorreria um show de jazz, com muita comida e regado a muito vinho. No relato jornalístico, o cronista enfatiza que ocorreria a participação de todos que moravam no bairro do Marco, porém, pelo “requinte da festa” provavelmente, nem todos os setores sociais participavam desta comemoração.

A festa do Marco Sport Club é apenas um dos exemplos de alguns clubes considerados suburbanos pela imprensa esportiva, que faziam festas e buscavam lembrar os clubes mais “elegantes” da cidade, no qual, somente sócios participavam. No entanto, nos jogos de futebol os sujeitos que formavam a torcida nos festivais eram oriundos do próprio bairro, sócios do clube.

A participação dos clubes nos festivais fez com que a presença popular aumentasse durante os jogos, já que muitos clubes do mesmo bairro participavam, como o 1º de Dezembro, o Curuzú³¹⁴ e outros com maior apoio de clubes tradicionais, como o Paysandú Sport Club. Nesse contexto, ocorria o contato de clubes dos bairros que jogavam contra clubes tradicionais da cidade. Fator que ampliava a popularidade do esporte junto às pessoas que acompanhavam os festivais.

Outro ponto interessante é que existia uma espécie de ajuda mútua entre os clubes esportivos. O Marco colocou o seu “primeiro time” à disposição do festival do Paysandú com o objetivo de beneficiar o “caixa” dos atletas deste clube. Essa convivência entre os clubes

³¹⁴ Clubes citados nas tabelas do Apêndic e anexo deste trabalho. Essas agremiações aparecem clubes do bairro da Pedreira.

nos mostra que ao mesmo tempo a imagem de “clube elegante” e “especializado” do Paysandú atraía maior público para os jogos, o Marco participava dos festivais esportivos promovidos do Paysandú como forma de ajudar os atletas deste clube. Um ajudava ao outro e ambos se promoviam na cidade.

Sobre a participação de clubes nas “especializadas” do futebol na cidade, a notícia sobre o Marco Sport Club enfatiza a busca pela participação no campeonato oficial e como esse clube suburbano saiu dos jogos nos festivais para o campeonato paraense oficial.

As “especializadas” significava na linguagem da Imprensa esportiva o campeonato de futebol organizado pela entidade esportiva local que diferenciava dos jogos praticados pelos festivais esportivos e seus clubes que não possuíam o uniforme de jogo completo, por exemplo. Na verdade, era o campeonato oficial regulado pela entidade oficial que regulava as partidas com tabelas. No caso, dos times suburbanos alguns conseguiram “evoluir” para as “especializadas”. Conforme relatava alguns jornais como *A Vanguarda*, por exemplo.

Sobre esse conceito de especializada, o jornal *A Vanguarda* de segunda-feira, 16 de maio de 1938, informou aos leitores que no “torneio início da especializada, hontem o Paysandú sagrou-se campeão”. Neste torneio, houve destaque para a chuva “que desde as primeiras horas da tarde tentava empanar o brilho do torneio início da Associação Paraense de Futebol, o campo do Paysandú logrou obter uma enchente que satisfaz plenamente os apaixonados”. Um detalhe interessante foi a participação do Marco Sport Club no torneio início das “especializadas” no 2º jogo contra a Tuna Luso, que o abateu pelo “escore de 2 x 0”.³¹⁵ Essa estréia do Marco nos mostra a “ascensão” do clube de subúrbio para o campeonato oficial A.P.F.

Mas, essa ideia de especializada também gerava ambiguidade nessa relação entre os clubes de futebol na cidade. Muitas vezes a imprensa esportiva colocava como campeonato especializado os jogos suburbanos. O que enfatiza o caráter ambíguo da relação entre os times de subúrbio e os times considerados principais no cenário futebolístico de Belém. Principalmente, a partir da criação de um regulamento da Divisão Suburbana pela Associação Paraense de *Football*, o que daria um controle maior por parte da entidade oficial do futebol paraense. Conforme notícia abaixo, jornal *O Estado do Pará* de sexta-feira, 03 de junho de 1938:

³¹⁵ Jornal *A Vanguarda*, 16/05/1938. Nº 260.

(...) ASSOCIAÇÃO PARAENSE DE FOOTBALL (NOTA OFICIAL)

A Associação Paraense de Football, em suas últimas reuniões, tomou as seguintes deliberações:

A – aprovar em Assembleia Geral o código desportivo, o regulamento de football, código de penalidades da Associação Paraense de Football e a regulamentação do campeonato da Divisão Suburbana.(...)

Presidência:

A – Abrir na secretaria a matrícula e inscrição de jogadores e inscrição ao campeonato de *football* de 1938 da Divisão suburbana, as quais se encerrarão a 15 de junho corrente.(...)³¹⁶

Essa regulamentação da Divisão suburbana nos leva a pensar sobre os clubes de subúrbio como locais em que surgiam muitos dos jogadores de talento e, por esse motivo, tais jogadores passavam a jogar nos clubes que estavam se popularizando e disputavam o campeonato oficial. Têm-se aí a ambiguidade, já que os campeonatos suburbanos se “especializavam” em fornecer jogadores para os clubes do campeonato principal.

Theodorico Rodrigues descreve no seu trabalho sobre o São Domingos a denominação de “esporte menor” para os clubes suburbanos:

(...) Fundado com a finalidade específica de difundir o futebol association dentro do chamado ESPORTE MENOR paraense, por uma estatística levantada, tomando por base que o FUTEBOL ASSOCIATION teve grande evidência dos anos de fundação 1915 até 1960.(...)³¹⁷

Theodorico Rodrigues também descreveu no seu livro a participação de jogadores suburbanos disputando uma partida com jogadores de clubes considerados “grandes.” O jogo foi o famoso desafio entre São Domingos contra o Belém Sport, ambos dos bairros do Jurunas. O São Domingos venceu a partida por um placar de 2 x 1. Porém, a alegria da torcida do São Domingos consistiu não somente na vitória simples, mas, pela equipe ter vencido jogadores de clubes esportivos como Remo, Tuna e também da seleção paraense que foram vestir a camisa do Belém Sport, no desafio. Fato que mostra essa proximidade entre o futebol de subúrbio e o Oficial.

³¹⁶ Jornal *O Estado do Pará* 03/06/1938.

³¹⁷ RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000)*. Op. Cit. p. 03.

(...) o bairro do JURUNAS tinha de melhor naquela inesquecível gloriosa tarde do dia 10 de Abril de 1932, nesse querido SÃO DOMINGOS ESPORTE CLUBE.

Com a vitória sobre o BELEM o bairro viveu uma noite de agitações, muitos representantes de agremiações congêneres da época compareceram a sede dominguense para cumprimentarem os dirigentes e jogadores, os verdadeiros heróis desse epopeia. DAVINO CARVALHO, que quase perdia o emprego garantia por muitos anos a sua estabilidade á frente do comando técnico do clube e consolidou-se na presidência, aliás, diga-se de passagem foi um dos maiores presidentes de toda a historia do SÃO DOMINGOS.

Os festejos se prolongaram até o dia seguinte, para Dona Mocinha, veterana integrante da famosa legião feminina da torcida dominguense, o povo festejou a grande vitoriaigual aos festejo que acontecem no bairro quando o RANCHO ganha um titulo pelo carnaval.

Agora com todo o respeito lembramos dos nomes dos nossos jogadores que se empenharam na memorável partida contra o BELÉM:

MARCOS(goleiro), DUCA (beque direito e capitão da equipe), MANENA (beque esquerdo), ARLINDO MARAVILHA (médio direito), CONCEIÇÃO (centro – médio), e RAIMUNDO SILVA (médio – esquerdo), NEGO BELÉM (ponta direito), EDMUNDO (meia direita), PELOTA (comandante de ataque) ARMANDO (meia esquerda) e AMOR(ponta esquerda).

Nosso adversário jogou e perdeu por 2 a 1 com esse fabuloso time; GUSTAVO (goleiro consagrado no bairro do jurunas), BARBADAS (beque direito, titular da seleção do clube do remo), APRYGIO(beque esquerdo titular da seleção do Paysandu, também conhecido como Tarzan), CHIQUINHO(médio direito, titular do brasil sport), MILICO(centro médio, titular da tuna luso e um dos convocados para seleção) MOURÃO(médio esquerdo jogou muito anos no liberto e no marco esporte clube divisão profissional), EVANDRO DO CARMO(ponta direita, titular do clube do remo), CAPI (meia direita, extraordinário jogador, titular do clube do remo e da seleção anos depois formou a celebre ala com Vovó que foi campeão pelo flamengo/ rio).MOACYR (titular absoluto do clube do remo e cadeira cativa da seleção paraense, não perdia um jogo do Belém, era filho de Pedro Candunga), MARINHEIRO(na época era tido como o maior jogador de futebol do Pará, titular do clube do remo e da seleção paraense.ao jogar no rio foi convocado para integrar a equipe do vasco da gama).(..)³¹⁸

Essas questões de apoio político mencionada no âmbito dos festivais esportivos, no sentido da participação de clubes, como o Paysandú, nos torneios que ocorriam na cidade de Belém, nos possibilita perceber semelhanças no processo de popularização dos jogos de futebol que ocorriam nos diversos bairros da cidade do Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX.

Esse processo de popularização do futebol na cidade do Rio de Janeiro, segundo o historiador Leonardo Pereira, proporcionou um crescimento da prática futebolística, no decorrer do século XX, que atingiram vários espaços da capital fluminense³¹⁹.

³¹⁸ Idem. p. 9.

³¹⁹ PEREIRA, Leonardo de Miranda. “Prefácio”.IN: DE HOLANDA, Bernardo Borges Buarque, “O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego”. Rio de Janeiro: edições Biblioteca Nacional, 2004.

Um fenômeno histórico e social estudado por Bernardo Buarque de Hollanda a partir da análise das crônicas de José Lins do Rêgo sobre “a prática do jogo de bola”, que levou a um avanço de uma construção pelos intelectuais modernistas de uma auto imagem nacional ligada ao futebol entre o final dos anos de 1930 e os anos de 1950³²⁰.

Neste contexto se consolidou a participação dos jogadores negros iniciada com maior força com Leônidas da Silva e que culminou com a ascensão de Pelé, em 1958. Entretanto, esse processo estudado não foi entendido como linear e homogêneo, pois houve também a participação dos cronistas aliados ao contexto de massificação do esporte a partir do discurso nacional de democracia racial.³²¹

O historiador Leonardo Pereira enfatiza que essa popularização definitiva do futebol, que ocorreu entre os anos de 1930 a 1950, estava pautada no incremento de identidade nacional que ocorria o Brasil de norte a sul e se consolidou com a aclamação internacional do futebol brasileiro a partir da conquista da Copa do Mundo pelo selecionado nacional, no ano de 1958.³²²

Os festivais, num primeiro, momento ocorriam muito mais no âmbito dos grandes clubes de Belém, porém, muitas vezes se realizavam em locais públicos, como já foi colocado anteriormente, muitas vezes no largo de S. Braz, no largo de Nazaré na praça Justo Chermont ou mesmo na área da atual praça Batista Campos.

Essa perspectiva da dinâmica dos jogos possibilitou um maior contato com setores da população paraense que não tinha acesso a essas práticas esportivas. Ser um *sportman* significava, em alguns momentos, participar de grupos sociais com um poder econômico e social bem maior, fator que diminuía a participação dos setores considerados populares.

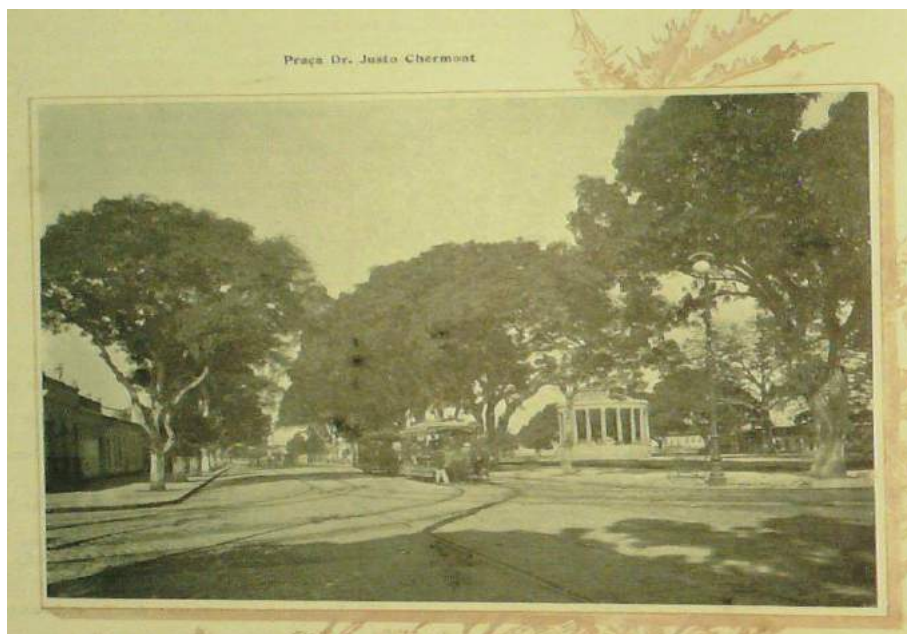
Na imagem, a seguir podemos visualizar a fotografia da praça Justo Chermont, no bairro de Nazaré, espaço da cidade que também servia para os clubes do bairro praticarem o futebol.

³²⁰ Idem.

³²¹ Ibidem.

³²² Idem, ibidem.

Imagem 16: Fotografia da Praça Justo Chermont.



Fonte: ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO. p. 70.

Com o aumento dos noticiários esportivos nos periódicos e o acompanhamento da população nos dias de práticas esportivas que incluíam o futebol, os festivais tenderam a ganhar características populares, inclusive com festas que aconteciam nos bairros suburbanos da cidade. Esta dinâmica em torno da prática futebolística se descentralizou do âmbito dos “*Sportmen*” e ampliou-se para toda a cidade, uma situação que possibilitou a criação de novas áreas para a prática dos chamados desportos terrestres.

Abaixo, temos o relato feito por Ernesto Cruz sobre a inauguração do estádio na avenida Tito Franco, no domingo, 14 de junho de 1914:

(...)Inauguração do campo de futebol de Ferreira & Comadita
Na reunião realizada pela Liga Paraense de futebol em 06 de junho de 1914, o Conselho Diretor assinou contrato com a empresa do campo em construção, Ferreira & Comadita. Assim seriam transferidos de S. Braz para a então chamada Avenida Tito Franco, os jogos do campeonato paraense daquela modalidade esportiva. No domingo 14 de junho foi o nosso campo festivamente inaugurado com o encontro entre as equipes do Payssandu Esporte Clube e o campeão Clube do Remo.(...) ³²³

³²³ Relato sobre a inauguração do atual campo da Curuzú, na época da empresa Ferreira & Comandita. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. op.cit. p. 65;

Quando foi criado o estádio da empresa chamada de Ferreira & Comandita, construiu-se um caminho que levou a popularização do *football*. Primeiramente de adequação dos jogos ao modelo europeu³²⁴, devido o espaço que não existia. Em seguida, houve a melhoria dos locais onde se praticavam o jogo, que passavam a ser mais adequados para o público que aumentava para assistir os jogos.

As praças eram locais, que no início do século XX, os “*Sportmen*” gostavam de jogar *football*, depois, com o aumento da quantidade de pessoas que assistiam aos jogos, se tornou necessário que houvesse locais com capacidade tolerar a presença de muitos torcedores, que muitas vezes eram juízes de partidas, jogadores e dirigentes.

Lógico que esse processo não passou despercebido pelos setores populares, cujos sujeitos não eram considerados “*Sportmen*”. Por isso os jogos não oficiais continuaram a ocorrer nas praças de Belém, porém, com maior participação das camadas populares. Os jogos ligados à Liga Paraense de Futebol, mesmo ainda tendo esse caráter amador, tinham que ser praticados no campo oficial da cidade, hoje ao atual estádio da Curuzú.

Portanto, tanto no “campinho, como no nascente estádio”, o futebol ainda era amador. Todavia, é no estádio que a popularização vai aumentar levando ao processo chamado de profissionalização do futebol nos anos de 1930 e 1940.

Na fotografia abaixo da Praça Batista Campos, é possível perceber que ainda não havia a reforma e o seu embelezamento. É nesse espaço que os clubes da cidade praticavam o futebol e que os setores populares acompanhavam.

³²⁴ O modelo ligado a prática de esportes que acontecia na Europa com regras e normas, o chamado *football association*. Segundo José dos Santos Neto, esse modelo de futebol europeu é fruto, dentre outros fatores, da visita dos padres jesuítas do colégio de Itu aos colégios europeus na França, Inglaterra e Alemanha, locais que os alunos já praticavam futebol. E o mito de origem do futebol brasileiro que destaca a volta de Charles Muller a São Paulo quando provocou as disputas entre clubes na cidade. Esses são apenas alguns casos que podemos destacar sobre os primórdios da prática do futebol no Brasil. O autor defende a tese que os regulamentos e normas do *football* estavam baseados no que acontecia nos colégios na Europa e que pioneiramente o futebol foi trazido pelos religiosos Jesuítas. E Charles Muller foi “pai” do futebol por supostamente os republicanos criaram um mito que explicaria o “desenvolvimento” do esporte no país. Uma das explicações reside no fato de Charles Muller pertencer a setores aristocráticos que gostavam de inventar de tradições. Fato comum entre os setores dominantes no país. Muitos jornalistas ao longo da primeira metade do século XX já sabiam do fato que o *football association* já existia no Brasil antes do famoso mito “Charles Muller”, porém, segundo o autor existe uma grande dificuldade de se derrubar um mito ao longo da história. SANTOS NETO, José Moraes dos. Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p.p. 13-37. Ver também: TOLEDO, Luis Henrique de. No país do futebol. Op. Cit. p.p. 70-71.

Imagem 17: Praça Batista campos no final do século XIX.



Fonte: ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO. p. 94.

Os campeonatos da Liga Paraense de Futebol são enfatizados por Ernesto Cruz, quando cita o jogo do Clube do Remo contra o Brasil, no relato da sua obra abaixo:

terça –feira , 15 de agosto
 aproveitando o feriado de 15 de agosto, data comemorativa da adesão do Pará a independência Nacional, a Liga Paraense de Futebol fez disputar no campo Oficial da cidade , situado à avenida Tito Franco, a partida de campeonato entre às equipes do Remo e Brasil.³²⁵

Essa partida destacada por Ernesto Cruz ocorreu no campo da empresa Ferreira e Comandita, que desde 1914 passou a ser a “praça de *sports*” oficial do Pará. O jogos pertencentes a Liga que ocorriam nesse campo de futebol apontava para essa tendência de grande público nos finais de semana e feriados.

A crescente participação das pessoas nos jogos de futebol, levou no ano de 1917, a inauguração do campo do Clube do Remo, na esquina da travessa Antonio Baena, com

³²⁵ Relato de uma partida de futebol entre Remo e Brasil em comemoração a Adesão do Pará a Independência do Brasil. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Idem. p. 99.

avenida Tito Franco, hoje conhecido como o estádio “Baenão”. A construção desse estádio demonstra que havia um processo de popularização em andamento³²⁶.

Além da “praça de *sports*” do Clube do Remo, podemos destacar o campo do Liberto fundado em 1818, localizado na da Batista Campos, que inicialmente não pertencia ao clube e era alugado para a Tuna Luso³²⁷. Esse campo de futebol, inclusive foi utilizado para realização de festivais esportivos, como o promovido pela Associação Paraense de Sports Amadores(A.P.S.A), no qual, clubes como o Gram Pará e o São Domingos estavam presentes nas disputas futebolísticas suburbanas³²⁸. Nesses jogos o tempo das partidas era de 20 minutos e se computava escanteios. Regras que prevaleciam somente nos festivais ou torneio início do campeonato oficial e se tornavam populares.

Na prática, esses novos locais de jogo de futebol na cidade, representavam possibilidades para o aumento do número de torcedores e jogadores nos clubes da cidade. Isto, possibilitou o aumento do número de festivais e jogos do campeonato paraense promovidos pela Liga Paraense de Futebol³²⁹ e nos anos de 1940 pela F.P.D³³⁰ (a Federação Paraense de Desportos), já que nesse momento havia alternativas de locais de jogo entre clubes, principalmente para os considerados pela imprensa como grandes clubes.

Sobre a fundação dos estádios para a prática do futebol e a sua relação com o processo de popularização, o Jornal *O Estado do Pará* do dia 08 de novembro de 1944 noticiou um dos programas festivos que ocorreria no dia 10 de novembro de 1944, data que o Interventor Magalhães Barata tinha marcado para assinar o decreto para construção do estádio “Magalhães Barata” com financiamento feito pelo “Estado o crédito de 5 milhões de cruzeiros para ocorrer com as despesas da construção do estádio que será localizado à Praça Floriano Peixoto”.³³¹

A capacidade do estádio prevista com gerais e arquibancadas seria de vinte mil pessoas sentadas. Um fato que os clubes locais se movimentavam para que o decreto fosse

³²⁶ Ibidem

³²⁷ “Estadinho” localizado na travessa Padre eutíquio 992. Segundo o jornal *A Província do Pará*, 01/08/1920, pertencia a Tuna Luso, porém segundo o senhor Manoel Oliveira memorialista e ex –atleta do clube luso o estádio era alugado e pertenceu depois de alguns anos ao Liberto, clube do bairro da Batista Campos. DA COSTA, Ferreira. Memorial Cruzmaltino. Op. Cit. p.p. 26-27.

³²⁸ Este campo foi citado anteriormente no tópico sobre a Tuna Luso Brasileira. *A Província do Pará*, 01/08/1920.

³²⁹ Idem ibidem. p. 55

³³⁰ DA COSTA, Ferreira. A enciclopédia do futebol paraense. Op.cit. p.351.

³³¹ O planejamento para a construção do estádio “Magalhães Barata”. Jornal *O Estado do Pará*, 08/11/1944.

assinado.³³² Este fato, nos mostra como trinta anos depois da fundação do estádio da empresa Ferreira e Comandita, na avenida Tito Franco, a possível inauguração do estádio Magalhães Barata, na praça Floriano Peixoto em São Braz apontava para a consolidação do processo de popularização desse esporte na cidade.

Simbolicamente, a construção do estádio do Clube do Remo em 1917 representava o início de um processo que marcava uma espécie de disputa entre os setores sociais da cidade pela prática do esporte, pois, o futebol *sportman* começava paulatinamente a perder espaço para o “jogador do subúrbio” belenense. Situação que nos anos de 1940 levou ao planejamento da construção de um estádio pelo interventor Magalhães Barata, que ficaria na área onde os antigos *sportmen* jogavam. Fator que acena para mudança da prática do futebol na cidade, que tinha a marca da “distinção” com atletas do setores da elite, e que nos anos de 1940, já se tornara popular e utilizado como estratégia política para aproximação com os setores populares.

Na época da fundação do estádio do Clube do Remo, a Imprensa Esportiva, destacou com bastante alegria a criação de um novo espaço para a prática do futebol na cidade. Foi ressaltado pelo cronista Linomar a notícia sobre um Festival que ocorreria no ano de 1917, no qual, o Clube do Remo estava se preparando para promover em comemoração à construção da nova “praça de *sports*”, e também uma comemoração pelo aniversário da reorganização do clube “azulino” que estava completando seis anos. Conforme Ernesto Cruz apresentou, baseado na notícia do Jornal *Folha do Norte* 05/08/1917:

Entrevista do cronista esportivo Linomar do Jornal a *Folha do Norte* com o senhor Benjamim Bolonha um dos sócios do Clube.

‘ – Pode V. dar-nos mais esclarecimentos sobre a inauguração do novo campo da Avenida Tito Franco? Como sabe, a FÔLHA disso já se ocupou, e desejávamos dar antes da sua inauguração novos informes aos seus leitores.

- Com muito gosto respondeu-nos gentilmente o conhecido sporman. Sinto todavia, a não poder dar-l’has completas, e isto na parte referente descrição técnica do campo, que é mais da competência dos construtores .

- ouvimos que o Clube do Remo se prepara para festejar dignamente o 15 de agosto de 1917, quando faz seis anos que um grupo de denodados trabalhadores procedeu a completa reorganização que o levou a entidade poderosa que é hoje . e isto é verdade ?

- O ‘ESTADO’ já deu em linhas gerais as festas com que pretendemos solenizar esta data. Dividiremos os festejos em três partes: pela manhã faremos a inauguração geral do campo procedendo-se ao batismo das diferentes dependências.

³³² Idem. Jornal *O Estado do Pará*, 08/11/1944.

- Naturalmente já estão designadas as madrinhas que presidirão esses batismos ?

- Precisamente, Mme. Luis Vieira da Silva, será madrinha da casa de jogadores. Mme. Luís Estevam de Oliveira e Jair de Albuquerque e Mlle. Castelo Branco presidirão o batismo das arquibancadas., enquanto as Mlles. Zeneida Sodré Gomes Mmes. Armindo Mota e Tobias Xavier serão respectivamente, Madrinha dos Campos e dos Goals.

A tarde terá lugar a um sensacional encontro entre o time naval e um scratch da LIGA, precedido de um assalto que, sob o comando do Tenente Jair Albuquerque, Farão os rapazes da reserva naval. É, como vê, um programa cheio de coisas ainda inéditas em nosso meio.

- E Benjamim Sodré, jogará sempre pelo time naval? Só essa circunstancia, parece-nos, será suficiente para arrastar uma verdadeira multidão ao campo.

- sem dúvida alguma, tendo já o vitorioso Player feito o seu primeiro treino na quinta-feira última. Sobre este ponto é melhor conservar intacta a impressão que tive do seu admirável jogo, legando ao público a sensação de assistil-o no próximo match sem prévio reclame das suas altas qualidades de foot baller.

A noite não haverá propriamente surpresas... O Clube recepcionara os seus associados e pessoas das suas relações, sendo desejo dar, após um soirée em homenagem as suas gentis torcedoras. Despedimo-nos do valoroso sportman, agradecendo a sua gentileza destes informes que damos aos nossos leitores.³³³

Esta notícia do Festival do Clube do Remo, no ano de 1917, em comemoração ao seu novo campo de *football* estava relacionado ao lazer urbano, que atraía um bom número de pessoas para os locais onde iriam ocorrer os jogos. Mesmo com o processo de popularização em andamento, a participação de senhoras ligadas às famílias influentes ainda persistia.

Dentre essas senhoras, podemos destacar a Mademoiselle Jair de Albuquerque, que era cônjuge do Tenente Albuquerque, militar que estava organizando as partidas entre a seleção da Liga e o time organizado pela Marinha. A Mademoiselle Zeneida Sodré Gomes que leva o nome da família Sodré. Família tradicional representada politicamente por Lauro Sodré, que foi governador do Pará e “Mimi Sodré”, o filho do político importante, que além de Oficial da Marinha, era famoso pelo seu jogo de futebol, que o levou a participar do time de futebol dessa força militar, do Paysandú e do time do Botafogo, além da própria Seleção Brasileira de Futebol, locais onde Benjamin Sodré ganhou o seu codinome.³³⁴

Nesse relato da organização do festival que comemorava a inauguração do estádio do Clube do Remo, nos chama atenção a descrição do batismo dos ambientes esportivos.

³³³ Fragmentos da entrevista feita por um cronista do Jornal *A Folha do Norte* 05/08/1917 ao senhor Benjamim Bolonha, um dos sócios do Clube do Remo, na época da inauguração do Estádio Baenão. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 116.

³³⁴ Nota sobre Mimi Sodré. Ver: , 12/08/2007. Participou ativamente das questões políticas com seu pai Lauro Sodré. Como no episódio que Eduardo Chermont queria incendiar o prédio da *Folha do Norte* e Benjamim Sodré teve que interferir com uma tropa da Marinha. Ver também: ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. Belém: DistribeL, 2001. p. 165.

Assim, como ocorria nas embarcações que participavam dos torneios náuticos, também ocorria esse fato nos eventos ligados ao *football*. Esse papel cabia geralmente às mulheres consideradas importantes. O batismo representava a inauguração desses ambientes. Nesse festival do Clube do Remo as Mademoiselles Zeneida Sodré Gomes e Madames Armindo Mota e Tobias Xavier foram chamadas para serem madrinhas dos “campos e dos goals”. Essa prática nos mostra um sentido religioso das práticas futebolísticas, o que pode explicar um sentido muito forte com o “sagrado” na atualidade.

Esse relato sobre o batismo do estádio corrobora com o estudo de Hilário Franco Junior na sua Obra “A dança dos deuses”, no qual, a prática do futebol foi vinculada culturalmente a questões sagradas. Para o autor, o futebol seria uma metáfora dessa construção religiosa, com vários exemplos no âmbito do futebol brasileiro. Um desses exemplos que mostraria essa situação é o formato da cruz no meio de campo e a imagem construída sobre os jogadores que se transformam em “deuses” para os torcedores.³³⁵

Hilário Franco Junior cita dois teóricos para afirmar seu argumento de que o futebol é metáfora religiosa: o primeiro, é o historiador inglês Eric Hobsbawn, que definiu o futebol como “religião laica da classe operária”; e o segundo, o filósofo espanhol José Ortega que afirmou que “a religião do século XX é o futebol”. Em ambas as afirmações Hilário Franco Junior enfatiza que assim como o futebol expressa e incorpora o mundo bélico, assim ocorre com relação à religião. “Os jogadores são ídolos, a camisa e a bandeira do clube ‘manto sagrado’ os gols aparentemente ilógicos, ‘espíritas’, as defesas incríveis são milagrosas”.³³⁶

Um das explicações que o autor destaca na sua obra é que “o clube é algo étéreo, indefinível, não é a sede social, não é conjunto de dirigentes, não é o grupo de jogadores, não é a multidão imprecisa de torcedores, é ao mesmo tempo tudo isso e muito mais”³³⁷. Essas características dificultam a apreensão do inegável caráter religioso que se apresenta em ocasiões dos jogos, assim como no batismo do estádio do Clube do Remo. No entanto, como em outros casos, e seguindo a análise do autor, o objeto de veneração dos torcedores é uma abstração focalizada em concretudes. Isto é, baseia-se na experiência dos

³³⁵ FRANCO, Junior. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. Op. Cit. p.p. 258-261.

³³⁶ Idem

³³⁷ Ibidem. p. 260.

jogadores durante os jogos e do cotidiano clubístico e seus rituais. Nesse sentido, “pode-se considerar cada clube como a divinização da comunidade que o compõe³³⁸.”

Outro autor que apresenta uma explicação religiosa para alguns aspectos da prática futebolística é Luis Henrique de Toledo, que destaca na sua obra “No país do Futebol” uma fotografia contendo imagens de santos, como se fossem jogadores e torcedores, uma bandeira nacional, todos dispostos num tabuleiro de futebol de botão³³⁹.

Para o autor, essa fotografia remete a relação tênue entre o esporte, a religiosidade e a cultura popular³⁴⁰. Essas três características, segundo ele, fazem parte de uma dinâmica simbólica, rica em imagens e representações sociais que explicam aspectos religiosos nos discursos sobre a prática futebolística.

Essa ideia nos ajuda a entender o sentido dos batismos que aparecem no discurso da crônica esportiva sobre as comemorações no estádio do Clube do Remo e o aspecto religioso que foi construído historicamente a partir da experiência local.

Essa religiosidade conviveu com as partidas de futebol que aconteciam em Belém. O culto católico à Nossa Senhora de Nazaré mantinha uma relação estreita com futebol praticado na cidade. Como podemos perceber através da notícia escrita pelo cronista de pseudônimo Dick no noticiário da revista *A Semana* do dia 15 de setembro de 1928:

(...) O campeonato brasileiro de futebol
 Vae ter início o campeonato brasileiro de futebol. Quasi todos os estados da federação vão concorrer a esse certame grandioso que há de galardoar com os louros de uma justa vitória. O Pará como sempre saberá ser forte. Confiamos no valor e sobretudo na disciplina dos nossos homens. Este anno temos que enfrentar aqui em Belém o valoroso conjunto do ceará (...)
 Preparemo-nos, pois, para a luta! Vencer no norte! Continuar com a liderança do futebol no septentrião brasileiro e seguir ao sul em busca de novos louros, é o nosso dever.
 Nossa Senhora de Nazareth há de ser po nós.
 Dick(...) ³⁴¹

Portanto, é perceptível que os jogos de futebol que ocorriam nos festivais futebolísticos, nos campeonatos brasileiros com as seleções estaduais e no campeonatos de clubes locais, possuíam uma relação com as festas e o lazer. Outro detalhe é o discurso regionalista atribuído pelos cronistas às disputas entre as seleções do Pará contra o Ceará.

³³⁸ Idem ibidem. p. 270.

³³⁹ TOLEDO, Luis Henrique de. No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora. 2000. p. 40.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Revista *A Semana* 15/09/1928.

Além dessas características, é possível perceber o sentido religioso que os cronistas esportivos destacavam durante as partidas. Na fonte anterior, foi destacado essa partida da seleção paraense contra a seleção cearense, o cronista esportivo de codinome Dick demonstra ansiedade pelo embate dos paraenses contra a seleção cearense. Seu texto se caracterizou por evocar em tom de oração apoio de Nossa senhora de Nazaré, padroeira dos paraenses³⁴². Fato que ressalta os aspectos da cultura religiosa local as peculiaridades das partidas de futebol.

1.9.– Remo x Paysandú: o processo de popularização do futebol.

O processo de popularização do futebol levou clubes como Paysandú e Remo a se fortalecerem e a começarem a aumentar seu número de torcedores. Esse fato fica evidente quando percebemos o destaque aos jogos desses clubes na *Revista A semana, caderno A Semana Sportiva* do dia 15 de maio de 1920. Nessa revista esportiva foi ressaltado a rivalidade que havia entre as duas equipes. Esse fato é descrito como sorte do público que acompanhou a partida, pois, ambos os clubes eram considerados “velhos e nobres antagonistas”, que faziam do jogo um magnífico passatempo esportivo. O que para o cronista foi uma grande sorte da Liga Esportiva Paraense que estava comandando o futebol belenense. Conforme fragmento do relato abaixo:

(...) O 1º jogo: Remo e Paysandú
 - quiz a sorte, com sua bôa estrella, que para inicio do campeonato deste anno se encontrassem os velhos e nobres antagonistas Remo e Paysandú.
 Uma tarde cheia de entusiasmo, um jogo magnífico, duas horas dôce passatempo sportivo.
 Bendita sorte que escandalosamente protege á Liga.
 O 1º jogo da Liga será um grande jogo.(...)³⁴³

³⁴² Termo usado para designar o culto católico a Maria de Nazaré durante o Círio de Nazaré, em Belém do Pará, que ocorre a mais de 200 anos durante o mês de outubro na cidade. Ver: COELHO, Geraldo Mártires. Uma crônica do maravilhoso: Legenda, Tempo e Memória no culto da Virgem de Nossa Senhora de Nazaré. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

³⁴³ Reportagem sobre o início do campeonato paraense e o comentário sobre a sorte de se ter um RE x PA logo no primeiro jogo, devido às peculiaridades das partidas. *Revista A semana Caderno A Semana Sportiva*, 15 / 05/1920.

Os jogos entre Remo e Paysandú, nos anos de 1920, para muitos cronistas esportivos representavam os melhores embates futebolísticos da época. Não somente pela técnica, que era enfatizado pelos jornalistas ou expectadores, mas, pelo “grito” de membros da imprensa esportiva contra o profissionalismo no futebol.³⁴⁴

No processo inicial de popularização do futebol, existem evidências nos escritos jornalísticos que a discussão sobre o profissionalismo nessa modalidade esportiva fazia parte do mesmo debate. Esse fato fez com que o início dessa nova dinâmica futebolística fosse considerada um tormento para os defensores do esporte estilo *sportmen*, pois, estes não aceitavam que essa prática esportiva fosse fonte de sobrevivência dos atletas³⁴⁵.

Os grupos contrários ao profissionalismo argumentavam através da imprensa que o problema estava ligado aos jogadores que iniciavam a sua participação nos jogos de futebol como profissão, mesmo que de forma velada. E baseado no desempenho desses jogadores nas disputas futebolísticas, recebiam dinheiro dos dirigentes como forma de recompensar as vitórias contra os adversários. Para os críticos o pagamento do “bicho”³⁴⁶ ou recompensa para atuar nas partidas de futebol, supostamente, eliminava a prática do esporte como mecanismo de educação e lazer, pois, o jogador não possuía “amor” pelo clube que defendia, fazia desse jogo um estilo de vida. Por sua vez, essa prática do “bicho” também atrapalhava a profissionalização dos jogadores, pois, estes se figiam de amadores, mas recebiam e não eram vistos como trabalhadores.

³⁴⁴ Comentário sobre o jogo Remo e Paysandú ocorrido pela Liga Esportiva Paraense onde houve a vitória do Paysandú. *Revista “A Semana”*, 29/05/1920, nº 113, vol. 3.

³⁴⁵ *Idem*.

³⁴⁶ Quando falamos em bicho é importante ressaltar que este pagamento pela vitória aos jogadores de determinado clube destacava as disputas entre o profissionalismo e o amadorismo. Luis Henrique de Toledo divide as fases históricas do futebol brasileiro em duas: primeira, fase amadora se inicia em 1894 e vai até 1933. Esse início do futebol no Brasil é uma data convencionalmente aceita a partir da chegada de Charles Muller em São Paulo para iniciar as primeiras partidas de futebol. Depois de 1933, iniciou a fase profissional, dividida em três momentos: o primeiro, marcado com o término da fase amadora (1933) e finalizada em meados dos anos de 1940. O segundo momento, marcado pela ingerência do Estado Novo e a criação da Conselho Nacional de Desportos(CND, 1943) que fiscalizava clubes, federações e confederações. O terceiro momento marcado pelo contexto dos anos 1990 e a a criação da lei Pelé, que ampliou o processo de profissionalização do jogador de futebol no Brasil. O entendimento dessa fases, linearmente postas pelo autor, facilita o entendimento das disputas entre jogadores oriundos dos setores populares e os *sportmen*, e também o processo de popularização dos clubes. TOLEDO, Luis Henrique. No país do futebol. op. Cit. p.p. 10-11. Segundo Haroldo Maranhão a palavra “bicho” faz referência ao jogo do bicho inventado pelo Barão de Drumond. No passado era um estímulo financeiro aos jogadores de modesta condição social. As disputas futebolísticas provocaram a necessidade de atrair elementos pobres para jogarem nos clubes, assim o pagamento do bicho se tornou imperativo. Dessa forma, os jogadores recebiam um cachorro (5 mil réis); um galo (50 mil réis); uma vaca (100 mil réis) e assim por diante. Era uma remuneração extracontratual a jogadores de um time por vitória ou empate. Prêmio em dinheiro aos jogadores. MARANHÃO, Haroldo. Dicionário do futebol. Rio de Janeiro: Record, 1998. p. 61.

Por exemplo, alguns clubes faziam jogos em festivais futebolísticos e pagavam cotas aos jogadores dos clubes vencedores. Os indivíduos contrários ao profissionalismo achavam que os jogos eram prejudicados pelo fim do discurso de lazer, civilização e higiene em favor do pagamento de “cotas” para os jogadores de forma velada. Geralmente, eram jogadores sem “origem aristocrática”, oriundos dos setores populares.

Esse contexto possibilitou um aumento da popularidade e a rivalidade do jogo *Re x Pa*. Essa popularidade foi fruto das muitas participações de ambas as equipes nos festivais esportivos que ocorriam na cidade, e dos discursos da Imprensa esportiva. A ideia do clube futebolístico como lazer começa a ser ampliada para um bom negócio, que incluía jogadores e torcedores como atores importantes para os lucros que poderiam ser auferidos com as partidas de futebol.

Sobre os embates entre Clube do Remo e Paysandú, O historiador Ernesto Cruz enfatizou no seu trabalho “História do Clube do Remo” que ocorreu uma reunião no dia 06 de junho de 1914, no qual, o Conselho Diretor da Liga Paraense de Futebol assinou contrato com a empresa Ferreira & Comandita, dona do campo para que os jogos que aconteciam em São Braz passassem para avenida Tito Franco. E no domingo, dia 14 de junho de 1914, aconteceu a inauguração festiva do campo da Ferreira & Comandita com o encontro entre o Clube do Remo e o Paysandú.³⁴⁷ O primeiro jogo da história entre os dois rivais. No qual, a vitória “sorriu” para o Clube do Remo, que venceu o rival pelo placar de 2 x 1.

Os festivais futebolísticos que ocorriam em Belém do Pará retratam um processo de lutas e embates em torno da prática futebolística que ia além da diversão e do entretenimento: demonstravam as diferenças sociais, as formas de resistência entre os variados sujeitos sociais, as peculiaridades de cada jogo disputado, tanto nos campos dos subúrbios, como nos campos da equipes consideradas importantes nos meio futebolísticos. Ocorria assim, um processo de popularização, que final dos anos de 1940, criava verdadeiras “nações” em torno de dois Clubes: Remo e Paysandú.

Essa popularização do *Re x Pa* pode ser percebida na notícia do jornal *Diário do Pará*, no dia 22 de julho de 1995, durante a comemoração dos 50 anos da vitória do time “bicolor”³⁴⁸ sobre o time “remista” pelo placar de “7 X 0.” No qual, a rivalidade foi

³⁴⁷ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 65.

³⁴⁸ Referente as cores azul e branco do Paysandú. O famoso azul-celeste.

relembrada pela mídia local e nos permitiu pensar um pouco sobre a memória de jogos de futebol em Belém e como todo esse processo foi construído e reelaborado no presente.³⁴⁹

Por outro lado, os “remistas”³⁵⁰ não deixaram por menos. Em nome da rivalidade foram buscar fontes jornalísticas que destacam o mesmo placar de “7x0” contra os “bicolores”, no ano de 1926, quando os times de futebol do segundo quadro dos dois rivais se enfrentaram.³⁵¹

Foram disputas que se transformaram em mito da rivalidade clubística. Que servem para explicar o melhor time a partir da derrota do outro time. Isto nos leva a perceber uma rivalidade muito grande, que independente dos jogos ou modalidades esportivas, o *Re x Pa*, representa uma construção de identidade cultural formada durante os jogos pelos torcedores que se dividem e se unem para acompanhar as pelejas ditas pela imprensa como memoráveis.

As fontes descritas nos revelam que havia participação da imprensa local durante as partidas que ocorriam em Belém, que construía discursos que enalteciam, criticavam os praticantes do “bola-pé” e, ao mesmo tempo, proporcionavam o aumento das rivalidades entre os times locais, inclusive o Clube do Remo e o Paysandú. O ultimo surgido com a intenção de rivalizar com o “Clube Azulino”.

No noticiário do Jornal *A Vanguarda* do dia 02 de abril de 1938 ocorre o destaque para “lucta sencional entre Remo x Paysandú, em disputa da Importadora de ferragens.”³⁵² Essa notícia de mais um jogo nos mostra como a imprensa esportiva passava o jogo para seus leitores e a expectativa do cronista para mais um *Re x Pa*.

Além dos membros da imprensa, diversos sujeitos das camadas sociais abastadas participavam dos torneios futebolísticos, que ocorriam na capital, que juntamente com os setores populares, criavam uma “mística” que podia ser percebida em torno desse esporte nos dias de jogos entre Remo e Paysandú.

O noticiário esportivo do Jornal *O Estado do Pará* de 07 de julho de 1942 destaca o *Re x Pa* que o Paysandú saiu vencedor, no qual a participação da torcida foi elogiada pela crônica :

³⁴⁹ Artigo feito pelo filho do ex-goleiro do Paysandú Palmério, que conta um pouco do cotidiano do pai após o tão falado jogo em que o Paysandú venceu o Clube do Remo por 7 X 0. Jornal *O Diário do Pará*: 26/07/1995.

³⁵⁰ Referente aos torcedores do clube do Remo.

³⁵¹ DA COSTA, Ferreira. Leão Azul centenário. op. cit. Belém: 2006. P. 15.

³⁵² Jornal *A Vanguarda*, 02/04/1938.

(...)O Paysandú numa de suas extraordinárias façanhas. Cinco bolas jogadas no arco azulino.

Futebol a cidade assistiu na tarde de ante-ontem uma das partidas de maior responsabilidade no campeonato oficial em que foram rivais Remo e Paysandú(...) as duas turmas, embora, não nos dessem uma luta de rigor técnico, enfrentaram-se rudemente animadas pelas arquibancadas que estavam aliás cheias e delirantes(...) não pouparam um segundo de energia e não duvidaram nunca sua bravura. Deram ao seu clube, abnegadamente, tudo que êle exigia de si. E deram-no nobremente. (...)³⁵³

No caso da fonte acima é possível entender que, apesar do nível técnico do jogo, está abaixo do que deveria ser, segundo o relato do jornal, a torcida que assistia a partida já nos anos de 1940, estava animada. Evidências que confirmam o aumento da prática futebolística em Belém do Pará. Práticas que no decorrer da primeira metade do século XX se ampliaram com a criação de campeonatos que eram regidos por regulamentos específicos do futebol³⁵⁴ e pelos jogos que de acordo com o clima ou a peculiaridade das partidas poderiam ser adaptados por seus jogadores, principalmente nos subúrbios.

O interessante é que a popularização do futebol se inicia com a própria prática do jogo, que ocorria no seu início nas praças, consideradas locais onde as pessoas podiam conversar e demonstrar sua intimidade com os discursos de civilização, isto é, eram *sportmen*. No entanto, com o aumento do número de pessoas que apreciavam o *football* se ampliou os campos com capacidade de comportar mais sujeitos, que eram mobilizados pela rivalidade entre os vários clubes da cidade e também os campos nos bairros populares. Os *sportmen* passam a circular nos bairros suburbanos. Já circulavam em São Braz e Marco, nos dias de jogos. Com o tempo vão avançando por outros bairros. Nesse caso, podemos citar o próprio Edgar Proença, um *sportman*, que se tornou sócio honorário do São Domingos do Jurunas, no dia 07 de agosto de 1923, com a ficha de inscrição de número 12.³⁵⁵

Assim, responder como ocorriam os festivais é lembrar como chegou o futebol na cidade. Dessa forma, com o processo de popularização em andamento, temos que observar

³⁵³ Jornal *O Estado do Pará*, 4ª página, caderno *Vida esportiva*, 07 de julho de 1942.

³⁵⁴ Eram os regulamentos que existiam baseados no futebol inglês que datam de 1863. Em 1866 temos as primeiras mudanças nas regras do jogo, na chamada lei do impedimento, regra 11. Em 1873 é fundada a *Internacional Board*, Instituição que regulamenta e altera as leis ligadas ao futebol formada pela Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. Em 1903, ocorreu a primeira tradução das regras do futebol do inglês para o português, publicadas por Mario Cardim pela casa Vanordem, São Paulo. TOLEDO, Luis Henrique. No país do futebol. op. Cit. p. 70.

³⁵⁵ Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Edgar de Campos Proença. Sócio honorário. Nº 12, 07/08/1923.

que os próprios festivais que eram esportivos no início foram sendo submetidos a mudanças, tornando-se visíveis as diferenças dos festivais esportivos para os futebolísticos que ocorreram nos anos de 1940 e 1950, com a consolidação da popularidade do futebol como principal esporte nacional e local.

Os festivais esportivos foram eventos que proporcionaram o encontro de vários sujeitos sociais da urbe belenense, atraídos já nos anos de 1930 pelas “pelejas”, que na linguagem dos cronistas esportivos da época, significavam verdadeiras batalhas dentro de campo.

Na verdade, no início do século XX, os festivais esportivos incluíam uma série de esportes e atrações como: desfile de crianças, corridas de ovos, cabos de guerra, pedestrianismo, dentre outros. Atividades que reverenciavam a prática esportiva e o lazer como um todo. Com o tempo os festivais passaram a destacar somente a prática do futebol como símbolo do lazer e rivalidade clubística. Isto começava a demolir as características elitistas-aristocráticas contidas no discurso sobre o esporte e facilitava a maior participação dos diversos setores populares.

Assim, podemos salientar que o festival futebolístico surgiu com os jogos amistosos de futebol na capital. Jogos que ganharam fama junto aos “amantes do futebol”, depois se ampliaram pela cidade independentemente dos outros esportes, como as regatas, que com o tempo foram perdendo espaço para os “pebolistas” nos noticiário dos jornais e na popularidade.

Como se percebe a ideia dos festivais não é construída de forma separada entre clubes de elite e suburbanos. Existia uma troca de experiências que, nesse primeiro capítulo, está relacionada a explicar o “Re x Pa” como construção cultural da cidade belenense juntamente com seus atores sociais. No entanto, é importante salientar que a prática cotidiana dos sujeitos não se fechava somente nesses dois clubes famosos na cidade. A característica popular construída ao longo dos anos em torno dessas duas agremiações esportivas é explicada por sua ligação com o “mundo do futebol suburbano” da capital paraense.

A hipótese é que possivelmente os clubes suburbanos foram construídos paralelamente aos clubes ligados aos *Sportmen*. Um fator que explica o aparecimento do discurso de valorização do esporte ligado aos conceitos de civilização, educação e cavalheirismo também nos setores populares, todavia, com significados e dinâmicas sociais originais.

Para ratificar esta possibilidade de construção da prática futebolística em Belém, podemos nos apropriar do estudo de Luis Henrique de Toledo ao afirmar sobre a disseminação do futebol no Brasil:

(...) disseminado no Brasil em fins do século XIX pelos filhos das elites_ que tomaram contato com as manifestações esportivas das escolas europeias, onde geralmente eram educados_, o futebol espraçou-se também entre as camadas populares. Estas rapidamente adestraram-se nos seus fundamentos técnicos, na interpretação de suas regras e na percepção de seus sentidos mais lúdicos, conferindo-lhes significados e dinâmicas sociais originais _ muitas vezes divergentes dos desígnios supostamente civilizatórios que se emprestavam à ética esportiva propalada pelos indivíduos das camadas sociais mais abastadas.(...)³⁵⁶

A entrada do futebol no Brasil não foi homogênea. Os diversos setores sociais que tiveram contato com essa modalidade esportiva atribuíram valores e construções culturais próprias, baseados no cotidiano das cidades que cada grupo convivia. Essa dinâmica de contato e de circulação de ideias não foi diferente em Belém. Nos subúrbios ou no centro “elegante”, os diferentes sujeitos interagiam durante os festivais nos momentos de lazer nos finais de semana ou feriados. Esse fator contribuiu para o aumento dos “amantes” do futebol e sua popularização.

No capítulo a seguir, veremos o mapeamento da cidade a partir dos clubes de futebol, no qual, perceberemos que ao longo do século XX o número de clubes se ampliou e estes se expandiram pelas áreas suburbanas. Este fato pode explicar parte do lazer dos setores sociais que moravam nos chamados subúrbios da cidade e a possibilidade de se perceber a construção cultural específica de cada bairro em torno dos seus clubes.

³⁵⁶

Idem. p. 9.

**“2º TEMPO” – A CARTOGRAFIA DO FUTEBOL PARA ALÉM DO RE
X PA: OS CLUBS DE SUBÚRBIO E O ESPAÇO ESPORTIVO.**



Este “2º tempo” está baseado no estudo sobre a prática do esportiva nos clubes suburbanos belenenses, no período de 1896 a 1952, a partir de mapas da cidade de Belém que destacam períodos menores dentro desse contexto histórico. A construção desses mapas ocorreu depois da análise de fontes de jornais, revistas, estatutos dos clubes, notícias policiais e processos crimes, nos quais, buscou-se entender a relação da criação dos clubes esportivos com o conceito de modernidade, espaço urbano, subúrbio e lazer na capital paraense.

Pretende-se mostrar uma análise panorâmica da cidade de Belém do Pará a partir das práticas futebolísticas- esportivas suburbanas e sua relação com os conceitos de progresso e civilização presentes, principalmente, nos festivais esportivos dos clubes de “elite” e dos setores “suburbanos” da cidade.

Para tanto, foi necessário levantar indícios de clubes que surgiram nos anos de 1896, por exemplo, e que depois conviviam na cidade com clubes que foram fundados no decorrer dos anos de 1920 até os anos de 1950, em outros bairros da urbe belenense.

A ideia de se estudar os clubes esportivos está relacionada à busca do que seria o futebol suburbano em Belém do Pará, mapeando a urbe belenense a partir das práticas esportivas que também representavam o lazer dos variados grupos sociais da cidade.

Dessa maneira, tem-se a possibilidade de entender a dinâmica do crescimento e ocupação urbana em Belém a partir do desenvolvimento do lazer nos diversos espaços que tinham suas próprias características, mas, que no cotidiano urbano não estavam tão afastados das áreas consideradas “elegantes”.

Existem indícios de circulação de ideias sobre as práticas esportivas que vão conviver: uma valorizando os conceitos de civilização e progresso ligado aos clubes considerados “elegantes” e outra que ressignifica essas ideias típicas do discurso da transição do século XIX e início do século XX, a partir de experiências dos “variados subúrbios”, na cidade de Belém, onde circulavam nos finais de semana pessoas dos diversos segmentos sociais.

Esse “embate” de ideias aliado às questões políticas e aos discursos da imprensa esportiva proporcionou uma construção não linear da prática esportiva e futebolística na cidade, que teve por base construções culturais típicas da população mais pobre, e se tornou um dos fatores preponderantes para o futebol se popularizar na cidade belenense.

Essa busca por indícios de uma história do futebol suburbano, em Belém, pode ser explicada a partir do pensamento de Victor Mello, quando este afirma que independentemente das discussões conceituais, nos últimos anos, a história do esporte aparece como um novo campo profissional de investigação histórica, que alia uma série de pesquisadores que utilizam o método histórico para tentar entender determinados contextos marcados por produção regional ou local, relacionados a clubes, cidades, estados, personalidades, fatos ou temas específicos³⁵⁷.

A discussão do autor tende a marcar uma preocupação com a utilização do método comparativo para os vários estudos sobre a prática esportiva no Brasil, como forma de não perdermos a oportunidade de tentar entender outras realidades, fazendo a relação do Macro e o Micro na análise histórica. Nesse sentido, independentemente das possibilidades de pesquisa a partir da história comparada, temos a história da prática esportiva como importante para entendermos determinadas realidades sociais e culturais específicas.

Na nossa pesquisa, entender como ocorria o dito futebol suburbano na área da cidade de Belém, possibilita um conhecimento maior da realidade de uma cidade amazônica a partir do olhar da prática futebolística suburbana. Isto é, buscamos apresentar a cidade que não se limitava ao seu centro urbano e suas práticas, e sim a que incorporava os variados sujeitos que circulavam em diferentes áreas da urbe e tinham como lazer o futebol que ocorria em determinados clubes e bairros.

2.1 – O *football* no espaço da cidade: para além do RE x PA.

Como já foi ressaltado no capítulo anterior, a investigação histórica sobre o desenvolvimento do lazer e da sociabilidade na capital paraense a partir dos clubes esportivos,

³⁵⁷ MELLO, Victor Andrade de (org). Apresentação. In: *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007. p.p. 14-15.

principalmente suburbano está intimamente relacionado as questões levantadas em minha dissertação de Mestrado intitulada: “Diversão, Rivalidade e política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950).”³⁵⁸

Nesse trabalho de pesquisa, buscou-se entender as disputas entre o Clube do Remo e o Paysandú como características da identidade cultural dos variados sujeitos que se relacionavam a partir das práticas esportivas e futebolísticas, na cidade de Belém do Pará, que mostrava uma passagem nada homogênea ou tranquila do *football* para o futebol³⁵⁹. Isto se vê principalmente pelo discurso que ocorria entre os clubes considerados “elegantes” ligados a ideia de “civilização-progresso” e ao mesmo tempo estavam relacionados aos festivais esportivos.

Os clubes dos variados setores sociais se encontravam juntamente com os valores dos “*Sportmen*” e dos sujeitos e seus “subúrbios”, o que gerava conflito e popularização do clássico Remo e Paysandú. A participação de ambos os clubes nos festivais causava um impacto tanto no cenário dos jogos, como pela participação da imprensa que noticiava com destaque crescente a presença dos dois clubes durante os festivais ou pelos campeonatos organizados pelas entidades oficiais.

Dessa forma, apesar da dificuldade de se escrever sobre clubes que eram considerados suburbanos, principalmente os que tinham seu cotidiano baseado na experiência da população mais pobre da capital paraense, conseguimos catalogar fontes que mostram indícios de uma realidade histórico-social que se aproxima das ideias de Tony Costa. Esse autor busca construir uma visão panorâmica da cidade de Belém a partir da relação entre espaço urbano e cultura popular, com intenção de perceber as sonoridades múltiplas que a cidade de Belém apresentava e suas transformações, continuidades, no processo de constituição da música popular em Belém, durante o século XX³⁶⁰.

A partir de fontes que apontam para uma relação entre espaço urbano e cultura popular, o autor consegue perceber as sonoridades múltiplas que a cidade apresentava, as possíveis transformações, continuidades desta cultura dos subúrbios e suas “hipermargens” no processo de constituição da música popular na capital paraense. Segundo o autor na margem de Belém, as conexões culturais com o interior do estado e com as comunidades rurais se

³⁵⁸ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, Rivalidade e política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará (1905-1950). Op. Cit.

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ COSTA, Tony Leão da. “música de subúrbio”: cultura popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Tese (doutorado) UFF/ICHF, Departamento de História, 2013. p.p. 23-24;

faziam de forma mais clara. A margem era bem mais ampla do que o limite dos seus bairros de subúrbios. A hipermargem significava a ligação desses bairros populares à cultura popular e musical das regiões mais distantes da capital. Isto é, a hipermargem era o mundo cultural das populações produtoras de cultura popular, um “mundo” de do caboclo urbano que convivia entre o campo e a cidade. Uma cidade que era ribeirinha e considerada cabocla pelo autor.³⁶¹

Da mesma forma, convido o leitor a visualizar uma tarde de domingo em Belém do Pará, três de julho de mil novecentos e vinte e um, instante que a cidade se movimentava para mais um *Re x Pa*³⁶² na capital paraense. Segundo a coluna da revista *A Semana* nesta tarde houve um colossal embate entre as turmas do Paysandú e Remo que se fizeram representar pelo “grupo inferior e principal”, tendo o Remo vencido o embate inferior e na partida principal saiu derrotado pelo Paysandú pelo resultado de 2 x 1.

O cronista da revista *A Semana* enfatiza os detalhes da participação do público presente no estádio da Curuzú que tinha se transformado numa “fortaleza de ânimo” quando adentrou em campo, o campeão paraense para a mais importante “pugna” do ano. Aumentavam da mesma forma, os comentários pitorescos pela cidade que em seus “lampejos de erudição” anteviam resultados considerados esquisitos. Para o cronista esportivo este fato representava que cada “comentarista do jogo” estava torcendo pelo seu time predileto em detrimento de uma análise real do jogo, e que possivelmente estavam no local da partida futebolística fazendo parte das respectivas torcidas³⁶³.

O discurso do cronista da revista *A Semana* sobre mais um jogo entre Clube do Remo e Paysandú, na capital paraense, nos leva a imaginar, como ocorria a movimentação da

³⁶¹ Idem. p. 74.

³⁶² Sigla do jogo entre os dois clubes de maior torcida na atualidade na capital paraense, o time do Clube do Remo e do Paysandú. Segundo o jornalista Expedito Leal, não se sabe ao certo o período que começa a aparecer nos Jornais a sigla “Re x Pa”, porém, existe a possibilidade de estar relacionada com as siglas construídas por Mario Filho para designar o jogo entre Flamengo e Fluminense, por exemplo, com a sigla FLA X FLU. Esta sigla segue o mesmo processo que ocorreu em outras capitais brasileiras com relação as equipes tradicionais e suas rivalidades clubísticas. LEAL, Expedito. RE-PA: Rivalidade gloriosa. Belém: Meta editorial e propaganda Ltda. 2013. p. 59. No Pará, o Jornal *O Estado do Pará*, 04/07/1944, destaca o Re x Pa, como o “Fla x Flu” paraense. Essa afirmação nos mostra a possibilidade da sigla famosa do futebol paraense ter uma ligação com ideia de Mário Filho que tinha contato com Edgar Proença, sendo este considerado um “pai” tanto do Remo, como o Paysandú. E possivelmente, Edgar Proença foi o inventor da frase para as disputas entre os clubes locais.

³⁶³ Anúncio da partida entre Remo e Paysandú. Revista *A Semana* 02/07/1921 e relato da partida que tinha ocorrido no domingo com detalhes da torcida e os palpites do jogo. Idem. 09/07/1921. DA COSTA, Ferreira. Remo x Paysandú: O clássico mais disputado do futebol mundial. Belém: 2009, p. 20.

cidade, nos dias de jogos desses dois rivais ou em jogos que esses dois clubes participavam, tanto pelo campeonato oficial³⁶⁴, como pelos “festivais esportivos” que ocorriam pela cidade.

Essa movimentação do público que se relacionava ao esporte nos dias de jogos nos leva a deduzir que à prática futebolística em Belém do Pará não se resumia a jogos oficiais, pois, aliada a paixão dos clubes de “*Sportmen*”, como Remo, Paysandú e outros clubes, possivelmente nos variados bairros existiam práticas de lazer e sociabilidade ligadas também ao futebol. Eventos desse tipo nos anos de 1920 proporcionaram o deslocamento da atenção dada pela imprensa esportiva nas suas notícias aos clubes do dito “centro elegante” para outros clubes de futebol pertencentes a variados bairros da urbe.

Na descrição dessa tarde de domingo futebolístico, o cronista esportivo da Revista *A Semana* ressalta que os jogos entre o Clube do Remo e o Paysandú ocorreram não somente entre os times considerados “principais”, o que chamaríamos hoje de time titular, mas aconteciam partidas entre os times “inferiores” ou o segundo quadro, o que seria chamado de time reserva das duas equipes rivais. Porém, nos dois embates o cronista ressalta a rivalidade dos clubes e a participação do público. O interessante dessa visão do cronista esportivo sobre essa partida é a possibilidade de compreensão do cotidiano dos jogos, com informação do público, comentários sobre os jogos e a ênfase a rivalidade entre clubes.

Essa visão da crônica esportiva será ressaltada no capítulo III. Nesse momento é importante que o leitor saiba como foi construída a espacialização da cidade a partir dos clubes de futebol das áreas consideradas “mais nobres” e dos clubes dos setores populares. O objetivo é observar o *Re x Pa* como uma ponte de possibilidades e estabelecer uma relação dos festivais esportivos que ocorriam no início do século XX com o cotidiano de lazer dos sujeitos que moravam em áreas chamadas de subúrbio na cidade.

Dessa forma, no capítulo anterior percebemos que os festivais esportivos na cidade no início do século XX, influenciaram na prática futebolística local, foi parte de um processo de popularização desse esporte na cidade.

³⁶⁴ O campeonato Oficial foi organizado no ano de 1906 pela Pará Futebol Liga, no entanto, este não terminou por motivos ligados a desavenças no grupo de clubes que participavam deste torneio futebolístico. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p.p 33-34. Oficialmente segundo Levantamento de Ferreira da Costa o campeonato de futebol em Belém se inicia em 1908 organizado pela Liga Paraense de Futebol; em 1917 a entidade muda para Liga Paraense de Desportos Terrestres ou Liga Paraense de Sports Terrestres. Em 1941 Federação Paraense de Desportos. Em 1969 o campeonato oficial passa a ser organizado pela Federação Paraense de Futebol. acessado no dia 06/01/2016. DA COSTA, Ferreira. A História do campeonato paraense de futebol. op. Cit.

Essa afirmativa nos leva ao entendimento de possibilidades do cotidiano da prática esportiva em Belém, pois, remete a uma busca sobre a relação entre esporte praticado pelos grupos mais elitizados e os diversos significados que foram dados pelos setores mais pobres que também participavam de jogos, ora praticando em outros espaços da cidade, ora assistindo partidas oficiais ou em festivais esportivos de clubes tradicionais da capital paraense.

Foi através dos festivais esportivos que as ideias sobre o futebol circulavam, proporcionando com que os setores mais pobres construíssem sua própria prática futebolística diária. O discurso de civilização continuava mesmo nos clubes suburbanos, mas a experiência dos sujeitos estava ligada ao seu bairro, reelaborando a lógica elitizada para uma prática que não dependia exclusivamente dos jogos do Remo, do Paysandú ou de qualquer outro clube.

Os atletas dos clubes suburbanos pertenciam a uma realidade que poderia estar relacionada a um bairro como o Jurunas, por exemplo, onde a sua população estava próxima do centro, mas, com uma vivência diária ligada ao rio Guamá, margens da Baía do Guajará e suas dificuldades de estrutura urbana³⁶⁵.

No caso do bairro do Jurunas, a vivência dos sujeitos nesse espaço da cidade, segundo Carmem Izabel Rodrigues, pode ser percebida a partir de uma visão antropológica que exige:

(...) considerar as interpretações que os próprios moradores fazem de suas vivências e experiências individuais e coletivas no contexto urbano, e os significados por eles atribuídos a essas vivências tendo como referentes imediatos o bairro e a cidade que habitam, a partir dos quais as relações espaciais vinculam-se e as relações sociais, estabelecendo um trânsito constante entre os níveis local, regional e mundial da realidade vivenciada. Essas experiências misturam padrões de relações consideradas modernas, produtivas e individualizantes (trabalho. Emprego e consumo) com outras mais coletivas (religiosidade, lazer, parentesco, vizinhança), nas quais se entrecruzam saberes tradicionais, aprendidos via tradição oral, familiar ou vicinal, com novos conhecimentos, adquiridos na cidade, através da educação escolar ou dos *mass media* disseminados no meio urbano. (...) ³⁶⁶

³⁶⁵ RODRIGUES, Carmem Izabel. O bairro do Jurunas, a beira do rio Guamá. Revista Mosaico, Vol. I, nº 2, p.p. 143-156. Jul/dez – 2008.

³⁶⁶ RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidade no espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008. p. 15.

Como se percebe na narrativa de Carmem Rodrigues, os sujeitos, atletas dos clubes de bairros suburbanos, tinham nos seus setores como uma cidade, no qual, a relação espacial se relacionava à dinâmica social. Por isso, possivelmente, os clubes de bairros funcionavam como locais que para além da prática futebolísticas, estavam voltados para a experiência dos diversos sujeitos, moradores e sócios dos seus clubes.

Inicialmente a relação estreita de discurso de modernidade e prática esportiva é fator que explica um contexto histórico do discurso de civilização e higiene. Essa ideia é apresentada por Hilário Franco Junior como típica de um momento que o Brasil possuía o poder político baseada nas oligarquias, no qual, o futebol passa a ser um item da modernidade europeia, que não podia faltar aos anseios dessa elite local, defensora da prática esportiva por pessoas de igual condição social³⁶⁷.

Os conceitos de educação, higiene³⁶⁸ e civilização eram frutos de um discurso pautado num padrão de vida europeu, no qual, os clubes e as práticas esportivas em Belém estavam diretamente envolvidos. Já que a República Brasileira estava alicerçada num afastamento dos valores culturais locais em benefício da “Beleza da modernidade europeia”³⁶⁹.

Os valores culturais desse período de consolidação da República no Brasil são pautado pelas marcas do ideário e do imaginário da modernidade. Por isso, prevaleceu entre os sujeitos das elites a valorização da cena pública e também maior interesse pelo corpo. Para Victor Melo, o corpo que outrora foi motivo de vergonha e restrições, a partir das necessidades econômicas, dos desdobramentos culturais e ainda desvendado pela ciência, passa a ser objeto de consumo. Um fator que leva o autor a não se surpreender sobre o motivo

³⁶⁷ FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. Op. cit. 61-69.

³⁶⁸ Alexandre Amaral destaca que o contexto do início do século XX na capital paraense é marcado pelo chamada “higienização urbanizadora”, leia-se Diretoria do Serviço Sanitário do Estado protagonizada por Antonio Lemos e Augusto Montenegro através do médico sanitaria Francisco da Silva Miranda. O autor ainda destaca que às “classes perigosas” foram imputados valores da ameaça de contaminação. Por isso as ações coercitivas, como o isolamento dos enfermos, vacinação, remoção dos doentes e até prisão diante da não aceitação dos vacinadores. Esse era o conceito de higiene marcado pelos valores de afastamento do perigo do centro da cidade. A peça “A bubônica” foi a defesa mais polida do Intendente Antonio Lemos e dos discursos de progresso. Nessa missão literária a higiene passa a ser o valor universal a ser inculcido. Esse trabalho do autor é construído a partir da peça “bubônica” do literato João Marques de Carvalho. Um estudo sobre uma representação literária do contexto histórico que valorizava campanhas de profilaxia no combate às epidemias, as quais forjaram um corpo doente e procuraram legitimar as ações do Estado. AMARAL, Alexandre Souza. Belém, o teatro das doenças: “A Bubônica”(1904). Belém: Açai, 2008. p.p. 11-12; e 173-174.

³⁶⁹ Segundo Willian Gaia a República no Pará foi manifestou-se em vários setores da sociedade e de alguma forma estava relacionado às concepções de ciência e modernidade que vigoraram no Brasil na virada do século XIX para o XX. FARIAS, William Gaia. O alvorecer da República no Pará (1886-1897) Belém: Açai, 2008. p.p. 132-133.

dos médicos e os militares terem se preocupado com a preparação do cidadão para tocar os novos ditames do país: na defesa das fronteiras, baseado na concepção de estado-nação do período; e na busca pelo progresso do país. Ambos estiveram envolvidos na sistematização de métodos e pesquisas que utilizavam a prática esportiva como aplicação e ocupação central.³⁷⁰

No entanto, para Hilário Franco Junior, mesmo com o discurso de modernidade e a valorização dos setores da elite social que estava no poder político no período, os setores populares já possuíam times improvisados que saíram da curiosidade de assistir os jogos das elites e passaram construir uma “identidade futebolística”, no qual, os grupos dos subalternos que tinham sua existência negada em outros campos sociais passam a criar, a partir de seus clubes, um modo de representação da sua realidade.

Esse entendimento de que os clubes populares conviviam com os clubes ditos pela imprensa como “elegantes” segue uma linha de análise de Peter Burke³⁷¹ no seu artigo intitulado “A história social dos clubes”. Neste, o autor discute a ideia de que o clube é considerado por alguns teóricos como uma exclusividade das elites na Inglaterra. No entanto, o autor aponta para a possibilidade de duas interpretações nessa dinâmica clubística inglesa, pelas quais, os clubes possuem seus aspectos democrático e aristocrático.

Peter Burke analisa o discurso da exclusividade dos clubes por parte das elites inglesas como pertencente a uma construção histórica, que se explica pela regra geral de origem dos clubes, já que, estes podiam admitir ou rejeitar a entrada de sócios de acordo com seus estatutos. Esta seria uma das características que ligava os clubes aos grupos aristocráticos³⁷².

No entanto, Peter Burke ressalta que os clubes fortaleceram a democracia na Inglaterra. Isto se deve a promoção da sociabilidade entre grupos como: os imigrantes e os trabalhadores, por exemplo. Fato que deixou “face a face”, segundo o autor, os grupos sociais aristocráticos com os cidadãos mais pobres. Foi essa “convivência” no cotidiano dos clubes que fortaleceu a cultura democrática. Já que, nesses locais existiam regras, regulamentos, diretoria eleitas e participação de diversos sujeitos que possibilitaram o fortalecimento do que algumas pessoas chamam de “sociedade civil”³⁷³.

³⁷⁰ MELO, Victor Andrade. O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia. (orgs) História do corpo no Brasil. São Paulo: Unesp, 2011. p.p. 507-510.

³⁷¹ BURKE, Peter. A História social dos clubes. In: Caderno Mais, Folha de São Paulo, 24/02/2013. Disponível em: . Acesso em 21/08/2013.

³⁷² Idem.

³⁷³ Ibidem.

A explicação da relação dos clubes ingleses com valores democráticos, ressaltada por Peter Burke, pode ser observada no contexto dos anos de 1920 em Belém do Pará. Neste momento, os clubes esportivos estavam ligados aos setores mais elitizados e ao mesmo tempo relacionados a uma construção cultural das práticas esportivas suburbanas e seus sujeitos.

Os anos de 1920, na capital paraense, passam a ter importância pelas mudanças que acarretaram na valorização das características regionais e nacionais. No caso da prática do futebol, é possível perceber um maior destaque para os torneios suburbanos nos bairros populares de Belém através do noticiário jornalístico. É nessa ideia que Peter Burke relata os setores sociais pobres “face a face” com setores considerados abastados. E no caso de Belém do Pará, essa proximidade entre os grupos populares e as elites ocorreu, possivelmente desde o início do século XX, porém, com uma maior ênfase a partir dos anos de 1920.

Sobre o assunto, Alessandra Batista³⁷⁴ nos apresenta o contexto dos anos de 1920 em Belém a partir do seu estudo intitulado “Vândalos da folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20”. Nesse período ocorreram mudanças que também se apresentam na forma de se ver as práticas culturais na cidade, como as festas de carnaval, por exemplo. Os textos dos literatos do período acentuam um discurso modernista baseado no interesse de um grupo intelectual por festas realizadas no centro da cidade e nos bairros, formados por trabalhadores pobres e seu cotidiano de manifestações culturais profanas e religiosas, tais como malhação de judas, folguedos juninos e apresentações de boi-bumbá, por exemplo.

Esse grupo que escrevia nos jornais e revistas do período construiu uma imagem dos setores suburbanos da cidade que valorizava as tradições ligadas a uma construção cultural regional e minimizava a imagem da cidade belenense ligada apenas ao modelo civilizatório europeu. Dentre os grupos de intelectuais que chamavam de “novos”, temos Bruno de Menezes, Jacques Flores, Abguar Bastos que eram homens que escreviam em jornais e revistas no período³⁷⁵.

³⁷⁴ Esses intelectuais pertenciam segundo a autora ao chamado grupo dos novos que vai construir toda uma ideia de modernismo amazônico e por colaborarem nos jornais e revistas na época se torna relevante entender sua visão dos subúrbios e dos clubes de futebol para a presente pesquisa que será trabalhada em outro capítulo deste trabalho. A autora buscou analisar essa imagem do regional debatida no período a partir das festas de carnaval na cidade. No capítulo II trataremos sobre esses literatos e sua participação no campo esportivo e dos clubes. BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. *Vândalos da folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20*. (dissertação) IFCH/UNICAMP, 2001. p.p. 11-12. Sobre o assunto Aldrin Figueiredo esses literatos, os chamados “Vândalos do apocalipse”. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. *Os Vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos de 1920*. Op. Cit. p.p. 21-26.

³⁷⁵ Idem.

Os trabalhos desses intelectuais influenciaram o pensar sobre o cotidiano dos variados bairros da capital paraense, que foi fonte de inspiração para eles. Esta inspiração supostamente tinha uma essência de uma “cultura cabocla” que servia para produzir uma arte nacional que exaltava as grandezas exclusivas do Brasil, “deixando” de ser vergonhosa a demonstração de características típicas da região amazônica, por exemplo³⁷⁶.

A participação desses intelectuais paraenses na criação das crônicas esportivas tinha uma influência do discurso modernista. O subúrbio através do futebol passava a ser idealizado por esses cronistas esportivos. Por isso, a relação das práticas futebolísticas construídas nos espaços suburbanos, passa a ser noticiada na imprensa com maior frequência, já que, cada bairro em Belém tinha sua particularidade e a relação entre sujeitos estava pautada num distanciamento espacial, que se transformava numa aproximação durante os jogos de futebol entre clubes de bairros populares e os considerados elitizados.

Um exemplo dessa convivência de clubes elitizados, como a dupla “Re x Pa”, e os clubes de bairros suburbanos, temos como referência o São Domingos³⁷⁷, pelo fato de pertencer ao bairro do Jurunas considerado espaço suburbano da cidade, e ter sido criado no ano de 1915, período que conviveu com valores de ordem e progresso que caracterizavam o início da República Brasileira.

A criação do São Domingos, no ano de 1915, está ligada a um momento que muitos clubes ainda eram fundados nas áreas centrais da cidade, como os bairros de Nazaré e a Cidade Velha³⁷⁸. Esse fato causa estranhamento se pensarmos nessas primeiras décadas do século XX como um tempo de fundação apenas de clubes de elite. No entanto, a sua fundação, no bairro do Jurunas, nos possibilita entender que os grupos populares praticavam o *football* concomitantemente aos clubes fundados em Nazaré, por exemplo.

Nesse contexto, os clubes mais abastados participavam dos torneios futebolísticos e esportivos na cidade. Possivelmente, nessas atividades dos *sports* houveram contatos que influenciaram os sujeitos que circulavam na cidade de Belém a fundarem clubes esportivos nos seus bairros. Por isso, não temos como falar em futebol suburbano sem destacar a

³⁷⁶ Ibidem.

³⁷⁷ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: São Domingos Esporte Clube, 1947, cx 06, Doc 61. CMA/UFGA. Esta Agremiação esportiva foi fundada no ano de 1915, registrada no Cartório Condurú em 06 de setembro de 1947. Esta Agremiação esportiva foi fundada no ano de 1915, registrada no Cartório Condurú em 06 de setembro de 1947. Também existe no CMA na CX 04, doc 11 o estatuto do São Domingos que destaca que o estatuto foi aprovado no ano de 1932 diferentemente da primeira informação. Trata-se do mesmo clube pela data da fundação ser a mesma e os jornais sempre destacarem somente um Clube S. Domingos no Jurunas.

³⁷⁸ Foram catalogados 24 clubes no período de 1914-1915. A maioria nos bairros de Nazaré e Cidade Velha. Anexo - Tabela de clubes fundados e citados nos periódicos no ano de 1914-1915.

experiência dos clubes elitizados nas praças das cidades. E também não temos como falar em futebol elitizado sem à prática do futebol nos espaços populares da cidade. Essas experiências foram basilares para que os setores populares criassem os seus próprios clubes, que faziam parte do lazer dos diversos bairros em Belém.

Os sócios-atletas dos clubes populares criavam os seus significados baseados nas suas experiências diárias em seus bairros. Eles construíram seu próprio protagonismo nos festivais esportivos. Essa relação ocorria concomitantemente as experiências dos sujeitos nos clubes que participavam como *sportmen* na prática de remo, natação, tênis, *football*, dentre outros esportes. Esse cotidiano dos finais de semana e feriados estava relacionado às práticas esportivas e ao lazer dos variados grupos sociais da cidade.

Pensando a cidade de Belém e esse contato cultural entre grupos sociais a partir da prática esportiva, é possível nos basearmos no estudo de Victor Mello³⁷⁹ que analisa o esporte como forma de lazer na cidade do Rio de Janeiro durante a virada do século XIX para o XX. Segundo ele, a prática esportiva foi um dos mais eficientes produtos exportado pelos britânicos no âmbito do processo de mundialização capitalista. Isto se deve a dois motivos: primeiro, por sua capacidade de expandir de forma global suas práticas. E segundo, por demonstrar historicamente uma capacidade enorme de ajuste às características culturais de cada local que chegava.

Dentre essas práticas esportivas que se ajustavam, podemos incluir o futebol, o turfe, dentre outros. O turfe serve de exemplo para entendermos essa relação global e local das atividades esportivas. Na cidade do Rio de Janeiro as atividades ligadas ao turfe, no início do século XX, nos evidenciam que os grupos populares também participavam dessas práticas esportivas. E a partir dessas experiências criavam os seus próprios significados para as disputas. Fato que causava um discurso de rivalidade, demérito e insignificância por parte das elites cariocas sobre os clubes de turfe populares. O discurso elitista criava uma imagem desses clubes de turfe como locais de confusão e falta de ordem. Eram essas peculiaridades que os sujeitos das elites carioca falavam do Clube de Turfe Prado Guarany. Este clube era considerado popular. Por isso, ganhava uma imagem pejorativa e de segunda categoria, seu nome estava associado a confusões, desordem e a desonestidade³⁸⁰.

³⁷⁹ MELLO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea & MELLO, Victor Andrade de. (orgs) *Vida divertida: historias de lazer no Rio de Janeiro(1830-1930.)* Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.p. 49-51 e 60- 62.

³⁸⁰ Idem.

Os clubes populares contavam com a presença de um bom público, que pagava mais baixo pelas entradas e apostas. Fator que apresenta uma forma como os setores populares participavam e interferiam nas práticas esportivas na cidade do Rio de Janeiro. Como afirma Victor Mello se não podiam dirigir um clube e competições, se não frequentavam as tribunas de honra, pelo menos esses grupos populares não eram ingênuos. Suas práticas que ocorriam nos clubes acabavam interferindo nos resultados de alguma maneira. Essas bases populares contribuíram para que o futebol caísse no gosto popular, além de destacar que no início do século XX, o Rio de Janeiro já era considerado uma cidade esportiva.³⁸¹

Essa ideia de Victor Mello nos faz pensar que a identificação cultural da população da cidade, construída ao longo dos anos em torno do *Re x Pa*, se fortaleceu de uma maneira mais abrangente com a maior participação dos setores populares, a partir da década de 1930. Essa situação explica o cotidiano esportivo da cidade, seus diversos sujeitos oriundos dos diferentes setores sociais estavam nos dias de jogos construindo um significado próprio para as partidas diversas na cidade.

No entanto, as áreas consideradas suburbanas de Belém, que também tinha seus jogos e seus clubes, possuíam um cotidiano do lazer que convivia com os clubes aristocráticos, mas, que no início do século XX, não ganhava espaço no discurso da imprensa esportiva, que enfatizava os valores da civilização europeia.

Assim, antes de existir a dupla *Re x Pa* nos jogos de futebol na cidade belenense, os setores populares observavam, participavam indiretamente dos jogos de clubes que tinham contatos com as elites locais. Por outro lado, isso não significava que os setores populares não reelaborassem valores e praticassem esportes, ou mais especificamente, o futebol nas suas festas de bairros, que só foram aparecer na imprensa local com maior destaque a partir dos anos de 1920.

Sobre esse fortalecimento da popularização do *Re x Pa* nos anos de 1920, temos o noticiário esportivo, da revista *A Semana* de 15 de abril de 1922, retratando a descrição dos momentos da partida:

(...) a lucta homérica de domingo passado- o Paysandú empatando a contenda, coquista a taça “Soberana do Mundo” – a guryrada também já estrilha.

³⁸¹ Ibidem.

As 3h, o Sr Abel Barros chamou a campo as esquadras infantis, que iam preencher o tempo dos jogos preliminares.

No jogo a defesa do Paysandú age com calma, notadamente Caetano, que muito se esforça.

Santana aproveitando o descuido do médio alvi-azul, rapidamente conquista o 1º goal do Remo. A assistência aplaude-o, continuando o jogo animado. O Paysandú fez um “goal” fora de regra conscienciosamente anulado pelo juiz(...)

O 2º tempo o jogo torna-se violento, tendo os alvi-azues feito mais 2 pontos, sendo que o último foi de um “penalty”(...)

O Remo domina todo esse tempo, não conseguindo entretanto, fazer mais pontos. Aos seis horas termina o formidável prélio, conquistando o Paysandú por ter um ponto a mais, na tabella, a rica taça “Soberana do Mundo”(...) Jairo.(...)³⁸²

Nessa notícia, temos o destaque para animação dos jogos e a vitória do Paysandú por 2 x 1. Outro detalhe informado pelo cronista de codinome Jairo, foi o aumento do que considerava violento no decorrer da partida. Segundo ele, devido os dois gols feitos pelo Paysandú a partida passava a ser violenta. O que nos mostra um pouco da rivalidade desses dois times nesse período

Em outra partida entre Remo e Paysandú, noticiada pela revista *A Semana*, no dia 15 de maio de 1922, é possível entender, a partir de trechos da notícia, como o jogo terminou num “sururu” após a vitória do Clube do Remo:

(...)O encontro de domingo ultimo – O Remo vence o Paysandú por 2 x 0 conquistando a taça “Lauro Muller” – formidável Sururú. Campeão abandona o campo.

(...) o jogo torna-se rápido, atacando o Remo. Bernardo commete grave penalidade na área, não sendo punido. O juiz mais tarde assignala uma falta grave de Suisso. Generaliza-se o “sururú”(...) os alvi-azues protestam e abandonam o campo. O juiz manda bater a falta que é convertida em segundo ponto azulino, que assim conquista a taça “Lauro Muller”(...)³⁸³

Esse processo de popularização que tem uma continuidade histórica no decorrer dos anos de 1930 está também ligado aos jogos entre o Remo e o Paysandú. Clubes que representavam esse momento. Por isso, ao visualizarmos o movimento da cidade nos dias de jogos, segundo *O Estado do Pará*, 30 de abril de 1938, é possível perceber parte dessa construção cultural dos sujeitos nos dias dessas disputas:

(...) o movimento da cidade

³⁸² Revista *A Semana* 15/04/1922.

³⁸³ Revista *A Semana*, 13/05/1922, nº 13.

Desde de pouco depois do meio-dia que a cidade começou a se movimentar rumo ao estádio azulino que muito antes da hora determinada para o início da sensacional programa desportivo.

Bondes, automóveis, ônibus, motocicletas, transportes de toda a espécie conduziam ao estádio uma incontável multidão. (...) ³⁸⁴

Essas práticas futebolísticas e de lazer no espaço da cidade de Belém, mesmo já durante os anos de 1930, nos fazem entender a dinâmica das pessoas que participavam das partidas e do processo que leva a popularização desse esporte. Nesse sentido, as ideias de Antônio Mauricio Costa, contidas no seu artigo intitulado “festa e espaço urbano: meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950”³⁸⁵, nos ajudam a entender como funcionava a dinâmica do lazer na cidade. Já que, nessa obra é enfatizado pelo autor a relação de popularização de músicas ligadas aos instrumentos como banjo, flauta e cavaquinho, que evidenciavam a popularização de ritmos como choro, samba, mambo, tango, bolero, *fox-trot*, e *swing* no período dos anos de 1920 e 1930.

O estudo de Antonio Mauricio Costa nos possibilita entender, de maneira análoga, como ocorreu o processo de construção das práticas de futebol suburbano e como os jogos do Clube do Remo e do Paysandú atraíam um grande público na cidade, como diria o cronista “uma incontável multidão”.

Essa narrativa histórica de Antônio Maurício Costa discute a forma como ocorriam às festas na cidade, tanto nas áreas consideradas mais elitizadas, como também nos chamados subúrbios e seus clubes nos anos de 1950 a 1970, na cidade de Belém do Pará. Este período histórico é ressaltado pelo autor como momento em que se desenvolveu nas festas suburbanas a utilização de “Picarpes ou sonoros”, os antecessores das atuais aparelhagens³⁸⁶.

Antes das “picarpes”, as festas suburbanas eram animadas por conjuntos musicais e orquestras que no decorrer dos anos de 1920 se tornaram uma verdadeira epidemia na cidade. As “jazz bands” circulavam, segundo o autor, tanto pelos salões aristocráticos, como

³⁸⁴ Jornal *O Estado do Pará*, caderno *Vida esportiva*, 30/04/1938.

³⁸⁵ COSTA, Antonio Mauricio dias da. Festa e espaço urbano: Meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. *Revista Brasileira de História*, Vol. 32, nº 63. 2012.

³⁸⁶ Segundo Antonio Maurício Costa, as aparelhagens são o elo fundamental entre o lazer e o empreendimento das festas de brega em Belém. A definição mais simples é a que considera sua função: um equipamento de som autônomo que faz a sonorização das diversas festas, principalmente, nas casas de brega em Belém. Na verdade, as aparelhagens são empresas familiares que envolvem diversos funcionários específicos e equipamentos subsidiários. Sua origem está nos equipamentos sonoros dos anos de 1950. Segundo o autor a aparelhagem mais antiga “é o poderoso rubi”. COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 79-82.

pelos salões mais modestos. Nesses locais mais modestos, as pessoas se preparavam com esmero pela “fama” do grupo musical que iria tocar no local, pois, este tinha tocado nos clubes elegantes³⁸⁷.

Sobre essas festas que aconteciam nos clubes esportivos da cidade, inclusive nos suburbanos, temos um relato jornalístico que destaca uma posse da diretoria do Clube suburbano Curuzú do bairro do Marco:

(...) Esportes

A posse as nova directoria do Curuzú Sport Club – com um bela cerimônia realizou-se na manhã de domingo (...)

Assumiu a presidência o Sr José Costa, moço que nesse Grêmio bastante tem feito para o seu soerguimento.

Finda a posse teve de jogar uma feijoada seguindo-se animada vespéral, sob o som do “jazz-band” do maestro caroço. (...) ³⁸⁸

Esse relato nos mostra a participação de uma “jazz-band”, coordenada pelo Maestro Caroço, no ano de 1931, na comemoração da posse da diretoria do Curuzú. O interessante, é que esse clube é considerado suburbano, porém, percebe-se o destaque dado pelo cronista para mostrar que a festa foi bela, elegante, animada. Isto é, existem indícios de uma idealização do subúrbio e as suas práticas esportivas por parte da imprensa e uma diferenciação de clubes dos variados bairros. Nesse caso, o clube que tem sua festa noticiada é do bairro do Marco, que era um subúrbio frequentado pelos membros das elites locais, o que talvez explique seu maior ou menor destaque no jornal *Folha do Norte* no dia 31 de janeiro de 1931.

Na verdade, as orquestras de *jazz* estavam ligadas muito mais aos bailes dos clubes considerados elegantes da cidade, porém, participavam de eventos públicos nas praças, por exemplo, locais em que circulavam pessoas dos variados setores da cidade e grupos sociais.

Os clubes que participavam das festas e do futebol na cidade, dentre eles o São Domingos, no bairro do Jurunas, ocupavam um papel importante no lazer do bairro, pois, de

³⁸⁷ COSTA, Antonio Mauricio dias da. Festa e espaço urbano: Meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. Op. Cit.

³⁸⁸ A festa da posse da diretoria do Curuzú. C.f. Jornal *Folha do Norte*, 08/01/1931.

maneira análoga os homens e mulheres do clube ou de outros clubes suburbanos buscavam fazer uma festa próxima do que ocorria nos salões considerados elegantes pelos jornais.

E esses clubes no geral não estavam ligados somente aos bailes, pois, as festas faziam parte, muitas vezes, do seu festival esportivo, o que movimentava o bairro num contexto anterior ao desenvolvimento das picarpes, por exemplo. As festas que ocorriam nas sedes dos clubes foram construídas dentro de um cotidiano de lazer que ao longo dos anos foram sofrendo modificações, mas estavam ligadas às práticas esportivas, principalmente aos festivais futebolísticos.

Essa notícia destacada pelo Jornal *O Estado do Pará*, no dia 30 de abril de 1938, citada anteriormente, nos mostra o quanto no final dos anos de 1930, os dois rivais, Remo e Paysandú, já estavam populares e como os seus jogos atraíam as “multidões”.

Por outro lado, se compararmos com primeira fonte é perceptível à similaridade das notícias e de que a imprensa esportiva gostava de exaltar os jogos desses dois rivais. Porém, como foi destacado anteriormente, a popularização dessa rivalidade clubística, nos anos de 1930, está relacionada à própria historicidade da prática esportiva na cidade, que não foi homogênea, apesar de no início do século XX ter ocorrido uma tentativa de homogeneidade a partir dos discursos civilizatórios nas práticas cotidianas nos clubes considerados elitizados.

2.2 - Os subúrbios: *Clubs, sujeitos e espaço na urbe.*

O mapeamento da cidade a partir das práticas esportivas clubísticas nos possibilitou um entendimento maior da dinâmica dos sujeitos que circulavam nos variados bairros e mantinham contatos tanto com os clubes elegantes tradicionais, como com os clubes suburbanos, todos no âmbito do entendimento da categoria subúrbio e centro na capital paraense.

Essa questão do significado de subúrbio em Belém, não vai ser entendida a partir de uma dicotomia explicada entre o espaço que “produz e constrói” (centro) em contraposição

a um espaço que “tudo falta” (subúrbio-periferia)³⁸⁹. Nesse sentido, a ideia é falar do subúrbio em Belém a partir de fontes que destacam os clubes esportivos no âmbito de um espaço da cidade que se relaciona com outros espaços através dos seus sujeitos e suas produções culturais.

Sobre o mapeamento de Clubes, Antonio Mauricio Costa, destaca essa possibilidade de estudo, fazendo um levantamento de Clubes na cidade e que nos levam a pensar nessa convivência das pessoas no variados bairros no Início do sec. XX.³⁹⁰

O autor ressalta no seu artigo, que inicialmente temos clubes até 1920 como ilhas que de forma amadorística eram cultivados os *sports* ligados ao “bom nível moral e social”³⁹¹. Ao levantarmos as fontes, foi possível perceber que paralelamente a criação dos clubes esportivos nos bairros de Nazaré, Cidade Velha e São Braz, considerados bairros elegantes, tínhamos clubes em bairros populares que buscavam se pautar em procedimentos e regras parecidas com a de clubes ligados aos grupos das elites locais, como o caso do São domingos do Jurunas, o Sacramento do Bairro da Sacramento e o Curuzú do bairro do Marco.

Na fonte abaixo, temos um trecho do Estatuto do Clube São Domingos que ressalta ao discurso “moral e social”:

“(...) a) criar, incentivar e desenvolver os sports em geral, especialmente o foot ball, promovendo e organizando torneios, sempre que julgar oppportuno e seus recursos permitirem.
b) proporcionar aos seus associados divertimentos úteis, proveitosos e benéficos.
c) cuidar do desenvolvimento phisico dos seus associados, creando differentes secções de sports a medida que seus cofres o auxiliares.”³⁹²

³⁸⁹ Os termos que estão em destaque (entre aspas) servem para mostrar que existe uma critica a esse tipo de visão chamada dicotômica entre periferia e centro, no qual o subúrbio é visto como sinônimo da periferia e que nesses locais o cotidiano é sempre baseado na “falta de tudo” e do perigo constante ganhando uma conotação classista e pejorativa. PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. *Ciência e cultura*, Vol. 57, nº 2, São Paulo Abril/Junho de 2005.

³⁹⁰ COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Possibilidades da pesquisa histórico-antropológica sobre a prática de esportes e de atividade de lazer: o estudo de clubes e associações esportivas em Belém do Pará entre 1890-1920. 2008.

³⁹¹ Idem. p. 13.

³⁹² SÃO DOMINGOS SPORT CLUB – 1932- Estatuto dos Clubes CMA (Centro de Memória da Amazônia) – UFPA. CX. 04 DOC. 11.

Como se percebe no fragmento do estatuto acima, a busca por um “padrão moral esportivo” também existia no Clube São Domingos, principalmente quando os sócios buscavam esse “desenvolvimento phisico dos seus associados”.

O que nos faz pensar que esses clubes de bairros populares, também estavam buscando um padrão ligado a um discurso civilizatório, conforme Antonio Mauricio Costa destaca em seu artigo intitulado “instrucção e civilização nos Clubes e Associações esportivas em Belém entre 1890 e 1920.”³⁹³

“(...) civilização e instrucção fazem par neste discurso como fim último da responsabilidade das autoridades públicas de promover o progresso da nação. Educação, atividades de lazer e práticas esportivas tendiam a ser vistos pelas elites políticas e intelectuais da época como instrumentos fundamentais (e relacionados entre si) para difusão da civilização (...)”³⁹⁴

Da mesma forma, os clubes chamados de suburbanos também estavam pautados num discurso civilizatório no início do século XX, no sentido da idealização e da prática esportiva. Todavia, os discursos sobre o papel do esporte nos clubes suburbanos estava pautado nas características das pessoas e suas experiências no bairro. Um processo de construção dos significados e da representação social do clube suburbano por parte dos sócios-moradores.

Temos indícios de que nos clubes de bairros populares existia uma circulação de ideias e práticas cotidianas que estavam pautadas no contato dos sujeitos com grupos mais abastados socialmente e nas experiências dos bairros próximos aos rios e florestas. O subúrbio desponta como um espaço intermediário entre a cidade e o campo. Um local com experiências híbridas e indefinidas, sendo parte da complementariedade do moderno com o tradicional, que não são antagônicos³⁹⁵.

Busca-se visualizar os subúrbios de Belém como locais que interagem entre si a partir das práticas futebolísticas e que apesar do centro urbano possuir grupos sociais que tinham um melhor poder econômico, não significa que se possa afirmar a existência de uma

³⁹³ COSTA, Antonio Mauricio Dias da Costa. Instrução e civilização nos Clubes e Associações esportivas Em Belém entre 1890 e 1920. *Educativa*, Goiania, v 13, n 1, p. 66-79. Jan-jun. 2010.

³⁹⁴ Idem. p. 68-69.

³⁹⁵ SOTO, Willian Héctor Gómez. Suburbio, periferia e Vida cotidiana. *Estudo Soc. agric.*, Rio de Janeiro, Vol. 16, nº01, 2008, p.p. 109-131

total separação entre os “bairros”, com uma submissão total desses espaços mais pobres ao centro urbano.

2.3 – Subúrbios em Belém: que espaço é esse?

Essa desmitificação da dicotomia “subúrbio-centro”, é a discussão levantada por Álvaro Domingues³⁹⁶ ao defender a ideia de que a identificação da categoria subúrbio como sinônimo de periferia, e ambas em contraposição ao centro urbano, apenas mostra mais um pré-conceito social, uma distância sociológica, menos uma imagem do espaço urbano real, multifacetado.

Para o autor, os subúrbios acabam se tornando, simbolicamente, o local da marginalidade, anomia, falta de cultura, enquanto o centro urbano como local da produção cultural, acesso a informação, atividade cívica pela aglomeração de recursos políticos e econômicos³⁹⁷.

Quando pensamos no espaço suburbano belenense temos as referências do estudo de Edilza Fontes, que destaca esses locais na cidade de Belém a partir do termo “baixadas”³⁹⁸. Espaços que aparecem na memória de seu Eládio Pinheiro, um dos entrevistados da autora, na sua obra sobre os trabalhadores na indústria de panificação de Belém, no período dos anos de 1920 a 1940.³⁹⁹

³⁹⁶ DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? Revista da Faculdade de Letras- Geografia, I série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5, p.p. 5-18.

³⁹⁷ Idem.

³⁹⁸ Sobre o termo “baixadas” é importante destacar o estudo de Saint-Clair Trindade Junior, no qual o mesmo ressalta esses locais como de ocupação abaixo da cota 4 em relação ao nível do rio. TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Produção e uso do espaço urbano em Belém: NAEA, 1997. p. 1-2. Sobre o uso do termo por Edilza Fontes é importante ressaltar a experiência da autora nos movimentos sociais dos anos de 1980 influenciaram na escrita da sua obra sobre os trabalhadores da indústria de panificação em Belém do Pará no contexto da 2ª Guerra Mundial. A experiência da autora aparece quando fala da relação patrão e empregado. E quando fala sobre esses bairros de Belém caracterizados por alagamentos e falta de estrutura urbana. O livro foi fruto de sua produção acadêmica no curso de Mestrado em história na UNICAMP. Sua escrita nos passa um pouco do contexto do final dos anos de 1980 a 1990. Por isso, a ideia de escrever sobre as “baixadas” perpassa mais pelo sentido de saber das características de alguns bairros na cidade ocupados pelos setores populares. Já que seus sujeitos entrevistados vivenciavam o contexto da produção de sua Dissertação. A autora entrevistou 25 informantes, a maior parte padeiros e forneiros com mais de sessenta anos. Gravou ao todo mais de 48 entrevistas. Dentre eles o senhor Eládio Pinheiro, padeiro, 72 anos. Chegou em Belém no ano de 1937 oriundo de Salinas. FONTES, Edilza. O pão nosso de cada dia: trabalhadores e indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954). Belém: Paka Tatu, 2002. p.p. 23; 208; 253;

³⁹⁹ Idem. p. 208.

Essa obra de Edilza Fontes tem relevância no entendimento sobre os grupos sociais que transitavam numa cidade “formada por várias cidades”, com seus variados espaços, no qual, as “baixadas” representavam os subúrbios. Nelas muitos clubes esportivos nasceram, sendo parte da ideia de lazer de grupos de moradores dos bairros que não eram considerados elitizados.

Em uma das falas do entrevistado de Edilza Fontes, Sr Eládio Pinheiro é possível perceber como eram casas nos bairros da Sacramento, Marco, Pedreira, Guamá. Eram moradias geralmente eram compostas por moveis feitos de cipó, cobertas por palhas, parede de barro, enchimento e com poço em grandes quintais.⁴⁰⁰

Nesses bairros, as ruas eram de piçarras e mal iluminadas, os banheiros eram fora das casas, sendo estas iluminadas por luz de candeieiros. Em bairros como a Sacramento, existia muito igapó, locais onde os moradores iam coletar açaí e conviviam cotidianamente. É uma descrição interessante para entendermos alguns clubes nesses locais, já que a autora não busca explicar o termo “baixada” no seu sentido geomorfológico, e sim a partir do seu ponto de vista social, que expressava uma dada apropriação do espaço urbano, bem no sentido de periferia, sem ater ao fato de ser próximo ou não do centro urbano, e sim como espaço de construção cultural e social da população de baixa renda.⁴⁰¹

Edilza Fontes estava iniciando a pesquisa que culminaria com a sua dissertação sobre os trabalhadores na Indústria de Panificação, quando publicou um artigo sobre “sindicalismo e movimento operário em Belém”.⁴⁰² Nesse artigo, a autora caracteriza os bairros como periféricos e sem estrutura de saneamento e água potável nos anos de 1945-1947. Seus moradores conviviam diariamente com essas dificuldades, principalmente nas áreas alagadiças.

Essa ideia de construção social da população de baixa renda nos espaços dos bairros nos interessa. É claro que nos utilizamos do termo subúrbio na nossa investigação histórica, sem querer fechar como um local próprio somente de grupos populares, apesar de que a experiência desses moradores é ligada a estrutura descrita pelos sujeitos entrevistados para a elaboração da obra de Edilza Fontes sobre a indústria de Panificação no Pará.

⁴⁰⁰ Ibidem.

⁴⁰¹ Idem Ibidem . p.p. 209-210.

⁴⁰² FONTES, Edilza. Sindicalismo e movimento operário em Belém: 1945 a 1947. Belém: Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, nº 16, abr-jun, 1988. p.p 85-107.

O que queremos é explicitar que essa cultura popular das “baixadas” convivia, no finais de semana dos seus clubes, e com os grupos elitizados da cidade, isto é, havia uma circulação de ideias sobre o futebol que era fruto da experiência dos sujeitos nos seus bairros e no contato com os sujeitos de outros bairros inclusive elitizados.

Por isso, no caso do lazer a partir dos clubes é possível perceber, principalmente nos festivais esportivos, uma dinâmica de relações sociais que foge à dicotomia centro-periferia. Sem querer desmerecer esse tipo de análise, mas, nas práticas dos festivais havia uma maior flexibilidade na construção cultural em torno das atividades futebolísticas.

Uma imagem da cidade de Belém ligada aos subúrbios pode ser analisada a partir das ideias de Franciane Lacerda que destaca outra cidade, diferente da urbe cosmopolita que as ideias de modernidade pretendiam apresentar no início do século XX.⁴⁰³

Franciane destaca os bairros suburbanos em Belém em 1910:

(...) À época da aparição do “ermitão do cacaquinho”, a área conhecida como Marco da Légua, a área do Souza à Bandeira Branca, o ramal do Utinga e da Travessa Lomas Valentina, os bairros da Pedreira, Canudos e Jurunas eram lugares da cidade de Belém considerados insalubres e focos de impaludismo. Além disso, alguns igarapés, como Pedreira, Engenho, São Joaquim, Jary, Utinga e Tucunduba, haviam sido obstruídos, gerando, segundo o governador João Coelho, Verdadeiros Pântanos.(...)⁴⁰⁴

Na sua obra sobre a migração cearense no Pará, a autora enfatiza as características de ruas e locais que na capital paraense não expressavam os discursos sobre a civilização e desenvolvimento, os ares do mundo urbano que as pretensões cosmopolitas do poder público passavam sobre Belém do Pará. Muitas áreas da urbe ainda eram cercadas de matas próximas ou não a rios, igarapés, com casas de palha, chamadas de barracas em ruas de chão batido, alagadiças.

Essas características de alguns bairros da cidade belenense faziam com que os sujeitos convivessem com o problema dos pântanos, transmissão de doenças, falta de calçamento das ruas, paralização de energia elétrica, falta de abastecimento de água e alimentos, que mostravam parte de uma realidade da cidade que ficava no limiar da urbe

⁴⁰³ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916). Belém: Editora Açai/PPHIST/UFPA/CMA, 2010. p.p. 240-241

⁴⁰⁴ Idem. p. 243.

destacada pelos conceitos da civilização europeias propagados por grupos da elite local e os problemas que a maioria da população convivia no cotidiano dos subúrbios⁴⁰⁵.

Essa construção histórico-social feita por Franciane Lacerda sobre a cidade belenense em 1910, nos mostra uma proximidade com a análise feita por Edilza Fontes sobre a capital paraense na primeira metade do século XX. Ambas as autoras destacam nas suas narrativas sobre a cidade, a ideia de uma área central, urbanizada e com acesso aos serviços públicos que convivia com a outra construída socialmente e culturalmente pelos grupos sociais formados por trabalhadores, mestiços e pobres, que estavam construindo suas experiências em áreas que estavam mais próximas da floresta, que dos discursos de modernidade.

Essa visão das autoras nos proporciona levantar indícios das formas de lazer na cidade formada por bairros diferenciados, mas, que os sujeitos, mesmo de setores sociais diversos conviviam e davam significado as práticas futebolísticas consideradas suburbanas. Abaixo, temos uma imagem da área do São Domingos, no bairro do Jurunas, que destaca parte de um cotidiano de trabalhadores na área do clube.

Imagem 18: trabalhadores construindo na área do campo de futebol do São Domingos.



Fonte: pesquisa no arquivo do São Domingos (set-dez de 2014)

⁴⁰⁵ Ibidem p.p. 240-241.

A fotografia acima nos mostra a área do São Domingos que serviu para a construção do campo de futebol, possivelmente, nos anos de 1930. Pois, no arquivo do clube não foi possível destacar o período da foto. Porém, segundo a memória de Dona Maria de Belém⁴⁰⁶, a foto apresenta os anos de 1930, no bairro do Jurunas, espaço que veremos com maior destaque no capítulo III. No entanto, na minha opinião é uma foto mais atual sobre a construção do campo de futebol, já que temos evidências desse fato nos anos de 1950.

No noticiário da revista *Gol*, no ano de 1978, temos a notícia sobre a aquisição desse terreno e a mobilização para a construção do campo de futebol do São Domingos, que segundo Tibúrcio de Menezes, sócio do clube, ocorreu no ano de 1950. Essa reportagem nos possibilita pensar a imagem da fotografia e a memória da Dona Maria de Belém:

(...) no decorrer do ano de 1950, adquirimos um terreno com a participação do falecido Dr Ademar de Barros e do Dr Lopo de Castro, que era Prefeito de Belém. Era uma área de 80 metros de frente por 150 metros de fundos, na Rua dos Tamoios, dando de fundos para a Mundurucus e com um dos lados para a Honório José dos Santos. O terreno era um pântano. Com grandes dificuldades conseguimos aterrar uma grande parte fizemos um campo de futebol. (...) ⁴⁰⁷

A fotografia da mobilização das pessoas na construção do campo de futebol nos mostra um pouco do cotidiano no bairro do Jurunas. Essa mobilização sofre uma contradição com relação às datas do evento. Pois, para Maria de Belém, essa compra do terreno e construção do campo ocorreu nos anos de 1930 e Tibúrcio relata o fato na revista *Gol* nos anos de 1950.

Nesse momento, a fotografia nos permite pensar no que Franciane Lacerda e Edilza Fontes destacaram nas suas obras sobre a imagem construídas dos subúrbios belenenses e que torna possível entender essa realidade, a partir dos clubes nos seus bairros. Nas fotos é possível perceber homens trabalhando, áreas com pontes e mato, local que pertencia ao São Domingos para construção do seu campo de futebol. No relato da revista se destaca o terreno como pantanoso e com grandes dificuldades para aterrá-lo. Uma imagem do subúrbio que foi vivenciada por Tibúrcio de Menezes e os sócios do Clube São Domingos.

⁴⁰⁶ Filha de Tiburcio de Meneses, uma das diretoras do São Domingos atualmente. No capítulo III deste trabalho tem explicação mais detalhada sobre a sua pessoa.

⁴⁰⁷ Revista *Gol* ano II, Nº 37, 06/03/1978. P. 13-14.

As questões sociais levantadas pelas autoras, apesar de trabalharem com períodos diferentes, podem ser percebidas na estrutura da construção do campo e seus trabalhadores. Porém, o interessante é podermos entender os indícios de como essas imagens nos lembram os momentos de lazer dos grupos que conviviam em áreas suburbanas da cidade e a partir dos clubes esportivos como o São Domingos, por exemplo.

O memorialista João de Araujo também destaca as características da Rua Doutor Freitas, no Bairro da Sacramento, na capital paraense no início do século XX. Conforme fragmento do texto abaixo:

(...) ao final da primeira década do século passado, mais ou menos, 1910, até o final da segunda década, 1918 e 1919, a mata virgem começou a ser desbravada. Gente pobre, quase aventureira, movida pela decorrência da primeira Guerra Mundial- de 1914 a 1918-, daí a presença de ingleses nessa área, homens enormes, brancos e estranhos, adentrou a terra fértil, pura, livre e começou a exploração do terreno com uma espécie de pequena agricultura, plantando macaxeira, legumes e hortaliças. Veio daí o apelido dado ao bairro pelos pósteros: bairro da Macaxeira. Da exploração agrícola da área veio a construção de moradias rústicas, no início da década de 20, de madeira extraída do próprio meio ambiente, ricos em madeiras de lei, (...) ⁴⁰⁸

Essa descrição de como o bairro da Sacramento foi construído no período inicial do século XX está baseada em fontes que não são destacadas ao final do livro. O autor enfatiza a memória das pessoas sobre o bairro e alguns recortes de jornais. No entanto, a sua obra nos mostra a partir dessa memória um bairro suburbano da capital.

Ao mapearmos esses locais da urbe belenense, onde se localizavam as sedes dos clubes de futebol suburbano, temos a possibilidade de perceber quais as características dessas comunidades “imaginadas e vividas”, suas semelhanças e diferenças, tanto no âmbito dos clubes ditos elegantes, como nos clubes considerados populares e suburbanos. Isto é, a localização desses clubes nos possibilita pensar sobre os subúrbios de Belém, na primeira metade do século XX, a partir das suas características geográficas e a construção das relações de sociabilidade e lazer nos clubes esportivos.

⁴⁰⁸ O autor trabalha com fontes memorialísticas e resquícios de jornais. Nessa obra o bairro da Sacramento é apresentado ligado a um cotidiano de experiência dos sujeitos que vinham do interior e suas atividades laborais como lavoura e exploração de madeira. Um dos subúrbios em Belém. ARAÚJO, João Guilherme Pimenta de. Sacramento, 90 anos de história. Op. Cit. p. 17.

Nos anos de 1960, o cineasta Renato Tapajós mostrou a sua versão sobre a realidade da Vila da Barca, uma área de palafita localizada no bairro do Telégrafo em Belém.⁴⁰⁹ O filme destaca uma cidade que estava no período posterior do recorte que estamos estudando. No entanto, essa descrição do cotidiano da Vila da Barca nos permite pensar sobre a vida das pessoas que moravam nos espaços chamados de subúrbios. Isto é, nos dá uma ideia de como podemos perceber o dia-a-dia num espaço ligado ao ambiente das matas e dos rios, e ao mesmo tempo pensar nessa relação com o urbano.⁴¹⁰

A imagem da Vila da Barca registrada no filme feito por Renato Tapajós nos apresenta uma cidade no aspecto denúncia. Um documentário bem ligado aos padrões políticos do cineasta. Dentre as características observadas no filme, esse espaço de Belém aparece com pessoas trabalhando a margem do rio, que residiam em muitas palafitas⁴¹¹ e um dia-a-dia ligado aos rios, além da origem mestiça desses sujeitos. O autor também faz uma imagem que explica seu surgimento da área nos anos de 1930. E que com o passar dos anos apresentou uma elevação do número do que ele chama de “barracos”, com um total de 4500 pessoas e cerca de 800 famílias.

O lazer e a vida dessas pessoas estava ligado ao rio. Nesse espaço meninos que não frequentavam escola brincavam nas águas barrentas. Um ambiente marcado pela falta de assistência médica e por uma alimentação precária dos moradores. Além de ser um espaço com muita chuva, barcas circulando próximo do bairro e uma proximidade com as feiras populares⁴¹².

Esse filme, como foi dito anteriormente, não foi feito no período que buscamos entender os subúrbios futebolísticos. Mas, ele nos mostra que os sujeitos que aparecem no filme tem algo em comum com os moradores dos outros bairros, na primeira metade do século XX: a experiência dos sujeitos nos bairros que estavam fora do processo de estruturação urbana das áreas centrais da urbe. O filme nos permite pensar o cotidiano

⁴⁰⁹ O cineasta Renato Tapajós esteve em Belém em outubro de 2007, onde apresentou alguns de seus trabalhos. De forte teor político, os filmes retratam momentos cruciais da história do Brasil, como a repressão ao movimento estudantil durante a Ditadura Militar. Após os filmes, Tapajós participou de bate-papo com os espectadores. A programação faz parte do lançamento da revista PZZ nº. 04 Tempos de Resistência que você pode acessar através do link [ou pelo site](#) ["Vila da Barca" - Documentário de curta metragem sobre a favela construída sobre palafitas em Belém do Pará' \(1964-65\)](#), prêmio de melhor documentário no Festival Internacional do Filme de Curta Metragem de Leipzig, Alemanha Oriental (1968) foi o primeiro filme de Renato Tapajós. Barca: . O filme é de 1964-65.

⁴¹⁰ Idem.

⁴¹¹ Ibidem

⁴¹² Idem, ibidem.

semanal do trabalho e o lazer dos sujeitos a partir do contato com a mata, embarcações e rios que caracterizavam os bairros.

Como podemos perceber a partir da visão da obra literária de Nélío Reis que destaca o aspecto do quintal de um dos seus personagens, a alimentação das pessoas e seus problemas no dia-a-dia do bairro quando caíam as chuvas no bairro da Pedreira:

(...) aquillo era um prazer para elle, ficar espiando o vento sacudir as largas folhas seccas dos tectos, abrindo clareiras por onde a chuva ia entrando, molhando gente, estragando a comidinha pobre dentro das latas ou aguando o assahy, que iria ser vendido com a bandeirinha encarnada na porta. (...) quando não era chuva, eram as grandes árvores do quintal do coronel, que vinham tombar sobre as barracas dos pobres, esmagando tudo, como aquelle pé de fructa-pão que matara a mulher do Mané Soldado e mais um filho de colo. Quando o homem voltou do trabalho encontrou com a desgraça, enlouqueceu (...) ⁴¹³

Nesse fragmento do texto de Nélío Reis destacado acima, é possível pensar como os clubes de futebol estavam baseados nas experiências cotidianas nos seus bairros. As casas, a alimentação, o trabalho diário e o aspecto das ruas vão influenciar no pensar das pessoas que contruíam os subúrbios na cidade, inclusive nas suas práticas de lazer nos finais de semana.

2.4 – A pesquisa sobre os clubes esportivos: a cartografia do futebol e do lazer.

Nesse tópico trataremos de como foram construídos os mapas sobre o futebol suburbano na cidade belenense ao longo três períodos (1896-1920; 1921-1941; 1942-1952) e um recorte histórico mais geral (1896-1952) sobre a construção dos campos de futebol e as áreas onde de acordo com a pesquisa conseguimos constatar o surgimento de clubes de futebol que representavam práticas de lazer em bairros populares e também nos considerados elitizados na cidade. Temos, no total, cinco mapas construídos através das fontes que foram catalogadas.

⁴¹³ REIS, Nélío. Subúrbio. Op. Cit. p.p. 7.

No entanto, sobre a localização dos clubes é possível que alguns endereços sejam aproximados, pois, como já foi dito, os locais onde clubes surgiam as vezes não eram assinalados nos estatutos, sendo necessário ver quando determinados clubes apareciam nos jornais da cidade, documentos como ofícios de clubes ou mesmo em obras literárias que retratavam a criação de clubes e seus sujeitos.

A partir desse levantamento é possível comparar os períodos. Essas datas foram escolhidas devido à possibilidade de entendermos o recorte histórico de 1920 a 1940 sob a ótica do lazer ligado às práticas dos sujeitos nos clubes de futebol nos bairros da cidade.

Nesses mapas, é possível constatar as mudanças em cada período histórico específico no sentido de mapearmos o processo de popularização na cidade belenense esportiva. Isto é, em cada período poderemos perceber a quantidade de clubes que surgem nos espaços urbanos e também a possibilidade de se entender como esses clubes representavam uma ligação do lazer dos sujeitos com o cotidiano da cidade.

Fazendo uma comparação com período todo que foi levantado (1896-1952), temos uma maior quantidade de clubes esportivos em Nazaré com 23 clubes, fato explicado devido no início do século XX, muitos clubes possuem ligações com os grupos mais elitizados da cidade, que se voltavam para as práticas esportivas europeias como símbolos da modernidade.

A seguir, temos uma fotografia do trecho Avenida Generalíssimo Deodoro entre a avenida e Nazaré e São Jeronymo (hoje Av. Governador José Malcher) início do século XX, que nos dá uma ideia do espaço em que os clubes considerados elegantes eram criados e a sua ligação com os discursos da modernidade e ocupação do tempo livre num contexto de expansão capitalista.

Imagem 19: Avenida Generalíssimo Deodoro, bairro de Nazaré, início do século XX.



■ Anteriormente chamada de Estrada Dois de Dezembro, data natalícia do Imperador D. Pedro II, passou a ser denominada Avenida Generalíssimo Deodoro em homenagem ao proclamador da República. Trecho situado entre as avenidas de Nazaré e São Jerônimo, em direção ao Bairro do Umarizal. (AM)

Fonte: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 108.

Na fotografia acima, é possível percebermos que existia uma arborização do espaço central com seus palacetes ao redor. Um verdadeiro túnel de mangueiras nesta área da cidade. O fotógrafo ao registrar essa imagem nos mostra o seu olhar para a rua e o desenvolvimento do centro urbano. Percebe-se que os sujeitos não aparecem de maneira centralizada, apenas a rua com os trilhos do bonde.

O outro bairro destacado foi o Jurunas que contabilizou 22 clubes esportivos no bairro que constava com uma certa quantidade de campos de futebol no seu espaço. Na comparação entre bairros, temos clubes que foram fundados no mesmo contexto dos clubes mais elitizados, como o São Domingos fundado em 1915, no contexto da fundação do Paysandú (1914) e reestruturação do Clube do Remo (1913).

Esse mapeamento nos permite comparar os momentos em que clubes de futebol apareceram na cidade nos proporcionando olhar para os clubes dos bairros mais elegantes e dos bairros mais populares, de acordo com as divisões feitas por Edilza Fontes e Antonio

Rocha Penteado⁴¹⁴. Essa comparação nos dá uma ideia do contexto da prática futebolística na cidade e o seu deslocamento para outros espaços da urbe belenense.

Nesse trabalho de mapeamento dos clubes na cidade foi importante a comparação com outros mapas construídos em outros períodos, como os mapas dos trabalhos acadêmicos de Amilcar Tupiassú⁴¹⁵ e Antonio Rocha Penteado⁴¹⁶. Conforme Mário Hélio⁴¹⁷, pesquisador do Laboratório de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará, responsável pela construção desses mapas a partir das informações levantadas durante essa pesquisa, é possível perceber as semelhanças nos limites dos bairros que mesmo com o passar dos anos praticamente não se alterou, a não ser no caso da criação de novos bairros.

Nesse sentido, a catalogação dos clubes nesse período mais geral (1896-1952) destaca os seguintes bairros e a quantidades de clubes conforme o mapa 1: Val-de -Cães: 05 clubes; Marambaia: 01 clube; Sacramento: 04 clubes; Telégrafo: 03 clubes; Pedreira: 21 clubes; Nazaré: 23 clubes; Jurunas: 22 clubes; Umarizal: 16 clubes; Marco: 15 clubes; São Braz: 13 clubes; Matinha (Fátima): 02 clubes; Canudos: 04 clubes; Guamá: 03 clubes; Cremação: 02 clubes ; Reduto: 03 clubes; Batista Campos: 07 clubes; Cidade Velha: 15 clubes; Campina: 14 clubes; totalizando 173 clubes no período estudado. Conforme tabela abaixo:

⁴¹⁴ Antonio Rocha Penteado foi um geógrafo paulista que pesquisou e historiou a vida de Belém nos anos de 1960. Fez um estudo geossocial da metrópole paraense. O professor Antonio Rocha Penteado contribuiu para os estudos antropogeográficos da cidade paraense e da região amazônica. Um dos maiores especialistas brasileiros sobre a temática do extremo norte. Esta obra sobre a Geografia urbana de Belém nos anos de 1960 foi como tese para o concurso de Docência-livre para a cadeira de Geografia do Brasil da Universidade de São Paulo. PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Op. Cit. p.p. 23-24 e 27.

⁴¹⁵ O professor Amilcar Tupiassú é autor de inúmeros trabalhos de pesquisa e interpretação sociológicas, de cunho iminentemente científico. Em 1968, o autor coordenou a pesquisa que resultou no trabalho intitulado “A área Metropolitana de Belém”, publicada pelo Instituto de Desenvolvimento Econômico do Pará (IDESP), Instituição que Tupiassú era Chefe. Esta obra foi cosntruida devido o IBAM (Instituto Brasileiro de Administração Municipal) ter convocado Tupiassú para montar um relatório preliminar sobre à Área Metropolitana de Belém em janeiro de 1968. TUPIASSÚ, Amilcar Alves. A área Metropolitana de Belém. Belém: IDESP, série Monografias, Vol I, 1968.

⁴¹⁶ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Op. Cit. p.p. 23-24 e 27.

⁴¹⁷ Mário Hélio Nunes dos Santos Filho, estudante da Graduação de Geografia e Cartografia pela Universidade Federal do Pará e responsável pela construção técnica dos mapas de acordo com os limites atuais da cidade de Belém do Pará. O mesmo trabalhava na época como técnico no Laboratório do Curso de Geografia e Cartografia da Universidade Federal do Pará. Fui várias vezes desde 2013 para elaboração dos mapas que me dariam uma nossa noção da localização dos clubes por bairros. Segundo Mário Hélio, os limites da cidade foram construídos nos mapas a partir de dados atuais devido não terem ocorrido mudanças significativas no decorrer desses últimos cem anos. O pesquisador tem experiência em montar mapas pelo laboratório de Geografia da UFPA em pesquisas da Segurança Pública. Já montou mapas sobre índices de criminalidades, bairros e horários que ocorrem mais crimes, dentre outros trabalhos.

TABELA 1 – QUANTIDADE DE CLUBES POR BAIRRO

período	Bairros	QUANTIDADE DE CLUBES
	MARAMBAIA	1
	MATINHA	2
	CREMAÇÃO	2
	TELÉGRAFO	3
	GUAMÁ	3
	REDUTO	3
	SACRAMENTA	4
	CANUDOS	4
1896 - 1952	VAL DE CÃES	5
	BATISTA CAMPOS	7
	SÃO BRÁZ	13
	CAMPINA	14
	MARCO	15
	CIDADE VELHA	15
	UMARIZAL	16
	PEDREIRA	21
	JURUNAS	22
	NAZARÉ	23
	TOTAL	173

FONTE: Dados Numéricos referentes ao Mapa 1. Apêndice/anexos

A quantificação de clubes tem por objetivo maior mostrar os números de clubes da cidade, seu processo de espacialização para uma análise qualitativa dessas agremiações, buscando entender o seu cotidiano nos bairros e a relação com os clubes elegantes.

Os clubes suburbanos e os clubes de *Sportmen* foram criados possivelmente, no mesmo momento, porém, ganharam mais evidência devido o discurso civilizatório e o papel da imprensa esportiva em divulgar as práticas ligadas aos valores da *Belle Époque*.

Os clubes de bairros populares como Jurunas, Pedreira, Telégrafo sem Fio não apareciam nos noticiários esportivos, que se modificaram a partir do início dos anos de 1920. Esse é justamente o momento em que os valores da cultura regional⁴¹⁸ começam a ser debatidos no âmbito dos intelectuais, os quais participavam da construção das crônicas esportivas nos jornais e revistas, e enfatizavam os primeiros discursos em torno de clubes das

⁴¹⁸ Os valores da cultura regional debatido pelos intelectuais liderados por Bruno de Menezes estavam licerçados numa visão mais popular. O autor destaca que eram frequentes as escapadas dos integrantes do Grande Hotel em noites suburbanas, onde os intelectuais exercitavam poesia, política e vida amorosa. Os mesmos que através das redações dos jornais buscavam redescobrir o homem mestiço da Amazônia e a valorização da cultura local. Bruno de Menezes e seus “Vândalos” buscavam valorizar elementos da memória individual de cada literato, momentos perdidos da infância num reencontro com as tradições populares da terra, como por exemplo: Cordões de pretinhos no carnaval e as festas de São João. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os Vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos de 1920. Op. Cit. p.p. 18-19; 48-49. 74-75.

áreas mais populares. Muitos jornalistas, como Bruno de Menezes, tiveram contato com áreas da cidade, como Jurunas, onde o rio e a floresta faziam parte do cotidiano e que possivelmente influenciaram os seus discursos sobre o futebol regional.

Criou-se, assim, um processo de distribuição espacial dos clubes que modifica a relação de lazer e sociabilidade na cidade, principalmente a partir dos anos de 1930. Neste período, a quantidade clubes aumentou nas áreas suburbanas e populares. Houve a popularização do futebol, do clássico Remo e Paysandú e a maior participação dos grupos populares nos jogos suburbanos e do campeonato oficial.

Ocorreu também um deslocamento da fundação de clubes da área central para outras áreas da cidade evidenciando um processo de ressignificação das práticas futebolísticas pelos diferentes grupos sociais e um panorama da ocupação de outros espaços da cidade pautado na ocupação de áreas insalubres pelos grupos populares. Porém, não sem a construção cultural baseada nas suas próprias experiências.

Na verdade, a análise dessas fontes nos proporcionou uma visão panorâmica da cidade, pois, cada bairro tinha sua peculiaridade cabendo assim entendê-la para poder perceber como ocorriam as práticas de lazer e as relações de sociabilidade nos vários bairros da cidade, no período que estamos pesquisando.

Como foi destacado anteriormente, a localização dos clubes esportivos foi levantada durante a pesquisa que se deteve ao período de 1896-1952 na cidade de Belém, e nos possibilitou catalogar um total de 307 clubes na capital paraense⁴¹⁹, e 12 clubes em áreas mais afastadas, como os atuais municípios de Ananindeua⁴²⁰, Marituba⁴²¹(que pertenciam a Belém até os anos de 1940), Icoaraci, Mosqueiro e Vigia que tinham ligação com clubes de futebol de Belém. A somatória dos clubes da capital com as localidades citadas totalizou 319 clubes de futebol, que estavam no âmbito da dinâmica de lazer da cidade.

⁴¹⁹ Fonte: Revista *A Semana* (1919-1929); Revista *Gol* (1975-1976) *Jornal A folha do Norte* (1930-1931) *Jornal a Província do Pará* (1920) *Jornal o Estado do Pará* (1938-1950) *ESTATUTO DOS CLUBES CMA-UFPA* (1896-1950) *JORNAL O Liberal* (1951-1952), *A Vanguarda* (1938) Livro *História do Clube do Remo* (1968).

⁴²⁰ O município de Ananindeua pertencia a Belém até o ano de 1943. Por isso, é provável que os clubes dessa localidade mantivessem contato com os clubes de Belém, já que essa área pertencia a capital até o primeiro quarto do século XX. TUPIASSÚ, Amílcar Alves. *A área metropolitana de Belém*. op. Cit. p.p. 22-23.

⁴²¹ O município de Marituba foi uma Vila que pertenceu as áreas de Ananindeua e Benevides até o ano de 1994 quando se emancipou a partir da Lei nº 5857 de 22 de setembro de 1994. GRANHEN, Jorge. *A verdadeira história de Marituba*. Op. Cit. p.p. 23; e 31.

TABELA 2– QUANTIDADE DE CLUBES POR BAIRRO

período	locais	QUANTIDADE DE CLUBES
1896 - 1952	Ananindeua	1
	Marituba	1
	Vigia	1
	Mosqueiro	3
	Icoaraci	6
	Belém	307
	Total	319

FONTE: Dados Numéricos referentes ao Apêndice e Anexos.

Esses números se basearam no cruzamento de fontes de jornais, revistas, estatutos dos clubes, processos crimes, livros, ofícios entre clubes, relação de sócios do São Domingos.

Foi dado prioridade para os clubes da capital. Os clubes que estavam ligados ao interior do Estado ou locais que não estão nos limites da cidade de Belém, são destacados na pesquisa, porém, não aparecem nos mapas dos clubes suburbanos.

A localização dos bairros e seus clubes considerados de elite, os clubes considerados suburbanos, os períodos que foram fundados mais clubes, e em que locais da cidade eles apareceram em maior quantidade, nos revelam o processo de popularização, a partir de um mapeamento dessas agremiações na cidade.

Foram construídos cinco mapas com o objetivo de localizar os clubes nos seus respectivos bairros e períodos específicos. O período geral desse mapeamento dos clubes na cidade contempla os anos de 1896 à 1952.

Observando os anos de 1950, foi possível comparar com os dados pesquisado pelo IBGE, publicados no ano de 1951. O chamado Anuário Estatístico do Brasil que contemplou um período de 1948-1950. Nas suas tabelas os pesquisadores apresentaram a quantidade de Associações Esportivas conforme as suas modalidades. Tais associações podem ser relacionadas aos clubes, pois, estes também tinham caráter associativo, pelo menos a maioria.⁴²²

No Pará foram catalogados 67 Associações esportivas por quantidade de associados e as seguintes modalidades: - futebol com 2290 associados; natação, remo e pólo aquático com 434 associados; basquetebol com 310 associados; vólibol com 638 associados; atletismo com 421 associados; tênis com 33 associados; outros com 43 associados. As

⁴²² INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Anuário Estatístico do Brasil. Ano XI. 1950. Op. Cit. 1951, p.p. 457-458.

modalidades iatismo e hipismo não possuem associados ou associações. Esses dados do IBGE não apresentam os nomes dos clubes ou associações e também não descrevem quais são “os outros” que se relaciona a modalidades esportivas diversas.⁴²³

A catalogação desses dados do IBGE sobre clubes esportivos no ano de 1951 coincide, praticamente, com o ano final do recorte histórico da Tese. Esses dados nos levam a pensar sobre as atividades esportivas na cidade e compará-las com os outros estados ou territórios do norte do Brasil. Nesse caso, no aspecto regional, é possível ver que existe uma maior quantidade de clubes ou associações no Estado do Pará, sendo que a maior quantidade de associados está ligada aos “clubes” que praticavam futebol. Ao comparmos os dados do IBGE entre regiões a quantidade de clubes e sócios o Pará com 67 Associações e 2290 associados que praticam futebol, perde para Pernambuco no Nordeste com 136 associações e 5289 associados, e no geral fica atrás dos estados do “Leste” Minas gerais, Distrito Federal, Espírito Santo, Bahia (não aparece como estado nordestino) Rio de Janeiro, e os do “Sul” São Paulo, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina.⁴²⁴

Esse recorte histórico foi escolhido devido à possibilidade do estudo do aparecimento dos clubes esportivos, no contexto da transição do século XIX para o início do século XX. E depois, ao longo dos anos de 1930, tivemos como perceber se o processo de popularização da prática futebolística estava ocorrendo nesse período a partir do cômputo de dados da quantidade de clubes que estavam aparecendo nos bairros.

A quantidade de clubes computados chegou até o início dos anos de 1950, quando teoricamente o futebol estava também sendo praticado de maneira mais evidente pelos setores populares, nos seus respectivos espaços na cidade. E também se consolida nesse período a popularização efetiva dos jogos entre o Clube do Remo e do Paysandú.

Outro detalhe é que a construção dos mapas da quantidade de clubes por bairro no período total da pesquisa tem seus limites. Primeiramente, o que se percebeu da leitura e análise das fontes é que em todo em esse período a quantidade clubes pode ser até maior, principalmente, os clubes populares. Com relação às datas de fundação de cada clube, existe a possibilidade de não ser a correta devido, algumas vezes, para casos de clubes, que não tinham data de fundação, usarmos a primeira vez que é citado em algum livro, ofícios, revista ou nos jornais. A partir daí esse clube é colocado em determinados períodos. Por fim, os

⁴²³ Idem.

⁴²⁴ Ibidem.

mapas representam apenas uma ideia parcial daquela realidade urbana a partir da criação de clubes esportivos.

Uma das vantagens do uso dos mapas está relacionada a possibilidade perceber as construções históricos-sociais a partir dos clubes esportivos nos variados bairros. Outra vantagem está na possibilidade de identificar o movimento dos sujeitos na cidade que criavam seus clubes nos seus variados bairros. E por fim, é possível termo os indícios de como a dupla *Re x Pa* se popularizou ao longo desse processo de construção histórico-social do lazer na cidade de Belém.

Nesse sentido, é necessário um parêntese sobre essa vantagem da construção dos mapas, é possível, apesar do discurso da imprensa focalizar a participação de políticos no cotidiano da dupla *Re x Pa*, constatar que a participação dos setores populares tenha sido o fator fundamental para a popularização dessa rivalidade do futebol local, que por sua vez está intimamente ligadas aos festivais esportivos. Ambos os clubes, assim como outros, disputavam juntamente com os clubes suburbanos jogos nos variados festivais na cidade. Os clubes suburbanos tinham uma dinâmica própria ligada ao seu bairro, seus moradores, o que possivelmente solidificou a popularização do *football*, nesse processo dialético entre a jogos de Remo e Paysandú e os jogos dos clubes dos bairros populares.

No Mapa 1, temos, nesse período de 56 anos, uma quantidade de clubes esportivos maior em três bairros, especificamente os que estão com a cor mais escuras no mapa: Pedreira, com 21 clubes; Nazaré, com 23 Clubes e Jurunas, com 22 clubes; catalogados individualmente cada bairro, Nazaré é o bairro que possui mais clubes.

No entanto, quando somamos a quantidade de clubes do bairro da Pedreira e Jurunas é possível perceber uma quantidade relevante de clubes (43 no total) de subúrbio nesse período, isso somando apenas os dois bairros. Um fator importante para entendermos os indícios de que o futebol suburbano foi construído no âmbito do mesmo processo das disputas futebolísticas na cidade, fruto das diversas culturas de classe.

No Mapa 2, a seguir, temos a quantidade de “praças de *sports*”, assim chamadas em muitos documentos catalogados durante a pesquisa. Esses campos de futebol eram os locais em que os sujeitos faziam seus festivais esportivos ou praticavam futebol como parte do cotidiano de lazer na cidade. Percebe-se que os bairros com maior quantidade de campos no período destacado foram: 06 campos de futebol no bairro do Marco; 06 campos de futebol

no bairro de Nazaré; e 08 campos de futebol no bairro do Jurunas. Este bairro foi o que conseguimos catalogar mais campos de futebol no período por bairro.

No mapa 3, temos o destaque para o período de 1896-1920, que caracterizamos como o momento que a prática do futebol estava alicerçada ao discurso de civilização e progresso. Conforme afirma Leonardo Pereira ao escrever sobre os literatos Lima Barreto e Coelho Neto no contexto do início do século XX, na cidade do Rio de Janeiro⁴²⁵.

O autor ressalta no seu artigo “A literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na *Belle Époque* do futebol”⁴²⁶ que as práticas futebolísticas na cidade do Rio de Janeiro, no surgimento e no processo de popularização desse esporte, não escapavam as análises dos principais literatos da época. Esses debates entre Coelho Neto e Lima Barreto ganharam ênfase devido o fenômeno que o futebol se tornou, no início do século XX. O esporte “bretão” era praticado e ganhou fama, nessas primeiras décadas, tanto em campos elegantes, como nas fábricas, nos subúrbios, terrenos baldios perto do cais do porto. Tornava-se uma febre e logo se tornou popular, pois, em todos os cantos da cidade apareciam clubes dispostos a jogar futebol.

Por isso, Leonardo Pereira afirma que os literatos da *Belle époque* carioca não ficaram imunes ao processo de prática futebolística. As notícias sobre os clubes de futebol no Rio de Janeiro logo tomaram os jornais com suas colunas diárias sobre os principais clubes. Na verdade, as crônicas dos dois literatos revelavam os diferentes projetos de sociedade que ambos tinham, além do caráter elitista que se destacava, no sentido de que somente os letrados poderiam atuar na transformação social.⁴²⁷

A “*Belle Époque* do futebol”⁴²⁸ de Leonardo Pereira estava alicerçada nas disputas futebolísticas que os variados grupos sociais conviviam e criavam no cotidiano da cidade do Rio de Janeiro. Os escritos de Lima Barreto e Coelho Neto, para além de atacar ou defender a prática do futebol, estavam para buscar definir, ao seu modo, qual seria a cara da nação.

No caso de Belém do Pará, é possível percebermos pelo mapa 3, que os bairros de Nazaré (18 clubes) e Cidade Velha (06 clubes) são os bairros que possuíam mais clubes nesse período. Bairros considerados pela imprensa esportiva como “elegantes.” Isto nos mostra,

⁴²⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. A literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na *Belle époque* do futebol. In: Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, vol. 12. Nº 1/2, jan- a dez 1993. P.p. 29-40.

⁴²⁶ Idem.

⁴²⁷ Ibidem.

⁴²⁸ Termo usado pelo autor no trabalho citado. Idem, ibidem.

possivelmente, um pouco do “modismo” nas áreas mais elitizadas sobre a prática de esportes. Em contrapartida, temos fundações de clubes em áreas suburbanas como o Jurunas (03 clubes nesse período), no caso o Clube São Domingos.

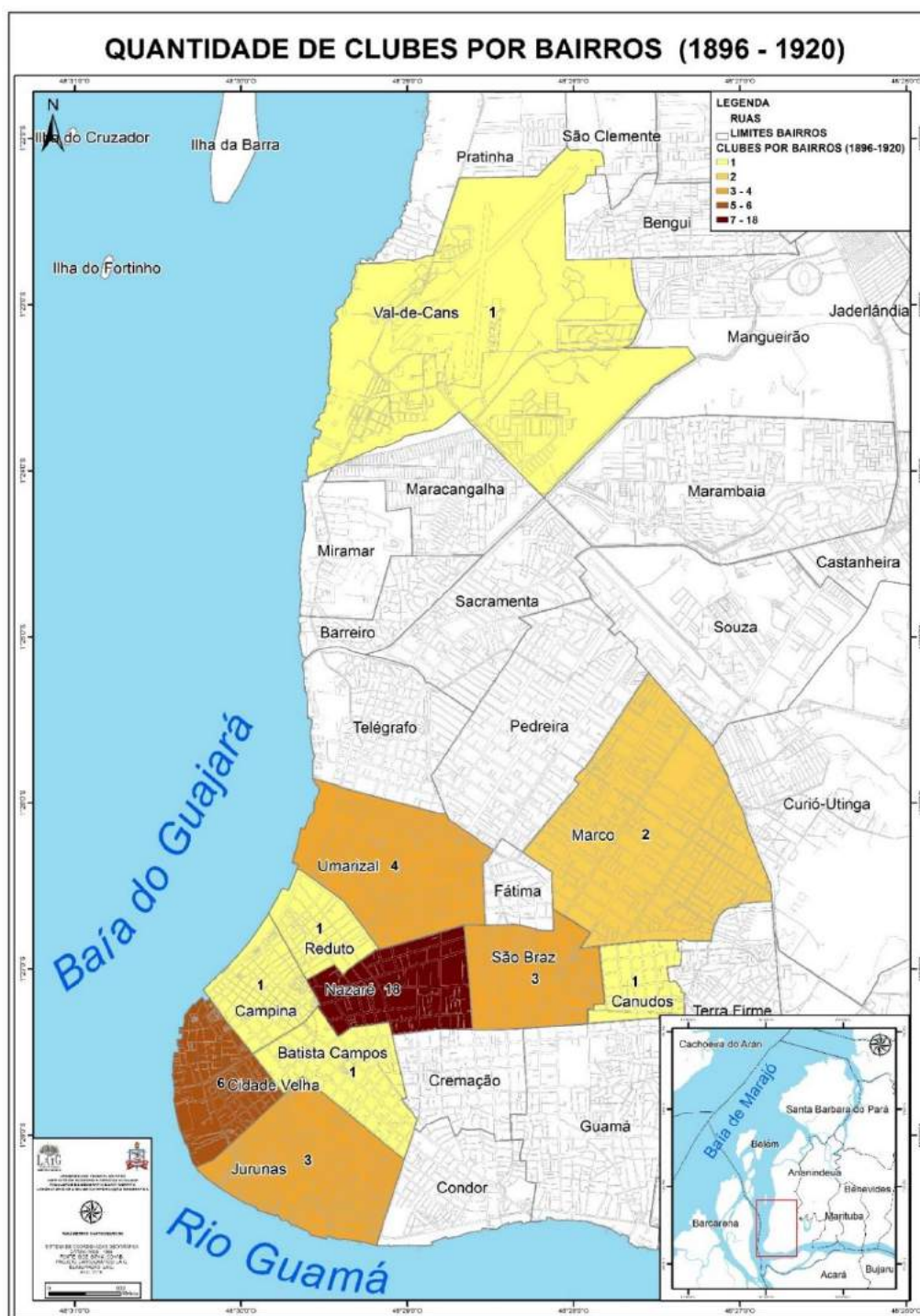
No mapa 4, a seguir, temos o período de 1921-1941, que destacamos um aumento do número de clubes nas áreas consideradas pelos jornais de populares ou suburbanas. No contexto de um aumento do discurso dos intelectuais modernistas e os valores regionais. Os bairros que mais apareceram clubes, nesse contexto, foram o Jurunas e a Pedreira, ambos com 15 clubes cada um, em detrimento dos ditos bairros elegantes.

Na verdade, a análise do mapa 4, nos mostra que os clubes esportivos e a prática futebolística se espalhava pelos setores suburbanos da cidade. Bairros como Telégrafo (03 clubes), Sacramento (04 clubes), Guamá (02 clubes), Cremação (02 clubes), e a Pedreira que no primeiro mapa não aparece nenhum clube e nesse período passa a ter 15 clubes. Todos esses bairros começavam a aparecer no mapa da prática futebolística. No entanto, isto, não significava uma separação de setores sociais. Havia de acordo com a análise das fontes uma circulação de ideias através dos festivais futebolísticos e seus diversos clubes, que solidificaram o processo de popularização do futebol na cidade.

No mapa 5, temos o período de 1942-1952, no qual destacamos a consolidação do processo de popularização do futebol nos bairros da cidade aliado aos jogos de clubes de bairros. A quantidade de clubes que aparecem nesse contexto está mais dividida. Os bairros da Pedreira (06 clubes), Marco (06 clubes) e Umarizal (07) são os bairros que aparecem mais clubes. Os clubes de bairros participam de campeonatos de festivais que se estabeleceram ao longo dos anos, como prática de lazer na cidade. No Mapa 1, abaixo, temos em destaque a quantidade de clubes esportivos por bairro, no período total da pesquisa, que vai do ano de 1896 até 1952, com um total de 173 clubes.

O Mapa 3, abaixo, destaca a quantidade de clubes esportivos (41 clubes) no período de 1896-1920, período com maior destaque para o aparecimento de clubes nas áreas consideradas mais elitizadas de Belém.

Mapa da pesquisa 03 – Quantidade de clubes catalogados na cidade no período de 1896-1920.

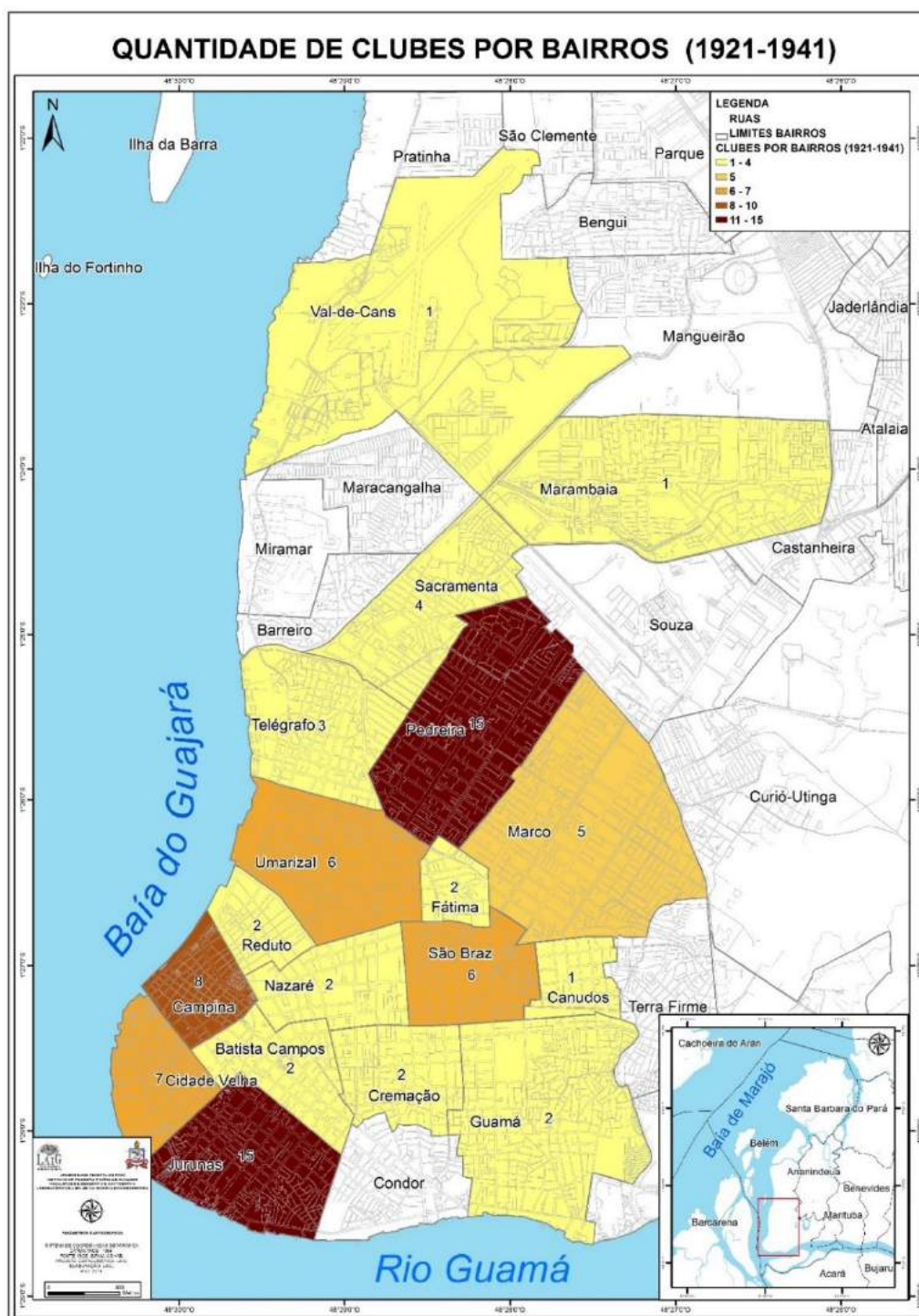


Fontes: Pesquisa realizada ao longo dos quatros anos de construção da tese.⁴³¹

⁴³¹ Ibidem.

O mapa 4, abaixo, que enfatiza o período de 1921-1941 (84 clubes), período que destaca um processo de criação de clubes esportivos nas áreas suburbanas com maior intensidade.

Mapa da pesquisa 04 – Quantidade de clubes por bairros na cidade no período de 1921-1941.

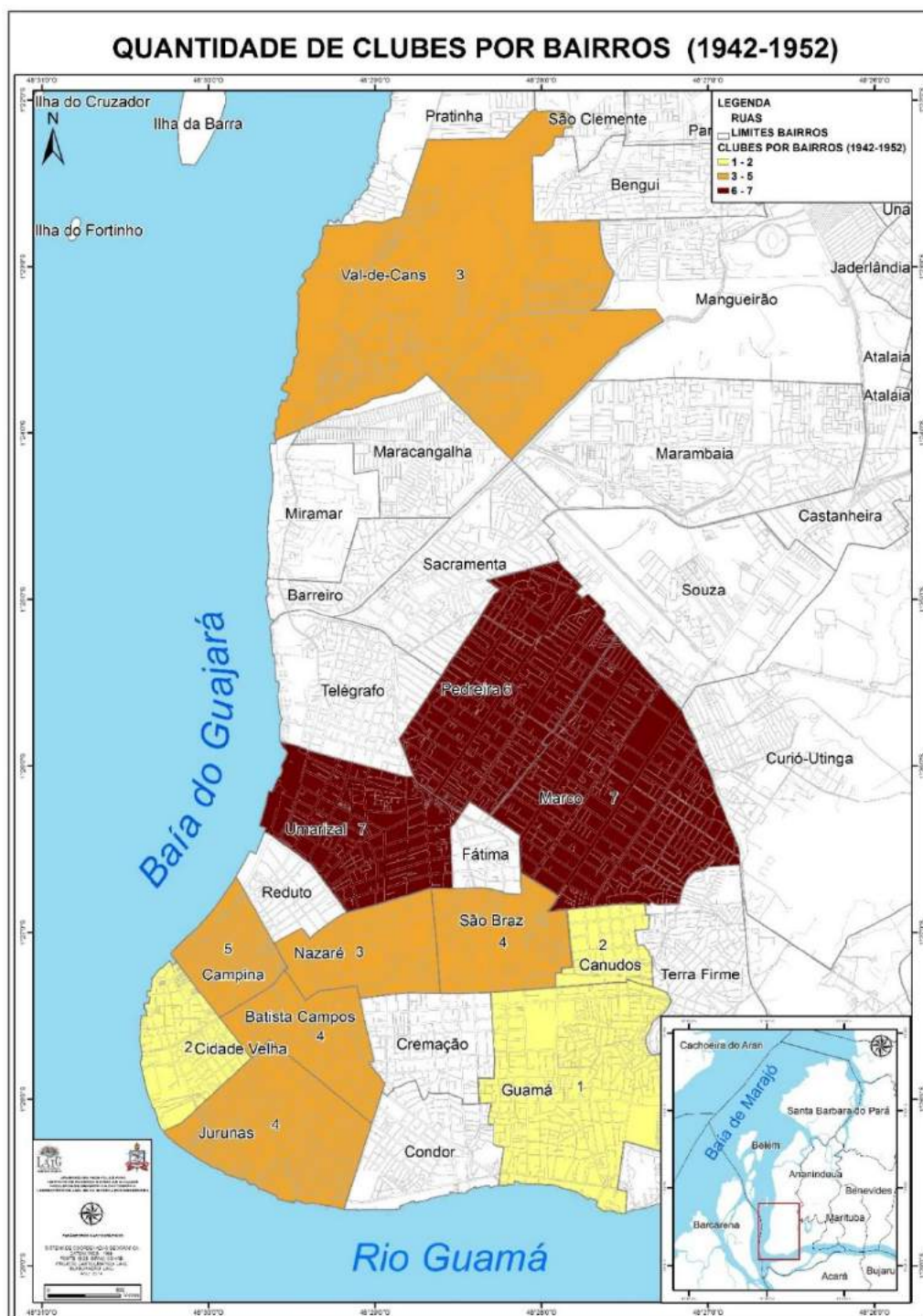


Fontes: Pesquisa realizada ao longo dos quatro anos de construção da tese.⁴³²

⁴³² Idem, ibidem.

Por fim, o mapa 5, abaixo, que destaca o período de 1942-1952 (48 clubes), que nos mostra um período de maior consolidação da prática futebolística na cidade.

Mapa da pesquisa 05 – Quantidade de clubes por bairro no período de 1942-1952.



Fontes: Pesquisa realizada ao longo dos quatro anos de construção da tese.⁴³³

⁴³³ Ibidem, ibidem.

A seguir temos o quadro que mostra o total de clubes catalogados com identificação dos bairros e outros clubes sem identificação dos bairros:

Tabela 3 - Quantidade geral de clubes em Belém do Pará: com identificação de clubes por bairros e sem identificação dos bairros por clubes. (1896-1952)

PERIODO	CLUBES
1896-1920	62
1921-1941	150
1942-1952	95
TOTAL	307

Fonte: Apêndice/anexos.

Como podemos perceber a quantidade maior de clubes criados ocorreu no período de 1921-1941, isto é, temos um maior número de clubes surgindo na cidade, como veremos no mapa no decorrer do capítulo.

A construção dessas tabelas 1, 2, 3 e 4 (a seguir), foi desenvolvida ao longo dos quatros anos de pesquisa sobre os clubes suburbanos. Levantamento marcado por uma série de modificações pelas novas fontes que iam sendo encontradas ao longo da pesquisa e que pudemos perceber o quantitativo desses clubes e a sua localização nos bairros.

Primeiramente foram utilizadas os jornais, as revistas, processos crimes, os livros: “História do Clube do Remo”, “Gostosa Belém de outrora”, “A enciclopédia do futebol paraense”, “Subúrbio”, “Histórias do meu subúrbio”, “Histórico do São Domingos” citados ao longo do trabalho, dentre outros livros.

Por fim, um ponto importante, foi o contato com documentos oficiais que circulavam entre os variados clubes da cidade e o clube São Domingos guardados na sua sede social. Tais documentos possibilitaram a catalogação e o cruzamento de fontes com a intenção de encontramos o endereço dos clubes para mapearmos a cidade, conforme as datas e bairros da cidade.

Essa ideia de construção de um quadro com o número clubes por período nos possibilita o entendimento de como os clubes de futebol ou esportivos foram construídos em determinados momentos e espaços na cidade juntamente com os variados setores sociais. Esse fato nos proporciona indícios de como ocorria a prática de lazer a partir dos clubes e a

circulação de ideias que perpassava por clubes dos setores considerados mais nobres, como pelos clubes de setores populares.

O entendimento a partir dos mapas de localização e dos quadros com a quantidade de clubes nos proporciona a visualização do processo de construção de uma popularização futebolística na cidade e uma criação de uma maior quantidade de clubes ditos suburbanos a partir dos anos de 1920.

Esta é uma década importante quando analisamos as fontes que destacam o aparecimento de clubes na cidade. Nela podemos visualizar, inclusive, como a ocupação desordenada do espaço urbano, em bairros com pouca estrutura, criado a partir da ocupação dos setores populares se intensificou. De maneira mais rápida, é possível entender que a quantidade de clubes criadas nos anos de 1920 a 1940, por exemplo, acompanhou esse processo de ocupação de áreas menos favorecidas com políticas de saneamento, por exemplo.

Na verdade, temos indícios de que boa parte dos clubes que apareceram nos subúrbios estava sendo construído socialmente e culturalmente a partir de uma dinâmica de proximidade com as atividades do rio e das matas, que apareciam mais nos bairros populares.

Esse levantamento se tornou importante devido ao acesso a um número relativo dos clubes que existiam na cidade e com isso criou-se a possibilidade de colocarmos no mapa quantos clubes cada bairro possuía no período que estamos estudando. E assim podemos analisar fontes que nos dão a ideia de como era o cotidiano do lazer e as relações de sociabilidade que ocorriam nos eventos esportivos dos diversos clubes da capital paraense.

Na tabela 4, abaixo, é possível perceber a quantidade de clubes que foram catalogados e localizados os seus endereços, fator que possibilitou entender a cidade nos variados momentos das práticas esportivas, festivas e de lazer pelos grupos sociais no recorte histórico que estamos trabalhando, que é de 1920 a 1950.

A ideia de catalogar fontes dos clubes em períodos anteriores a década de 1920 surgiu pela necessidade de se entender como se pensava clube esportivo a partir do discurso de modernidade europeia e como esse discurso foi ressignificado pelos setores populares ligados a dinâmica cultural das áreas ribeirinhas e de migrantes nordestinos em determinados bairros.

TABELA 4 - Quantidade de clubes localizados e com identificação de bairros em Belém do Pará(1896-1952)

PERIODO	CLUBES
1896-1920	41
1921-1941	84
1942-1952	48
TOTAL	173

Fonte: Apêndice/anexos.

Como já foi especificado pelos mapas, o quadro 2 nos mostra a quantidade de clubes catalogados no período de 1896 a 1952, os quais foram encontrados os clubes nos seus respectivos bairros na cidade. Os dados mostram um total parcial de 173 clubes esportivos. O período de 1921-1941 foi o que contabilizou mais clubes fundados com 84 clubes num período de 20 anos. Em segundo lugar ficou o período de 1942-1952, que contabilizou um total de 48 clubes em 10 anos. E por último, o período de 1896-1920 com um total de 41 clubes fundados num período de 24 anos. Destes 41 clubes, 24 foram fundados entre os anos de 1914 a 1915 na cidade⁴³⁴.

É interessante perceber que a quantidade de clubes esportivos catalogados aumenta a partir dos anos de 1920. Esse dado acena para uma mudança no sentido da construção da experiência dos variados sujeitos a partir da prática esportiva na cidade. O processo de popularização e, de maneira superficial, a ocupação de área consideradas suburbanas tem uma tendência de ampliação nesse período.

Essa construção não é muito fechada. Alguns clubes não têm a data de fundação aparecendo diretamente nos documentos. Muitos dos clubes levantados não foram encontrados nos Estatutos do CMA/UFPA. Nesses casos, só foi possível catalogá-los a partir de quando apareciam nos noticiários esportivos dos jornais de circulação na cidade ou em documentos oficiais de clubes que destacavam as datas de fundação dessas agremiações esportivas, como nos ofícios, por exemplo.

Os endereços das sedes sociais dos clubes “foi mais fácil” de localizar que catalogar o máximo de campos possíveis na cidade. Esses locais onde se praticava o futebol,

⁴³⁴A fundação de 24 clubes de futebol entre os anos de 1914 a 1915 consta na tabela do apêndice e anexo deste trabalho.

chamados de “praças esportivas”, na verdade, os campos de futebol particulares ou praças que serviam para as disputas entre os times nos fins de semana, foram mais difíceis de encontrar nos jornais devido os noticiários em geral comentarem mais sobre os estádios do Remo ou do Paysandú.

O endereço das praças de *sports* foi mais difícil de conseguir, devido, muitas vezes, os clubes catalogados não possuírem seu campo de futebol ou quando possuíam, poucas vezes citavam seu endereço. Também ocorria desses clubes jogarem suas partidas no campo do Clube do Remo ou do Paysandú, estádio do Baenão e o estádio da empresa Ferreira e Comandita, respectivamente⁴³⁵.

Nesses locais, utilizados inicialmente pelos setores da elite belenense para as disputas futebolísticas, houve inicialmente o contato entre os moradores da capital a partir da construção de um lazer urbano pautado na prática esportiva, o que pode explicar a fundação de clubes dos setores mais abastados e dos setores suburbanos da cidade concomitantemente a partir da década de 1910.

O comentarista de arbitragem de futebol Theodorico Rodrigues nas páginas iniciais de seu livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)”, descreve parte desse cotidiano da fundação de clubes esportivos, ao informar sobre fundação do São Domingos, no dia 24 de maio de “hum mil novecentos e quinze (1915) nesta cidade de Santa Maria de Belém capital do estado do Pará”⁴³⁶. Fato que corrobora para o maior entendimento desse contexto, pois, na mesma década, as notícias dos jornais no ano de 1914, como o Jornal *Folha do Norte* destacam pelo menos três clubes fundados no bairro de Nazaré, meses antes da fundação do São Domingos: como o Nazareth Football Club, Nuvem Negra e o American Sport Club⁴³⁷.

No bairro do Jurunas, além do São Domingos, foi fundado um ano antes o Botafogo Foot Ball Club, que jogava no largo da penitenciária e tinha sua sede na Travessa

⁴³⁵ A explicação sobre o contexto de criação dos estádios do Baenão(1917) e da empresa Ferreira e Comandita, Curuzú (1914), ambos situados na avenida Tito Franco (atual Almirante Barroso), foi explicada no capítulo I desta tese.

⁴³⁶ RODRIGUES, Theodorico. Histórico da São Domingos. Belém: 1915-2000. Op. Cit. Esta obra foi escrita no período de 1999 a 2000. p. 2. No ano de 2000, por conta dos seus escritos foi convidado pela diretoria do clube São Domingos, por conhecer muito a história do bairro do Jurunas e do Clube, para escrever um histórico do clube e seus principais feitos. Esses escritos chamo aqui no trabalho de livro não publicado de Theodorico Rodrigues, pois, o mesmo faleceu e não conseguiu publicá-lo. Essa fonte se tornou muito importante no sentido de que muito do que ele escreve se baseia também em suas memórias vivenciadas ou repassadas por outras gerações de membros do referido Clube.

⁴³⁷ Jornal *Folha do Norte* 19 de julho, 31 de julho e 18 e 31 de julho de 1914.

dos Apinagés⁴³⁸. No bairro do Marco, no ano de 1914, foi fundado o Instituto Lauro Sodré Foot Ball Club, ligado aos discentes do Instituto Educacional da época⁴³⁹.

Essa relação de clubes fundados nos bairros do Jurunas e Nazaré, nesse período das primeiras décadas do século XX, nos indica que os clubes possuíam ligações que fizeram o futebol se espalhar pela cidade. Esses contatos ou ligações entre clubes apontados a partir dessas fontes nos permitem pensar nos anos posteriores e no aumento do contato entre clubes suburbanos.

Nesse caso, o ofício sem número pertencente ao clube Uberabinha, localizado no bairro do Telégrafo sem fio, expedido no dia 06 de janeiro de 1936, serve de exemplo, para explicarmos os contatos entre clubes nesse período. Esse documento foi endereçado ao São Domingos do bairro do Jurunas, que relata indícios de que os clubes de bairros, através da prática futebolística, estavam se comunicando e difundindo ideias baseadas nas suas experiências, no contexto dos anos de 1930⁴⁴⁰.

No ofício, o texto destaca o aceite ao convite para que o Uberabinha participasse do festival do clube interno do São Domingos, denominado Jurunas Atlético Clube. Este documento nos relata como os clubes se comunicavam para as disputas dos festivais futebolísticos nos bairros da cidade.⁴⁴¹

Tais informações nos mostram que os clubes esportivos de bairros populares estavam pautados nas regras de um jogo europeu, porém, com a dinâmica da construção social do sujeito do seu bairro juntamente com a relação pautada na rivalidade, na disputa esportiva com outros bairros e clubes.

Nesse ofício do Uberabinha ao São Domingos é possível perceber os endereços da sede social do Clube que ficava na travessa Cel. Luís Bentes e o campo de futebol que se localizava na Praça Centenário. Locais estes que outros clubes possivelmente tinham contato através dos festivais esportivos. Esse fato criava uma relação dos clubes com seus bairros e outros bairros⁴⁴².

No ofício do Uberabinha podemos perceber essa relação de prática futebolística na cidade, e como conseguimos datas e endereços dos Clubes. Conforme transcrição e imagem a seguir.

⁴³⁸ Jornal *Folha do Norte* 06 de agosto de 1914 e 25 de agosto de 1914.

⁴³⁹ Jornal *Folha do Norte, Notas sportivas, 09 de janeiro de 1914.*

⁴⁴⁰ Ofício expedido do Uberabinha Esporte Clube ao São Domingos no dia 06/01/ 1936.

⁴⁴¹ Idem.

⁴⁴² Ibidem.

(...) Uberabinha Esporte Club

Campo de esporte: Praça Centenário - fundado em 01 de abril de 1921 – sede própria cel Luis Bentes, 244.

Pará-Belém- 06 de janeiro de 1936

Ilm^{os} Snrs Presidente e membros da Diretoria do “São Domingos S. Clube”

Saudações

Apraz-me responder vosso offício, datado do dia 20 de dezembro próximo findo, em o qual solicitaes a cooperação do nosso quadro principal de futebol, para tomar parte no festival do “Jurunas A. Club”, grêmio interno domingense, enfrentando uma representação de igual categoria de um núcleo, que será oportunamente designado. Comunico-vos que a directoria do rubro-negro, reunida em sessão do dia 04 do fluente, resolveu attender ao vosso convite, pondo a disposição dos promotores desse festival esportivo, o nosso conjucto principal de futebol.

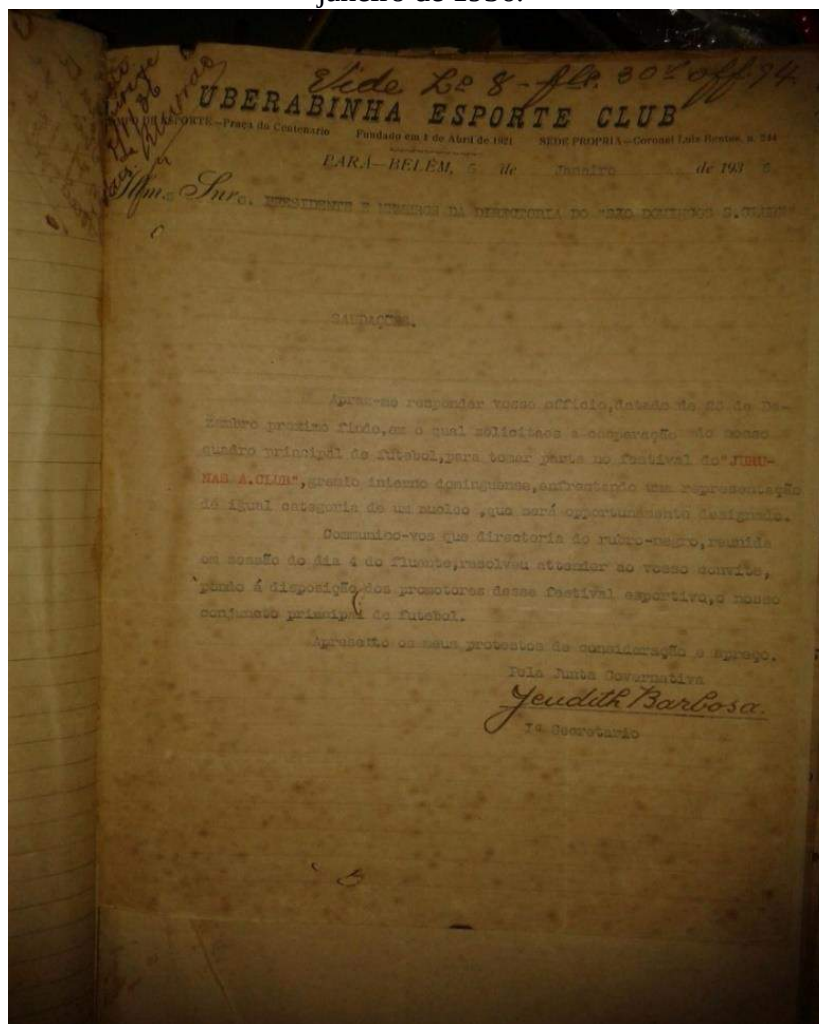
Apresento os meus protestos de consideração e apreço.

Pela junta governativa

Jeudith Barbosa

1º Secretário.(...) ⁴⁴³

IMAGEM 20: Ofício expedido do Uberabinha Esporte Clube ao São Domingos no dia 06 de janeiro de 1936.



Fonte: Pesquisa no arquivo documental do Clube São Domingos no periodo de setembro a dezembro de 2014.

⁴⁴³ Transcrição do Ofício expedido do Uberabinha Esporte Clube ao São Domingos no dia 06/01/ 1936

O documento em questão é datado de 06 de janeiro de 1936, no qual, o senhor Jeudith Barbosa, respondendo pela junta governativa do clube rubro-negro⁴⁴⁴, Uberabinha, assina o ofício e afirma que o clube do Bairro do Telégrafo aceita participar do festival que vai ser realizado pelo Jurunas Atletico Clube, Clube interno do São Domingos⁴⁴⁵.

A decisão de participação no festival foi tomada pela diretoria do Uberabinha, que se reuniu em sessão do dia 04 do “fluente” e concordou com a participação do clube no festival citado. Tal fato nos possibilita perceber como os clubes dos bairros mais populares mantinham contato entre si para promoção de atividades voltada ao esporte como lazer desses grupos.

Numa entrevista informal, o “Seu Doroca”, 74 anos, sócio do Clube Uberabinha, ex-zagueiro do time e hoje jogador de dominó, afirmou que os contatos com outros clubes pertencentes a outros bairros era normal. Os torneios, os festivais que os jogadores do Uberabinha disputavam fez ele lembrar dos jogos que faziam com o Clube São Paulo da Travessa Estrela, no bairro do Marco.⁴⁴⁶ Apesar de seu relato não pertencer ao contexto do ofício apresentado, é importante sabermos que as disputas entre clubes de bairro em Belém ocorria normalmente e aumentava as rivalidades clubísticas.

“Seu Léo”, outro associado do clube de 71 anos, ouviu falar do Uberabinha como um clube com muita rivalidade com outros clubes de bairros como: Sacramenta, Alegria da Pedreira, Norte Brasileiro da Cremação, dentre outros. Existia segundo ele, um contato muito grande nos finais de semana entre esses jogadores do bairro do Telégrafo com clubes de outros bairros⁴⁴⁷.

Essas relações de lazer na cidade de Belém do Pará, a partir do cotidiano dos clubes, é ligada aos *sportmen*, mesmo no âmbito considerado suburbano, devido o contato com esses sujeitos e pelo discurso de esporte. Nesse caso, é possível usarmos uma interpretação antropológica para entendermos esse período e suas ambiguidades. Como

⁴⁴⁴ Cores da camisa do clube Uberabinha do Bairro do Telégrafo.

⁴⁴⁵ O clubes internos eram clubes de sócios que disputavam os campeonatos e festivais fechados aos clubes que pertenciam. A partir do levantamento das fontes no clube São Domingos destaca-se além do Jurunas Atletico Clube como clube interno o Grupo Alvi-azul pertencente ao Paysandú, por exemplo. Ofício expedido do Uberabinha Esporte Clube ao São Domingos no dia 06/01/1936. Sobre o Grupo Alvi- Azul, o mesmo possui até um símbolo diferente do clube principal que é o Paysandú. Ofício expedido do Grupo Alvi- Azul, 31/12/1935.

⁴⁴⁶ Entrevista informal com o “seu Doroca” 74 anos, morador do bairro do Telégrafo e sócio do Uberabinha. Neste relato o mesmo lembra dos jogos que disputava com o Clube São Paulo da Travessa Estrela no bairro do Marco. Entrevista realizada no dia da visita ao clube no dia 15/10/2013.

⁴⁴⁷ Entrevista informal com “Seu Léo”, 71 anos, sócio do clube a 21 anos, porém, como morador do bairro do Telégrafo, creceu vendo e ouvindo falar do Uberabinha e seus jogos na cidade. Entrevista realizada no dia da visita ao clube no dia 15/10/2013.

ressalta Antônio Mauricio Costa, já que esta interpretação apresenta ricas possibilidades de estudo dos clubes a partir de situações em que as atividades de lazer resultam da ação de uma determinada associação ou movimento cultural construída sobre um trajeto particular de sociabilidade⁴⁴⁸.

A teoria destacada por Antonio Mauricio Costa serve para pensarmos o contexto de estudo sobre os clubes de futebol da época. Os sujeitos conviviam com as peculiaridades do seu respectivo bairro, baseado em experiências culturais diversas, próprias das relações entre os atores sociais nos diferentes setores de uma cidade amazônica, na primeira metade do século XX⁴⁴⁹.

Podemos entender os clubes esportivos como comunidades imaginadas e vividas, seguindo o pensamento de Hilário Franco Junior, na sua obra “A dança dos deuses”. Através dessa teoria, é possível entendermos uma dinâmica de representação do real que destaca a importância do estudo do futebol como fenômeno cultural mais difundido no mundo de hoje. Porém, para esse autor, essa prática esportiva não é realidade em si, mas fuga do real representação imaginária dos grupos sociais que o praticam⁴⁵⁰.

É necessário salientar que o autor se baseia no que tais jogos reais representam para determinados grupos, pois, é claro que essas comunidades imaginadas são representações das experiências, mediações e conflitos dos variados sujeitos sociais.

Essa ideia inclusive se pensada para os grupos sociais diversos que habitavam a cidade de Belém, na primeira metade do século XX, nos possibilita entender uma dinâmica diferenciada da prática esportiva atual. Mesmo nos anos de 1930, por exemplo, os valores do esporte ainda estavam convivendo com as ideias do *Sportman*, higiene, civilização e modernidade, que na década de 1910 eram discursos mais fortalecidos e ligados tanto a grupos aristocráticos quanto a grupos populares.

Essas comunidades ligadas aos clubes são representações do real e realidade baseada na construção histórica daquele momento específico. Outra explicação dos clubes de futebol e esportivos como comunidades imaginadas e a sua representação do real, está baseada nos estudos de Fátima Antunes, ao afirmar que são criadas “comunidades artificiais” em torno do futebol⁴⁵¹.

⁴⁴⁸ COSTA, Antonio Mauricio dias da. Lazer e sociabilidade: uso e sentidos. Belém: Açaí, 2009. p. 61-63.

⁴⁴⁹ Idem.

⁴⁵⁰ FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade Op. Cit. p.p. 394-397

⁴⁵¹ ANTUNES, Maria de Fátima Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa!”: Futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues. Op. Cit. p.p. 15-45.

É esse o destaque na sua Obra intitulada “Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues”, no qual, a autora analisa a construção da identidade nacional do brasileiro a partir dos debates entre os literatos, políticos e a prática futebolística crescente no cenário brasileiro⁴⁵².

Para a referida autora, os literatos, cronistas esportivos, políticos e praticantes do futebol repensam a sociedade brasileira a partir da prática futebolística e criam valores nacionais a partir desse cotidiano, que muitas vezes não são o real, mas uma interpretação e representação dele.

Por isso, Fátima Antunes destaca o esporte de modo geral, desde o final do século XIX, assim como o futebol, como constituição de um meio de identificação nacional e de criação de “comunidades artificiais”⁴⁵³.

Nesse ponto, Bernardo Buarque de Hollanda ressalta os clubes de futebol como comunidades imaginadas⁴⁵⁴, locais onde grupos de imigrantes europeus, por exemplo, poderiam manter o elo cultural, familiar com o seu país mesmo que no plano simbólico.

Os clubes buscavam salvaguardar o sentido comunitário e de pertencimento ao país. Na Europa, essas agremiações esportivas passavam a caracterizar a vida dos trabalhadores reproduzindo hábitos, costumes, entretenimento, e depois estimulavam o lazer relacionado a um projeto educacional da modernidade baseado no adestramento do corpo, preparação cívica e incentivo a competição.⁴⁵⁵

Sobre o lazer dos trabalhadores na Grã-Bretanha, Eric Hobsbawm nos mostra, o capítulo “O fazer-se da classe operária” da sua obra “Mundos do trabalho”, o qual se refere a construção de uma cultura operária baseada na sua experiência cotidiana. Esta é a classe que estava ligada as decisões de campeonato e a um estilo de vida e lazer.⁴⁵⁶

Segundo Hobsbawm:

(...) a transformação mais espetacular foi a do padrão de lazer e de férias da classe operária. Talvez não fosse necessário lembrar hoje a ascensão do futebol como esporte para espectadores e, cada vez mais, para proletários, a nível nacional; e do

⁴⁵² Idem.

⁴⁵³ A autora destaca essas comunidades usando o termo de Eric Hobsbawm no texto a produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. Da Obra a invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. P 309. Idem. p. 17.

⁴⁵⁴ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional, 2004. p.p. 191-194.

⁴⁵⁵ Idem.

⁴⁵⁶ HOBBSAWM, Eric. O fazer-se da classe operária, 1870-1914. In: *Mundos do trabalho: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. P.p. 279-304.*

surgimento de uma cultura masculina do futebol, que atingiu sua consagração com a presença do rei ao jogo final do campeonato a partir de 1913(...) ⁴⁵⁷

Dessa forma, para Bernardo Burque de Hollanda, o futebol, assim como outros esportes, cinema, teatro, faz o ser humano se expressar, repensar e reconstruir idealmente a sociedade e ao mesmo tempo o cotidiano dos jogos proporciona o vivenciado, a experiência dos variados sujeitos⁴⁵⁸.

Nesses dois aspectos, a forma de expressar o ser humano e a experiência dos sujeitos, que estabelecemos nossa análise sobre a prática do futebol suburbano em Belém do Pará. É possível compreender que para além das atividades esportivas praticadas pelas elites no período ⁴⁵⁹, a partir de clubes como o Sport Club do Pará, nos jogos entre o Clube do Remo versus o Paysandú, a partir de 1914, existiam também, as práticas de clubes de bairros como Jurunas, Cremação, Marco da Légua, Telégrafo sem Fio, Sacramento, que construíam um imaginário das disputas futebolísticas a partir de uma realidade pensada pelo subúrbio, e seus vários significados próprios do contexto histórico, que convivia com os valores idealizados pelos setores abastados ligados aos padrões do discurso de modernidade.

A nossa tentativa de mapear a cidade a partir dos clubes sociais e suas práticas esportivas na urbe, a partir de 1896 até o início da segunda metade do século XX, busca, em primeiro lugar, entender em que momento os clubes de esportes na cidade de Belém passam a incorporar o termo suburbano como adjetivo.

O mapeamento da cidade busca também fazer uma ligação entre história do tempo presente e o direito à memória dos setores sociais que também construíram seus significados sobre o espaço da cidade, sendo sujeitos protagonistas na construção das relações de lazer e sociabilidade no espaço do bairro e as suas experiências no centro urbano.

Nesse sentido, é importante destacar mesmo na atualidade como alguns sujeitos que conviveram com os praticantes do futebol e outros esportes nos clubes suburbanos da cidade a viam. E como eram construídas as relações de sociabilidade e lazer de setores sociais

⁴⁵⁷ Idem

⁴⁵⁸ HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Op. Cit. . p.p. 191-194.

⁴⁵⁹ Sobre a prática de esportes pelas elites locais como símbolo do discurso de modernidade o capítulo I, nos proporcionou um entendimento específico do contexto. Dentre os autores citados temos: MAGALHÃES, Leticia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 317-328. GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: o Re x Pa e os festivais futebolísticos em Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 16-25. PINHO, Michel. O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde, perde, não há desonra. O esporte é higiene em Belém na primeira década do século XX. Op. Cit. p.p. 28-30.

que praticamente não se conta a história. Inclusive, as fontes sobre esses homens e mulheres sobre os quais escrevo, tive muita dificuldade para encontrar. São pessoas comuns que vivenciaram os jogos de futebol do *Re x Pa* aos clubes populares dos bairros.

Como podemos perceber no fragmento da notícia da Revista *Gol* 25 de abril de 1978, nº 43, que relata o cotidiano dos rapazes do Sacramento Esporte Clube:

(...) o Sacramento passou os anos 40 se firmando cada vez mais. Já não era um simples grupo de rapazes com um único objetivo de de praticar o esporte no fim de semana. A população do bairro vivia o dia-a-dia do clube. Aos domingos o acanhado estádinho lotava. Era animação total.(...)⁴⁶⁰

A notícia ressalta uma parte desse cotidiano do lazer do bairro da Sacramento em torno das disputas futebolísticas. Eventos esportivos que destacam como ocorria a participação da população do bairro no “estadinho” do Sacramento. Um relato que corrobora com a ideia de uma cultura construída no bairro e dos seus moradores a partir das atividades esportivas e suas experiências.

Nesse ponto, é possível destacar a experiência de pessoas filhas dos que conviveram com praticantes dos variados esportes nos clubes oriundos de bairros populares de Belém é destacar uma construção histórico social que conta a história do bairro.

O pensamento de Laura Maciel esta pautado nessa linha que buscamos trabalhar, no qual, a autora destaca o descortinar da categoria social “subúrbio” e “suburbano” indagando a historicidade contida nestas palavras⁴⁶¹ e que remetem a um espaço da cidade do Rio de Janeiro do final do século XIX e início do XX.

A autora trabalha pelo menos dois sentidos para essas palavras: o primeiro ligado a um espaço da cidade distante do centro, carente de serviços, bens culturais. O segundo, ligado a sentimentos, imagens, modos de viver, morar, relacionar-se com o restante da cidade.

Esses pontos são trabalhados por Edilza Fontes na capital paraense e suas áreas suburbanas nos anos de 1940, no sentido de falar da estrutura do local, o bairro e suas

⁴⁶⁰ Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978.

⁴⁶¹ MACIEL, Laura Antunes. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de. & FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs) Rio de Janeiro: Lamparina:FAPERJ, EDUFF, 2010, p.p. 187-193.

“baixadas”⁴⁶² e a comparação com o restante da cidade. Esses locais da cidade se relacionavam com:

“(…) O esvaziamento das áreas de vacaria, o bloqueio institucional, o crescimento populacional fizeram com que a ocupação das áreas alagadas, as baixadas de Belém, fossem a opção de moradia de grande parte da população como forma de estar perto do seu lugar de trabalho.(…)”⁴⁶³

Essa realidade da cidade de Belém dos anos de 1940, destacada por Edilza Fontes, corrobora com os dois aspectos do subúrbio ressaltados anteriormente por Laura Maciel. Primeiro, quando os bairros belenenses são descritos como lugares sem estrutura com suas vacarias, pântanos e baixadas e segundo através da experiência dos sujeitos que vivenciavam nesses locais, (no caso do nosso trabalho), a experiência do lazer nos clubes e seus respectivos bairros.

Franciane Lacerda segue de maneira análoga a linha de estudo de Edilza Fontes ao analisar os grupos populares que se firmavam no território urbano belenense, no período de 1910. A autora trabalha os setores populares no contexto histórico das primeiras décadas do século XX, enquanto Edilza Fontes relata uma cidade e seus subúrbios dos anos de 1940. A ideia que une as análises de ambas autoras é a caracterização de um subúrbio popular e seus costumes. Esses grupos imprimiam práticas sociais e culturais de variadas formas:

“(…) vários segmentos sociais da população passavam ao largo desse processo e, a sua maneira, também disputavam e demarcavam seu território. Imprimiram suas marcas das mais variadas formas, por meio de práticas culturais, do trabalho cotidiano, de seus valores, enfim. Desse modo, construíram também essa cidade, tão evidenciada na historiografia muito mais pelas ações dos poderes públicos e menos pela experiência social de outros sujeitos igualmente constituidores desse espaço.(…)”⁴⁶⁴

⁴⁶² Esse termo foi apresentado anteriormente ver: FONTES, Edilza Joana de Oliveira. O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista em Belém (1940-1954) op. Cit. p. 211.

⁴⁶³ Idem.

⁴⁶⁴ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência (1889-1916) op. Cit. p.p. 242-243.

Franciane Lacerda destaca esse cotidiano cultural e social como uma construção da cidade que não é vista em detrimento dos estudos dos grandes empreendimentos do poder público constituído nas primeiras décadas do século XX.

Podemos construir, assim, uma analogia com a ideia da autora sobre esses espaços da cidade e as práticas de futebol nos bairros, que através dos seus sujeitos se relacionavam com clubes, praças e ruas.

Tony Costa destaca a ligação dos grupos sociais das camadas populares com uma cultura da cidade e seus respectivos bairros com uma construção cultural que vinha do interior do Estado do Pará ou localidades próximas para a capital paraense através dos portos e rios:

“(...) o igarapé das almas era um desses espaços que ligavam a cidade ao rio. Ele desaguava na baía do Guajará e de lá corria para as ilhas e outras cidades ribeirinhas da região Guajarina, Região do Marajó e outras mais distantes. Era a porta de entrada para muitos “caboclos” que não tinham “roupas nem calçados”. Estes eram, por sua vez, pessoas que viviam um eterno vai-e-vem, de Belém para o interior do estado e deste para a capital, “rio abaixo, rio acima”. Em suas canoas vinham peixe, as frutas e outros tantos produtos extraídos da floresta para abastecer da cidade. No Reduto, esses caboclos encontravam outros caboclos, os operários da cidade moderna, muito tão interioranos quanto eles, mas que viviam das atividades industriais e possivelmente moravam nos bairros mais afastados do Centro de Belém. O igarapé das almas é, assim, uma das ligações da cidade com rio, com o campo, com inúmeras cidades pequenas e médias do interior do estado e com sua população “cabocla”. Esse contato estabelecia aquilo que alguns antropólogos chamaram de “um contínuo folk-urbano”.⁴⁶⁵

Essa ideia do autor sobre circulação de sujeitos, ideias e costumes é interessante para entendermos que o futebol suburbano está ligado as práticas culturais dos seus espaços nos bairros, porém, não vai estar isolado, pois, essas práticas também ocorriam nos clubes elitizados, no início do século XX. Tais práticas ocorriam nas praças e campos de futebol que se relacionavam aos variados grupos sociais.

Outro ponto interessante para construção desse trabalho é a ideia de que a cultura popular nos bairros é baseada na construção social e cultural oriunda do “vai e vem nos portos” e do “sobe e desce dos rios”. Trata-se de uma ligação muito próxima dos bairros belenenses com o cotidiano dos caboclos no interior.

⁴⁶⁵ COSTA, Tony Leão da. “música de subúrbio”: cultura popular e música popular na hipermargem de Belém do Pará. Op. Cit. P. 67.

A construção teórica de Laura Maciel faz uma crítica ao significado atual das palavras “subúrbio” e “suburbano”, pois, expressam um afastamento social dos sujeitos na cidade do Rio de Janeiro, já que a mesma escreve sobre essa realidade. Ambas as palavras não mostram o subúrbio como parte de um processo de construção histórica dos sujeitos, por isso, ser chamado de suburbano tem no geral significados pejorativos, que sugere segregação e exclusão espacial.

A ideia da autora nos mostra que em ambos os sentidos as expressões “subúrbio” e “suburbano” explicitam práticas culturais, relações sociais e histórias vividas nesse espaço, que se alteram no tempo com significados que não são estanques. Isto é, são palavras que têm força e se sustentam no alicerce dos significados das experiências que historicamente têm qualificado os espaços e modos suburbanos.

Na verdade, tais significados e experiências não existem fora do dia-a-dia dos sujeitos que habitavam ou circulavam as áreas suburbanas com sentidos baseados num entrecruzar dessas várias vivências, muitas vezes contraditórias e antagônicas. E em muitos momentos, o sentido atual de “subúrbio” e “suburbano”, no caso do Rio de Janeiro, está muito ligado a distância do centro urbanizado ou é sinônimo de mau gosto.

Por isso, essa relação de clubes levantadas na nossa pesquisa em Belém no período de 1896 até o ano de 1952, nos possibilita pensar a relação entre passado e presente na construção da narrativa histórica, seguindo uma linha no qual, os problemas presentes são ponte para um suposto passado que nos leva a compreensão de parte do processo de historicidade das práticas futebolísticas na cidade.

2.5– Um subúrbio *sportivo*?

No dicionário Barsa, os vocábulos subúrbio e suburbano⁴⁶⁶ têm significados que ajudam a refletir sobre o passado da cidade de Belém do Pará e o seu processo de espacialização das práticas futebolísticas. O primeiro tem relação com a sua localização geográfica, ligados à ideia dos arredores da cidade e bairros localizados longe do centro. Já o

⁴⁶⁶ Dicionário Barsa de Língua portuguesa. São Paulo: Barsa planeta, 2008. p.1084.

segundo, se refere ou é próprio do subúrbio com ideias, por vezes, de quem é “pouco refinado” que tem “mau gosto”.

Essas duas definições nos levam a pensar a construção histórica das duas palavras e como nos noticiários esportivos locais o termo “suburbano” ganhava uma conotação mais idealizada. Uma visão ambígua sobre o espaço “suburbano” em Belém.

A análise sobre a ambiguidade da palavra “subúrbio” nos leva ao estudo de Antônio Mauricio Costa, que destaca a quadra joanina a partir da visão da imprensa nos subúrbios de Belém.⁴⁶⁷ O autor observa o processo de espacialização da quadra junina na cidade em meados do século XX, e a valorização dos festejos joaninos que ocorriam no subúrbio por parte da imprensa, que destacava o período de festa na cidade. O objetivo do autor é diferenciar os festejos juninos que ocorriam no espaço urbano, mais especificamente entre os festejos que ocorriam nos clubes de subúrbio das festas que ocorriam nos clubes aristocráticos.

Para o autor, a imprensa da época idealizava as festas juninas nos clubes suburbanos onde supostamente existia uma “tradição interiorana”. No caso dos clubes aristocráticos, essa tradição não estava presente, pois, as festas de salão nessas agremiações não possuíam supostamente uma “raiz caipira”.

No entanto, a “legitimidade” das festas caipiras ou interioranas não é o mais importante na análise do autor, e sim o estudo da função de socialização, difusão de determinados sistemas de valores e padrões de comportamento para o restante da sociedade. Essa idealização por parte da imprensa ocorreu juntamente com as transformações vividas pela cidade relacionadas com o fluxo migratório vindo do interior, no qual, os anos de 1950 são considerados um marco desse crescimento da cidade.

O entendimento de subúrbio e suburbano para Antônio Mauricio Costa não está somente no espaço geográfico como definidor da explicação sobre os sujeitos e outros bairros da cidade, mas está ligado a quem escreve sobre determinados espaços da cidade e as suas tradições culturais. Os “subúrbios” na cidade de Belém durante as festas juninas são vistos pelos jornalistas como locais que possuem “a essência” do interior e são vistos de maneira positiva, ao contrário do que é destacado no dicionário, que mostra a construção histórica do significado de suburbano como sinônimo de “falta de bom gosto”. Uma interpretação

⁴⁶⁷ COSTA, Antonio Mauricio Dias da; GOMES, Elielton Benedito Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. Cad. Pesq. Cdhis, Uberlândia, v. 24, n 1, Jan./jun. 2011.

contrária ao que se colocava sobre os suburbanos de Belém na época da quadra joanina durante os anos de 1950. Porém, mesmo na quadra joanina segundo o autor, o que se percebe é a ambiguidade da visão da Imprensa. Tanto que para definir essa essência da quadra joanina setores da Imprensa observam fatores positivos e em outros momentos destacam fatores negativos, como ruas esburacadas, dentre outros.

Essa percepção sobre subúrbio e as festas joaninas em Belém pode ser utilizada para a nossa pesquisa. Nesta, “subúrbio” e suburbano seriam idealizações criadas pela imprensa esportiva presentes nas notícias sobre as práticas esportivas e seus festivais futebolísticos.

As peculiaridades dos bairros da cidade que definiam a prática do futebol suburbano, o futebol considerado *sportman* e depois o futebol profissional, existiam no campo das ideias dos jornalistas. Esse subúrbio com falta de estrutura urbana se comparado com o centro, não era mais enxergado. Somente os jogadores, os clubes, como sujeitos desses espaços mantinham determinadas características que melhoravam, segundo os discursos jornalísticos, as disputas futebolísticas, por exemplo.

Nesse sentido, os subúrbios passam a ser o espaço da produção, construção cultural e não um espaço dependente do centro, com falta de estrutura, locais que os jornalistas idealizavam e também o espaço do vivido, tanto pelos autores das crônicas esportivas e suas idealizações, como pelos próprios sujeitos moradores e frequentadores dos clubes esportivos.

Ao contrário da ideia de construção cultural variada, o subúrbio é visto a partir do senso comum, algumas vezes, como sinônimo de periferia, talvez indicando um sentido de negação das vivências dos sujeitos que não moram no centro urbano. Essa visão ocorre devido uma construção histórica que tentou estigmatizar os setores populares que residem nas áreas mais pobres. Na verdade, centro e periferia, por outro lado serviriam para designar, a partir dos anos de 1960, as desigualdades sociais no Brasil.

No entanto, seguindo outra linha de análise, William Soto destaca no seu texto sobre subúrbio, periferia e vida cotidiana⁴⁶⁸, a crítica sobre a visão do senso comum que deixa experiência dos sujeitos suburbanos de lado e evoca uma substituição pela noção de periferia. Sua perspectiva teórica parte das ideias de Jose de Souza Martins que tem um novo olhar sobre a espacialidade, baseado em Henri Lefebvre. Para Soto esta espacialidade não se resume

⁴⁶⁸ SOTO, Willian Héctor Gómez. Suburbio, periferia e Vida cotidiana. Estudo Soc. agric., Rio de Janeiro, Vol. 16, nº01, 2008, p.p. 109-131. .

apenas à dependência de bairros distantes ao centro da cidade, como culturalmente foi construído no Rio de Janeiro, por exemplo. Mas significa tentar desmistificar a confusão feita por construções teóricas dicotômicas sobre o assunto que fazem com que os conceitos de periferia e subúrbio percam o sentido e sua capacidade explicativa.

Por isso, William Soto destaca esse novo olhar sobre a realidade do subúrbio que deve ser levado em consideração, no sentido de percebermos que a realidade suburbana é pouco explicada. Na maioria das vezes se trabalha com ideias de dependência do centro urbano. Talvez pela característica do subúrbio, no qual o elemento rural ainda está presente e o urbano nunca se constituiu plenamente. Um espaço ambíguo. Essa ambiguidade deve ser relativizada no sentido de entendermos que os subúrbios são espaços que as pessoas “produzem” trabalho, lazer e relações sociais.

É essa a ideia destacada por Simone Pallone para diferenciar subúrbio de periferia,⁴⁶⁹ apesar de principalmente, no Rio de Janeiro, as palavras terem uma noção própria de estigma contra a população pobre da urbe. A autora enfatiza ainda, que subúrbio tem sua base nas áreas que não tinha toda a estrutura urbana do centro, sendo que a palavra em si traduz uma situação intermediária entre cidade e campo, ao contrário de periferia que é uma palavra típica do processo de metropolização ocorridos nos anos de 1960 a 1970.⁴⁷⁰

São esses significados sobre os dois vocábulos citados que pretendemos refletir sobre os discursos jornalísticos e a sua relação com o futebol suburbano na capital paraense do contexto dos anos de 1920 a 1952, percebendo o processo de espacialização das práticas futebolísticas na cidade dotadas de atributos culturais próprios dos variados sujeitos que circulavam nos clubes esportivos e seus respectivos bairros. Na mesma linha, temos na fonte abaixo um dos discursos jornalísticos sobre o futebol suburbano.

“(...) Um desportista que morreu
Perdeu o futebol suburbano um dos seus grandes batalhadores com o falecimento terça-feira, última, nesta capital de José Gomes Apparício, o Zéca, como era mais conhecido.
Veterano do S.Domingos, também, era director do boqueirão clubes estes que tiveram em Zéca, um ardoroso batalhador, que no gramado, quer concorrendo com os seus valiosos préstimos para o desenvolvimento dos Grêmios onde militou.
(...)”⁴⁷¹

⁴⁶⁹ PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. *Ciência e cultura*, Vol. 57, nº 2, São Paulo Abril/Junho de 2005.

⁴⁷⁰ Idem.

⁴⁷¹ *Jornal O Estado do Pará, Caderno Vida esportiva, 19/03/1938.*

O noticiário esportivo destacado no fragmento do periódico acima, durante o ano de 1938, evidencia parte de um cotidiano esportivo da urbe belenense que informa sobre o falecimento de um desportista amador. Segundo o discurso do cronista, “Apparício” era um atleta que participava dos jogos e atividades dos clubes de futebol suburbano, inclusive sendo diretor do clube Boqueirão e ao mesmo tempo um atleta veterano do S. Domingos.

Essa realidade destacada no jornal corrobora com o discurso memorialístico de Theodorico Rodrigues sobre o Clube São Domingos e o bairro do Jurunas. Momento que as disputas futebolísticas faziam parte do cotidiano dos espaços suburbanos. Como podemos perceber no fragmento do texto abaixo:

(...) depois demoráveis lutas enfrentadas os mais variados adversários, entre eles o famoso BELÉM SPORT CLUB, outro clube aqui do bairro do Jurunas, uma batalha sensacional que ensejou uma disputa na atual, o perdedor seria sumariamente alijado do futebol do bairro. O SÃO DOMINGOS sobreviveu essa inusitada, APOSTA, onde foi posta em jogo o caráter, integridade moral de um dos maiores domingueses de todos os tempos.(...) ⁴⁷²

O destaque dado para o falecimento de José Gomes Apparício, “o Zeca”, desportista suburbano bastante elogiado pelo cronista esportivo, possibilita ao historiador as variadas formas de entender aspectos de uma cidade, que nos anos de 1930, para alguns grupos ainda vivia sob a égide do desenvolvimento urbano pautado no ideal de modernidade, mas, com um “sentimento de decadência da economia gomífera”, que patrocinou a reestruturação urbana com imagem ligada à figura do velho Lemos, na primeira década do século XX. ⁴⁷³

Por outro lado, os grupos que viviam e circulavam nos bairros suburbanos, como o Jurunas, construíram uma dinâmica esportiva nos clubes e no bairro. Seu cotidiano de lazer passava por esses clubes, como o Apparício que era diretor do Boqueirão e foi jogador do São Domingos. Essa atuação de Apparício nos diversos clubes nos apresenta semelhanças com que Theodorico Rodrigues relatou sobre as disputas esportivas no bairro do Jurunas e a rivalidade entre clubes. Como O Belém Sport e o São Domingos.

⁴⁷² RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit.

⁴⁷³ SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle époque (1870-1912). Op. Cit. p. 138-140.

Sobre esse “sentimento de decadência da economia gomífera” Willi Bolle enfatiza que é preciso estar atento ao que Walter Benjamim advertiu sobre palavras como “decadência” ou “período áureo”.⁴⁷⁴ Tais Palavras têm significados baseados na experiência dos sujeitos, no qual, um grupo de trabalhadores pode não ter visto nem o período “áureo” e tão pouco uma “decadência”, já que o estilo de vida ligado ao círculo da classe trabalhadora era o mesmo, mostrando talvez, uma percepção diferente de um sujeito pertencente ao grupo de políticos da época, por exemplo.

As ideias sobre o período da borracha podem ser mitos construídos pelos sujeitos que vivenciaram a época ou uma reprodução dessas falas por parte do que foi ouvido pelos sujeitos, porém, como forma de definir marcos históricos, construir discursos políticos, explicar uma realidade, menos como definição do real.

O imaginário da “decadência” nos de 1920, na cidade de Belém, poderia não ser sentida por todos os grupos sociais e é utilizada no trabalho mais como delimitação do período histórico tradicional, do que como explicação do real.

O retrato de uma Belém mitificada no discurso da *Belle Epoque* é destacada por Fábio Castro, na sua obra sobre a cidade Belém no período do discurso da modernidade. O autor explica que o seu objetivo é estudar uma realidade de uma cidade amazônica e sua experiência de “modernidade periférica” e sua “temporalidade mitificada”⁴⁷⁵.

Seu estudo é importante para quebrar os mitos criados em torno dessa experiência moderna em Belém baseada na riqueza produzida pela economia do látex e possibilita entender uma realidade histórica multifacetada, baseada no ponto de vista de quem vivencia o fato e como vivencia esse fato. Na verdade, o sentimento de ser moderno por parte das elites locais, que se disseminou pela sociedade, era uma visão de grupos sociais que tinham acesso a produtos da modernidade e sua carga simbólica, e não a uma visão homogênea dos variados grupos sociais da cidade.

Por isso, o autor explica que a análise da cidade Belém no início do século XX deve passar pelo olhar do passado “ele-mesmo”, sem o olhar anacrônico do presente, que

⁴⁷⁴ BOLLE, Willi. Belém, porta de entrada da Amazônia. In: CASTRO, Edna. (org.) Cidades na floresta. São Paulo: Annablume, 2008. p.p. 110-111.

⁴⁷⁵ CASTRO, Fábio Fonseca de. A cidade Sebastiana. Era da borracha, memória e melancolia numa Capital da periferia da modernidade. Belém: edições do Autor, 2010. p.p. 9-13.

pasteuriza a formação sócio-cultural do passado e a interpreta sob a influência de outros discursos⁴⁷⁶.

Dessa forma, a ideia de subúrbio em Belém vai se modificar por conta do recorte histórico e sua contextualização. No entanto, a ideia comum de características ligadas ao rio, ruas sem pavimentação, casas com telhados de palha, dentre outras, vão fazer parte da experiências dos sujeitos de muitos clubes na cidade. Assim, como os discursos de modernidade que Fábio Castro procurou desmistificar.

Para entendermos a dinâmica do futebol suburbano a partir da localização dos bairros citados nos jornais e seus noticiários esportivos, temos a reprodução dois mapas da cidade produzido nos anos de 1960. Tais mapas possibilitam vislumbrar a localização dos bairros e comparar com os mapas dos clubes e seus bairros cosntruidos a partir dos dados levantados durante esta pesquisa. Essa comparação, também, nos leva obter possíveis respostas para uma das indagações citadas anteriormente, qual espaço era considerado suburbano na cidade?

476

Idem.

contava com o co-patrocínio da Organização das Nações Unidas sobre as regiões metropolitanas e que serviria de base para elaboração de uma política de desenvolvimento metropolitano para ser incorporado à política de desenvolvimento urbano do Brasil.⁴⁷⁷

Observando esta Imagem anterior (mapa 06), fazendo uma leitura superficial, temos o mapa com o título “BELÉM – ÁREA METROPOLITANA” construído no ano de 1968, onde aparece a ilha do Mosqueiro, Outeiro ao norte, ao centro Icoaraci e Val-de-Cães, Ananindeua, Benfica, do lado leste Benevides e Caraparú, sul e sudeste Belém e Aurá.

É possível perceber na parte Sudeste do Mapa, a localização da cidade Belém as margens do rio Guamá e da Baía do Guajará. Essa localização se torna importante, pois, é possível visualizar as características de uma metrópole amazônica, no qual o rio e a floresta fazem parte do cotidiano dos grupos sociais que interagem durante os jogos de futebol ou dos festivais esportivos nos seus momentos de lazer urbano, no período que estamos estudando.

A segunda imagem (mapa 07), na página a seguir, nos apresenta a área de Belém do Pará dividida por bairros, como Sacramento, Telégrafo sem Fio, Pedreira, Val-de-cães, Souza, Marco da légua, Marambaia, Canudos, Terra – Firme, Matinha, Umarizal, São Bráz, Guamá, Condor, Cremação, Jurunas, Cidade Velha, Batista Campos, Comércio, Reduto, locais que no geral circulavam os diversos sujeitos da cidade.

No caso da prática futebolística os clubes eram fundados inicialmente na área Cidade Velha, Batista Campos, Nazaré, porém, os jogos começaram a ser praticados em áreas suburbanas como o largo de São Braz, na Praça Floriano Peixoto pelos “*sportmen*” e na própria praça da Batista Campos.

Dessa forma, tínhamos bairros de características populares, como o bairro do Guamá, talvez pela aproximação e vivência declarada dos sujeitos com rios e matas, o bairro acabou tendo essa denominação. E Nazaré considerado um bairro elegante “onde gente fina morava e ostentava”⁴⁷⁸. Tais peculiaridades mostram indícios de influência que existia dessas especificidades de cada bairro e o imaginário dos sujeitos nos clubes de futebol na cidade, tanto nos clubes de *Sportmen*, como os populares.

⁴⁷⁷ TUPIASSÚ, Amílcar Alves. A área metropolitana de Belém. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará-IDESP, Série monografias, 1968. p. 1.

⁴⁷⁸ BOLLE, Willi. Belém, porta de entrada da Amazônia. Op. Cit. p.p. 125-133.

Sobre a circulação de pessoas da cidade em torno do futebol, temos o relato de Edgar de Campos Proença⁴⁷⁹ sobre as práticas futebolísticas⁴⁸⁰, que indicam, como já foi destacado, que os diversos sujeitos circulavam nas áreas como São Braz, que era um bairro considerado suburbano por ter características de transição entre o rural e o urbano, sendo parte da sua área cortada pela Avenida Tito Franco, que no início do “Association” era distante do Centro, mas era um dos locais que os “*Sportmen*” praticavam o futebol.

Outro local que os atletas praticavam futebol era o “largo dos Quartéis”. Neste espaço, que hoje é a atual Praça da Bandeira, ocorriam várias partidas entre clubes e Edgar Proença chamava de “paraíso” dos que começavam a ouvir falar de futebol. Os “*sportmen*” do Recreativa, por exemplo, jogavam todas as noites no Largo de S. José, campo que o próprio Edgar Proença fazia o papel de “bombeiro” apanhando as bolas e devolvendo aos atletas, com um sentimento de orgulho por ter participado.⁴⁸¹

O jornalista continua o seu relato explicando um pouco do cotidiano dos “*Sportmen*” e os jogos promovidos em bairros afastados do centro como São Bráz. Nesse sentido, ocorre um destaque sobre a fundação do Paysandú, que surgiu proveniente do “Time Negra” e do Internacional, fundado pelos *sportmen* Hugo Leão⁴⁸², Edgar Proença e Abelardo Condurú⁴⁸³, na casa deste ultimo, à rua dos Pariquis, no bairro de Batista Campos.

⁴⁷⁹ O *sportman* Edgar Proença acompanhava os intelectuais de sua época. É homenageado por Lindolpho Mesquita, o “Zé Vicente” na obra do ano de 1941 denominada de “Histórias do meu Subúrbio: Chronicas humorísticas. Belém: Revista Veterinária, 1941. p. 2. Assumiu a função de Diretor da Revista *A Semana*, no qual o seu redactor foi Bruno de Menezes. O jornalista Edgar Proença foi considerado um *Sportman*, jogava pelo Brasil Sport e foi um dos fundadores do Paysandú. É citado no livro do Professor Aldrin Figueiredo sobre “Os vândalos do apocalipse.” FIGUEIREDO, Aldrin. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012, p.p. 77-87. O jornalista João Carlos Pereira ao homenagear Edgar Proença o definia assim: “Enquanto cuidava do Rádio Clube, com especial dedicação, o Dr Proença multiplicava suas atividades. Era advogado e político, que atuou no Conselho Municipal como Líder de governo, era jornalista e teatrólogo. Escrevia crônicas e publicava e as publicava nos jornais e revistas e cuidava da encenação das suas peças. Nos Jornais, foi novamente pioneiro. Criou os “Gravetos”, secções publicadas em paginas alternadas, onde inovou a linguagem. Foi ele, por exemplo, que usou a expressão “boneca” para designar as jovens da sociedade. O cronista social que foi assinava como Miracy. O cronista esportivo era Mac Donne.” *Jornal A Província do Pará, 1º caderno*, terça-feira, 04 /02/ 1992, p.12.

⁴⁸⁰ Relato de Edgar Proença sobre o inicio do futebol na cidade de Belém do Pará. *Jornal “O Estado do Pará” 09/04/1944, p.5.*

⁴⁸¹ Idem.

⁴⁸² Hugo de Abreu Leão, *sportman*, fundador do Paysandú. Sócio do São Domingos conforme ficha de sócio do clube do ano. Descrição feita a partir da memória de Edgar Proença sobre a história do futebol paraense. *O Estado do Pará, 09/04/1944.*

⁴⁸³ Abelardo Condurú nasceu em Belém a 17/02/1889. É considerado pelo historiador Carlos Rocque como um sujeito que teve bastante atuação política no Pará. Carreira que teve inicio quando Affonso Penna, candidato a presidência da República visitou Belém e Abelardo Condurú fez um discurso. Depois ingressou no poderoso Partido Republicano Federal levado por Antonio de Souza Castro, Abel Chermont e Cipriano Santos. Durante a República Velha combateu Enéas Martins e Dionisio Ausier Bentes. Participou ativamente da revolução de 1930. Foi nomeado por Magalhães Barata como Intendente de Belém. No ano de 1935 ao lado de Abel

Este fato nos mostra a participação de sujeitos que pertenciam ou circulavam nos bairros suburbanos, mas, moravam nas áreas urbanas “elitizadas”. O que nos leva crer que existia contato entre os sujeitos dos diferentes bairros em torno do futebol. O que depois deu início ao futebol suburbano.

Temos indícios desse contato, entre os diversos grupos sociais, quando Edgar Proença relata um jogo no largo de São Bráz, em 1912, e explica que não havia arquibancadas, apenas uma corda separava a assistência dos jogadores, e sempre tinha um para gritar e avisar que a “multidão” que assistia aos jogos estava invadindo o campo, quase impedindo que o “balão” e os atletas se movessem⁴⁸⁴.

Outra notícia destaca a fundação do Norte brasileiro, clube suburbano, do bairro da Cremação, e que por esse motivo era na visão do cronista, baseado na “idealização” do espaço dos subúrbios: um local popular que se praticava os esportes, dentre eles o futebol. E em comemoração a fundação desse clube da Cremação, em 1924, o clube ia promover uma festa “dansante” para os seus associados na sua “belíssima” sede⁴⁸⁵.

No primeiro relato, a fundação dos clubes, os jogos de futebol na cidade destacavam o bairro de São Bráz, como palco das partidas e ao mesmo tempo a participação de uma “multidão” assistindo os jogos, revelando indícios de circulação de grupos populares nos eventos esportivos.

Essa participação de grupos populares pode explicar a criação de clubes nos bairros suburbanos em Belém, como o Norte Brasileiro, no bairro da Cremação, nos anos de 1920. Este fato nos possibilita enxergar a partir do relato do cronista esportivo um setor da cidade que também praticava futebol, além dos moradores do centro, ligados ao sentimento de ser *sportman*.

Chermont rompeu com Magalhães Barata. No período do Estado Novo foi nomeado novamente como Interventor de Belém pelo Interventor estadual José Malcher. Colaborava como redator no Jornal *O Estado do Pará* e no período que Dionísio Bentes mandou “empastelar” o referido jornal, recebeu apoio do Jornal *Folha do Norte*. Ver: ROCQUE, Carlos. Depoimentos para a história política do Pará. Op. Cit. p.p. 11-13; e 21. No âmbito esportivo foi um dos fundadores do Paysandú juntamente com Edgar Proença e Hugo Leão. Sobre os fundadores do Paysandú ver: DA COSTA, Ferreira. A enciclopédia do futebol paraense. Op. Cit. p.p. 249-250. Era considerado um *sportman*. e teve seu nome ligado alguns torneios de futebol que ocorriam na cidade. Conforme noticiário do Jornal *O Estado do Pará* 12/04/1938. Também foi sócio do São Domingos. Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Abelardo Leão Condurú. Nº 150, 30/05/1923. Arquivo do clube São Domingos.

⁴⁸⁴ Ibidém.

⁴⁸⁵ Comemoração do natalício do Norte Brasileiro, na sua sede social no bairro da cremação. Jornal *O Estado do Pará*, 04/01/1949.

Na imagem do mapa 07, já se percebe os nomes dos bairros e seus limites, muitos desses bairros têm uma “orla” e estão rodeados pelo Rio Guamá ou Baía do Guajará. A cidade toda se caracterizava por ser cortada por igarapés e ter áreas de floresta. Essas características estavam presentes no cotidiano dos seus moradores e eram levadas para os seus momentos de lazer. As experiências de cada indivíduo nos seus bairros populares ajudaram a construir algumas características da própria cultura regional, como praticar futebol através dos festivais. Um exemplo que estava além de um futebol suburbano “imaginado” e mais para um futebol suburbano vivido⁴⁸⁶.

Essas experiências dos sujeitos com o cotidiano dos bairros considerados suburbanos estavam ligadas também a convivência de homens e mulheres com as localidades do interior do Estado e nas ilhas próxima a Belém. Sobre o assunto, Franciane Lacerda destaca em seu trabalho sobre migrantes cearenses no início do século XX, que as fronteiras entre esses dois espaços demonstravam ser aparentemente uma antítese, devido aos moradores da cidade estar espacialmente distantes dos grupos ribeirinhos. No entanto, no cotidiano de Belém, esses dois espaços aparecem imbricados, pois, muitos trabalhadores cearenses que conviviam na extração do látex transitavam através dos portos nos dois lados, isto é, ora nas florestas e outra na cidade.⁴⁸⁷

Nas tabelas que constam neste trabalho ⁴⁸⁸, podemos perceber que dos 280 associados do Clube São Domingos catalogados a partir do livro de sócios no período de 1915 a 1957, 107 sócios moravam e circulavam no bairro do Jurunas; 03 sócios moravam na Ilha das Onças; 01 sócio em Mosqueiro e 01 sócio em Cachoeira do Arari, no arquipélago do Marajó. Esses dados nos apresentam indícios de que essa circulação de pessoas nos clubes também estava ligada aos sujeitos que moravam no interior do Estado ou ilhas próxima a Belém.

Assim, Franciane Lacerda destaca:

(...) se, na Amazônia, as fronteiras entre a cidade e a floresta parecem distantes, espécie de antítese, de negação de uma, para que outra sobreviva, na vida cotidiana,

⁴⁸⁶ Cultura regional formada pelos sujeitos no seu cotidiano de experiências ligadas às matas, rios, tradições indígenas, portuguesas, dentre outras. Não pretendo idealizar a cultura local, mas, pensá-la como experiência cotidiana dos sujeitos. Logicamente que esta vivência dos indivíduos influenciou na construção dos jogos de futebol nos espaços da cidade.

⁴⁸⁷ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência. Op. Cit. p.p.235-237.

⁴⁸⁸ Esses dados constam no Apêndice e Anexo - Análise quantitativa a partir do livro de sócios do São Domingos de 1915-1957. 8 – bairros/localidade/residência(1915-1957).

esses dois mundos aparecerão na virada do século XIX para o XX, em constantes imbricações. Ora, é a economia do látex, extraídos na floresta, que possibilita riquezas para implementação de uma nova estética urbana. Ao lado disso, os trabalhadores dessa floresta, não raro, transitam entre esses dois espaços.(...).⁴⁸⁹

Carmem Izabel Rodrigues nos apresenta no seu trabalho o bairro do Jurunas na contemporaneidade, como um local de identidades construídas e reconstruídas por migrantes ribeirinhos. Isto é, “verificamos que durante todo o ano há uma ampla circulação entre os moradores das ilhas, das beiras dos rios e das pequenas cidades do interior.”⁴⁹⁰ Dessa forma, é possível perceber uma construção histórica dessa cultura dos homens e mulheres dos bairros suburbanos com os sujeitos das localidades do interior. Ambos se relacionavam em torno dos clubes, por exemplo.

Tony da Costa destaca no seu trabalho sobre “a música de subúrbio” que havia uma ligação da capital paraense, na virada do século XIX para o XX, com seus distritos distantes como Benevides, Castanhal, Barcarena, Santa Izabel, hoje todos municípios independentes e que à época faziam parte dos marcos administrativos de Belém.⁴⁹¹ Isto é, havia um contato dos moradores da cidade com essas localidades em algum momento da vida nessa período especificado. Com a presença e a circulação de imigrantes estrangeiros e nordestinos se ampliou os caminhos como a estrada de São Braz, Grande Pedreira, Marco da Légua, sítio da Sacramenta, dentre outros.⁴⁹²

Bruno de Menezes na sua obra “Lua Sonâmbula”(1953) nos apresenta uma imagem da Vila da Barca, que ressalta a proximidade com rios, barcos, pobreza:

(...) Nem ao menos teu nome, para nossa memória, as mareantes guardam, como lendas do mar... “Barca de Manoel Pedro” – assim foste chamada, por aqueles que um dia teu convés pisaram, trazendo gente estranha, de países distantes, transportando riquezas da nossa terra virgem, tripulada por homens decididos, mercantes, aventureiros de todos os mares.

Mas, não era teu destino ficares no abandono: - tinha de te ligar a história de um passado, quando a pobreza tem de construir um teto...

Não havias de acabar os teus dias tristonhos, sem fazeres o bem na tua decadência, servindo de morada aos párias sem trabalho (...)⁴⁹³

⁴⁸⁹ LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: Faces da sobrevivência. Op. Cit. p.p.235-237.

⁴⁹⁰ RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidades e construção de identidades no espaço urbano.op. cit. p. 281.

⁴⁹¹ COSTA, Tony Leão da. “Música de subúrbio:” Cultura popular e música popular na hipermargem de Belém do Pará. Op. Cit. p. 65.

⁴⁹² Idem.

⁴⁹³ MENEZES, Bruno de. Lua Sonâmbula: poemas. Belém: Falângola, 1953. IN: MENEZES, Bruno de. Obras Completas de Bruno de Menezes. Belém: Secult / Conselho Estadual de Cultura, 1993.

O contexto da criação da obra literária de Bruno de Menezes sobre a Vila da Barca nos apresenta uma imagem dos grupos sociais que ocupavam o local. Um fato importante para tentarmos perceber a experiência de vida dos sujeitos que moravam em determinados bairros de Belém e como cosntruíam suas atividades de lazer no seu espaço. Também é possível perceber a construção da história de vida do autor e a sua experiência com o cotidiano dos rios e matas alicerçados no bairro que o mesmo nasceu. Daí a importância de analisarmos esses fragmentos da sua obra, pois, o autor circulou nos meios elitizados e no âmbito suburbano. Assim como, toda a sua família que teve em seu irmão Tibúrcio de Menezes, um dos dirigentes, atletas, importante do Clube São Domingos, no bairro do Jurunas⁴⁹⁴.

Um dos locais que podemos perceber esse contato dos sujeitos dos subúrbios com os sujeitos do interior são os portos que existiam na cidade. Os portos eram espaços de grande circulação de pessoas, principalmente nos bairros considerados populares e suburbanos. Abaixo, temos a imagem do Porto do Sal localizado no bairro da cidade Velha no início do século XX.

⁴⁹⁴ Segundo Theodorico Rodrigues o irmão de Bruno de Menezes já nasceu predestinado a se transformar no maior soldado dominguense de todos os tempos. Foi na nossa concepção o legendário Tibúrcio Menezes, nascido no dia 14 de Abril 1903. “Aprendeu desde cedo a amar o clube” Quando adolescente que buscava como muitos outros de sua idade “um lugar ao sol”. Foi um peladeiro que se impunha em plena adolescência mostrando excepcionais qualidades técnicas. Tibúrcio tinha vaga garantida nos times e no clube São Domingos. RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000) op. Cit. p. 16-17.

Imagem 21: Porto do sal, bairro da Cidade Velha em Belém. Ano de 1916.



■ O Porto do Sal, uma área ainda não urbanizada, em fotografia de 1916. Até hoje, apresenta intensa movimentação de embarcações, partindo e chegando dos mais diferentes pontos da região. (VCM)

Fonte: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. p. 64.

Essa imagem fotográfica do Porto do Sal, nos mostra uma área com uma estrutura física marcada pelo mato e circulação de embarcações. Parte do cotidiano dos moradores da capital que vivenciavam os costumes de localidades do interior através do contato nos portos e embarcações.

Na verdade, as pessoas ficavam circulando nos portos entre a cidade e localidades ribeirinhas. Situação que mostra a urbe muito próxima da vivência das embarcações e do cotidiano do rio e da floresta conforme Franciane Lacerda afirma na sua obra sobre os migrantes cearenses na região do Pará.⁴⁹⁵ Esse indício levantado pela autora nos ajuda a entender como funcionava o cotidiano das pessoas nos bairros, e também sua relação com as sedes dos clubes nas festas e nos festivais. Um cotidiano que influenciava no lazer dos sujeitos.

Tony da Costa também ressalta que em Belém havia uma relação e continuidade entre o campo e a cidade:

⁴⁹⁵ COSTA, Tony Leão da. “Música de subúrbio:” Cultura popular e música popular na hipermargem de Belém do Pará. Op. Cit. p. 65..

(...) O igarapé das almas era um desses espaços que ligavam a cidade ao rio. Ele desaguava na baía do Guajará e de lá corria para as ilhas e outras cidades ribeirinhas da região Guajarina, da região do Marajó e outras mais distantes. Era a porta de entrada na capital para muitos “caboclos” que não tinha nem roupa, nem calçados. Estes eram, por sua vez, pessoas que viviam um eterno vai-e-vem, de Belém para o interior do estado e deste para capital, “rio abaixo, rio acima”. Em suas canoas, vinham o peixe, as frutas e outros tantos produtos extraídos da floresta para abastecer a cidade(...) (...) O igarapé das almas é, assim, uma das ligações da cidade com o rio, com o campo, com as inúmeras cidades pequenas e médias do interior do estado e com sua população cabocla(...) ⁴⁹⁶

A seguir temos o Mapa 07, construído por Amílcar Tupiassú no ano de 1960, que mostra os limites dos bairros de Belém. No desenho do Mapa 07, percebe-se que as características territoriais da cidade não mudaram, quando comparamos com os mapas dos clubes.

⁴⁹⁶ Idem. p. 67. O autor usa os argumentos de Louis Wirth no sentido de que não ocorre uma simples oposição entre o rural e urbano, mas uma continuidade, uma relação. Tony da Costa Ressalta que este é um elemento fundamental para se entender as cidades amazônicas. Ver: WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: Velho, Gilberto Guilherme(org). *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1979. p. 92. O autor também trabalhou com a ideia de Robert Redfield para destacar o fenômeno do “continuo folk urbano” que significa existe um intercâmbio cultural entre o campo e a cidade, e as continuidades de elementos da cultura do campo que permanecem na cidade. Ver: REDFIELD, Robert. *Civilização e cultura do folk: estudo de variações culturais em Yucatan*. São Paulo: Martins e Fontes, 1949. Para o nosso trabalho essa ideia de continuidade e uma relação entre o campo e a cidade considero importante para a construção desse trabalho sobre os clubes de subúrbio. Primeiramente, devido existir uma proximidade com uma cultura das cidades ribeirinhas. Por fim, por que a própria construção dos clubes do subúrbio também está pautada numa relação e uma continuidade com os clubes elitizados, e vive-versa.

Mapa 07 : Mapa da cidade de Belém e os limites de cada bairro nos anos de 1960.



Fonte: TUPIASSÚ, Amílcar Alves. A área metropolitana de Belém. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará-IDESP, Série monografias, 1968. Anexos.

Um detalhe relevante é que ao mostrarmos esses mapas da cidade e sua área central e o setor considerado suburbano, podemos imaginar os vários espaços da urbe focalizados por nossa análise dos clubes e seus bairros. No qual, a noção de “subúrbio-clubes esportivos”, nos possibilita compreender o sentido da vida, trabalho e lazer dos sócios. É claro que um ponto de vista a partir do esporte.

Dessa forma, a expressão “subúrbio” passa a ser importante para refletirmos sobre a ideia estigmatizada e construída a partir dos anos de 1960 como uma região sub urbanizada,

carente, despossuída de valor para a sociedade, confundindo-se algumas vezes, as condições de desenvolvimento social do bairro com falta de construção cultural dos seus sujeitos. Fato que não é verdadeiro.

Essa ideia generalizada sobre a expressão “subúrbio” é contestável, pois, ao levantarmos fontes sobre o cotidiano de clubes esportivos nessas áreas da cidade, é possível perceber que a dinâmica social está pautada na forma como as pessoas vivenciam o cotidiano do bairro e as práticas futebolísticas, no qual a experiência dos sujeitos é a mola propulsora.

Segundo a Dona Maria de Nazaré Cavalcante Mamede⁴⁹⁷, numa entrevista informal comigo, quando buscávamos pelas fontes documentais no Clube São Domingos, no dia 17 de setembro de 2014, a mesma ressaltou que época da entrevista estava com 71 anos, era filha de Tibúrcio de Menezes, um dos dirigentes do “Clube dominguense”. Quando perguntei sobre os clubes suburbanos, a entrevistada afirmou que quando ela era criança, os jogadores de outros times de bairro iam disputar jogos de futebol e participar das festas com o Clube São Domingos.⁴⁹⁸ A mesma destacou entre os clubes, o Oratório, clube do bairro do Jurunas, que rivalizava muito com o São Domingos. Segundo ela o Oratório só servia para “atazanar” o São Domingos.

Quanto aos outros clubes que participavam dos festivais esportivos existia o Norte – Brasileiro que os “dominguenses” frequentavam sua sede na Cremação e vice-versa. Isto é, existia um lazer que intergiam clubes dos bairros próprios. Assim como nos jogos de futebol ela, a sua mãe e seu pai Tibúrcio frequentavam o campo do Liberto da Batista Campos⁴⁹⁹.

É perceptível na fala de Dona Maria de Belém, (como gosto de chamá-la), que existia uma vida esportiva e “festeira” nos subúrbios. Como destaquei anteriormente as pessoas vivenciavam um cotidiano de lazer ligado aos seus clubes, com rivalidades e divertimento. Tais características ora se relacionavam com os clubes elitizados, ora estavam ligadas as vivências dos bairros populares. Isto é, o bairro possuía uma dinâmica própria.

Nesse sentido, é possível refletir sobre os clubes e as áreas suburbanas ou centrais na cidade se utilizando da ideia dos historiadores Márcio Oliveira e Nelson Fernandes, que

⁴⁹⁷ Dona Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos, professora aposentada, ex-atleta do São Domingos, filha do Sr Tibúrcio de Menezes Dona Idália de Menezes, a dona “mocinha”, sobrinha do famoso literato modernista Bruno de Menezes, membro de uma família que participava ativamente das práticas esportivas na cidade, principalmente as ligadas ao Clube esportivo São Domingos do bairro do Jurunas. Atualmente é membro da diretoria do clube em tela. Entrevista pelo mim, Prof. Itamar Rogério Pereira Gaudêncio com Dona Maria de Belém Cavalcante Mamede, no dia 17/09/2014.

⁴⁹⁸ Idem.

⁴⁹⁹ Ibidem.

estudaram sobre as vilas operárias na cidade do Rio de Janeiro, idealizadas e parcialmente construídas no governo de Marechal Hermes, durante os anos de 1910-1914, no qual, apesar dessas vilas possuírem uma imagem subalternizada, esse espaço suburbano carioca é também um lugar de experiências diferenciadas e inovadoras.⁵⁰⁰

É necessariamente essa ideia de Márcio Oliveira e Nelson Fernandes que uso para afirmar o bairro e o clube como o lugar de experiência e não de dependência das áreas centrais da cidade. Esse pensamento busco trazer para análise das nossas fontes. No caso, o depoimento de Dona Maria de Belém nos apresenta indícios da memória sobre o lazer dos clubes de subúrbio. Nesse caso, é possível perceber o contato entre os moradores, os sujeitos que circulavam no bairro e nas sedes dos clubes. Esse contato corrobora com os noticiários jornalísticos dos anos que o futebol suburbano se fortaleceu mais, a partir do período de 1920, 30 e 40.

Márcio Oliveira & Nelson Fernandes construíram uma análise de um subúrbio carioca chamado Marechal Hermes a partir de estudos mais amplos sobre a evolução urbana do Rio de Janeiro que abrigou ao longo desses 150 anos de urbanização diversos projetos, experiências e espaços, originais e mesmo paradigmáticos para outras cidades.⁵⁰¹

Na verdade, os autores estudam a produção do espaço urbano moderno no subúrbio carioca por intermédio da produção de espaços de instituições, práticas inovadoras, tanto hegemônicas quanto populares que ali se desenvolveram⁵⁰². No caso de Belém, essa análise dos autores nos ajuda a pensar nos clubes de bairro, em Belém, nessa primeira metade do século XX, como locais de trocas de experiências do bairro, entre os bairros e até ligado aos clubes que à época eram considerados elitizados. Como já falei, é possível perceber uma dinâmica esportiva que mobiliza os subúrbios sem depender dos clubes elitizados ou mesmo das disputas entre o *Re x Pa*.

Essa ligação das pessoas com os jogos de futebol na cidade pode ser percebida no fragmento da obra de Dalcídio Jurandir denominada “Os Habitantes”:

(...) Zuzu bolava no caldo da piramutaba. Uma vertigem de ir até a quase desnuda e beijar-lhe possível o pé poeirento, trazê-la, sim, cobrir desta vez, sim, o seu ombro com o necessário manto. Ou arrebatá-la da D. Brasileira os penhoares que ali têm

⁵⁰⁰ FERNANDES, Nelson da Nóbrega & OLIVEIRA, Marcio Piñon(orgs). 150 anos de Subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EDUFF, 2010. p. 11.

⁵⁰¹ Idem. p. 57

⁵⁰² Ibidem. p 57.

dúzias, aquela esgalga crioula de régio penteado, escancarando os seus roupões de Caiena e Iquitos e todo aquele enxoval ilícito e secreto, corsária de sôtão e moringa, o pente de Paramaribo e o dela entre os acetinados, renda, pucarinha, frascos de perfume, fantasia de Rainha de Sabá espalhada no soalho, violão na penteadeira, defronte a Virgem Maria dá mama ao Menino, a cegonha da folhinha, as caixas de baralho, a dama de paus, a súbita boneca de cabelo cacheado adormecida ao pé do urinol de louça, o escudo do Clube do Remo coberto de serpentinas, os suspensórios do taberneiro, o irrigador, a pomada contra espinha, a folha de mucuracá para dor de cabeça.(...) ⁵⁰³

No fragmento da obra acima, escrita por Dalcídio Jurandir, temos indícios de pessoas que vivenciaram as práticas futebolísticas no seu dia-a-dia. Nesse caso, é destacado no relato o escudo do Clube do Remo no meio dos objetos pessoais de Dona Brasileira. Esse fato nos leva a pensar como as pessoas estavam envolvidas com os clubes considerados elitizados e como ocorria o processo de popularização destas agremiações na cidade. Por outro lado, não somente os clubes das áreas consideradas “elegantes” ganhavam fama junto as camadas populares, abaixo, temos outro relato escrito por Dalcídio Jurandir que destaca a ligação dos sujeitos com o Clube São Domingos do bairro do Jurunas:

(...) Magá falava por experiência? Aqui pegada, trazida de sua esquina do tacacá na São Jerônimo onde é dona, moradeira velha da Ruy Barbosa em que passa o bonde, com o retrato do falecido, mestre funileiro, na parede e no estandarte, e aqui na Mundurucus servindo a São Francisco das Chagas, a um pecador do Jurunas, seu travesseiro de orelha? Aqui no fisgo? De quem? Só por amizade à comadre Quelé? Ou por um não-te-digo-o-nome do Jurunas, unção da estiva, do boi-bumbá ou da diretoria do São Domingos Futebol Clube? Atrás do jirau, lá atrás, cachimbava um senhor afastado, só de banda, no só te espio, era ele?(...) ⁵⁰⁴

É possível observar na fonte acima, a visão do subúrbio belenense e a experiência cotidiana dos seus habitantes, a partir do olhar de Dalcídio Jurandir. Este relatava elementos como tacacá, o clube São Domingos, o boi-bumbá, práticas que se relacionavam a diversão como componentes do universo das camadas populares de Belém.

Também é importante enfatizarmos que Dalcídio Jurandir escreveu as obras citadas, no contexto dos anos de 1960 a 1970. A imagem que o autor tinha dos espaços suburbanos da cidade estava influenciada no momento que escrevia as suas obras, quando

⁵⁰³ JURANDIR, Dalcídio. *Os Habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976. p.160

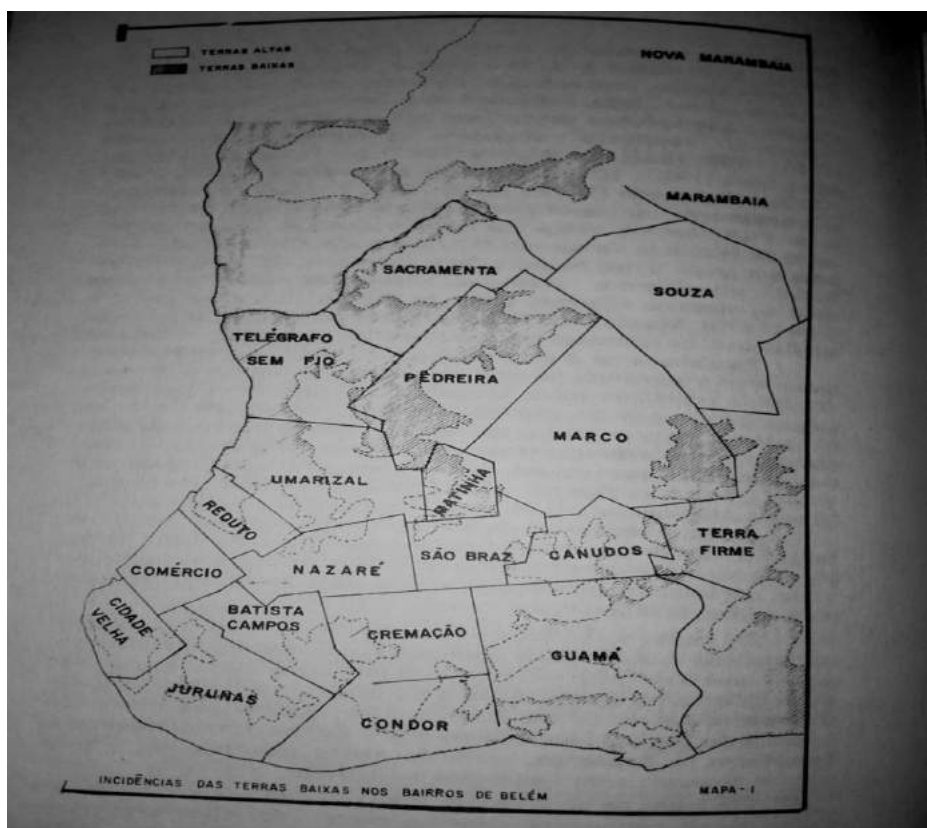
⁵⁰⁴ _____ *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976. p. 34.

vivia fora de Belém. No entanto, os personagens e as características da cidade se baseavam na sua experiência de vida em Belém dos anos de 1920. Isto é, as obras de Dalcídio Jurandir se baseavam na sua memória do cotidiano da cidade quando ainda era um jovem.

No mapa 08, a seguir, Napoleão Figueiredo destaca a divisão de bairros da cidade, onde é possível comparar com os mapas anteriores. O interessante é a localização enfatizada pelo autor das “baixadas” de Belém, que são as áreas mais escuras. E as áreas mais claras são áreas mais altas sem alagamentos. Nesse sentido, clubes como: o Sacramento, Uberabinha, Santa Cruz, dos bairros da Sacramento, Telégrafo sem fio e Pedreira, respectivamente possuíam experiência baseada no cotidiano dos sujeitos junto às áreas alagadas.

Como é possível visualizar no mapa abaixo (Mapa 08). Essa localização dos bairros suburbanos provavelmente influenciava no cotidiano dos clubes esportivos que vivenciavam um período anterior ao ano de 1979, contexto que foi publicado o referido mapa, e nos jogos pelos campeonatos ou festivais futebolísticos na cidade.

Mapa 08 – Mapa da cidade de Belém nos anos de 1970. A parte clara são as áreas mais altas da cidade e as escuras as mais baixas, onde ocorriam os alagamentos.



Fonte: FIGUEIREDO, Napoleão. Rezadores, pajés e pujanças. Belém: BOITEMPO, UFPA, 1ª EDIÇÃO, 1979. p. 8.

O mapeamento da cidade feito por Tupiassú, nos anos de 1960, (destacados nas imagens 06 e 07) e o Mapa 08, que foi retirado do livro de Napoleão Figueiredo⁵⁰⁵, nos mostra uma linha de estudo parecida com o trabalho de Antônio Rocha Penteado sobre o crescimento urbano da cidade de Belém, no ano de 1968.

Neles percebe-se que a urbe belenense estava dividida em bairros que estavam ligados ao centro da cidade, no qual, muitos conviviam sem uma estrutura urbana adequada, que Penteado chamava de “periferia”, áreas da “zona sul”, por exemplo, como Condor, Jurunas, parte da cidade velha, parte do Reduto, Telégrafo Sem Fio, Sacramento e Matinha, que no tempo das águas e oscilações da maré fluvial eram atingidos por alagamentos e inundações. Como é o caso da Matinha que se situa junto à cabeceira dos altos formadores do Igarapé do Galo e não muito longe do centro da aglomeração da cidade⁵⁰⁶.

Antonio Rocha Penteado montou um quadro estatístico do período de 1950 a 1960, no qual estuda a evolução da cidade a partir da densidade demográfica de cada bairro e de toda capital. Dessa forma, Belém se dividia em área central, onde ficava o bairro do comercio; bairros periféricos ao Centro, onde se destacam os bairros da cidade Velha e Reduto; Zona Sul, onde se destacam os bairros Batista Campos, Jurunas, Cremação, Condor e Guamá; Zona Leste, onde se destacam os bairros Nazaré, S. Braz, Canudos e Terra-firme; Zona Norte, onde se localizam os bairros do Umarizal, Matinha, Telégrafo Sem Fio, Sacramento, Pedreira, Marco, Sousa e Marambaia⁵⁰⁷. Esse quadro nos possibilita perceber qual a localização de cada bairro e por consequência onde se localizavam cada clube futebolístico na capital paraense.

Ao estudar a cidade, Penteado caracterizava os bairros periféricos de Belém como ambientes em que prevalecia a falta de estrutura urbana, com uma ligação maior com as características com o que restou da floresta amazônica que rodeava a cidade, isto é, rios, falta de pavimentação, igapós, casas construídas sobre pontes. Para ele, os subúrbios tinham uma outra característica ligada ao ambiente rural, um local constituído de “rocinhas”, “vivendas” que dependiam diretamente da presença quase contínua das pessoas que moravam na cidade de Belém. Esses espaços geralmente estavam ligados aos grupos de uma elite econômica e

⁵⁰⁵FIGUEIREDO, Napoleão. Rezadores, pajés e pujanças. Belém: BOITEMPO, UFPA, 1ª EDIÇÃO, 1979. p. 8.

⁵⁰⁶PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Op. Cit. p. 62.

⁵⁰⁷ Idem, p. 293.

intelectual que ia descansar e buscava o lazer. Dentre os locais podemos citar Mosqueiro, Vila do Pinheiro, Val-de-Cães e Ananindeua⁵⁰⁸.

A participação de clubes desses bairros em torneios, festivais e amistosos com clubes considerados “grandes”, provocava a imprensa esportiva a dar maior destaque para essas práticas futebolísticas. Um destaque aos clubes de bairros com o adjetivo clubes suburbano, a partir dos anos de 1920⁵⁰⁹. Um dos motivos possíveis esteja talvez ligado ao futebol de bairro e sua relação com o lazer dos finais de semana. Um lazer ligado ao amadorismo dos jogadores, juízes, estrutura dos campos de futebol e pela idealização construída pela imprensa, no sentido dos seus jogadores, à princípio não terem uma ligação com o profissionalismo ou o amadorismo “*Sportmem*” do futebol. Um detalhe que supostamente os fazia jogar por “amor a camisa” representando seu bairro.

O interessante é que subúrbio era o termo usado pelos jornais para designar a área da cidade que o clube participava dos torneios, também locais onde se localizava a sua sede social, seu campo de futebol. Porém, possivelmente estava mais relacionado ao modo de vida dos moradores que cada local estabelecia com a realidade do que propriamente a ideia de periferia, que é um termo bem peculiar da análise de Antônio Rocha Penteado e o contexto da escrita do seu trabalho. O autor tendia a usar periferia com o sentido do que hoje chamaríamos de “baixada”.

Sobre o cotidiano dos subúrbios em Belém, Dalcídio Jurandir destaca na sua obra “Passagem dos Inocentes” a sua descrição sobre esses espaços na cidade:

(...) Era cruzar a Gentil, lá pra baixo, sem calçamento, sem bonde nem placa, escurecendo de palhoça e vela, Dois de Dezembro, voltava o nome velho. Naqueles lados onde andava, Alfredo pegou a Santa Casa, desembocou no largo da Santa Luzia. Dois de Dezembro era chão do Umarizal, dando ares para Curuçá, esta rua que Alfredo nunca ouviu dizer. Umarizal muito falado, Por ali, pelos tempos de

⁵⁰⁸ Vale a pena destacar que essas áreas consideradas suburbanas para o Antonio Rocha Penteado estavam muito ligadas as atividades clubísticas e de lazer. Neste seu trabalho o autor diferencia por sua formação o significado de subúrbio e periferia. Nitidamente a periferia se transformava no local explorado e sem melhorias com dependência do centro. Ibidem, p.p. 362-363.

⁵⁰⁹ As fontes que foram catalogadas da revista *A Semana* (1919-1929) mostram que as expressões “subúrbio, nos subúrbios ou campeonato suburbano” aparecem no ano de 1923, durante um festival organizado pelos cronistas esportivos que chamaram além do Paysandú, um clube considerado elegante, o São Domingos do Jurunas e o IBÉRICO, que tem possibilidades de ter pertencido ao bairro do Jurunas. Porém, essa ideia não é fechada, pois, pode ser que as expressões destacadas tenham aparecido antes de 1923 e não tenhamos a fonte. Por isso, é que afirmamos pelas fontes da Revista *A Semana* que as expressões em destaque apareceram em 1923. Revista *A Semana*, 29/12/1923.

“boi” e “pássaro”, quando vinha buscar o seu montepio, d. Rosália Saraiva, mãe de Lucíola, arrastava o seu chinelinho.(...) Por fim entram na Curuçá, caindo um chuvisco de asneira, luz nenhuma na rua, o caminho encharcava. A uma brusca entrada de rua, Leônidas parou: — Aqui, aqui se entra.— Aqui? Mas isso aí dentro? Alfredo, de olhar inteiro no alfaiate. Este, surpreendido, não entendia, tinha saído tão contente da conversa. lavando a alma por encontrar um amigo que não via há tantos anos, ah, como lhe fazia bem, rever pessoas, reabrir velhos assuntos, era um mudar de casca...— Como é? Não entra? Muito escuro? Não tem receio, vais comigo. — Não, não, não é medo. Mas tem de passar por aí para chegar lá? — Lá onde? — Lá, ora... — Na Cecé? Na Celeste? Mas é por aqui, é aí dentro. — O que que é aí dentro, tem de passar?(...)⁵¹⁰

A obra “Passagem dos inocentes” escrita por Dalcídio Jurandir destaca as características da cidade parecidas com a descrita por Antonio Rocha Penteado sobre os bairros periféricos. Dalcídio Jurandir enfatizou as ruas que enxarcavam e falta de energia elétrica na passagem Curuçá como situações que faziam parte da rotina das pessoas que moravam naquele local. O autor nos mostra uma escrita ligada aos anos de 1960, período que escreveu a obra, e junta a esse fator as suas lembranças dos momentos que viveu na capital paraense, nos anos de 1920.

A descrição da rua sem bonde, placa, moradias sem energia elétrica, palhoças a luz de vela e ruas sem calçamento faziam parte do cotidiano dos moradores desses espaços da cidade. Essa descrição feita por Dalcídio Jurandir caracterizava a parte mais baixa da avenida Gentil Bittencourt, o bairro do Umarizal, a travessa Curuçá. Nesses locais, possivelmente, as atividades de lazer eram influenciadas pelo dia-a-dia dos seus moradores. As chuvas que enxarcavam as ruas que não eram pavimentadas e falta de iluminação pertenciam ao cotidiano esportivo dos moradores que viviam nessas áreas em Belém.

O bairro do Umarizal de acordo com o levantamento feito do número de clubes durante a pesquisa ficou com 16 clubes no período de 1896-1952. O clube Onze Paraenses já existia desde 1918, assim como outros clubes⁵¹¹. Ou seja, esse bairro suburbano nesse período tinha um cotidiano de lazer ligado aos clubes esportivos e seus times de futebol. O que significa dizer que o futebol praticado nesses locais possuía influência da vivência dos moradores do bairro e da ligação com os outros bairros considerados elegantes ou não. Conforme o fragmento do texto abaixo:

⁵¹⁰ JURANDIR, Dalcídio. Passagem dos Inocentes. Belém: Falangola, 1984.p.p. 71-79.

⁵¹¹ Conferir no anexo I desse trabalho. Tabela sobre a quantidade de clubes por bairro.

(...)Encontraram-se numa espécie de largo, a mangueirona pesando de escuro e chuva, uma trave de futebol, e logo a Passagem se estreitou, buracos, valas, capinzal, foram na ponta dos pés cozendo-se pelas paredes das bibocas para evitar o encharcado. Leônidas segurou-lhe o braço.(...)⁵¹²

O autor ressalta a descrição dessa passagem em Belém com buracos, valas, áreas encharcadas e ressalta uma trave de futebol o que nos mostra um indicio do cotidiano de lazer daquele bairro e como funcionava os jogos nos subúrbios.

Assim, como Amilcar Tupiassú que escreveu sobre a região metropolitana de Belém nos anos de 1960, Penteado especificava que a situação mudava de figura quando os sujeitos circulavam do centro para periferia, pois, isto proporcionava um inevitável caminhar em zonas alagadas, capinzais, população pobre e ruas não urbanizadas.⁵¹³ Como descreve Dalcídio Jurandir ao falar do seu personagem Alfredo andando na passagem nas áreas suburbanas:

(...)Alfredo tentava desviar-se da lama. O pau, na vala, com o seu único dente, embora já lá atrás, a modo que o seguia aqui na frente, o dente rindo. As palhoças penduravam seus beijos de palha por onde escorriam os gatos miando. E chovendo em cheio em cima dos viajantes os carapanãs num zinido, em grosso, disparavam de todos os lados. Na alumiação do outro poste, bem ao pé, um fio d'água fazia viagem, rodeando um envelope meio enterrado que Alfredo, por súbito interesse, se abanando contra os carapanãs, se abaixou, lendo o sobrescrito: Para a gentil senhorita Maria da Glória Amanajás. Passagem MacDonald, 18, Cidade de Belém.(...)⁵¹⁴

Dalcídio Jurandir destaca também as características das ruas e dos jogos nos campos de subúrbio:

(...)Alfredo seguiu-o, o campinho já cheio de torcedores. além das janelinhas, portas, batentes, mochos, espreguiçadeiras em torno do campinho.(...) Pulando nos galhos da mangueira, meio do campo, penduravam-se os guris que assoviavam, soltavam curicas, baleavam de baladeira, acertaram um filho de manga nas costas do Cara-Longe que se voltou, gritou no francês dele, o folhame escondia os apedrejadores. Subiam o mastrinho as duas bandeiras rivais. Jogariam uniformizados? Também de bicancas ? E a bola, nova-nova da Saltão?(...) As duas traves, sem um cal, coitadas. Também em volta chegavam as senhoras moscas, lá no alto um papagaio muito alto; ligeiro um outro, que nem gavião, cortou o rival, foi uma algazarra na mangueira, a meninada atrás do papagaio caindo; caiu nas palhas do carvoeiro, este com a vara

⁵¹² JURANDIR, Dalcídio. Passagem dos Inocentes. Op. Cit. p. 80.

⁵¹³ TUPIASSÚ, Amilcar Alves. A área metropolitana de Belém. Op. cit. p.p. 49-51.

⁵¹⁴ JURANDIR, Dalcídio. Passagem dos Inocentes. Op. Cit. p. 80.

barrou os invasores; cutucou o papagaio no palhal, era grande, duas cores, um rabo raro: então apanhou, disse: só entrego ao próprio dono. O jogo ia começar. Perto, um velho, o corpo dobrado, riscava o chão com a ponta da taboca e dizia: aqui já foi o mastro de São Sebastião, palanque de festa de São Francisco das Chagas.(...) Agora era só bola, bola, bola, a invenção de bola no meio das casas, só estava era a competência dos que consideravam apropriado o terreno para um divertimento daquele, tão bruto, que o inglês trouxe, além do mais a mangueira no meio.(..)⁵¹⁵

Um dos pontos mais interessantes destacados por Dalcídio Jurandir é o campo de jogo improvisado, uma árvore de mangueira no meio do campo. Os torcedores sentados ao redor, crianças brincando de empinar papagaio. As moscas que entravam no campo. Todas essas características desse jogo nos levam a perceber que esses campeonatos possuíam uma construção cultural baseada nesse ambiente que se diferenciava do que se pregava nas regras do *football*.

Esses locais alagados aparecem nas descrições feitas por Dalcídio Jurandir ou nos estudos de Antonio Rocha Penteado sobre a capital paraense. Uma realidade urbana que nos ajuda compreender o significado da palavra “baixada” em Belém.

Saint-Clair Trindade Jr, destaca na sua obra sobre a produção e o uso do espaço urbano em Belém, construída em 1993, a partir de fontes que destacam o recorte histórico dos anos de 1950-1970, que as baixadas são áreas da cidade que estão ligadas a uma imagem de segregação espacial, uso residencial, voltados para a população de baixa renda.⁵¹⁶ Nesse sentido, seu estudo busca entender essas características das “baixadas” a partir do uso da terra na área do “Igarapé das almas” e Reduto.

O objetivo de Saint-Clair Trindade Jr é analisar a dinâmica de ocupação do espaço urbano que revela uma tendência de diversificação do uso e de apropriação do solo nesses locais. Isto é, para além das questões da segregação espacial dos moradores dessas áreas, há também o destaque para produção material dessas pessoas que gradativamente passavam a produzir um novo conteúdo social.⁵¹⁷ Como na descrição do jogo de futebol na obra de Dalcídio Jurandir, no qual, foi destacado o improviso e a dinâmica diferenciada da prática do jogo, que estava ligada a lama, a brincadeira das crianças ao empinarem as pipas e a diversão das mulheres que foram assistir a partida. Uma construção cultural e social que interagiu com

⁵¹⁵ Idem. p.p. 223-227.

⁵¹⁶ TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Produção e uso do espaço urbano em Belém: NAEA, 1997. p. 1-2.

⁵¹⁷ Idem.

a cidade, porém, não era a mesma situação da prática de lazer em outros espaços da cidade, como no Sport Club⁵¹⁸, por exemplo.

Na verdade, “as baixadas” não eram locais “estanques” culturalmente, pois, vários significados foram produzidos pelos seus sujeitos ao longo dos anos e claro que o termo foi muito mais utilizado como análise da ocupação do espaço urbano da cidade e a segregação dos sujeitos, a partir do recorte histórico estabelecido por Saint- Clair Trindade JR (1954-1970) que também foi estudado por outros autores como Penteado e Tupiassú.

Para o nosso trabalho, a ideia de Saint Clair Trindade é importante devido a possibilidade de entender como foi construído o cotidiano do bairro da Pedreira, por exemplo, a partir dessas características do espaço ocupado pelos sujeitos ao longo dos anos na cidade de Belém, quais as pessoas que circulavam no bairro e como ocorria a prática futebolística.

O contexto histórico levantado pelos três autores nos possibilita de maneira análoga a compreender os espaços da cidade na primeira metade do século XX e os indícios do futebol praticado nos clubes chamados pelos cronistas esportivos de suburbanos.

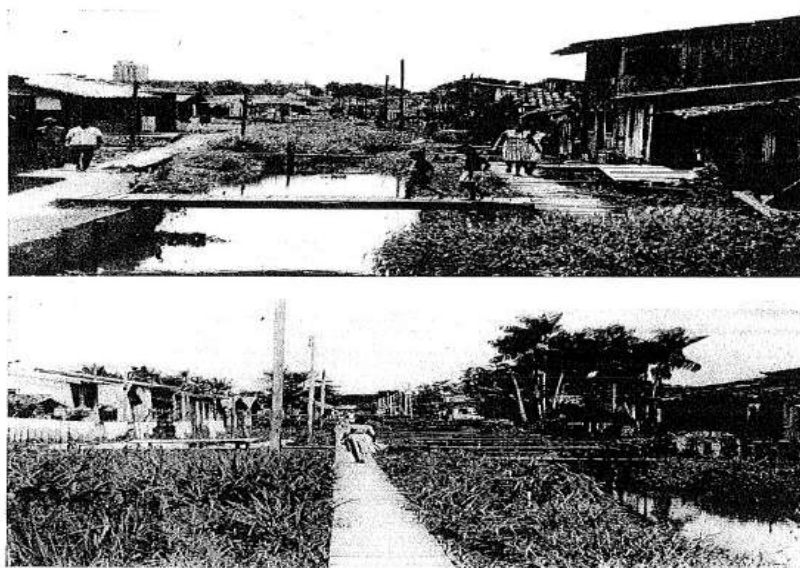
Para nosso entendimento da prática do futebol suburbano na cidade é importante saber que os “subúrbios futebolísticos”, idealizados pela imprensa, possuíam muitas vezes um conteúdo real, marcado como diria Saint-Clair Cordeiro Jr por 40% da área da cidade alagada ou sujeita a alagamento.

Na imagem abaixo, temos os locais que as pessoas moravam no bairro da Matinha, sendo possível perceber parte da descrição feita por Tupiassú sobre essa diferença entre “o caminhar” no centro e os bairros que ele chama de periféricos em Belém. Nesse sentido, temos ideia de um espaço na cidade onde possivelmente ocorriam praticas de lazer e participação de membros dos clubes suburbanos.

Em todo o caso, o termo subúrbio está mais próximo do nosso estudo por ser uma palavra bastante utilizada nos jornais e que vão aparecer bastante nas fontes que estão dentro do contexto histórico estudado.

⁵¹⁸ Clube esportivo do bairro de Nazaré. Já destacado ao longo do trabalho. Ver: Anexo 1, clubes esportivos por bairro.

Imagem 22 - Imagem de trecho de ruas no bairro da Matinha nos anos de 1960.



Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 341.

A imagem acima nos mostra a construção de ideia de periferia trabalhada por Antonio Rocha Penteado para entender as diferenças dos bairros. No entanto, os jornais do período não usavam o termo “periferia” e sim “subúrbio” para designar os locais que alguns times de futebol construíam a dinâmica do lazer e as disputas nos festivais esportivos. certa forma não se trabalhava nos noticiários esportivos com o objetivo de mostrar uma realidade de dificuldade, mas de um local de práticas esportivas que estavam ligadas as características regionais e populares.

Os estudos de Penteado e Tupiassú sobre a cidade de Belém e seus bairros foram produzidos no contexto dos anos de 1960. A utilização de detalhes da cidade e sua ocupação presente nas obras dos autores citados para construção das “imagens” do cotidiano suburbano presente nesse estudo se explica pela escassez de fontes dos grupos sociais mais pobres, e por que as características da paisagem dos bairros, as formas de moradia dos grupos sociais analisados estão próximas do nosso recorte histórico (1920-1952).

Por certo, as características físicas dos bairros populares influenciavam no cotidiano desses clubes considerados suburbanos. Assim, como os clubes retratados pela imprensa como suburbanos e que pertenciam a áreas consideradas nobre da cidade, possuíam outra dinâmica. Isto é, o ambiente do bairro influenciava de maneira diferente no cotidiano

das pessoas e do seu clube. Um exemplo dessa proximidade entre clubes de bairros “elegantes” e os populares foi o Liberto Sport Club que se localizava na Batista Campos, e possuía até “estádio”, onde os clubes disputavam os festivais e os campeonatos suburbanos⁵¹⁹.

Essa classificação do Liberto como clube suburbano pela imprensa esportiva, mesmo pertencendo a um bairro considerado elegante, nos leva a crer, que não se tratava simplesmente de espaço físico, mas, como já foi dito, de uma idealização de um subúrbio que passava, principalmente, por quem escrevia sobre o futebol local, e uma espécie de “mito” de origem dos jogadores considerados melhores no Brasil, que se fortalece nos anos de 1930.

Essa relação entre subúrbio e futebol a partir dos anos de 1920 se torna muito próxima, e nos leva ao pensamento formulado por José Lopes, que na sua análise sobre a relação entre classe, cor e etnicidade na formação do futebol brasileiro, explica que as “provações” enfrentadas pelos jogadores brasileiros antes da copa de 2002, e que culminou com o capitão Cafú levantando a taça e mostrando a sua camisa com um emblemático “100% Jardim Irene”, lembra os bairros pobres dos jogadores e a ideia de um futebol suburbano construído historicamente como “vencedor de barreiras”. Pois, é fato que silenciosamente as classes populares puderam contribuir para sua elevação social relativa e ao mesmo tempo fornecer um domínio importante de identidade nacional, invertendo os estereótipos racistas e etnocêntricos dos setores da elite do país⁵²⁰.

Esse pensamento de José Sérgio Leite Lopes sobre a participação de sujeitos suburbanos pobres que buscavam ascensão social, no caso de Belém, se evidencia não somente pelo discurso da imprensa, mas quando se via o local dos clubes na cidade e a origem de alguns jogadores de futebol oriundos do subúrbio.

Nesse sentido, o texto abaixo apresenta essa origem dos jogadores ligados aos clubes suburbanos e aos clubes mais elitizados como o Paysandú:

(...) Hélio Costa. Centroavante nasceu em Belém, dia 05.12.1919. jogou no juvenil do Itaité, do bairro da Pedreira. Em 1939 tornou-se um dos fundadores do Santa

⁵¹⁹ Liberto Sport Club. O clube do bairro da Batista Campos considerado suburbano, tinha seu estádio localizado na rua caripunas esquina com a Apinagés. Quadro de clubes localizados os bairros, anexo I, bairro Batista campos. DA COSTA, Ferreira. A enciclopédia do futebol paraense. Belém: editora cabano, 2000, p.312.

⁵²⁰ LOPES, José Sergio Leite. “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro.” Op. Cit. p.p. 123-125; 156.

Cruz (Pedreira, Belém-Pa) Nessa época, já jogava nos juvenis do Paysandú. Saiu para se dedicar ao Santa Cruz. (...) ⁵²¹

Portanto, o futebol suburbano não é algo fechado, mas, com possibilidades de interpretação, que ora designarão áreas da cidade com clubes pobres e pouca estrutura, ora designarão um amadorismo que mostrava a busca por uma “essência” do futebol de Belém, seus sujeitos e formas de lazer. Essas situações que não descartam a vivência dos sujeitos que tinham que conviver nos seus bairros populares com uma Belém diferente do Centro que muitas vezes tinha características rurais e que nos finais de semana tinham contato com outros grupos sociais mais abastados durante o seu lazer.

Assim, o bairro e o seu cotidiano estavam também envolvidos com a prática futebolística, principalmente os festivais que mostram indícios de como ocorria a ocupação dos bairros na capital paraense e a forma como sujeitos se relacionavam a partir dos clubes de futebol que faziam o dia-a-dia do campeonato suburbano.

Conforme podemos perceber na notícia do jornal *O Estado do Pará*, Caderno *Vida Esportiva*, sábado dia 20 de agosto de 1938:

(...) O festival do Santa Cruz – O Santa Cruz Esporte Clube, promoverá no próximo domingo, 11 de setembro, no campo do Santo Amaro, e com os concurso do São Domingos, Santo Amaro, Piratas, Imperial, São Pedro e Guarany, pelo que reina grande animação no seio da família esportiva suburbana.(...) ⁵²²

Nesse caso, o subúrbio é marcado pela ideia de disputa esportiva entre os clubes de vários bairros. Conforme a descrição da fonte acima, o festival do Santa Cruz, clube esportivo do bairro da Pedreira ⁵²³, levaria para o campo do Santo Amaro, no bairro da cidade Velha ⁵²⁴, o São Domingos, o Imperial, ambos do Jurunas ⁵²⁵, além de outros clubes. Nesse subúrbio e seus campos esportivos reinava a animação no âmbito dos festivais. O significado do subúrbio para a crônica estava alicerçado no lazer dos sujeitos e seus ambientes populares.

⁵²¹ DA COSTA, Ferreira. Papão: 90 anos de paixão e glórias. Belém: 2004. P. 165.

⁵²² Jornal *O Estado do Pará*, caderno *Vida Esportiva* 20/08/1938.

⁵²³ Ver anexo , Clubes por bairro. Clubes do bairro da Pedreira.

⁵²⁴ Ver anexo, Clubes por bairro. Clubes do bairro da Cidade Velha.

⁵²⁵ Ver anexo, Clubes por bairro. Clubes do bairro do Jurunas.

Sobre essa discussão do significado atribuído pelos cronistas esportivos paraenses ao espaço da cidade considerado suburbano e a visão social desses espaços e seus sujeitos, a obra de Nelson Fernandes nos fornece uma importante colaboração ao problematizar a categoria subúrbio na cidade do Rio de Janeiro⁵²⁶.

O autor identifica “subúrbio” como uma expressão carioca que a partir do início do século XX é interpretada pelos grupos sociais mais abastados, baseados nos ideais de modernidade, sob uma visão estereotipada desses espaços e seus sujeitos.

Dessa forma, ao considerarmos a obra “O Rapto Ideológico da Categoria Subúrbio”, temos uma visão da cidade do Rio de Janeiro e um estudo das mudanças bruscas que ocorreram nas relações sociais, econômicas e urbanas para atender interesses políticos e ideológicos das elites cariocas. Esta perspectiva de Nelson Fernandes nos ajuda a entender as mudanças sobre os conceitos, os sentidos mais originais e essenciais sobre o subúrbio carioca.

Este trabalho reflete sobre a transformação da categoria espacial subúrbio nos discursos sobre o espaço da cidade. Pois, investiga os processos e as motivações que levaram a mudança de significado dessa categoria espacial. O autor segue a ideia de verificar a extensão da especificidade da categoria subúrbio entre nós, e uma proposição da existência de um conceito carioca de subúrbio.⁵²⁷

Essa argumentação de Nelson Fernandes corrobora com o pensamento de José de Souza Martins e sua obra sobre a noção de subúrbio, na cidade de São Paulo, durante o século XVIII e XIX.⁵²⁸

Nesta visão, a ideia de subúrbio era totalmente diferenciada daquela do início do século XX. O subúrbio não possuía um caráter de dependência do centro até a construção dessa ideia de civilização e modernidade na cidade. Foi a partir dos ideólogos da modernidade que passou-se a criar uma imagem de subúrbio como local da “falta” se comparado com a cidade e sua modernização. O que obviamente favoreceu ao descrédito dado pelos políticos aos moradores dessas áreas afastadas da modernização que ocorria no caso da cidade de São Paulo. O que para José de Souza Martins significa o esquecimento de toda uma construção de experiências históricas que se estabeleciam na relação entre o subúrbio e a cidade. No qual, a

⁵²⁶ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011. pp. 15-16.

⁵²⁷ Idem.

⁵²⁸ MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2002. p.p. 9-19.

imagem do subúrbio estava relacionada ao local de descanso, lazer e sociabilidade, inclusive das elites.

José de Souza Martins estabelece sua crítica a essa ideia de que o subúrbio está posto para nós como local da reprodução e não como lugar de produção, como lugar do cotidiano, não da história.

“(...) até aqui a história de São Paulo tem sido escrita do centro para a periferia: a perspectiva elitista do centro domina a concepção que se tem do que foi o subúrbio no passado. Mesmo quando se estuda a história da classe operária, que sempre viveu nos bairros e no subúrbio, prevalece essa orientação fora do contexto. Essa perspectiva vem da tradição colonial e absolutista e mostra, entre nós, que ela não se emancipou da rígida hierarquia que centralizava no rei e seus funcionários não só um modo de viver, mas também, um modo de olhar, inclusive um modo de ver a história.(...)”⁵²⁹

Dessa forma, o autor ratifica que o subúrbio é o lugar para morar e trabalhar, o espaço do vivido e da memória fragmentada que cimenta as contradições aparentes. Seu trabalho favorece o entendimento dos pequenos grupos e sua memória oculta, que se revela deformando e omitindo e ao mesmo tempo valoriza uma memória que os homens passam a ser sujeitos e não somente agentes do trabalho, peças de máquinas, instrumentos de produção, isto é, passam a ser sujeitos de suas ideias, transformando o pequeno fato em acontecimento e no seu desencontro com a história afirmam sua própria história.

Antônio Penteado nos mostra que no seu estudo sobre o espaço urbano de Belém do Pará⁵³⁰, a concepção de periferia já era corrente, apesar dos jornais até os anos de 1970 destacarem a palavra subúrbio para designar as áreas de alguns clubes de futebol que participavam de torneios e campeonatos que não eram o campeonato paraense Oficial. Elas não necessariamente estavam longe ou perto do centro. Talvez a ideia de suburbano na crônica esportiva estivesse ligada à prática amadora do futebol.

É relevante destacar que possivelmente o termo suburbano apresentado pela imprensa esportiva como adjetivo de clubes de bairros que não eram centrais, tinha relação com o local das sedes dessas agremiações, que às vezes se situavam longe do centro, como os

⁵²⁹ Idem. p. 9.

⁵³⁰ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana.op. Cit. p. 341.

distritos de Icoaraci e Mosqueiro, ou como os outros bairros mais próximos ao centro mais urbanizado, como o Jurunas. Mas que no geral, a imprensa no seu noticiário esportivo, destacava quais eram os clubes que estariam “evoluindo” para o futebol dos “clubes grandes”⁵³¹.

No entanto, os cronistas esportivos não ressaltavam as dificuldades financeiras dos clubes suburbanos, os locais dos jogos, as características desses bairros onde se localizavam as suas sedes, de maneira depreciativa. Tais problemas de estrutura dos bairros somente apareceram quando foram cruzadas as fontes de noticiários esportivos e cadernos com notícias de polícia, por exemplo, com notícias de apelação ao poder público pedindo circulação de bondes para determinado bairro, como podemos perceber na descrição da fonte abaixo:

O POVO RECLAMA

BONDE PARA O TAMOYOS – A 28 de janeiro recém-findo, numerosos moradores da tamoyos e cercanias, animados da melhor esperança, enviaram ao Sr Prefeito Municipal longo abaixo assignado, pleiteando para aquelle populoso bairro o serviço de bondes da Pará Electrica.

Os postulantes, que se reconfessam admiradores do governador da cidade, agora se dirigem á FOLHA VESPERTINA, pedindo-nos lembremos ao Sr Abelardo Condurú despacho favorável ao seu pedido. Lembram que a providencia se impõe, urgente, pois, as famílias residentes naquele trecho urbano se oppõem a que os respectivos chefes viagem em omnibus, apavorados com o sinistro hontem verificado e com os desastres anteriores. Aliás fartos e todos lastimáveis.⁵³²

O pedido de bonde para a área da Rua Tamoyos, no bairro do Jurunas, nos proporciona o entendimento sobre parte do cotidiano dos setores populares que nos permitem visualizar um espaço para além do “subúrbio idealizado” do cronista esportivo. Nessa perspectiva é possível perceber as dificuldades de uma “cidade real”, um subúrbio vivenciado pelos sujeitos com problemas com o transporte de “omnibus” e o questionamento da população ao poder público. Apesar de a fonte destacar o conflito com o “moderno”, na verdade, o povo não queria os ônibus, por considerarem o transporte novo para época como

⁵³¹ O noticiário esportivo destaca o clube Boqueirão que segundo os cronistas esportivos acaba de passar para a classe dos clubes que praticam futebol com os pés calçados. Essa reportagem tenta mostrar que clubes como o boqueirão que foram considerados suburbanos estavam em evolução. Jornal “O Estado do Pará”, *caderno Vida Esportiva*, 09/01/1938.

⁵³² Jornal *Folha Vespertina*, 12/02/1941 – 2ª página.

inseguro. O que interessante dessa fonte é que caracteriza bairros que estão nessa área e cercanias, como “populoso” e o que as “famílias” reivindicavam se justificava pelo medo do sinistro que ocorreu com o ônibus.

A declaração de admiração do povo sobre “o governador da cidade”, o Sr Prefeito Abelardo Condurú, mesmo com a reclamação sobre a entrada dos ônibus, no bairro do Jurunas, como transporte público considerado inseguro, nos leva a pensar no contexto dessa notícia, o chamado Estado Novo. O que talvez explique toda essa “admiração” dos moradores da Tamoyos para com o chefe político municipal.

O regime político denominado de Estado Novo se estabeleceu no Brasil, Segundo o historiador Borís Fausto, a partir de novembro de 1937, por meio de um golpe que transformou Getúlio Vargas de Presidente da República em Ditador-Presidente. Os seus ideólogos estavam sendo impulsionados a diferenciarem os regimes totalitários dos regimes autoritários. Especificavam que a nação brasileira não daria certo com partido único, um dos pilares do totalitarismo. No entanto, precisaria de um Presidente único trabalhando pelo país.⁵³³

Maria Celina de D’Araujo destaca que o Estado Novo no Brasil foi a expressão clara da fusão entre líder e nação. Getúlio Vargas simbolizava o poder do Estado e a nacionalidade. Era o chefe de Estado e da nação. O partido era o presidente. Foi um regime que usava o poder do Estado para suprimir outras formas de poder. “Calavam” o conflito silenciando a pluralidade social.⁵³⁴

No Pará, a marca desse período, segundo Carlos Rocque, foi a disputa política acirrada entre os chamados “baratistas”⁵³⁵, aliados de Magalhães Barata⁵³⁶, e “abelistas”⁵³⁷ os

⁵³³ FAUSTO, Bóris. O pensamento nacionalista autoritário: 1920-1940. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2001. p.p. 10-11.

⁵³⁴ D’ARAUJO, Maria Celina. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2000. p.p. 12-13.

⁵³⁵ Segundo Carlos Rocque foram os aliados do interventor estadual Magalhães Barata que se tornou ícone local do populismo. ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. Op. Cit. p.p. 162-165.

⁵³⁶ Joaquim de Magalhães Cardoso Barata, militar, político, nasceu no dia 02 de junho de 1888, no distrito de Val-de-Cans, em Belém do Pará, em uma pequena olaria situada as margens da baía do Guajará. Era filho do Major Antonio Marcelino Cardoso Barata e de Dona Gabrina Magalhães Barata. Batizado onze anos depois, teve como padrinho Lauro Nina Sodré, que viria a ser su opositor no futuro. Faleceu em Belém no dia 29 de maio de 1959, no exercício do governo do Estado do Pará. Ingressou no Exército em 1903. Em 1917, casou-se com dona Georgina Duarte de Oliveira. No dia 12 de novembro de 1930 assumiu o cargo de Interventor Federal no Estado do Pará. Três dias após a posse foi promovido a Capitão e no dia 15 de agosto do ano seguinte foi promovido a Major. Inaugurou a política de aproximação com as pessoas do subúrbio. Enfrentou o antagonismo das elites adversárias locais. PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Castro, Ribamar (org.). Belém: Imprensa Oficial, 2011. Segundo o historiador Carlos Rocque na história republicana no Pará tivemos dois ciclos distintos mais coincidentes em um ponto: o extremismo das paixões partidárias, na violência

políticos liderados por Abel e Mario Chermont que formavam a Frente Única Paraense, presidida por Samuel Mac Dowell. Essa disputa política foi marcada por momentos de aliança e depois por mortos e feridos na disputa para eleição do Governador do Estado e dois Senadores Federais no ano de 1934⁵³⁸.

Toda a campanha eleitoral em 1934 foi considerada violenta. O partido da Frente única colocou o nome do veterano Lauro Sodré para ser eleito governador, este já com 77 anos. E na eleição para governador sete deputados romperam com Magalhães Barata e isso dava uma vantagem para Frente Única eleger seu candidato. O motivo principal foi uma ciumeira entre “baratistas” e “abelistas”. Os dissidentes de Barata, dentre eles Abelardo Condurú, resolveram apoiar Mario Chermont para governador fato que gerou o tiroteio e a intervenção de Vargas apoiando a eleição indireta para governador de José Carneiro da Gama Malcher que governou de 1935 a 1943, um período de quase oito anos. Justamente o momento que se estabeleceu o Estado Novo no Brasil⁵³⁹.

Voltando ao cotidiano dos bairros de Belém nos anos 1940, a historiadora Edilza Fontes destaca que às relações entre os variados sujeitos estavam pautadas na existência de bairros periféricos em Belém como o Reduto, bairro de concentração operária, covões de São Braz, Cremação, Matinha, Canudos, Pedreira que não tinham água potável e saneamento das áreas alagadiças. As moradias eram compostas de casas de madeira, cobertas de palha, erguidas sob estacas, ruas escuras, sistemas de transportes deficientes e sem conservação.⁵⁴⁰

Por isso, Edilza Fontes apresentou o termo periferia como sinônimo da situação de falta de estrutura dos bairros com relação ao centro, cujos moradores com melhor poder aquisitivo conviviam com os resquícios da modernização da cidade que tinha ocorrido no início do século XX, nas áreas consideradas pela imprensa como “nobres” nos anos de 1940.⁵⁴¹

das lutas desencadeadas entre as facções antagônicas os ciclos de Antonio Lemos e Magalhães Barata. O ciclo de Barata foi o mais longo, pois, começou em 1930 e terminou em outubro de 1965, quando Castelo Branco extinguiu os partidos políticos. Isto é, persistiu após a morte de Barata. E mesmo assim, para o autor a vitória de Jader Barbalho no pleito para governador do Estado em 1982 teve conotações “Baratistas”. ROCQUE, Carlos. A formação revolucionária do Tenente Barata. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, 1983. p.p. 5-6.

⁵³⁷ Segundo Carlos Rocque Aliança política liderada pelo Deputado Estadual Abel Chermont e seus aliados políticos. ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. op. cit. p.p. 162-165.

⁵³⁸ Ibidem,

⁵³⁹ Idem, ibidem.

⁵⁴⁰ FONTES, Edilza. Sindicalismo e movimento operário em Belém: 1945-1947. IN: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*. Belém: UFPA, 1980, p.p. 92-94.

⁵⁴¹ Idem.

A ideia da autora possibilita o entendimento do contexto histórico do período em que estamos estudando o futebol suburbano em Belém e de como parte da cidade tinha um cotidiano baseado nas dificuldades diárias dos moradores nos seus respectivos bairros.

Essa situação nos leva a crer que existiam “vários subúrbios” e que possivelmente nos noticiários esportivos a imprensa passava a imagem de um subúrbio e a sua prática futebolística diferente dos noticiários em que a população reclamava da falta de apoio do poder público. Como exemplo, os bairros de São Braz e o Marco, que tinham uma realidade diferenciada dos subúrbios da Pedreira, Jurunas, Sacramento e Umarizal, por exemplo. Principalmente por estes últimos serem considerados pela imprensa esportiva como bairros tipicamente populares.

Estas dificuldades das áreas suburbanas vistas por Edilza Fontes corroboram as ideias de Franciane Lacerda atestadas no seu trabalho sobre migrantes cearenses em Belém do Pará, desde a primeira década do século XX.⁵⁴²

A autora destaca à época da aparição do “ermitão de cacaulinho”⁵⁴³ a área conhecida como Marco da Légua, área do Sousa à Bandeira Branca, o ramal do Utinga e da travessa Lomas Valentinas, Pedreira, Canudos e Jurunas eram consideradas insalubres e focos de impaludismo. Como também os igarapés da Pedreira, Engenho, São Joaquim, Jary, Utinga e Tucunduba tinham sido obstruídos e se transformados em verdadeiros pântanos. Essa situação que se agravava com as chuvas que alagavam as ruas dessas regiões da cidade.⁵⁴⁴ Estas características estavam articuladas aos jogos de futebol suburbano e festas que ocorriam nos clubes nessas áreas da cidade.

Sobre os bairros de Belém, a cidade possuía até 1960, Segundo os dados levantados por Antônio Rocha Penteado, a maior população da região amazônica, em torno de 359 mil habitantes. Juntando com Ananindeua, Mosqueiro, Icoaraci, Val-de- Cães essa população ultrapassava a quantidade de 420 mil habitantes.⁵⁴⁵ De acordo com o autor os bairros da cidade por ordem da população absoluta: Marco, Umarizal, Telégrafo sem Fio, Jurunas, Pedreira, Guamá, Sacramento, Canudos, S, Braz, Sousa, Nazaré, Cremação, Condor,

⁵⁴² LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência. (1889-1916). Op. Cit. p.p. 243-247.

⁵⁴³ O ermitão do cacaulinho, segundo O jornal *Folha do Norte* do dia 26 de setembro de 1910, era um homem barbudo, cabelos e unhas crescidas morava “numa miserável choça de um metro e quarenta de altura e outro de comprimento nos subúrbios. Que demonstrava um mistério da origem de um migrante de aparência que espantava as pessoas. Idem. p.p. 238-239.

⁵⁴⁴ Ibidem. p.p. 243-247.

⁵⁴⁵ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Op.cit. p. 207-208.

Batista Campos, Matinha, Cidade Velha, Comércio, Marambaia, Reduto, Terra-firme. No ano de 1920, a população era em torno de 236 mil habitantes, em 1940 ficou em torno de 208 mil habitantes.⁵⁴⁶

A cidade de Belém nos anos de 1920 estava em decadência em termos populacionais e nos anos de 1940 começou a ter um crescimento populacional impulsionado por dois motivos: primeiro pela 2ª fase da economia da borracha, no contexto dos chamados “soldados da borracha” que foram recrutados também com o auxílio dos norte-americanos.⁵⁴⁷ Segundo, a onda migratória das populações interioranas que no início dos anos de 1950 foram morar nos bairros “suburbanos” ou chamados atualmente de “periferia”⁵⁴⁸.

Nesse contexto, a onda migratória de nordestinos e das populações do interior no processo de ocupação urbana das áreas de “baixadas” e consideradas suburbanas pela imprensa esportiva, é possível visualizar, a partir das fontes sobre clubes suburbanos, indícios desse aumento populacional a partir dos anos de 1940.

Nesse momento houve um aumento da população no período citado e “coincidentemente” a quantidade clubes de futebol catalogados se somarmos os dois períodos, 1921 a 1952⁵⁴⁹ que contabilizou um total de 245 clubes. Uma quantidade que ficou acima do dobro, se compararmos ao período anterior de 1896-1920 que contabilizou 62 clubes.⁵⁵⁰ No entanto, cabe considerar que no período de 1921-1941 que contabilizou 195 clubes⁵⁵¹, o número de clubes na cidade aumentou consideravelmente justamente num momento que ocorria um decréscimo populacional. O que nos mostra indícios de um deslocamento da população para ocupar outras áreas da cidade, como o subúrbio ou nos aponta para uma circulação de pessoas nessas áreas nos finais de semana de lazer.

Esse dado numérico nos permite entender que a partir dos anos de 1920, o futebol estava se consolidando no âmbito dos bairros populares com a participação de clubes como Triumpho Sport Club, localizado no bairro da Pedreira, fundado em 24 de fevereiro de 1926,

⁵⁴⁶Idem.

⁵⁴⁷ FILHO, Armando Alves; (et al). Pontos de História da Amazônia Volume II. Belém: Paka-tatu, 2ª edição, 2000.

⁵⁴⁸ COSTA, Antonio Mauricio Dias da; GOMES, Elielton Benedito Castro. Op.cit. p.p. 206-207.

⁵⁴⁹ Quadro CONSTANTE NO apêndice e anexo desse trabalho.

⁵⁵⁰ Idem.

⁵⁵¹ Ibidem.

por exemplo, que participava de festivais em outros bairros da cidade, fortalecendo a prática do futebol nesses espaços.⁵⁵²

Assim, podemos pensar o contexto da fundação Triumpho Sport Club, clube considerado suburbano de Belém do Pará, como possibilidade de entender não simplesmente o ano destacado no ofício ao São Domingos, mas uma possível relação entre a memória dos sujeitos que construíram o cotidiano do lazer no bairro da Pedreira e suas probabilidades de interpretação a partir do cruzamento de outras fontes de jornais, estatutos dos clubes no âmbito do recorte histórico proposto inicialmente. Isto é, temos como conhecer parte do cotidiano de um clube de futebol suburbano que estava localizado numa área de concentração de pessoas menos abastadas com uma relação mais próxima com as características amazônicas de rios, capoeiras e florestas, como afirma Penteado em sua obra que discute a cidade nos anos de 1960.⁵⁵³

Essa peculiaridade do espaço da urbe belenense é retratado no trabalho de Conceição de Almeida sobre os sujeitos e as águas na cidade belenense durante o século XIX. Neste período, o “pensar histórico” da autora ocorre a partir de sua memória das dificuldades vivenciadas quanto ao abastecimento de água na cidade de Belém ao longo dos anos de 1960 e 1970.⁵⁵⁴ Esse contexto nos leva a imaginar sobre o cotidiano de uma cidade nas áreas consideradas suburbanas, principalmente no que se refere à prática futebolística e ao lazer nos clubes esportivos de bairros na urbe belenense. Pois, as dificuldades cotidianas desses sujeitos no que se refere a falta de conforto, estrutura urbana estava relacionada ao cotidiano dos jogos de seus clubes de futebol nos festivais que eram bastante populares na cidade.

Sobre essa investigação histórica do cotidiano dos clubes suburbanos da cidade numa realidade amazônica é possível utilizar as ideias de Nelson Fernandes⁵⁵⁵ sobre o conceito carioca de subúrbio. O autor destaca os subúrbios cariocas como espaços da cidade que não tinham significado de local de falta de cultura. Porém, paulatinamente esses espaços foram desprestigiados socialmente pelo poder público que privilegiava uma modernização da

⁵⁵² Of. s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935- aceite do convite de festival do São Domingos que ocorreu no mesmo ano.

⁵⁵³ As áreas suburbanas em Belém segundo Penteado eram chamadas de periferias, os bairros mais próximos do centro, nestes locais a capoeira substituíra a mata de terra firme a partir da área da TITO FRANCO (via de ligação da cidade com o interior) até o centro da cidade. PENTEADO, Antônio Rocha, op. Cit. 1968. P.83.

⁵⁵⁴ ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. As águas e a cidade do Pará: uma leitura histórica sobre as águas e a cidade de Belém no século XIX. In: BELTRÃO, Jane Felipe & VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano(orgs). *Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Belém: EDUFPA, 2008. p.49.

⁵⁵⁵ FERNANDES, Nelson da Nóbrega. O rapto ideológico da categoria subúrbio. op. Cit. p.p. 15 -16.

cidade. Essa construção histórica fez as elites da cidade do Rio de Janeiro construírem uma imagem depreciativa com relação à classe trabalhadora, moradora dos subúrbios, desmoralizando-a ao longo da primeira metade do século XX. No qual, o termo subúrbio foi considerado como sinônimo de termo depreciativo aos sujeitos.

Para o autor o subúrbio também é o lugar da produção da convivência, fator que nos ajuda a pensar os bairros de Belém, independentemente dos setores sociais, como locais de construção de símbolos, valores, lazer e encontros de pessoas que vivenciaram o futebol suburbano em Belém nos anos da primeira metade do século XX. Nesse sentido, apesar das dificuldades “do viver” dos sujeitos nos bairros considerados suburbanos, tal cotidiano não significava falta de construção dos significados atribuídos às práticas esportivas nos seus respectivos clubes.

Nessa busca pelo entendimento do subúrbio na capital paraense a partir do ponto de vista do futebol suburbano e seus sujeitos, as ideias de Bezerra Neto⁵⁵⁶ sobre o uso dos verbetes e o seu significado em um determinado contexto histórico pode ser bastante útil. Apesar de ser um trabalho que tentar analisar a palavra “tráfico” a partir dos dicionários publicados no século XIX e início do século XX, seu estudo nos possibilita interpretar o significado de outras palavras, como subúrbio, por exemplo, no espaço belenense.

Para este autor, é possível visualizar as mudanças conceituais dos verbetes ao longo do processo histórico que culminou com o fim do trabalho escravo no Brasil. Por exemplo, em relação ao que é tráfico ou traficância, o que é traficar ou ser traficante para além da sua instrumentalização política, é possível mostrar as mudanças na maneira da sociedade do período estudado pensar o significado do comércio de escravos. Este significado indicava uma mudança da opinião pública brasileira e internacional sobre esse tipo de tráfico, que antes no período colonial era visto como lícito e legal e já no século XIX era visto como ato criminoso.⁵⁵⁷

Se compararmos com a ideia que os cronistas esportivos tinham sobre subúrbio teremos uma construção histórica que explica o significado deste vocábulo a partir de um

⁵⁵⁶ Este autor escreve sobre as questões da escravidão negra no Pará sendo uma das referências no assunto. Num dos seus trabalhos ocorre a discussão sobre as modificações do significado da palavra tráfico, principalmente a partir do final do século XIX e a relação com o significado de escravidão, sendo tal análise construída a partir dos dicionários do período. Essa ideia do autor é interessante para pensarmos sobre o significado de subúrbio colocada na imprensa pelos cronistas esportivos e a diferença de se conviver nesses locais da capital paraense. BEZERRA NETO, José Maia. Uma história do tráfico em verbetes: etimologia e história conceitual do tráfico a partir dos dicionários. In: Revista de estudos amazônicos, PPHIST. Belém, Editora Açaí, 2009. P. 99-111.

⁵⁵⁷.Idem.

ponto de vista idealizado e não de como era o subúrbio realmente. Pois, o cotidiano deste local da cidade estava relacionado com as práticas culturais dos variados sujeitos que residiam ou circulavam nessas áreas.

Assim, a imagem descrita pelos cronistas estava baseada no seu juízo de valor que afetava o significado do vocábulo subúrbio e influenciava os leitores dos jornais a partir de visões particularizadas. Demonstrava-se assim que esse significado foi construído socialmente no decorrer dos anos afetando a forma da opinião pública visualizar e conceber ideias sobre esta área da cidade chamada subúrbio.

Ao trabalharmos sobre o significado de determinados conceitos e interpretações de textos dos jornais, por exemplo, Chartier nos explica que para analisar a relação de textos da “*littérature de colportage*” e o mundo social das sociedades do antigo regime são necessários dois tipos complementares de procedimentos. No primeiro, inverte-se o sentido de causalidade, no qual, a cultura popular é vista como um repertório de modelos de comportamento, um conjunto de representações que são normas imitáveis ou imitadas. O segundo focaliza a pluralidade e a mobilidade das significações que públicos diferentes atribuem ao mesmo texto.

Dessa forma, o autor enfatiza que o que importa é uma história social das formas pelas quais as diferentes comunidades de leitores que sucessivamente se apoderam desses textos os usam e compreendem. Sendo preciso, assim, reconhecer uma tensão importante entre as intenções explícitas ou implícitas, que levam a propor um texto a leitores numerosos e as formas de recepção desse mesmo texto.⁵⁵⁸ Portanto, é necessário entendermos que cada texto escrito nos jornais sobre o futebol suburbano destaca-se o olhar de quem o escreve, o lugar de onde determinado autor escreve e a maneira que o próprio leitor recebe essas informações.

Tomando por base esse pensamento de Chartier, a análise histórica nos leva a formular perguntas sobre o lugar da cidade que o cronista coloca como suburbano ? Quais as diferenças entre o futebol praticado no subúrbio e dos clubes principais do campeonato paraense de futebol na época? Quais são os sujeitos que praticam futebol no subúrbio? Quais os variados significados dados às notícias do futebol suburbano? Dentre outros questionamentos, que podem nos levar a evidências de um cotidiano da cidade “perdido” ante as explicações de outros grupos sociais que vivenciavam esses espaços mais centrais da urbe

⁵⁵⁸ CHARTIER, Roger, “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v-8, nº 16, 1995, p. 186-187.

belenense e tinha uma imagem do espaço suburbano da cidade, que no geral aparecem mais destacados nos jornais da época.

A busca por respostas a essas perguntas nos leva a investigar sobre o desenvolvimento dos esportes como algo ligado não somente aos chamados clubes tradicionais da cidade, mas, como próprios de uma relação de construção dos variados grupos sociais que vão ressignificando símbolos e tradições de acordo com o espaço de suas práticas culturais que estão relacionadas com seu tempo livre.

Dentro dessa perspectiva percebemos que existe uma relação entre as práticas futebolísticas suburbanas, as atividades de lazer e a forma da escrita jornalística, no sentido de colocar em evidência as práticas consideradas suburbanas, que passam um determinado significado para os diversos leitores, tanto para os que escutam, tanto para os que lêem .

Nessa linha de análise, Parker considera lazer como tempo livre de trabalho e outras obrigações caracterizadas por um sentimento de relativa liberdade, no qual, como em outros aspectos da vida, o lazer é uma experiência individual, um atributo do grupo ou de outra atividade social ⁵⁵⁹.

(...) um dos problemas básicos em qualquer sub área é definir seus limites, e isto é, se torna especialmente importante com relação a um conceito tão ambíguo quanto lazer, mas a maior parte destas definições inclui_ separada ou integralmente _ as dimensões de tempo e atividade. O lazer é tempo livre de trabalho e de outras obrigações, e também engloba atividades que se caracterizam por um sentimento de (relativa) liberdade. Como sucede com outros aspectos da vida da estrutura social, o lazer é uma experiência do indivíduo, um atributo do grupo ou de outra atividade social, e possui organizações e instituições relevantes que procuram atender as necessidades de lazer, reconciliar interesses conflitantes e implementar as políticas sociais.(...)⁵⁶⁰

É nesse sentido, que a afirmação de Franco Junior sobre à prática futebolística desperta dupla reação, no qual, uma delas é ligada ao lúdico, onde os homens adultos praticam futebol desviando-se das questões sociais e produtivas. E por outro lado, existe uma parcela da população mundial que atribui uma grande importância a prática futebolística na sua vida. Porém, afirma o autor, a contradição está nos significados atribuídos por cada pessoa

⁵⁵⁹ PARKER, Stanley. A sociologia do lazer. Op. Cit. 1976. p.10.

⁵⁶⁰ Idem.

as práticas lúdicas, que em geral se relacionam as questões ideológicas, sociais, culturais, religiosas e psicológicas.⁵⁶¹

Assim, é possível entender as práticas culturais ligadas ao futebol e ao espaço que ele é praticado, pois, seguindo a linha de análise de Franco Junior, o futebol surgido na Inglaterra foi típico representante daquela cultura até pelo menos 1912. Por isso, é importante destacar como existiu a ligação do seu quadro geográfico de aparecimento e seu quadro histórico típico de um contexto da chamada revolução industrial, pois, tanto esta, como o futebol são fenômenos, que para o autor são baseados em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados e fixação de regras, estas ligadas ao chamado processo civilizador que definiriam as regras do jogo social, restringindo comportamentos, controlando os interesses individuais em nome do bem comum.⁵⁶²

A cidade de Belém no final do século XIX e início do XX tem devido aos “ares da modernidade” a fundação de clubes esportivos que faziam parte do cotidiano do lazer dos “*Sportmen*” que demonstravam a sua ligação com os conceitos de civilização nas disputas futebolísticas ou práticas como remo, water polo, dentre outras. Isto é, a fundação de clubes nesse período está ligada ao simbolismo de fazer atividades que lembrem o padrão europeu vida.

Um dos clubes fundados como parte do contexto do discurso de civilização foi o Sport Club do Pará, um clube que participava ativamente das práticas esportivas e possivelmente deu início as relações de sociabilidade e lazer por parte das elites locais em clubes esportivos.

Segundo o seu estatuto, o Sport Club do Pará foi fundado em 29 de setembro de 1896, sendo que o seu estatuto foi feito pela primeira vez na data de 19 de agosto de 1918. Sua finalidade estava voltada para o desenvolvimento da “prática de educação física” entre os seus associados e o cultivo dos desportos de maneira geral, prática comum entre outros clubes das elites econômicas e intelectuais belenenses, que dentre outras características ressaltava que o número de sócios seria ilimitado sem distinção de nacionalidade, opinião política ou religiosa⁵⁶³.

⁵⁶¹ FRANCO JUNIOR. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. Op. Cit. p.14.

⁵⁶² Idem, p.p. 23-25.

⁵⁶³ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: Sport Club do Pará, 1927, cx 02, Doc 50. CMA/UFPA.

É possível perceber nas imagens a seguir um pouco das características de bairros como o Jurunas, nos anos de 1940, período que possivelmente o fluxo de pessoas aumentou no bairro, devido a segunda leva de migrantes nordestinos que se destinavam para Amazônia, como mão-de-obra nas atividades nos seringais durante a segunda Guerra Mundial, os chamados “soldados da borracha”.

A maioria das sessenta mil pessoas que chegaram a Amazônia, entre os anos de 1942 a 1945, segundo Patricia Sampaio, tinha origem cearense, que esperavam dentre as promessas do governo, ter apoio aos seus familiares que ficaram no seu Estado de origem e o retorno às suas respectivas casas quando terminasse a guerra⁵⁶⁴.

Entretanto, a partir das imagens 23 e 24, destaca-se os bairros do Jurunas e da Condor como áreas sem a infraestrutura urbana, diferente do que que existia no centro da cidade ou nos chamados bairros elegantes, prevalecendo uma área verde as margens do rio Guamá. Isto é nos dá uma ideia das transformações do bairro e de suas características culturais ligadas ao rio e a floresta, dificuldades de sobrevivência, moradia, fatores que estavam imbricados nas práticas cotidianas de lazer nesta área da cidade.

Nesse sentido, as características do bairro influenciaram nas práticas futebolísticas e no dia-a-dia dos clubes, pois, os sujeitos construíam o seu lazer a partir das suas experiências no bairro e no contato com outros setores sociais que interagiam nos festivais esportivos e nos campeonatos oficiais da cidade.

Nos mapas a seguir, temos imagens de áreas suburbanas nos anos de 1940, com destaque para a proximidade com rios e as matas.

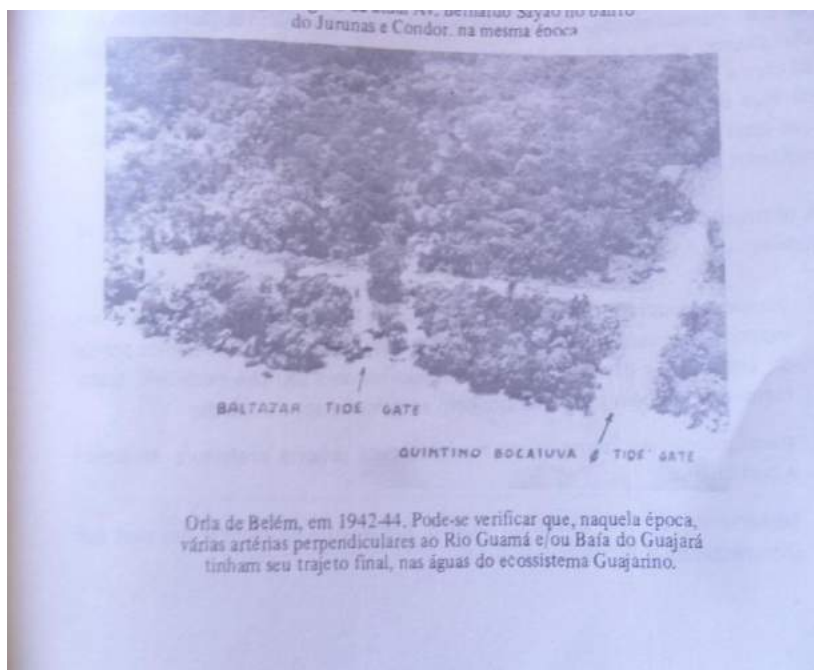
⁵⁶⁴ SAMPAIO, Patrícia Melo. Economia da borracha na Amazônia. Belém: 1º edição, Estudos amazônicos, 2011. p.p.42-43.

Imagem 23– vista aérea do bairro da Condor e Jurunas nos anos de 1942-1944, localizado às margens do Rio Guamá.



Fonte: INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. Belém: Estudo ambiental do estuário Guajará. Belém: IDESP, 1990. p. 100-101.

Imagem 24 – Bairro do Jurunas e Condor nos anos de 1942-1944.



Fonte: INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. Belém: estudo ambiental do estuário Guajará. Belém: IDESP, 1990. p. 100-101.

Essas imagens dos bairros da Condor e do Jurunas, nos anos de 1940, catalogadas pelos pesquisadores do IDESP e da SUDAM⁵⁶⁵ fazem parte de um relatório de pesquisa sobre o estudo ambiental do estuário guajarino, que se iniciou no ano de 1988. O objetivo da pesquisa estava ligado ao discurso de preservação ambiental e detectar os pontos críticos da poluição ambiental.⁵⁶⁶ Logicamente que essas imagens são interessantes para nossa pesquisa por permitirem que possamos visualizar dois bairros considerados suburbanos na cidade: Jurunas e Condor durante a primeira metade do século. Nesses bairros, as matas, os rios, as serrarias e os trapiches faziam parte de uma paisagem urbana.

Ao se observar a “vista aérea” desses bairros é possível pensarmos nos significados que a prática do futebol voltado a ter uma cultura física, obediência as regras, lazer dos jogadores e moradores trouxe aos variados bairros da capital paraense. Este foi o grande diferencial com relação aos clubes considerados de “elite”, pois, os sentidos do futebol foram reelaborados pelos diversos atores sociais que se baseavam no seu cotidiano que era diferente dos bairros ditos pela imprensa como “elegantes”. Essa peculiaridade de cada bairro cria uma identidade dos grupos nos dias de jogos, principalmente nos festivais esportivos que ocorriam na cidade.

A partir dos anos de 1930, temos a crise econômica e política que vai alavancar o movimento liberal liderado por Getúlio Vargas e que em Belém vai culminar com a ascensão do interventor militar Magalhães Barata ao poder político do Estado do Pará⁵⁶⁷.

Nesse período, se olharmos o mapa que inclui os anos de 1896 - 1920 e o mapa que inclui os anos de 1921-1941 temos um “salto” na quantidade de clubes fundados na cidade, saindo de 62 para 150 clubes esportivos⁵⁶⁸ respectivamente. Tais associações esportivas na sua maioria vão ser chamadas pela imprensa como clubes suburbanos, o que nos mostra de maneira geral o que alguns autores chamam de utilização da prática esportiva, principalmente a futebolística, como instrumento da práxis política populista pelos governantes no âmbito federal e estadual.

⁵⁶⁵ Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia.

⁵⁶⁶ INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. Belém: estudo ambiental do estuário Guajarino. Belém: IDESP, 1990. p.p. 20-21.

⁵⁶⁷ FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. Op. Cit. p.p. 79-81. ROCQUE, Carlos. A formação revolucionária do Tenente Barata. Op.cit. 1983. p.p. 5-6.

⁵⁶⁸ Quadro construído durante a pesquisa e apresentada no apêndice e Anexo.

É nessa linha que Mauricio Drumond⁵⁶⁹ destaca como ocorreu o processo de interesse do governo Vargas pelos esportes e, claro, pelo futebol, além de enfatizar o controle político sobre os variados grupos sociais no sentido da utilização dos instrumentos da prática política populista.

Para o autor, esse período de 1930 a 1945, é o momento histórico que é marcado pelo poder nas mãos de Getúlio Vargas. É também o momento em que o debate sobre identidade nacional tem um avanço, culminado com um olhar mais apurado de Vargas para práticas populares, como o sentimento nacional pautado na chamada democracia racial e a valorização de práticas culturais ligadas às áreas suburbanas⁵⁷⁰.

Sobre o termo populismo, utilizado como prática política no governo Getúlio Vargas e no âmbito local Magalhães Brata, Jorge Ferreira, discorda da forma que o conceito é utilizado para explicar as práticas políticas no período de 1930 à 1964. Para o autor, os trabalhadores não aparecem como protagonistas das suas lutas pelos direitos trabalhistas, a figura do “ditador” se sobressai perante os diversos sujeitos.⁵⁷¹

A crítica a categoria populismo esta no sentido de que o outro sempre é o sujeito que tem essa atividade política. Jorge Ferreira ressalta que o populista sempre é o adversário, o concorrente, o desafeto. Trata-se de uma análise política-partidária no qual, o “meu candidato, o meu partido, a minha proposta política, não são populistas, mas o teu candidato, o teu partido, e a tua proposta política, estes sim, são populistas.”⁵⁷²

Foram 15 anos que Vargas permanece no poder e que o Brasil vivenciou uma série de mudanças que reestruturaram o campo político, econômico, social e cultural do país. Na verdade, com o processo de regulamentação do esporte, Vargas deu cores finais aos embates políticos que ocorriam pela prática esportiva no país, sendo uma metáfora do ocorria fora das áreas esportivas, aproximando o seu governo ainda mais dos setores populares.

Desta forma, neste período que Magalhães Barata está no poder, ocorre um crescimento relevante de clubes de futebol nos bairros. Este fato pode evidenciar uma prática política que facilitava a criação de clubes suburbanos e seus festivais futebolísticos, com a

⁵⁶⁹ DRUMOND, Maurício. O esporte como politica de Estado: Vargas. In: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (orgs). História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.p. 213-244.

⁵⁷⁰ Idem.

⁵⁷¹ FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na prática política brasileira. In: FERREIRA, Jorge.(org) O populismo e sua História. Rio de Janeiro: civilização Brasileira, 2001. p.p. 61-124.

⁵⁷² Idem. p. 124.

participação de políticos locais, como Magalhaes Barata e Abelardo Condurú, interventor federal no Estado e do município respectivamente.

Sobre essa ideia de visão de um cenário urbano construído pelo olhar dos cronistas, o noticiário esportivo abaixo do jornal “O Estado do Pará” enfatiza festivais que estavam ocorrendo em clubes considerados suburbanos.

Este fato que nos leva a analisar esse “interesse” dessa crônica esportiva em elogiar clubes suburbanos que faziam parte desse cenário, diversificado com ênfase principal nos vários atores sociais que participavam de jogos e festas em determinados espaços da cidade.

“(...) O festival do Gremio dos moços catholicos

Este grêmio religioso realiza pela manhã e a tarde de 8 de maio na praça de esportes do campeão suburbano o seu grandioso festival esportivo. Aos clubes triumphadores serão entregues riquíssimos trópheus oferecidos por diversas autoridades do Estado.(...)”⁵⁷³

“(...) nos subúrbios -

O S. Domingos sagrou-se hontem campeão suburbano – vencendo hontem o campeonato suburbano – vencendo hontem à tarde, o forte conjuncto do Santo Amaro, pelo expressivo escore de 3 a 1, o S. Domingos sagrou-se campeão suburbano em 1937, no torneio promovido pela LAP.(...)”⁵⁷⁴

A visão do cronista se destaca ao enfatizar as palavras subúrbio e suburbano nos fragmentos dos noticiários acima como palavras que estão relacionadas aos clubes esportivos de diversos bairros, festivais e torneios ligados à entidade futebolística oficial do período chamada de Liga Atlético Paraense.

Estas Associações, clubes e times pertencentes a LAP, nos seus bairros serviam para os encontros entre os variados “atores” sociais de Belém. Estes possuíam suas peculiaridades, problemas e identidade que não aparece no discurso jornalístico. Geralmente, as notícias esportivas sobre os subúrbios apareciam idealizadas e ligadas aos grupos populares. Neste “subúrbio esportivo ideal” não aparecia a relação com pobreza ou dificuldades da geografia urbana. O que não quer dizer que todos os cronistas tivessem a

⁵⁷³ *Jornal O Estado do Pará, Caderno Vida esportiva, 17/04/1938.*

⁵⁷⁴ *Ídem, 18/04/1938.*

mesma leitura desse do lazer e futebol nos subúrbios. Ao mesmo tempo, que se noticiava o subúrbio futebolístico ocorria uma mudança política de aproximação do Estado com as camadas populares, sendo que essa participação das autoridades e suas disputas políticas nos proporcionam pistas sobre o por que de se idealizar o subúrbio a partir do esporte.

Esse estudo sobre o cotidiano do lazer, futebol e bairros de Belém nos leva a não pensar somente nos grupos de sujeitos que circulavam nos subúrbios, com uma visão apenas de locais onde convivia apenas um grupo social, mas, em todo um processo cultural que se interligava a cidade mais ampla, no qual, o sujeito estabelecia relações que ora classificava o clube como suburbano ou elitizado, ora aproximava no sentido das suas práticas e convivências no momento dos jogos de futebol na cidade.

2.6 - Os *Clubs*, seus sujeitos e os subúrbios.

Essa busca em entender o futebol suburbano belenense nesse período nos provoca indagações com intuito de saber que espaço é esse que poderíamos caracterizar como suburbano em Belém do contexto histórico indicado? Por que entendê-lo para explicar o futebol dos times amadores em Belém? O futebol suburbano representava somente os grupos populares e dessas áreas? Que sujeitos circulavam durante os festivais suburbanos na cidade? O que era futebol amador? Existia relação entre clubes elegantes e clubes populares?

Segundo Victor Melo, desde o século XIX que a formação de associações esportivas, clubes, federações, ligas, confederações são características próprias do conjunto de mudanças que marcam o período da modernidade, que começa a criar um corpo técnico especializado relacionado ao conceito de civilização proporcionando o começo de um mercado consumidor ligado inicialmente aos *Sportmen*⁵⁷⁵.

Os pressupostos da modernidade ressaltados anteriormente estavam pautados em regras sobre o futebol, por exemplo, que expressavam as concepções capitalistas de controle, respeito às regras, concorrência, que se materializavam nos clubes, associações e nos

⁵⁷⁵ MELO, Victor Andrade de. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial XX. In: MARZANO, Andrea & MELO, Victor Andrade de. (org) *Vida divertida: historias do lazer no Rio de Janeiro(1830-1930)*. Rio de Janeiro: sport : historia, Apicuri, 2010, p. 49-73.

especialistas sobre a prática futebolística. Essas mudanças que atingem as concepções de lazer e são inseridas no mercado capitalista colocando os esportes como produtos rentáveis para o sistema, além do seu aspecto simbólico da modernidade.

Nesse sentido, é necessário compreender que todo o processo de construção simbólica sobre as práticas esportivas no início do século XX também estavam ligadas ao conceito de lazer dos variados grupos sociais. O que nos leva a pensar que a “sociedade esportiva” não está afastada da “sociedade do lazer”⁵⁷⁶.

No caso de Belém, é importante ressaltar que as relações entre os clubes esportivos, apesar de inicialmente fechadas aos setores mais abastados, teve um contato maior com os setores populares, devido os locais das práticas de futebol serem abertos ao público. Entre esses locais, podemos citar a Praça Floriano Peixoto (São Braz)⁵⁷⁷ e a praça Batista Campos⁵⁷⁸. Provavelmente a imagem de partidas de futebol praticadas pelos grupos elitizados proporcionou em maior ou menor grau contato com setores populares que reelaboraram tais práticas nos subúrbios, onde se criou um ambiente de lazer popular que fazia parte do cotidiano dos seus moradores.

Com o passar dos anos a prática futebolística passa a ter maior popularidade e os clubes suburbanos no geral passaram a ter mais times de futebol como base das suas práticas esportivas. Apesar do controle dos grupos de trabalhadores através das relações de trabalho e de uma espécie de monopólio das horas de lazer e suas práticas por parte das elites econômicas e intelectuais, os grupos populares participavam do cotidiano do lazer através da construção de clubes nos bairros a partir de 1915, com destaque para criação do São Domingos⁵⁷⁹, no bairro do Jurunas ou mesmo a participação de Bruno de Menezes no Guarany⁵⁸⁰, este Clube considerado de *Sportmen*.

No entanto, esses grupos populares resignificavam os aspectos simbólicos das práticas esportivas nas sedes dos seus clubes. E com isso apareciam casos como o de Bento Bruno de Menezes, que foi jogador do Guarany, um literato de referência do movimento modernista na região amazônica, redator da revista *A Semana*, circulava com os grupos de

⁵⁷⁶ Idem.

⁵⁷⁷ Citado na tabela de clubes por bairros. Apêndice e Anexo deste trabalho.

⁵⁷⁸ Citado na tabela de clubes por bairros. Apêndice e Anexo deste trabalho.

⁵⁷⁹ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: São Domingos Esporte Clube, op. Cit.

⁵⁸⁰ Cartório de títulos e documentos (1872-1909), série estatutos, nome: Guarany Foot Ball Club, 1907, cx 01, CMA/UFPA.

intelectuais no centro urbano da cidade, porém, foi um negro, filho de pais pobres e morador do Jurunas⁵⁸¹.

O bairro do Jurunas era um local que o seu cotidiano baseado nos portos, embarcações, rio Guamá, ruas sem pavimentação marcava a vida das pessoas. Essa circulação de diferentes pessoas estimulou para que os clubes populares “aparecessem” nos jornais como clubes suburbanos e houvesse um olhar para prática esportiva que ocorria no subúrbio construídas por homens que representavam outro setor social. Um olhar dos intelectuais dos jornais sobre o futebol nos campos de subúrbio.

Dessa maneira, um ponto interessante, é que o futebol suburbano estava relacionado à participação dos grupos das elites nas práticas esportivas e seus lazer nos distritos como Mosqueiro, Ananindeua, Vila do Pinheiro, Outeiro e Tatuoca ou bairros como o Marco da Légua, onde os grupos iam aos “pic-nic” burgueses tornando um hábito de vida do belenense elitizado que queria descansar da metrópole nos finais de semana⁵⁸². Como evidencia as fontes abaixo:

Pic nic realizado pelo Clube do Remo

(...) A bordo do vapor IPIXUNA, sob os acordes de uma excelente orquestra sob a regência do Sr Antonio Carepa, associados e convidados do Clube do Remo realizaram, na manhã de sábado 14 de julho de 1906, um excelente programa de selecionados trechos musicais e dançantes. Chegado o navio a ponte do mosqueiro a fim de receber novos convidados, partiu em seguida para a ilha de TATUOCA, onde chegou as 11 horas do dia.(...) dentre as pessoas que compareceram ao passeio e ao almoço achavam-se as seguintes: (...) Zeneida Sodré Gomes (...) Dr. Cipriano Santos.(...)⁵⁸³

⁵⁸¹ MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Lendo o Pará, 14, Belém: Secretaria estadual de cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993, p. 11.

⁵⁸² COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA: UNAMAZ: 2005, p. 26

⁵⁸³ CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo Op.cit. p. 30-31.

Imagem 25 – Excursão a Ilha de Tatuoca. Integrantes do Clube do Remo



Pará — Excursão á Tatuoca — “Club do Remo”

Fonte: Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998. 265.

Os grupos sociais mais abastados detinham o tempo do lazer, já que possuíam recursos financeiros para esses momentos de festas e descontração, no qual figuras da sociedade, como o Dr Cipriano Santos⁵⁸⁴, participavam ativamente desses “pic nic”.

Esse contato dos variados setores sociais nesses ambientes suburbanos a princípio das elites, foi um fator importante para que sujeitos de outros “subúrbios” mais próximos de Belém e que tinham uma infraestrutura precária de sobrevivência criassem os seus próprios significados e experiências para com as práticas esportivas, principalmente o futebol.

Sobre essa ressignificação dos valores elitizados por parte dos setores menos abastados que circulavam na cidade, Leonardo Pereira destaca na sua pesquisa sobre carnaval no início do século XX, que muitos foliões espalhados pela cidade de Belém do Pará pareciam continuar de maneira particular, a brincar a festa ao seu modo, mesmo com todo um padrão projetado pela Intendência municipal no ano de 1904⁵⁸⁵.

Na verdade, a sua maneira, parecia que os grupos sociais não se curvavam aos ditames da imprensa ou do governo municipal, fazendo do carnaval uma festa própria, no qual traziam as ruas diversas práticas e costumes e ao mesmo tempo incorporavam elementos presentes no modelo de carnaval das festas elegantes, como fantasias, máscaras e hábitos de fazer bailes fechados nos clubes. Isto demonstrava que não somente existia uma lógica de

⁵⁸⁴ Segundo depoimento dado por Abelardo Condurú em entrevista ao Historiador Carlos Rocque, o Dr Cipriano Santos foi chefe do partido Laurista e dono do Jornal *Folha do Norte*, responsável pela entrada de Condurú no Partido Republicano Federal. Considerado a coluna mestra do partido de Lauro Sodré. ROCQUE, Carlos. Depoimentos para a História política do Pará. Op.cit. p.p. 13-22.

⁵⁸⁵ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Do carnaval da intendência a folia amazônica. In: *Revista Humanitas: cultura e sociedade*. Belém: CFCH/UFPa, v 18, nº 2, 2002 p.p. 33-35.

diversão própria das parcelas letradas, que os outros setores sociais da cidade conseguiam ter diversão e ressignificar a folia carnavalesca.⁵⁸⁶

Essa obra de Leonardo Pereira tem uma relevância para a nossa pesquisa devido a compreensão do autor de como a partir do seu estudo sobre a prática carnavalesca em Belém do Pará, os diversos grupos populares ressignificavam os valores elitizados que eram repassados durante a festa.

O ponto interessante para a construção dessa análise está justamente no entendimento de que os setores mais pobres da sociedade belenense em plena transição do século XIX para o século XX, segundo o autor, participavam do carnaval quebrando com o padrão imposto pela Intendência municipal da época.

No caso dos clubes de futebol ou esportivos que surgiram na cidade no início do Século XX nas áreas consideradas mais “elegantes” é possível que já existissem paralelamente os clubes ligados aos bairros suburbanos, que tinham uma origem humilde.

Seguindo o pensamento de Leonardo Pereira, o carnaval na cidade tinha uma grande participação popular, assim como no caso do futebol suburbano. Este surgiu âmbito dos clubes esportivos que se pautavam nos padrões de higiene e civilização, porém, provavelmente não se divulgava na Imprensa notícias sobre essas agremiações, por não estarem diretamente ligado aos setores elitizados.

A obra de Leonardo Pereira nos permite pensar como foram sendo construídas as práticas esportivas na cidade de Belém, apesar do trabalho não se tratar diretamente sobre futebol na capital, e sim sobre carnaval. No entanto, as práticas de lazer estavam ligadas a todos os setores sociais antes dos anos de 1920, isto é, mesmo com “aparecimento” do futebol suburbano nos noticiários esportivos a partir dos anos de 1920, este já existia como prática no mesmo período que os “*Sportmen*” jogavam pelos seus clubes.

Alessandra Batista aponta nesse sentido, que nas festas carnavalescas em Belém conviviam diferentes perspectivas que apontavam para o embate político da década de 1920⁵⁸⁷, por exemplo, que girava em torno dos conceitos de popular, tradicional, nacional, civilizado e cosmopolita⁵⁸⁸.

⁵⁸⁶ Idem.

⁵⁸⁷ Os embates políticos que a autora destaca são na verdade os discursos em torno das questões nacionais e regionais que vão ser frequentes no imaginário político da República brasileira. O carnaval nesse período dos anos de 1920, poderia ter três características que estavam nesse imaginário político: a primeira significava manifestação de brasilidade; o segundo estava associado às práticas culturais dos negros e mestiços que tinham se tornado sinônimo de orgulho e opulência por expressar a identidade nacional. Por fim, pela construção de uma

(...) apesar da inserção na cultura regional, a manifestação que gozava de maior atenção por parte do grupo da imprensa, de um modo geral, era o carnaval. A festa durante os três primeiros meses do ano predominava nas páginas das revistas e dos jornais de forma quase absoluta. Não à toa: nela se expressava o núcleo central do embate político desse período, que girava em torno das conceituações de popular, tradicional, nacional, civilizado e cosmopolita. Pensar e escrever sobre a festa implicava em enquadrá-la nesses conceitos que ora apareciam como complementares, ora como contraditórios.(...)⁵⁸⁹

O carnaval representava na cidade, segundo a autora, um caráter tradicional ligado a brincadeira dos entrudos; um caráter ligado as tradições negras e mestiças que representavam a expressão da identidade nacional na época; e por fim um caráter democrático devido a participação de todos os setores sociais durante os dias de folia.

Essas afirmativas de Alessandra Batista nos possibilitam entender o contexto dos anos de 1920 e a prática do futebol suburbano. Conceitos como popular associados ao subúrbio ganharam destaque nos periódicos locais e seus cadernos de esportes, justamente no período que o futebol começa a se solidificar como elemento da construção de identidade nacional, tão debatida no período.

A crítica feita pelos setores da imprensa esportiva estava pautada nesse debate de valorização da “cultura física”, moral, no qual supostamente um jogador de futebol profissional, assalariado não valorizaria ou até mesmo o clube que ele jogava.

Essa notícia sobre esse “grito” de setores da imprensa esportiva contra o profissionalismo está relacionada ao debate nos jornais sobre a participação de sujeitos de outros setores sociais, que tinham oportunidade de ascender socialmente e já obtinham algum lucro através do “profissionalismo marron”⁵⁹⁰.

imagem democrática. Já que estava aberto a todos os setores sociais. BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. *Vândalos da folia: Carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20*. (Dissertação). Campinas-SP: IFCH/UNICAMP, 2001. p.p. 12-13. Inclusive em 1922 foi marcado pelos jogos olímpicos do centenário da independência Brasileira. Um discurso de busca pela unidade nacional que podia ser percebida através do uso do esporte como estratégia de aproximação entre grupos políticos divergentes. DRUMOND, Maurício. Os jogos esportivos do centenário: o ponto de vista da política. In: SANTOS, João Emanuel e MELO, Victor Andrade de. (orgs) *1922: celebrações esportivas do centenário*. Rio de Janeiro: 7 letras, FAPERJ, 2012. p.p. 15-17.

⁵⁸⁸ BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. *Vândalos da folia: Carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20*. Op. Cit. p.p. 11-14.

⁵⁸⁹ Idem.

⁵⁹⁰ Nessa obra Leonardo Pereira destaca as formas dos jogadores ascenderem socialmente e como o profissionalismo não oficializado ocorria. E aí os termos profissionalismo marrom, profissionalismo oculto, profissionalismo mascarado. Os amadores *Sportmen* criticavam a troca da atividade física que fazia bem para o corpo e para o espírito por alguns milhares de “réis”. PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p.p. 311-318.

No período dos anos de 1920, qualquer forma de profissionalismo no futebol era criticado pela imprensa esportiva, pois, evocaria valores contrários aos valores educacionais e de civilização pregados pelos cronistas, apesar da valorização ao futebol suburbano, se falava muito em clubes como nação e valorização da camisa clubística. Dessa forma, o discurso da imprensa contra o profissionalismo provavelmente expressaria uma forma de exclusão dos jogadores que valorizavam o lucro em detrimento aos conceitos civilizatórios da prática esportiva⁵⁹¹.

Outro ponto importante é o fato de que essa discussão sobre a prática do futebol nos anos de 1920, nos mostra como existiam “confrontos” entre os setores sociais em Belém, que ocorriam de maneira aparentemente branda, sutil. Isto é, acontecia a partir do debate do “ser jogador de futebol” que no discurso deveria estar alicerçado na prática amadora elitizada.

A tentativa de afastar os jogadores suburbanos do padrão de civilização europeia não estava baseada no discurso da “cor negra” diretamente, como ocorreu em outros locais do Brasil durante a mesma época, mas, foi marcada pela disputa entre os discursos dos que defendiam o profissionalismo e os queriam manter o amadorismo *Sportman*.

De qualquer forma, os grupos considerados de menor poder aquisitivo na sociedade belenense eram criticados, pois, o *Sportman*, de maneira geral, estava ligado aos grupos sociais mais abastados socialmente, sendo portanto, uma crítica ao jogador amador das camadas populares, que dependeria financeiramente do clube para sobreviver, ao contrário dos *Sportmen*.

Sobre esses “embates” entre os diversos grupos sociais, a partir do aspecto simbólico do jogo de futebol entre os clubes em Belém, podemos seguir a linha de análise de Ricardo Pinto dos Santos, que afirma a preponderância dos grupos sociais mais abastados nas atividades esportivas tanto no Rio de Janeiro, como em Buenos Aires, no início do século XX.⁵⁹²

Esses grupos defendiam um valor estético do corpo marcado pela dinâmica e visibilidade. Eram valores próprios da modernidade tardia que ocorria na América Latina que incluía transformações urbanísticas, tecnológicas, aumento populacional e das novas atividades de entretenimento.⁵⁹³

⁵⁹¹ Revista *A Semana* 15/05/1920. *Op. Cit.*

⁵⁹² SANTOS, Ricardo Pinto dos. Rio de Janeiro e Buenos Aires: a violência no discurso da imprensa sobre as camadas populares nos primórdios do futebol. In: MELO, Victor Andrade de.(org) *História Comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shade 2007. p.p. 33-35

⁵⁹³ Idem. p.p. 33-35

A partir desse parâmetro, Ricardo Pinto dos Santos enfatiza que os jogadores que dependiam financeiramente do seu clube não estavam atrelados ao discurso de ser moderno. A participação desses jogadores amadores ligados aos setores populares causava inúmeras críticas ao profissionalismo que se instalava nos clubes de futebol, principalmente, por esses indivíduos estarem ligados a uma herança familiar menos abastada.⁵⁹⁴

Esses valores do discurso da modernidade tinham como grande forma de expressão a adesão a identidades que estava cotidianamente ligada ao conceito de nação que foi vivida em termos de grandes e pequenos clubes nas cidades⁵⁹⁵. Isto nos leva a pensar que os clubes suburbanos em Belém no âmbito de uma subjetividade individual e coletiva proporcionaram aos seus sujeitos uma possibilidade de criar novos significados para os padrões evocados como próprios da modernidade.

Dessa forma, Ricardo Pinto chega a afirmar que essa busca por uma identidade ligada ao discurso de modernidade provocou atitudes consideradas violentas contra os setores populares, pois, no caso do Rio de Janeiro, o racismo e o discurso pejorativo contra os grupos mais pobres eram frequentes e definiam o lugar de cada um no cenário esportivo⁵⁹⁶.

Na verdade, da mesma forma que o discurso de modernidade carregava os valores da inclusão para determinados grupos que estabeleciam relações de identidade, sendo base para o seu desenvolvimento, assim, os grupos mais abastados trabalhavam no sentido da exclusão dos mais pobres.

No caso das disputas entre os defensores do profissionalismo havia um discurso, nos anos de 1920, de permanência do amadorismo *Sportman* e ao mesmo tempo uma “pressão” que ocorria através da prática futebolística pelos grupos populares, que inicialmente foram excluídos das referências simbólicas da realidade da cidade e que em determinado momento começaram a valorizar suas características suburbanas.

Os intelectuais do movimento modernista em Belém, na década de 1920, construíram a partir de uma vivência anterior uma crítica ao processo histórico tradicional que analisa o modernismo pelo ponto de vista teleológico. Isto é, uma história a partir de uma linha evolutiva, onde São Paulo se torna o suposto pólo irradiador do movimento modernista para todo o país.

⁵⁹⁴ Ibidem.

⁵⁹⁵ Idem, ibidem.

⁵⁹⁶ Ibidem, Ibidem.

Ao contrário, essa efervescência cultural e política que deu origem a esse movimento era difusa, descentrada e não estava ligada somente a um contexto específico de origem. Esses sujeitos participaram desse movimento intelectual e destacavam em suas obras as figuras do índio, do caboclo e do negro além dos aspectos suburbanos em contraposição às mudanças que a urbe belenense estava passando⁵⁹⁷.

Nesta cena histórica que tanto Bruno de Menezes, como Edgar Proença participaram ativamente. No qual, ambos buscavam retratar a Amazônia pelo viés do cotidiano das pessoas comuns na cidade Belém e do interior. Os assuntos que os dois literatos escreviam na imprensa estavam ligados ao imaginário do período, já que, principalmente nos anos de 1930, pertenciam aos grupos de jornalistas que dentre outros assuntos escreviam sobre o futebol paraense.⁵⁹⁸ Este assunto que trataremos no capítulo III deste trabalho.

Os jogos entre Remo e Paysandú na cidade eram mais recentes, se comparados com outros clubes, como o clube União Esportiva e o Guarany, por exemplo. Estes disputaram uma partida de futebol (dentre outras) em 1911, no largo de S. Bráz⁵⁹⁹, antes da famosa dupla “*Re x Pa*”. Esta dupla somente começa seus embates, no ano de 1914, enquanto que o processo de prática esportiva e discussão sobre o significado do *football* na urbe belenense veio com o gosto popular sobre o esporte. Além dos clubes citados, existiam clubes formados por ingleses e membros de uma elite local ávida por ter na sua prática esportiva diária a representação do imaginário europeu ligado ao lazer, discurso higiênico e civilizatório.

O noticiário abaixo nos mostra esse discurso nos anos de 1920:

(...) A cordialidade sportiva

Decididamente os deuses não contribuem para a apregoada cordialidade sportiva, apacando as paixões, removendo dissídios, apagando as rivalidades em que se empenham os responsáveis pela victoria e brilhantismo do sport terrestre.

Era assim em 1915, assim vae sendo em 1921, realmente, não sabemos em que consiste a evolução do foot ball, no Pará. É que os teams de hoje não são mais perfeitos do que os de 1915, e essa luta de paixões que dementava players e torcedores naquella época, não desapareceu, como era de se esperar.

Hoje, se exceptuarmos Suisso, Leoncio e alguns outros jogadores de relevo, os vários conjunctos da Liga Paraense de Sports Terrestres não apresentam Players de valor como em tempos outros, quando a temporada de foot ball não decorria apenas

⁵⁹⁷ COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos(1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Op.cit. p.p. 82-83.

⁵⁹⁸ Diretor da Revista *A Semana*: Edgar Proença; Redactor: Bruno de Menezes. Revista *A Semana*, nº 659, 23/03/1931.

⁵⁹⁹ Partida disputada em 1911 – GUARANI x UNIÃO – aparece Bruno de Menezes como jogador em São Braz. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo.Op.cit. p. 45.

com victorias do Re x Pa. Infelizmente os bons foot- ballers inclusive Abel Barros, Hugo Leão e Moura Palha no Paysandú e Duca Motta, Bordalo e Rubilar no Clube do Remo levados pelas eventualidades da vida, se fizeram aves de arribação, desertando do ground e não mais abrilhantando as pugnas do ballon-round em prêmios imolvidáveis(...)
 Infelizmente para o foot-ball ainda não se descobriu um serviço de prophylaxia rural.
 R.M. (...) ⁶⁰⁰

O noticiário esportivo, escrito pelo cronista de iniciais *RM*, no dia 21 de julho de 1921, relata como as mudanças estavam ocorrendo no significado das práticas esportivas e futebolistas na cidade, no sentido de afirmar que os clubes ainda não tinham “evoluído” para um futebol com menos rivalidade e com valores ligados a cordialidade e civilização como se acreditava, nesse sentido poucos jogadores ainda restavam com o sentimento do “*Sportman*”.

Esse discurso da imprensa esportiva, talvez nos evidencie uma ligação do sentimento dos cronistas sobre a cidade Belém com suas dificuldades urbanas, imagens depreciativas, que eram criadas possivelmente por eles pensá-la a partir do passado idealizado do discurso da “cordialidade esportiva”.

Por outro lado, esse momento histórico evidencia um processo de “valorização” do jogador de futebol mais voltado ao profissionalismo, ligado ao amadorismo popular dos subúrbios, que buscava trabalho e ascensão social, em detrimento do amadorismo “*Sportman*”. Essa “valorização” acontecia na prática e não era defendida pela imprensa como vimos no noticiário anterior. Na verdade, tinha ligação com os ganhos financeiros no clube, e menos com uma valorização como profissional.

O discurso amador/*sportman* confrontava com o discurso de valorização do sentimento regional/amazônico. Pois, ora vão se contradizer, ora vão ser parte do mesmo discurso da imprensa esportiva no que se relaciona as práticas futebolísticas na cidade.

Esse sentimento de nostalgia sobre os *Sportmen*, como Rubilar, demonstra a melancolia do cronista esportivo de perceber a ascensão de sujeitos pertencentes às camadas populares através do ganho salarial não oficializado nos clubes de futebol. Dessa forma, mais uma vez a fonte acaba evidenciando as disputas entre os setores da elite e seus intelectuais contra a participação de setores populares nas práticas futebolísticas.

O cronista de pseudônimo *RM* não convoca a todos a “gritarem” contra o profissionalismo, mas, de forma indireta, convoca a todos a fazerem uma “prophylaxia rural”

⁶⁰⁰ Revista *A Semana* nº 171, volume 04, 16/07/1921.

nos campeonatos de futebol, possivelmente uma forma de combate ao avanço do profissionalismo.

Em tese, todos os amantes do sentimento de civilização, progresso e educação (valores inerentes as atividades físicas), deveriam lutar para não perderem os verdadeiros jogadores de futebol, atletas que tinham amor a camisa do seu clube. Não tendo como evitar esse avanço o cronista acaba se referindo a infelicidade de não possuírem um serviço de Profilaxia, que pelo significado da palavra seria uma ação que preveniria esse temido avanço do profissionalismo e que perderia a ligação com o amadorismo civilizatório e o suburbano muito próximo do rural.

Dessa forma, os anos de 1920 estavam pautados nessas disputas de ideias que giravam em torno do futebol, situação que nos mostra como as práticas futebolísticas dos sujeitos não tiveram um caráter homogêneo e sim de embates e mediações entre os variados grupos sociais.

Essas práticas⁶⁰¹ futebolísticas foram construídas não somente por clubes de “ponta” de Belém, mas, por todo um processo histórico-social que marca as mudanças que estavam ocorrendo na cidade, onde o rural e o urbano estavam intimamente ligados.

Neste tempo, fora dos estádios da Curuzú e Baenão, atores sociais “sem nome” faziam seus times de bairros e disputavam seus festivais, e alguns até o campeonato oficial, porém, sua prática começava lá, no bairro afastado, alagado, com matas, igarapés ou próximo do comércio, bem a imagem da cidade belenense⁶⁰².

Como podemos perceber no noticiário esportivo abaixo que relata parte do cotidiano de um clube suburbano no bairro da Sacramento:

“(...) Taí o sacra, o que não se rende
senhoras e senhores, com vocês mais um participante do campeonato paraense de
futebol profissional (?) de 1976: o Sacramento Esporte Clube Beneficente. O

⁶⁰¹ Ideia ligada à experiência dos sujeitos que corrobora com as teorias de E. P THOMPSON sobre as construções históricos-culturais do homem como sujeito protagonista da sua história. THOMPSON, E.P. Folclore, Antropologia e história social. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001. p.p.260-263.

⁶⁰² O bairro da Sacramento possuía essas características próxima ao ambiente rural. Ficava distante 12 quilômetros da cidade e seus primeiros moradores buscavam sobreviver a partir da plantação e do comércio de sua produção. Claro que essas afirmações se baseiam num levantamento de fontes que caberiam mais pesquisa, porém, confrontando com outras é possível perceber o ambiente rural e urbano se confrontando. ARAÚJO, João Guilherme Pimenta de. *Sacramento, 90 anos de História (1922-2012)*. Belém: Cromos editora: 2013. p. 18.

Sacramenta (por enquanto) não tem time formado (certo e sabido) e faz contraespionagem para impedir que os outros clubes descubram quem vai jogar por ele. Quanto a isso, tudo é silêncio, sigilo. O Sacramento (por exemplo) não tem camisas, calções, meias e chuteiras, mas Deus dá o frio conforme a roupa... e o timaço vai entrar em campo. Palmas para o Sacramento Esporte Clube Beneficente que foi fundado a 7 de setembro de 1936. Nasceu, portanto, senhoras e senhores, num aniversário da libertação da pátria. Até hoje o Sacramento não se libertou da pobreza. São, senhoras e senhores, 40 anos de grandeza por que? Como? senhoras e senhores (...) -tudo é feito aqui na base da boa vontade; temos que disputar o campeonato este ano (o Sacramento não disputou ano passado), por que se não fizermos perderemos o direito ao voto na Federação, podem até cassar nosso alvará; de qualquer modo estamos no fogo. Apesar de tudo cabeça fria a do presidente. – a nossa situação financeira não é das piores. Temos nossas contas controladas. Gastamos uns Cr\$ 20 mil na remodelação da sede e estamos juntando nossas economias para atacarmos o campo. O comércio do bairro é pobre, ajuda um pouquinho. Não é falta de boa vontade.⁶⁰³

É possível perceber a partir dessa entrevista feita pela revista *Gol* com o presidente do clube, nos anos de 1970, como acontecia à participação de times de futebol suburbano no campeonato oficial, o que chamaríamos hoje de 1ª divisão do paraense.

O mais interessante, é que mesmo 40 anos depois de ter sido criado, as estruturas do campo do Sacramento Esporte Clube Beneficente, o cotidiano do time que não tinham nem camisas para disputar as partidas, demonstrava uma parte das dificuldades do bairro homônimo ao clube.

Esse fator amplia as possibilidades de análise sob o ponto de vista da história social através de fragmentos de um passado que nos faz enxergar como os clubes suburbanos estavam relacionados com o crescimento da cidade belenense.

Criou-se um sentido de subúrbio a partir de experiências dos sujeitos e que poderia não aparecer nos discursos dos jornais locais. Para além dos discursos da Imprensa, temos uma ideia das experiências de dirigentes como Manoel da Conceição Feio, presidente do “Sacra” que tinha destaque por ser do subúrbio e participar com todas as dificuldades do campeonato paraense daquele ano.

A ideia de experiência dos sujeitos é destacada por E.P. Thompson como importante para o entendimento de conceitos como cultura e economia e sua relação com as classes sociais. Estas não são estáticas, são categorias históricas descritivas de pessoas que

⁶⁰³ A revista semanal *Gol* fez uma entrevista com o presidente do Sacramento sobre a participação do clube no campeonato paraense e suas condições como clube suburbano para o campeonato de 1976. Revista *Gol*, revista semanal do esporte paraense, ano I, nº 25 ? /?/ 1976. p.23-26.

formam instituições e transmitem valores do modo classista, por exemplo⁶⁰⁴. Nesse sentido, classe é uma formação tanto econômica, quanto cultural e está baseada na experiência de homens e mulheres existentes, o que significa dizer que a transformação histórica acontece não simplesmente pela “superestrutura”, mas pelo fato de alterações nas relações produtivas serem vivenciadas na vida social e cultural pelos diferentes sujeitos.⁶⁰⁵

Na atualidade, dentre seus sujeitos e suas experiências nos dias de jogos futebol, temos desde o vendedor de cerveja, de churrasquinho, água dentre outros, os policiais destacados para o jogo, o jornalista esportivo, os seguranças dos clubes, os anônimos praticantes de futebol ao redor do estádio olímpico Edgar Proença “o Mangueirão”, os torcedores: filhos, pais, irmãos, mulheres, crianças, adultos, idosos, ladrões, brigões, “torcedores organizados”. Enfim uma gama de sujeitos que nos levam a pensar sobre como a cidade ganha outros ares nos dias do conhecido clássico ⁶⁰⁶, ou nos dias que um deles joga pelo campeonato brasileiro ou regional.⁶⁰⁷

Dessa forma, sem exageros, Belém atual pode também ser explicada pelo futebol⁶⁰⁸. Pois, existe uma tradição futebolística ligada ao cotidiano das pessoas, principalmente, nos jogos do Clube do Remo e do Paysandú, jogo possuidor de bastante competitividade, rivalidades, identidade e torcidas para os padrões de uma região distante dos grandes centros do Brasil.

⁶⁰⁴ THOMPSON, E.P. Folclore, Antropologia e história social. In: *as peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Op. Cit. p.p.260-263

⁶⁰⁵ Idem. p.p.260-263.

⁶⁰⁶ LEAL, Expedito. RE-PA – rivalidade gloriosa. Op.cit. p. 8-13.

⁶⁰⁷ Esta imagem de Belém nos dias “Re x Pa” se explica pela grande quantidade de partidas de futebol de que participei como agente de Segurança Pública nos dias de jogos entre Remo e Paysandú desde 1998. Minha experiência nessas partidas ocorreu a partir do ponto de vista da Segurança Pública e está ligada ao policiamento que já fiz quando estava nas funções que passei na Polícia Militar do Pará (Aluno Soldado, Soldado, Aluno Oficial, Oficial Subalterno e ainda como Oficial intermediário) isto é, o meu olhar estava pautado não somente no aspecto do trabalho específico da Segurança Pública, mas também sobre a rivalidade das torcidas e a movimentação que ocorria em Belém nos dias de jogos. Essa ideia de construção histórica do Re x Pa a partir da minha experiência no campo do trabalho Policial Militar com os jogos de futebol corrobora (nas devidas proporções) com uma análise feita por Carlo Ginzburg na forma que nasceu a obra *os reis taumaturgos* de Marc Bloch, “da experiência da guerra” que foi ressaltada por Jacques Le Goff no prefácio feito a obra de Bloch. Isto é, a História não está ligada somente ao passado. Para este a experiência da I Guerra Mundial reforçou a convicção de que “a incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado” não sendo menos verdadeiro que seja preciso “compreender o passado pelo presente” como relembra em “*Metier d'historien*”. BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das letras, 1993. p.p. 12-13.

⁶⁰⁸ Segue-se a linha de análise de Fátima Antunes que afirma a importância do futebol ser estudado no Brasil devido pertencer ao cotidiano das pessoas. ANTUNES, Fátima Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues. op. cit. p.p. 16-17. 2004. E também o pensamento de Hilário Franco Junior que afirma a partir de uma constatação simples que no Brasil, o futebol é bastante jogado e insuficientemente pensado. FRANCO JUNIOR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. op. cit. p 11.

Esta construção cultural em torno do futebol local, se comparada com os times tradicionais do centro-sul, chega a ser espantoso, pois, esses times têm toda uma propaganda na mídia nacional que enfatizam suas práticas futebolísticas, enquanto os clubes daqui, não possuem tanta “relevância” neste cenário atual do futebol nacional.

Assim, ao andarmos, atualmente pelos jogos dos times grandes da capital, no geral, encontramos as características citadas anteriormente, mas, esse futebol de Belém é apenas o *Re x Pa*? ou melhor a identidade futebolística local se baseia apenas na construção da rivalidade entre esses dois clubes de futebol?

É claro que a construção histórico-social dessa rivalidade não nasce somente nos dias de jogos desses dois clubes, como foi dito anteriormente. Ela tem uma fonte muito forte, de um tempo que a dupla participava dos festivais⁶⁰⁹ juntamente com clubes suburbanos, no qual não eram os “*Sportmen*” que se destacariam somente. O sujeito trabalhador, considerado subalterno socialmente, morador dos bairros sem estrutura na cidade, ou com uma estrutura próxima do ambiente rural, com seus igarapés, igapós e matas, nos seus campinhos, também construíram e ressignificaram a rivalidade *Re x Pa*.

Tal realidade de alguns bairros considerados suburbanos pela crônica esportiva na cidade pode ser percebida, na imagem abaixo, que destaca ainda a característica simples do campo de futebol do clube de bairro:

Imagem 26 : Campo do Sacramento no ano 2013 durante um festival esportivo



Fonte: acervo pessoal. Pesquisa de campo realizada no dia 08/09/2013

⁶⁰⁹ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, rivalidade e política: o *Re x Pa* nos festivais futebolísticos em Belém do Pará(1905-1950). Op. Cit.

Esta fotografia acima ressalta um festival esportivo que participei durante a pesquisa no ano de 2013, no campo do Clube Sacramento. Nesse dia foi possível perceber essa relação passado e presente no cotidiano do lazer dos bairros populares nos finais de semana da cidade atualmente. Este lazer que lembra um passado construído a partir de festas e disputas de futebol na cidade.

Essa realidade futebolística, construída nos bairros pobres, é objeto de estudo da História social e nos mostra parte de um cotidiano, que possivelmente tem raízes nos bairros ou vilas, onde diversos sujeitos sociais residiam e que por onde grupos da elite econômica, intelectual circulavam.

De maneira comparativa, é possível perceber a fotografia de um espaço de um campo tradicional na cidade para as práticas do futebol suburbano. Conforme imagem abaixo:

Imagem 27: Campo do Sacramento nos anos de 1970 em Belém do Pará.



(Fonte: Revista *Gol revista semanal do esporte paraense*, ano I, nº 25 ? /?/ 1976. Biblioteca do Instituto Ensino de Segurança Pública do Pará.)

A imagem acima que retrata o campo do Sacramento, com bastante mato ao redor e sem alambrado, local onde jogadores, torcedores provavelmente vivenciavam o cotidiano dos treinos e finais de semana de lazer do seu clube.

Essa fotografia é dos anos de 1970, o objetivo da matéria na Revista *Gol* era mostrar como naquele ano, o Sacramento, um time suburbano que ia participar do campeonato paraense de futebol e que possuía uma estrutura física bastante amadora e precária na época. O cronista esportivo destacava na foto toda a precariedade do campinho, onde os jogadores participavam de treinos e jogos.

Essa imagem também buscava mostrar, talvez, a “essência” do jogador de futebol fora dos grandes clubes nesses anos de 1970, talvez já percebendo as mudanças na forma de

jogar futebol buscou-se enfatizar o caráter idealizado do jogador suburbano e também um contexto histórico que não era mais os anos de 1930, período da fundação desse clube.

O que nos faz pensar que essas fontes são importantes para nossa investigação histórica, pois, no leva a perceber o cotidiano dos clubes nos seus subúrbios, mesmo que não sejam fontes diretamente do período estudado, mas que podem ser comparadas com fontes que são do período.

Na imagem 28, temos um jogo de futebol do time do Sacramenta em 1950, publicada pela revista *Gol* no ano de 1978. Essa imagem mostra através do olhar do seu fotógrafo, parte do bairro suburbano, chamado de Sacramenta. Isto, é um fragmento de um cotidiano do lazer dos sujeitos que frequentavam o clube nos anos de 1950 e participavam das suas partidas.

É possível ver ao fundo da imagem uma pequena mata que compunha a paisagem daquele subúrbio de Belém. Característica que explicita como jogadores como Paturi e Borrachão, que aparecem na fotografia, estavam relacionados com uma parte da cidade que tinha um cotidiano muito próximo do que ocorria no interior do Pará e suas populações ribeirinhas que conviviam com a mata e os rios.

Imagem 28 - Jogo do Sacramenta no seu “campinho” nos anos de 1950



Fonte: Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978. p. 14.

Essa dinâmica de estudo do cotidiano do futebol suburbano em Belém e sua historicidade, nos leva a utilizarmos as ideias de Peter Burke que compõe a sua obra “Historia e Teoria social”, e que serve como analogia para estudarmos nosso objeto de estudo. Nela o autor analisa a história da globalização não como algo “natural”, mas como fruto de um processo de historicidade.

A explicação de que o processo histórico de globalização está pautado em relações cada vez mais próxima entre os povos, nos leva a pensar que tal situação ocorre há muitos anos, o que não deixa de estar certo. Porém, cabe ao historiador definir os limites da globalização no presente e lembrar aos participantes de um possível debate a quanto tempo o processo ocorre, tornando o passado e o presente mais visível⁶¹⁰.

Não pretendemos fazer nesta pesquisa um estudo da história da globalização. Porém, essa ideia da relação próxima entre passado e presente no estudo desse processo histórico, defendido por Peter Burke, passa a ser importante para o entendimento das práticas futebolísticas e suas áreas de lazer na capital paraense, pois, existe toda uma construção de símbolos, identidades e tradições que possibilitam a análise do dia-a-dia de uma cidade, como Belém, que possui também no seu alicerce cultural relacionado as peculiaridades locais.

A historicidade da globalização defendida por Peter Burke nos faz pensar sobre o noticiário da revista “Gol” e a imagem fotográfica que destaca fragmentos do cotidiano futebolístico do clube Sacramenta, nos anos de 1970, nas páginas anteriores, no qual é possível observamos um processo histórico que é global, quanto sua prática futebolística, local, por suas peculiaridades em relação aos sujeitos e a cidade, que podem explicar o cotidiano dos anos anteriores aos de 1970, devido mostrarem uma realidade amazônica que foi construída historicamente através de relações entre moradores, jogadores, pessoas que vivenciavam o cotidiano do bairro da Sacramenta em Belém.

Ao descrevermos os bairros considerados suburbanos, a partir de fontes ligadas as práticas futebolísticas, é possível mapear uma realidade de Belém como uma urbe amazônica, suas diferenças de estrutura e ocupação urbana que influenciavam nas construções culturais dos sujeitos e construir uma reflexão a partir dos estudos das cidades amazônicas e suas peculiaridades.

Na busca pelo entendimento da realidade amazônica, Leila Mourão nos apresenta uma análise que segue a ideia multidisciplinar do entendimento da cidade de Belém e ratifica

⁶¹⁰ BURKE, Peter. História e teoria social. 3ª ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2012. p. 275-277.

que são estudos difíceis devido a inúmeras possibilidades de interpretação, mesmo se tratando de abordagens históricas, pois, vários são profissionais que podem buscar a interpretação das fontes e análise dos problemas das cidades. Para a autora mesmo a elaboração da história de uma cidade específica requer que ela seja percebida enquanto lugar físico, social, econômico, político e cultural⁶¹¹.

A partir dessa percepção específica da cidade é possível perceber outros sujeitos sociais que ajudaram a construir um futebol que não estava somente nos escritos diários da imprensa esportiva, um futebol suburbano que estava ligado a uma relação de lazer de uma cidade que não tinha somente o “rosto” estampado do centro urbanizado herdeiro de Lemos⁶¹² ou tão pouco ao discurso de “*Belle Époque Sportive*”⁶¹³ ligada aos clubes mais tradicionais frequentados pelos grupos mais prestigiados socialmente, pois, outra cidade podia ser percebida através do cotidiano de clubes como Imperial⁶¹⁴, S.Domingos⁶¹⁵ e o Sacramento⁶¹⁶ que representavam a partir da visão dos cronistas esportivos uma urbe muito ligada as práticas populares das cidades do interior⁶¹⁷ e que revelam uma outra forma de ver Belém da primeira metade do século XX, ou seja, a cidade do lazer, esporte, rivalidade, festa e subúrbio.

Essas “práticas populares”, que de forma simples podem ser identificadas com seu cotidiano no bairro ligados ao rio, porto, matas, ruas sem pavimentação não aparecem diretamente, mas indiretamente nas fontes levantadas, porém, de acordo com a escrita dos cronistas esportivos é possível relacioná-las com as notícias do futebol suburbano. Isto é, qual o sentimento do cronista esportivo ao escrever sobre os variados subúrbios na cidade?

⁶¹¹ MOURÃO, Leila. Histórias das cidades da Amazônia brasileira. In: *Revistas Estudos Amazônicos*, PPHIST/UFPA, Belém: Alves Gráfica e Editora, vol. II, jul/dez, 2007. p.p. 29-43.

⁶¹² SARGES, Maria de Nazaré. Belém: riquezas produzindo a belle époque (1870-1912) Belém: Paka-tatu, 2002. p.p. 135-143.

⁶¹³ MAGALHÃES, Leticia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 317-320.

⁶¹⁴ Imperial, Op. Cit. Estatuto dos Clubes/CMA/UFPA.

⁶¹⁵ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: S. Domingos Esporte Clube, 1947, cx 06, Doc 61. CMA/UFPA. Esta Agremiação esportiva foi fundada no ano de 1915, registrada no Cartório Condurú em 06 de setembro de 1947.

⁶¹⁶ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: Sacramento Sport Club, 1942, cx 05, Doc 44. CMA/UFPA.

⁶¹⁷ Sobre as populações que frequentavam as áreas ditas suburbanas pelos cronistas esportivos é possível perceber que em bairros como o Jurunas, parte dos seus habitantes são oriundos do interior do Pará, principalmente de populações ribeirinhas que vinham com toda uma carga de costumes e tradições diretamente ligado ao cotidiano dos rios amazônicos. Sobre o assunto WILM, Luciana. COSTA, Mauricio, Et Al. A beira e o bairro: usos e apropriações do espaço urbano no Jurunas. In: SILVA, Luis de Jesus Dias da. PONTE, Juliano Pamplona Ximenes.(org.) *Urbanização e ambiente: experiências de pesquisa na Amazônia Oriental*. Belém: Paka-tatu, 2011. P. 311-313.

Falar em algumas características ligadas ao subúrbio, como “pés descalços”(ao contrário dos *Sportmen* que possuíam chuteiras) é mostrar um indício de como se caracterizava um Time suburbano e que o subúrbio belenense estava ligado ao aspecto natural da própria cidade cortada por rios e igarapés.

Claro que essas ideias talvez não tivessem claras para os próprios sujeitos, por isso, essa idealização do subúrbio e o seu futebol por parte da imprensa, cabendo um estudo mais específico, no capítulo III.

Dessa forma, o pensar histórico sobre essa categoria subúrbio e suas práticas esportivas nos proporciona entender os indícios da realidade do cotidiano dos bairros da cidade de Belém, na primeira metade do século XX.

No próximo capítulo, faremos uma discussão sobre a dinâmica esportiva dos clubes a partir dos discursos jornalísticos, as influências políticas e o cotidiano dos clubes nos bairros. O objetivo é perceber essas relações dos sujeitos nos três pontos especificados. Essa dinâmica esportiva nos mostra como foi construído pelos diversos sujeitos o lazer e a sociabilidade nas áreas consideradas suburbanas da cidade.

“PRORROGAÇÃO”-IMPrensa, POLÍTICA E DIVERSÃO: A DINÂMICA SPORTIVA NOS CLUBS E SEUS CAMPOS DE SUBÚRBIO EM BELÉM.



Nesta “prorrogação” buscaremos compreender três aspectos ligados à construção do futebol suburbano na cidade: as relações entre o futebol, política, discurso jornalístico e cotidiano do lazer nos clubes de bairros.

Primeiramente, é preciso destacar a construção de um padrão de atuação profissional dos jornalistas que influenciou nos discursos sobre os clubes suburbanos que apareciam nos jornais, revistas e, ao mesmo tempo, como a construção cultural dos sujeitos pertencentes aos clubes suburbanos influenciou na construção dessa imprensa esportiva.

O objetivo é mostrar, de maneira mais específica, como os “literatos-jornalistas” construíram a ideia de um futebol suburbano nos jornais durante o contexto dos discursos políticos nacionalistas e do modernismo na cidade de Belém do Pará. A nossa intenção é compreender os significados atribuídos ao lazer no âmbito dos clubes considerados suburbanos e as práticas futebolísticas dos sujeitos que conviviam nesses clubes a partir do discurso dos “literatos-cronistas esportivos” que tinham essa proximidade com os sujeitos dos bairros populares de Belém. Relações que possivelmente influenciavam na escrita dos noticiários do futebol – que são as nossas principais fontes para entender o cotidiano do futebol suburbano.

Em seguida, analisaremos a prática política nos clubes suburbanos e os clubes suburbanos na prática política, nos anos de 1920 a 1952. Esse “trocadilho” dos clubes suburbanos e a política se explicam devido o aumento considerável dos intitulados pelos cronistas esportivos, de “clubes de futebol suburbano” na cidade e, ao mesmo tempo, neste cenário futebolístico destacar-se uma maior participação de políticos como Abelardo Condurú, Magalhães Barata, por exemplo, durante os jogos que ocorriam nos diversos bairros de Belém. Assim como, entender essas práticas políticas do momento que apareciam no cotidiano dos clubes na cidade.

Nesse sentido, é relevante destacar que o contexto histórico “coincidentemente” tem as influências da primeira República (1889-1930), da Era Vargas (1930-1945) e da 2ª guerra mundial no cenário esportivo de Belém. Aliado a isso, temos a discussão sobre o

profissionalismo no futebol; avanço dos meios de comunicação de massa, como o rádio, e uma maior participação dos jogadores dos bairros suburbanos nos “grandes” clubes da cidade nos jogos pelo campeonato paraense de futebol e o aumento dos torcedores nos jogos oficiais.

A relação política-futebol neste cenário nos incentiva a investigar que modificações ocorreram nos clubes e como isso se revelava no dia-a-dia futebolístico, pois, as disputas políticas também estavam presentes no âmbito dos clubes, assim como os clubes estavam presentes no cotidiano dos políticos da época.

Por fim, buscaremos entender parte do cotidiano de alguns clubes nos seus respectivos bairros. A ideia é buscar, através do estudo das fontes, no recorte histórico estabelecido, possibilidades de entendimento do cotidiano dos bairros ligados às relações de lazer, sociabilidade e prática esportiva nos variados Clubes da cidade, principalmente nas áreas consideradas pelos cronistas esportivos como suburbanas.

3.1 “Entre o ideal e o real”: os subúrbios futebolísticos belenenses na visão dos literatos-jornalistas.

Neste tópico, analisamos a proximidade entre o pensar dos “literatos-jornalistas”⁶¹⁸ e a forma como se trabalhava o discurso sobre o futebol e, especificamente, sobre o que seria essa visão do futebol suburbano aliado ao discurso do movimento modernista no Pará, a partir de fontes jornalísticas e literárias.

Apresentaremos uma breve investigação histórica sobre como pensavam, o que se escrevia sobre esportes e os discursos sobre as características amazônicas que buscavam destacar no cotidiano belenense na primeira metade do século XX.

A nossa intenção é compreender parte dos significados atribuídos ao lazer no âmbito dos clubes considerados suburbanos e as práticas futebolísticas dos sujeitos que conviviam nesses clubes. Claro que teremos uma ideia a partir desses literatos, mas que nos

⁶¹⁸ O termo literato-jornalista não é destacado nas fontes. Este foi usado no trabalho para que o leitor possa entender que os jornalistas ou cronistas esportivos participavam de movimentos literários que movimentavam a cidade. Suas ideias influenciavam o cotidiano esportivo da cidade.

dará uma perspectiva de como os “literatos-cronistas esportivos” tinham essa proximidade que, possivelmente, influenciava na escrita dos noticiários do futebol.

3.1.1 - Bruno de Menezes e Edgar Proença: Futebol, clubes e crônica esportiva em Belém.

“Os *sportmen* estavam nas redações”. É o que afirma Rafael Matos quando analisa os jornais e revistas de Belém que escreviam sobre o futebol na primeira metade do século XX.⁶¹⁹

O destaque dado para Bento Bruno de Menezes⁶²⁰ e Edgar de Campos Proença⁶²¹, neste tópico sobre o futebol suburbano, tem sua razão de ser, principalmente, quando percebemos que futebol e a literatura estão intimamente ligados a um projeto nacional que se firmou principalmente, nos anos de 1920, no Pará e no Brasil. Esse projeto estava relacionado aos grupos de intelectuais que buscavam trabalhar os aspectos regionais no campo da

⁶¹⁹ MATOS, Rafael. *Sportmen* nas redações: o jornalismo esportivo na *Belle Époque*. Op.cit.

⁶²⁰ Bruno de Menezes juntamente com os “Vandalos do Apocalipse” era frequentador dos bares da cidade que começavam na Avenida Independência e terminavam nos bares de São Braz, os boêmios de São Braz. No “Café da Paz, no terrasse do Grande Hotel” encontravam-se Rocha Moreira, Edgar Proença, não raro nas noites de boemia encontrar De Campos Ribeiro, Abelardo Condurú, Abguar Bastos, Lindolpho Mesquita, por exemplo. Noites em que após a “soirée chic” do Olímpia encontrava-se os membros da gente fina, a chamada elite. RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. Op. Cit. p.p. 129-131. Foi uma liderança intelectual de um momento importante para enterdermos o cotidiano da cidade de Belém do Pará, principalmente, a partir da década de 1920, quando o movimento modernista ganhou força juntamente com as peculiaridades do local, passa a ser um sujeito importante para um descortinar da construção histórico-social do futebol suburbano em Belém. O homem que foi literato, jornalista, nascido no ano de 1893, no bairro do Jurunas, jogador de futebol, filho de pais pobres, dentre outras especificidades, no ano de 1923, era um jovem de trinta anos. Sua formação profissional estava ligado a um passado duro como tipógrafo na Livraria Moderna. Conheceu no seu local de trabalho autores do anarquismo que influenciou no seu cotidiano. Literatura e revolução foram palavras utilizadas pelo referido autor. Foi jogador do Guarany Foot ball Club, do bairro de São Braz, na década de 1910. O literato circulava nas áreas suburbanas e consideradas elitizadas, era considerado um *sportman*, mesmo sem que a sua origem social ligada as famílias mais ricas da cidade, se tomarmos por base a referência da chegada do futebol em Belém do Pará. MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Lendo o Pará, 14, Edição Especial, Folclore, Vol. II, Belém: Secretaria estadual de cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993, p. 11. COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos(1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA-UNAMAZ, 2005. p.p. 83-84. FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Op.cit. p.p. 37-46; 57-65. _____Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia(orgs). Diálogos entre História, literatura e memória. Belém: Paka-tatu, 2007.

⁶²¹ Foi um vândalo do apocalipse segundo De Campos Ribeiro. Foi Diretor da Revista *A Semana* juntamente com Bruno de Menezes. *A Semana*, nº 659, 23/03/1931. Edgar Proença acompanhava os intelectuais de sua época conforme nota anterior sobre Bruno de Menezes. É homenageado por Lindolpho Mesquita, o “Zé Vicente” na obra do ano de 1941 denominada de “Histórias do meu Subúrbio: Chronicas humorísticas. Belém: Revista Veterinária, 1941. p. 2.

literatura e da arte, como busca de uma identidade cultural que afirmasse tais aspectos no âmbito do modernismo.⁶²²

Sobre esse contexto dos anos de 1920 e 1930, Bernardo Buarque de Hollanda enfatiza que:

(...) Nesse período ganham vulto os intelectuais vinculados ao modernismo, sejam os do eixo Rio-São Paulo, sejam os do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e do Nordeste. Após a Semana de Arte Moderna de 1922, marco simbólico da força desta nova linhagem artística, os diversos autores do movimento modernista vão-se espargindo no decênio de 1920 e nas décadas seguintes em torno de grupos, correntes, revistas, jornais, partidos políticos e instituições governamentais. Dentre os vários grupos surgidos, destaca-se aquele liderado por Gilberto Freyre, em 1926, no Recife, onde, ao lado de José Lins do Rêgo, foram lançadas as bases do moderno regionalismo nordestino e onde foi organizado o 1º Congresso Regionalista e Tradicionalista do Nordeste. (...) A missão de um *descobrimento do Brasil* que integrasse o plano da cultura popular à caracterização da nação moderna era uma das tarefas precípua daquela geração de intelectuais.(...)⁶²³

O estudo construído por Bernardo Burque de Hollanda sobre o sentimento nacional, a partir das crônicas de José Lins do Rêgo relacionadas à prática do futebol no Rio de Janeiro, nos leva a pensar a relação entre a escrita dos intelectuais nos jornais belenenses e a sua ligação com a atividade futebolística.

A ideia é pensar no processo de discussão sobre os valores nacionais como diversificados e heterogêneos em todo o país. Por isso, Belém não estava fora do contexto e seus intelectuais discutiam valores locais conjuntamente com fatos ligados aos movimentos modernistas que aconteceram no Rio de Janeiro e em São Paulo.

⁶²² Marinilce Coelho nos informa que alguns dos poemas do poeta Bruno de Menezes enfatizavam um sentimento de orgulho por sua cidade natal, Belém do Pará. Esse sentimento do poeta destaca a valorização das características locais. Valores que vão está no âmbito do movimento modernista. COELHO, Marinilce Oliveira. O grupo dos novos(1946-1952): Memórias literárias em Belém do Pará. Op.cit. p.p. 40-41. Sobre Edgar Proença é possível perceber a relação do mesmo com a imprensa que dentre outras situações assumiu a função de Diretor da Revista *A Semana*, no qual o seu redactor foi Bruno de Menezes. *A Semana*, nº 659, 23/03/1931. Essa proximidade com os jornais e revistas e suas experiências em ambientes elitizados e suburbanos nos levam a pensar que a escrita jornalística dos dois autores estava influenciada pelo contexto. Que os clubes suburbanos que era descritos nos jornais ganharam seu espaço maior nesse momento de valorização dos aspectos locais. Ver também FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012, p.p. 77-87.

⁶²³ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O Descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Op. Cit. p.p. 33-34.

Dessa forma, nos convém pensar sobre como esses intelectuais, que atuavam nos jornais e no âmbito literário, escreviam crônicas sobre futebol nos anos de 1920, já que este esporte começa a ter maior evidência na imprensa esportiva belenense.

Sobre o assunto, Fátima Antunes, nos coloca que a crônica como gênero literário tinha uma forte ligação com o cotidiano e pôde se constituir como um espaço de formulação de opiniões largamente partilhadas, no qual, o cronista se dirigia diretamente ao leitor e colocava seu próprio ponto de vista. O mesmo cronista que escrevia sobre futebol poderia escrever em outras seções dos jornais e, na maioria das vezes, aplicava-se a outras atividades intelectuais não relacionadas ao jornalismo ⁶²⁴

Um desses intelectuais de Belém que pode ser caracterizado nessa perspectiva é Bruno de Menezes, pois, além de sua origem suburbana, circulava nos meios de uma elite intelectual e possuía uma participação direta no futebol, desde à década de 1910, como se evidencia na fonte abaixo:

(...) 2- futebol – Grupo do Remo e Guarani
 Para o campo da praça FLORIANO PEIXOTO, estava marcado para segunda-feira, 21 de abril, feriado nacional, em homenagem a Tiradentes, um jogo de futebol entre os times do Guarani Futebol Clube (desafiante) e do Grupo do Remo, que assim fazia su apresentação oficial. Era êste o time do Remo:
 Bernadino,
 Varrelmam e Eurico
 Dudú, C. Aímee e Mamede
 Galdino, Mário, Antonico, Dudu e Rubilar.
 Assim formava o Guarani:
 Aldo
 Waldemir e Joaquim
 Bento (Bruno de Menezes), Americano e Pedro
 Braga, Arlindo, Arthur, Ipixuna e Cunha. (...) ⁶²⁵

Como se percebe, o “literato-jornalista” Bruno de Menezes também tinha sido jogador de futebol do Guarani, onde disputou partidas na segunda década do século XX, num período que essa prática esportiva ainda era considerada própria das elites aristocráticas.

O time desse intelectual jogou contra o Clube do Remo comemorando o feriado nacional de Tiradentes, no dia 21 de abril de 1913. Um ponto interessante é que esse jogo ocorreu em São Braz, na praça Floriano Peixoto, um local que nos feriados e finais de semana

⁶²⁴ ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. Op. Cit. p.p. 20-21.

⁶²⁵ Uma partida entre o Remo e o Guarani no que ocorreu em 21 de abril de 1913, no campo da praça Floriano Peixoto, em São Braz. CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo de 1905 à 1969. Op. Cit. p.p. 53-54.

fazia parte do lazer desses *sportmen*. Apesar dos grupos elitizados, a prática do futebol em São Braz não eliminava a participação popular nos momentos dos jogos.

Os jogos de futebol que ocorriam na cidade estavam também relacionados aos grupos mais pobres, moradores dos subúrbios. Nesse caso, o jogador de futebol Bento Bruno de Menezes foi um *Sportman* por circular entre as elites e um jogador suburbano por sua origem social. Sua participação como atleta mostra que a visão de futebol e subúrbio estava alicerçada no seu cotidiano. Esse fato nos evidencia que o jogo não era praticado somente pelas elites, nos anos de 1910, e uma forma de participação dos grupos populares estava relacionada à oportunidade de acesso ao futebol devido aos contatos que estabeleciam com clubes esportivos, que depois, se espalharam pela cidade.

Vale ressaltar que ao destacar o futebol e o subúrbio na visão deste literato, busco enfatizar suas experiências ao longo da infância e da juventude como morador do bairro do Jurunas e sua vivência nos grupos de intelectuais. Esse contato, nos leva a indícios de que a escrita sobre clubes nos jornais e revistas passava por essas construções de sua história de vida.

Sobre a história de vida do literato, Aldrin Figueiredo nos apresenta:

(...) Bruno de Menezes era um jovem literato de origem modesta que, em 1923, completara 30 anos de idade. Sua formação profissional vinha de um passado duro como aprendiz de tipógrafo na livraria Moderna, de Sabino Silva, ‘onde como era de praxe naquela época, sofria vexatórios castigos impostos por Manoel Costa’ seu chefe. O dia-a-dia da gráfica, no entanto, tinha um revés que o marcaria fortemente. Foi lá que conheceu a Obra de Vicente Blasco Ibáñez (1867-1928); Liev Tolstoi (1828-1910); Maksim Gorki (1860-1904); Karl Marx (1818-1883) Friedrich Engels (1820-1895) e toda uma linhagem respeitável de autores reverenciados no universo anarquista. (...) ⁶²⁶

Bruno de Menezes tinha uma visão prática do jogo, pois, não somente escrevia nas revistas e jornais especializados, como jogava na equipe futebolística e, possivelmente, conversava sobre o assunto com o próprio Edgar Proença. Ambos pertenceram à mesma geração de literatos que formaram a “Academia dos novos”⁶²⁷.

⁶²⁶ FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Arte, literatura e revolução: Bruno de Menezes, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia(orgs). Diálogos entre História, literatura e memória. Belém: Paka-tatu, 2007. p. 293-294.

⁶²⁷ Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura do Pará nos anos 20. Op. Cit. p.p. 64-65.

Edgar Proença também tinha participação ativa nas práticas futebolísticas, exatamente no período em que a imprensa ressalta os clubes mais elitizados, quando fundou o Paysandú, presidiu o Brasil Sport Club e, em seguida, passou a se declarar torcedor do Clube do Remo⁶²⁸. Sua participação nos diversos setores sociais e na escrita da imprensa esportiva nos leva a investigá-lo como forma de entender como a sua relação com literatos e sua participação política influenciou, não somente na popularização do futebol, como na construção de uma ideia de futebol suburbano.

A fonte abaixo nos explicita um maior entendimento sobre a participação de Edgar Proença nos campos futebolísticos:

(...) Diversas

Nosso companheiro Dr. Edgar Proença recebeu entre outras manifestações de Symphatias de clubes esportivos por ocasião do seu aniversário natalício ocorrido a 4 do corrente, as agremiações do Paysandú e Tuna que muito o sensibilizaram.

A Tuna enviou-lhe um officio cheia de calorosas referências, e o Paysandú, além da mensagem telegráfica que lhe mandou, fez-se representar, pessoalmente, pela sua directoria que, tendo à frente a figura de seu esforçado presidente Dr Alvaro Fonseca, compareceu incorporada à residência do nosso companheiro. Também Thomaz Nunes da 'Folha do Norte' e Dantas Tourinho da 'Vanguarda', testemunharam de público e pessoalmente sua solidariedade affectiva, gesto esse que ainda mais escravizou Edgar Proença à estima daquelles prezados confrades.

Mac Donne (...) ⁶²⁹

Dessa forma é perceptível como Edgar Proença possuía prestígio nos jornais que escrevia e nos outros que se relacionava através de seus “confrades”. E também na prática futebolística, pois, recebia homenagem dos clubes que ajudou a fundar, como Paysandú, ou tinha contato devido os jogos que ocorriam, como a Tuna Luso, que o mesmo acompanhava no cenário urbano de Belém. Na fonte acima é o próprio Edgar Proença falando da homenagem que ele mesmo recebeu sob o pseudônimo de *Mac Donne*⁶³⁰, o que nos mostra como ele, por meio de jornais e revistas, comentava sobre o cotidiano esportivo e seus festivais.

⁶²⁸ DA COSTA, Ferreira. Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. Belém: 2012, p. 24.

⁶²⁹ Aniversário de Edgar Proença e homenagens feitas pelo Paysandú e Tuna. Jornal *O Estado do Pará*, quinta-feira 08/02/1940. 5ª página.

⁶³⁰ Homenagem ao centenário do pioneiro do rádio no Pará. TEXTO DE JOÃO CARLOS PEREIRA. Jornal *A Província do Pará*, 1º caderno, p.12. terça-feira, 04 de fevereiro de 1992.

O prestígio de Edgar Proença estava relacionado à sua característica de circular nos diversos ambientes sociais. Foi fundador da Rádio Clube do Pará juntamente com Roberto Camelier⁶³¹ e Eriberto Pio⁶³², no ano de 1928. Essa emissora de rádio foi a primeira da região amazônica e a quarta do Brasil.⁶³³

O contexto do modernismo no Pará tinha por característica o pensar dos intelectuais de Belém nas décadas de 1920, como fruto de uma vivência anterior ao processo histórico tradicional que analisa o modernismo pelo ponto de vista teleológico. Na verdade, contam uma história a partir de uma linha evolutiva, pelo qual São Paulo se torna o suposto pólo irradiador do movimento modernista para todo o país. Ao contrário, essa efervescência cultural e política que deu origem a esse movimento era difusa, descentrada e não estava ligada somente a um contexto específico de origem.

Por isso, apesar dos intelectuais paraenses terem fundado revistas, participado dos debates políticos e artístico na grande imprensa, o que mostra uma adesão à renovação literária promovida por São Paulo, “que tem sua carta patente”, ao mesmo tempo buscavam caracterizar o movimento aqui no Pará indo atrás de sua independência com relação à hegemonia sulista.

Nesse sentido, os intelectuais paraenses fizeram o mesmo que se fazia há décadas em outros locais: fundaram revistas literárias e escreviam na imprensa. Falava-se de suas versões da realidade, pois, havia uma grande interpenetração da profissão de jornalista e literato, nos quais, ambos apresentavam nas suas escritas às rivalidades políticas e artísticas do período, sendo inclusive considerados por Sidney Chalhoub como “farinha do mesmo saco”⁶³⁴.

O ser “farinha do mesmo saco” ajuda a entender a interpenetração dos dois ofícios à época. Isto é, a literatura ocorria na imprensa desde o século XIX. Esse fato nos faz pensar

⁶³¹ Nome de uma avenida que corta o bairro do Jurunas. Roberto Camelier nasceu em 07 de junho de 1898, formou-se em Bacharel em Direito, foi delegado no Rio de Janeiro e juiz no interior do Pará. Era muito bem quisto pelos funcionários da Rádio Clube do Pará. Faleceu em 15 de abril de 1948. GONÇALVES, Fátima. VIEIRA, Ruth. Ligo o rádio para sonhar. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2003. p. 37.

⁶³² Eriberto Pio dos Santos, nasceu em 11 de julho de 1903, no bairro do Umarizal. Aos doze anos, foi estafeta da Western, Companhia Telegráfica. Em 1922, foi admitido no Telégrafo Nacional e trabalhou na estrada de Ferro de Bragança. Em 1924, prestou exame para operar com o Código morse. Foi nomeado telegrafista para a sede, onde ficou até 1950. Morreu em 16 de junho de 1963. Idem. p. 38.

⁶³³ Ibidem, p. 15. Sobre a História da Rádio clube do Pará e a participação de Edgar Proença e Roberto Camelier ver: OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. Modernidade e integração na Amazônia: *Intelligentsia e Broadcasting* no entre guerra. (Dissertação). Belém: IFCH/PPHIST/UFPA, 2011. p.p. 20-30.

⁶³⁴ CHALHOUB, Sidney. Prefácio. In: FIGUEIREDO, Aldrin Moura. *Os vândalos do apocalipse e outras histórias : arte e literatura do Pará dos anos 20*. Belém:IAP, 2012. p.p. 11-13.

sobre os indícios de proximidade entre as crônicas esportivas escritas por Edgar Proença e Bruno de Menezes nos jornais e revistas e o movimento modernista, que ambos participaram ativamente. Pois, as crônicas esportivas se caracterizavam pela busca da simplicidade, da aproximação com as questões regionais, da idealização dos subúrbios, do estreitamento com os setores populares e suas práticas futebolísticas.

Por isso, creio que quando os cronistas escreviam as notícias esportivas – os jogos dos clubes de futebol, os espaços das festas – torcedores e seus jogadores passavam a ter um destaque pela suposta representação do dia-a-dia belenense, em bairros como Jurunas, por exemplo, que eram bairros considerados de setores populares cujos clubes de futebol eram retratados nos jornais como suburbanos.

Abaixo, temos a notícia da Revista *A Semana*, 23 de março de 1931, que ressaltava a crítica ao profissionalismo nos clubes federados. Para o cronista que escreveu a matéria esse problema se instaurou nos campos esportivos e fazia do jogador suburbano um “ocioso” porque não cultivava os valores do esporte ou o “amor à camisa”.

(...) Os nossos clubes não resistem ao rigor da medida e, desta secção. Já fizemos ver, de primeira vez, a inutilidade dos núcleos federados, cuja, única preocupação se exerce na caça quotidiana de bons. Jogadores. Vivem todos alheios à sua verdadeira finalidade. Não educam, não instruem, e nem concorrem para a verdadeira prática do esporte. A confirmação do nosso comentário vai se operando aos poucos e se a Federação quiser ver o estado a que ficará reduzida, basta fincar o pé no cumprimento da resolução tomada. Não temos amadores. Com raras exceções, o “*foot ball*”, para os nossos jogadores é porta aberta ao gosto da ociosidade. Poucos trabalham.

O profissionalismo disfarçado corroe os clubes, reduzindo-os a verdadeiras inutilidades. Ninguém veste uma camisa ou defende um pavilhão por amor. A peregrinação pelos suburbanos transformou o amador num oportunista inveterado. Que a Federação estudando a questão por este lado, enveredou pelo caminho de providências novas, obrigando as sociedades filiadas ao cumprimento das obrigações e promovendo campeonatos juvenis e infantis, que de princípio, se possam integrar no conhecimento dos dispositivos estatutários. (...) ⁶³⁵

Nesse sentido, pensar em entender o cotidiano dos clubes suburbanos, perpassa também pelo estudo da relação entre literato-jornalista-cronista esportivo, haja vista que era esse sujeito que apresentava os campeonatos, festivais, amistosos com clubes tradicionais, jogadores nos jornais como fruto de um pensar nos variados bairros da cidade, no qual, muitas vezes as dificuldades de transporte, a ligação com os rios, palafitas, barracas e a falta de

⁶³⁵ Revista *A Semana*, nº 659, 23/03/1931.

estrutura dos clubes de futebol eram destacadas como peculiaridades que identificavam os diversos sujeitos que circulavam nessas áreas. Este fator solidifica a busca pela compreensão das concepções e do discurso de literatos-jornalistas-desportistas, como Edgar Proença e Bruno de Menezes, que escreviam nos jornais sobre os jogos de futebol suburbano e a realidade de Belém nesses idos de 1920.

3.1.2 - Intelectuais, Subúrbio e o jornais.

O literato Lindolfo Mesquita ao escrever sua obra intitulada de “Histórias do meu Subúrbio” enfatizava peculiaridades do dia-a-dia que nos dão uma ideia de como determinado grupo de pensadores descreviam o cotidiano dos subúrbios de Belém.

É uma imagem construída pelo autor que nos permite entender, de forma parcial, como ocorriam as práticas futebolísticas suburbanas, os festivais, o cotidiano do lazer de grupos populares, que no geral, não pertenciam aos setores mais abastados da cidade. Inclusive, é possível entender indícios da idealização do autor sobre a vida suburbana na capital. Tais indícios de nossa investigação histórica são apresentados nos fragmentos do texto abaixo:

(...) Poucas palavras

Estas histórias, que são, na maioria, pedaços do meu subúrbio, dedico aos bons amigos, Luzio Lima, Jayme Lobato, Raphael F. Gomes, Dudú Andrade Ramos, Adriano Pimentel, Júlio Camara, Edgar Proença, João Malaquias. E quero que seja, também, a homenagem do meu espírito ao meu querido “Estado do Pará”, na pessoa de Afonso Chermont. Belém- 1941

Lindolpho Mequita(...) ⁶³⁶

Zé Vicente⁶³⁷ conviveu com seu “confrade” Edgar Proença nesse período de vigência do modernismo literário regional. Era filho de migrantes cearenses, profundo

⁶³⁶ MESQUITA, Lindolfo. História do meu subúrbio: Chronicas humorísticas. Belém: Ofs. Grafts. Revista da veterinária, 1941. p. 02.

⁶³⁷ Pseudônimo de Lindolpho Mesquita. Transcrito da sua obra: MESQUITA, Lindolpho. Histórias do meu Subúrbio: Chronicas humorísticas. op. cit. capa.

conhecedor do cotidiano popular nas feiras da cidade junto a caixeiros portugueses, comerciantes libaneses, os ribeirinhos das regiões das ilhas de Belém e os cordelistas que fizeram fama no Pará. Dessa forma, sua amizade com Edgar Proença estava na mira de sua forma cômica de escrever, uma espécie de autocrítica do grupo da *Belém Nova*. Essa situação mostra a proximidade do ser literato e jornalista e as formas que a cidade foi retratada por esses homens⁶³⁸.

A revista *Belém Nova* surgiu uma semana após os festejos de comemoração do centenário de adesão à independência, no ano de 1923. Segundo Aldrin Figueiredo, ela surgiu reclamando o modernismo literário. No lançamento da revista velhos conhecidos da imprensa da capital do Pará, como José Simões, o professor Carlos Nascimento juntamente com os representantes da *Associação dos novos*, uma sociedade literária criada em 1921: Ernani Vieira, Abguar Bastos, Jacques Flores, Paulo de Oliveira, De Campos Ribeiro e Bruno de Menezes.⁶³⁹

No primeiro trecho da obra de “Zé Vicente” sobre subúrbio temos a apresentação e agradecimento do autor a uma série de literatos que se envolviam nas práticas cotidianas dos variados espaços que eram os subúrbios, em Belém do Pará nos idos de 1940. Dentre os literatos aparece a figura de Edgar Proença.

Abaixo, temos um segundo trecho que destaca as moradias e o movimento das pessoas nos setores de subúrbio:

(...)Dormiram juntos por engano
A barraquinha da Theodora já estava mais que parecia um cortiço de abelhas
fervilhantes. O calor lá dentro era grande, mas a alegria fazia com que não se
sentisse tanto o inconveniente. Era aniversário de Juquinha, que andava de roupa
nova pulando pelas cadeiras, com os outros garotos da vizinhança, gosando de
liberdade excessiva nessa noite.(...) ⁶⁴⁰

No segundo trecho, é perceptível a demonstração de festa de aniversário do “Juquinha”. Fato que evidencia o contato entre as pessoas no bairro. Além da descrição da casa que foi chamada de barraquinha que parecia um cortiço.

⁶³⁸ FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras história: arte e literatura do Pará dos anos 20. Op. Cit. p.p. 77-82.

⁶³⁹ Idem. p. 21-22.

⁶⁴⁰ Ibidem, p.p. 3.

Nesse sentido, o relato cômico de “Zé Vicente” nos proporciona pensar como eram os bairros suburbanos em Belém nos momentos de lazer e os diferentes sujeitos que circulavam nessas áreas. Essa contextualização do local feita pelo Autor em destaque, deixava de maneira implícita seu pensamento sobre o cotidiano desses bairros, onde o Juquinha, “que andava de roupa nova pulando pelas cadeiras com outros garotos da vizinhança, gozando de liberdade excessiva a noite.”⁶⁴¹

No mesmo livro Lindolpho Mesquita ressalta uma “conversa de beira da tina” entre a Nhá Germana e Dona Florinda:

(...) Conversa de beira de tina

A Nhá Germana estava na beira da tina se acabando em cima de um montão de roupas, quando a dona a Florinda mostrou a cara na porta da cosinha: - Tá pegada, não?!

A Nhá Germana voltou-se, retirou da tina as mãos espumando, fez um ar de riso e respondeu:

- Se eu num cuidá disso, ninguém é que vem me dá conta.

A outra puxou o ferrolho de páo da porta, passou-se para o quintal e foi sentar sobre a raiz da mangueira, junto da amiga(...)⁶⁴²

Nesse texto é possível perceber a conversa entre as duas senhoras e parte do seu cotidiano doméstico. A lavagem de roupa, a conversa entre vizinhos embaixo das árvores de mangueira no quintal. Um cenário que Lindolpho Mesquita construiu em torno de detalhes que pudessem mostrar ao leitor um pouco da vida das pessoas nos subúrbios.

O autor nos apresenta a “idealização do subúrbio” feita por esses intelectuais que, a partir dos anos de 1920, tendem a valorizar essas peculiaridades da região de Belém. Ideias que influenciavam as crônicas esportivas, dado que muitos dos literatos percorriam os caminhos da escrita nos Jornais e revistas da época, como próprio Edgar Proença que tinha uma participação ativa na construção de uma imagem de um futebol paraense tanto nos jogos oficiais, como âmbito suburbano.

Também nos chama a atenção, neste texto a forma como Lindolpho Mesquita apresenta o “seu” subúrbio a partir de histórias engraçadas, que se caracterizam por seu aspecto popular, assim como as crônicas esportivas. Além desse fato, a presença do nome de Edgar Proença nos agradecimentos do autor é significativa, justamente pela sua participação em áreas importantes da cidade, que nos possibilitam entender qual a imagem do futebol suburbano ressaltada pela imprensa esportiva da primeira metade do século XX.

⁶⁴¹ Idem, ibidem.

⁶⁴² MESQUITA, Lindolpho. História do meu subúrbio: Crônicas humorísticas. op. cit. p.p. 105-106.

É possível a partir da citação do nome de Edgar Proença, percebermos aspectos simbólicos importantes do que se pensava sobre o cotidiano do subúrbio belenense, principalmente, devido o “Dr Proença” pertencer ao cotidiano dos jornais e da literatura que Lindolpho Mesquita frequentava. O nome de Proença não foi citado à toa.

Este contato entre Edgar Proença e Lindolpho Mesquita nos aponta indícios de como os literatos-jornalistas viam os subúrbios e como este espaço era destacado no seu dia-a-dia. Edgar Proença exerceu influência nos jornais, revistas, no teatro, fundações de clubes esportivos e na Radio do Clube do Pará⁶⁴³. Possuía também uma amizade com dirigentes e clubes do centro-sul do país, principalmente, no Rio de Janeiro. Um homem com bastante influência no campo esportivo e na literatura, que ao escrever possivelmente apresentava a sua versão sobre determinadas áreas da cidade. E Lindolpho Mesquita acabava sendo uma influência para os escritos e para o próprio Edgar Proença.

A influência de Edgar Proença podia ser percebida na entrevista feita pelo jornalista e professor João Carlos Pereira junto ao então presidente da FIFA João Havelange, no tempo que ainda presidia a CBD, sobre a vida de Edgar Proença, considerado seu amigo. Havelange chegou a afirmar que quando havia conflito entre dirigentes dos poderosos clubes cariocas, mandava buscar Proença em Belém para funcionar como “bombeiro”⁶⁴⁴.

Essa situação, em princípio, nos parece engraçada, porém, nos mostra a amizade dele com dirigentes e sua proximidade dos fatos esportivos que ocorriam no Rio de Janeiro, dos quais alguns problemas ele conseguia resolver, segundo o próprio Havelange, citou na sua entrevista. Sendo este um detalhe que nos possibilita entender um pouco do pensar do “Dr Proença” com relação ao cotidiano da cidade de Belém que incluía a arte, política, futebol e lazer e sociabilidade.

Dentre os muitos amigos, Dr Proença tinha uma amizade com Bruno de Menezes que, por sua vez, pertenceu a um grupo de intelectuais, que dentre outros feitos modificaram o

⁶⁴³ Fundada em 28 de abril de 1928 a primeira rádio da região amazônica. Os fundadores: Eriberto Pio dos Santos, nasceu em 11 de julho de 1903, no bairro do Umarizal. Aos doze anos, foi estafeta da *Western*, Companhia Telegráfica. Em 1922, foi admitido no Telégrafo Nacional e trabalhou na estrada de Ferro de Bragança. Em 1924, prestou exame para operar com o Código morse. Foi nomeado telegrafista para a sede, onde ficou até 1950. Morreu em 16 de junho de 1963. GONÇALVES, Fátima. VIEIRA, Ruth. Ligo o rádio para sonhar. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2003. p.p. 15; 37- 38. Sobre a História da Rádio clube do Pará e a participação de Edgar Proença e Roberto Camelier ver: OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. Modernidade e integração na Amazônia: *Intelligentsia e Broadcasting* no entre guerra. (Dissertação). Belém: IFCH/PPHIST/UFGA, 2011. p.p. 20-30.

⁶⁴⁴ Jornal *O Liberal*, em poucas linhas, 15/01/1993.

modo de se enxergar a Amazônia. Fator que, provavelmente, influenciou nas decisões e olhares sobre a ideia de prática de futebol na capital paraense.

Essa influência de Edgar Proença pode ser percebida no relato abaixo:

Enquanto cuidava do Rádio Clube, com especial dedicação, o Dr Proença multiplicava suas atividades. Era advogado e político, que atuou no Conselho Municipal como Líder de governo, era jornalista e teatrólogo. Escrevia crônicas e publicava e as publicava nos jornais e revistas e cuidava da encenação das suas peças. Nos Jornais, foi novamente Pioneiro. Criou os “Gravetos”, seções publicadas em páginas alternadas, onde inovou a linguagem. Foi ele, por exemplo, que usou a expressão “boneca” para designar as jovens da sociedade. O cronista social que foi assinava como Miracy. O cronista esportivo era Mac Donne. Essas personagens viviam no mundo de Edgar Proença, um homem que descobriu um jeito de alongar o tempo, para poder participar de reuniões sociais, eventos culturais, eventos culturais, jornadas esportivas e atividades políticas. “ele estava sempre correndo. E estava sempre em todos os lugares”. Lembra o advogado Otávio Mendonça, que conviveu com o Dr. Proença. “era comum encontrar com ele no café Manduca, no café Central ou no terrace do Grande Hotel, sempre cercado de amigos conversando”.

Conversar era uma das coisas que Edgar Proença mais gostava de fazer. E fazia bem. Pessoas como o próprio advogado Otávio Mendonça, como Inocêncio Machado Coelho, como Edgar Chermont e como Santana Marques transformavam os fatos do cotidiano motivo para conversa. Uma conversa fina, inteligente, sadia. Uma conversa de amigos que sabiam o valor da convivência diária e prezavam essa atividade. Era dessa prática, também, que nasciam os motivos de suas crônicas e peças teatrais.⁶⁴⁵

Esse texto foi escrito por João Carlos Pereira, jornalista e membro da Academia Paraense de Letras, no dia 04 de fevereiro de 1992, em homenagem aos 100 anos de nascimento de Edgar Proença. Um dos fundadores da rádio Clube do Pará.

O pseudônimo “Miracy”, quando literato e “Mac Done”, quando estava como cronista esportivo, nos mostra como Edgar Proença através dos seus nomes-personagens construía suas visões sobre Belém e seus sujeitos. Um sujeito considerado importante cronista esportivo, literato, teatrólogo, advogado, dirigente esportivo, que exaltava bastante as mulheres, colunista social⁶⁴⁶ e gostava de estar sempre correndo e em todos os lugares da cidade.

A participação ativa de Edgar Proença na construção de um cenário esportivo desde o início do século XX deixava seus “inimigos” questionando muitas vezes as viagens

⁶⁴⁵ Homenagem ao centenário do Pioneiro do Rádio no Pará. Texto de João Carlos Pereira. Jornal *A Província do Pará*, 1º caderno, terça-feira, 04 /02/ 1992, p.12.

⁶⁴⁶ Pasta de Edgar Proença, Academia Paraense de Letras. Ficha de 08/06/1949.

que fazia ao Rio de Janeiro acompanhando a embaixada paraense de futebol⁶⁴⁷. O que de pronto proporcionou a Revista *A Semana*, o qual o “Dr Proença” era diretor, que fizesse a sua defesa, através do pseudônimo *Dick*. Este noticiou que o referido cronista era um grande desportista e que os outros cronistas esportivos estavam com inveja gratuita do mesmo ir acompanhar a embaixada paraense. Essa crítica chegou ao ponto do cronista *Dick* mandar esses invejosos rasgarem a boca com o dedo justificando a viagem de *Mac Done* como fruto de seu trabalho, isto é, “viajou por que merecia.”⁶⁴⁸

A embaixada paraense, formada por dirigentes e atletas, disputou a primeira versão do campeonato brasileiro de seleções dos estados, no ano de 1923. Conforme a notícia abaixo:

(...) O campeonato brasileiro de futebol
A hora em que essa revista começar a circular nesta cidade o “Prudente de Moraes” navio que conduz a Pernambuco a luzida embaixada paraense, de certo já estará cortando as águas recifenses. (...) Se não houver contratempos imprevistos, realizar-se-á, impreterivelmente, a 23 do corrente, isto é, de amanhã a oito dias, se a nossa representação animada como está, derrotar a turma Pernambucana, irá ate a São Salvador bater-se com os bahianos. Ao contrário dirá adeus as bellas terras de Olinda e volverá incontinente a Belém.(...)⁶⁴⁹

A disputa entre as seleções estaduais no formato de um campeonato brasileiro ajudou a construir uma rivalidade e um discurso de defesa das cores dos estados a partir do futebol. A formação do selecionado e a participação de membros das “embaixadas” revelava o discurso regional que os intelectuais defendiam nos anos de 1920. Na descrição do fragmento da notícia da revista *A Semana*, dia 29 de setembro de 1923, temos um discurso do cronista de pseudônimo *Jairo* exaltando o selecionado paraense:

(...) Salve, Paraenses!
Os conquistadores da vitória nos campos de Pernambuco!
O Pará está de parabéns. Os seus filhos denodados venceram galhardamente os pernambucanos! Como era de se esperar.
A contagem de 2 x 0 bolas é bem significativa e diz bem do valor dos Pernambucanos(...)

⁶⁴⁷ Era formada pela seleção local que disputava o campeonato brasileiro de seleções estaduais. Pertencia a uma espécie de comissão técnica. Talvez o termo embaixada fosse usada para designar os grupos de atletas que representavam cada estado. *A Semana*, nº 550, 17/11/1928.

⁶⁴⁸ “Foi, por que merecia ir” título da reportagem sobre uma viagem de Edgar Proença ao Rio de Janeiro. Revista *A Semana*, nº 550, 17/11/1928.

⁶⁴⁹ Campeonato brasileiro de seleções estaduais. A viagem da embaixada paraense e a estréia do Pará contra Pernambuco. Revista *A Semana*, 15/09/1923. Nº 282.

Resta que os “onze” Paraenses continuem a não se desmentir o valor desportivo de sua terra. A vitória de domingo nos conforta e emociona. Encorajando-nos para novas pelejas.

O segundo jogo dos paraenses

E com os filhos da Bahia que se baterão amanhã os nossos destemidos jogadores.

Maior é a pugna, mais difícil a vitória, mas certamente mais denodados, mais firmes na vontade de vencer serão os filhos do Pará.(...) ⁶⁵⁰

Esse discurso de exaltação dos valores regionais e das cores paraenses através do futebol está ligado ao pensamento dos intelectuais da década de 1920. Nesse caso, Edgar Proença participou juntamente com De Campos Ribeiro, Bruno de Menezes, Abguar Bastos, Lindolfo Mesquita.

A intelectualidade paraense buscava uma renovação na estética da literatura local. Esses intelectuais influenciavam a escrita dos jornais, já que participavam dos periódicos como “*A Semana, Belém Nova e o Jornal O Estado do Pará*”, tendo também na escrita esportiva uma forma de falar da cidade e suas peculiaridades ⁶⁵¹.

Essa forma de pensar a cidade, a partir da cultura e dos aspectos sociais da região, estava ligada à revista Belém Nova, onde eram transcritos os manifestos modernistas paraenses que apresentavam Eneida de Moraes, Bruno de Menezes e Abguar Bastos, dentre outros ⁶⁵², e que influenciaram a escrita das crônicas esportivas pela relação de proximidade que tinham com esses periódicos e com o cotidiano esportivo.

A crônica esportiva era uma escrita baseada numa linguagem coloquial, que representava uma aproximação com os grupos mais populares com o objetivo de falar das características locais do futebol suburbano e campeonato oficial, permitindo, assim, a elaboração de um diálogo entre o escritor e o leitor, peculiaridade que foi bem aproveitada por Edgar Proença, assim como De campos Ribeiro, que se beneficiaram do meio jornalístico para desenvolverem suas atividades literárias. Ambos, por exemplo, assinalaram a sua participação no Jornal *Folha do Norte*. ⁶⁵³

⁶⁵⁰ Os jogos do Pará no campeonato brasileiro contra Pernambuco Revista *A Semana*, 15/09/1923. Nº 282.

⁶⁵¹ CASTRO, Maria das Neves Rocha de. Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós- Belle époque em crônicas de Campos Ribeiro. Belém: Dissertação(Mestrado), PPGL/UFPA, 2011. p.15-16.

⁶⁵² Idem, p.25.

⁶⁵³ CASTRO, Maria das Neves Rocha de. Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós- Belle époque em crônicas de Campos Ribeiro. Op. Cit. p.p.38-39.

Nessa linha de análise, o fragmento do livro de Lindolpho Mesquita, abaixo, nos passa a ideia do cotidiano de uma festa junina e a forma de falar dos personagens que enfatiza a imagem do cronista sobre o subúrbio ou a vida suburbana em Belém:

(...)Passando fogueira

Quando a fogueira já estava mais baixa a Nonóca convidou: _ Vamo agora passa de primo.

_ O Belmiro deixou o chapéu na cadeira, repuxou mais o cós das calças, apertou o cinturão noutro buraco e sahiu para o meio da rua.

A meninada corria de um lado para outro atirando brasas para cima, numa gritaria ensurdecadora.

Ahi o Belmiro virou-se para o outro lado da Nonóca, a ver se a mãe dela estava observando, e declarou:

_ eu num quero passá de primo.

_ De qui é intão, qui tu qués ?

_ Eu queria passá de marido.

A nonóca ficou vermelha e observou:-Mas eu nunca vi se passá fogueira de marido e muié. Eu tenho visto de primo, cumpadi e de mano.(...)⁶⁵⁴

A partir dessa fonte, é possível pensarmos como o texto escrito por Lindolpho Mesquita criava uma idealização dos subúrbios em Belém. O autor cita como exemplo do cotidiano dos moradores no período da quadra junina, a tradição de passar de fogueira nos ambientes de festas juninas, a “paquera” e a forma de comunicação entre os personagens. Essa ideia provavelmente foi parar nos jornais quando se noticiava sobre os jogos de futebol nos bairros populares. O que talvez explique a mudança de escrita dos noticiários esportivos que destacava uma linguagem coloquial.

A participação de Bento Bruno de Menezes Costa⁶⁵⁵ foi primordial devido à exaltação das peculiaridades regionais, principalmente nos anos de 1920, momento que no Brasil estavam ocorrendo mudanças de caráter político, literário, artístico e futebolístico que influenciavam o cotidiano das pessoas, pois, o padrão político da República Velha suscitava inimizades por parte dos políticos dos estados que ficavam fora do eixo Minas Gerais e São Paulo.

⁶⁵⁴ MESQUITA, Lindolfo. História do meu subúrbio: Chronicas humorísticas. Idem. p. 27-28.

⁶⁵⁵ Nome completo do literato Bruno de Menezes nascido no bairro do Jurunas em 1893 sendo fundador da revista Belém Nova em 1923. MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Belém: vol. 2, Folclore, Secretaria Estadual de Cultura-Conselho Estadual de Cultura, coleção lendo Pará, 1993, p.p. 11-13.

Hilário Franco Junior explica que o problema da construção da nacionalidade dividia as elites do país, onde as disputas eleitorais se tornaram mais intensas e acirradas, principalmente após as comemorações do centenário da independência do Brasil em 1922.

No caso do futebol, este já tinha se tornado um esporte praticado nos vários segmentos sociais em todo o Brasil, as críticas a sua prática revelavam o momento histórico tumultuado da década de 1920⁶⁵⁶. No caso paraense, causou conflitos provenientes do contexto. Como relatou numa entrevista a Carlos Roque, um político, também colaborador do jornal “Estado do Pará”, na função de redator, fundador do Paysandú em 1914, o Sr Abelardo Condurú, que viu o Governador Dionisio Bentes “empastelar” o referido jornal devido às críticas que Condurú fazia ao governo do Estado que tinha sua base na velha política oligárquica⁶⁵⁷.

Nesse contexto, o fortalecimento de movimentos militares como o Tenentismo, com a sua peculiaridade regional e um maior envolvimento de civis, por exemplo⁶⁵⁸, assim como os modernistas⁶⁵⁹, provocaram mudanças no sentido de uma maior valorização do sentimento nacional, regional, em detrimento a valores “estrangeiros”.

Tais fatos explicam um momento histórico pautado por mudanças políticas, sociais que influenciaram o dia-a-dia dos sujeitos, inclusive a relação com as práticas futebolísticas, pois, o país enfrentava uma fase de mudanças considerada mais drástica culminando com o movimento de 1930. Um momento histórico que o uso das práticas esportivas foi uma constante como “*práxis política*” durante os anos de 1930⁶⁶⁰.

⁶⁵⁶ O autor faz sempre uma analogia dos acontecimentos futebolísticos no Brasil com o seu momento histórico, ora chamando de micro cosmo social, ora trabalhando com a ideia de “ingrediente dinâmico das transformações em curso. FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: Futebol, cultura, sociedade. Op. Cit. p.70.

⁶⁵⁷ ROCQUE, Carlos. Depoimentos para história política do Pará. Belém: Mitograph editora Ltda, 1981, p.21.

⁶⁵⁸ FARIAS, William Gaia. Militares e civis forjando o tenentismo no Pará. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPHUR, São Paulo, 2011. p.3.

⁶⁵⁹ Participação de Abguar Bastos na revolução de 1930, mostrando a estreita relação entre política, jornalismo e a crônica esportiva. ROCQUE, op.cit. p.p. 24- 27.

⁶⁶⁰ Sobre a “*práxis política*” e sua aproximação com as práticas esportivas, notadamente o futebol, temos a obra Luis Henrique de Toledo e o destaque para a cidade do Rio de Janeiro que assistiu uma precoce aliança entre costumes populares e os da elite (pautada em contradições) antes mesmo dos anos de 1930. Segundo Toledo o futebol evocava ideias ligadas ao trabalhismo varguista. TOLEDO, Luiz Henrique de. A cidade e o jornal: A Gazeta Esportiva e os sentidos da modernidade na São Paulo da primeira metade do século do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de & MELO, Victor Andrade de.(orgs) *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012, p. 57. No entanto, apesar das afirmações sobre a utilização do esporte como estratégia dos políticos e a chamada “*práxis populista*”, existe contradições na construção histórica do termo. Segundo Jorge Ferreira as palavras populismos e populistas não estavam disponíveis no vocabulário político e na linguagem cotidiana do país na época do “primeiro governo” Vargas. Os termos só passaram a existir a partir de 1945 e 1964, mas raramente eram utilizados, pois, um significado diferentes do que tem hoje. As expressões quando se referiam a Vargas ou João Goulart, nada havia de ofensivo, as vezes tinha conotação elogiosa. Na verdade, à prática política nos anos de 1930 e 1964, possuía peculiaridades específicas do contexto,

As questões políticas não podem ser afastadas da forma como os cronistas escreviam os noticiários esportivos, pois, esse debate em torno da nacionalidade, a valorização dos aspectos regionais, o cotidiano dos setores populares, nos mostram o quanto o futebol suburbano tem uma maior “valorização” nesse contexto.

Tal afirmativa é confirmada ao compararmos a visão de cronistas como Bruno de Menezes, ex-jogador do Guarani Foot Ball Club, e Edgar Proença, acerca dos clubes suburbanos da cidade. Uma visão de futebol pautada na circulação em ambientes dos bairros populares, como o Jurunas, e nas suas experiências como literatos e, no caso de Bruno de Menezes, jogador de *football*, *sportman* de origem popular.

Dessa forma, o discurso regionalista e a experiência de vida de Bruno de Menezes, nos apresentam possibilidades de explicar como os jornais destacavam esse futebol suburbano no período de 1920 a 1950, e como as peculiaridades dos bairros populares influenciavam na escrita da crônica esportiva.

Por isso, é importante relacionar esses contextos dos homens que rondavam e atuavam diretamente nos jornais e sua participação política junto aos setores populares, uma vez que nos possibilitam ter uma ideia do subúrbio real com toda dinâmica dos seus problemas e o imaginado, idealizado por grupos de uma elite intelectual, que tentava buscar características locais como fatores inerentes aos subúrbios juntamente com seus atores sociais durante os jogos de futebol nos variados clubes da cidade.

A visão de Bruno de Menezes sobre o futebol estava relacionada às suas concepções sobre o Pará e ao movimento modernista que tomava conta com suas ideias novas. Nesse sentido, Aldrin Figueiredo destaca as preocupações de Bruno de Menezes com relação à educação dos jovens perante às novas concepções do modernismo e a importância da prática esportiva e as atividades físicas para formação de um novo homem, com se caracterizava por possuir talento, força e firmeza de decisões para a própria vida⁶⁶¹.

Então o que seria então o futebol suburbano para esses dois literatos e propagadores do futebol paraense no período que estamos estudando?

mas, as práticas políticas também existiam no início da República. Na verdade, o populista no jogo de acusação política nunca é o acusador, é sempre o outro. FERREIRA, Jorge. (org.). o nome e a coisa: o populismo na política brasileira. in: O populismo e sua história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 111-115; 123-124.

⁶⁶¹ Bruno de Menezes e a defesa da prática esportiva pelos jovens ligada a sua herança de uma prática futebolística ligada aos tempos que o mesmo jogava futebol pelo Guarany FBC. Este clube é citado como pertencente ao bairro de São Braz conforme Anexo 1, clubes localizados por bairro. FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura do Pará nos anos 20. Op. Cit. p.p. 64-65.

O que se percebe é que a influência de Edgar Proença é muito forte nas disputas dos jogos de futebol na primeira metade do século XX. Ele escrevia nos jornais sobre a história do campeonato paraense, com autoridade de um protagonista que participou da fundação do Paysandú Sport Club, juntamente com políticos importantes da época como Dionísio Bentes, Abelardo Condurú, Deodoro Machado de Mendonça, Hugo Leão, ou com a experiência de quem jogava no time do Brasil Novo, como um “*Sportmen*” e depois foi ser seu dirigente, experiência que o acompanhava na ida aos jogos da seleção paraense de futebol.

Bruno de Menezes também gostava da prática esportiva e as defendia como parte de educação para o jovem, muita influência do que ele tinha jogado no Guarani Foot Ball Club, um *Sportman* de origem negra, nascido no bairro do Jurunas e que circulava no meio de uma elite intelectual que vai fornecer, já nos anos de 1910, a base para um modernismo “bem à paraense”.

Ambos os literatos estavam envolvidos nos jornais que ora apoiavam governo, ora eram empastelados por terem pensamentos influenciados pelo modernismo, contrários à Velha política oligárquica. Esses literatos pensavam o contexto urbano de uma Belém “pós *Belle époque*” que tinha, a partir dos seus intelectuais, uma busca pela valorização do regional.

Portanto, o futebol suburbano não significava somente prática do futebol por amadores populares (diferentemente dos *Sportmen*) ou tão pouco um espaço da cidade que fosse visto pela sua falta de estrutura. Mas significava um espaço onde saíam os “verdadeiros” jogadores de futebol, um clube que tinha uma excelente festa, ou mesmo um que convidasse os cronistas para participarem dos seus eventos.

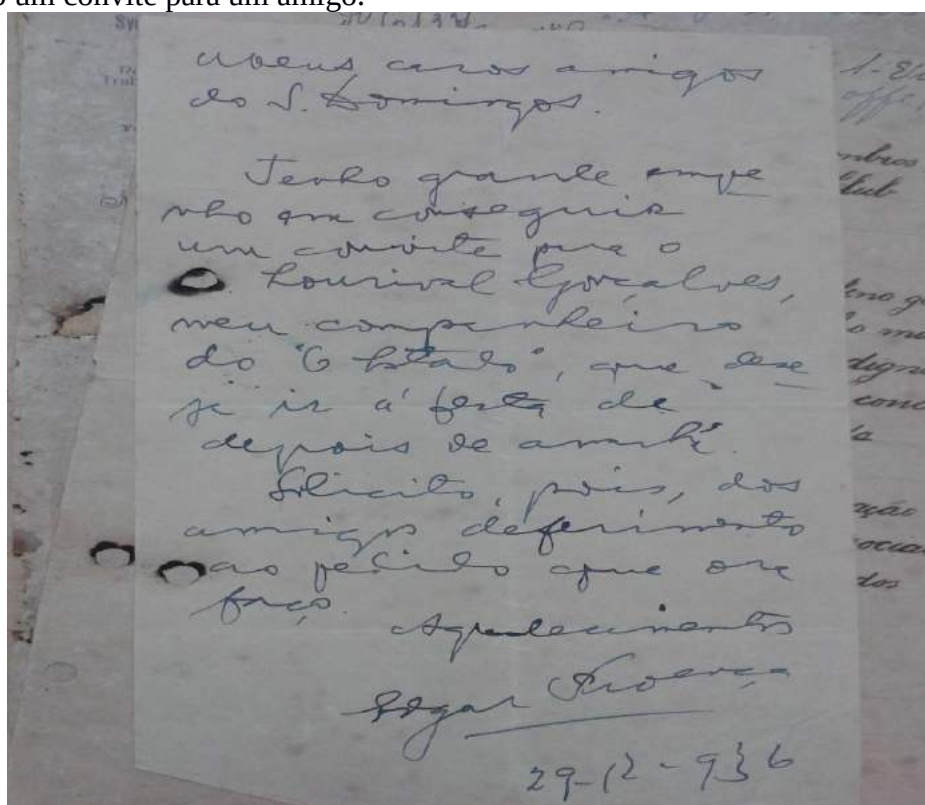
Talvez esse mundo do futebol suburbano não fosse fechado, no sentido de que tudo estava idealizado nas mentes dos literatos. Já que ora retratavam nos jornais parte do cotidiano de um bairro popular, ora destacavam o ideal de clube de futebol, que era o que eles escreviam ou influenciavam na escrita, na maioria das notícias sobre festivais e campeonatos suburbanos.

Sendo assim, o sentido de futebol suburbano é variado quando se estuda os diferentes sujeitos, pois, na visão dos jornalistas esportivos tinha um significado e para jogador e torcedor que convivia com a história do bairro, talvez tivesse outro, com uma realidade um pouco mais difícil.

A participação desses intelectuais no cotidiano dos jogos nos mostra que a relação deles estava próxima ao cotidiano dos festivais esportivos nos clubes, espaços que poderíamos encontrar a música, o esporte, a política e a sociabilidade. A escrita nos jornais dos cronistas como Edgar Proença e Bruno de Menezes, por exemplo, estava pautada nas suas experiências cotidianas na cidade.

Sobre a participação desses literatos no cotidiano de lazer e sociabilidade nos clubes de bairro, temos na imagem a seguir, um bilhete de Edgar Proença a um dos dirigentes do São Domingos, no ano de 1936:

Imagem 29- Bilhete do jornalista Edgar Proença ao São Domingos. Ano de 1936 solicitando um convite para um amigo.



Fonte: pesquisa documental nos arquivos do São Domingos. (setembro de 2014 a janeiro de 2015)

Edgar Proença escreveu assim:

(...) meus caros amigos do São Domingos
Tenho grande empenho em conseguir um convite para o Lourival Gonçalves, meu companheiro do “O Estado”, que deseja ir a festa de depois de amanhã.
Solicito, pois, aos amigos deferimento ao pedido que ora faço.

Agradecimentos
Edgar Proença
29/12/936 (...) ⁶⁶²

O bilhete solicitava que o São Domingos, Clube do bairro do Jurunas, através dos seus dirigentes, conseguisse um convite de uma festa para o amigo de Edgar Proença, chamado de Lourival Gonçalves, que trabalhava no jornal *O Estado do Pará*. Esse relato contido no bilhete nos indica que no Clube São Domingos, o autor do pedido circulava e tinha bastante contato com os dirigentes.

Esse escrito também nos apresenta indícios de como ocorria esse contato de sujeitos ligados a uma elite intelectual com o cotidiano das festas suburbanas. O bilhete nos revela a ligação de intelectuais como Edgar Proença participando ou tendo contato próximo das festas que aconteciam nos bairros.

Nos ano de 1950, por exemplo, foi organizado oficialmente o círculo dos cronistas carnavalescos, conforme afirma Alfredo de Oliveira no seu trabalho sobre “carnaval paraense”, um grupo presidido por Edgar Proença, Bruno de Menezes, De Campos Ribeiro, Jacques Flores, Nilo Franco, Edyr Proença. Isto nos mostra que os mesmos cronistas que estavam escrevendo sobre futebol também estavam na construção de um discurso sobre o carnaval ⁶⁶³.

Essa experiência de Edgar Proença nos âmbito dos bairros suburbanos e nos meios mais elitizados, possivelmente, influenciava nos momentos de ressaltar as notícias do futebol de bairros.

Na verdade, os discursos sobre as atividades esportivas estavam interligados, direta ou indiretamente, com as concepções políticas dos momentos históricos. Os próprios literatos estavam envolvidos com os grupos políticos, assim como os jornais.

3.2 – Os *clubs* suburbanos na política e a política nos *clubs* suburbanos.

⁶⁶² Bilhete de Edgar Proença digitado. Referencia a imagem nº 29.

⁶⁶³ OLIVEIRA, Alfredo. Carnaval paraense. Belém: Secult, 2006. p.p. 17-18.

Busco neste tópico verificar como as questões políticas estavam envolvidas nas práticas esportivas locais no período dos anos de 1920 a 1950. A ideia é perceber como as mudanças no que tange à participação dos variados sujeitos sociais e o significado da prática esportiva não estava alheio na cidade de Belém do Pará às mudanças políticas locais e globais. Estas, de certa forma, influenciaram no modo de entendimento do esporte por parte das elites locais e os grupos que participavam ativamente das construções sócio-culturais da sociedade em tela.

Sabe-se que nesta primeira metade do século XX, segundo Hilário Franco Junior, as transformações nas práticas políticas, sociais e econômicas no Brasil, durante esse contexto, podiam ser observadas, não de maneira simples, a partir das práticas futebolísticas em duas das principais cidades Brasileiras: Rio de Janeiro, capital Federal até 1960 e São Paulo, cidade considerada “berço das relações de trabalho no país”⁶⁶⁴.

Hilário Franco Junior organiza uma análise da prática futebolística até os dias atuais a partir das mudanças políticas, sociais e econômicas que influenciaram e apareciam nas disputas futebolísticas, na formação dos clubes nestas cidades brasileiras. Uma análise didática nos faz perceber que os fatos ligados ao futebol (dentre outros esportes) podem ser interpretados não simplesmente como um entretenimento nas cidades brasileiras sem importância de estudo, como uma explicação do econômico ou mero reflexo das lutas de classe.

Sem negar a possibilidade de existência dessas características, é importante entender tais práticas esportivas, como parte de uma teia de informações que no campo da investigação histórica explicam o contexto construído pelas experiências de diversos sujeitos pelo ponto de vista do lazer e sociabilidade entre os diversos setores sociais na cidade⁶⁶⁵.

No caso específico de Belém do Pará, pensei em fazer uma análise dos anos de 1930 e seu discurso populista, revolucionário e trabalhista que apareciam aliados aos sujeitos e suas práticas sociais nos clubes esportivos nos diversos bairros da cidade. Essa ideia não foi deixada de lado, já que é óbvio que esse contexto histórico até o final da Segunda Guerra

⁶⁶⁴ Sobre São Paulo, no geral, existe no senso comum que é a cidade que não para, onde seus sujeitos sociais viveriam de acordo com as questões de trabalho. Também é considerada como berço dos movimentos de trabalhadores no Brasil.

⁶⁶⁵ FRANCO, Júnior Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.p. 60-93.

Mundial, no ano de 1945, se destaca como um momento de mudanças nas estruturas políticas do país construídos pela relação local/global⁶⁶⁶.

No entanto, resolvi ampliar a análise histórico-social do esporte a partir das discussões e observações construídas durante a qualificação dessa tese, no qual, foi destacado que no recorte histórico estudado, 1920-1952, caberia observar, a partir das fontes, o contexto político no período da *Belle Époque* amazônica, os discursos nacionalistas-regionalistas dos grupos sociais na cidade de Belém do Pará nos anos de 1920 e o pós-guerra que caracteriza o período da popularização do futebol e do crescimento urbano na capital paraense.

Dessa maneira, iremos perceber o futebol suburbano e seus festivais como fruto dos embates políticos, pois, existem indícios das práticas esportivas que ocorriam no subúrbio paralelo às práticas dos esportes nos setores sociais de uma elite heterogênea, nas primeiras décadas do século XX.

A ideia de ser um *sportman* estava ligada também às questões políticas, as quais, os sujeitos sociais de setores mais abastados participavam e, mesmo com mudança política, ocorrida a partir dos anos de 1920, esse discurso permaneceu, porém, muito em contraposição ao debate sobre o profissionalismo que havia em Belém, por exemplo.

3.2. 1 – *Clubs* e política na transição do século XIX para o século XX:

Como já foi dito anteriormente, a ideia de se trabalhar o esporte na cidade de Belém do Pará no final do século XIX e início do século XX, se justifica na compreensão de que havia uma relação da política, do discurso de modernidade com a prática esportiva na urbe, mais especificamente o futebol.

Se observarmos o contexto histórico estudado até aqui, o nosso trabalho não englobaria esse momento que estamos destacando, porém, é necessário discutir essas práticas dos sujeitos no âmbito esportivo nessas primeiras décadas do século XX, para podermos

⁶⁶⁶ GRUZINSKI, Serge. A Amazônia e as origens da globalização (Sécs. XVI-XVIII)-da história local à história global. Op. Cit. p.7._____. A colonização do imaginário: sociedades indígenas e colonização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. Op. Cit.. p.p. 9-15.

entender como o esporte continuará com seu discurso civilizatório com o passar dos anos, mas, no caso futebolístico com características populares bem fortalecidas pelo trabalhismo político Varguista⁶⁶⁷, isto é, o discurso político estava atrelado ao esporte e nas práticas dos diversos sujeitos que, ao longo dos anos, colocaram o futebol como um esporte que estava inserido e em, alguns momentos, representava essas concepções políticas que caracterizam cada período.

No caso, as primeiras décadas do século XX estão pautadas no Brasil por uma prática política republicana e suas oligarquias locais, este fator é importante para entendermos os primeiros anos do futebol no Brasil e aqui na cidade de Belém do Pará.

Sobre a ideia de *Belle époque*, não estamos idealizando um período limitado à capital paraense, mas, seguimos um recorte didático construído por Hilário Franco Junior na sua obra denominada “a dança dos deuses”⁶⁶⁸, que enfatiza esse período como próprio das políticas das oligarquias que tinham suas concepções políticas republicanas ligadas ao desenvolvimento de um discurso de civilização europeia como modelo de desenvolvimento capitalista.

No campo futebolístico e esportivo, de maneira geral, os sujeitos que participavam estavam voltados para as concepções políticas que defendia a prática de muitos esportes, o não recebimento de salário e a reprodução do discurso em torno da identidade nacional no interior dos seus clubes. Na fonte a seguir, uma ficha de sócio do Clube São

⁶⁶⁷ O trabalhismo político Varguista também é ligado ao conceito de populismo, sendo este definido como fórmulas políticas cuja fonte principal de inspiração e termo constante de referência é o povo, considerado como agregado social homogêneo e como exclusivo depositário de valores positivos, específicos e permanentes. O povo é tomado como mito a nível lírico e emotivo. O populismo tem muitas vezes uma matriz mais literária que política ou filosófica. O populismo exclui a luta de classes, é extremamente conciliador e menos revolucionário. BOBBIO, Noberto. (et al). Dicionário de política. Brasília: Editora UNB, 12ª edição, 2004. p.p. 980-981. O início dos anos de 1920 tem uma característica importante para o desenvolvimento do campo político internacional que é o aumento das disputas ideológicas entre os totalitarismos de esquerda, como no caso da União Soviética, e o de direita representado pelo nazi-facismo. Ambos estavam baseados no mito do Estado forte e o culto a personalidade, fatores fundamentais para formação da chamada coesão social e da unidade nacional. Nesse sentido, o nacional-estatismo ou populismo se destaca como a prática política que se fortalecerá nos contextos dos anos de 1920 em diante, principalmente no pós “revolução de 1930. Sobre os assunto podemos destacar o estudo de ARAUJO, Maria Celina Soares D’. O Estado Novo. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2000. p.p. 7-14. REIS, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2000. p.p. 12-18. Sobre o nacionalismo autoritário BÓRIS, Fausto. O pensamento nacionalista autoritário. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2001. p.p. 7-19. A crítica ao populismo como categoria de explicação política dos anos de 1930 à 1964 que coloca os sujeitos fora das decisões e “dependentes” do ditador poder ser visto na obra de FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na prática política brasileira. In: FERREIRA, Jorge.(org) O populismo e sua História. Op. Cit. 2001. p.p. 61-124.

⁶⁶⁸ FRANCO, Júnior Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007. p.p. 60-93.

Domingos, podemos perceber os senhores Abel de Abreu Chermont e Hugo de Abreu Leão como sócios do São Domingos, o mais interessante é que ambos estavam ligados à prática esportiva e no caso de Hugo Leão, o mesmo foi considerado um *Sportman*, e um dos fundadores do Paysandú.

Imagem 30: Ficha de sócio de Abel Chermont e Hugo Leão. Ambos *Sportmen*.

Ficha de sócio de Abel Chermont (REG 143)

NOME	Abel de Abreu Chermont (S)	REG	143
DATA DO NASCIMENTO	20.5.1923	DATA DA ENTRADA	20.5.1923
CLASSE		NATURALIDADE	
RESID.		ESTADO CIVIL	
HISTÓRICO			

Ficha de sócio de Hugo Leão (REG 144)

NOME	Hugo Leão	REG	144
DATA DO NASCIMENTO	20.5.1923	DATA DA ENTRADA	20.5.1923
CLASSE		NATURALIDADE	
RESID.		ESTADO CIVIL	
HISTÓRICO			

FONTE: Pesquisa no arquivo documental do São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014.

Abel Chermont e Hugo Leão podiam ser destacados como representantes dos grupos das oligarquias paraense, pois, ambos estavam ligados à famílias tradicionais da cidade. Segundo Cristina Cancela, a família Chermont era umas das tradicionais famílias da cidade com poder econômico e político desde o período colonial. A maior parte dos seus bens

estava ligada à criação de gado, engenhos de açúcar, de arroz, escravos (na época da escravidão) e muitas terras⁶⁶⁹.

Esse grupo familiar ao qual pertencia Abel Chermont, nas primeiras décadas do século XX, representava as oligarquias locais que estavam participando das práticas esportivas como símbolo da modernidade. Apesar de a fonte destacar a entrada de Abel Chermont e Hugo Leão como sócios do São Domingos, um clube localizado numa área considerada popular, ligada a um cotidiano próximo das cidades do interior do estado ou ilhas próximas a Belém.⁶⁷⁰ A família de Hugo Leão o mandou para o Rio de Janeiro estudar, onde ele também teve experiência com a prática futebolística. Em Belém, “no time Nêgra, empolgou, desde logo, Hugo Leão. Chegara do Rio, aluno da escola militar, e trazia a credencial de preliante nos gramados cariocas”⁶⁷¹. A família Leão circulava com a família Chermont que era família tradicional na cidade.

Essas famílias faziam parte das elites econômicas e políticas que construíram as relações de poder na capital paraense. Muitos sujeitos desses grupos objetivavam um estreitamento com os padrões do discurso civilizatório que pautava o cotidiano das grandes cidades do mundo ocidental como Paris, Londres, Nova Iorque, São Paulo e Rio de Janeiro. Os sujeitos ligados à política circulavam nos clubes que passava a ser uma sociedade do “lazer e do esporte”. Como afirma Michel Pinho, ao citar uma notícia do *Jornal Folha do Norte* no ano de 1910.

Os grupos sociais que frequentavam o Sport Club of Pará buscavam marcar, de maneira clara e incisiva, o “pensar europeu”, pois, na sede deste clube, localizado na estrada de Nazaré, eram construídas as práticas sócio-esportivas que identificavam os seus frequentadores como pessoas que estavam nesses padrões civilizatórios, isto é, como se diz atualmente, “estavam na moda”.⁶⁷²

No Sport Club of Pará, os frequentadores praticavam ginástica, bailes, saraus, eventos de cunho científico, reunião de senhoras para o famoso chá das cinco, festas infantis de carnaval, jogos de bilhares ingleses e franceses, regatas, competições aquáticas, passeios fluviais, jogos de cartas, hipismo e o *football association*. Tais práticas esportivas estavam

⁶⁶⁹ CANCELA, Cristina Donza. A família na economia da borracha. Op. Cit. p.p. 40-41.

⁶⁷⁰ Tabela quantitativa dos sócios do São Domingos que destaca sujeitos que moravam na Ilha das Onças, Pinheiro, ilha das onças e eram sócios do São domingos no Jurunas. Tabela quantitativa construída em dezembro de 2014, Apendice e Anexo ao trabalho.

⁶⁷¹ Descrição da memória de Edgar Proença sobre a história do futebol paraense. *O Estado do Pará*, 09/04/1944.

⁶⁷² PINHO, Michel. O jogo é um jogo: se vence, vence; se perde, perde, não há desonra. O esporte e higiene em Belém na primeira década do século XX. Monografia (TCC), Belém: IFCH/UFPA, 1997. p.p. 28-30.

influenciadas pelo discurso civilizatório que os grupos políticos republicanos estavam construindo na cidade⁶⁷³.

Criava-se nesse clube, por meio das atividades esportivas, um simbolismo das mudanças capitalistas com seu ideal de progresso e civilização republicanos, mesmo numa cidade amazônica como Belém do Pará⁶⁷⁴.

Esse discurso civilizatório, segundo Geraldo Coelho, foi construído ainda no século XIX, quando as elites letradas do Brasil se pautaram na construção de um discurso de nação baseado na ideia de conquista científica, avanço tecnológico e práticas sócio-culturais que proclamavam a civilização europeia. Isto é, a busca por um padrão civilizatório europeu foi gerado no âmbito do contexto do Brasil Imperial e com o processo mundial de avanço do capitalismo.

Nesse sentido, o autor destaca que ao Estado brasileiro e seu poder político cabia desenvolver ações que proporcionavam apoio às realizações intelectuais, fossem técnicas ou artísticas, voltadas para os sujeitos sociais capazes de contribuir para o ideal civilizatório no país⁶⁷⁵.

O contexto dessa primeira década do século XX é caracterizado pela mudança no sistema de governo, que passa a ter a República como parâmetro para as ações políticas. Porém, como afirma Willian Gaia Farias, as construções do processo de implantação do sistema republicano não foram homogêneas, isto é, os grupos de republicanos que assumiram o poder político no país, também não eram homogêneos.

Existiam no Pará as oligarquias locais que acirravam as disputas políticas. Essas disputas apareciam também nos debates sobre os clubes esportivos que estavam alinhados com o discurso de progresso e civilização da época.

As fontes de jornais e livros que destacam o contexto dessa primeira e segunda década do século XX nos permitem perceber como muitos clubes foram criados, e como as várias divergências no seio de clubes considerados “elegantes” possibilitaram a fundação de novos clubes.

Esse detalhe de fundação de novos clubes nos possibilita pensar que o contexto geral era de afirmação do processo republicano através do esporte e seus padrões de

⁶⁷³ Idem.

⁶⁷⁴ Ibidem.

⁶⁷⁵ COELHO, Geraldo Mártires. A lira de apolo: o mecenato em Antonio Lemos e Augusto Montenegro.(1897-1912). Belém –PA: Editora Estudos Amazônicos, 1ª edição, 2014. p.p. 7-10.

civilização europeia, isto é, com as várias agremiações que surgiam a partir de dissidências clubísticas é possível ver que o contexto político local passava também pelos clubes esportivos, pois, os políticos da época também aproveitavam esses espaços como palco de suas ações, divulgações e discursos, perceptíveis nos padrões enfatizados nos seus estatutos, por exemplo.

No estatuto do Club Luso Brasileiro, agremiação esportiva fundada em 17 de fevereiro de 1917 por portugueses residentes na cidade de Belém do Pará, é possível ver o discurso sobre raça e desenvolvimento físico, típico do discurso das elites locais sobre modernidade. Os autores do estatuto destacaram que o Club Luso Brasileiro tinha por finalidade tratar do desenvolvimento “physico” dos seus associados e difundir por todos os meios possíveis e dignos “o ensino cívico para garantia e segurança da nossa raça”.⁶⁷⁶ Essa ideia de raça explicitada no estatuto do clube talvez explique a dificuldade da popularização de clubes ligados aos grupos sociais de origem portuguesa, na verdade, clubes declaradamente pertencentes a portugueses.

No estatuto do Guarany Foot Ball Club, clube do bairro de São Braz, fundado no dia 15 de agosto de 1907, com destaque para o *Sportman* Bruno de Menezes⁶⁷⁷, é explicitado no artigo 2º que um dos objetivos do Clube era promover entre os sócios “a instrução, desenvolvimento e generalização dos diversos ramos de sports,” assim como, proporcionar desafios, concursos de “sports”, cultivados na sociedade conferindo prêmios ao vencedor ou vencedores de torneios. Esse estatuto foi aprovado somente em 1914 pelos senhores Antonio Ximenes de Aragão, Presidente, D’Artagnan Cruz, 1º secretário, Ozias Rodrigues, 2º secretário, Joaquim Oliveira, tesoureiro, todos membros da diretoria que participaram da Assembleia Geral.⁶⁷⁸

Seguindo a mesma linha de pensamento dos clubes anteriores o “famoso Sport Club” foi fundado em Belém do Pará, no dia 25 de setembro de 1896. Ele possui dois estatutos, um do ano de 1918 e o segundo do ano de 1927. Em ambos, no seu capítulo primeiro, tem-se a definição do clube como sociedade desportiva que visava “desenvolver a educação physica de seus associados pelo cultivo dos desportos em geral”, sendo ilimitado o número de sócios, inclusive sem “distincção de nacionalidade, opinião política ou religiosa”.

⁶⁷⁶ Club Luso Brasileiro. Estatuto dos clubes, CMA/UFPA. Ano de 1918, caixa 02, Documento 51.

⁶⁷⁷ Sport Club Of Pará. Estatuto dos clubes, CMA/UFPA. CX – 02, Documento 50.

⁶⁷⁸ Guarany Foot Ball Club. Estatuto dos clubes, CMA/UFPA. 1907 – CX – 01 – CARTORIO DE TITULOS E DOCUMENTOS – ESTATUTOS DE 1872-1909.

No entanto, essa não limitação para entrada de sócios se dava de outra forma. Isto é, o clube que surge em plena república brasileira fazia o discurso de contato com todos os grupos sociais que no período Imperial tinham o seu lugar mais demarcado pela estrutura escravocrata e nobiliárquica que vigorava. No discurso de todos iguais, na prática ocorriam limitações. Primeiro devido o clube ser considerado “elegante”, e segundo pela própria admissão de sócios efetivos que deveriam pagar uma jóia de cem mil réis no ato da inscrição e uma mensalidade de dez mil réis. Esses fatores nos possibilitam entender os grupos sociais que circulavam nos seus eventos e que papéis ocupavam “no teatro social”.⁶⁷⁹ O controle de entrada de sócios ocorria de uma maneira bem capitalista e ligada à modernidade, que estabelecia como padrão o progresso e desenvolvimento europeu.

Essa situação de divergência nos clubes e debate entre as elites locais é destacada na fundação do Clube do Remo, conforme fonte abaixo:

“(...) o Sr José Henrique Danin, em entrevista que concedeu à ‘Província do Pará’, de sábado, 5 de fevereiro de 1955, prestou este interessante esclarecimento: ‘Éramos SETE no primeiro instante, e uma dissidência no Esporte Clube do Pará, a que então pertencíamos, levou-nos a pensar na fundação de um outro clube. Esses SETE eram Victor Engelhard, Raul Engelhard, Vasco Abreu, Eugenio Soares, pai, Narciso Borges, nós e um outro que, no momento, não tenho bem certeza, se era Jean Marechal ou Eduardo Cruz, pois, ambos, logo depois, estavam conosco. Fundamos então, o GRUPO DO REMO.’ Perguntou o entrevistador o porquê desse nome. Respondeu o Sr Danin: ‘vou contar. Batemos a cabeça pensando que nome daríamos ao clube, ou melhor, ao Grupo. Foi quando Raul Engelhard, que estudara na Europa, sugeriu _ GRUPO DO REMO. _ não vai ficar muito bem_ advertiu um. E logo outro concordou. Naquele tempo, remo lembrava CATRAIA, e poderiam pensar que eramos um Clube de catraieiros. Raul Engelhard explicou, porém, a sugestão. Lembrara-se de um clube europeu _ Rowing Club, Inglaterra. E assim nos convenceu. Ficou o nome GRUPO DO REMO. A CISAÇÃO _ continuou José Henrique Danin _ no ESPORTE CLUBE se deu por causa de uma regata, na hora de formar as guarnições, e por causa exatamente da guarnição em que eu formava com os dois Engelhard e Eduardo Cruz, com o qual, patoados com um filho de Cruz, alcançamos grandes vitórias.(...)’⁶⁸⁰

É claro que, muitas vezes, os debates passavam pelo sentido de ser *Sportman*. Não era um discurso político direto, mas alinhado com o padrão de modernidade que a sociedade belenense vivenciava, pelo qual políticos que se divergiam apoiavam determinados festivais

⁶⁷⁹ Op. Cit. Estatuto dos clubes, CMA/UFPA. CX – 02, Documento 50.

⁶⁸⁰ Trecho de uma entrevista concedida pelo Sr José Henrique Danin ao jornal “A província do Pará” do dia 05 de fevereiro de 1955. CRUZ. Ernesto. História do Clube do Remo (1905-1969).p.p. 11-12.

ou criavam outros clubes. Como é possível perceber na criação do Paysandú Football Club⁶⁸¹ a participação de Dionísio Bentes, ex – Governador e Intendente Municipal de Belém, que foi citado no primeiro capítulo, político e intelectual que circulou nos ambientes esportivos desse período. Tais fatos nos possibilitam pensar como o lazer, atividades esportivas, modernidade e discurso político estavam próximos.

Esse processo nos demonstra a presença de divergências nas discussões dos grupos mais abastados quanto à república, isto é, não se estava buscando uma nova reestruturação social, pois, é válido lembrar que é um momento em que os padrões escravocratas e nobiliárquicos estavam vivos no cotidiano social, apesar da busca pela igualdade republicana.

Quanto às famílias que circulavam é possível perceber sobrenomes que estavam no âmbito dos clubes. Como o caso do Sr José Joaquim Danin, que destacou na sua entrevista ao jornal *A Província do Pará* do dia 05 de fevereiro de 1955, parte dos bastidores da fundação do Clube do Remo.

No caso do sobrenome Danin existia uma ligação com o político Duarte Bacellar, que tomou posse como governador do Estado do Pará, no dia 25 de março de 1891. Esse governador nomeou Desembargadores e Juizes para serem membros do Superior Tribunal de Justiça, dentre eles o senhor José de Araújo Roso Danin.⁶⁸²

Este membro do STJPA tinha uma ligação através do sobrenome com um dos fundadores do Clube do Remo, e pode ser que não passe dessa situação. Porém, devido o clube em tela ter suas origens alicerçadas no “Sport Club” e este ser considerado um clube de *Sportmen*, onde circulavam também membros das elites, temos indícios que os homens ligados à política, nessas primeiras décadas do século XX, foram fundamentais na criação de clubes esportivos e na disseminação dos discursos políticos através dos *sports*.

O sobrenome Chermont que aparece nos documentos do Clube São Domingos através da inscrição de nº 143, ocorrida no dia 30 de maio de 1923, com o sócio de nome Dr Abel Chermont, é um sobrenome dos que mais aparece em alguns fatos políticos e militares que ocorreram no final do século XIX e primeira década do século XX, na capital paraense.⁶⁸³

⁶⁸¹ Relato sobre a fundação do Paysandú. DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do Futebol Paraense. Op. Cit. pp. 247-250.

⁶⁸² PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Belém: Imprensa Oficial, 2002. p.p 33.

⁶⁸³ O historiador Wiliam Gaia destaca a participação desse sujeito no contexto de implantação da República no Pará e na revolta política e militar de 1891 liderada por Francisco Xavier da Veiga Cabral (o Cabralzinho) e que

Outro detalhe, no contexto da proclamação da República no Pará, foi a liderança do Dr Justo Leite Chermont⁶⁸⁴, um dos membros do Clube Republicano, e que também juntamente com militares membros da Armada e do Exército formaram a Junta Provisória, que assumiu o governo republicano no Pará.⁶⁸⁵

A famosa revolta de junho de 1891⁶⁸⁶ que foi liderada por Francisco Xavier da Veiga Cabral (o Cabralzinho), Frederico Gama Costa e pelo Coronel Vicente Chermont de Miranda é um dos fatos políticos e militares que nos possibilita perceber as famílias que circulavam nos clubes esportivos e como os mesmos estavam atrelados às questões políticas e sociais dos seus contextos⁶⁸⁷.

Nesse caso, Abel Chermont⁶⁸⁸ tem o mesmo sobrenome do coronel Chermont, que como, foi dito era um sobrenome que estava relacionado a uma família considerada ligada ao poder político no Pará desde os tempos coloniais. Apesar de que, é preciso observar, Abel Chermont só se associou ao Clube São Domingos somente no ano de 1923, trinta e dois anos após o fato. Este dado é importante para compreendermos o valor atribuído pelas elites ao futebol no início do século XX, assim como demonstrar que os membros das elites também

contava com o apoio de Dr Vincente Chermont. FARIAS, William Gaia. O alvorecer da República no Pará. Op. cit. p.p. 81-82. Essa revolta buscava depor o governador Duarte Huert de Bacellar Pinto Guedes e impedir a reunião do congresso Constitucional que iria aprovar a carta constitucional do Estado. PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Op. Cit. p. 28; e 30.

⁶⁸⁴ William Gaia afirma que Justo Chermont pertenceu ao Club Republicano do Pará e esteve presente na primeira reunião que foi presidida pelo Bacharel Benvindo Gurgel do Amaral e secretariada por Borjona de Miranda e pelo Tenente Lauro Sodré. O bacharel Justo Chermont era Tesoureiro juntamente com Gentil Bitencourt. Fundou juntamente com Lauro Sodré, o historiador Manoel Barata e outros, o periódico *A República*. Assumiu a presidência da Junta Governativa e tentou assegurar a implantação da República no interior do Estado. Idem. p.p. 13; 15-16; 38; 56; Justo Chermont Nasceu em Belém no dia 27 de julho de 1857 e faleceu também em Belém no dia 02 de abril de 1927. Filho de Visconde de Arari, Antonio Lacerda Chermont e de D. Catarina Leite Chermont, formou-se em Direito pela Faculdade de Recife e ingressou na diplomacia. Casou-se com uma das filhas do Dr Joaquim José de Assis, o fundador dentre outros periódicos, *A Província do Pará*. Seus aliados políticos à época da fundação do Clube Republicano foram os republicanos José Paes de Carvalho, Lauro Sodré, Manoel Barata e Gentil Bittencourt, dentre outros. No dia 23 de novembro de 1889, Justo Chermont é nomeado governador do Estado do Pará, juntamente com Paes de Carvalho, Manoel Barata e Gentil Bittencourt, como vice-governadores. PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Op. Cit. p. 13-15.

⁶⁸⁵ O Cel Luis Lobo escreveu sobre a história militar no Pará que no período de proclamação da Republica Justo Chermont foi membro da Junta Provisória que assumiu no sistema republicano com a participação de Lauro Sodré. LOBO, Luís. História Militar do Pará. Rio de Janeiro: Biblioteca militar, Bedeschi, 1942. p.p. 128-129.

⁶⁸⁶ Revolta de 11 de junho de 1891 sob a liderança de Veiga Cabral tentou tomar o poder político do Governador Duarte Bacellar. As praças do Corpo de Polícia apoiaram o movimento que buscava depor o então governador. FARIAS, William Gaia. O alvorecer da República no Pará. Op cit. p.p. 102-112.

⁶⁸⁷ Idem. p.p. 81-82.

⁶⁸⁸ Foi presidente do partido Liberal em 1932 no mesmo período que Mario Chermont foi eleito Deputado Federal, isso num contexto de disputas entre os chamados “abelistas” e “baratistas”. Em seguida Abel Chermont foi eleito Senador por um período de oito anos. Ligados a Abelardo Condurú e a Frente única. ROCQUE, Carlos. História geral de Belém e do Grão-Pará. Op. Cit. p. p. 165-168. Abel Chermont como presidente Liga de Football, *Folha do Norte, Sports*, 27/03/1915.

circulavam nos subúrbios e participavam como sócios dos clubes como o São Domingos do Jurunas.

Essa participação de Abel Chermont e Hugo Leão nos clubes suburbanos como sócios, nos anos de 1920, nos apresenta indícios da transição para a construção de uma ação política populista nas décadas subsequentes. Primeiro, ambos tinham ligações ou eram de famílias consideradas elitizadas na cidade. Segundo, os mesmos estavam envolvidos com as questões políticas locais. Por fim, a defesa de um conceito de civilização como *sportman* do início do século XX vai permanecer ligada aos clubes tradicionais como Assembléia Paraense, Sport Club of Pará, Remo, Paysandú⁶⁸⁹, dentre outros. No entanto, o *football* que simbolizava distinção social passava a ter um caráter popular que no processo de construção da política dos anos de 1930 passa a ser parte da estratégia populista.⁶⁹⁰ Não defendo aqui uma ideia de divisão didática do texto referendando a chamada “revolução de 1930”⁶⁹¹. O que busco é mostrar ao leitor que no campo esportivo, principalmente à prática de futebol nos bairros populares, as aparições ou a ligação de políticos a seus eventos facilitaram a difusão de ideais de grupos e também o processo de popularização desse esporte na cidade.

3.2.2 – Os clubs e a prática política nos anos de 1930.

Segundo Maurício Drumond, o esporte pode funcionar como elemento de mediação entre as aspirações sociais do povo e o Estado. As vitórias no âmbito esportivo

⁶⁸⁹ As referências a esses clubes foram citadas nos capítulos anteriores. É possível ver os dados dos clubes no Anexo 1 desse trabalho onde consta os clubes por bairro -

⁶⁹⁰ DRUMOND, Mauricio. Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Op. Cit. p.p. 12-13.

⁶⁹¹ Edgar De Decca destaca à prática política que ficou na memória quando destacamos o ano de 1930 é o momento da “revolução”. Essa prática política estava alicerçada numa memória “revolucionária” que legitimava as ações dos que estão no poder político por evocar uma ligação com a nação-sujeito. Um discurso capaz de ocultar a dimensão histórica da luta de classes. O termo revolução representa uma estratégia para apagar outras propostas políticas que se expressaram no interior da luta de classes. DE DECCA, Edgar. 1930, o silêncio dos vencidos: Memória, história e revolução. Op. Cit. p. 74-75. Eric Hobsbawm ressalta que o contexto histórico dos anos de 1930 estava influenciado por uma crise do capitalismo sem precedentes. Para o autor entre os anos de 1917 e 1942 as instituições da democracia liberal praticamente desapareceram concomitantemente ao avanço do facismo e seus regimes autoritários. Nesse contexto houve uma alinça capitalismo-comunismo (temporária e bizarra) contra o facismo sobretudo nas décadas de 1930 a 1940. HOBBSAWM, Eric. A era dos extremos: o breve século XX(1914-1991) op.cit. p.p. 16-17.

podem ser encaradas como triunfos da nação. Na sua obra sobre a utilização do esporte pelos governos Vargas no Brasil e Péron na Argentina, o autor analisa de maneira comparada como o esporte foi utilizado na propaganda política e na consolidação de uma identidade nacional a partir de um ponto de vista oficial.⁶⁹²

Essa ideia de utilização do futebol pode ser observada em Belém na transição para os anos de 1930 e nos anos posteriores. As relações entre políticos e os praticantes do futebol já existia em Belém desde o início dessa prática esportiva. Porém, a criação de clubes nas áreas de subúrbio e a participação de políticos como sócios do Clube São Domingos, o Dr Abel Chermont e Hugo Leão, citados anteriormente, nos apontam para as mudanças que corroboram com a opinião de Mauricio Drumond.

A participação desses políticos como sócios do São Domingos é destacada no próprio livro de sócios desse clube do bairro do Jurunas. Além dos dois citados, temos a entrada de Abelardo Leão Condurú, no dia 30 de maio de 1923, com a numeração 150⁶⁹³. Como foi citado durante o trabalho. E também o doutor Advogado Deodoro Machado de Mendonça que foi registrado como sócio efetivo e depois benemérito do clube jurunense, no dia 20 de abril de 1937, numeração 320, morador da Avenida São Jerônimo, nº 100, e casado.⁶⁹⁴ Como já foi citado no primeiro capítulo do trabalho, Deodoro de Mendonça⁶⁹⁵ foi um político bastante articulado na capital nessas primeiras décadas do século XX e um dos fundadores do Paysandú Sport Club.

No entanto, os anos de 1930 marcam uma proximidade maior com os discursos da “práxis populista”⁶⁹⁶ típica do governo Varguista⁶⁹⁷ no âmbito local. Pois, políticos como Magalhães Barata e sua esposa Georgina Barata faziam constantemente aparições em festivais

⁶⁹² DRUMOND, Mauricio. Nações em jogo: esporte e propaganda política em Vargas e Perón. Op. Cit. p.p. 12-13.

⁶⁹³ ROCQUE, Carlos. Depoimentos para a história política do Pará. Op. Cit. p.p. 11-13; e 21. No âmbito esportivo foi um dos fundadores do Paysandú juntamente com Edgar Proença e Hugo Leão. Sobre os fundadores do Paysandú ver: DA COSTA, Ferreira. A enciclopédia do futebol paraense. Op. Cit. p.p. 249-250. Era considerado um *sportman*. e teve seu nome ligado alguns torneios de futebol que ocorriam na cidade. Conforme noticiário do Jornal *O Estado do Pará* 12/04/1938. Também foi sócio do São Domingos. Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Abelardo Leão Condurú. Nº 150, 30/05/1923. Arquivo do clube São Domingos.

⁶⁹⁴ Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Dr Deodoro Machado de Mendonça. Nº 320, 20/04/1937. Arquivo do clube São Domingos.

⁶⁹⁵ Deodoro Machado de Mendonça. De acordo com as notas 265, 266, 267 no primeiro capítulo.

⁶⁹⁶ A crítica ao populismo como categoria de explicação política dos anos de 1930 à 1964 que coloca os sujeitos fora das decisões e “dependentes” do ditador poder ser visto na obra de FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na prática política brasileira. In: FERREIRA, Jorge.(org) O populismo e sua História. Op. Cit. 2001. p.p. 61-124.

⁶⁹⁷ O período caracterizado como governo Varguista a partir de 1930-1945. Uma das marcas política é a aproximação com as camadas populares brasileiras. SKIDMORE, Thomas “De Getúlio a Castelo” Paz e Terra 10ª Edição, 1996.

esportivos ou patrocinavam alguns jogos. Assim, como o Intendente municipal Abelardo Condurú, também gostava de ver seu nome estampado em torneios futebolísticos, como foi noticiado no Jornal *O Estado do Pará*, 06 de janeiro de 1932, que teve a participação do Intendente de Belém e da Madame Barata “nos festival da Beneficente”.⁶⁹⁸ Nesse contexto histórico, havia uma conotação política muito favorável ao sistema populista e ditatorial que caracterizava a sociedade paraense, de maneira geral, e que foi percebido durante as aparições de políticos ligados ao chamado Baratismo⁶⁹⁹.

Segundo Maria Luzia Álvares, o contexto de 1930 em Belém do Pará foi marcado por crises e enfrentamentos políticos. O ano de 1935 teve como novo Governador do Estado José Carneiro da Gama Malcher, um dos antigos membros das elites decaídas. E Magalhães Barata acabou perdendo o poder, porém, a figura de Barata se fortaleceu a partir do apoio de grupos como as Legionárias baratistas, um movimento organizado por mulheres que conclamava o povo a homenagear o patrono do Partido Liberal do Pará⁷⁰⁰.

Essa mudança política no estado também vai ser sentida nos eventos com ligação com a prática futebolística na cidade. Políticos passam a ser aproximar dos setores populares como estratégia populista. No Jornal *O Estado do Pará*, 26 de agosto de 1938, é possível perceber no discurso do cronista Mac Donne a participação do Sr Abelardo Condurú, Prefeito de Belém e o Dr José Malcher, Interventor Federal:

(...) A cidade recebeu hontem, à noite, com viva satisfação a gente boa da Bahia.
 (...) a Recepção do Bahia foi bastante sirhognificativa. O Dr Lemos Brito, que chefia a delegação é nosso prezado confrade de “A Tarde” de Salvador, a que o chronista apresentou cumprimentos no instante em que altas personalidades do nosso esporte também o faziam.
 O Dr José Malcher Interventor Federal e o Sr Abelardo Condurú prefeito da cidade cumprimentaram os distintos hóspedes por intermédio dos seus representates Tenente Ursolino França e Dr Antonio Martins.(...)⁷⁰¹

Portanto, os eventos esportivos destacados nos jornais e os clubes suburbanos passam a ser espaços que os políticos buscavam participar por conta da legitimação das ações governamentais no âmbito municipal e estadual. Como já foi enfatizado ao longo do trabalho.

⁶⁹⁸ Jornal “*O Estado do Pará*”, *Caderno Vida Esportiva* – Pág. 06, 06/01/1932, “Madame Barata e o festival da Beneficente”.

⁶⁹⁹ ROCQUE, Carlos. A formação revolucionária do Tenente Barata. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, 1983. p.p. 5-6.

⁷⁰⁰ ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. O “fazer política” no discurso das legionárias baratistas. IN: BEZERRA NETO, José Maia & GÚZMAN, Décio de Alencar (orgs). *Terra Matura: historiografia e história social da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.p. 273-289.

⁷⁰¹ *O Estado do Pará*, 26/08/1938.

Os anos de 1930 tem como marca a consolidação da popularização do futebol e a sua utilização como mecanismo de aproximação do líder político e os setores populares nos seus respectivos bairros. No entanto, esta prática política estava pautada em disputas pelo poder que nada homogêneas entre os diversos setores sociais.

3.3 – *Football* e festas: os *clubs* nos bairros em Belém.

A busca por essa compreensão do lazer no passado dos clubes amplia as perspectivas de percebermos parte de uma realidade urbana. Esta nos mostra os bairros considerados suburbanos, as festas, bailes nos clubes e sua relação com os festivais esportivos. Esses momentos muitas vezes ao longo da construção historiográfica⁷⁰² da cidade não são evidenciados.

Escrever sobre a vida dos sujeitos pertencentes aos setores populares nos seus respectivos bairros possui dificuldades. Pois, as fontes, muitas vezes, só aparecem destacando situações de crimes, denúncias de falta de estrutura do bairro, um ponto de vista pejorativo das áreas suburbanas. E por outro lado, essas fontes aparecem de maneira idealizada, quando vista sob a perspectiva das atividades esportivas, principalmente, quando se destaca as fontes escritas da imprensa esportiva na primeira metade do século XX.

Esse entendimento do cotidiano da sociedade belenense através das relações dos grupos sociais, seus bairros e clubes de futebol, nos possibilita enxergar um período histórico marcado por atividades esportivas em Belém. Como já vimos, existem evidências dessas atividades através da imprensa, que ressaltava as festas e as formas de construção dos festivais esportivos. Nestes eventos, os sujeitos pensavam o futebol a partir de uma cidade marcada pelas diferenças sociais e ao mesmo tempo pela interligação dos clubes nos seus respectivos bairros e fora deles.

No noticiário do jornal *O Estado do Pará*, dia 04 de janeiro de 1949, temos o destaque para o Clube Norte Brasileiro, pertencente ao bairro da Cremação. Conforme fragmentos do texto abaixo:

⁷⁰² Escrever sobre temas como o futebol e as festas em Belém do Pará é um grande desafio. O estudo sobre o futebol aparentemente ainda é visto como desnecessário frente ao conjunto de problemas que a sociedade atual passa. No entanto, essa atividade esportivas servem de pano de fundo para entender a realidade do lazer na capital paraense na primeira metade do século XX.

Vinte e cinco anos de produtiva existência faz hoje o Esporte Club Norte Brasileiro uma festa dansante para os associados

A família esportiva vê, passar hoje, uma data de gratas alegrias com a comemoração de mais um aniversario de fundação do Esporte Clube Norte Brasileiro, um dos mais eficientes e bem organizados grêmios do nosso esporte menor. Fundado em 4 de janeiro de 1924, até a época presente há sido de verdadeira luta em prol do nosso esporte menor e mesmo maior. Tem o Norte Brasileiro sua bela sede própria e regular campo de esporte. Seus diretores com verdadeira dedicação hão posto por terra todos os obstáculos que surgem em sua estrada esportivo-social. Castelo Branco, de certo tempo até a presente, como temoneiro do “Tigre” suburbano, é um verdadeiro baluarte no querido grêmio da Cremação.

Comemorando a grande data, a diretoria oferece hoje, uma festa dansante e que promete ser animadíssima, tocando odestacado “jazz”.⁷⁰³

Essa notícia nos mostra a ligação entre o clube esportivo de bairro com as atividades de lazer nesse espaço. O Norte Brasileiro é destacado pela imprensa esportiva no dia do seu natalício como um clube do esporte “menor” e “maior”. Na verdade, o clube foi visto como um “grande” clube na luta “esportivo-social” para passar os valores do esporte nos finais de semana do bairro da Cremação. E, ao mesmo tempo, pertencente aos clubes pequenos do subúrbio, considerado um esporte menor. Essa relação de ambiguidade da crônica esportiva ao retratar o bairro ou o clube suburbano, já foi debatida anteriormente, nesse momento é importante destacar o ambiente festivo do clube e no bairro em torno da festa de *jazz* em comemoração ao aniversário dessa agremiação esportiva.

Roberto Da Matta, ao prefaciар o trabalho de Sonia Giacomini sobre o clube Renascença no Rio de Janeiro, destaca esse aspecto de sociabilidade e lazer entre os sujeitos sociais, no âmbito de um clube recreativo de classe média negra, fundado em 1951, que mantinha relações com grupos de brancos, cujo objetivo era oferecer uma alternativa de lazer aos seus sócios. Enfatiza que o estudo desse clube se torna importante para podermos perceber a experiência social do clube como uma instituição capaz de congregar e aglutinar valores contra hegemônicos, além de valores, representações e práticas rituais⁷⁰⁴.

E nesse sentido, destacado por Roberto Da Matta, que se busca compreender alguns clubes que foram levantados nos bairros de Belém. Nestes, a ideia de cultura de classe podia ser percebida no cotidiano dessas agremiações futebolísticas, porém, não como algo fechado entre os grupos sociais, pois, havia a circulação de várias pessoas de setores sociais

⁷⁰³ Aniversário do Norte Brasileiro, clube do bairro da Cremação. *O Estado do Pará*, 04/01/1949.

⁷⁰⁴ DA MATTA, Roberto. Prefácio. In: GIACOMINI, Sonia Maloria. *A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do rio de Janeiro-O Renascença Clube*. Belo horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. p.p. 9-11.

diversos. Como podemos perceber na notícia da revista *Gol*, 06 de março de 1978, que destaca a participação de clubes como Remo e Paysandú nos jogos no campo do São Domingos e uma fala de Tibúrcio de Menezes sobre as rivalidades entre o time de futebol São Domingos e o Liberto, clube do Bairro da Batista Campos:

(...) O São Domingos teve campo de futebol. Nele, chegaram a jogar todos os times que disputavam o campeonato suburbano, além de Remo, Paissandu, Tuna, Combatentes e outros. (...) – quando a gente saía de casa para dar combate ao Liberto, tomava benção da mãe! (Tibúrcio Cavalcante de Menezes) (...) ⁷⁰⁵

No entanto, a análise não é específica em cada clube como Sonia Giacomini trabalha na sua obra, pois, a autora enfatiza essas relações sociais no Clube Renascença e não em vários clubes da cidade do Rio de Janeiro. No nosso caso, é possível perceber nos variados clubes parte do cotidiano de lazer da cidade belenense.

Sonia Giacomini trabalha com a ideia de um projeto social no espaço do Clube Renascença no Rio de Janeiro. A pesquisadora analisa a busca pelo reconhecimento que buscava atender as necessidades de constituição reconhecimento, coesão de um grupo de negros considerados elitizado e como fruto de uma construção familiar ⁷⁰⁶. Se comparado com clubes como o São Domingos no Jurunas é possível perceber que famílias do bairro se utilizavam do espaço, uma realidade próxima da trabalhada pela autora nesse clube na zona norte carioca.

Uassyr de Siqueira, ao analisar os clubes recreativos na cidade de São Paulo como opções de lazer de trabalhadores possibilitando uma vida mais coletiva para os diferentes sujeitos, nos permite pensar a capital paraense e seus clubes no período estudado. O autor busca entender um cotidiano de clubes de bairros suburbanos como o Bráz, Bexiga e o Bom Retiro. Nesses clubes recreativos esses trabalhadores vivenciavam uma série de conflitos entre ideias anarquistas, militantes sindicais e as formas de lazer de classe praticadas no âmbito dos clubes como dança e futebol ⁷⁰⁷.

⁷⁰⁵ *Gol*, 06/03/1978, ano II, nº 37. p. 14-15.

⁷⁰⁶ GIACOMINI, Sonia Maloria. A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da zona norte do rio de Janeiro-O Renascença Clube. Belo horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006. p.p.27-28

⁷⁰⁷ SIQUEIRA, Uassyr. Clubes recreativos: Organizações para o lazer. In: AZEVEDO, Elciene et al (org). Trabalhadores na cidade: cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, séc. XIX e XX. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009. p.p. 271-272

Em alguns clubes seus espaços possuíam biblioteca como forma de atender “ao progresso intelectual de seus membros”. Isto é, na verdade a construção da identidade nesses espaços das associações recreativas não passava somente pela ideia de classe social, mas, também, como moradores, negros, italianos e moradores de determinados bairros⁷⁰⁸.

Apresentaremos os bairros que, ao longo da pesquisa, apresentam mais clubes ou tiveram alguma representatividade na prática principalmente do futebol suburbano de acordo com o mapeamento destacado no capítulo II e a ênfase construída a partir do estudo das fontes sobre determinados clubes esportivos de variados bairros.

3.3.1 - As festas e os clubes

As festas que ocorriam nos clubes estavam inicialmente ligadas à participação destes nos festivais esportivos nos campos de Belém. Nesses eventos havia música, dança, bebida e diversão. E pelo que já vimos nos capítulos anteriores ocorriam nos clubes elitizados e nos suburbanos. No caso, independente dos bairros, os clubes na cidade além do futebol construíam outras atividades de lazer. Sobre esses bailes que ocorriam nos clubes, o noticiário do jornal *O Estado do Pará*, 03 de julho de 1938, destaca uma festa que iria acontecer na sede social do Curuzú Sport Club. Conforme fragmento abaixo:

Diversas
A vespéral do curuzú hoje
Hoje ao som de enfinado ‘jazz’, a directoria do Curuzú, offerece mais uma encantadora vespéral aos associados e bonecas.(...)⁷⁰⁹

A fonte acima nos possibilita pensar nos clubes de futebol suburbanos em Belém e seu cotidiano. Esses festivais destacavam o lazer dos sujeitos que participavam das suas

⁷⁰⁸ Idem. p.p. 271-272.

⁷⁰⁹ *Jornal O Estado do Pará, Caderno Vida esportiva, 03/07/1938*

atividades esportivas e das festas dançantes. Isto é, os associados participavam das festas e dos jogos de futebol que ocorriam no clube Curuzú do bairro do Marco, por exemplo⁷¹⁰.

Essa notícia elaborada por um cronista esportivo do jornal *O Estado do Pará* nos apresenta indícios de como ocorriam as festas nos clubes de subúrbio e nos clubes elitizados. As pessoas que circulavam nesses espaços e os elogios da imprensa que ressaltava o *jazz* como os grupos que animariam as vesperais na época. Dentre as pessoas que circulariam nessa festa, a notícia destaca as “bonecas” e os associados do clube como beneficiados. Essas “bonecas”⁷¹¹ era a presença de mulheres durante a vespéral.

Sobre as festas em clubes, Antonio Mauricio Costa no seu artigo sobre “a quadra joanina a partir da visão da imprensa” destaca as bandas de *jazz* que tocavam nos clubes *chics* da cidade. E como estas se tornavam grande atrativo para os sócios do clube. Segundo o autor, os conjuntos Jazzísticos correspondiam a uma composição de músicos não eruditos que também executavam ritmos brasileiros e estrangeiros.

Abaixo, a *Folha Vespertina* do dia 08 de fevereiro de 1941 enfatizava o festival do Tamoyos Club no “estadinho” do Liberto, localizado na avenida padre Eutíquio. Nesse estádio ocorreria mais um dos muitos festivais que ocorriam na cidade:

(...) O FESTIVAL DO TAMOYOS S. CLUB

No estádio de Batista Campos, o Tamoyos S. Club, realizará, pela manhã e a tarde de 16 de março próximo, a sua grande festa esportiva annual, com concurso dos mais fortes clubes suburbanos da cidade.

Duas ricas taças de *sympathia* serão disputadas pelos grêmios participantes no programma de jogos, sendo uma para os grêmios que passarem mais entradas, na parte da manhã, e outra para os da tarde.

Uma banda de música, gentilmente cedida, abrilhantará o dia esportivo do Tamoyos S. Club.

A sua directoria distribuirá, valiosos brindes, no dia do festival, entre as senhorinhas, assistência e jogadores.

Aos clubes Itahité, Uberabinha, Guarda civil, Uniaozinho, Berlim, estudantino, Gurupá, circular e Paulistano, os dirigentes do TAMOYOS solicitam, por nosso intermédio, uma resposta urgente.(...)⁷¹²

O jornal *Folha Vespertina* elogia bastante o festival do clube Tamoyos do bairro do Jurunas e decreve que havia uma disputa de venda de entradas para o festival entre

⁷¹⁰ Conforme tabela com a relação de clubes do Bairro do Marco. Anexo 1 deste trabalho.

⁷¹¹ COSTA, Antonio Mauricio Dias da. & GOMES, Elielton Benedito Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano.op.cit. p. 198.

⁷¹² *Folha Vespertina* – 08/02/1941 – 3ª página.

“grêmios” que participavam do evento. Nesse caso, uma taça das “duas taças sympathia” seria para o “campeão de vendas de entradas” pela parte da manhã e a outra taça para o clube que vendesse mais entradas à tarde. Além dessa venda de ingressos, uma banda de música participava de todo o dia esportivo, que além dos jogos teria também a distribuição de brindes para as mulheres, as chamadas “senhorinhas” que fossem acompanhar o festival entre clubes de vários bairros, como o Uberabinha do Telégrafo e o Itahité da Pedreira.

As duas notícias sobre as festas mostram a ligação do futebol com a música e o contato dos bairros suburbanos através do futebol.

Como já foi evidenciado anteriormente, a imagem das festas estava ligada aos festivais esportivos ou aos próprios clubes de futebol. E muitas vezes, os setores da imprensa “idealizavam” os subúrbios e suas práticas quando descritas nos jornais⁷¹³.

Quando analiso os processos-crimes, as festas suburbanas ligadas aos clubes ganhavam outra conotação. Como podemos perceber no relato do processo crime do dia 13 de fevereiro de 1946, que ressalta o senhor Antonio Pereira de Souza, morador do bairro do telégrafo, que logo após ter saído de uma festa que ocorria na sede do Clube de futebol Uberabinha, foi agredido, conforme documento abaixo:

(...) Aos treze dias do mês de fevereiro do ano de mil e novecentos e quarenta e seis, nesta cidade de Belém, Estado do Pará, as oito horas, no hospital da santa casa, enfermaria S.pedro, onde foi vindo o sr Raymundo Martins Vianna, comissário de policia da capital, comigo escrivão do seu cargo, foi ouvido Antonio Pereira de Sousa, que ali se achava internado, e que declarou o seguinte:

Chamar-se Antonio Pereira de Sousa, paraense, solteiro, de trinta anos de idade, pedreiro, alfabetizado, filho natural de Rosa Pereira de Sousa, residente a travessa José Pio numero trezentos e noventa e sete. Que em a noite do dia nove de fevereiro do corrente ano para dez do mesmo mês, encontrava-se o declarante na sede do club Uberabinha onde se realizava uma festa dançante; que quando a mesma terminou o respondente dirigiu-se para uma casa localizada as proximidades do club já referido que é localizado à Rua Coronel Luis Bentes, próximo à travessa Frederico Sinape, e ai demorou-se por algum //tempo ficando após só a conversar com uma mulher que estava vendendo café; que aproximadamente às treis e trinta horas da madrugada quando a festa já havia há muito terminado e estando a sede do club fechada, a senhora que estava vendendo café retirou-se para o interior da casa e o depoente dirigiu-se para sua residência; que no caminho ao passar justamente no cruzamento da rua Coronel Luis Bentes com a travessa Frederico Sinape o declarante percebeu que próximo havia qualquer cousa de anormal, parecendo que era uma luta que estava sendo travada; que o depoente se aproximou do local e viu que eram dois indivíduos que estavam agredindo a um outro, o que fez com que o declarante dissesse que não era justo dois agredirem a um; que então um dos agressores dirigiu-se ao depoente e perguntou-o o que é que tu queres, na ordem do dia (textuais) e ato continuo passou a agredir o declarante dirigindo ainda pesados insultos; que o

⁷¹³ COSTA, Antonio Mauricio Dias da. & GOMES, Elielton Benedito Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos de 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. Op. Cit. p. 196.

declarante defendeu-se nas medidas das suas possibilidades, mas, o seu agressor era muito mais forte e assim é que o depoente foi jogado ao solo onde recebeu vários pisões por sobre as costas e ainda muitos socos; que o declarante viu que o indivíduo que estava sendo agredido quando ele, depoente, interferiu, aproveitando-se da chegada do declarante fugiu em desabalada carreira, passando então o respondente a ser agredido por dois indivíduos, o que fez com que o depoente gritasse bastante motivo pelo qual seus agressores fugiram; que o declarante ficou caído ao sólo, bastante aturdido pelos baques recebidos, mas quando sentiu-se melhor levantou-se e então percebeu que não podia mexer com o braço direito pois sentia fortes dores nas costas; que continuou a caminhar e encontrou dois rapazes conhecidos seus que talvez tivessem vindo atraídos pelos gritos, um rapaz de apelido “DUDU” e outro conhecido como “CHOCOLATE”, o quais ampararam o depoente e tomando conhecimento do que havia se passado ainda procuraram no local da / agressão e nas proximidades do mesmo não encontrando os agressores do depoente, providenciando o transporte do depoente para o pronto socorro de onde após ter sido medicado dirigiu-se para a Santa Casa onde ficou hospitalizado; que o depoente ignora por completo a identidade dos seus agressores, pois, no local estava bastante escuro e o depoente encontrava-se alcoolizado o que muito concorre para que não possa afirmar quem o tenha agredido; que pelos mesmos motivos ignora a identidade do indivíduo que estava sendo agredido e em socorro do qual havia o declarante interferido; que o depoente recorda-se tão somente que os seus agressores são de construção forte, ou seja, ambos tem físicos/ bem desenvolvidos, bem como ambos são de cor escura e ambos estavam de calças brancas e de camisas da mesma cor; que o declarante não sabe sobre quem lançar a culpa de ser seu agressor, ou melhor os seus agressores, pois, na festa onde estivera, alias por pouco tempo não travara discussão com quem quer que fosse. Nada mais havendo, mandou o senhor Comissário lavrar este termo que, lido e achado conforme, vai por todos assinados. Eu Raymundo Sousa Rodrigues (assinatura) escrevão o escrevi(...) ⁷¹⁴

Esse processo crime nos dá outra visão das festas nos subúrbios de Belém. Na descrição do documento é possível perceber, no ano de 1946 que, além da diversão, as questões sobre segurança também apareciam, nos relatos dos jornais que “idealizavam”, principalmente, nos cadernos esportivos, os bailes e eventos que ocorriam nos clubes como nesse caso do Uberabinha.

Segundo a dona Maria de Belém, quando entrevistada por mim, na pesquisa de campo realizada no Clube São Domingos, no mês de setembro de 2014, “os assustados” eram festas que ocorriam na época de carnaval no clube e que faziam a animação dos foliões ⁷¹⁵. Nessa descrição da memória do lazer no bairro, as confusões ocorriam durante as festas.

⁷¹⁴CMA – UFPA – TJE – SERIE CRIME – 6ª Vara criminal sub serie LESÕES CORPORAIS. Tipologia crime contra a pessoa; notação 21; Nº DE PROC. 21 Estante M 2 – PRATELEIRA 1 – SEÇÃO 5 – ANOS 1938-1942- 1944- 1945 – 1946 - 1 - ANO – 1946 – LESÕES CORPORAIS GRAVES – 6ª VARA CRIMINAL – decisão de arquivamento – 08-08-1947 . autuação 13-02-1946. Vitima Antonio Pereira de Souza – indicado desconhecido.

⁷¹⁵ Entrevista com Dona Maria de Belém Cavalcante Mamede. 17/09/2014. Realizada por mim no clube São Domingos.

A partir das pistas levantadas por Maria de Belém podemos perceber “brigas e confusões” nas notícias de cadernos policiais que divulgavam essas ocorrências nos “assustados”

(...) BRIGAM FEDELHOS... COM CIUME DE NAMORADAS

Acompanhado de seu genitor, compareceu, hoje, ao commissariado dos Jurunas, o menor Joao Tavares da Silva, residente à rua S. Pedro, nº 372. Fôra elle queixar-se contra o também menor Luiz Amaral Gonçalves, residente a travessa Carlos de Carvalho, Nº 196, por ter o mesmo hontem, à noite, à sahida de um “assustado”, por causa de namoradas, o aggredido a soccos.(...) ⁷¹⁶

“(...) Amanhã, o dos brotinhos

Amanhã, dis 05 de fevereiro será levado a efeito, a praça centenário, 60, um piramidal assustado que será denominado assustado dos brotinhos.

Para essa noitada alegre os promotores dêste “big” assustado já contrataram uma grande orquestra que apresentará os maiores sucessos carnavalescos dêste ano. ⁷¹⁷

Nas duas notícias acima, a primeira que destaca uma agressão num “assustado” no Jornal *A Folha vespertina* do dia 12 de fevereiro de 1941 e a segunda que destaca uma notícia sobre um “Big assustado” no Jornal *O Liberal* do dia 02 de fevereiro de 1952. Em ambas temos as discussões sobre a participação dos clubes nas festas de carnaval e como parte do lazer no bairro. No caso, apenas a notícia da agressão mostra um lazer que também via as brigas e confusões que ocorriam nos momentos nos “assutados” que ocorriam no bairro do Jurunas.

Na memória de Dona Maria de Belém, Tibúrcio de Menezes, seu pai, contava que durante as festas de carnaval, no final dos eventos, era normal, tomarem muita cerveja no clube São Domingos. Os amigos iam para o clube e seu Tibúrcio acompanhava.

(...) papai ficava no bar. Papai não ia dormir por que nós morávamos aqui. Colocava umas cadeiras e acompanhava as pessoas que iam beber cerveja. Ele era uma espécie de guardião do clube desde novo. Era o responsável pelo patrimônio do clube. Todo carnaval ele participava (...) ⁷¹⁸

⁷¹⁶ *Folha Vespertina*, O DIA POLICIAL, 12/02/1941 – 2ª PAGINA.

⁷¹⁷ Notícias sobre as festas supresas que ocorria durante o carnaval em Belém chamadas de assustados. Jornal *O Liberal*, 02/02/1952.

⁷¹⁸ Entrevista com Dona Maria de Belém Cavalcante Mamede. 17/09/2014. Realizada por mim no clube São Domingos.

Nesse relato, Dona Maria de Belém não definiu qual o período seu pai acompanhava seus amigos no final das festas de carnaval, apenas relatou como acontecia os finais desses eventos. Nesse caso, a memória da entrevistada trabalha com suas lembranças do passado e os valores do presente, apesar dessa relação de ambiguidade, os seus relatos nos ajudam a buscar essa relação de continuidade entre o passado de festas do clube São Domingos.

No ofício a seguir, do Time Negra S. Club, fundado em 10 de maio de 1930, temos indícios da ligação das festas com os festivais esportivos. Nesses festivais participavam as instituições de comunicação, como a Rádio Clube do Pará, que estavam envolvidas, nos anos de 1930, com os eventos de lazer no São Domingos e outros clubes, como o próprio Time Negra. Abaixo temos a transcrição da imagem do Ofício encontrado no São Domingos:

Time Negra S. Club
Ordem e sport
Club
Sede social: Mundurucus, 1698
Belém –Pará

Belém 17 de junho de 1937
Ilmo Srs. Dirigentes do São Domingos S.

Respeitosas Saudações

A diretoria da Radio Club do Pará, tem a honra de comunicar a Vossas, que patrocinado pelo Team Negro S. Club, pretende levar a effeito, no domingo 11 de julho vindouro, um festival esportivo, no campo do Clube do Remo, gentilmente cedido pela sua digna directoria. Animado de que este festival, se revista de uma brilhantíssima invulgar, o P.R.C-5 espera que o Grêmio de V.S. tão dignamente dirigem tome parte no mencionado certâmen, constituindo para nossa festa uma garantia segura para o sucesso que almejamos. Entretanto, como tal festival, vai acarretar inúmeras despesas para a Comissão promotora do festival, espera que V.S. se comprometam a passar no mínimo 40 entradas das 100 que acompanham este offício. Esperamos também que esse Gremio concorra no concurso de symphatia rica taça offerta da Rádio Clube do Pará no caso de aceitação do presente o grêmio de V.S. disputará com outro esportivo a posse de uma valorosa taça, pedindo a V. S. a fineza de nos responder com máxima brevidade possível.

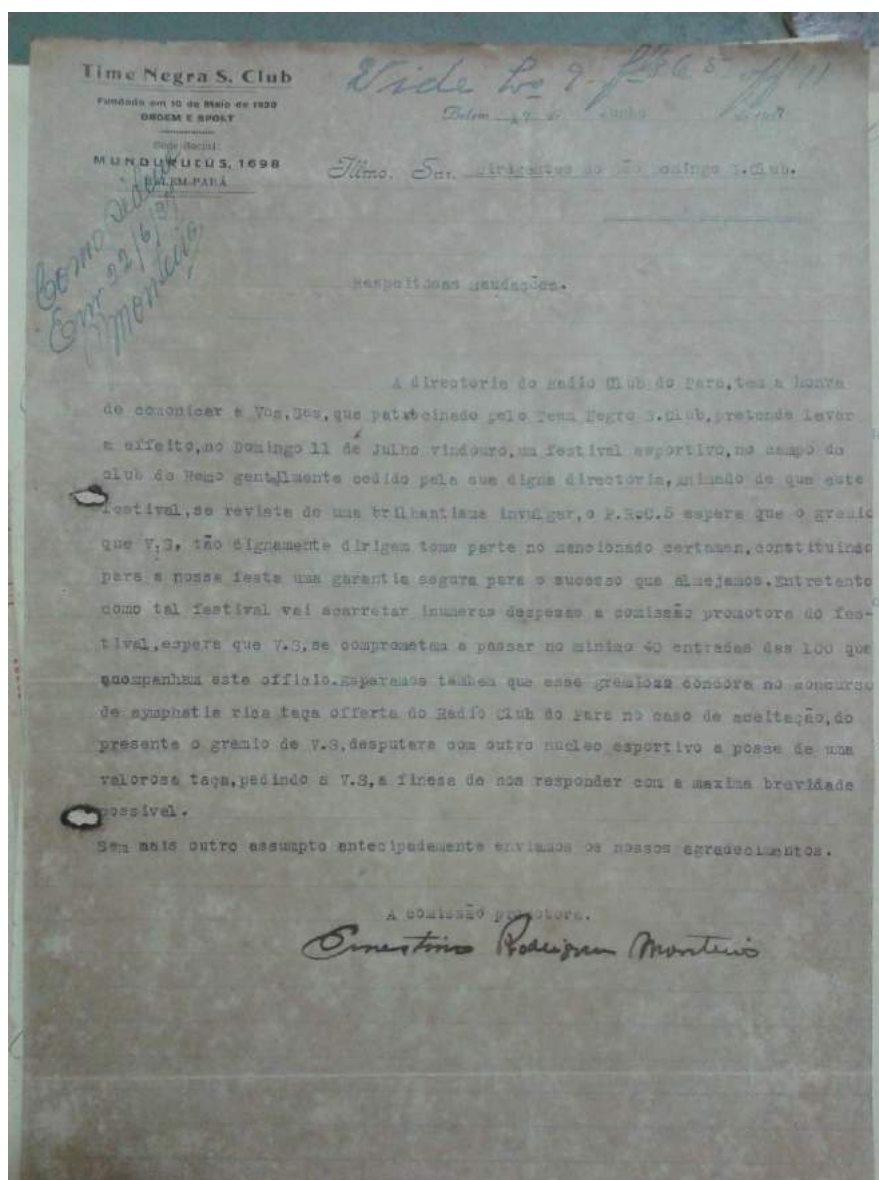
Sem mais outro assumpto antecipadamente enviamos nossos agradecimentos

A Comissão promotora

Ernestino Rodrigues Monteiro (assinatura)⁷¹⁹

⁷¹⁹ Ofício expedido do Time Negra Sport Club ao São Domingos s/n 17 de junho de 1937. O documento faz referencia a um Festival esportivo do Time Negra do bairro de São Braz que convida o São Domingos a participar do evento esportivo e festivo. Um dos patrocinadores do evento foi a Rádio Clube. Os jogos aconteceriam no campo do Clube do Remo. Pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

Imagem 31: Ofício expedido do Time Negra Sport Club ao São Domingos s/n 17 de junho de 1937.



Fonte: pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

No ofício podemos perceber uma espécie de “compromisso” que o clube Time Negra solicitava ao clube São Domingos sobre as entradas do festival esportivo que deveriam ser “passadas” as pessoas. Neste caso, o clube que vendesse mais entradas concorreria ao “troféu de Sympathia”. O ofício do Time Negra já seguia para o clube acompanhado de 100 entradas para o festival e o São Domingos se aceitasse o convite deveria vender pelo menos 40 entradas com o intuito de cobrir as despesas do festival esportivo.

Outro detalhe destacado no documento é a comunicação entre a Rádio Clube, o Time Negra e o São Domingos. Esse evento esportivo ocorreria no campo do Clube do Remo patrocinado pela Rádio Clube do Pará, uma “festa” do Time Negra, um clube do Bairro de São Braz, que relacionava o lazer às disputas futebolísticas, e possuía ligações com os membros da “PRC-5” e o Clube São Domingos no bairro do Jurunas.

A doação de troféus para premiação no festival esportivo citado nos aponta para uma maior interação do rádio como meio de comunicação, no campo esportivo, durante os anos de 1930. Essa aproximação nos levar a analisar o festival esportivo suburbano como um momento festivo ligado às práticas de esporte, festas e música. Nesse caso, uma experiência dos frequentadores do festival do Time Negra, torcedores do São Domingos, dirigentes, cronistas e ouvintes da Rádio Clube do Pará.

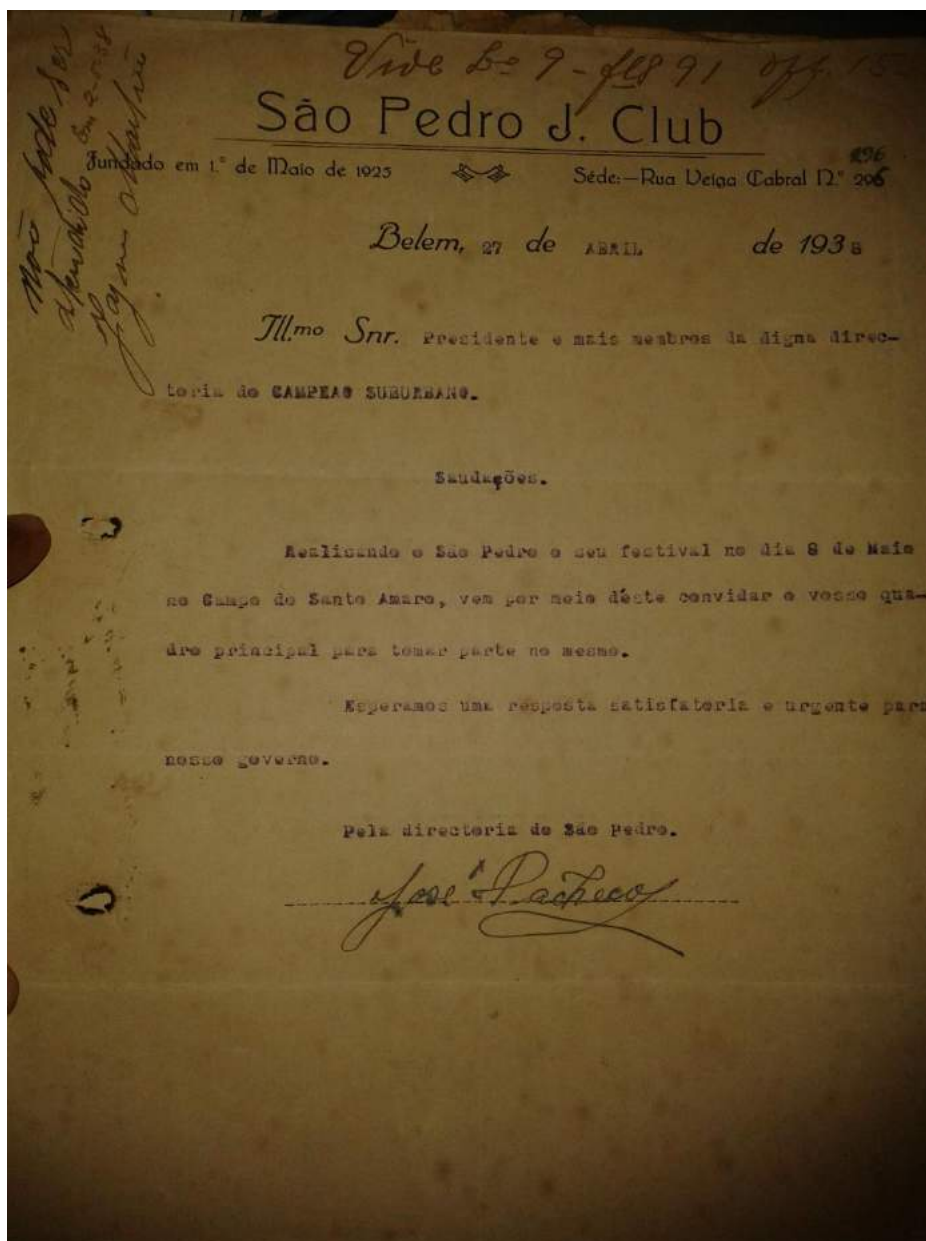
No documento a seguir, um Ofício do dia 27 de abril de 1938, temos outro exemplo da comunicação entre os clubes, no caso, o São Pedro Jóquei Club, localizado no bairro da Cidade Velha e o São Domingos, um indício dos muitos contatos que ocorriam entre os clubes dos variados bairros em Belém a partir das festas e da prática do futebol. Conforme descrição e imagem a seguir:

São Pedro J. Club	
Fundado em 1º de maio de 1925	Sede
– Rua veiga Cabral nº 206	
	Belém 27 de abril de 1938
Ilmo Sr Presidente e mais membros da digna diretoria do campeão suburbano	
Saudações	
Realizando o São Pedro o seu festival do dia 08 de maio no campo do Santo Amaro, vem por meio dêste convidar o vosso quadro principal para tomar parte do mesmo.	
Esperamos uma resposta satisfatória e urgente para nosso governo.	
Pela directoria do São Pedro	
José Pacheco (assinatura) ⁷²⁰	

⁷²⁰ Ofício s/n 27 de abril de 1936, São Pedro jóquei club convidando o “campeão suburbano”. Pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

Imagem 32: Ofício s/n 27 de abril de 1936, São Pedro jóquei club convidando o “campeão suburbano”

]



Fonte: pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

O documento relata mais um convite do São Pedro Jóquei Club da Cidade Velha para que o Clube São Domingos, o “campeão suburbano” participasse do festival esportivo que ocorreria no dia 08 de maio. Esta solicitação buscava que o time principal do São Domingos participasse do festival que ocorreria no campo do Santo Amaro, também localizado no bairro da Cidade Velha. No despacho, no alto a esquerda do documento, feito

por algum diretor do São Domingos é possível perceber a resposta negativa quanto à participação do clube no festival: “não pode ser atendido, 02-05-38”.⁷²¹

Na verdade, somente neste documento é possível perceber a ligação entre três clubes: O São Pedro, organizador do festival; o São Domingos, clube convidado; e o Santo Amaro que cedia seu campo no bairro da Cidade Velha para a realização do festival. Essa relação entre clubes nos apresenta também uma interação entre bairros em torno da prática do futebol no cotidiano de lazer em Belém. Isto é, os sujeitos interagiam nos seus dias de lazer em torno dos seus clubes de bairro.

Outro ofício, datado de 14 de agosto de 1935, nos apresenta a relação do Clube São Domingos com as festas e clubes, e nos mostra a proximidade entre o clube “alvi-rubro” e o “Rancho não posso me amofinar”, uma agremiação carnavalesca do bairro. Conforme descrição e imagem da fonte a seguir:

Rancho não posso me amofinar
Sede social: Honório Santos, nº 264
Belém, 14 de agosto de 1935
Ilmo Snr Presidente e mais membros da Directoria do São Domingos Sport Club

Saudações

Em nome da Directoria deste Rancho, tenho a subda e elevada honra em vir convidar esse conceituado núcleo suburbano, para tomar parte em nosso FESTIVAL-DANSANTE, à realizar-se à noite de SETE DE SETEMBRO do corrente, nos elegantes salões da SOCIEDADE B. 20 DE MARÇO.

Damos como prêmio ao club que maior números de entradas passarem, DEZ (10%) POR CENTO DA NOSSA RENDA LÍQUIDA, assim como uma linda e custosa taça ao CLUB MAIS SIMPATHISADO, valendo como votos para esse concurso, “inquêtes”, que nós enviaremos a cada núcleo esportivo de acordo com as entradas solicitadas.

Para maior lisura deste CONCURSO, convidaremos dois membros de cada club, para assistirem a apuração do referido certemam, ficando os próprios interessados com na obrigação de “controlarem” os “enquetes” dos cavalheiros pago na porta.

Outrosim, a prestação de contas será às 10 (DEZ) HORAS da noite da festa, na dita SOCIEDADE B. VINTE DE MARÇO. A apuração das entradas será a meia-noite e do CONCURSO DE SYMPATHIA SERÁ AS DUAS (2) HORAS DA MANHÃ.

Cônsco de sermos attendidos neste modesto e despretensioso convite, aproveito a oportunidade para reiterar-vos os meus protestos da mais alta e elevada estima.

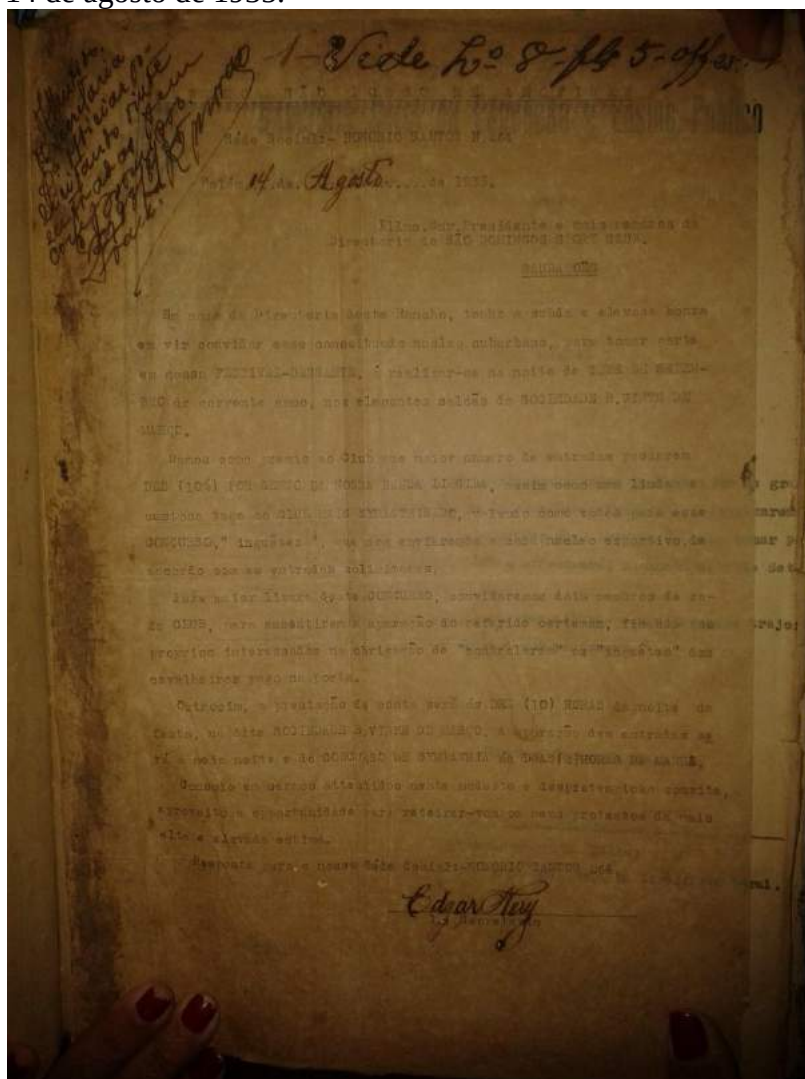
Resposta para nossa séde social: HONÓRIO SANTOS, 264.

Edgar Nery (assinatura)
1º Secretário⁷²²

⁷²¹ Idem

⁷²² Ofício enviado pelo Rancho não posso me amaofiná ao São Domingos. 14 de agosto de 1935. pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

Imagem 33: Ofício enviado pelo Rancho não posso me amaofiná ao São Domingos. 14 de agosto de 1935.



Fonte: pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

Quando fiz a análise das fontes sobre as atividades de lazer no bairro do Jurunas, percebi que esses eventos de festas e práticas esportivas passavam pelo Clube São Domingos. No ofício é possível percebermos a ligação do referido clube esportivo com os eventos do clube carnavalesco “Rancho não posso me amofinar”⁷²³. Este clube apresenta ao São Domingos a disputa que me parece comum naquele período dos anos de 1930: os clubes disputavam taças nas festas dançantes. Isto é, o clube que vendesse mais ingresso ganharia uma taça de simpatia. Um detalhe que achei bastante curioso foi o pedido do “Rancho” através de ofício para que o São Domingos participasse do seu evento. A curiosidade se explica pela impressão que os clubes me passam nos dias atuais. Atualmente, apesar da

⁷²³ Idem.

dificuldade, o “Rancho” é mais famoso que o São Domingos, pelos menos fora do bairro. Hoje é mais fácil as pessoas terem ouvido falar do “Rancho” do que do time “alvi-rubro”. No entanto, nos anos de 1930, fiquei com a impressão que apesar das rivalidades, amizades e quantidade de clubes variados, o São Domingos exercia certa liderança no bairro do Jurunas e inclusive em bairros como Pedreira, Marco e Sacramento. Isto é, todos os clubes conheciam o famoso São Domingos do Jurunas.

Estes fatos nos apresentam um panorama de proximidade clubística, que nos levam a pensar que as agremiações esportivas na cidade se relacionavam através dos festivais esportivos. Tais festivais eram eventos que podemos perceber ambientes que incluíam: - festas, bebidas, feijoadas, mulheres e lazer entre clubes e bairros.

3.3.2 - O bairro do Jurunas e a pesquisa sobre clubes suburbanos.

O bairro do Jurunas é um dos bairros que tem peculiaridades que no início do século XX eram consideradas suburbanas pelos cronistas esportivos. Sua localização apesar de ser um bairro popular é bem próxima dos bairros considerados elitizados ou comerciais, por isso, na época, chamado de subúrbio.

A maioria da sua população na primeira década do século XX convivia em grande parte próxima ao rio e os portos. Dessa forma, o bairro vivia um movimento diferenciado de grande parte dos outros espaços da cidade, pois, inúmeras pessoas que lá circulam vieram de comunidades ribeirinhas de várias gerações.

Nesse caso, o rio interliga as dinâmicas da vida dos moradores do bairro aliando características urbanas e ribeirinhas, fator que também pode ajudar a explicar a forma de lazer nos clubes suburbanos em Belém.

Essa dinâmica do bairro do Jurunas e seus clubes esportivos perpassa pelo “olhar antropológico” construído sobre o bairro no trabalho de Carmem Izabel Rodrigues. Seu trabalho é interessante por destacar a identidade de grupo de migrantes ribeirinhos moradores do populoso bairro da capital paraense⁷²⁴.

Entender esta cidade a partir de um “ponto de vista antropológico” significa visualizá-la a partir das interpretações que os próprios moradores fazem das suas vivências e

⁷²⁴ RODRIGUES, Carme Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Op. Cit. p. 15.

experiências individuais ou coletivas no contexto urbano. Os significados atribuídos pelos sujeitos moradores do bairro a essa vivência, têm como referência a relação entre o bairro e a cidade que habitam, a partir do qual, as relações espaciais se vinculam às sociais. Nessas relações os sujeitos estabelecem um trânsito entre a questão local, regional e mundial.

As imagens a seguir, números 34, 35 e 36 mostram os espaços das ruas do bairro do Jurunas nos anos de 1960. Esse período faz parte da construção da pesquisa acadêmica de Antonio Rocha Penteado.⁷²⁵

Na primeira imagem é possível perceber as ruas sem pavimentação e muitas crianças brincando e correndo no local. Nas imagens seguintes, é possível observar os aspectos das moradias e as pontes que fazem parte do dia-a-dia dos sujeitos que vivem no bairro.

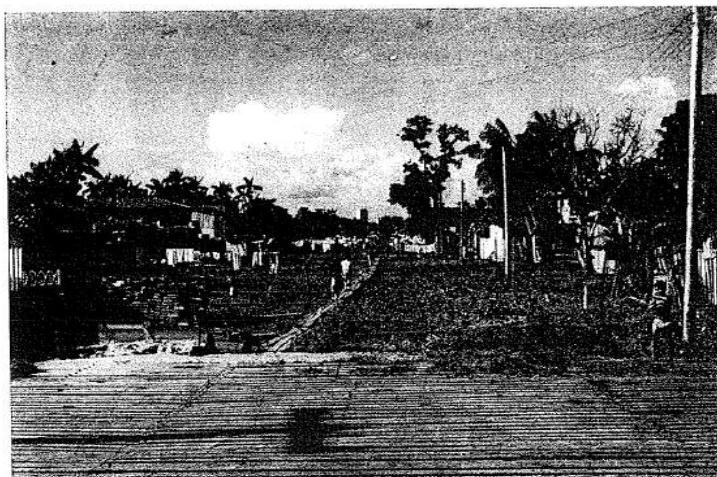
Imagem 34 : Bairro do Jurunas nos anos de 1960.



Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p.p. 304-306.

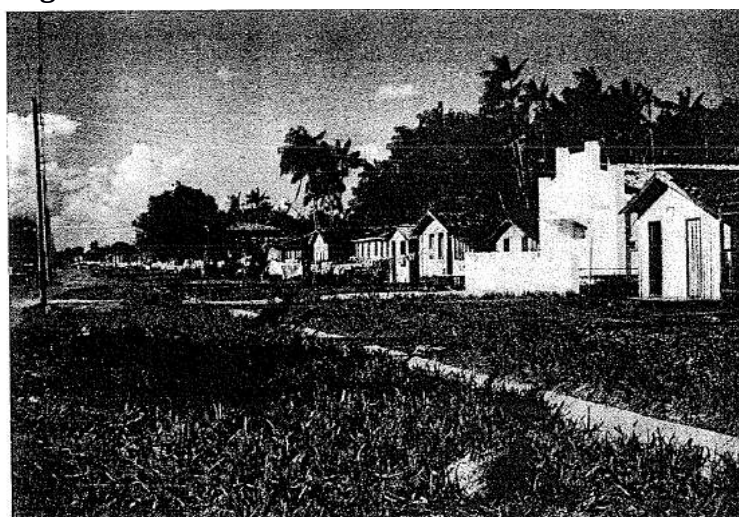
⁷²⁵ Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 307.

Imagem 35: Bairro do Jurunas nos anos de 1960.



Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 307.

Imagem 36: Bairro do Jurunas nos anos de 1960.



Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 307.

Essas imagens foram escolhidas do trabalho de Antonio Rocha Penteado por nos mostrarem as características de ocupação, circulação de pessoas no bairro do Jurunas. As casas de madeira, as pontes nos locais alagados, as pessoas circulando em ruas não pavimentadas juntamente com animais domésticos, as árvores nos quintais das casas, o mato próximo às casas, nos revelam indícios da vida cotidiana dos moradores e sujeitos que circulavam no referido espaço.

Todas essas características nos mostram o ambiente da vivência dos moradores do bairro do Jurunas, uma imagem próxima da visão de Carmem Izabel Rodrigues sobre esse

espaço, ressaltada anteriormente. Esses aspectos do bairro faziam parte das experiências dos moradores, que segundo a autora, estão relacionadas, em grande parte, às ligações identitárias com os migrantes ribeirinhos que circulavam no bairro e seus lugares de origem. Esses sujeitos, moradores do bairro, criavam práticas e saberes ribeirinhos alinhados com novas práticas do mundo urbano⁷²⁶.

Carmem Izabel Rodrigues afirma que o bairro do Jurunas se constituía sobre terrenos alagadiços, cortados por igarapés ligados ao rio Guamá, transformados em valas nos quais eram construídas pontes e casas de madeira. Havia também uma referência negativa sobre esse espaço da cidade, que no início do século XX, segundo a imprensa, era considerado um local suspeito, reduto de *gatunos*, valentões, desordeiros, principalmente no local de fronteira com a Cidade conhecido como “bairro do ladrão”, que incluía hoje o largo e a Rua Santo Amaro, conhecida hoje como Veiga Cabral⁷²⁷.

No fragmento da denúncia do Ministério Público do Pará, contida no Processo Crime contra Raimundo Nazaré, 23 anos, Guarda civil, do dia 25 de maio de 1946, é possível termos uma descrição de uma festa nos São Domingos que mostra o lazer no subúrbio sem a idealização dos cronistas esportivos:

(...) Exmº Sr Dr Juiz de Direito da 5ª Vara 25-05-1946

O 1º promotor Público da Capital vem perante VExcia denunciar Raimundo Nazaré, paraense, solteiro, 23 anos de idade, Guarda-civil, residente a rua Antonio Barreto, nº 806, e Ferdinando Cardoso, paraense, solteiro, 24 anos de idade, residente a rua S. Miguel, nº 15, pelo seguinte fato delituoso:

No dia 16 do mês de fevereiro do ano corrente o primeiro denunciado, encontrava-se mantendo a ordem na sede do S. Domingos Esporte Clube, onde se realizava uma festa carnavalesca, ocasião em que foi chamado para intervir no inicio de uma briga entre dois dansarinos do dito Clube, no momento em que foi agredido pelo segundo denunciado, que o feriu na região frontal quando rolaram pelo chão. Ferdinando em depoimento as fls. 9 e 10 nega em absoluto que se encontrava armado de navalha tendo do mesmo modo saído ferido da luta que manteve com o Guarda-civil.

Foram ouvidas 4 testemunhas, tendo três se limitado, dizer haverem socorrido Raimundo Nazaré, quando este se achava ferido, ignorando se o mesmo foi o não ferido por Ferdinando Cardoso.(...)⁷²⁸

⁷²⁶ RODRIGUES, Carme Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Op. Cit. p. 16.

⁷²⁷ Idem. p. p. 112-113.

⁷²⁸ CMA – UFPA – TJE – SERIE CRIME – 6ª Vara criminal sub serie LESÕES CORPORAIS. Tipologia crime contra a pessoa; notação 21; Nº DE PROC. 21 Estante M 2 – PRATELEIRA 1 – SEÇÃO 5 – ANOS 1938-1942- 1944- 1945 – 1946 - ANO – 1946 – LESOES COPORAIS GRAVES – 6ª VARA CRIMINAL – decisão condenação .denuncia 25 05 1946 – Raimundo Nazaré e Ferdinando Cardoso

A denúncia contra o Guarda Civil e o cidadão Ferdinando Cardoso por lesões corporais nos mostra um aspecto das festas carnavalescas no Clube São Domingos. A importância de podermos ter acesso a essa fonte se encontra na possibilidade entendermos um possível cotidiano das festas e dos clubes no bairro.

Essa referência do processo crime sobre as festas no São Domingos e o tempo que o clube tinha sido fundado, o ano de 1915, me levou a buscar fontes sobre clubes suburbanos no bairro do Jurunas.

Não conhecia o bairro profundamente. Na verdade, ouvia falar do São Domingos e do Rancho não posso me amofiná⁷²⁹. Essa curiosidade para obter fontes que mostrassem maior interação sobre os clubes esportivos me levou a uma das principais ruas do famoso e popular bairro do Jurunas.

Cheguei à Avenida Roberto Camelier, próximo à Rua Fernando Guilhon, Bairro do Jurunas, Belém do Pará, no dia 15 de setembro de 2014, provavelmente às 15 horas, quando, durante as minhas pesquisas sobre as práticas de lazer e sociabilidade a partir de Clubes suburbanos na capital paraense, consegui ter acesso na “sede dominguense” a uma série de documentações sobre as práticas dos diversos sujeitos no Clube São Domingos, clube esportivo, que atualmente, segundo alguns dos seus sócios, está mais relacionado às festas de aparelhagem que ocorrem no bairro de características culturais bastante populares do que as práticas futebolísticas que ocorriam no período da sua fundação, no distante ano de 1915⁷³⁰.

Ao me deparar com estrutura do prédio nesta segunda visita ao Clube encontrei o senhor Edilson⁷³¹ que é funcionário e sócio do clube, um dos que zela pelo prédio onde

⁷²⁹ Clube carnavalesco criado no bairro do Jurunas nos anos de 1930. Ver: OLIVEIRA, Alfredo. Carnaval paraense. Belém: Secult, 2006.

⁷³⁰ Esta visita ao São Domingos Esporte Clube Recreativo e Beneficente já tinha acontecido em 2012, no início da pesquisa de Doutorado em História Social da Amazônia do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da UFPA, porém, não tinha conseguido ter acesso aos variados documentos, que no mês de setembro do ano de 2014, meio que por acaso, consegui ter acesso através da senhora Maria de Belém Mamede e do Sr Edilson, ambos sócios e sujeitos ativos na luta pela preservação da história do clube que fez cem anos em 2015 e que sobrevive da arrecadação dos poucos sócios e das festas de aparelhagem, principalmente as do baile da saudade. Os documentos que tive acesso foram atas, bilhetes, ofícios expedidos, recebidos, ficha de inscrição de sócio, fotografias, troféus, livros de memórias não publicados. Tal documentação estava sendo queimada devido à falta de local adequado e de conhecimento sobre a representatividade dos documentos para História do Clube e do Bairro por parte de alguns sujeitos que estavam tentando “higienizar” o clube. Graças ao Sr Edilson e Srª Maria de Belém Mamede parte da documentação está sendo salva e catalogada mesmo sem nenhum recurso financeiro. Entrevista realizada com a Senhora Maria de Belém Cavalcante Mamede, 71 anos, Presidente do Conselho do Clube São Domingos, no dia 17/09/2014. Perguntas sobre a participação de clubes de bairros nos festivais no Clube São Domingos. E o Senhor Edilson dos Santos Ferreira, 45 anos, o gerente do Clube São Domingos. Trabalha no São domingos há cerca de 17 anos. Na época da entrevista. O mesmo apresentou e comentou sobre cada objeto da sala de troféus do clube. Entrevista produzida no dia 14/09/2014.

⁷³¹ Sócio do clube que cuida da sede social.

funciona as festas de bailes da saudade aos finais de semana, feriados e onde ainda ocorrem práticas de danças, boxe, escolinha de futebol para crianças e adolescentes, que funcionam na quadra interna do Clube e na quadra que fica atrás da sede social, além de ser ponto de encontro de estudantes das escolas próximas que utilizam do local para suas relações de amizade e namoro⁷³².

Ao redor do clube São Domingos botecos, posto de gasolina, farmácias, uma grande circulação de pessoas (evangélicos, católicos, guardadores de carro, estudantes, professores, ambulantes, policiais, dentre outros, principalmente no horário das 07 horas e 19 horas, considerado horários de “pico”), automóveis de todos os tipos (ônibus, carros-som, importados, nacionais), bicicletas e mototaxistas. Ao lado do clube, localiza-se a igreja Santa Terezinha, que às terça-feiras fica bastante lotada de fieis para a tradicional Missa da Paróquia. Todas essas características mostram um bairro em constante movimento, tanto na circulação de pessoas, como na circulação de culturas, tradições, assim como outros bairros considerados populares da capital paraense, uma verdadeira cidade na urbe belenense.

O contato com esse cotidiano atual do clube me levou a pensar sobre o processo de construção histórica dos clubes na cidade e a sua ligação com esporte. Dentre as questões que me vieram à mente, imaginei, justamente, como seria o cotidiano, deste mesmo clube, no seu contexto de fundação, pensando, como os antepassados daquelas pessoas viviam numa capital amazônica, no contexto do discurso da chamada *Belle Époque*? Outra questão pensada foi se existiria uma relação de continuidade entre esse passado esportivo e o presente, o qual estava me deparando? Quais os sujeitos que circulavam nos dias de lazer e atividade esportiva no bairro, eram somente pessoas oriundas dos grupos sociais menos abastados?

O prédio, as pessoas que circulavam naquele dia, nos dias subsequentes no decorrer da minha pesquisa, suas práticas cotidianas dentro do clube, me chamaram a atenção, fazendo com que buscasse nos resquícios do passado, que estavam ali na minha frente, possibilidades de respostas para minhas indagações sobre a prática do futebol suburbano na cidade belenense na primeira metade do século XX.

Abaixo, temos um exemplo de um documento que foi encontrado no local, um comprovante de pagamento de uma sócia do São Domingos chamada Maria Carvalho, datado

⁷³² Durante os três meses de intensa pesquisa sobre a documentação do clube percebi uma constante circulação de jovens nas áreas internas que nos dias de semana, quando não tem festa servem para práticas esportivas, grupos de danças, jogos de baralho, dominó e encontros de estudantes de escolas próximas. Tal situação me chamou a atenção pelo fato de muitas pessoas do bairro circularem em torno do São Domingos.

de novembro 1937, e assinado por Ricardo Merícia, tesoureiro do clube, com destaque para o número de matrícula de nº 122 e o preço que a referida sócia pagava ao clube.

Imagem 37 - Comprovante de pagamento de mensalidade de sócio do clube, no ano de 1937.



Fonte: pesquisa documental na sede do SÃO DOMINGOS, 2014.

A fonte acima foi uma das muitas que encontrei no local e comecei a catalogar para este trabalho, é claro que no nosso presente, acabei imaginando quem seria essa pessoa que frequentava o clube e como convivia no bairro do Jurunas, principalmente, por ser mulher e moradora da capital paraense no contexto dos anos de 1930.

Ao analisarmos essa fonte juntamente com a tabela de sócios do São Domingos, que consta no anexo 3 deste trabalho⁷³³, no período de 1915 à 1957, é possível perceber que nenhuma mulher apareceu como sócia do clube. Apesar dos 280 sócios catalogados, 279 pertenciam ao sexo masculino e 118 estavam na faixa etária de 18 a 25 anos⁷³⁴. Isto, não significou que o clube não tivesse mulheres no seu quadro de sócios. Na verdade, as mulheres participavam ativamente das festas e dos jogos. Nesse caso, o comprovante de pagamento de sócia pertencente à Maria de Carvalho nos mostra que nos anos de 1930 algumas mulheres participavam das atividades organizados pelo clube “alvi-rubro” do Jurunas.

Esta análise das fontes, como a destacada na imagem acima e os dados sobre os sócios do São Domingos mostram uma relação íntima entre o passado e o presente em que elas foram encontradas. Esse detalhe me faz lembrar as ideias de Jacques Le Goff sobre o

⁷³³ Análise quantitativa a partir do Livro de Sócios do São Domingos de 1915-1957. Anexo 3 do trabalho.

⁷³⁴ Idem. Faixa etária.

assunto em pauta. Este autor destaca, em sua Obra “História e Memória”, no que tange aos fatos e fontes levantadas, o historiador deve ser ouvido, assim como outros profissionais são ouvidos nas suas respectivas áreas, pois, a História passa a ser, no nosso contexto, um ramo fundamental do saber.⁷³⁵ Essa perspectiva, segundo o autor, colabora para que não vejamos com ceticismo ou confusão as relações entre Memória e História, assim como passado e presente. Já que sabemos que o passado depende parcialmente do presente.

Nesse sentido, toda a história é bem contemporânea, na medida em que o passado é apreendido no presente, sendo ao mesmo tempo passado e presente. Portanto, um passado ligado aos interesses de sua contemporaneidade, sendo esta uma situação inevitável e legítima. Porém, compete ao historiador fazer um estudo objetivo sob essa dupla forma do passado durante a análise das fontes e na construção da narrativa histórica.

Baseado nas ideias de Jacques Le Goff, levantei fontes sobre o São Domingos e os seus rivais, sabendo que os fatos narrados pelos sujeitos sobre o clube estão relacionados com o presente, assim como as minhas indagações sobre o cotidiano de parte da cidade que muitas vezes fica perdido na memória dos grupos menos abastados da urbe belenense.

Essas fontes estão ligadas às memórias da Maria de Belém⁷³⁶, de 71 anos de idade, ex-atleta do Clube São Domingos, Professora aposentada, filha de Tibúrcio Cavalcante de Menezes⁷³⁷ e sócia do São Domingos; e também aos fragmentos do livro não publicado do Sub Tenente da PM Teodorico Rodrigues⁷³⁸ que descreve a partir da sua memória a vida no bairro do Jurunas sob a ótica do cotidiano esportivo do São Domingos.

Sobre essa ideia de uma análise dos clubes menos famosos da cidade de Belém do Pará, como o São Domingos, e a dupla relação do passado para entendermos a prática cotidiana desses esportistas de origem étnica ligada aos grupos populares, Dória Neto e Mendes⁷³⁹ afirmam que a partir das fontes jornalísticas do caderno Bola, Jornal O Diário do Pará, na atualidade, é possível perceber que “os clubes coadjuvantes” praticamente não são

⁷³⁵ LE GOFF, Jacques. História & Memória. Campinas: UNICAMP, 2ª ed., 1992. p.p. 50-51

⁷³⁶ Dona Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos, professora aposentada, ex atleta do São Domingos, filha do Sr Tibúrcio de Menezes Dona Idália de Menezes, a dona “mocinha”, sobrinha do famoso literato modernista Bruno de Menezes, membro de uma família que participava ativamente das práticas esportivas na cidade, principalmente as ligadas ao Clube esportivo São Domingos do bairro do Jurunas. Atualmente é membro da diretoria do clube em tela.

⁷³⁷ Foi atleta de várias modalidades, presidente, frequentador das festas, um verdadeiro *sportman*, irmão legítimo de Bruno de Menezes, citado no decorrer do trabalho. Tibúrcio de Menezes também foi considerado um verdadeiro *sportman*, pois, jogou pelo São Domingos.

⁷³⁸ Citado na nota 77, na introdução deste trabalho.

⁷³⁹ GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, Rivalidade e Política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 83-90.

estudados como pertencentes ao processo de construção histórica da prática esportiva da cidade belenense.

Em contrapartida, para os autores, os clubes considerados principais, como o clube do Remo e o Paysandú, dominam o cenário no campo futebolístico da cidade. O que caba por alimentar não estudo do papel dos outros clubes que fazem parte do processo histórico da disseminação, mediação e embates do esporte no cenário urbano.

A discussão inicial sobre a preponderância de Remo e Paysandú no cenário esportivo regional na atualidade nos remete à ideia de continuidade histórica construída dentro do processo de popularização do futebol, no âmbito desses clubes, na primeira metade do século XX.

Esse processo está intimamente ligado ao papel da imprensa esportiva e a participação dos mesmos clubes nos famosos festivais esportivos⁷⁴⁰, que também ocorriam nas áreas suburbanas, que facilitava o convívio, o aumento da rivalidade e a circulação de ideias entre os sujeitos pertencentes aos diversos setores sociais da cidade. Estes setores que na época era formado de migrantes nordestinos e imigrantes europeus conviviam no espaço urbano. Muitos sujeitos vivenciavam os subúrbios, como o Jurunas, que estava ligado ao rio e a floresta e não somente ao símbolo do capitalismo e sua modernidade.

Essa relação entre presente e o passado perceptível aos olhos do historiador nos mostra uma ideia de ruptura e continuidades no presente futebolístico da cidade, pois, estudar o clube São Domingos a partir dessa ótica, nos possibilita outro olhar sobre as fontes que não irão “falar” sozinhas, mas nos forneceram a partir de sua análise uma maior compreensão do lazer e da prática futebolística na cidade para além dos clubes considerados de “massa”.

3.3.3 - O São Domingos Sport Club: o Jurunas e a cidade.

(...) Capítulo I DO CLUB E SEUS FINS

Art. 1º o São Domingos Sport Club, fundado em 24 de maio de 1915 e reorganizado na mesma data do anno de 1918, nesta capital, Belém do Pará tem por fim:

- a) Criar, incentivar e desenvolver os sports em geral, especialmente o football, promovendo e organizando torneios, sempre que julgar oportuno e seus recursos permitirem.

⁷⁴⁰ DÓRIA NETO, Rui Demóstenes Pinheiro & MENDES, Delson Eduardo da Silva. A História do futebol paraense através dos clubes coadjuvantes, Belém-Pa: paginas.uepa.br/ccbs/ed.fisica/ruidoraneto/pdf. 2012.

- b) Proporcionar aos seus associados divertimentos uteis, proveitosos e benéficos.
- c) Cuidar do desenvolvimento phisico dos seus associados, creando differentes secções de sports a medida que seus cofres o auxiliares.
- d) Organizar e manter quatro teams inclusive infantis para disoputa de matchs amistosos e officiaes em campo próprio ou em outro.(...)⁷⁴¹

Ao analisarmos a fonte acima, o clube São Domingos foi fundado em 24 de maio de 1915, com objetivo de “*criar, incentivar e desenvolver os sports no geral*”, bem no contexto da construção cultural do futebol voltado a partir das experiências dos sujeitos nos respectivos espaços da cidade. Localizado em uma das principais vias do bairro do Jurunas, local com proximidade ao chamado centro e as áreas consideradas nobres da cidade de Belém. Porém, é considerado popular desde a sua fundação por suas características suburbanas bastante destacadas pela imprensa esportiva da primeira metade do século XX.

Percebe-se que a ideia transcrita do estatuto do São Domingos é relacionada com o simbolismo que se discutia em Belém sobre as práticas esportivas. Pois, da mesma forma num clube suburbano, no qual seus sujeitos possuíam uma origem popular e, supostamente, estariam fora do lazer das elites, foi possível perceber que existia o discurso moderno de higiene, controle, regras, cavalheirismo, civilização que culmina no *Sportman* destacado pela imprensa esportista do período.

Nos diferentes bairros da cidade, o simbolismo civilizacional circulava nos diferentes setores sociais levando os sujeitos pertencentes a clubes como São Domingos a ressignificarem o discurso do esporte e do padrão moderno. Isto é, o sentimento da modernidade esportiva estava nas discussões diárias dos sujeitos, com a diferença que as suas experiências de vida no bairro lhe dariam diferentes perspectivas sobre os embates esportivos que ocorriam na cidade. Por isso, é perceptível no estatuto do São Domingos a ideia de esporte aliada ao lazer e ao desenvolvimento físico dos sujeitos, assim como ocorria em clubes como O Clube do Remo, o Paysandú, o União Esportiva, dentre outros.

Nesse caso, é importante não deixarmos de lado que a ideia de *Sportman*, ligada simbolicamente ao desenvolvimento econômico proporcionado pelo avanço da economia do látex, gerou nas elites uma busca por atividades de lazer na cidade e arredores. Dessa maneira, inicialmente os *Sportmen* praticavam o futebol entre os seus grupos, porém, nas praças, ou próximo aos locais que os setores populares frequentavam. Este movimento de moradores dos subúrbios e atletas da elite construiu nos bairros ditos “elegantes” e populares, como o

⁷⁴¹ Estatuto do S. Domingos Sport Club – 1932- CMA (Centro de Memória da Amazônia – UFPA. CX. 04 DOC. 11)

Jurunas, uma dinâmica diferente: além dos grupos elitizados, os setores populares passam também a criar seus clubes visando o lazer e a prática esportiva no bairro e entre bairros.

Abaixo temos a fotografia do time do São Domingos no ano de 1941. Nela é possível identificar a sede antiga do clube, mulheres e crianças nas janelas e time fazendo uma pose tradicional antes e após os jogos.

Imagem 38 – Fotografia do *team* do Clube São Domingos, 1941.



Fonte: acervo documental do Clube São Domingos.

Essa imagem dos anos de 1940 nos remete não somente ao período que ela foi feita, mas toda uma construção histórica do Clube “alvi-rubro” do bairro do Jurunas. Nesse contexto, o clube já era bastante conhecido na cidade e o futebol suburbano estava bastante ligado as práticas de esportivas que ocorriam ao longo dos anos no bairro. O último jogador da esquerda para direita, segundo Dona Maria de Belém é o atleta do clube Tibúrcio de Menezes. Na Foto ele aparece com uma criança no colo. Esta prática nos evidencia que a participação das famílias nos dias de jogos ocorria de maneira contumaz.

Os jogos que ocorriam na Praça Batista Campos, no campo da Praça Floriano Peixoto, no Largo de São Bráz, no largo São José em frente à Penitenciária São José, eram abertos ao público. Público esse habitante de uma cidade que bastante heterogênea, formada por migrantes nordestinos, principalmente cearenses⁷⁴², italianos⁷⁴³, portugueses⁷⁴⁴ e a

⁷⁴² Segundo Franciane Lacerda, houve uma migração de nordestinos para o Estado na transição do século XIX para o início do século XX, principalmente de cearenses que vieram por conta da produção de látex. Esses

população ligadas a uma cultura local. O contato desses diversos setores proporcionou uma prática paralela do futebol na cidade, criada no decorrer do início do século XX, a partir de clubes esportivos que estavam ligados ao lazer e ao cotidiano diário dos sujeitos em cada bairro, ao mesmo tempo em que as elites locais também praticavam esportes nos seus clubes.

Um exemplo desses jogos, que eram abertos ao público aos finais de semana, era os que ocorriam no largo da Penitenciária ou chamado de São José. Dentre tantos citados nos jornais, tivemos um treinamento feito em agosto de 1914, pelo recém-criado Clube denominado Botafogo Foot-ball Club, que tinha sua sede social na travessa Apinagés, e que circulava em outros bairros e seus campos, pois, jogava no Largo de São José, que era descrito pelo cronista *Dick* como um enorme “*ground*”.⁷⁴⁵

A participação de Clubes elitizados também é perceptível na fonte jornalística abaixo. Ela relata uma partida entre os clubes Panther e Ypiranga no largo de São Braz, local que os jogadores de Clubes abastados participavam das “pelejas” futebolísticas que nos dão indícios de como ocorriam esses festivais e o contato das elites locais praticantes do esporte com os sujeitos moradores dos bairros suburbanos, que ressignificavam o esporte a partir das suas experiências na cidade dita moderna.

cearenses aparecem nas fontes sobre o futebol, principalmente no bairro de canudos e São Brás na atual avenida Ceará. LACERDA, Franciane Gama. Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência. (1889-1916). Op. Cit.

⁷⁴³ Na obra de Marília Emmi se aborda o processo de imigração Italiana para Belém do Pará que corrobora com a criação de uma fábrica sapatos Boa fama no bairro do Reduto e que tem ligação com a Fundação do Itália sport Club que pela imprensa esportiva era considerado um clube suburbano. Talvez para os italianos mas uma questão de identidade. EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia(1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Op. Cit.

⁷⁴⁴ Segundo Edilza Fontes, no final do século XIX, existia um grande fluxo de imigrantes portugueses na capital paraense, no qual os portugueses pobres disputavam o mercado de trabalho urbano na capital paraense. FONTES, Edilza Joana de Oliveira. Prefere-se portuguesas: mercado de trabalho, racismo e relações de gênero em Belém do Pará. Op. Cit. A fundação da Tuna Luso Brasileira segundo Ferreira da Costa esteve ligada a esse grupo de imigrantes Portugueses que chegava ao Pará no início do século XX. DA COSTA, Ferreira. Memorial Cruzmaltino. Op. Cit. Sobre os portugueses ver: EMMI, Marília Ferreira. Um século de imigrações internacionais na Amazônia brasileira (1850-1950). Op. Cit.

⁷⁴⁵ *Jornal Folha do Norte*, 25/08/1914.

Imagem 39 – Anuncio de uma partida de futebol, no Jornal “A Folha do Norte”, entre os clubes Ypiranga e o Panther.



Fonte: Jornal *A folha do Norte*, quarta-feira, 08 de julho de 1914.

Dessa forma, temos o indício das discussões sobre como a prática futebolística no bairro do Jurunas também estava ligada aos parâmetros do discurso civilizador. Mesmo nos clubes de bairro onde a prática estava pautada numa cultura popular, ou seja, a atividade esportiva se desenvolvia buscando um padrão de organização baseada no desenvolvimento esportivo elitizado.

No entanto, é interessante percebermos a forma como esses clubes, como o São Domingos eram construídos na cidade, onde o número de campos de futebol a cada dia crescia nos diferentes bairros.⁷⁴⁶ E nesses espaços, nos diferentes clubes, os sujeitos acabavam estabelecendo trocas culturais em torno do futebol e seus festivais futebolísticos. Já que muitos ofícios eram dirigidos aos clubes, inclusive com a participação de clubes dos outros bairros considerados suburbanos, os quais eram convidados a participarem nos ditos festivais esportivos.

Na transcrição da imagem a seguir, temos um ofício que foi enviado ao São Domingos, no bairro do Jurunas, possivelmente nos anos de 1930, que nos explicita a localização de um campo de futebol em outra área da cidade de Belém e o discurso do esporte como conceito de civilização, mesmo numa área suburbana.

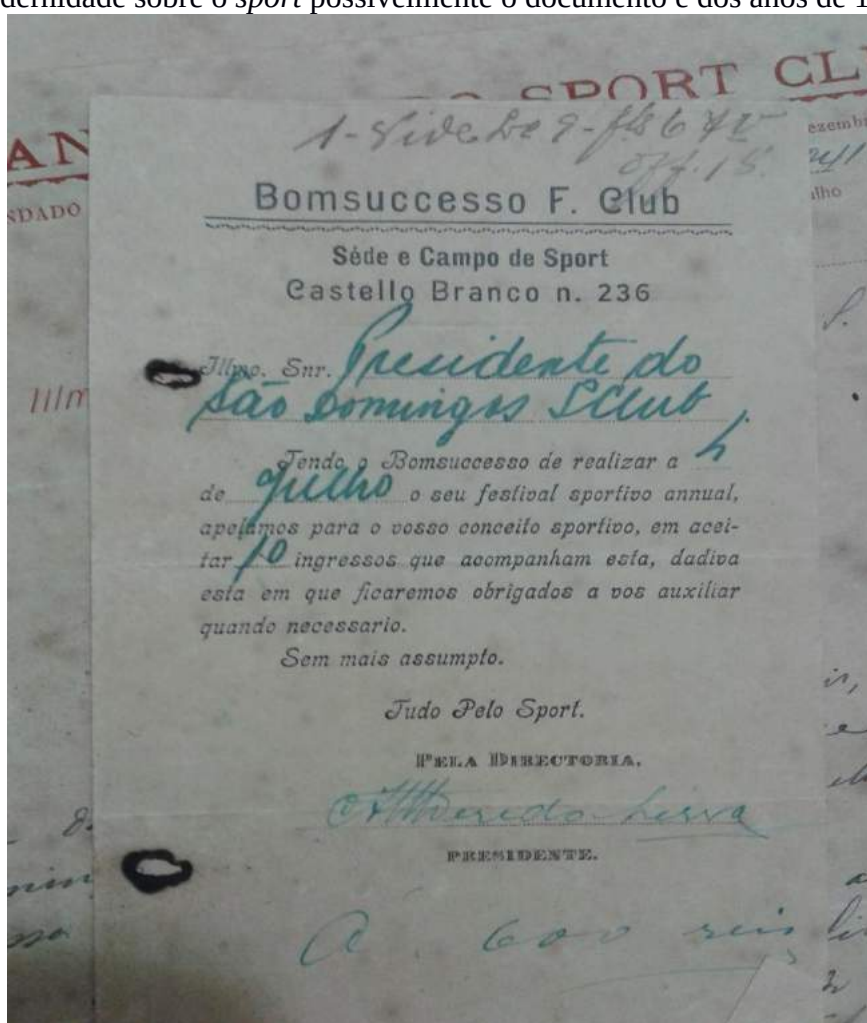
Vejamos a transcrição do ofício a seguir:

BOMSUCESO F. Club

⁷⁴⁶ Para se ter uma ideia ver a quantidade de campos ou espaços destinados para a prática de futebol na cidade levantada no Mapa da pesquisa de campo nº 02, citado no capítulo II.

Séde e campo de Sport
 Castello Branco n. 236
 Ilmo Snr Presidente do São Domingos Sport Club
 Tendo o Bomsucesso de realizar a 4 de julho o seu festival sportivo annual,
 apelamos para o vosso conceito sportivo, em aceitar 10 ingressos que acompanham
 esta, dádiva esta que ficaremos obrigados a vos auxiliar quando necessário.
 Sem mais assumpto
 Tudo pelo sport
 Pela Directoria
 (? Assinatura)
 Presidente⁷⁴⁷

Imagem 40 – Ofício do clube Bomsucesso do bairro da Matinha e o discurso da modernidade sobre o *sport* possivelmente o documento é dos anos de 1930.



Fonte: Pesquisa realizada no arquivo do Clube São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014.

⁷⁴⁷ Ofício do clube Bomsucesso do bairro da Matinha (Fátima). Pesquisa realizada no arquivo do São Domingos no período de setembro a dezembro de 2014.

Neste ofício temos o Clube Bomsucesso do bairro da Matinha, com destaque para o endereço do seu campo de futebol, local onde aconteciam suas partidas futebolísticas, assim como sua sede social, onde possivelmente aconteciam as festas ligadas ao festival esportivo. Na imagem do documento é possível perceber o contato que ocorria entre um clube do Bairro da Matinha e o São Domingos do bairro do Jurunas. Essa circulação de ideias e experiências dos sujeitos nos coloca que o discurso de “conceito *sportivo*” e “tudo pelo *sport*” enfatizados como uma fator motivador para que ocorresse o festival do Bomsucesso, estava circulando nas áreas consideradas suburbanas, em pleno anos de 1930, data supostamente do documento.

É bom lembrar que essas ideias em torno do esporte não foram construídas no momento que os sujeitos participantes do Clube Bomsucesso enviaram o ofício ao São domingos, mas através de um processo histórico que valorizava os padrões ligados ao conceito de civilização e modernidade, e que nos anos de 1930 se alicerçava no discurso de educação, nacionalismo e disciplina do governo varguista.

É interessante abordar que além do discurso de “conceito *sportivo*” existia um contato que nos possibilita entender como funcionava a questão do lazer no bairro do Jurunas e nos outros bairros da cidade, que possuíam clubes esportivos ativos participantes de festivais esportivos nos finais de semana na cidade para além dos tradicionais clubes e suas elites.

Na fonte abaixo, temos a imagem de outro documento que destaca o Clube Nacional do bairro de Nazaré, considerado no início do século XX como um bairro de “elites locais” que também tinha contato com o São Domingos durante os festivais esportivos, era um Clube considerado elitizado porque os seus sujeitos eram Oficiais de Forças Militares, Professores, Doutores que, no contexto da consolidação do futebol na capital paraense, foi força futebolística ativa nos campos de futebol no campeonato oficial e nos festivais esportivos.

Vejamos a transcrição do ofício abaixo:

Nacional Athletico Club
 Filiado a Liga Athletica Paraense
 Fundado em 17 de fevereiro de 1917 – Sede Praça Justo Chermont-61 A
 Telephone _____
 Pará-Belém, 20 de janeiro de 1937
 CIRCULAR Nº 1
 Illmº Snr Presidente do São Domingos Sport Club
 Cumpro o dever de comunicar a V.Exc. que este club, em sessão ordinária da Assembléia Geral, realizada em 18 do andante, elegeu para dirigir-lhes os destinos

no período social de 937-938, o seguinte corpo que tomará posse no dia 17 de fevereiro entrante.

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente- Dr Álvaro de Souza Gomes – (Capitão)

Vice-dito- Professor Thomaz Joaquim Celestino Nunes.

1º Secretário – Dr José Mendes Martins

2º dito- Dr Rocher dos Santos Monteiro

DIRECTORIA

Presidente – Tenente Ney Rodrigues Peixoto

Vice-dito- Tenente José Pereira de Senna

1º Secretário – Martiniano Xavier da Cruz Filho (reeleito)

2º dito – Altevir de Souza Valle (reeleito)

Tezoureiro- José Maria Ferreira Cyrillo.

DIRECTORES DE SPORTS

De Basket Ball – Tenente Mario Aldo Couto da Gama

Idem de Voley Ball – Tenente Carlos Viveiros da Silva

Idem de Foot Ball – José Dias Ribeiro

COMISSÃO FISCAL

Tenente – Abbas dos Santos Arruda

Tenente _ Gonçalo Castello Branco

Tenente_ Theogenes Durval Pereira Lima

COMISSÃO DE SYDICANCIA

Tenente _ Janary Gentil Nunes

Tenente _ Dinamerico Prado

Custódio Justo Salgado

SUPPLENTES

Floriano Alves Rodrigues, José Ferreira de Lima e Oswaldo Santos

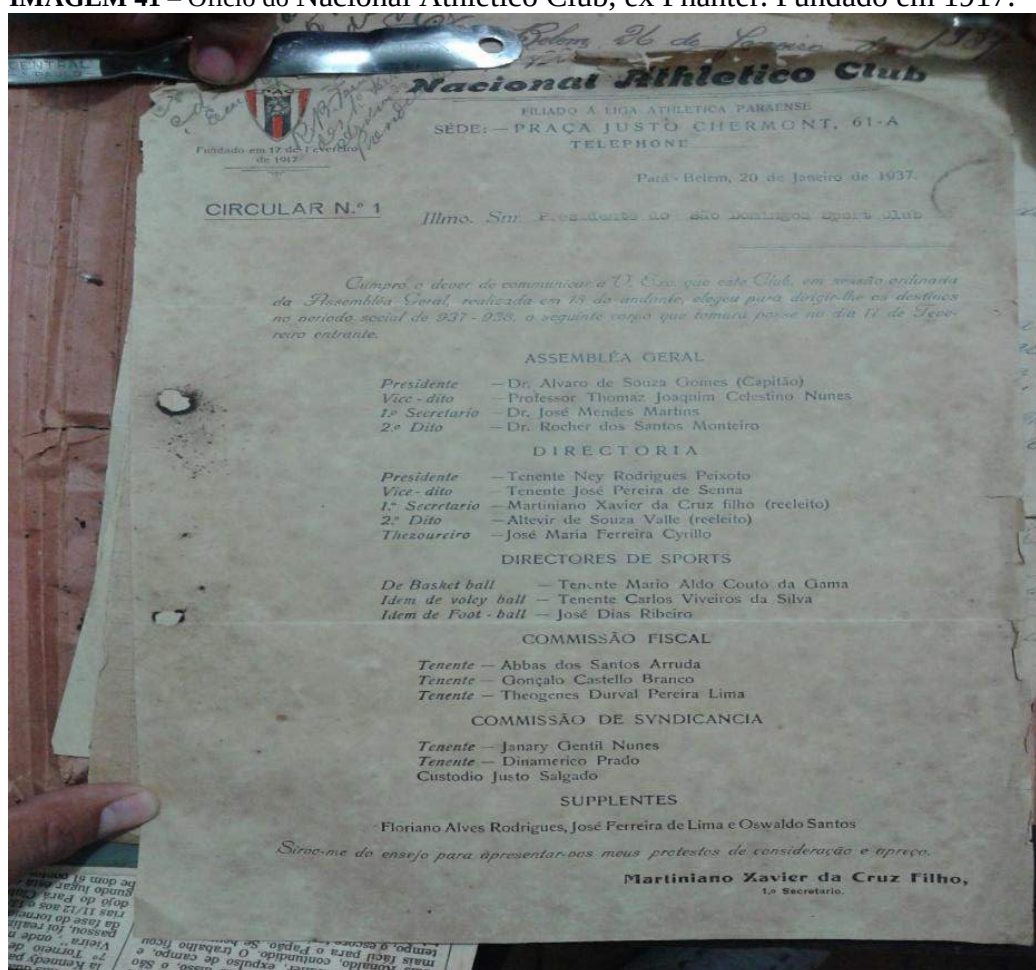
Sirvo-me do ensejo para apresentar-vos meus protestos de cosnsideração e apreço

Martiniano Xavier da Cruz Filho

1º Secretário ⁷⁴⁸

⁷⁴⁸ Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014. Circular expedida ao São Domingos nº 01 Belém 20 de janeiro de 1937; CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 54 – 1917 O ex Panther vira Nacional.

IMAGEM 41 – Ofício do Nacional Atlético Club, ex Phanter. Fundado em 1917.



Fonte: Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014. Circular expedida ao São Domingos nº 01 Belém 20 de janeiro de 1937; CRUZ, Ernesto. História do Clube do Remo. Op. Cit. p. 54 – 1917 O ex Panther vira Nacional.

Quando se lê o documento, se percebe que assim como o Bom Sucesso da Matinha, o Nacional do bairro de Nazaré, também possuía contato dos seus esportistas através de documentos e participação em festivais esportivos com o São Domingos do Jurunas. É mais um exemplo de como ocorria o cotidiano desses clubes, na explicação de como seria o lazer nos respectivos bairros da cidade de Belém.

Dessa forma, a população do bairro Jurunas formada por moradores que residiam próximo ao rio, igarapés que recortavam a cidade ou conviviam com esse cotidiano de comércio, porto, transporte fluvial, viveu nessa primeira metade do século XX, um movimento diferenciado dos outros espaços da cidade que estavam envolvidos no projeto de

modernidade Lemista⁷⁴⁹, no qual o padrão europeu se destacava em detrimento ao “atraso” das concepções de mundo locais.

Seguindo esta análise, Tony Costa destaca as inúmeras pessoas que hoje circulam nos variados bairros, na capital, com origens ligadas às comunidades ribeirinhas de várias gerações, assim como, em outros bairros considerados suburbanos como Pedreira, Marco, Sacramento, Telégrafo, Umarizal, Reduto, Val-de-Cães⁷⁵⁰.

Esse fato nos leva a pensar que o rio e os igarapés interligavam as dinâmicas da vida dos moradores dos bairros suburbanos aliando características urbanas e ribeirinhas. Essa cultura local influenciou nas práticas diárias do bairro e também ajuda a explicar a forma de lazer nos clubes suburbanos em Belém que, em certa medida, era ressignificada nessas áreas. Indícios de como o discurso da modernidade convivia com a construção cultural dos grupos étnicos locais.⁷⁵¹

Dessa forma, o autor acima, descreve como “caboclo urbano” o morador das margens da cidade, bairros suburbanos, citados, onde o padrão indígena, negro e mestiço caracterizava a identidade de grupo desses variados sujeitos sociais.

Por outro lado, essa construção cultural suburbana ligada aos clubes esportivos como o São Domingos, no bairro do Jurunas, não é somente baseada no âmbito do espaço que para primeira metade do século é chamado de subúrbio, existem ligações, circulação de ideias e pessoas com os outros bairros da cidade, que estavam envolvidos em maior ou menor grau aos projetos Lemistas no desenvolvimento do padrão moderno para cidade⁷⁵².

Tony da Costa afirma que ao estudar a música de subúrbio no âmbito da “hipermargem de Belém”, percebe-se que a cidade está relacionada às construções culturais do cotidiano ribeirinho, que forma parte da população da cidade.

É claro que meu objetivo é entender como esses clubes esportivos estão participando da vida cotidiana do bairro, porém, as ideias do autor lembram que nos bairros dito suburbanos conviviam culturas de migrantes do interior do estado, migrantes nordestinos,

⁷⁴⁹ Esse termo é utilizado para destacar a oligarquia que no período 1900-1910 através do Intendente Antonio Lemos, governou Belém do Pará e implementou projetos para cidade que buscava elevá-la ao padrão de Metrópole da Borracha na Amazônia, um centro cosmopolita que estava pautado na produção de riquezas oriundas do látex para os grupos mais abastados nessa urbe amazônica. SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Op. Cit.

⁷⁵⁰ COSTA, Tony Leão da. “Música do subúrbio”: Cultura Popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Op.cit. p. 16.

⁷⁵¹ Idem. p. 16.

⁷⁵² Ibidem. p. 21.

imigrantes europeus, japoneses que vão ajudar a construir a dinâmica cultural da cidade e que através do cotidiano dos clubes é possível perceber a outra história da cidade belenense.

Essa origem ribeirinha da população do bairro corrobora com o pensamento de Maria Izabel Rodrigues que destaca em seu livro “Vem do bairro do Jurunas”⁷⁵³ a busca pelo entendimento das construções de identidades de migrantes ribeirinhos tendo como foco analítico as manifestações culturais específicas que são construídas periodicamente pelos moradores do bairro do Jurunas, um dos locais mais populosos da capital paraense.

É nesse viés que pensamos a memória dos sujeitos em relação ao clube São Domingos, o chamado ponto de vista antropológico, isto é, a visão que os próprios sujeitos tem deles mesmos. Nesse caso, a visão que os frequentadores do clube pensavam a sua dinâmica de sociabilidade e lazer no bairro, que perpassava pela sua construção de identidade cultural diária e explica a construção de rivalidades clubísticas ao longo das experiências do lazer no bairro.

A forma como essa participação dos sujeitos ocorria nos clubes, a maneira como os jogadores se viam, e a ótica que os sujeitos retratavam a vida esportiva no bairro, a partir do São Domingos, nos leva a entender as chamadas experiências diárias das pessoas nesse espaço suburbano. A participação dos sujeitos no espaço do bairro e do clube nos possibilita usar a reflexão de Carmem Izabel Rodrigues sobre o bairro do Jurunas, que vinculava as relações espaciais às sociais dos sujeitos e às características ditas modernas com padrões de saberes tradicionais.⁷⁵⁴

Durante a primeira metade do século XX, o bairro do Jurunas possuía clubes que criaram uma dinâmica futebolística que tinha características próprias e ao mesmo tempo estava inserido no contexto dos clubes mais tradicionais da cidade.

A partir do levantamento das fontes destacamos os seguintes clubes que se rivalizavam no bairro do Jurunas: Recife Esporte Clube⁷⁵⁵, São Domingos Esporte Clube (campo de futebol)⁷⁵⁶, 05 de Outubro Esporte Clube⁷⁵⁷, Imperial Sport Club (campo de

⁷⁵³ RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008. p. 15-16.

⁷⁵⁴ Idem. p. p.15-16.

⁷⁵⁵ Recife Esporte Clube, Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA CX 06, DOC. 55. Ano 1946.

⁷⁵⁶ São Domingos Esporte Clube, Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA, Cx 04, doc. 11, ano 1932. Fundação 1915. possuía seu campo de futebol. Conforme *Revista Gol*. p. 13-15, Nº 37, ANO II, 06/03/1978.

⁷⁵⁷ 5 de Outubro Esporte Clube. Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA, ano 1942, CX 05, DOC. 38. RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Livro Não Publicado encontrado no arquivo do Clube São Domingos: Jurunas, Belém-Pa, 2000. p. 32.

futebol)⁷⁵⁸, Imparcial Esporte Clube⁷⁵⁹, Atletico Clube Guarani⁷⁶⁰, Tamoyos Sport Club⁷⁶¹, Jurunas Atletico Clube (clube interno do S. Domingos)⁷⁶², São Miguel Esporte Clube⁷⁶³, Ibérico⁷⁶⁴, Belém Esporte Clube (campo localizado na travessa do jurunas com conceição)⁷⁶⁵, Gaúcho Sport Clube⁷⁶⁶, Caripunas Sport Club⁷⁶⁷, Usina Sport Club⁷⁶⁸, Tymbiras Sport Club⁷⁶⁹, Clube Atletico Boqueirão⁷⁷⁰, Mangueira Atletico Clube⁷⁷¹, Oratório Festivo (campo do oratório)⁷⁷², Palestra (campinho)⁷⁷³, Villa Pombo Sport Clube⁷⁷⁴, Faísca Juvenil Clube⁷⁷⁵, Botafogo Foot Ball Club.⁷⁷⁶ Em suma, foram catalogados de maneira parcial, 22 clubes de futebol no bairro, sendo alguns com seus respectivos campos de futebol. Um total de 05

⁷⁵⁸ Imperial Sport Club, Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA, CX 04, DOC. 35, Ano 1936. Fundação 23/08/1935. *Revista gol.* Ano I, nº 20, 30/12/1975 a 05/01/1976. P.p. 23-26.

⁷⁵⁹ Imparcial Esporte Clube. *O liberal* 16.05.1952.

⁷⁶⁰ Atletico Clube Guarani. *O liberal* 16 02 52.

⁷⁶¹ Tamoyos Sport Club *Folha Vespertina* 07.02.1941.

⁷⁶² Jurunas Atletico Clube (clube interno do S. Domingos) *Jornal O Estado do Pará: 15/07/1938.* of. Exp. Pelo Uberabinha ao S.Domingos em 06/01/1936.

⁷⁶³ São Miguel Esporte Clube – Festa na sua sede Batutas do ritmo sábado, soireé dançante. 18/ 09/1952 *O Liberal.* Sábado no São Miguel - bairro do Jurunas – Sarau Dançante – 19 12 1951 *O liberal.*

⁷⁶⁴ *A Semana* 29/12/1923, notícia de um jogo entre dois rivaes antigos São Domingos x Ibérico.

⁷⁶⁵ O Belém Esporte Clube foi fundando em 1918 após A 1ª Guerra Mundial pelo Seu Pedro Canduga. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. p. 4. Ofício expedido do São Domingos s/n de 21 de agosto de 1935.

⁷⁶⁶ Gaúcho Sport Clube, Ofício Expedido ao S Domingos de 23 de Novembro de 1935. *O liberal* 06 11 1952.

⁷⁶⁷ Ofício expedido do Clube Caripunas ao S Domingos 21 de dezembro de 1935. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. p. 3.

⁷⁶⁸ Ofício nº 18 expedido do Usina Clube ao São Domingos, 25 de outubro de 1935. Convite ao São Domingos para fazer amistosos na sua praça de esportes (campo de futebol).

⁷⁶⁹ Ofício expedido do Clube Tymbiras ao São domingos, 30 de setembro de 1935. Uma taça que estava em seu poder e o time tinha que jogar futebol com o Clube Villa Pombo. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. p. 32.

⁷⁷⁰ Clube Boqueirão, Ofício expedido ao São Domingos, 09 de janeiro de 1936, sede social rua dos Tymbiras 907, campo de sports no mesmo local; 09-01- 1938, O festival do Boqueirão, *O estado do Pará; Folha Vespertina*, 08.02.1941. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. Sobre clubes do Jurunas p. 3; e p. 32.

⁷⁷¹ Mangueira Atletico Clube. RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. p. 3; p.32; anos de 1930 – possivelmente 1934.

⁷⁷² Oratório Festivo (campo do oratório). RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit. p. 3 e p. 39. 1934.

⁷⁷³ *A semana*, 30/01/1932, Nos Subúrbios. 12º Aniversario do Palestra – Clubes em festa – 17 02 1952 – *O liberal.* RODRIGUES, Theodorico. *Histórico do São Domingos (1915-2000).* Op. Cit.. p. 32. Uma agremiação da família Fonseca p. 32. Possivelmente um clube de italianos.

⁷⁷⁴ Bilhete datado de 22 11 de 1935, no qual o Clube Tymbiras recebe uma taça do jogo que terminou empatado com o Villa Pombo do Jurunas; Ofício expedido ao São Domingos de 30 de setembro de 1935. Cita no ofício uma taça que estava na posse do clube Tymbiras e o time tinha que jogar uma partida de futebol com o Villa Pombo. Ofício do Villa Pombo ao São Domingos de 10 DEZ 1935. O objetivo é informar e convidar o São Domingos sobre o festival esportivo.

⁷⁷⁵ Ofício expedido do Clube Faísca de 27 dez 1935 em resposta ao Grêmio interno do São Domingos denominado de Jurunas Atletico Club. Nesse documento o clube Faísca explica os motivos da não participação no festival que ocorreria no campo do Santo Amaro.

⁷⁷⁶ Botafogo Foot Ball Club. *Jornal A folha do Norte*, 06 agosto de 1914 e 25 de agosto de 1914 jogava no largo da penitenciária e endereço tv dos Apinagés.

campos de futebol catalogados. Possivelmente esses clubes possuíam mais campos para a prática futebolística.

Carmem Izabel Rodrigues levantou outros clubes no bairro do Jurunas que não aparecem na nossa catalogação dos clubes esportivos.⁷⁷⁷ No entanto, como foi falado no início deste trabalho, quando comecei a pesquisa, a impressão que tive foi que existiam mais clubes do que consegui catalogar. Isto é, claramente esta pesquisa não para por aqui, se formos buscar a quantidade total de clubes que existiu na cidade durante a primeira metade do século XX.

Esses clubes estavam no cotidiano da cidade que Tony Costa⁷⁷⁸ analisa como lugares de produção e reprodução das culturas ditas populares e da música popular suburbana, como as sedes dos clubes. Tais sedes são vistas pelo autor como “microcosmos” de um ambiente cultural bem maior, que ocorria em toda cidade e que unificava, por exemplo, a experiência histórica de bairros inteiros, como a Condor com outras áreas da cidade.

Esta análise fez o autor eleger algumas sedes de clubes suburbanos, dentre elas, as sedes do Imperial e do São Domingos, ambos do Jurunas. Este estudo leva-nos a pensar que a prática futebolística também era produzida de acordo com as experiências dos diversos sujeitos em cada bairro suburbano da cidade, e que no caso específico do São Domingos, a prática futebolística continha elementos culturais próprios daquele espaço da cidade e não era uma mera cópia dos clubes considerados grandes nesse contexto da década de 1910 do século XX.

3.3.4 – O Imperial e o São Domingos

Dentre as rivalidades futebolísticas e clubísticas que existiam no bairro do Jurunas, podemos destacar as disputas que ocorriam entre os clubes Imperial e São Domingos. Estas disputas ocorriam não somente em torno do futebol, mas, também nas atividades clubísticas que ocorriam no bairro. Por isso, vamos destacar esse clube a partir da

⁷⁷⁷ RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Op. Cit. p.p. 114.

⁷⁷⁸ COSTA, Tony Leão da. “Música do subúrbio”: Cultura Popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Rio de Janeiro: Tese(doutorado), História/ICHF/UFF, 2013. p. 18.

sua relação com o São Domingos, pois, assim como o Belém Sport, este clube também mantinha uma rivalidade com o “pavilhão dominguense”.

Percebi esse detalhe por que também visitei o espaço do Clube Imperial no dia 13 de setembro de 2014, e conversei informalmente com o Diretor de Finanças do Clube, o Senhor Arlindo Nazarethno Leitão, 75 anos de idade, que falou do Imperial como um Clube de operários e ligados ao Curtume Gurjão.⁷⁷⁹

Segundo o “Seu Arlindo” o Imperial Esporte Clube era um clube que pertencia a sua família, fundado no ano de 1935, sendo o seu tio, Abel Lopes de Oliveira, dono das terras que hoje pertence ao supracitado clube, como um dos fundadores. Inicialmente a sede do clube surgiu num barracão de madeira e depois foi construído um prédio de alvenaria. Foi uma agremiação criada para os funcionários e operários do Curtume Gurjão que vinham com seus familiares nos finais de semana no bairro.⁷⁸⁰ Além das atividades esportivas, segundo “Seu Arlindo” os operários descontavam uma mensalidade no ordenado para cobrir as despesas com o Funeral, apesar do referido clube se tornar beneficente apenas no ano de 1975.

No seu estatuto, o Imperial destacou a valorização do *football* e da entrada de jovens menores de 15 anos como sócios adventícios, dentre as classes de sócios. Outro ponto interessante para entendermos a relação do clube com os sócios foi a aprovação da “caixa de pecúlios” para a família de algum sócio falecido receber a importância de 120 mil réis. A família do sócio falecido só tinha direito após três meses da aprovação da proposta e deste está em pleno gozo dos seus direitos sociais.

Conforme fragmento do Estatuto do Imperial abaixo:

(...) Cap. I – DO CLUBE E SEUS FINS

Art. 1º - O Imperial Sport Club fundado em 23 de agosto de 1935 nesta capital, Belém do Pará, tem por fim:

- a- Criar e desenvolver o Sport em geral, especialmente o foot-ball, promovendo torneios sempre que julgar necessário e seus recursos econômicos e financeiros o permitirem.
- b- Proporcionar aos seus associados diversões úteis e proveitosas.
- c- Criar diferentes seções de sports para educação e desenvolvimento phuysico dos seus associados, assim, que a situação financeira o permitir.

⁷⁷⁹ Arlindo Nazaretino Leitão, com 75 anos de idade, 60 anos de clube, é diretor de finanças do clube Imperial e o responsável pelo patrimônio do clube. Conseguir uma conversa informal com o mesmo sobre o clube. Nesta conversa o mesmo afirmava que o clube iniciou com membros da sua família. Entrevista informal realizada no dia 13 de setembro de 2014.

⁷⁸⁰ Idem.

- d- Organizar quatro teams e mantel-os para a disputa de matchs amistosos e officiaes, icnusive infantis.

Cap II – DA ADMISSÃO DE SÓCIOS

(...) § 3º São sócios adventícios todos os mennores de 15 annos e sociais sujeitos ao pagamento de 2\$000 de jóia, 1\$000 de mensalidade e as demais taxas dos effectivos.

Cap X – DA CAIXA DE PECÚLIOS

ART. 56 – A caixa de pecúlio é destinada a auxiliar a família do sócio falecido.

(...) § 2º a família do sócio que venha a falecer, a Directoria fará a entrega da importância de 120\$000 (cento e vinte mil réis)⁷⁸¹

Este direito ao pecúlio corrobora com a memória do “Seu Arlindo” sobre a participação dos sócios do clube quanto à proteção da família do associado após o seu falecimento.

Os clubes no bairro do Jurunas, segundo Carmem Izabel Rodrigues, funcionavam para fins beneficentes. Isto é, o associativismo para fins beneficentes e recreativos era muito forte no bairro.⁷⁸²

(...) dos operários de um curtume que o fundaram, aos dirigentes atuais, o Imperial se fez da União, da luta em comum, do desprendimento.

(...) contudo, logo floresceu a ideia, entre os operários do curtume – que nos fins de semana faziam do futebol seu lazer- de fundar um clube, que lhes permitisse avançar além dos estreitos limites que necessariamente ficariam submetidos na ausência de melhor organização(...) (...) no ano seguinte ao da fundação, o Imperial Esporte Clube, que desde então já oferecia auxílio funerário aos associados, veria aumentado o número de sócios devido a cisão havida no São Domingos Esporte Clube: muitos importantes associados do São Domingos transferiram-se para o Imperial.(...)⁷⁸³

Abaixo temos a fotografia tirada da sede do Imperial atualmente durante a pesquisa de campo:

⁷⁸¹ Imperial Sport Club, Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA, CX 04, DOC. 35, Ano 1936. Fundação 23/08/1935.

⁷⁸² RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Op. Cit. p.p. 114.13

⁷⁸³ Este é o Imperial um clube raro e bom. Revista *Gol*, Belém 30/12/ 1975 a 05/01/1976. p.p. 23-25.

Imagem 42: Sede do clube Imperial, ano de 2014.



Fonte: Pesquisa de campo, Clube Imperial, bairro do Jurunas, 13/09/2014.

Na imagem é possível perceber como o lazer desses clubes está ligado a outras atividades como “festas de aparelhagem” e “bailes da saudade”. Na entrada da sede social do clube uma caixa de uma das aparelhagens que tocam no local esperando para ser carregada. Os sócios do clube convivem com crises financeiras na atualidade que relembram a memória do clube que se “gabava” da quantidade de sócios que existia e por sua identidade estar ligada aos operários do curtume Gurjão. Uma associação que para “Seu Arlindo” representava os setores mais humildes do bairro.

Essa memória do Clube Imperial a partir da fala de “Seu Arlindo” nos apresenta um sentimento de identidade com o grupo de operários que vivenciava o dia-a-dia no bairro do Jurunas, e assim como acontecia com outros clubes, havia uma disputa pela hegemonia do lazer ligado ao futebol no bairro com o Clube São Domingos⁷⁸⁴.

⁷⁸⁴ Arlindo Nazaretino Leitão, com 75 anos de idade, 60 anos de clube, é diretor de finanças do clube Imperial e o responsável pelo patrimônio do clube. Conseguir uma conversa informal com o mesmo sobre o clube. Nesta conversa o mesmo afirmava que o clube iniciou com membros da sua família. Entrevista informal realizada no dia 13 de setembro de 2014.

3.3.5 - A memória do São Domingos e o bairro do Jurunas

Como vimos anteriormente, o São Domingos não era o único clube do bairro do Jurunas. Existiam pelo menos mais dezoito clubes esportivos, provavelmente pela dinâmica do bairro existiam mais. Porém, esse clube foi escolhido para nossa pesquisa devido o “rico” acervo documental que possui e a possibilidade do trabalho de memória com os filhos dos membros que fundaram e trabalharam por longos anos no clube. Essa escolha ocorreu não como forma de menosprezo aos outros clubes do bairro, e sim pelas circunstâncias do encontro das fontes.

Primeiro, essas fontes documentais poucos clubes da cidade possuem. Existem documentos que mostram o contato do São Domingos com Clubes como o Paysandú Sport Club ou o Clube do Remo, clubes que atualmente possuem maior prestígio futebolístico regional, apesar dos problemas que ambos enfrentam. Segundo, a maioria dos clubes não existe mais, suas sedes foram vendidas e os poucos que restam, como o São Domingos e o Imperial vivem com apoio de alguns abnegados que lutam para que a especulação imobiliária não tome conta do seu patrimônio. Terceiro, a partir das fontes do São Domingos, clube centenário, é possível perceber parte do cotidiano dos sujeitos sociais que protagonizaram a história do bairro do Jurunas na primeira metade do século XX e a relação dessa construção sócio-histórica com o nosso presente.

Entrevistamos Dona Maria de Belém Cavalcante Mamede, dirigente do Clube São Domingos, esportista e participante dos eventos não somente no clube, como no bairro do Jurunas. Dona Maria apresentou o seguinte relato sobre a “caravana dominguense”:

(...)logo quando foi fundado teve primeiro a caravana dominguense que era formado por mulheres adeptas do São Domingos, que participavam do bloco de carnaval, formado por mulheres jovens. Eram só festas de carnaval, chamados de assustados. As mulheres casavam com atletas do São Domingos. Eu casei com o Janjão meu marido assim(...) ⁷⁸⁵

⁷⁸⁵ Entrevista com Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos, Presidente do Conselho do Clube São Domingos, no dia 17/09/2014.

Esta entrevista foi analisada a partir a ideia do teórico Clifford Geertz⁷⁸⁶ para entendermos a dinâmica do lazer no Clube São Domingos. Segundo o autor o conceito de cultura passa por uma ideia da semiótica, no qual, o homem é um ser amarrado as teias de significado que ele mesmo teceu, isto é, não se busca leis fechadas para explicar uma determinada cultura, mas, uma incessante interpretação em busca dos variados significados, que no caso da relação da memória de Dona Maria de Belém, o bairro do Jurunas, o São Domingos e a cidade de Belém temos uma teia de relações e significados possíveis de serem interpretados.

A fala de Dona Maria de Belém, numa de suas entrevistas concedidas para nosso trabalho no final de 2014, nos apresenta essa teia de relações que não podem ser interpretadas de maneira única. No caso da participação das mulheres nos dias de festivais, é possível perceber como estas não estavam diretamente ligadas aos jogos de futebol, não eram atletas. No entanto, estavam nos ambientes dos jogos, inclusive algumas casavam com atletas do clube, como a história de vida relatada pela entrevistada. Na verdade, as mulheres estavam participando ativamente no ambiente dos clubes e com possibilidades de terem participado como atletas no clube, apesar das fontes apresentarem os grupos femininos como torcedoras e organizadoras dos festivais.

Devemos levar em consideração que no momento das entrevistas, a memória dos fatos vivenciados por Dona Maria de Belém se misturavam com que a mesma escutava dos seus pais, principalmente sobre as experiências de sua mãe, “Dona Mocinha” no espaço do clube e do bairro.

Theodorico Rodrigues colocou no seu trabalho relatos sobre a participação das mulheres nos ambientes do clube São Domingos e sobre “Dona Mocinha”. Conforme fragmento do texto abaixo:

(...) Dona IDÁLIA BRAULINA PINHEIRO veio ao mundo em 26 de Março de 1912, desde solteira tinha um objetivo dentro do bairro do Jurunas ser torcedora do São Domingos, fanática pelo clube acabou adentrando na famosa TORCIDA FEMININA, dessa aproximação encontrou o grande amor de sua vida o legendário TIBÚRCIO MENEZES. Com quem casou e a partir daí, então dedicou-se inteiramente ao clube, já que seu esposo além de atleta, ocupou vários cargos na agremiação inclusive de Presidente em varias oportunidades. Dessa feliz união vieram ao mundo os filhos do casal hoje todos pertencentes as hortes do clube, que seguindo o exemplo do VELHO TIBURCIO, são soldado fiéis e indomáveis lutadores pelas causas do nosso poderoso clube.

⁷⁸⁶ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2014. p.4.

Dona ADÁLIA adentrou no São Domingos no dia 03 de Março de 1942 em plena evidência da II Guerra Mundial, quando nosso clube atingiu sem sobra de dúvida uma das etapas mais importantes de sua evolução. Era considerado na época um time imbatível. DONA Adália, a popular DONA MOCINHA fazia parte desse contexto com sua preciosa participação em todos os segmentos do clube com destaque especial para a inesquecível torcida feminina(...) ⁷⁸⁷

Esse relato de Theodorico Rodrigues nos indica a proximidade da fala de Maria de Belém com o autor do livro sobre a memória do São Domingos. A participação das mulheres como torcedoras de futebol e as festas realizadas nos salões do clube nos apontam uma realidade do lazer construída a partir do bairro do Jurunas.

Essa “produção cultural” e a “teia” de relações do clube São Domingos no Bairro, na memória de Dona Maria de Belém, sobrinha do literato Bruno de Menezes, estava pautada nas rivalidades “saudáveis” ⁷⁸⁸ com os outros clubes do bairro e de outros bairros, como a Cidade Velha, por exemplo. Isto é, rivalidades que não geravam brigas ou confusões, que se baseavam na palavra dos atletas e dirigentes. Pois estavam alicerçadas nas disputas esportivas entre clubes nos fins de semana. No entanto, essa ideia de “saudável” se encontra na memória da entrevistada, que pensa o clube a partir da realidade atual e suas próprias experiências como atleta.

Outro detalhe que podemos analisar como uma continuidade histórica desses clubes é quanto a participação de diversas famílias e um cotidiano ligado a jogos diversos, como campeonatos de canastras, dominós, voleibol, tênis de mesa, pedestrianismo, por exemplo, além das festas que ocorriam durante os festivais esportivos de final de semana ⁷⁸⁹.

É claro que Dona Maria de Belém não conviveu totalmente com o contexto do recorte histórico do nosso trabalho, que está pautado na primeira metade do século XX, porém, por ter nascido nos anos de 1940, ter sido criança nos anos de 1950 e ter convivido com o pai senhor Tibúrcio de Menezes e sua mãe chamada de “mocinha”, esposa do primeiro e que vivenciaram o período dos *Sportmen* na capital paraense, a sua memória passa a nos dar uma ideia de como ocorria a prática futebolística no Jurunas e a sua relação com o lazer do bairro.

⁷⁸⁷ A torcida feminina. RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit.. p.p. 28-29.

⁷⁸⁸ Entrevista com Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos, Presidente do Conselho do Clube São Domingos, no dia 17/09/2014.

⁷⁸⁹ Entrevista com Dona Maria de Belém, “Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos,” Presidente do Conselho do Clube São Domingos no dia 15/09/2014. Jogos de canastras, dominó, tênis de mesas.

Imagem 43 - O seu Tibúrcio e Dona Mocinha. Sócio do São Domingos.



Fonte: acervo pessoal de Dona Maria de Belém. Pesquisa realizada no período setembro à dezembro de 2014.

Dona Maria de Belém lembra que no São Domingos foi criada a chamada “caravana dominguense”, que participava sua mãe, dona mocinha e outras mulheres que eram membros ativas do clube. Segundo as suas lembranças a caravana foi criada no carnaval, ligada aos “assustados” que ocorriam durante os festejos carnavalescos, no qual os membros do clube participavam ativamente. Esse grupo feminino acompanhava os jogadores durante os festivais esportivos como torcedoras e durante as festas participavam dos bailes que ocorriam depois dos jogos. Nesse momento eram comuns os namoros, casamentos e amizades.

Na verdade, a sua memória algumas vezes se confunde com o que a Dona Idália ou “mocinha” que lhe falava do cotidiano do clube quando começaram a participar do clube, no seu início. Ela descreve como o cotidiano dos finais de semana as festas, no qual, as mulheres preparavam o salão, limpavam, enceravam para os casais dançarem durante os festivais. Dona Maria, na verdade se descreve como uma atleta, com “uma infância, juventude muito boa mesmo”, pois, participou de esportes, bandas escolares e foi aluna da Escola Normal⁷⁹⁰.

⁷⁹⁰ Entrevista com Dona Maria de Belém, “Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos,” Presidente do Conselho do Clube São Domingos no dia 17/09/2014. Caravana dominguense, namoros, praticas esportivas.

Imagem 44- Dona Maria de Belém, a primeira da esquerda para direita agachada. Atleta do time de basquete do Santa Rosa nos anos de 1960.



Fonte: acervo pessoal de Dona Maria de Belém. Pesquisa realizada no período setembro à dezembro de 2014.

Essa idealização do passado construída no imaginário de Dona Maria de Belém pode ser analisada, segundo o pensamento Edilza Fontes⁷⁹¹. Na foto anterior, a entrevistada é a primeira agachada da esquerda para direita da imagem. Essa foto não é do período que estamos analisando, porém, nos serve para mostrar que a vida da entrevistada foi acompanhando o pai e vivenciando o lazer do São Domingos. Era uma família envolvida com o lazer do bairro.

Nesta ideia da referida autora, a entrevistada sempre destaca os fatos que ocorreram sempre em comparação com o seu presente, sendo o primeiro momento lembrado como “vida boa”, “sem perigo” e junto “a natureza”⁷⁹².

Para Edilza Fontes a cidade, nesse imaginário idealizado, é rememorada como um tempo de vida, com delimitação de comportamentos sociais, que identifica a cidade de um tempo perdido. Uma cidade onde não cabia a criminalidade, no qual a coletividade era o

⁷⁹¹ FONTES, Edilza Joana de Oliveira. Belém revisitada. In: *O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista. (Belém:1940-1954)*. Belém: Paka-tatu, 2002. p.p. 206-208.

⁷⁹² Idem.

centro da convivência. Não havia medo de ladrão, pois, outros medos se expressavam como o medos das “visagens”⁷⁹³.

Edilza Fontes ressalta que um dos seus entrevistados, o Sr Eládio que migrou do interior para a cidade de Belém, no ano de 1937, foi morador de diversos bairros na cidade, como Pedreira, Marco, Sacramento e Guamá. Lembrava-se dessa época como um período “atrasado”, com ruas sem asfalto, móveis feitos de cipós, casas cobertas de palha, feitas de enchimento de barro, poço e grandes quintais e bonde que tinha que apanhar no clíper da Senador Lemos, no bairro da Sacramento. Nesse bairro, existiam grandes pântanos onde se localizavam os açazeiros que o povo costumava coletar, além dos igarapés que faziam parte do lazer da população local e que foram aterrados com a expansão urbana⁷⁹⁴.

Esse detalhe do trabalho de Edilza Fontes que mostra a visão de um dos seus entrevistados sobre os bairros suburbanos em Belém do Pará é comparável com o contexto do bairro do Jurunas que estudamos. Esses bairros tinham a conotação de populares pela proximidade espacial com rios, matas e igarapés e principalmente, devido os sujeitos que circulavam nos locais possuírem uma experiência de vida diferenciada, se comparados ao modo de vida dos grupos sociais mais abastados da urbe.

Essa ideia de cultura popular destacada a partir da memória dos sujeitos, apreendidas quando descrevem o seu cotidiano nos bairros, como a Dona Maria de Belém, no bairro do Jurunas e seu Eládio, que se apresenta como morador de vários bairros do subúrbio belenense, no trabalho de Edilza Fontes, corrobora com a análise de Cláudio Batalha⁷⁹⁵ que estuda sobre a cultura associativa, cultura das classes subalternas e cultura militante no Rio de Janeiro, nos primeiros anos do século XX.

Para o referido autor, a cultura popular prevaleceu no cenário cotidiano da cidade do Rio de Janeiro durante o período destacado, devido não ser apropriado falar em uma cultura Operária. Esta produção cultural não estava pautada somente na experiência de vida de operários, mas, na experiência de diversos setores sociais que estabeleciam relações a partir de uma complexa rede de contatos. Muitas vezes, essas redes se estabeleciam com características antagônicas, heterogêneas que incorporava aspectos da imigração europeia

⁷⁹³ Ibidem.

⁷⁹⁴ FONTES, Edilza Joana de Oliveira. Belém revisitada. *Idem.* p.p. 208-209.

⁷⁹⁵ BATALHA, Claudio H.M. Cultura associativa no Rio de Janeiro. In: BATALHA, Claudio H.M. ET AL. (organizadores). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2004. p.p. 95-99.

recente, herança africana da escravidão e traços da cultura dominante reapropriados e reelaborados pelos grupos populares.

No caso dos grupos sociais que participavam dos festivais esportivos nos subúrbio belenense, como o Jurunas, por exemplo, é perceptível o cruzamento de heranças culturais diversas, principalmente, pelas tradições caboclas e ribeirinhas que prevaleceram nesses espaços, diferente do Rio de Janeiro, os traços desses grupos étnicos são marcantes para se entender a construção cultural do bairro e sua relação com a cidade.

Sobre a utilização de fontes ligadas à memória dos sujeitos sobre o Clube São Domingos, podemos utilizar a ideia de Gwyn Prins⁷⁹⁶ que analisa a validade dessas fontes para a construção da narrativa histórica.

O autor destaca o cetismo de alguns historiadores sobre as fontes orais, como as baseadas na memória da Dona Maria de Belém. Para esses historiadores, a utilização dessas fontes reflete: “uma crença de que os dados orais não podem explicar a mudança, e que esta é o que os historiadores mais estudam.”⁷⁹⁷ Porém, tal afirmativa não é totalmente verdade, segundo Gwyn Prins, pois, “em especial nas sociedades não-alfabetizadas ou quase alfabetizadas, a continuidade é muito mais interessante e muito mais difícil de ser explicada do que a mudança.”⁷⁹⁸

Na verdade, o autor chama de queixa dos historiadores Rankeanos contra uma suposta “autoindulgência da história oral”⁷⁹⁹, como preconceito contra a história vista de baixo. Esta afirmativa do autor é plausível quanto ao levantamento das fontes orais. Pois estas possibilitam o entendimento dos grupos que socialmente os “documentos oficiais” não destacam, a não ser em situações de queixa crimes, por exemplo, no qual esses grupos sociais e étnicos de uma determinada sociedade não estão no topo do poder econômico, político ou social e aparecem como “classe perigosa”.

Por outro lado, talvez esses grupos de sujeitos que moram no bairro do Jurunas e frequentem o clube não tenham registros que a historiografia considere como fontes, sendo uma dificuldade do historiador ter que levantar e catalogar fontes oficiais em locais que socialmente a quantidade de documentos escritos é menor, por “ser uma história vista de baixo”.

⁷⁹⁶ PRINS, Gwyn. História oral. In: Burke, Peter. *A escrita da história: Novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 170-172

⁷⁹⁷ Idem.

⁷⁹⁸ Ibidem.

⁷⁹⁹ Idem, Ibidem.

É verdade que no caso do clube São Domingos a condição de ter um clube famoso a partir do futebol suburbano possibilitou com que fossem guardados nos seus arquivos desde bilhetes até atas de reuniões que apresentam parte do cotidiano dos sujeitos que estavam participando de atividades no bairro e no clube.

No caso do São Domingos as lembranças de Dona Maria e os escritos do Theodorico Rodrigues (muitas vezes baseados na sua memória) são importantes, pois, na verdade, não se deve ter uma hierarquia das fontes. Tanto as orais, como as documentais possibilitam variadas interpretações sobre o significado desse suposto passado no presente. E a análise das variadas fontes, inclusive as orais nos dão a possibilidade de enxergarmos um passado que não se encontra nos livros didáticos, que é o cotidiano dos setores sociais ligados ao subúrbio a partir do ponto de vista do lazer.

A utilização da memória desses sujeitos ligados ao clube São Domingos, que viveram e vivem o cotidiano esportivo no bairro do Jurunas, nos possibilitam quebrar com a ideia de que o futebol suburbano existia somente em torno de uma prática estabelecida no centro da cidade e que a imagem construída nos jornais através dos cronistas era a única sobre essas áreas suburbanas.

Nesse sentido, seguindo as concepções de Wladimir Pomar⁸⁰⁰ é possível perceber como a memória pode juntamente com o uso de outras fontes, estabelecer uma construção que quebra com mitos e generalizações. O autor, por exemplo, ao construir um trabalho biográfico sobre o seu pai, Pedro Pomar, conhecia muito bem algumas situações particulares que em outras documentações apresentavam com generalização e que não correspondiam com a verdade construída sobre o sujeito social, Pedro Pomar, que estava afeito as mudanças e era bastante eclético no seu cotidiano. Por isso, ser filho de Pedro Pomar não facilitava em nada escrever o trabalho biográfico. A imagem que o autor tinha era bem diferente da versão oficial construídas pelos militantes de esquerda fundadores do Partido Comunista Brasileiro já que esta versão, não apresentava o pai que estava nas experiências cotidianas do filho, que o pensava não como o “mito” Pedro Pomar, mas como um homem “fora da história”⁸⁰¹.

Esse confronto de fontes oficiais e a memória do filho de Pedro Pomar retrata como é importante a utilização das variadas fontes para construção da narrativa histórica. Ao

⁸⁰⁰ POMAR, Wladimir. Sobre o livro: Pedro Pomar-uma vida em vermelho. In: *Fontes*, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia. (orgs). Diálogos entre História, Memória e literatura. Belém: Paka-tatu, 2007. p.p. 443-450

⁸⁰¹ Idem.

cruzarmos a análise das fontes, nos aproximamos mais de uma possível realidade histórica, que no caso do Jurunas, também se fundamenta nas experiências de Theodorico Rodrigues e Dona Maria de Belém.

Peter Burke analisa a relação do mito e memória na utilização das narrativas orais como fontes pelos historiadores. O autor cita Malinowski para explicar que os mitos são “histórias com funções sociais”. Uma história fictícia que desempenha a função de justificar alguma instituição no presente.⁸⁰² Peter Burke também faz referência ao psicólogo Carl Jung que chamou os mitos de “arquétipos” e “produtos imutáveis do inconsciente coletivo”⁸⁰³. Para Burke há elementos de arquétipo, estereótipo ou mito em todas as narrativas escritas ou orais. O que seria mais um argumento para entendermos sobre a memória coletiva ou social do Clube São Domingos e o bairro do Jurunas, a partir dos seus próprios moradores, e no caso dos sócios dessa agremiação esportiva.

Theodorico Rodrigues destaca nos seus escritos que o São Domingos foi um clube considerado importante no futebol suburbano na capital paraense. Enfatiza um “mito” de fortalecimento de identidade do clube com o bairro e vice-versa ligado a um jogo com o Belém Sport, clube rival. Que, nos anos de 1930, supostamente cansado de ver o sucesso do clube de vermelho e branco desde a sua fundação, seu presidente à época resolveu fazer um desafio: “uma batalha sensacional que ensejou uma disputa no qual o perdedor seria sumariamente aliado do futebol do bairro”⁸⁰⁴.

A disputa com o clube Belém Sport, no dia 10 de abril de 1932, no bairro do Jurunas, pode ser analisada como um “mito” de união dos sócios-jogadores em torno do Clube São Domingos que venceu o adversário, presente até os dias de hoje entre os sócios dessa agremiação esportiva. E depois da vitória surgiu o mito do “dia do perdão”, quando o São Domingos perdeu o Belém Sport e esse clube poderia não cumprir a aposta e disputar novamente os jogos de futebol suburbano.

Sobre o dia do perdão o jornal *O Diário do Pará* do dia 10 de abril de 1987 noticiou:

Conheça o dia do perdão
Foi uma aposta singular que acabou mexendo com todos os segmentos do bairro do Jurunas. Pedro Candunga, um cara metido a durão, estivador da velha guarda genitor

⁸⁰² BURKE, Peter. História e teoria social. Op. Cit. p.p. 170-174.

⁸⁰³ Idem.

⁸⁰⁴ RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Op. Cit. p.3

do famoso craque de bola Moacyr, comandante de ataque do Clube do Remo e da seleção do Pará, certa feita, achou por bem lançar um desafio que ficaria na história do futebol jurunense – ele tinha uma verdadeira ojeriza ao São Domingos. Na época a maior força futebolística no bairro. (...) foi assim, conforme o preâmbulo acima que nasceu o “dia do perdão” criado pela diretoria do S. Domingos, após o memorável jogo, realizado no dia de 10 de abril de 1932, um domingo ensolarado onde o empenho de dois homens da maior seriedade, naquele tempo fizeram um bairro em peso ir a loucura pela paixão do futebol. Se o São Domingos, com o quadro humilde, integrado apenas pela prata da casa, teve a tremenda responsabilidade de preservar a maior força futebolística do querido Jurunas, por outro lado Candunga com seu irracível gênio e ódio ao seu tradicional rival, com seu famoso Belém Sport Club, proporcionou um espetáculo visto pela primeira vez no estádinho do Liberto, isto é, o desfile de verdadeiros ases do tão badalado futebol paraense. Theodorico Rodrigues(...) ⁸⁰⁵

Esse fragmento da fonte acima nos mostra como foi construído na memória dos integrantes do clube um mito de identidade do clube baseado em heróis como o presidente Davino e os jogadores do clube São Domingos contra os “vilões” Pedro Candunga e os jogadores do Belém Sport. Essa história vem sendo contada ao longo dos anos e busca ter um significado de unificação do clube em torno das suas atividades. Como se destaca na crônica de Theodorico Rodrigues com o “quadro humilde” o São domingos conseguiu a vitória.

Na obra não publicada de Theodorico Rodrigues os troféus, a sede do clube e os “casos” de vitória futebolística contra clubes suburbanos e convocação de jogadores para seleção paraense oriundos do subúrbio contavam um pouco do presente que ele estava escrevendo. Esses detalhes chamam a atenção por ser um clube na atualidade que se concentra no bairro do Jurunas como um dos principais pontos de sociabilidade e lazer do bairro, sendo bastante conhecido na capital paraense.

Como se percebe, existe uma relação do lugar e suas práticas culturais com o clube, que são ressignificadas, transformadas e repetidas. Essa fundação do São Domingos, o cotidiano dos seus jogadores, atletas, sócios e as apostas com outros clubes durante partidas futebolísticas, numa construção de rivalidade no local, nos aponta que existe uma relação do global com o local, no sentido da fundação de clubes nessas áreas suburbanas de Belém aliada as diversas construções culturais que estão alicerçadas nas práticas cotidianas. Isto é, algo novo surge com a entrada do futebol no Brasil, não é simplesmente uma imposição de uma prática simbólica, capitalista, já que existem experiências de vida ligadas ao local que são diferenciadas de outros lugares no planeta. ⁸⁰⁶

⁸⁰⁵ Conheça o dia do Perdão. *O Diário do Pará*, 10/04/1987.

⁸⁰⁶ CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 13.

É o que afirma Nicolau Servcenko⁸⁰⁷ ao dizer que o futebol brasileiro tem origem aristocrática ao ser trazido por grupos da elite para Clubes mais abastados, e popular quando se tem o contato de operários ingleses disputando partidas com os setores populares as margens das estradas de ferro em São Paulo.

No caso do futebol local, tais experiências dos variados grupos sociais incorporam o discurso sobre “o ser *sportman*”, e passa a ganhar força e a ser praticado também nos clubes suburbanos, apesar dos sujeitos possuírem experiências de vida diferenciadas, como era o caso dos moradores do subúrbio de Belém em comparação com os atletas de clubes como o Remo, Paysandú e União Esportiva, que pertenciam a outros bairros cuja configuração sócioespacial tinha em si impressas as utopias civilizacionais europeias.

A prática do futebol na cidade de Belém do Pará estava pautada no modelo de lazer europeu que circulava na cidade início do século XX. A fundação do São Domingos ocorreu no período que o controle corporal, a prática de *sports*, o aprimoramento das técnicas de aumento de produção, diminuição de custo, a grande migração para as cidades, o avanço imperialista e o desenrolar da I Guerra Mundial influenciaram no cotidiano de várias capitais no planeta. Porém, clubes como o São Domingos e a relação dos seus sócios com o bairro, o trabalho, a cidade e o global, propiciaram uma forma de interagir com os “modismos europeus” ou seus conflitos que se pautava nas suas experiências com o local, no caso do clube “alvi-rubro”, bem estreita com a vida no bairro.

A partir da “descoberta” das fontes históricas do São Domingos foi possível perceber como ocorriam os contatos entre os sujeitos pertencentes aos clubes de futebol suburbano nos variados bairros da cidade. Essa análise das fontes nos permite, também, a leitura do futebol paraense a partir do bairro do Jurunas com a experiência dos sujeitos baseadas nos rios, nas ruas sem pavimentação e nos portos que circundam o bairro e os festivais futebolísticos que ocorriam nos diversos bairros da cidade.

Ao estudarmos essas novas fontes e cruzá-las com os noticiários dos jornais, é possível perceber como os cronistas discutiam e circulavam no bairro do Jurunas, no São Domingos, nos dando indícios de que os jornais escreviam sobre o clube, bairro, influenciados pela convivência e aproximação com os sujeitos que dirigiam os clubes nos bairros considerados suburbanos. Isto por que, às vezes, ser de um clube de futebol suburbano significava ter um contato maior com os grupos populares. Porém, muitas vezes, os clubes se

⁸⁰⁷ SERVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. Revista da USP, nº 22, 1994.

achavam próximo do discurso civilizacional quando afirmavam os valores do esporte e da disciplina esportiva.

Outro ponto interessante é que, ao mesmo tempo em que os clubes do centro da cidade praticavam futebol nas praças, como símbolo da sociabilidade e lazer dos grupos considerados das elites da cidade, os setores populares disputavam suas partidas nos bairros suburbanos ressignificando seus símbolos de acordo com o seu cotidiano do bairro. Com o passar dos anos, criou-se uma prática esportiva que proporcionava a popularização dos esportes, principalmente do futebol na cidade.

3.3.6 - A Sacramenta do “Sacra”: a dinâmica esportiva de um clube suburbano.

O “Sacra”, ou o Sacramenta Esporte Clube foi um clube criado no ano de 1936⁸⁰⁸, no bairro homônimo. Na imprensa esportiva essa agremiação esportiva era vista como um clube de subúrbio. Porém, como uma organização clubística de referência, já que, o clube tinha seu próprio estatuto e seus sócios. Uma situação que proporcionava o entendimento da agremiação como comunidade imaginada e vivida⁸⁰⁹, um local onde o lazer foi ressignificado pelos sujeitos a partir do cotidiano do próprio bairro.

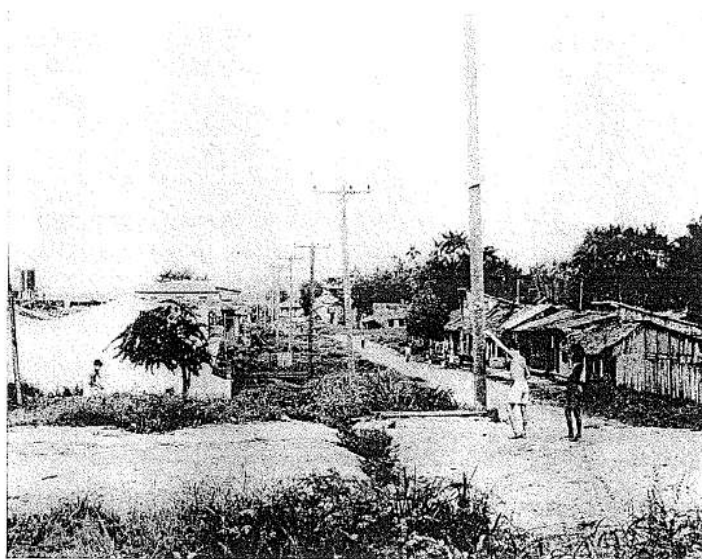
A imagem 40, a seguir, nos mostra através do olhar de Antonio Rocha Penteado a Avenida Senador Lemos, no bairro da Sacramenta, durante a década de 1960⁸¹⁰, quando houve a pesquisa. Na fotografia podemos perceber algumas características do bairro, como as condições de moradia de sua população e os locais onde os jogadores circulavam durante os momentos das partidas de futebol ou durante o que consideravam lazer no clube Sacramenta.

⁸⁰⁸ O termo “Sacra” foi citado na revista *Gol*, nº 43, Ano II, 25/04/1978. p. 14. Sobre comunidades imaginadas e vividas ver:

⁸⁰⁹ Roberto Damatta destaca os clubes como comunidades imaginadas e vividas, pois, destaca o aspecto simbólico, ritualístico e prático do jogo. Essa construção histórica no Brasil proporciona segundo o autor para o esporte a definição mais simples de “uma escola de democracia”. DAMATTA, Roberto. *Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro*. São Paulo: Revista USP, nº 22, 1994. Bernardo Buarque de Hollanda também ressalta o clube como comunidade imaginada e vivida. HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O descobrimento do Futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Op. Cit. p. 191-225.

⁸¹⁰ PENTEADO, Antônio Rocha. *Belém: estudo da geografia urbana*. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 347.

Imagem 45: A Avenida Senador Lemos e suas barracas.



Fonte: PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p. 347

Essa imagem nos possibilita visualizar o local que ocorreu a fundação do Clube Sacramenta, as características dos sujeitos e a relação da prática futebolística com o lazer, crescimento populacional e falta de estrutura urbana na área desse bairro belenense.

O bairro da Sacramenta foi escolhido pela representatividade da criação do Clube Sacramenta nos anos de 1930. Um período marcado por mudanças políticas que levaram a chamada prática populista ou populismo.⁸¹¹ Além do fato dos clubes suburbanos dos bairros da Pedreira, Marco e Telégrafo interagirem com o clube Sacramenta.

Segundo o memorialista João Guilherme de Araújo o bairro da Sacramenta era formado por mata virgem nos anos de 1910 a 1918. A partir desse período o local começa a ser desbravado e ocupado. Nos anos de 1920 começou a ocorrer exploração agrícola da área e a construção de moradias rústicas. Os moradores desse espaço da cidade de Belém tinham

⁸¹¹ Prática política de aproximação do líder carismático com os setores populares. o nacional-estatismo ou populismo se destaca como a prática política que se fortalecerá nos contextos dos anos de 1920 em diante, principalmente no pós “revolução de 1930. Sobre os assunto podemos destacar o estudo de ARAUJO, Maria Celina Soares D’. O Estado Novo. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2000. p.p. 7-14. REIS, Daniel Aarão. Ditadura militar, esquerdas e sociedade. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2000. p.p. 12-18. Sobre o nacionalismo autoritário BÓRIS, Fausto. O pensamento nacionalista autoritário. Rio de Janeiro: coleção descobrindo o Brasil, Jorge Zahar, ed. 2001. p.p. 7-19.

origem no interior do estado, os quais possuíam experiência em lavoura de subsistência e na construção de caireiras que produzia o carvão para o consumo da cidade⁸¹².

Antonio Rocha Penteado destaca o bairro da Sacramenta como pertencente a Zona Norte da capital, juntamente com os bairros da Pedreira, Umarizal, Matinha, Telégrafo, Marco, Souza e Marambaia. É um bairro residencial que se desenvolveu a partir do bairro do Marco e as “barracas” era o tipo de moradia mais comum, como afirma o referido autor⁸¹³.

Os tipos de moradia do bairro, ressaltadas por Antonio Rocha Penteado, podem ser vistos através do processo crime destacado abaixo:

(...) foi vitima Maria Veronica da Conceição e acusada autora Gracelinda Machado de Belém. Em uma barraca situada a passagem dos escondidos, no bairro da sacramenta, residia a indiciada com seu amasio Francisco Pedro de Oliveira e a vitima que é a sua avó. Em a tarde do dia desoito do mês recém –findo a indiciada encontrava-se no interior da cosinha da casa, preparando o café, quando a vitima veio ter à mesma, surgindo entre ambas uma discussão por motivo fútil, e em determinada ocasião quando a indiciada encontrava-se ‘de costas sentiu forte dor no lado direito do pescoço, e virando-se viu que era a sua avó Maria veronica da conceição, que armada com um tição a queimara. Então, voltando-se, Gracelinda, procurou desarmar a mesma atingindo nesta ocasião a vitima por sobre a cabeça, causando-lhe a lesão constante no laudo do exame médico.(...) ⁸¹⁴

O interessante da análise dessa fonte é o destaque para a moradia de Maria Verônica e Gracelinda, uma “barraca”, localizado no bairro da Sacramenta onde ocorreu o fato delituoso, no dia 18 de junho de 1946. Para além do crime, o que nos interessa aqui é mostrar as características do bairro. Estas influenciavam no cotidiano do clube nos finais de semana do bairro.

O Sacramenta Sport Club foi fundado em 07 de setembro de 1936 em Belém do Pará e reorganizado em 11 de junho de 1942, tendo seu estatuto aprovado em assembleia geral em 21 de agosto de 1942, contendo XII capítulos, com parágrafos únicos e 44 artigos

⁸¹² PIMENTA, Guilherme. Sacramenta, 90 anos de história. Belém: Cromos, 2013.

⁸¹³ PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968, p.p. 342-343.

⁸¹⁴ CMA – UFPA – TJE – SERIE CRIME – LESÕES CORPORAIS. Nº DE PROC. 21 ESTANTE M 2 – PRATELEIRA 1 – SEÇÃO 5 – ANOS 1938- 1942- 1944- 1945 – 1946 – 1; ANO – 1946- – LESOES COPORAIS LEVES – 6ª VARA PENAL – data da autuação 22 de junho de 1946- tem um a data do processo de 08-08-1947 (do termino) e a capa dos autos de 1947 – porem o fato e de 18 de junho de 1946.

tudo registrado em cartório. Os membros que participaram da sessão solene no ano de 1942 foram o Relator Luis Araújo, o membro e diretor esportivo Raimundo Paulo dos Santos e Clementino Pereira dos Santos, todos da comissão organizadora e o presidente do clube Francisco Pinheiro, o secretario geral Antonio Passos, o tesoureiro Francisco Aurino Santos⁸¹⁵.

Nesse documento foram definida as cores do clube, o verde e o branco, juntamente com o seu lema “União, ordem e esporte”. A data de 07 de setembro é considerada solene pelo clube, quando seus sócios foram divididos em fundadores, reorganizadores, efetivos e beneméritos⁸¹⁶.

O Estatuto apresenta um detalhe curioso que foi a proibição dos integrantes do clube de participarem de discussões que envolvessem diretamente assuntos de política, religião e nacionalidade durante os momentos de lazer. Na verdade, conforme o estatuto, o seu objetivo principal era ter o seu time de futebol composto por associados e manter o lazer das famílias dos seus sócios.⁸¹⁷

Essa proibição nos apresenta o momento histórico que Belém convivia sendo aparentemente contraditório, por se tratar dos assuntos que os políticos populistas como Magalhães Barata apresentavam nos seus discursos⁸¹⁸. Porém, os integrantes do clube não teriam possibilidade de discutir as questões políticas e econômicas que vigoravam em Belém no pós 1930 e ao mesmo tempo estabelecia um discurso que utilizava a prática futebolística suburbana ou do campeonato oficial como mecanismo de propaganda do momento político valorizando a família no seu momento de lazer.

A prática política de aproximação com os setores populares⁸¹⁹ era comum no governo de Magalhães Barata, que mesmo tendo que sair do poder político do estado, por determinação do Presidente Getúlio Vargas, conseguiu o apoio de setores populares da sociedade, que buscavam a sua continuidade e afirmavam que o mesmo tinha sido vítima de

⁸¹⁵ Cartório de títulos e documentos, série estatutos, nome: Sacramento Sport Club, 1942, cx 05, Doc 44. CMA/UFPA.

⁸¹⁶ Idem.

⁸¹⁷ Ibidem.

⁸¹⁸ FILHO, Armando Alves; (et al). Pontos de história da Amazônia vol. II. Op.cit., p.p 17-21.

⁸¹⁹ Definição citada nas notas: 647, 779. Ver também: BOBBIO, Norberto. (et al). Dicionário de política. Op. Cit. p.p. 980-981.

uma traição, no ano de 1935⁸²⁰. Porém, José Carneiro da Gama Malcher tomou posse, em 1935, como Governador do Estado, fato que concretiza a queda de Barata.

Nesse cenário de queda surge um movimento feminino que dá apoio moral ao vencido. Isto é, surge em Belém o movimento das legionárias baratistas, que faziam passeatas com objetivo de mostrar as supostas características populares do governante e também faziam jantares em homenagem a Barata junto a setores da elite local, como forma de se solidarizarem com o patrono político e manterem ativamente a sua imagem como político popular.⁸²¹

Esse processo político populista, segundo Hilário Franco Junior, incorporava os torcedores ao universo do futebol estabelecendo um alargamento da base social incluindo as camadas subalternas no jogo político nacional. Na verdade, a emergência das classes populares sob a tutela do Estado foi consagrada pela regulamentação do salário mínimo, voto secreto e sua extensão as mulheres. Diminuía, assim, a autonomia regional e favorecia-se o discurso nacionalista.⁸²²

Esta situação política, seguindo o pensamento de Hilário Franco Junior, explica também o contexto do Pará e as práticas futebolísticas que ocorriam na cidade de Belém. Pois, a consolidação do regime autoritário se estabeleceu através de intensa propaganda que procurou garantir o apoio das massas ao presidente Getúlio Vargas sob a ótica da ideologia trabalhista, ordem, disciplina e nacionalismo⁸²³.

Quanto ao cotidiano do clube Sacramento, Raimundo Ferreira da Silva que foi centroavante do clube Uberabinha do bairro do telégrafo, destaca com orgulho o clube Sacramento numa entrevista a revista “*Gol*” no ano em que o mesmo era secretário e benemérito do clube do bairro da Sacramento, em 1976.⁸²⁴

Segundo a trajetória da memória de Raimundo Ferreira da Silva, o primeiro nome do time do Sacramento foi Uruguaiana Futebol Clube. Seus fundadores foram Clementino dos Santos, Manoel Fernandes do Nascimento, Raimundo Nonato Lobato, chamado de “canhoto”. Na sua fala sobre o bairro houve o destaque para construção da sede do Sacramento na

⁸²⁰ ROCQUE, Carlos. História Geral de Belém e do Grão-Pará. Op. Cit. p.p. 162-165. ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. O “fazer política” no discurso das legionárias baratistas. In: BEZERRA NETO, José Maia & GUZMAN, Décio de Alencar (org.). *Terra Matura: historiografia e história social na Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.p. 273-289.

⁸²¹ Idem.

⁸²² FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. Op. Cit. p.p. 79-81.

⁸²³ Idem. p.p. 79-81.

⁸²⁴ Revista *Gol* Op. Cit. ano I, nº 25 ?/?/ 1976. p. 24-25.

chamada Passagem do Arame, no Morro do Querosene, que se localizava ao longo da avenida Dr. Freitas, próximo a Marquês de Herval, já que ressaltava nomes bem populares para ruas e passagens do bairro. Por volta de 1946 a 1947, a diretoria abandonou o clube e deixou o mesmo “debaixo da jaqueira”. Foi então que Raimundo virou o “mandão” no clube, uma espécie de faz tudo, pois, era limpador de chuteira, diretor de futebol, técnico, cobrador, tesoureiro, secretário e presidente, isso tudo depois que se mudou do bairro do Telégrafo para a Sacramento.⁸²⁵

Essa experiência de Raimundo Ferreira da Silva no cotidiano do clube Sacramento, nos permite aceitar a contribuição dada por Bernardo Buarque de Hollanda, quando este afirma que “os clubes de futebol são comunidades imaginadas”⁸²⁶, no qual as pessoas envolvidas, (no caso do Rio de Janeiro, José Lins do Rego tem juntamente com seu amigo Mario Filho grande importância para consolidação do esporte) criam equivalência entre clube-nação e clube e identidade local. Então o que seria um clube? Para o autor a resposta a essa pergunta estava ligada a princípios comuns com ênfase na solidariedade e sentimento de sacrifício que são inerentes a um clube específico.⁸²⁷

Por exemplo, os imigrantes europeus mantinham um aspecto simbólico do clube no sentido de construção de identidade dos grupos sociais envolvidos a partir do discurso do estado-nação e a manutenção do elo comunitário, mesmo que simbolicamente com a terra e os costumes do seu local de origem. Esse caso dos imigrantes europeus no Brasil, no início do século XX, nos mostra estes não visualizavam o clube apenas como uma agremiação esportiva, e sim como local de manutenção de elos de solidariedade oriundos de sua identidade local.⁸²⁸

A análise de Bernardo Buarque de Hollanda sobre os clubes de futebol, como comunidades imaginadas, pode ser relacionada com o cotidiano do Sacramento e as concepções discutidas a partir do seu estatuto e o papel do clube no bairro e nos campeonatos suburbanos.

Apesar das identidades dos sujeitos que frequentavam o Sacramento não estarem ligadas aos grupos de imigrantes. Estes resignificavam seus valores sociais nas partidas futebolísticas, assim como, os imigrantes faziam nos seus clubes a partir das suas

⁸²⁵ Idem.

⁸²⁶ HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Op. Cit. p. 192; p. 294-295

⁸²⁷ Idem

⁸²⁸ Ibidem.

peculiaridades culturais alicerçadas nos seus países de origem. Nesse caso, temos a concepção de identidade local indicada no discurso da fonte sobre a “rua do arame”⁸²⁹ e a ideia de sacrifício do seu Raimundo, que virou o faz tudo no clube do bairro da Sacramenta, como indícios da ideia de solidariedade entre os jogadores, torcedores e sócios, um local de várias visões sobre o lazer nas áreas suburbanas de Belém.

Uma peculiaridade do “Sacra” estava no seu estatuto, no qual havia a proibição de discussões políticas, religiosas e de nacionalidade, o que a princípio nos parece uma contradição. O clube foi criado em pleno contexto da chamada “Era Vargas”, no ano de 1936, e os valores cívicos, nacionais e religiosos tinham bastante destaque para os governantes e políticos da época.

No entanto, a proibição da discussão sobre política, nacionalidade e religião não significava que os grupos populares e dirigentes esportivos estavam alheios ao processo histórico de mudança política no Pará e no Brasil. Representava, talvez, uma valorização da prática futebolística como lazer aliada ao discurso político de grupos que não viam bem discussões que poderiam gerar questionamento ao sistema político populista que vigorava. Isto é, possivelmente, os valores sobre a família e o lazer estavam no seu estatuto como forma de minar qualquer possibilidade de modificação das relações políticas e de poder. Porém, eles não significavam “alienação”, no sentido dos sujeitos não possuírem escolha própria. Essas peculiaridades nos dão uma ideia do cotidiano do lazer no bairro e do clube nos dias de jogos, com a participação das famílias dos sócios e jogadores, por exemplo.

Essa ideia de lazer difundida no clube Sacramenta através do estatuto pode ser explicada por um momento do não trabalho utilizado pelos trabalhadores, que não permaneceram passivos diante da tentativa de disciplinarização do seu corpo e tempo. Os trabalhadores contribuíram para reelaboração da ideia de lazer que passou a ser o prazer do tempo do não trabalho. Esse prazer ocorria no tempo livre dos trabalhadores que não iam “descansar” do trabalho na fábrica. Esse período livre, pertencia na maioria das vezes, ao cotidiano das elites que detinham bastante tempo e poder econômico. Para usufruir desse prazer, principalmente no início do século XX, porém, os próprios trabalhadores começam a ressignificar as tentativas de imposições de práticas esportivas que lembrassem seu papel no trabalho do contexto da belle époque⁸³⁰.

⁸²⁹ Revista *Gol Op.* Cit. ano I, nº 25 ? /?/ 1976. p. 24-25.

⁸³⁰ MARZANO, Andrea. MELLO, Victor Andrade de.(org.) *Vida divertida: historias do lazer no Rio de Janeiro.* Rio de Janeiro: Apicuri, sport: historia, 2010. p. 10-12.

Esse ressignificar dos trabalhadores nos sugere que no decorrer dos anos de 1930 temos uma maior valor simbólico desses clubes de bairros, como o Sacramento para seus jogadores e sócios que criam suas próprias identidades e símbolos para a prática esportiva, no caso, a prática do futebol.

Só a título de comparação, a prática esportiva, que no início do século XX estava alicerçada no processo de organização dos esportes em geral (remo, natação, polo aquático, dentre outros) que ocorreu desde meados do século XIX em cidades do Brasil, como o Rio de Janeiro, por exemplo, (assim como em Belém do Pará) se transforma numa das principais práticas de lazer para todos os setores da população nas primeiras décadas do século XX⁸³¹. Esse fato aponta para uma maior consolidação do futebol, no caso do bairro da Sacramento, nos anos de 1930. Na verdade, apesar da mudança de período histórico, podemos perceber uma ideia de continuidade na construção das práticas esportivas em Belém a partir das experiências esportivas dos sujeitos nos clubes de bairro.

Abaixo, temos uma fotografia da antiga sede do Clube Sacramento na Avenida Senador Lemos:

Imagem 46: Sede do Sacramento Sport Club na avenida Senador Lemos.



Fonte: Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978. p. 14-15.

⁸³¹ Idem. p. 70-73.

A imagem acima retrata a sede do Sacramento na Avenida Senador Lemos, local que jogadores “famosos” no bairro, como Paturí e Borrachão participavam das partidas pelo clube, no seu “estádio” nos anos de 1950. Esses jogadores, segundo a revista *Gol* viraram lenda no clube⁸³²

Essa imagem nos proporciona pensar os dias de jogos e o cotidiano do clube de um bairro que para os cronistas esportivos era chamado de “novo” no contexto de uma Belém dos anos de 1930.

Nesse bairro, onde vivia o senhor Luis Araújo, 64 anos que foi jogador do time, conhecido popularmente conhecido como “Armandinho”, que o Sacramento ganhou fama futebolística e de participação dos seus sócios. Toda esta fama segundo “Armandinho” foi fruto dos bons jogos que o time fez no seu “campinho”. O “Sacra”, nos anos de 1950, segundo o cronista da Revista *Gol*, era um time que impunha respeito até aos “times grandes” da cidade que iam jogar amistosamente. O que foi considerado um grande feito para o clube que iniciou em 1936 e suas pretensões estavam relacionadas apenas a criação de um ambiente esportivo comunitário para juventude daquela década⁸³³.

“Armandinho” destaca na sua fala a lembrança do time que estreou em 1936 contra o Vasco da Gama do bairro de Canudos e empatou de 2 x 2, resultado que foi considerado bom para a partida que iniciava o clube nesse mundo futebolístico. Segundo ele o time que jogou foi formado por Bico de pão; Conde Jorge e Totó; Manducão, Zé Gomes e Eduardo; Traira, Aurino, Armandinho; Negrão e Zito. Eram todos jogadores que pagavam mensalidade, lavagem de material e transporte no Clube e que talvez por passarem essas situações típicas de clubes amadores, segundo “Armandinho”, seus companheiros de time tinham amor à camisa do Sacramento.⁸³⁴

Outro jogador chamado de “Barrão” lembra o início da sua carreira no clube, no ano de 1938, atuando como jogador dos infantis até a fase do time principal, sendo relevante a quantidade de moradores que participavam de todas as atividades do Clube. Segundo ele chegava a se formar verdadeiras torcidas nas partidas e todo o bairro despertava com muita animação nos dias de jogos. Este fato nos apresenta como as pessoas do bairro criavam um ambiente de lazer a partir do clube.

⁸³² Revista *Gol* ?/02/1976. p.p. 24-25.

⁸³³ “O Sacra, de sempre”. Revista *Gol*, nº 43, ano II, 25/04/1978. p. 14-15.

⁸³⁴ Idem, p. 14-16.

Esse ambiente de lazer confirma a fala de “Armandinho” que relembra a equipe do “Sacra” de 1942, formada por Antonio Toucinho; Conde Jorge e Negrão; Pachiuba, Clemente e Jaú; Olegário, Anselmo, Aurino, Mozart e Rapadura. Este grupo de jogadores que ajudou o Sacramento a se firmar cada vez mais nos anos de 1940 e atrair a população do bairro que não via simplesmente rapazes com um único objetivo no final de semana de jogarem pelo Sacramento, mas convivia o dia-a-dia do clube que via seu acanhado “estadinho” lotar aos domingos⁸³⁵.

Para fazer uma relação passado e presente, baseado na teoria de história e memória de Jacques Le Goff⁸³⁶, Durante a pesquisa de campo, no “estadinho” do Sacramento Sport Club, foi possível perceber os encontros das pessoas em torno do festivais.

Essa trabalho de campo, ocorreu na minha segunda visita, ocorrida no dia 08 de setembro de 2013. Neste dia, filmei parte de um festival esportivo entre os clubes do bairro e os clubes de bairros do Telégrafo e Pedreira. No local conversei com o ex jogador “Vicente Bateria”, ex – jogador da Tuna Luso Brasileira nos anos de 1980 que foi me apresentando o local. Como disse na introdução desse trabalho “o som do brega era insudercedor” as crianças corriam ao redor do alambrado do campo, os responsáveis pelo evento bebiam e conversavam, a venda do “churrasquinho” corria solta e a música “cisca, cisca, varejeira” animava a festa.⁸³⁷

Essas fontes nos levam a pensar nas atividades de lazer na atualidade do clube que não tem mais a sede social (hoje pertencente a extra farma) e seu campo não tem mais grama. Mas pelo que vi, o Sacramento ainda é um centro de referência para o encontro entre as pessoas nos finais de semana⁸³⁸. Uma relação entre clube e indivíduo que influencia no cotidiano de lazer entre os bairros e seus respectivos clubes.

⁸³⁵ Ibidem p. 15.

⁸³⁶ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Op. Cit.

⁸³⁷ Pesquisa de campo, no campo de futebol do Sacramento, ocorrida no dia 08 de setembro de 2013. Conversa e filmagem com ex jogador da Tuna Luso dos anos de 1980 Vicente Bateria, treinador de crianças no clube e . Música da Banda Cheiro Verde, 1998, cd, Música “cisca varejeira”.

⁸³⁸ Idem.

3.3.7 – A Pedreira e o futebol suburbano

O bairro da Pedreira, segundo José Rodrigues, faz parte da primeira légua patrimonial da cidade e tem seus limites fronteiriços com os bairros da Sacramenta, Marco, Souza, Matinha e Umarizal. Pertence a micro bacia do Una com uma hidrografia composta por dois canais o do Galo e da Pirajá. As principais avenidas são a Pedro Miranda e a Marques de Herval por possuírem na atualidade uma melhor infraestrutura de equipamentos urbanos⁸³⁹.

No seu aspecto histórico a sua ocupação efetiva iniciou-se por volta do final do século XIX, por parte dos grupos sociais menos abastados que estavam sendo remanejados das áreas centrais da cidade no processo nas primeiras décadas do século XX.

Nesse período Belém experimentou um processo de circulação e aumento populacional provocado pelo avanço da exploração econômica da *hevea brasiliensis* (seringueira). A ocupação do bairro da Pedreira então surge a partir do prolongamento do bairro do Marco, já que foi um contexto propício para o aparecimento de novos bairros na cidade.⁸⁴⁰

Essa área da Pedreira tinha muitos terrenos alagados, sendo no período da Intendência de Antonio Lemos (1900-1910) saneada, demarcada as quadras e as ruas, porém, foi um exemplo de ocupação desordenada a partir de uma padronização que buscava colocar os pobres nos setores menos estruturados da capital⁸⁴¹.

Segundo José Valente, os bairros da Pedreira e do Marco podem ser considerados “siameses” devido o processo de ocupação baseada nos padrões Lemistas que começa com autorização no ano de 1893 para o Intendente Antonio Lemos abrir várias ruas que ligariam os dois bairros na capital paraense. Para o autor, a partir da sua experiência de conviver nos dois bairros, existe uma complementariedade entre ambos, pois, o Marco é mais é circunspecto enquanto a Pedreira é mais alegre chamada de bairro do “samba e do amor”⁸⁴².

⁸³⁹ RODRIGUES, José Edilson Cardoso.(et al). Análise da cobertura vegetal como indicador de qualidade ambiental em áreas urbanas: Um estudo de caso do bairro da Pedreira – Belém/PA. VI Seminário Latino Americano de Geografia Física II Seminário Ibero Americano de Geografia Física Universidade de Coimbra, Maio de 2010. p.p. 4-5.

⁸⁴⁰ Idem.

⁸⁴¹ Ibidem.

⁸⁴² VALENTE, José. A história nas Ruas de Belém: Marco e Pedreira. Belém: CEJUP, 1993. p.p.5-6.

O interessante na abordagem de José Valente é como existe uma ligação do bairro da Pedreira com o bairro do Marco no aspecto geográfico no que concerne a abertura de ruas e seus nomes históricos homenageando principalmente os heróis de guerra ligados aos combates em Canudos e no Paraguai no contexto do século XIX e que apesar das contradições homenageavam a República recém-proclamada.⁸⁴³

É nesse contexto que inicialmente se pensa como os sujeitos dos clubes de futebol do bairro da Pedreira construíram a partir da circulação de ideias do período da modernidade os seus festivais esportivos futebolísticos juntamente com outros clubes de bairros, como o Marco da Légua, por exemplo.

Nesse sentido, é preciso entender que ao se estudar o bairro da Pedreira a partir de seus festivais futebolísticos, que eram esportivos e dançantes, não se está buscando isolar o bairro e entende-lo apenas na sua dinâmica histórico-social diária, é preciso na verdade destacar que esse aspecto da experiência dos sujeitos é importante ser ressaltado, pois, identifica os grupos sociais menos abastados.

No entanto, é necessário que se possa entender como ocorreram esses diversos contatos dos diferentes grupos sociais no bairro da Pedreira e nas áreas mais elitizadas da cidade a partir dos festivais futebolísticos. Tal dinâmica pode explicar a ideia de *sportman* que circulava no bairro ou quem era o atleta dos clubes suburbanos que não tinha acesso as camadas sociais abastadas, a não ser durante as partidas de futebol que os clubes esportivos participavam tanto nos subúrbios, como nas áreas consideradas centrais.

Entre os anos de 1920 e 1930, o lazer no bairro da Pedreira se caracterizava na capital paraense pela significativa quantidade de clubes esportivos que participavam dos festivais, campeonatos oficiais e suburbanos de futebol, no qual, seus sujeitos circulavam em busca das práticas esportivas e festas não somente no seus clubes, como em toda cidade.⁸⁴⁴

Os clubes que praticavam na maioria das vezes futebol, se destacavam pelo discurso civilizatório de “raça”, na primeira metade do século XX, e principalmente para uma das formas de lazer dos sujeitos dessas áreas que eram as chamadas festas “dansantes” ou “bailes”, Conforme podemos perceber na fonte abaixo:

⁸⁴³ Idem. p.p.5-6.

⁸⁴⁴ Dados levantados durante a pesquisa. Baseados no Apendice e Anexo 1, Clubes por bairro, Pedreira. 21 clubes e 4 campos de futebol.

“(...) Capítulo I – DO CLUBE E SEUS FINS

Art. 1º O GRAM PARÁ SPORT CLUB, fundado nesta cidade de Belém estado do Pará, a 1º de março de 1927 será constituído de pessoas de ambos os sexos sem distinção de cor, politica ou religiosa, com sede própria na travessa Lomas Valentinas nº 1043.

ART. 2º - SÃO FINS DO CLUB

- a) Praticar os sports, em especial o futebol para o cultivo da raça.
- b) Promover festas dansantes, para deleite dos associados e admiradores.(...) ⁸⁴⁵

O Clube Gram Pará participava de festivais futebolísticos na cidade, principalmente no subúrbio, e de acordo com o seus estatutos, os sócios poderiam ser de ambos os sexos, porém, as mulheres participavam de maneira menos regular na prática esportiva. Essas mulheres participavam na maioria das vezes ajudando nos festivais ou como torcedoras, como jogadoras os homens eram convocados para os treinos e os jogos das partidas pelo Clube.

Na maioria dos clubes, como no caso do Gram-Pará, os seus Estatutos destacam esse discurso de igualdade de gênero, como percebemos no documento anterior, no sentido da associação, porém, na década de 1920, o contexto histórico-social delimitava, qual o papel social dessa mulher desportista, apesar algumas ainda participarem como atletas nos seus clubes.

A afirmação acima corrobora com o pensamento de Letícia Magalhães ao estudar a capital paraense sob o ponto de vista do esporte, no qual destaca que na década de 1920, em Belém surgiu o movimento modernista divulgado pela revista *Belém Nova*, sob a direção de Bruno de Menezes, que durou até 1929, divulgando ideias estéticas inovadoras (poesias, crônicas, contos, novelas, reportagens e ensaios literários, além de anúncios comerciais, coluna social, fotografias e ilustrações). E junto dessas ideias, as mulheres estavam inseridas como colaboradoras, caso de Eneida de Moraes, Adalcinda Camarão, Dulcineia Paraense em *Terra imatura*; Sultana Levi e Miriam Moraes em suplemento literário da *Folha do Norte*. ⁸⁴⁶

No campo esportivo, Bruno de Menezes, que jogava futebol no Guarani do bairro de São Braz ⁸⁴⁷, estava alicerçando discursos ao esporte que levavam ao sentimento de

⁸⁴⁵ Gram Pará Sport Club, Estatuto dos Clubes/Centro de Memória da Amazônia-UFPA. Ano de 1933, cx 04, doc. 26.

⁸⁴⁶ MAGALHÃES, Letícia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. Op. Cit. p.p. 315-325.

⁸⁴⁷ Ao longo do trabalho temos evidencias de documentais nos jornais e livros que destacam a participação de Bruno de Menezes como jogador de futebol.

valorização do aspecto regional. Na verdade, as práticas esportivas nos subúrbios estavam se consolidando cada vez mais, pois, faziam parte do lazer dos seus moradores.

As mulheres, assim como as que circulavam no meios sociais com o literato Bruno de Menezes, também participavam do cotidiano do lazer nos clubes e bairros. Essa participação ganhava certa relevância e conhecimento sobre as práticas futebolísticas na cidade. Nesses anos de 1920, já era possível perceber nas arquibancadas a participação das mulheres durante partidas de futebol, assim como as revistas destacavam a formação de um quadro de feminino que gerou bastante comentários nesse período⁸⁴⁸.

Na verdade, não estamos aprofundando o estudo sobre as mulheres nos clubes da Pedreira, porém, é possível explicitar como através das fontes sobre práticas esportivas se pode ter uma ideia do cotidiano dos clubes suburbanos no bairro. A partir desse ponto entender a dinâmica vivenciadas pelos sujeitos, no que se refere ao lazer dos moradores do bairro e como esses interagiam na dinâmica esportiva na cidade.

No discurso estabelecido na construção do Estatuto do Gram Pará, pode-se observar aspectos que insinuam como se pautava as relações entre os sujeitos a partir dos clubes, na cidade, inclusive as mulheres, já que claramente foi especificado que os associados do referido clube poderiam ser de ambos os sexos.

A análise da fonte sobre o Gram Pará nos fornece indícios de que é possível construirmos uma narrativa histórica do bairro em tela relacionada às experiências dos sujeitos nos variados clubes e bairros da cidade a partir das práticas esportivas e seus festivais, principalmente futebolísticos.

Foi o levantamento de fontes dos jornais, revistas, estatutos dos clubes, ofícios expedidos, recebidos, lista de sócios que estavam relacionados ao Clube São Domingos, dentre outros, nos levou a indícios de uma constante prática futebolística no bairro considerado suburbano.

As disputas esportivas entre clubes como o Gram-Pará, e São Domingos, por exemplo, faziam parte de uma dinâmica de lazer da cidade durante a primeira metade do século XX. Esta dinâmica esportiva suburbana também se relacionava ao bairro da Pedreira.

Um detalhe que nos levou a analisar o bairro da pedreira foi que houve um levantamento feito nas diversas fontes acima citadas, e percebeu-se que referido bairro que contava com pelo menos 21 (vinte e um) clubes e 04 (quatro) campos de futebol, no período

⁸⁴⁸ MAGALHÃES, Letícia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. Op. Cit. , p.p. 315-325.

de 1896 a 1952.⁸⁴⁹ Nesse período, os anos de 1940 retomam certo crescimento populacional que havia caído nos anos entre 1920 e 1940, justamente o momento que de maneira geral houve um maior fluxo pessoas nos bairros suburbanos da cidade belenense.

Dentre os variados clubes do período que estamos estudando, no bairro da Pedreira podemos destacar o Esporte Clube Santa Cruz⁸⁵⁰, Esporte Clube Estrela do Mar⁸⁵¹, São Pedro Esporte Clube⁸⁵², Norte América⁸⁵³, Clube Atletico Floresta da Pedreira⁸⁵⁴, Esporte Club Alegria⁸⁵⁵, Bloqueio Futebol Clube⁸⁵⁶, Gram- Pará Sport Club⁸⁵⁷, Marquês Futebol Club⁸⁵⁸, Corinthians⁸⁵⁹, Fluminense⁸⁶⁰, Pratinha Atletico Clube⁸⁶¹, Triumpho Sport Club⁸⁶², Andarahy Sport Clube⁸⁶³, Humaytá Sport Club⁸⁶⁴, Caxias Sport Club⁸⁶⁵, Rio Branco⁸⁶⁶, Viação Beneficente Esporte Clube⁸⁶⁷, Esporte Clube Santa Maria⁸⁶⁸, Jabaquara Futebol Clube⁸⁶⁹.

⁸⁴⁹ Apêndice e Anexo, Clubes por bairro, Pedreira. 21 clubes e 4 campos de futebol.

⁸⁵⁰ Festa no Santa Cruz– noitada martelo de ouro – Pedro Miranda, *O Liberal*, 01/10/1952, 18 07 1952 e 29/11/1946; Reuniões, *Folha Vespertina* 07/02/1941.

⁸⁵¹ Esporte Clube Estrela do Mar. *O Liberal* 01/12/1951.

⁸⁵² São Pedro Esporte Clube. *O Liberal* 01/12/1951.

⁸⁵³ Fundado em 09/02/1947, Norte América, Estatuto dos Clubes/Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ANO 1947, CX 06, DOC. 58; *O Liberal* 04/ 01/1952.

⁸⁵⁴ Clube Atlético Floresta da Pedreira. Fundado em 01/01/1942, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano 1942.

⁸⁵⁵ Esporte Club Alegria. Fundado em 30/12/1940, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano 1940.

⁸⁵⁶ Bloqueio Futebol Clube. Fundado em 01/01/1940, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano 1940.

⁸⁵⁷ Gram- Pará Sport Club. Op.cit.

⁸⁵⁸ Marquês Futebol Club. *Folha Vespertina* 11/02/1941.

⁸⁵⁹ Corinthians *Folha Vespertina* 11/02/1941.

⁸⁶⁰ Fluminense. *O Estado do Pará* 15/05/1938.

⁸⁶¹ Pratinha Atletico Clube. *O Estado do Pará* 09/03/1938.

⁸⁶² TRIUMPHO SPORT CLUB, Fundado em 24/02/1926, Ofício s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935- aceite do convite de festival.

⁸⁶³ ANDARAHY SPORT CLUBE Ofício s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935, Endereço Tv Vileta vila São José, Pedreira.

⁸⁶⁴ Humaytá Sport Club. O Campeão Pedreirense. *A Folha do Norte*, 05/09/1931. Festival suburbano em homenagem ao Prefeito Abelardo Condurú com a participação de clubes de vários bairros. *A SEMANA*, 05/11/1938;

⁸⁶⁵ Caxias Sport Club. *A Folha do Norte*, 05/09/1931.

⁸⁶⁶ Rio Branco. *A Folha do Norte*, 05/09/1931.

⁸⁶⁷ Viação Beneficente Esporte Clube. - Fundado em 28/02/1938, Estatuto dos clubes Centro de Memória da Amazônia, ANO 1944, CX 06, DOC 02.

⁸⁶⁸ Esporte Clube Santa Maria. Fundado em 03/11/1945. Estatuto dos clubes Centro de Memória da Amazônia, ANO 1946, CX 06, DOC 39.

⁸⁶⁹ Existe uma dúvida sobre esse clube cuja a data de fundação no seu estatuto parece divergente das fontes levantadas por Sergio Mello, cuja as referências estão a seguir. Porém, devido as dúvidas e as semelhanças entre os clubes creio que seja o mesmo clube devido a descrição das cores no estatuto e o ano de fundação do estatuto ser o mesmo levantado pelo autor do artigo no blog sobre o JABAQUARA. Nesse sentido, cito as duas datas de fundação a primeira do estatuto: 31/01/1945 e a segunda do blog: 01/05/1945. E como os jornais citam um Jabaquara, acho que realmente só tem um até aparecer uma outra fonte que desvende este mistério. Artigo de

Esses clubes foram destacados nos mapas do capítulo 2, no qual, podemos perceber a quantidade de clubes que existiam no bairro da Pedreira e observando os mapas é possível ver os 04 (quatro) campos de futebol no bairro, no período de 1896-1952.

Durante a pesquisa de campo, ao longo desses quatro anos, não foram encontrados todos os 21 clubes catalogados, a partir das fontes levantadas. Na verdade, conseguir fazer duas visitas e nenhuma entrevista na busca por clubes suburbanos no bairro da Pedreira. Um Bairro importante no sentido da construção cultural em torno dos setores populares.

O único clube suburbano que consegui localizar no bairro, pelos menos no âmbito da pesquisa foi o Clube Alegria, localizado, no final da Avenida Marquez de Herval. Apesar que ao conversar nas ruas do bairro Pedreira, percebi a existência de uma memória coletiva sobre o clube Santa Cruz, onde ocorriam as festas consideradas verdadeiras “noitadas”.⁸⁷⁰

Sobre o Esporte Clube Alegria temos o fragmento do seu Estatuto abaixo:

(...) Cap. 1

Do Esporte Club Alegria

Art. 1º - O Esporte Club Alegria, fundado em 30 de dezembro de 1940, nesta cidade de Belém, capital do Estado do Pará, República dos Estados Unidos do Brasil, e será constituído por pessoas de todas as classes sociais de ambos os sexos, de qualquer nacionalidade, sem distinção de credo, politico e religioso, com sede provisória à Avenida Marques de Herval nº 227.

(...) Art 3º-

- a) Implantar a união entre os associados, zelando pelo interesse e conformando-os de modo a evitar a desarmonia, que por ventura venha a embaraçar o progresso do clube.
- b) Garantir aos sócios reconhecidamente enfermos os benefícios que cogitam estes Estatutos.
- c) Auxiliar com a importância nele estipulado para o funeral do sócio.
- d) Auxiliar a família do sócio falecido com uma cota denominada de pecúlio.

(...)⁸⁷¹

O Estatuto do Clube Alegria enfatiza algumas características que Carmem Izabel Rodrigues enfatizou como associativistas⁸⁷² e beneficentes em relação aos clubes no bairro do

Sérgio Mello acessado no dia 04 fev 15. O autor faz referência ao jornal *O liberal* 15/01/1951 E 26/01/1951. Ambas reportagens fazem referência ao título da segunda divisão do paraense. Estatuto dos clubes- Centro de Memória da Amazônia/UFPa - ano 1945- CX 06, DOC 24.

⁸⁷⁰ Festa no Santa Cruz— noitada martelo de ouro – Pedro Miranda, *O Liberal*, 01/10/1952.

⁸⁷¹ Esporte Club Alegria. Fundado em 30/12/1940, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPa, ano 1940.

⁸⁷² As associações voluntárias consistem em grupos formais livremente constituídos, aos quais se tem acesso pela própria escolha e perseguem interesses mútuos e pessoais ou então escopos coletivos. As causas mais destacadas que determinaram o desenvolvimento associativo devem ser procuradas no processo de industrialização e de

Jurunas.⁸⁷³ O estatuto desse clube destaca explicitamente os benefícios que os associados teriam, como direito a pecúlio, auxílio funeral, relacionado ao pagamentos das cotas mensais.

Abaixo temos a fotografia do Clube Alegria, no dia que estava visitando o clube no dia 14 de outubro de 2013.

Imagem 47: Sede do Clube Alegria no bairro da Pedreira



Fonte: Pesquisa de campo realizada no dia 14/10/2013, no Clube Alegria da Pedreira.

Esta fotografia foi tirada para mostrar a sede do clube esportivo do bairro da pedreira que ainda existe. Segundo os moradores da área este clube existe desde um tempo que o espaço as proximidades daquele local se caracterizavam por pontes sobre os terrenos alagadiços. E desse local, alguns jogadores de futebol de clubes com maior fama passaram pelo Alegria. Este clube ainda hoje é marcado por suas festas e escolinhas de futebol para adolescentes. Infelizmente nas duas visitas que fiz ao clube não encontrei nenhum responsável que pudesse me mostrar algum documento antigo ou me falar sobre a relação do clube com o bairro.

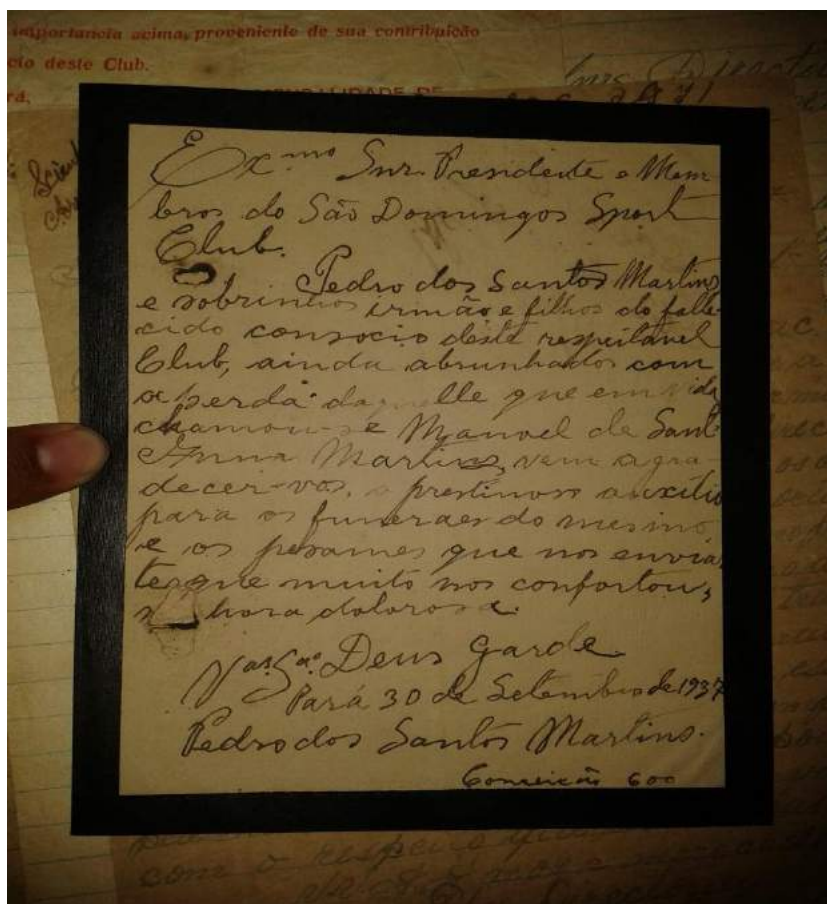
Outro exemplo de como essas práticas estavam ocorrendo na maioria dos bairros populares da cidade, a partir principalmente da década de 1920, é um bilhete encontrado no

urbanização e na instauração dos regimes democráticos. BOBBIO, Noberto. (et al). Dicionário de política. Op. Cit. p.p. 64-65.

⁸⁷³ RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Op. Cit. p.p. 114.

clube São Domingos, no qual, a família do sócio deste clube, nos anos de 1930 agradecia pelo trabalho feito pelo clube alvi-rubro no sentido de ajudar-los pós a morte do membro da família. Conforme imagem e descrição do bilhete abaixo:

Imagem nº 48: bilhete do senhor Pedro dos Santos Martins ao Clube São Domingos



Fonte: Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014.

(...) Exmº Snr Presidente e membros do São Domingos Sport Club
 Pedro dos Santos Martins e sobrinhos, irmãos e filhos do falecido consórcio deste respeitável clube. Ainda absunhados coma perda daquele quem em vida chamou-se Manoel de S'Antana Martins, vem agradecer-vos o prestimoso auxilio para os funeraes do mesmo, e os pêsames que nos enviaram que muitos nos confortaram nessa hora dolorosa.
 V.ªs S.ªs Deus guarde
 Pará, 30 de setembro de 1937
 Pedro dos Santos Martins (assinatura)
 Conceição 600

A descrição da fonte nos mostra como ocorria a ajuda a família de um sócio de clube suburbano quando este falecia. Nesse caso, o Clube São Domingos providenciou, os pêsames e a ajuda para os funerais do falecido sócio Manoel Martins. Esse bilhete encontrado nos arquivos do São Domingos nos possibilita perceber o clube como um espaço de sociabilidade e lazer marcado por ajuda entre os sócios. Esta característica nos leva a pensar o por que os clubes estavam fortalecidos no cotidiano do respectivo bairro.

Este exemplo, apesar de ser do São Domingos pode ser entendido para o bairro da Pedreira devido à questão de ajuda mútua está marcada na maioria dos estatutos do clube pesquisados.

Dessa forma, as relações de disputas e embates entre os clubes e seus bairros existiam, as quais, mudavam de acordo com os grupos que fundavam suas associações clubísticas. Estas agremiações esportivas iam muito além de times de futebol, no bairro da Pedreira, no Jurunas, Sacramenta ou em outros bairros, se caracterizavam por circulação de pessoas e sócios que interagiam, e possivelmente tinham um sentimento de pertencimento ao espaço do clube e suas diversões, nos finais de semana dos bairros e da cidade.

FIM DE PAPO! FINAL DA PARTIDA! E COMEÇA O JOGO...

A construção de uma narrativa histórico-social das práticas futebolísticas em Belém do Pará, durante a primeira metade do século XX, nos levou a entender uma dinâmica de vivência dos sujeitos e suas experiências nos bairros, nos *clubs* e seu cotidiano de lazer na urbe. Essa dinâmica esportiva estava alinhavada com as mudanças históricas próprias de um período de mais de cinquenta anos que se proliferou a prática de *sports* em Belém, principalmente, a prática do *football*.

Esse entendimento do cotidiano das atividades de lazer e práticas esportivas está baseado na observação e análise de fontes que buscou perceber o esporte não apenas como “um processo civilizador”. Isto é, no sentido de uma construção impositiva de grupos de estrangeiros que aportaram no território belenense, na transição do século XIX para o século XX. Mas, buscamos entender essa dinâmica esportiva como fruto de construção social e cultural dos diversos atores que interagiam na cidade.

A prática futebolística em Belém não pode ser analisada somente como uma forma de “civilizar” o corpo dos seus praticantes. Essa visão sobre o futebol como projeto civilizador sozinha delimita o papel social de cada jogador das diferentes classes sociais que se relacionavam em torno das partidas. Cria uma espécie de “mito” de origem do esporte como possibilidade de civilização para os setores populares da cidade. Fato que seria pelo menos em parte uma negação do encontro cultural promovido por todos os sujeitos que interagiram em torno de várias práticas esportivas nesse período. Inclusive, negaria os contatos entre bairros que ocorriam a partir do lazer nos seus respectivos clubes esportivos.

Procurei entender esse desenvolvimento da prática esportiva na capital paraense nos seus variados espaços, tanto nas áreas mais elitizadas como as chamadas áreas suburbanas. Busquei nas fontes possibilidades de interpretação e análise que me mostrassem parte de uma realidade futebolística construída e reelaborada pelos homens e mulheres que construíram os eventos chamados pela imprensa esportiva de “Festivais.”

Esses festivais esportivos nos mostram uma possível realidade da história do lazer na capital paraense a partir da dinâmica dos clubes esportivos, pautada em mudanças históricas que foram “breves”, como o próprio século XX. Para parafrasear o historiador Eric Hobsbawm e o título da sua obra “Era dos extremos”. Pois, a popularização do esporte “bretão” foi filha desse século.

Essas modificações proporcionaram no âmbito local a percepção dos sujeitos sociais sobre o significado do ferro e do aço, próprios do discurso da modernidade, por exemplo, através da relação cotidiana com estrada de ferro Belém-Bragança. Ao mesmo tempo as mudanças políticas no Brasil, como a chegada de Getúlio Vargas ao poder executivo nacional, demonstraram uma maior aproximação dos líderes políticos com o setores populares. No âmbito global, o contexto da segunda Guerra Mundial influenciou no cotidiano da capital paraense, que atigia de maneira geral todos os grupos sociais. Isto é, foram mudanças que estavam ocorrendo e influenciando também as práticas de lazer na urbe.

Nesse sentido, a ideia de Norbert Elias sobre a construção do ideal de Civilização Ocidental⁸⁷⁴ é importante para maior compreensão do tema que estudamos. Suas ideias nos ajudam a explicar como a cidade de Belém do Pará, no âmbito do recorte histórico explicitado e das atividades esportivas praticadas pelo seus sujeitos, estava se relacionando com o contexto capitalista global e a construção de uma identidade cultural baseada em suas peculiaridades locais.

Sobre esse conceito de cultura de Norbert Elias, é possível através das atividades esportivas entender como alguns sujeitos viviam socialmente à margem das elites locais e ao mesmo tempo mantinham uma circulação de ideias baseada nas suas experiências. Estas foram fruto do dia-a-dia do lazer e sociabilidade nos respectivos bairros, clubes e festivais esportivos. Um fato que inicialmente causa confusão, já que o “senso comum acadêmico” muitas vezes delimita fronteiras entre classes e às vezes não busca enxergar a teia de relações humanas que são alicerce da construção dessa narrativa histórica.

Essas práticas e experiências, segundo E. P. Thompson, possibilitaram aos praticantes do futebol, assim como, na formação da classe operária inglesa⁸⁷⁵, a construção de uma teia de relações entre variados grupos que se pautava numa realidade local. Tal realidade foi formada por ambientes com circulação de pessoas em áreas consideradas suburbanas,

⁸⁷⁴ ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Op. Cit.

⁸⁷⁵ THOMPSON, E.P. “A formação da classe operária inglesa vol. III”. Op. Cit.

como os bairros do Jurunas, Pedreira e áreas consideradas elitizadas da capital paraense, como a Avenida 15 de agosto (atual Avenida Presidente Vargas) e o bairro de Nazaré, por exemplo.

Essa circulação de ideias, a partir das experiências dos sujeitos, no âmbito da prática esportiva e principalmente, futebolística, nos levar pensar como o aspecto social está imbricado no campo cultural. A análise dessas fontes históricas que retrataram o período, nos possibilita pensar a partir de um ponto de vista interpretativo. Esta ideia encontra respaldo no conceito de “interpretação das culturas” do estudioso Clifford Geertz.⁸⁷⁶

Ao seguir esta linha de análise, Geertz afirma que o entendimento de cultura está relacionado a uma Ciência Interpretativa, é possível buscar significado pautado nessas diversas experiências dos homens e mulheres na cidade, e que no caso de Belém do Pará, no período estudado, são observadas no ambiente das disputas esportivas entre clubes considerados de elite e clubes suburbanos.

Dessa forma, para além de delimitar as experiências de *sportmen* como oriundos de determinada classe social, é preciso interpretar os significados e as relações que possibilitavam sujeitos das elites circularem em clubes suburbanos. Foram esses contatos entre sujeitos de classes diferentes que criaram uma teia de relações sociais em torno dos festivais futebolísticos ou jogos do campeonato local. Essas circunstâncias que não negam a cultura de classe, mas, possibilitam a ampliação da análise que busca por uma interpretação da possível realidade esportiva pautada na heterogeneidade e não na homogeneidade das relações entre as pessoas.

Sem dúvida, podemos afirmar que o esporte estava aliado a esse discurso civilizatório europeu, nas primeiras décadas do século XX. Por isso, as percepções e construções culturais de diversos setores sociais em torno da prática esportiva, principalmente do futebol, nos leva a perceber um cotidiano de uma cidade que tinha suas pretensões cosmopolitas. No entanto, os setores sociais menos abastados apareciam a partir de suas experiências no bairro e nas áreas centrais da cidade. Esse fator que criava as formas de lazer ligadas aos seus clubes. Nesse caso, os clubes “elegantes” acabavam interagindo com os clubes de subúrbio e vice-versa. Tal situação gerou uma dinâmica esportiva que fortaleceu a popularização do futebol em Belém a partir dos anos de 1920.

Os clubes de futebol nos subúrbios tentavam manter uma estrutura dos festivais e dos campeonatos parecida com os clubes que disputavam o campeonato oficial. Nessas

⁸⁷⁶ GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Op. Cit.

agregações esportivas, a circulação de homens e mulheres que viviam nos bairros suburbanos matinha características sociais e culturais oriundas de experiências de vida ligadas a moradias pobres, portos e ruas modestas. Essas experiências influenciavam nas relações entre as pessoas nesses locais ou quando disputavam festivais esportivos.

Nesses espaços, para além do discurso de *Belle époque*, típico do centro da capital paraense, construído através da percepção das elites locais sobre o processo de modernização implementado na urbe, nas primeiras décadas do século XX, é possível perceber uma outra cidade ou várias cidades. A cidade formada pelo Bairro da Pedreira, por exemplo, na obra literária de Nelio Reis, com suas casinhas de palha, no qual, o vento sacudia as largas folhas secas do teto.⁸⁷⁷

O subúrbio futebolístico estava ligado ao pensamento de uma Belém dos tempos que os bairros da cidade disputavam “as lideranças em tudo: carnaval, São João e até no futebol, com a infância do São Domingos, jurunense, e clubes como Riachuelo, Pará Time, Onze Paraenses, no Umarizal.”⁸⁷⁸

Um cotidiano esportivo da cidade que pode ser percebido através da obra de Leandro Tocantins, intitulada “Santa Maria de Belém do Grão-Pará”⁸⁷⁹, o qual o autor descreve sua percepção sobre os subúrbios, estes marcados por suas barracas tipicamente amazônicas, com disposições ecológicas fáceis de identificar quanto ao aspecto físico e como também a sua significação social.⁸⁸⁰

Não tenho a pretensão de esgotar o tema. E nem conseguiria tal façanha. Ou tão pouco idealizar características amazônicas ditas pela crônica esportiva ou escritores locais. Minha maior preocupação foi buscar analisar fontes que nos levam a ver a cidade a partir da experiência dos seus sujeitos e uma cultura de classe que estava alinhavada por diversas classes ou setores sociais, que a cada momento de suas relações humanas construíam significados diversos para os seus clubes, festivais e jogos de futebol na cidade.

Essa diversidade de visões, significados, criou uma urbe com seu lazer ligado também aos clubes que conseguimos mapear. Clubes considerados de elite ou populares, não

⁸⁷⁷ REIS, Nélio. Subúrbio. Op. Cit. p. p. 6-7.

⁸⁷⁸ RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. op. cit. p. 73

⁸⁷⁹ Leandro Góes Tocantins nasceu em Belém do Pará. Aos nove meses foi morar no Acre com sua família. Morou num seringal onde se produzia borracha. Formou-se em Direito e Jornalismo pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Depois entrou para o serviço público Federal. As experiências de infância no Acre e adolescência no Pará, influenciaram na escrita das suas obras. TOCANTINS, Leandro. Santa Maria de Belém do Grão-Pará: Instantes e evocações da cidade. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Ltda, 1987. p. 23.

⁸⁸⁰ Idem. p.p. 164.

importa. O que havia era uma separação por grupos sociais, espaços na cidade e uma aproximação pela prática esportiva. Esses indícios nos possibilitam o entendimento de uma rivalidade clubística centenária entre Clube do Remo e Paysandú e o espanto de algumas pessoas por essa rivalidade se perpetuar e se ressignificar na atualidade, em plena região amazônica.

Os clubes esportivos faziam parte do lazer da cidade de Belém do Pará, na primeira metade do século XX. A criação desses clubes estava muito ligada ao discurso de modernidade. No entanto, já na primeira década do século XX é possível termos indícios de que não existiam práticas esportivas somente ligadas as elites e sua proximidade com o discurso Europeu de civilização e progresso. Pois, também existiam clubes que foram criados como fruto de sujeitos que conviviam com a realidade dos portos populares, tradições de cidades do interior, espaços dos bairros alagados e com matas, ruas sem pavimentação, pontes como espaços de circulação. Uma dinâmica de um lazer que possuía menos recursos financeiros que as elites. Talvez aí se fortaleça a explicação da paixão popular pelo futebol, no sentido da pouca exigência de equipamentos e espaços para que as partidas do *football* ocorressem também nos campos de subúrbio.

O mapeamento das práticas futebolísticas na cidade, principalmente a partir dos anos de 1920, vai nos proporcionar um olhar sobre aspectos de uma urbe desigual alinhavada ao discurso capitalista de modernidade e progresso. A divisão dos períodos e quantidades de clubes por bairros nos possibilitou estudá-los a partir dos espaços menos estruturados de Belém. Esses locais possuíam uma dinâmica social, sob a ótica do esporte, que estava ligada aos ideais de “civilização” a partir do modelo *sportman*, porém, com características ligadas ao cotidiano dos jogadores e moradores dos bairros que se localizavam os clubes esportivos.

Essa desigualdade pode ser observada a partir da análise das fontes levantadas durante a pesquisa, que apontaram para o deslocamento da fundação de clubes em áreas elitizadas, nas primeiras décadas do século XX, para uma maior quantidade de clubes criados nas áreas suburbanas. Claro, com maior evidência, a partir de 1920 até os anos de 1950.

O levantamento do número de clubes possibilitou através do estudo do esporte local, que pudéssemos ver práticas de lazer, esportivas e relações de sociabilidade ligadas aos grupos que não eram “enxergados” na sociedade.

Esses grupos de esportistas, formados por trabalhadores, mulheres, homens, mestiços e brancos pobres, apareciam na história das práticas esportivas locais de maneira

secundária. Já que, o discurso dos primeiros anos do esporte na nossa capital ficou alicerçado nos setores abastados ou nos estrangeiros. Menos nos setores populares, moradores dos subúrbios da capital paraense.

Todavia, os setores populares locais, responsáveis por uma prática futebolística nos bairros que respeitava as regras e ao mesmo tempo revelava parte de seu cotidiano, popularizaram o *Re x Pa*, e fomentaram uma rivalidade histórica. Rivalidade futebolística que foi fruto, principalmente, desse cotidiano considerado suburbano que estava nos festivais que era aclamado pela imprensa esportiva a partir dos anos de 1920.

Dessa maneira, sem esquecer do papel da imprensa e dos políticos, mas, o *Re x Pa* popularizado tem sua maior força, principalmente, por meio do avanço do futebol nos “campos” dos subúrbios e suas festas. Aliás, o festival futebolístico já era uma festa para os jogadores de bairros e seus clubes.

Sobre esse processo de popularização do futebol no Brasil, Roberto Damatta nos informa que diferentemente de outras instituições, o futebol reúne muita coisa na sua multivocalidade invejável, pois, é jogo e esporte, ritual e espetáculo, instrumento de disciplina de massas e evento prazeroso.⁸⁸¹ Essas características explicam o comportamento das elites na fase futebolística inicial no Brasil e os sentimentos por trás de seu processo de popularização. Isto é, além de *sport* e seus significados de civilização, o futebol foi diversão tanto das elites quanto dos moradores do subúrbio. Fator que explica os motivos do avanço para a popularização do esporte e seu deslocamento de suas práticas para as áreas suburbanas em Belém.

A ressignificação da prática futebolística pelos atletas de clubes dos subúrbios, com passar dos anos, vai ficar mais perceptível através da quantidade de clubes que passam a existir nas áreas populares. Estes espaços estavam ligados ao cotidiano de uma estrutura urbana deficiente e desigual se comparada aos bairros “nobres”, como Nazaré, por exemplo.

A quantidade de clubes por bairros catalogados nessa pesquisa é um fator relevante para entendermos as contradições do sistema capitalista no âmbito local, na fase de chegada e popularização da prática do futebol. Isto se explica pelos clubes de subúrbio apresentarem seus espaços de jogos e festas na cidade com estrutura de moradia e lazer diferente dos locais que os *sportmen* dos clubes mais ricos moravam. Eram espaços

⁸⁸¹ DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo: Revista USP, nº 22, 1994.

considerados populares pela imprensa esportiva ou pela visão dos próprios integrantes dos clubes suburbanos.

A maior evidência esportiva na imprensa desses clubes de futebol populares culmina com o processo de popularização do futebol, que se acelerou a partir dos anos de 1920 e se consolida nos anos de 1950. Esta mudança de visão sobre a prática futebolística possibilitou a construção cultural dos grupos populares ao longo dos anos em torno do esporte. Isto significou mudanças na forma dos sujeitos se relacionarem com o futebol, que passa oficialmente a ser considerado esporte popular.

Nesse sentido, inicialmente, a ideia de modernidade vai estar ligada a determinados grupos sociais mais abastados ou a determinados sujeitos que circulavam nos meios influentes da sociedade carregada de concepções europeias de civilização. No entanto, paralelamente a difusão das ideias sobre esporte nos clubes dos grupos elitizados também os grupos mais pobres construíram seus clubes com o discurso civilizatório, mas, com outra reelaboração a partir do seu cotidiano no bairro.

Nesse caso, o clube servia, por exemplo, para que os migrantes cearenses se encontrassem e se divertissem, assim, como os imigrantes europeus italianos, portugueses e outros grupos de pessoas da cidade belenense. Os sujeitos circulavam nos vários locais da cidade através dos clubes, mesmo que não frequentassem os considerados “elegantes” como o Clube do Remo, Paysandú, Tuna Luso e Sport Club of Pará.

Portanto, a ideia principal da tese é que o processo de popularização do futebol em Belém do Pará teve como fator fundamental as reelaborações que os setores sociais moradores dos subúrbios construíram no decorrer dos anos em torno dessa prática esportiva na cidade. Principalmente, no âmbito dos festivais futebolísticos.

Esses significados corroboram os dados levantados durante a pesquisa. Nestes se evidencia o período de 1930 a 1950 como o que tem uma maior quantidade de clubes de subúrbio participando dos festivais, dos campeonatos oficiais e dos campeonatos suburbanos na cidade. Nesse período, as práticas culturais nos bairros levam os moradores a criarem seus campeonatos de futebol e a alimentar as rivalidades entre os jogadores das variadas agremiações.

Essa evidência pode ser observada pela catalogação e localização dos clubes por bairros e períodos, na quantidade de mapas apresentadas nesta obra e também pelas notícias

de jogadores de clubes “menores” circulando e jogando nos clubes considerados “grandes”, ou vice-versa.

Essa localização de clubes serviu para que pudéssemos perceber que a prática do futebol estava nesse período se consolidando nos subúrbios, sendo praticada ainda nos largos e praças localizados no centro urbano e “elegante” de Belém e também nos “campinhos” localizados nos referidos bairros. Na verdade, “subúrbio” e centro “elegante”, eram classificações de jornalistas e intelectuais que definiam esses espaços a partir das suas vivências.

No caso dos “campinhos”, a prática futebolística acompanhou desde o início a expansão da ocupação urbana de áreas, anteriormente, consideradas mais populares e que com o passar dos anos foram incluídas nas partidas futebolísticas. Eram ambientes de lazer e descanso dos variados grupos sociais. A imprensa esportiva que passa a ser o elemento de divulgação do esporte na cidade destaca os bairros do Jurunas, São Braz, Marco e Pedreira com essas características.

Esses bairros estavam ligados á expansão de ocupação urbana da cidade, e o futebol foi junto, já que os bairros citados possuíam muitos campos de futebol e a partir dos anos de 1930, ocorreu uma verdadeira “explosão” de fundação de clubes esportivos. Este fato mostra a mudança no espaço de tempo pesquisado, pois, agora os clubes aparecem com maior destaque em todos os bairros, e a imprensa começa a dar ênfase para os clubes suburbanos.

Quanto aos jornais e revistas é certo que tiveram um fator importante para incentivar e divulgar a prática esportiva, principalmente do futebol. Sem falar no rádio que, através da Rádio Clube do Pará, começou no final dos anos de 1920 a cobrir dentro de suas dificuldades as práticas esportivas na urbe.

Sobre a divulgação das atividades futebolísticas na capital paraense, Rafael Matos nos indica o papel dos *sportmen* nas redações dos jornais locais. Para o autor inicialmente a imprensa esportiva não conseguia muito espaço para as notícias dos esportes. Porém, mesmo assim, os jornais e revistas através dos cronistas ressaltavam o noticiário esportivo da cidade. Alguns cronistas encaravam essas notícias como uma missão de divulgar o esporte a partir do seu caráter civilizatório. Nos anos de 1920 a 1930, a crítica esportiva consegue um maior fortalecimento, principalmente, pela criação, em 1925, da ACEP (Associação dos Cronistas Esportivos do Pará) liderados por Edgar de Campos Proença⁸⁸².

⁸⁸² MATOS, Rafael. *Sportmen* nas redações: o jornalismo esportivo na *Belle Époque*. Op. Cit.

O intelectual Edgar Proença, nesse processo de consolidação dos noticiários esportivos na cidade, é figura representativa de uma imprensa especializada. Isto se deve a sua participação na construção e reelaboração das práticas esportivas locais. Tais práticas estavam diretamente ligadas às “pelejas” futebolísticas nos clubes de elite e suburbanos. Tanto que o referido intelectual atuou como *sportman* nos clubes nas primeiras décadas do século XX. Assim como, ajudou a fundar clubes como o Paysandú em 1914 e depois criou símbolos fortes como o codinome “Leão Azul” para o Clube do Remo. Já nos clubes suburbanos, o “Dr Proença” frequentou festivais esportivos, acompanhou jogos e *soirées* em clubes como o São Domingos, no bairro do Jurunas.

No campo do jornalismo esportivo e na construção do processo de popularização do futebol o referido o jornalista Edgar Proença tem fundamental papel para o entendimento da relação dialética entre imprensa e o futebol⁸⁸³. Já que a imprensa esportiva é por mim considerada como uma atividade importante para o entendimento da popularização do futebol e sua consolidação como esporte de “massa” na cidade. Um processo que se torna evidente, principalmente, a partir dos anos de 1920, quando esses intelectuais modernistas paraenses passam a escrever nas redações dos jornais voltados para as características regionais.

Nesses noticiários, “literatos-jornalistas” enfatizavam suas opiniões e divulgavam suas obras que estavam ligadas as suas experiências na noite boêmia de Belém, tanto no centro, como nos subúrbios da capital. Além das suas participações diretas nos festivais esportivos na cidade cuja música, o futebol e as festas passavam pelo mesmo projeto de discurso de nação e regionalismo.

O entendimento dessa construção das atividades futebolísticas em Belém passou também pelas visitas que fiz aos clubes esportivos, criados durante o contexto da primeira metade do século XX, que ainda existem nos respectivos bairros. Clubes como: Uberabinha (1921) do bairro do Telégrafo; São Domingos (1915) e Imperial (1935) ambos do bairro do Jurunas; Sacramento (1936) do bairro da Sacramento; Alegria (1940) do bairro da Pedreira, Aliança (1925) do bairro da Cidade Velha e São Joaquim do bairro da Marambaia (1936).

⁸⁸³ Segundo Victor Melo mais do explicar a popularidade da prática esportiva a partir da imprensa ou se a imprensa enfatiza os noticiário esportivos pela popularidade dos esportes, é preciso destacar que ocorreu um processo dialético entre esporte e imprensa. Nesse entendimento, o autor mostra os esportes alicerçados com a nascente imprensa esportiva e vive-versa. Isto é, “nem só causa e consequência: causa e consequência”. MELO, Victor Andrade de. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. MELO, Victor Andrade de. (orgs) O esporte na Imprensa e a Imprensa esportiva no Brasil. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012. p.p. 21-48.

Todos os clubes apresentados no anexo 1 do trabalho⁸⁸⁴. Infelizmente ou felizmente, muitos desses bairros não conseguiram analisar com maior minúcia neste trabalho.

As visitas foram importantes para nossa pesquisa, no sentido de visualizarmos a conjuntura atual da cidade quanto aos clubes suburbanos que foram criados nesse período. Já que, através dessa percepção sobre os clubes na atualidade, pude me voltar para construção histórica de algumas agremiações a partir dos resquícios e da memória das atividades de lazer em Belém do Pará.

Uma memória dos sujeitos que destaca: os jogos de clubes suburbanos contra Remo, Paysandú e Tuna Luso, por exemplo, os chamados pela imprensa como clubes de tradição no futebol local. As lembranças dos jogos disputados pelos grupos de famílias e seus clubes nos bairros de Belém. Todos esses jogos ampliavam as rivalidades futebolísticas e estas existiam entre os clubes da Pedreira, Telégrafo, Jurunas, Cidade Velha. Por fim, a memória de um futebol ligado às festas e seus clubes de bairro. Os momentos de lazer que movimentavam os sujeitos nesses espaços, principalmente, nos fins de semana.

Nessas visitas, tive duas reações ao encontrar fontes e clubes tão antigos na cidade. A primeira foi um sentimento de alegria por encontrar tantas fontes e clubes ainda da primeira metade do século XX. E a segunda, foi um sentimento de perda, uma nostalgia do que não tinha vivenciado, ao ver a possibilidade de não termos mais prédios ou documentos que pudessem nos ajudar a preservar as fontes e a construir uma narrativa histórica sobre o lazer suburbano em Belém. Uma história da capital que pode ser contada a partir da preservação dos clubes e seus arquivos que são parte da construção histórica dos bairros.

Essa ambiguidade nas minhas percepções sobre os clubes suburbanos, visitados durante a pesquisa, foi alimentada pela possibilidade analisar o cotidiano de lazer dos bairros considerados suburbanos e até clubes de tradição na cidade, a partir de documentos que estavam no arquivo dos Clubes São Domingos, Imperial e Aliança. E por ter visualizado um processo de desaparecimento dos clubes de bairro na cidade.

Atualmente, em tempos de valorização da internet, campeonatos europeus, atividades esportivas, torcidas organizadas, e outras atividades de lazer. Percebi o por que da maioria dos clubes da Pedreira, Telégrafo, Sacramento, Jurunas, Cremação com o passar dos anos terem desaparecido na cidade. E também o motivo de outros estarem seguindo o mesmo

⁸⁸⁴ Clubes catalogados no Anexo 1 – Clubes por bairros em Belém.

processo, que parece ressaltar um “fim” do lazer dos clubes populares nos seus respectivos bairros.

Nas visitas, percebi a falta de estrutura de alguns clubes. Uns até mesmo sem a sede social, restando apenas a memória do que já foram nos bairros e no campeonatos locais. Outros ainda possuem apenas um campo de futebol para os festivais que acontecem nos finais de semana e feriados.

No caso do bairro da Cremação, os clubes catalogados durante a pesquisa não existem mais no bairro. Apenas algumas pessoas que informalmente ainda falam do Norte Brasileiro e suas festas que deram lugar a um conjunto habitacional.

O bairro da Pedreira também não é diferente dos outros bairros na atualidade. Pois, os clubes que existiam nesse espaço da cidade consegui entrar em contato apenas com o Alegria que é dos anos de 1940. Durante a pesquisa pude perceber que era um dos bairros que mais possuía clubes na capital: um total de 21 clubes de futebol. Mas, com indícios de que existiam muito mais clubes e campos de futebol. Um bairro que culturalmente esteve ligado às festas e jogos de futebol. E que consegui encontrar apenas um clube em funcionamento dos clubes catalogados na primeira metade do século XX.

Na Sacramenta até o ano de 2013, o clube Sacramenta convivia com a possibilidade de desapropriação do patrimônio que restou dos anos que participava das atividades esportivas do bairro e da cidade: o campo de futebol. Quando visitei esse campo não havia mais gramado. As pessoas que estavam no festival, que comiam, bebiam, jogavam futebol, comentavam que seria uma grande perda para o bairro se realmente o espaço fosse desapropriado. Segundo eles, a intenção da desapropriação se justificava para a prefeitura de Belém devido à construção de um condomínio residencial.

Os Clubes Imperial e São Domingos do bairro do Jurunas estão fortalecidos por possuírem uma diretoria e sede social mais atuantes, ambos os clubes com projetos sociais ligados as festas, esporte e lazer no bairro. No entanto, financeiramente esses clubes são sustentados pelas festas de aparelhagem. Já que a mensalidade dos sócios tem um valor baixo para sustentar as atividades do clube.

No clube São Joaquim, no bairro da Marambaia, percebi que assim, como em outros “sedes” as festas com aparelhagens sustentam o clube. No Uberabinha, clube do Bairro do Telégrafo, o clube existe por atividades ligadas aos sócios que gostam de assistir jogos na televisão, jogar bilhar e dominó. Alguns informalmente temem o desaparecimento do clube

pela falta de sócios mais jovens. E por fim, o Aliança, clube suburbano da Cidade Velha, que possui uma sede social abandonada e seus documentos ficam de posse do presidente do clube.

Enfim, a ideia principal da tese se alicerçou na discussão sobre a prática e a popularização do futebol a partir dos clubes de subúrbio na cidade de Belém do Pará, no período de 1920 a 1952. Dessa forma, mapeamos a urbe a partir desses clubes de futebol nos seus variados bairros com a intenção de discutir uma dinâmica da prática esportiva que construiu o processo de popularização do futebol e nos possibilitou entender o deslocamento de populações para outros bairros na cidade.

Levantei fontes e as analisei com o objetivo de mostrar o futebol que, na memória de quem vivenciou os domingos e feriados nas zonas afastadas do centro da cidade de Belém, ainda está nítido ou ficou em resquícios documentais que estavam sendo jogados fora. Uma memória que privilegia os bairros alagados. As casinhas de palha. As pontes que atravessavam algumas ruas. Os trabalhadores que vivenciavam os portos e o movimento dos barcos que iam e vinham do interior do estado, das ilhas da capital. Uma pesquisa que buscou mostrar que o *sportman* também tinha uma representatividade junto aos grupos que moravam nos subúrbios belenenses. Já que o próprio *Sportman* circulava ou era o próprio morador dos subúrbios.

A participação desses variados sujeitos nos ambientes dos jogos de futebol, nas praças, nos subúrbios, nos leva a concordar com a afirmação de Roberto Damatta sobre o significado da prática do futebol no Brasil. Para esse, autor o esporte “bretão” é a maior “escola de democracia” do país. Pois, não foi no Parlamento que as pessoas aprenderam a obedecer às regras sociais, as leis, mas, assintindo e praticando futebol. Um esporte que valoriza a vitória, sem levar o vitorioso a se tornar um ditador ou fazer com que os derrotados sejam humilhados. Foi essa relação dos brasileiros com o esporte que criou uma paixão popular muito forte. Um acontecimento amado e festejado pelas massas.⁸⁸⁵

No caso de Belém e seus bairros, é possível pensar que os clubes esportivos exerceram esse papel de construção de relações sociais e embates esportivos. Não posso deixar de destacar que nos variados bairros e distritos, os jogos aconteciam e juntamente com eles as festas e as brincadeiras entre as pessoas. Foram momentos de lazer e sociabilidade que faziam os sujeitos circularem e interagirem nos seus clubes e nos bairros da cidade.

⁸⁸⁵ DAMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. Op. Cit. p.p. 12-14.

Foram diversas experiências em torno do esporte que levaram a um fortalecimento de identidade coletiva ligada ao clube e o bairro. E também a possibilidade de vitória dos sujeitos nos momentos dos jogos, que na vida cotidiana do cidadão comum, no sistema social brasileiro hierarquizado, praticamente não permitiria acontecer.

Por isso, ver um Edgar Proença sendo sócio do São Domingos do Jurunas, nos permite analisar o espaço do clube como um campo de tensão e consensos, onde circulavam e interagiam, intelectuais e moradores, atletas populares do clube e *Sportmen*, como o próprio Tibúrcio de Menezes. Esses espaços, onde ocorriam as partidas de futebol e as festas nos clubes, se transformavam no momento que socialmente os sujeitos do subúrbio poderiam inverter o seu papel na estrutura social. Isto é, esses homens e mulheres que não eram “vistos”, naquele momento e espaço, se transformavam em protagonistas dos eventos esportivos. Esse fator facilitou com que diversos sujeitos no subúrbio criassem em torno do clube uma identidade coletiva e individual. Um sentimento dos sujeitos de pertencimento ao clube e ao bairro.

Roberto Damatta afirma que as práticas de futebol representam valores capitalistas como o individualismo, respeito as regras baseada na isonomia, no qual, todos os jogadores e clubes no momento da partida são iguais. Porém, os Clubes e o futebol também representavam juntos, a possibilidade de reciprocidade entre os sujeitos do bairro. Uma prática que não existe sem sociabilidade, já que ela obriga a dar e receber.⁸⁸⁶

Concordo que o futebol nos clubes belenenses acaba sendo, como em todo Brasil, um código de integração social. Uma afirmativa que segue a ideia de Roberto Damatta⁸⁸⁷ ao falar sobre a representação do futebol no Brasil. Pois, este esporte nos ajudou a ver uma coletividade dividida a assumir um papel coordenado em busca das vitórias. Uma experiência impar para um país ou uma localidade como Belém, que culturalmente é herdeira do clientelismo, da corrupção e das relações de poder com suas entranhas escravocratas e nobiliárquicas.

Assim, através do futebol de bairro ou no clube “elegante”, o sujeito pobre que não tinha vez passou a crer através das vitórias dos seus times nos jogos de festivais ou campeonatos, que o resultado foi fruto da aliança entre talento e trabalho, que nesses espaços, “magicamente” se inverte a lógica desigual, as relações sociais e conduz um indivíduo simples a uma grande vitória. Um ponto interessante para explicarmos como são frequentes as

⁸⁸⁶ Idem. p. 14.

⁸⁸⁷ Ibidem. p. 17.

mobilizações atuais da cidade de Belém em torno do futebol. Um esporte que através da construção cultural do *Re x Pa* e dos clubes de subúrbio, possibilita a cada sujeito entender os códigos sociais e as relações de poder entre os homens. Ora se vence, ora se perde, ora se aprende.

Por outro lado, o conceito de “democracia a partir do futebol” é criticado por Leonardo Pereira na sua obra “Footballmania”. Pois, os ideólogos do regime de Getúlio Vargas se utilizavam do conceito de “democracia racial” para fortalecerem o discurso populista que escondia os embates e as desigualdades sociais do país. Nesse discurso, os jogadores de futebol negros estavam num processo de igualdade com os jogadores brancos, assim como na “democracia racial” brasileira, cujo “futebol mulato” era propagado pelos intelectuais Mario Filho, José Lins do Rêgo e Gilberto Freire.⁸⁸⁸

Apesar de concordar em vários aspectos com esse estudo de Roberto Damatta, devo admitir que ao observarmos as práticas futebolísticas na cidade, através da análise das fontes, percebemos as diversas experiências dos sujeitos e os discursos que buscavam camuflar ou referendar teorias sobre as realidades sociais através do futebol. Como afirma Leonardo Pereira, ao nos advertir para o uso da memória dos jovens desportistas considerados *sportmen* como se fosse a própria construção histórica do futebol: “construídas de cima para baixo, as grandes formulações sobre a história do país ganham, nas histórias habitualmente contadas sobre o futebol, a sua mais perfeita tradução.”⁸⁸⁹

A prática de futebol, nos clubes em Belém que foram até aqui estudados, tem sua construção histórico-social não simplesmente ligada a uma análise mais geral e dos pontos em comum que ocorreram nas diversas agremiações esportivas em todo país. Os clubes de futebol suburbanos e os clubes das “elites” interagiam por que estavam formados por sujeitos que através do lazer e rivalidades construíram características próprias que muitas vezes expressavam embates, consensos e desigualdades.

⁸⁸⁸ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Footballmania. Op. Cit. p.334-335.

⁸⁸⁹ Idem. Op. Cit. p. 87. Sobre o discurso de “futebol mulato” Mário Filho escreveu a obra clássica “O Negro no futebol brasileiro” no ano de 1947. Nesta obra o autor enfatiza o processo de entrada do sujeito de origem “negra” no processo de popularização do futebol brasileiro. Esse processo mostrava de certa forma o discurso de “democracia racial” que estava no âmbito das discussões políticas e ideológicas sobre o Brasil dos anos de 1930. Nesse discurso, os intelectuais mostravam um Brasil como nação mestiça, fruto das diferenças sociais, mas que mantinha uma relação de respeito e igualdade entre os diversos setores sociais. Na verdade, o futebol estava sendo utilizado para mostrar que com o fim da escravidão o Brasil vinha se constituindo como nação a partir do discurso de “igualdade racial”. Um esporte inicialmente aristocrático que se populariza de maneira “homogênea”. Uma tese que seguia as ideias de “democracia racial” exposta por Gilberto Freyre na sua obra clássica “Casa grande e senzala”. Ver: FILHO, Mário. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição, Rio de Janeiro: Maud, 2003.

Um cotidiano esportivo da cidade que não buscou legitimar uma suposta “democracia” entre os sujeitos. Mas, nos apresentou uma possibilidade de análise da construção social e cultural própria das diversas pessoas que circulavam nos bairros da capital em busca de lazer nos clubes de futebol. Talvez por isso, sujeitos como Edgar Proença e Tibúrcio de Menezes tenham se encontrado nos campos de subúrbio. Por interesses diversos, esses atores sociais se relacionavam, ora revertiam os paradigmas sociais, ora enfrentavam ou alimentavam as relações de poder próprias de uma sociedade desigual. O jogo passava a ser o momento que diretamente ou simbolicamente os sujeitos apresentavam os debates políticos e sociais locais a partir de suas experiências concretas.

Nesse ponto, as opiniões de Roberto Damatta e Leonardo Pereira ganham uma interseção no trabalho: a análise sobre os clubes de futebol nos apresentaram questões relevantes para entendermos a sociedade local na primeira metade do século XX. Uma construção histórica dos sujeitos e seus clubes esportivos que nos ajuda a pensar no esporte, lazer e sociabilidade conjuntamente com os seus significados para o passado e o presente da cidade.

Assim, a partir do estudo histórico e social dos clubes, posso pensar a cidade e seus problemas no século XXI. A violência, a desigualdade social, as políticas públicas direcionadas para espaços considerados “nobres” na urbe em detrimento de espaços, hoje considerados periféricos, evidenciam parte dos motivos para o crescimento do crime e da violência. E também, uma busca por alternativas de lazer que levem os sujeitos a pensarem em outras possibilidades de sobrevivência, diferente da lógica desigual, perversa e desumana que a sociedade de consumo impõe cotidianamente aos sujeitos na capital paraense.

Na cidade de Belém, conforme afirma Aiala Couto, o espaço urbano aparece assim fragmentado, onde os espaços habitados pela elite possuem infraestrutura de alta qualidade, muitas vezes financiada pelos governos. Já nos espaços periféricos, como os bairros do Guamá e a Terra Firme, predomina a dinâmica das necessidades e com ela alternativas econômicas e sociais criadas no cotidiano da sobrevivência e suas escolhas racionais no âmbito da sociedade de mercado.⁸⁹⁰

Um assunto que nos leva a pensar sobre questões da Segurança Pública e o lazer, como fruto de uma construção histórica que descarta os mais pobres nos seus territórios. Já

⁸⁹⁰ COUTO, Aiala Colares de Oliveira. A geografia do crime na metrópole: “das redes ilegais à territorialização” na periferia de Belém. Belém: EDUEPA, 2014. p. 20.

que nesses espaços da cidade, muitas pessoas, inclusive, crianças e adolescentes, não são alcançados pelas políticas públicas, no sentido mais amplo, e tão pouco, especificamente, em políticas aliadas às práticas de lazer nos bairros.

Obviamente, que por ter passado por experiências de conviver em bairros com pouca estrutura urbana e também por está a anos trabalhando como um agente de segurança pública foi possível perceber as possibilidades de políticas públicas ligadas ao lazer na cidade que poderiam mudar o contexto violento desta.

Por isso, no campo, atualmente, durante o jogo no bairro ou no estádio “Mangueirão”, a cada gol, a cada jogo, a cada grito dos seus torcedores, quando os times entram para os embates, esses homens passam a ser “alunos” e protagonistas dessa construção “democrática”, num país socialmente desigual e hierarquizado. Uma contradição construída pelos seus sujeitos e apresentada ao longo dos anos nos campos e nos clubes da cidade. No fundo, foi o que tentei mostrar com esse trabalho.

REFERÊNCIAS UTILIZADAS

- ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. As águas e a cidade do Pará: uma leitura histórica sobre as águas e a cidade de Belém no século XIX. In: *BELTRÃO, Jane Felipe & VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano(orgs). Conheça Belém, Co-memore o Pará. Belém: EDUFPA, 2008.*
- AMARAL, Alexandre Souza. Belém, o teatro das doenças: “A Bubônica” (1904). Belém: Açaí, 2008.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro não há quem possa!”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: UNESP, 2004.
- ÁLVARES, Maria Luzia Miranda. O “fazer política” no discurso das legionárias baratistas. IN: BEZERRA NETO, José Maia & GÚZMAN, Décio de Alencar (orgs). *Terra Matura: historiografia e história social da Amazônia*. Belém: Paka-Tatu, 2002. p.p. 273-289.
- BAHIA, Mirleide Chaar. O Lazer e as relações socioambientais em Belém – Pará. Tese (Doutorado). Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, UFPA, 2012.
- BATALHA, Claudio H. M. (et al). Org. Culturas de classe. Campinas, SP: editora Unicamp, 2004.
- BATISTA, Alessandra de Jesus Sodré. Vândalos na folia: carnaval e identidade nacional na Amazônia dos anos 20. (dissertação) Campinas-SP: CFCH/UNICAMP, 2001.
- BEZERRA NETO, José Maia. Uma história do tráfico em verbetes: etimologia e história conceitual do tráfico a partir dos dicionários. In: Revista de estudos amazônicos, PPHIST. Belém, Editora Açaí, 2009.
- BLOC, Marc. Apologia da História ou o ofício do Historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. Especificamente IV. A análise histórica.
- BOBBIO, Norberto. (et al). Dicionário de política. Brasília: Editora UNB, 12ª edição, 2004.
- BURKE, Peter. O que é História Cultural. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- _____. _Testemunha ocular: história e imagem. Bauru, SP: EDUSC, 2004.
- _____. A História social dos clubes. In: Caderno Mais, Folha de São Paulo, 24/02/2013. Disponível em: . Acesso em 21/08/2013.
- _____. _História e teoria social. 3ª ed. – São Paulo: Editora Unesp, 2012.

CANCELA, Cristina Donza. Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). Belém editora açai, 2011.

_____. A família na economia da borracha. Belém: 1ª edição, Estudos amazônicos, 2012.

CANCELLA, Karina Barbosa. As forças armadas e os jogos esportivos do centenário de 1922. In: SANTOS, João Manuel C. Malaia & MELO, Victor Andrade de. 1922: Celebrações esportivas do centenário. Rio de Janeiro: 7letras: Faperj, 2012.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. O lugar no/mundo. São Paulo: FFLCH, 2007. p. 13.

CARVALHO, José Murilo de. Forças armadas e política no Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar edit., 2005.

CASTRO, Celso. A invenção do Exército brasileiro. (coleção descobrindo o Brasil) Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2002.

CASTRO, Fábio Fonseca de. A cidade Sebastiana. Era da borracha, memória e melancolia numa Capital da periferia da modernidade. Belém: edições do Autor, 2010.

CASTRO, Maria das Neves Rocha de. Memórias de uma velha cidade: a representação histórico-social de Belém pós- Belle époque em crônicas de Campos Ribeiro. Belém: Dissertação(Mestrado), PPGL/UFGA, 2011.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. (orgs) A História contada. Capítulos de história social da literatura brasileira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

CHARTIER, Roger, “cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v-8, nº 16, 1995

COELHO, Geraldo Mártires. A lira de apolo: o mecenato em Antonio Lemos e Augusto Montenegro.(1897-1912). Belém –PA: Editora Estudos Amazônicos, 1ª edição, 2014.

_____. No coração do povo: o monumento a República em Belém(1891-1897). Belém: Paka-Tatu, 2002.

_____. Uma crônica do maravilhoso: Lenda, Tempo e Memória no culto da Virgem de Nossa Senhora de Nazaré. Belém: Imprensa Oficial do Estado, 1998.

COELHO, Marinilse Oliveira. O grupo dos novos (1946-1952): Memórias literárias de Belém do Pará. Belém: EDUFPA: UNAMAZ: 2005, p. 26

COSTA, Tony Leão da. “Música do subúrbio”: Cultura Popular e música popular na “hipermargem” de Belém do Pará. Rio de Janeiro: Tese(doutorado), HISTÓRIA/ICHC/UFF, 2013.

COSTA, Antonio Mauricio Dias da. Festa na cidade: o circuito bregueiro de Belém do Pará. Belém: EDUEPA, 2ª edição, 2009.

_____. Lazer e Sociabilidade: o uso e sentidos. Belém: Açaí, 2009.

_____. Festa e espaço urbano: Meios de sonorização e bailes dançantes na Belém dos anos de 1950. *Revista Brasileira de História*, Vol. 32, nº 63. 2012.

_____. & GOMES, Elielton Benedito Castro. A “quadra joanina” na imprensa, nos clubes e nos terreiros da Belém dos anos 1950: “tradição interiorana” e espaço urbano. *Cad. Pesq. Cdhis*, Uberlândia, v. 24, n 1, Jan./jun. 2011.

_____. Possibilidade da pesquisa histórico-antropológica sobre a prática de esportes e de atividade de lazer: o estudo de clubes e associações esportivas em Belém do Pará entre 1890-1920. 2008.

_____. Instrução e civilização nos Clubes e Associações esportivas Em Belém entre 1890 e 1920. *Educativa*, Goiania, v 13, n 1, p. 66-79. Jan-jun. 2010.

COSTA, Francisca Deusa Sena da. Quando viver ameaça a ordem urbana. Manaus, 1900-1915. In: FENELON, Déa Ribeiro. *Cidades*. São Paulo: PUC/Olho d’gua, 1999. p.p. 85-127.

COUTO, Aiala Colares de Oliveira. A geografia do crime na metrópole: “das redes ilegais à territorialização” na periferia de Belém. Belém: EDUEPA, 2014.

DA MATTA, Roberto. A bola corre mais que os homens: duas bolas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. RJ: Rocco, 2006.

_____. Carnavais, Malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: 6ª edição, Rocco, 1997.

_____. Antropologia do óbvio: notas em torno do significado social do futebol brasileiro. São Paulo: Revista USP, nº 22, 1994.

DAOU, Ana Maria. A belle époque amazônica. Rio de Janeiro: 3ª edição, Jorge Zahar editora, 2004.

D’ARAUJO, Maria Celina. O Estado Novo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2000.

ALMEIDA, Conceição Maria Rocha de. As águas e a cidade do Pará: uma leitura histórica sobre as águas e a cidade de Belém no século XIX. In: *BELTRÃO, Jane Felipe & VIEIRA JUNIOR, Antonio Otaviano(orgs). Conheça Belém, Co-memore o Pará*. Belém: EDUFPA, 2008.

DE DECCA, Edgar Salvatori. 1930, O Silêncio dos Vencidos: Memória, História e revolução. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DIAS, Edinea Mascarenhas. A ilusão do Fausto: Manaus(1890-1920). Manaus: editora Valer, 2ª edição, 2007.

DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. Cultura Popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém. Dissertação(Mestrado), PPHIST/UFPA, 2009. p.p. 50-51.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? Revista da Faculdade de Letras- Geografia, I série, Vol. X/XI, Porto, 1994/5.

DÓRIA NETO, Rui Demóstenes Pinheiro & MENDES, Delson Eduardo da Silva. A História do futebol paraense através dos clubes coadjuvantes, Belém-Pa: paginas.uepa.br/ccbs/ed.fisica/ruidoraneto/pdf. 2012.

DORATIOTO, Francisco Fernando Moteoliva. A ocupação político-militar brasileira do Paraguai (1869-76) *In*: CASTRO, Celso (et al, org) Nova História Militar brasileira. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

DOS SANTOS, José Luis. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense(coleção primeiros passos), 2006.

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. *In*: MELO, Victor Andrade de & DEL PRIORE, Mary (orgs). História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Vol. I, uma história dos costumes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 1994.

EMMI, Marília Ferreira. Italianos na Amazônia(1870-1950): pioneirismo econômico e identidade. Belém: NAEA, 2008.

_____. Um século de imigrações Internacionais na Amazônia Brasileira(1850-1950). Belém: NAEA, 2013.

FARIAS, William Gaia O alvorecer da República no Pará (1886-1897) Belém: Açai, 2008.

_____. Militares e civis forjando o tenentismo no Pará. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História-ANPHUR, São Paulo, 2011.

FAUSTO, Bóris. O pensamento nacionalista autoritário: 1920-1940. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora, 2001.

FERNANDES, Nelson da Nóbrega & OLIVEIRA, Marcio Piñon(orgs). 150 anos de Subúrbio carioca. Rio de Janeiro: Lamparina: Faperj: EDUFF, 2010.

_____. O rapto ideológico da categoria subúrbio: Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

Ferreira, Jorge. (org.). O Nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: O populismo e sua história. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura. Os vândalos do apocalipse e outras histórias: arte e literatura no Pará dos anos 20. Belém: IAP, 2012.

_____. Memórias do Marco da Léguas: Paysandú, Modernismo e Guerra do Paraguai. In: SIMONIAN, Lígia T. L.(org.) Belém do Pará: História, cultura e sociedade. Belém: NAEA, 2010.

_____. Lembrando a Guerra do Paraguai: História, Memória, Futebol e Modernismo. In: RICCI, Magda Maria de Oliveira & SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. (org.) Os oitocentos na Amazônia: Política, trabalho e cultura. Belém: Editora açai, 2013.

_____. Arte, literatura e revolução: Bruno de Meneses, anarquista, 1913-1923. In: FONTES, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia(orgs). Diálogos entre História, literatura e memória. Belém: Paka-tatu, 2007.

FILHO, Mario. O negro no futebol brasileiro. 4ª edição, Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FONTES, Edilza Joana de Oliveira. Belém revisitada. In: *O pão nosso de cada dia: trabalhadores, indústria da panificação e a legislação trabalhista.(Belém:1940-1954).* Belém: Paka-tatu, 2002.

_____. Prefere-se portuguesa: Mercado de trabalho, Racismo e relações de gênero em Belém do Pará (1880-1896) In: Cadernos do Centro de Filosofia e ciências Humanas, n 1 – Belém: Universidade Federal do Pará, 1980.

_____. Sindicalismo e movimento operário em Belém: 1945 a 1947. Belém: Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA, nº 16, abr-jun, 1988.

FRANCO JUNIOR, Hilario. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

GAUDÊNCIO, Itamar Rogério Pereira. Diversão, Rivalidade e Política: o Re x Pa nos festivais futebolísticos em Belém do Pará.(1905-1950). Dissertação. Belém: CFCH/UFPA, 2007.

GEERTZ, Clifford. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2014.

GRUZINSKI, Serge. A Amazônia e as origens da globalização (Sécs. XVI-XVIII)-da história local à história global. Belém: Estudos Amazônicos, 2014.

_____. A colonização do imaginário: sociedades indígenas e colonização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. O historiador, o macaco e a centaura: “a história cultural” no novo milênio. *Estudos Avançados*, 17 (49), 2003.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós modernidade. 6ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARDMAN, Francisco Foot. Trem fantasma- a ferrovia madeira-mamoré e a modernidade na selva. São Paulo: Companhia das letras 2005.

HOBSBAWM, Eric. O Sentido do Passado. In: *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. Era dos extremos: o breve século XX. (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995. P. 16.

_____. A era das revoluções: Europa 1789-1848. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 24ª edição, 1977.

_____. O apogeu do nacionalismo:1918-1950. In:_____. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2008, p. 159-194.

_____. O fazer-se da classe operária, 1870-1914. In: *Mundos do trabalho: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000*.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo, e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: edições Biblioteca nacional, 2004.

JANGOUX, Izabela de Almeida Alves. Antonio Tavernard: vida em versos de um flâneur estático. Dissertação. Belém: Programa de Pós Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará. 2011.

LE GOFF, Jacques. História & Memória. Campinas: UNICAMP, 2ª ed., 1992.

_____. Prefácio. In: BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra. São Paulo, Companhia das letras, 1993.

LOPES, José Sergio Leite. “Classe, Etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro.”IN: BATALHA, Cláudio H. M; DA SILVA, Fernando Teixeira; FORTES, Alexandre.(orgs.). *Culturas de Classe*. São Paulo: UNICAMP, 2004

LUCA, Tânia Regina. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCENA, Ricardo F. O Esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro. Campinas, SP: Autores associados, 2001.

MACIEL, Laura Antunes. Outras memórias nos subúrbios cariocas: o direito ao passado. In: OLIVEIRA, Márcio Piñon de. & FERNANDES, Nelson da Nóbrega (orgs) *Rio de Janeiro: Lamparina:FAPERJ, EDUFF, 2010*.

MAGALHÃES, Letícia. Esporte, cidade e modernidade: Belém do Pará. In: MELO, Victor Andrade de. (org). Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: APICURI, 2010.

_____. Futebol é coisa de mulher: participação feminina no futebol paraense (1960-1979). TCC. Belém: História, IFCH/UFPA, 2005.

_____. Deixem disso, amigos bons da grande Amazônia”: futebol é arte tanto em Belém como em Manaus. (1967-1975). (Artigo) Natal: XXVII Simpósio nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. ANPHUR, 2013.

_____. Memória, futebol e mulher: Anonimato, oficialização e seus reflexos na capital paraense. (1980-2007) Monografia de Especialização. Belém: História, IFCH/UFPA, 2007.

MARTINS, José de Souza. Subúrbio. Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da república velha. 2ª edição. São Paulo: Hucitec, Unesp, 2002.

MATOS, Rafael. *Sportmen* nas redações: o jornalismo esportivo na *Belle Époque*. Artigo. Belém: 2º Encontro Regional Norte de História da mídia, 2º seminário de História, cultura e meios de comunicação na Amazônia. UFPA, 2012.

MELO, Victor Andrade de (org). Apresentação. In: *História comparada do esporte*. Rio de Janeiro: Shape, 2007.

_____. Corpos, Bicicletas e automóveis: outros esportes na transição dos séculos XIX e XX. In: DEL PRIORE, Mary & MELO, Victor Andrade de Melo. (orgs). *História do esporte no Brasil: do império aos dias atuais* – São Paulo: Editora UNESP, 2009.

_____. Lazer, esporte e cultura urbana dos séculos XIX e XX : conexões entre Paris e Rio de Janeiro. In: *Lazer e Cidade: Reflexões sobre o Rio de Janeiro*. RJ: Shape/Faperj, 2008.

_____. JUNIOR, Edmundo de Drumond Alves. Introdução ao lazer. Barueri, SP: Manole, 2003.

_____. Esporte, lazer e artes plásticas: diálogos: uma história do esporte através de obras de artes:(do século XIX a primeira grande guerra). RJ: Apicuri, 2009.

_____. (org.) Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX. RJ: Apicuri, 2010.

_____. O esporte como forma de lazer no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do XX. In: MARZANO, Andrea & MELLO, Victor Andrade de. (orgs) *Vida divertida: historias de lazer no Rio de Janeiro(1830-1930.)* Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. O corpo esportivo nas searas tupiniquins – panorama histórico. In: DEL PRIORE, Mary. AMANTINO, Marcia. (orgs) *História do corpo no Brasil*. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. MELO, Victor Andrade de. (orgs) *O esporte na Imprensa e a Imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2012.

MESQUITA, Otoni Moreira de. Manaus: História e Arquitetura, 1852-1910. Manaus: Editora Valer, 3ª edição, prefeitura de Manaus e Uninorte, 2006.

MONTEIRO, Sinei Soares. Futebol, ditadura e trabalho: uma análise das relações políticas e sociais no campo desportivo paraense (1964-1978). Dissertação de Mestrado. PPHIST/UFPA, 2009.

MOURÃO, Leila. Histórias das cidades da Amazônia brasileira. In: *Revistas Estudos Amazônicos*, PPHIST/UFPA, Belém: Alves Gráfica e Editora, vol. II, jul/dez, 2007.

SANTOS NETO, José Moraes dos. Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

NORMANDO, Tarcisio Serpa. Nas praças, nas ruas e nos rios: a Amazônia esportiva em sua Belle Époque. Revista digital, Buenos Aires, ano 12, nº 112. Setembro de 2007. .

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de. Modernidade e integração na Amazônia: *Intelligentsia e Broadcasting* no entre guerra. (Dissertação). Belém: IFCH/PPHIST/UFPA, 2011.

PALLONE, Simone. Diferenciando subúrbio de periferia. Ciência e cultura, Vol. 57, nº 2, São Paulo Abril/Junho de 2005.

PARKER, Stanley. A sociologia do lazer. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.

PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda. Footballmania: uma historia social do futebol no Rio de Janeiro(1902-1938) RJ: Nova Fronteira, 2000.

_____. “Prefácio”.IN:DE HOLANDA, Bernardo Borges Buarque, “*O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do rego*”. Rio de Janeiro: edições Biblioteca Nacional, 2004.

_____. Do carnaval da intendência a folia amazônica. In: *Revista Humanitas: cultura e sociedade*. Belém:CFCH/UFPA, v 18, nº 2, 2002.

_____. A literatura entra em campo: Lima Barreto e Coelho Neto na *Belle époque* do futebol. In: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*, Belém, vol. 12. Nº 1/2 , jan- a dez 1993. P.p. 29-40.

POMAR, Wladimir. Sobre o livro: Pedro Pomar-uma vida em vermelho. In: *Fontes, Edilza Joana de Oliveira & BEZERRA NETO, José Maia. (orgs). Belém: Paka-tatu, 2007.*

POMER, Léon. Paraguai: nossa guerra contra este soldado. 2ª edição, São Paulo: Global, 1984.

PRINS, Gwyn. História oral. In: *Burke, Peter. A escrita da história:Novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

REIS, José Carlos. “O surgimento da ‘Escola dos Annales’ e o seu ‘Programa’”. IN: *Escolas dos Annales – A invenção em História*. São Paulo: Paz & Terra, 2000.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Brasil: futebol e identidade nacional. Revista digital- Buenos-Aires – ano 8 – nº 56 – Enero de 2003.

RODRIGUES, Carmem Izabel. Vem do bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano. Belém: Editora do NAEA, 2008.

_____. O bairro do Jurunas, a beira do rio Guamá. Revista Mosaico, Vol. I, nº 2, p.p. 143-156. Jul/dez – 2008.

RODRIGUES, José Edilson Cardoso.(et al). Análise da cobertura vegetal como indicador de qualidade ambiental em áreas urbanas: Um estudo de caso do bairro da Pedreira – Belém/PA. VI Seminário Latino Americano de Geografia Física II Seminário Ibero Americano de Geografia Física Universidade de Coimbra, Maio de 2010.

SALLES, Ricardo. Guerra do Paraguai: escravidão e cidadania na formação do Exército. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

SAMPAIO, Patrícia Melo. Economia da borracha na Amazônia. Belém: 1ª edição, Estudos amazônicos, 2011.

SANTOS NETO, José Moraes dos. Visão do jogo – primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SANTOS, Ricardo Pinto dos. Uma breve história social do Esporte no Rio de Janeiro. In: TEIXEIRA, Francisco Carlos & SANTOS, Ricardo Pinto do. (organizadores) Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad Editora, FAPERJ, 2006.

_____. Rio de Janeiro e Buenos Aires: a violência no discurso da imprensa sobre as camadas populares nos primórdios do futebol. In: MELO, Victor Andrade de.(org) História Comparada do esporte. Rio de Janeiro: Shade 2007.

SARGES, Maria de Nazaré. Belém: Riquezas produzindo a Belle-Époque (1870-1912). Belém: Paka-tatu, 2000.

_____. Memórias do Velho Intendente: Antonio Lemos (1869-1973). Belém: Paka-tatu, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das letras, 1992.

_____. Futebol, metrópoles e desastros. Revista da USP, nº 22, 1994.

SKIDMORE, Thomas “De Getúlio a Castelo” Paz e Terra 10ª Edição, 1996.

SODRÉ, Nelson Werneck. História Militar do Brasil. 2ª edição, São Paulo, 2012.

SOTO, Willian Héctor Gómez. Suburbio, periferia e Vida cotidiana. Estudo Soc. agric., Rio de Janeiro, Vol. 16, nº01, 2008, p.p. 109-131

SOUSA, Rosana de Fátima Padilha de. Reduto de São Jose: História e Memória de um bairro operário(1920-1940), Dissertação, PPHIST/UFPA, 2009, p.13.

THOMPSON, E.P. Folclore, antropologia e história social. In: *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas, SP: ED. UNICAMP, 2001.

_____. A formação da classe operária inglesa. Vol. I A árvore da liberdade; Vol. II A madição de Adão; Vol. III A força dos trabalhadores - Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular e tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

_____. Senhores e caçadores: a origem da lei negra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

TOLEDO, Luis Henrique de. No país do futebol. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editora. 2000.

TRINDADE JUNIOR, Saint-Clair Cordeiro da. Produção e uso do espaço urbano em Belém: NAEA, 1997.

TUBINO, Manoel José Gomes. O que é esporte. São Paulo: Brasiliense, 2006.

WILM, Luciana. COSTA, Mauricio, Et Al. A beira e o bairro: usos e apropriações do espaço urbano no Jurunas. In: *SILVA, Luis de Jesus Dias da. PONTE, Juliano Pamplona Ximenes.(org.) Urbanização e ambiente: experiências de pesquisa na Amazônia Oriental*. Belém: Paka-tatu, 2011.

REFERÊNCIAS CONSULTADAS:

AQUINO, Rubim Santos Leão, Futebol, uma paixão nacional, RJ: Jorge Zahar Ed; 2002.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CASTRO, Ruy, “Estrela solitária, um brasileiro chamado Garrincha”, Companhia das Letras, SP, 1995.

DAMATTA, Roberto, 1936. Carnavais, Malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro. 6ª edição, RJ, Rocco: 1997.

DA SILVA, João Luis Maximo, “O impacto do gás e da eletricidade na casa paulistana (1870-1930)”, Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Orientador: Prof. Dr. Ulpiano T. Bezerra de Meneses. São Paulo 2002.

DAVES, Natalie Zemon, “Culturas do povo: Sociedade e cultura no início da França moderna”, tradução Mariza Corrêa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

DOUGAN, Andy, “Futebol e Guerra”, Jorge Zahar ed; Tradução Maria Inês Duque Estrada, RJ 2001.

FARIA, Heloisa, “A Cidade do Reclame: Propaganda e Periodismo em São Paulo – 1890/1915” in: Projeto de História, nº 13, 1996.

MELO, Victor Andrade de. Cinema e esporte: Diálogos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

MONTEIRO, Walcyr, Visagens e assombrações de Belém, 4ª ed. – Belém: Paka-Tatu – 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano-Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

REVISTA PLACAR, “as grande reportagens” coleção de aniversario edição nº 03, 2005.

REVISTA DE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA NACIONAL “a conquista do mundo historia de uma paixão nacional, como nasce e se populariza o jogo de bola, do fracasso das primeiras copas ao sonho do hexa, a dor de 1950: visões de Eduardo Galeano e Armando Nogueira”.

REVISTA COPA-SUPER INTERESSANTE, “A história da bola nos 32 países que vão ao mundial”. 2006.

REVISTA PLACAR, A história do Penta, os momentos inesquecíveis de cada craque na conquista das cinco copas 2006.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas (1881-1921). Rio de Janeiro: Secretária Municipal do Rio de Janeiro, 1995.

SANTOS, José Luiz dos, “O que é Cultura”, Ed. Brasiliense, Coleção Primeiros Passos, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TOLEDO, Luis Henrique. A cidade das torcidas: representações do espaço urbano entre torcedores e torcidas de futebol na cidade de São Paulo. In: MAGNANI, José Guilherme Cantor e TORRES, Lilian de Lucca. (orgs) Na Metrópole: Textos de antropologia urbana. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Fapesp, 1996.

WITTER, José Sebastião, “o que é futebol”, ed brasiliense, SP, 1990.

FONTES

Jornais:

O Estado do Pará

O Estado do Pará 09-01- 1938,
O Estado do Pará: 16/01/1938
O Estado do Pará 09/03/1938.
O Estado do Pará, 12/04/1938
O Estado do Pará, caderno Vida esportiva, 30/04/1938.
O Estado do Pará 15/05/1938.
O Estado do Pará 03/06/1938.
O Estado do Pará, Caderno Vida esportiva, 03/07/1938
O Estado do Pará: 15/07/1938.
O Estado do Pará, caderno Vida Esportiva 20/08/1938.
O Estado do Pará, 4ª página, caderno Vida esportiva, 07/07/1942.
O Estado do Pará, 04/07/1944.
O Estado do Pará” 09/04/1944, p.5.
O Estado do Pará, 08/11/1944.
O Estado do Pará, 04/01/1949.

O Liberal

O Liberal 29/11/1946
O Liberal 15/01/1951
O Liberal 26/01/1951
O Liberal 01/12/1951.
O Liberal 19/ 12/ 1951
O Liberal, 02/02/1952.
O Liberal 17 02 1952
O Liberal, 18 09 1952
O Liberal 04/ 01/1952.
O Liberal, 01/10/1952,
*O Liberal*18 07 1952
O Liberal 06 11 1952.
O Liberal, 31 01 1952;
O Liberal. 08/02/1952.

O Diário do Pará

O Diário do Pará:26/07/1995.
O Diário do Pará 10/04/1987

A Província do Pará

A Província do Pará, 01/08/1920.

A Província do Pará, 1º caderno, p.12. terça-feira, 04 de fevereiro de 1992.

Folha Vespertina

Folha Vespertina, O Dia Policial 12/02/1941 – 2ª PAGINA.

Folha Vespertina – 08/02/1941 – 3ª página.

Folha Vespertina 07/02/1941.

Folha Vespertina 08.02.1941

Folha Vespertina 11/02/1941

A Folha do Norte

A Folha do Norte, Notas sportivas, 09 de janeiro de 1914.

A Folha do Norte 19 de julho, 31 de julho e 18 e 31 de julho de 1914.

A Folha do Norte 06 agosto de 1914 e 25 de agosto de 1914.

A Folha do Norte, 08/01/1931.

A Folha do Norte, 05/09/1931.

A Vanguarda

A Vanguarda, 02/04/1938.

A Vanguarda, 16/05/1938. Nº 260.

Revistas:

A Semana, 01/03/1919.

A Semana, Caderno A Semana Sportiva, 08/02/1919.

A Semana, vol. II. nº. 89 - 06/12/ 1919.

A Semana, 13/05/1919.

A Semana, dia 24/05/1919.

A Semana, 30/05/1919.

A Semana, 07/02/1920. Vol. 02, nº 97.

A Semana, 15/05/1920- vol. 03, nº111.

A Semana, 18/09/1920.

A Semana Sportiva , 15 / 05/1920

A Semana”, 29/05/1920, nº 113, vol. 3.

A Semana nº 171, volume 04, 16/07/1921.

A Semana, Caderno A Semana Sportiva – 30 / 07/1921- nº 173,/ vol.04.

A Semana 29/12/1923.

A Semana 02/07/1921

A Semana 09/07/1921
A Semana 15/04/1922.
A Semana, 13/05/1922, nº 13.
A Semana 15/09/1928.
A Semana, Sports, nº 66, 11/04/1931.
A Semana, nº 659, 23/03/1931.
A Semana 30/01/1932.
A Semana, 05/11/1938;

Troppo, nº 269, pp. 6-7 encartado no *jornal O liberal* no dia 13/01/2002.

Revista *Gol* , Belém 30/12/ 1975 a 05/01/1976. P.p. 23-25.

Gol revista semanal do esporte paraense, ano I, nº 25 ? /?/ 1976.

Gol, 06/03/1978, ano II, nº 37.

Gol, nº 43, ano II, 25/04/1978.

BARROS, Thiago & ALENCAR, Jocelyn. Uma breve história sobre o football na Amazônia. in: Revista *Amazônia viva: Amazônia, terra do futebol. No mês da Copa do mundo no Brasil, conheça como o esporte que se tornou paixão nacional chegou a região no início do século XX. Belém: O Liberal*, edição nº 34, ano 3, Junho de 2014. p.p. 36-43.

Guajarina, 01/05/1931.

LIVROS:

BORGES, Ricardo, *Revista Vultos notáveis do Pará*, 2ª Ed., Revista aumentada comemorativa do centenário do nascimento de Deodoro de Mendonça. Edições CEJUP, Belém, 1986.

CORDEIRO, Paulo. O futebol da Vigia. De 1920-1985. Vigia-Pa: 2009.

CRUZ, Ernesto. “História do Clube do Remo de 1905 a 1969”.
 _____ As obras públicas no Pará. Volume II. Belém: Governo do Estado do Pará, 1967.

_____. Ruas de Belém. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

_____. Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações. 2ª edição, Belém: CEJUP, 2013.

_____. O Poder Judiciário do Pará: três períodos Políticos: Colonial, Imperial e Republicano. (28 de agosto de 1758 a 20 de dezembro de 1911) Belém: Edição do Governo do Estado do Pará, I volume, 1974.

_____. História de Belém. 1º e 2º volume. Belém: coleção amazônica, série José Veríssimo, UFPA, 1973.

DA COSTA, Ferreira. A Enciclopédia do futebol paraense, Belém:1999, vol. I.

_____. Leão Azul centenário. Belem-Pa: 2006.

_____. Remo x Paysandú: O clássico mais disputado do futebol mundial. Belém: 2009.

_____. Memorial Cruzmaltino. Belém: 2012.

_____. Papão: 90 anos de paixão e glórias. Belém: 2004.

_____. Parazão centenário: A história do campeonato paraense de futebol, Belém: 2012.

_____. Gigantes do Futebol Paraense: biografias de jogadores de destaque em 100 anos de História. Belém: Haley S.A. gráfica e editora, vol I, 2014.

_____. Remo x Paysandú: uma guerra centenária. Belém: 2015.

Dicionário Barsa de Língua portuguesa. São Paulo: Barsa planeta, 2008. p.1084.

FIGUEIREDO, Napoleão. Rezadores, pajés e pujanças. Belém: BOITEMPO, UFPA, 1ª EDIÇÃO, 1979.

GONÇALVES, Fátima. VIEIRA, Ruth. Ligo o rádio para sonhar. Belém: Prefeitura Municipal de Belém, 2003.

GRANHEN, Jorge. A verdadeira história de Marituba. Marituba: 2002.

INSTITUTO DO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO-SOCIAL DO PARÁ. Belém: estudo ambiental do estuário Guajará. Belém: IDESP, 1990.

JURANDIR, Dalcídio. *Ponte do Galo*. São Paulo: Martins; Rio de Janeiro: INL, 1971.

_____. *Os Habitantes*. Rio de Janeiro: Artenova, 1976.

_____. *Passagem dos Inocentes*. Belém: Falangola, 1984

_____. *Chão dos Lobos*. Rio de Janeiro: Record, 1976.

LOBO, Luís. História Militar do Pará. Rio de Janeiro: Biblioteca militar, Bedeschi, 1942.

LEAL, Expedito. RE-PA: Rivalidade gloriosa. Belém: Meta editorial e propaganda ltda. 2013.

LINDENBERG, Adolfo & GODINHO, Vítor. Norte do Brasil através do Amazonas, do Pará e do Maranhão. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2011.

MACHADO, Francisco Ribeiro. Visão histórica da Polícia Militar: pesquisa e compilação. Belém: IOEPA, 2012.

MAMEDE, Inálio. antonte, ontem e hoje. Belém: editora WS gráfica, 2014.

MARANHÃO, Haroldo. Dicionário do futebol. Rio de Janeiro: Record, 1998.

MENEZES, Bruno de. Obras completas de Bruno de Menezes. Lendo o Pará, 14, Edição Especial, Folclore, Vol. II, Belém: Secretaria estadual de cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993, p. 11.

_____. Lua Sonâmbula: poemas. Belém: Falângola, 1953.
IN: MENEZES, Bruno de. Obras Completas de Bruno de Menezes. Belém: Secult / Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MESQUITA, Lindolfo (Zé Vicente). História do meu subúrbio: Chronicas humorísticas. Belém: Ofs. Grafts. Revista da veterinária, 1941.

OLIVEIRA, Alfredo. Carnaval paraense. Belém: Secult, 2006.

PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Castro, Ribamar (org.). Belém: Imprensa Oficial, 2002.

PARÁ, Governo do Estado. Atos dos governadores. Vol. I, 1891-1930. Castro, Ribamar (org.). Belém: Imprensa Oficial, 2011.

PENTEADO, Antônio Rocha. Belém: estudo da geografia urbana. Belém: edufpa. Coleção Amazônica, Série José Veríssimo, 1º e 2º volume, 1968.

PIMENTA, Guilherme. Sacramento, 90 anos de história. Belém: Cromos, 2013.

RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos (1915-2000). Livro Não Publicado encontrado no arquivo do Clube São Domingos: Jurunas, Belém-Pa, 2000.

RÊGO, Orlando M. de Moraes. Calendário histórico de Belém (1616-1946) Belém: Instituto Histórico e Geográfico do Pará e Fundação Cultural do Estado do Pará, 1979.

_____.Retrospectivo histórico da Polícia Militar do Estado do Pará (1822-1930).

REIS, Nélío. Subúrbio. Rio de Janeiro: livraria José Olympio editora, 1937.

RIBEIRO, De Campos. Gostosa Belém de outrora. Belém: Secult, 2005.

ROCQUE, Carlos.História Geral de Belém e do Grão-Pará. Belém: Distribel, 2001.

_____.Depoimentos para história política do Pará. Belém: Mitograph editora ltda, 1981.

_____.A formação revolucionária do Tenente Barata. Belém: Fundação Rômulo Maiorana, 1983.

TOCANTINS, Leandro. Santa Maria de Belém do Grão-Pará: Instantes e evocações da cidade. Belo Horizonte: Editora Itatiaia ltda, 1987.

TUPIASSÚ, Amilcar Alves. A área metropolitana de Belém. Belém: Instituto do Desenvolvimento Econômico-Social do Pará-IDESP, Série monografias, 1968. Anexos.

VALENTE, José. A história nas Ruas de Belém: Marco e Pedreira. Belém: CEJUP, 1993.

Relatório Municipal

- Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém em Sessão de 20 de maio de 1930 pelo Intendente Municipal Senador Antonio de Almeida Facíola.

ÁLBUNS

ALBUM DO PARÁ, 1899. GOVERNO PAES DE CARVALHO.

Albúm Revista de Belém. Souza Cabral. Caixa postal nº 647. Pará. Sem data.

Belém da Saudade: a memória da Belém do início do século em cartões-postais. 2ª edição. Belém: Secult, 1998.

OFÍCIOS:

TIME NEGRA SPORT CLUBE. Ofício expedido ao São Domingos s/n 17 de junho de 1937. Festival esportivo convidando o São Domingos e organizado pela rádio clube no campo do clube do Remo.

SÃO PEDRO JÓQUEI CLUB. Ofício s/n 27 de abril de 1936, São Pedro jóquei club convidando o “campeão suburbano”.

TRIUMPHO SPORT CLUB Ofício s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935- aceite do convite de festival.

ANDARAHY SPORT CLUBE Fundado em 24/02/1926, Ofício s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935- aceite do convite de festival.

CLUBE UBERABINHA, Ofício expedido ao S.Domingos em 06/01/1936.

USINA, Ofício nº 18 expedido ao São Domingos, 25 de outubro de 1935. Convite ao São Domingos para fazer amistosos na sua praça de esportes.

BELÉM SPORT, Ofício expedido do São Domingos s/n de 21 de agosto de 1935.

GAUCHO SPORT CLUBE, Ofício Expedido ao São Domingos de 23 de novembro de 1935.

CARIPUNAS, Ofício expedido ao São Domingos, 21 de dezembro de 1935.

TYMBIRAS, Ofício expedido ao São Domingos de 30 de setembro de 1935. Uma taça que estava em seu poder e o time tinha que jogar futebol com o **VILLA POMBO**.

BOQUEIRÃO, Ofício expedido ao São Domingos, 09 de janeiro de 1936, sede social r dos tymbiras 907, campo de sports mesmo local.

VILLA POMBO Ofício s/nº expedido ao São Domingos de 10 DEZ 1935.

FAÍSCA, Ofício s/nº expedido de 27 dez 1935 em resposta ao Grêmio interno do São Domingos denominado de **Jurunas A. Club**, explicando o motivo da não participação no festival que ocorreria no campo do **Santo Amaro**.

Ofício s/n da **Policia Militar do Pará**, 20 de Julho de 1937. Assinado pelo Comandante Geral da Instituição a época, CEL José Manoel Ferreira Coelho, convidando o Clube São Domingos para participar da Corrida denominada “Volta da cidade”.

Ofício enviado pelo Rancho não posso me amofiná ao São Domingos. 14 de agosto de 1935. **Fonte:** pesquisa documental no arquivo do São Domingos ocorrida no dia 17/09/2014.

BILHETES, COMPROVANTES DE PAGAMENTO:

Bilhete datado de 22 11 de 1935 onde o **TYMBIRAS** recebe uma taça do jogo que terminou empatado com o **VILLA POMBO** do Jurunas.

Bilhete do jornalista Edgar Proença ao São Domingos no ano de 1936 solicitando um convite para um amigo. **Fonte:** pesquisa documental nos arquivos do São Domingos no período de setembro de 2014 a janeiro de 2015.

Bilhete do senhor Pedro dos Santos Martins ao Clube São Domingos Fonte: Pesquisa no arquivo documental do São Domingos ocorrida no período de setembro a dezembro de 2014.

Comprovante de pagamento de mensalidade de sócio do clube, no ano de 1937. Fonte: pesquisa documental na sede do SÃO DOMINGOS, 2014.

REGULAMENTOS:

Regulamento da corrida “volta da cidade” do ano de 1937. Arquivo documental do São Domingos. Pesquisa realizada de setembro a dezembro de 2014.

CMA/ UFPA:

PROCESSOS - CRIME:

- CMA – UFPA – TJE – SERIE CRIME – 6ª Vara criminal sub serie LESÕES CORPORAIS. Tipologia crime contra a pessoa; notação 21; Nº DE PROC. 21 Estante M 2 – PRATELEIRA 1 – SEÇÃO 5 – ANOS 1938- 1942- 1944- 1945 – 1946 - 1 - ANO – 1946 – LESOES COPORAIS GRAVES – 6ª VARA CRIMINAL – decisão

de arquivamento – 08-08-1947. Autuação 13-02-1946. Vitima Antonio Pereira de Souza – indicado desconhecido .

ESTATUTOS DOS CLUBES:

JABAQUARA ESPORTE CLUBE - Centro de Memória da Amazônia/UFPA - ano 1945- CX 06, DOC 24.

VIAÇÃO BENEFICENTE ESPORTE CLUBE Fundado em 28/02/1938, Estatuto dos clubes Centro de Memória da Amazônia, ANO 1944, CX 06, DOC 02.

ESPORTE CLUBE SANTA MARIA, Fundado em 03/11/1945. Estatuto dos clubes Centro de Memória da Amazônia, ANO 1946, CX 06, DOC 39.

NORTE AMÉRICA Fundado em 09/02/1947, Estatuto dos Clubes/Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ANO 1947, CX 06, DOC. 58;.

C. A. FLORESTA DA PEDREIRA Fundado em 01/01/1942, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano , CX

ESPORTE CLUB ALEGRIA Fundado em 30/12/1940, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano , CX

BLOQUEIO FUTEBOL CLUBE Fundado em 01/01/1940, Estatuto dos clubes/ Centro de Memória da Amazônia/UFPA, ano , CX

GRAM PARÁ SPORT CLUB, Ano de 1933, Estatuto dos Clubes, Cx 04, doc. 26.

S. DOMINGOS SPORT CLUB – 1932- CMA (Centro de Memória da Amazônia) – UFPA. CX. 04 DOC. 11.

SACRAMENTA SPORT CLUB, 1942, CMA/UFPA. CARTÓRIO DE TÍTULOS E DOCUMENTOS, SÉRIE ESTATUTOS, CX 05, DOC 44.

RECIFE ESPORTE CLUBE, CMA/UFPA- ESTATUTO DOS CLUBES ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 55. ANO 1946.

5 DE OUTUBRO ESPORTE CLUBE. CMA/UFPA- ESTATUTO DOS CLUBES. ANO 1942, CX 05, DOC. 38.

IMPERIAL SPORT CLUB CMA/UFPA- ESTATUTO DOS CLUBES, CX 04, DOC. 35, ANO 1936. FUNDAÇÃO 23/08/1935. Revista gol. Ano I, nº 20, 30/12/1975 a 05/01/1976. P.p. 23-26.

CLUBE LUSO BRASILEIRO foi fundado no dia 17 de fevereiro de 1917, participava dos campeonatos oficiais e dos festivais esportivos. Centro de Memória da Amazônia- UFPA, ano 1918, Caixa 2, Documento 51.

GUARANY FOOT BALL CLUB, fundado em 1907. Cartório de títulos e documentos (1872-1909), série estatutos, 1907, cx 01, CMA/UFPA.

SPORT CLUB DO PARÁ, fundação em 1896, Cartório de títulos e documentos, série estatutos, 1927, Cx 02, Doc 50. CMA/UFPA.

ITÁLIA SPORT CLUB, Fundado em 13 de maio de 1926. ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 03, DOC. 35. ANO 1926.

YOLE CLUB, fundado em 30 de novembro de 1916. Estatutos dos Clubes CMA/UFPA, CX 02, DOC. 44. 1917.

CEDRO ESPORTE CLUBE, FUNDADO 08 DE MARÇO DE 1925, ESTATUTOS DOS CLUBES, CX 07, DOC 13, CMA/UFPA.

SYRIO SPORT CLUB, 08/03/1925 ESTATUTOS DOS CLUBES. CMA/UFPA, CX 05, DOC. 35, ANO 1942.

Ficha de sócios do São Domingos- arquivo do São Domingos

Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Edgar de Campos Proença. Sócio honorário. Nº 12, 13/08/1923.

NOME <i>Alcides de Mello</i>		REG. <i>11</i>
DATA DO NASCIMENTO	DATA DA ENTRADA	DATA DA SAÍDA
CLASSE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL
PROFISSÃO	RESID.	
PROFICIENTE	HISTÓRICO	
<i>Redator do Jornal o "Atletico"</i>		
NOME <i>Edgar de Campos Proença</i>		REG. <i>12</i>
DATA DO NASCIMENTO	DATA DA ENTRADA	DATA DA SAÍDA
CLASSE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL
PROFISSÃO	RESID.	
PROFICIENTE	HISTÓRICO	
<i>Socio honorario em 28.2.23</i>		

Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Abelardo Leão Condurú. Nº 150, 30/05/1923.

NOME	Abelardo Leão Condurú		REG. 150
DATA DO NASCIMENTO	DATA DA ENTRADA	DATA DA SAÍDA	
	30/5/1923		
CLASSE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	
PROFISSÃO	RES.		
PROFICIENTE	HISTÓRICO		

Ficha de registro de sócios do Clube São Domingos- Laurestino Soares. Sócio honorário. nº 28, 19/04/1932.

NOME	Laurestino Soares		REG. 28
DATA DO NASCIMENTO	DATA DA ENTRADA	DATA DA SAÍDA	
CLASSE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	
PROFISSÃO	RES.		
PROFICIENTE	HISTÓRICO		

Laurestino Soares em 24.6.1932. Agradecido em 6.7.1932, sua data de entrada.

NOME	Laurestino Soares		REG. 28
DATA DO NASCIMENTO	DATA DA ENTRADA	DATA DA SAÍDA	
CLASSE	NATURALIDADE	ESTADO CIVIL	
PROFISSÃO	RES.		
PROFICIENTE	HISTÓRICO		

Laurestino Soares em 11.4.1932

SITES E BLOGS:

ARTIGO DE SERGIO MELLO ACESSADO NO DIA 04 FEV 15.

Acessado no dia 14 de julho de 2013.

BRAGA, Sergio Buarque. Quem foi quem na Assembléia Constituinte de 1946, um perfil sócio-econômico e regional da Constituinte de 1946. Artigo. Brasília, vol. I, 1998. Ver: , 12/08/2007.

, 12/08/2007.

PESQUISA NESSE SITE NO DIA 14 DE OUTUBRO DE 2013..

DIAS, Cleber. Esportista, militar e cidadão. História(s) do sport. O blog do laboratório sport. Pesquisado no dia 03/08/2015.

PANTOLFO, Sergio Martins. Centenário do poeta Antonio Tavernard. pesquisado no dia 07/08/2015.

BARROCCO, Enzo Carlo. Antonio Tavernard: o passáro doente. Blog de GALVÃO, Hélio Augusto. Pesquisado no dia 07/08/2015.

Antonio Tavernard. pesquisado no dia 07/08/2015.

BARROS, Thiago. As marcas britânicas do futebol na Amazônia. (Partes 1,2 e 3.) Escrito no dia 21/08/2014. .

- Sobre o cineasta Renato Tapajós estive em Belém em outubro de 2007, onde apresentou alguns de seus trabalhos. De forte teor político, os filmes retratam momentos cruciais da história do Brasil, como a repressão ao movimento estudantil durante a Ditadura Militar. Após os filmes, Tapajós participou de bate-papo com os espectadores. A programação fez parte do lançamento da revista PZZ nº. 04 Tempos de Resistência que você pode acessar através do link ou pelo site ["Vila da Barca"](#) - Documentário de curta

metragem sobre a favela construída sobre palafitas em Belém do Pará' (1964-65), prêmio de melhor documentário no Festival Internacional do Filme de Curta Metragem de Leipzig, Alemanha Oriental (1968) foi o primeiro filme de Renato Tapajós. Barca: . O filme é de 1964-65.

FILMES:

History of futebol, Fifa, 2005.

ENTREVISTAS

Entrevista feita pelo Prof. Itamar Rogério Pereira Gaudêncio discente do PPHIST/ UFPA.

1 - Maria de Belém Pinheiro Cavalcante Mamede, 71 anos, Presidente do Conselho do Clube São Domingos, no dia 17/09/2014. Perguntas sobre a participação de clubes de bairros nos festivais no Clube São Domingos.

1 - Edilson dos Santos Ferreira, 45 anos, o gerente do Clube São Domingos. Trabalha no São domingos a cerca de 17 anos. Na época da entrevista. O mesmo apresentou e comentou sobre cada objeto da sala de troféus do clube. Entrevista produzida no dia 14/09/2014.

2 - Arlindo Nazaretino Leitão, com 75 anos de idade, 60 anos de clube, é diretor de finanças do clube Imperial e o responsável pelo patrimônio do clube. Conseguir uma conversa informal com o mesmo sobre o clube. Nesta conversa o mesmo afirmava que o clube iniciou com membros da sua família. Entrevista informal realizada no dia 13 de setembro de 2014.

4- Adir, Doroca, Luís e Léo, todos os senhores na faixa de 70 anos de idade. Sócios do clube. entrevista informal. Os mesmo aceitaram falar sobre o clube. 15/10/2013.

APÊNDICE

ANEXOS

TABELAS POR BAIRROS

TABELAS DE CLUBES POR BAIRROS, CAMPOS DE FUTEBOL E FONTES

1 - BAIRRO DA BATISTA CAMPOS

<u>CLUBES</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	
Esporte clube Sergipe	25.10.1945	Estatuto dos clubes CMA/UFPA CX DOC. 45. 1946.	
03 de Maio Sport Club	03.05.1943	Estatuto dos clubes CMA/UFPA	
Esporte clube Pratinha	10.12.1947	Estatuto dos clubes CMA/UFPA CX DOC. 65 ANO 1948.	
São cristovão juvenil c.	30.07.1944	Estatuto dos clubes cx 06 doc 5, 1944.	
Liberto Esporte Clube(Possui campo de futebol)	18.10.1918 – reorganizado em 19	Ofício Expedido ao S Domingos 2 1935. Estatuto dos clubes, ano 1941, 05, doc. 14. Ano 1941.	
Santa Cruz	?	Ofício expedido convidando o Domingos nº 63 ?/08/1935 – 29 setembro próximo festival anual c time.	Sede social Padre Eutichio 49
Libertador (time interno do libe disputava festivais)	?	Ofício expedido 26/08/1935 do g técnico tucano ao São Domi convidando para o festival sportivo iria realizar no campo do Liberto. qual é citado o clube Libertador c clube.	

07 CLUBES

01 campo de futebol.

<u>Campo de futebol e endereço</u>	<u>Quantidade</u>	<u>FONTE</u>
<u>LIBERTO – TV PADRE EUTIQUE</u> <u>992</u>	<u>01</u>	<u>Ofício expedido ao S</u> <u>domingos 28 12 1935.</u>

2- BAIRRO DA CAMPINA (BAIRRO COMERCIAL)

<u>CLUBES</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	
1 - Alfa Clube		<i>O Liberal</i> 12 12 52	
2 –Sociedade Recreativa Carnavalesca Dissidentes da Camp		<i>O Liberal</i> 02 05 1952	
3 –Belém Recreativo Clube		(<i>O Liberal</i> , 01 12 1951) rua santo antonio 106 01 52	
4 – Assembleia Paraense(Associação do Comércio a Retalho do Pará)	27 DE DEZEMBRO 1915	Acessado no dia 14 de julho de 20 Estatuto dos Clubes, CMA/UFPA baile carnaval – 12 02 52 – festas dos brotinho carnaval inferno verde. CRUZ, Erne História de Belém. 2º vol. Coleção Veríssimo. Belém: UFPA, 1973.	
5 – Paraense Esporte Clube	?	Paraense Esporte Clube. (<i>O Liberal</i> 01 12 1	

		13 12 51; - maioral das Mercês - 16 02 Grêmio alvi rubro.	
6 – Prático Futebol Clube	?	Sociedade de Estudantes da Escola prática comércio. <i>A Semana</i> 21/11/1931.	
7 – Paraná Esporte Clube	10 de janeiro de 1951	Estatuto dos clubes. CMA/UFPA cx 07 do ano de 1953; sede Travessa das Mercedes	
8 – Hellenico Sport Club	04 de fevereiro de 1933	Ofício expedido ao São Domingos nº 20 14 junho de 1935.	<u>Sede av assis</u> <u>vasconcelos</u>
9 – Rio Negro Athletico Club	01 de julho de 1936	Ofício expedido ao São Domingos 12 de agosto 1937. <i>O Liberal</i> 21/11/1946 festival do Rio n no campo paysandú.	<u>Sede tv são Franc</u> <u>102</u>
10 – Trindade Athletico club	?	Ofício nº 13 expedido ao São Domingos 01 agosto de 1937. Convite ao São Domingos um festival esportivo no dia 26 de setembro 1937.	<u>Rua padre prude</u> <u>529 campina</u>
<u>11 - América Sport Clube</u>	<u>?</u>	- Ofício nº 10 expedido ao São Domingos 1 outubro de 1935. Convite para jogo amistoso <i>Semana</i> 05/11/1938; Festival suburbano homenagem ao prefeito Abelardo Condurú, cl de varios bairros.	<u>Localizado na rua</u> <u>Matheus 935</u>
12– Combate Sport Club	13 de maio de 1933	Ofício expedido ao São Domingos s/n de 01 junho de 1937. Convite ao São Domingos pa seu festival no campo do Santo Amaro.	
13 Batutas do Tenoné	Fundado em 15 de agosto de 1922.	Ofício expedidos ao São Domingos de 18 dezembro de 1935. <i>Folha do Norte</i> 05 setembro time da rapaziada do comércio festival ocorreu na sede do Syrio Sport Club em Nazaré	<u>Grêmio da rapaziad</u> <u>comercio</u>
14 - 15 de julho Sport Club 1 interno do Combate	?	Ofício expedido ao São Domingos 09 dezembro de 1935	<u>Uma resposta</u> <u>combate ao</u> <u>domingos</u>

TOTAL 14 CLUBES.

3 - BAIRRO DA CREMAÇÃO

CLUBES	? DATA DE FUNDAÇÃO	FONTES	
Norte Brasileiro	07 de setembro de 1924	Ofício nº 62 expedido ao domingos 27 de outubro de 1951 estatutos dos clubes O lit 01.12.1951	Sede Caripunas 1718
Dramático Esporte Cl	13/02/1933	Estatuto CMA/UFPA. Ano 1952 cx 06, doc. 020; <i>O Liberal</i> 01.12.1952	

02 CLUBES

01 campo de futebol

Campo de futebol – 9 de janeiro 997. Norte brasileiro –.

4 - BAIRRO DE CANUDOS

TIMES	FUNDAÇÃO	FONTES
Cruzmalino futebol clube	01.06.1947	Estatuto dos Clubes CMA/UFPA, cx 06, 57. <i>O Liberal</i> , 03 11 1952; <i>O Liberal</i> 09 1952, jogo em Marapanim.
Belmont		Clube da “marinhada” <i>A Semana</i> 14-08-1946. Não tinha bairro, era um clube dos marinheiros. Jogo com Paysandú. <i>O Liberal</i> 25/11/1946. Festival do Belmonte Esporte Clube Gremio do bairro de Canudos
Vasco		Um jogo em 1936 com o Sacramento. <i>Reforma</i> 25/04/1978. <i>Gol</i> , reportagem sobre o Sacramento
Canudense Clube	09/03/1942	Estatuto dos Clubes, CMA/UFPA, ano 1952 CX 05 DOC 57

04 CLUBES

5 - BAIRRO DA CIDADE VELHA

15 Clubes

02 campos de futebol. Campo do Santo Amaro, Rua veiga cabral 221 canto com a tv carlos de carvalho; Gymnasio – Paes De Carvalho Campo . Largo dos quartéis.

CLUBES	DATA DE FUNDAÇÃO	FONTES	
1 -Brasil Clube	01.02.1946	Estatuto Dos Clubes CMA/UFPA CX DOC. 40. ANO 1946.	
2 - Clube do Remo	05.02.1905	Ofício expedido ao São Domingos nº 33/3-37 de 16 de abril de 1937. Ass fundação da Liga Paraense de Football. Estatutos dos Clubes “A Semana 12 1921, “velho grêmio do largo da sé”	Assunto fundação da Liga Para de football
3-Talismã Celotex Clube		<i>O Liberal</i> 03 09 1952.	
4 – Real Tuna Luso Caixeiral, 7 Luso Caixeiral, Comercial e Brasil	1.1. 1903.	Ofício Expedido ao São Domingos, 768 de julho de 1935. EMMI, Marília Ferr Um século de imigrações na Amaz brasileira. (1850-1950). Belém, NA 2013. p.p. 54; DA COSTA, Ferr Memorial cruzmaltino. Belém: 2012. p.p 15.	Filiado a Liga Atlética Paraense.
5 – Castelo Futebol Clube –		<i>O Estado do Pará</i> 02/05/1938, jogo com Uniaozinho, nos subúrbios; Cidade V suburbano empresta suas ativid desportistas- festa, big festa com jazz – 2 1952. <i>O Liberal</i> .	
6 – INTERNACIONAL		Livro História do Clube Do Remo F Uniforme todo branco. 1913. Doming feriadados no largo de São Bráz.	
7 – Paysandú Sport Club (NO CLUBE)	1914	Livro História do Clube Do Remo P. 9.N Clube chamado de time negro pelas cam pretas. 1913 domingos e feriadados no larg São Bráz.	
8 – Alenquer esporte clube	19.06.1932	Estatuto do Clubes. CMA/UFPA. 1932 <i>Semana</i> 26/08/1939. Clube elegante Cidade Velha, festa nos seus salões.	
9 – Alliança Sport Clube	05 de outubro de 1925	Ofício nº 59 de dezembro de 1935 expe ao São Domingos carteira de socio do an 1928 constando endereço do clube e an fundação.	<u>Praça veiga cabral 35 sede</u>
10 – Santo Amaro Sport Club	07 de setembro de 192 reorganizado em 16 dezembro de 1934	Ofício expedido ao São domingos de 2 dezembro de 1935 em resposta ao ofici nº 191 de 18 de dezembro de 1935	<u>Rua veiga cabral 221 Sede</u>
11- São Boaventura Athletico Club	15 DE NOVEMBRO DE 19	Ofício nº 161 expedido ao São Domingos 18 de dezembro de 1936. RODRIGU Theodorico. Histórico do São Domin (1915-2000)op. Cit. p. 32.	
12 - São Pedro Jôquei Club	1 de maio de 1925	Ofício expedido ao São domi convidando para festival esportivo 27 abril de 1938.	<u>Veiga cabral 296</u>
13 - Flosomar Sport Club.	Neste ofício o flosoc justifica sua ausência festival do SÃO Domingos.	Ofício expedido ao São Domingos 25 maio de 1935. <i>A Semana</i> 15/08/1942, fes suburbano azulino	Organização esportiva da flontilh amazonas. Filiado a liga de sport marinha – arsenal de marinha
Atheneu Foot ball Club	25/08/1914	Jornal <i>Folha do Norte</i> 25 de agosto de 1 – fundado nesta data por jo primeiroanista do Gymnásio Vinicius Nu	Gymnasio – Paes De Carv Campo .
Yole Club	30-11-1916	Estatutos dos Clubes CMA/UFPA. 1916.	

6 - BAIRRO DO GUAMÁ

TIMES	FUNDAÇÃO	FONTES
Onze Bandeirinhas Atlético Clube	03.03.1936	Estatuto CMA/UFPA, ANO 1944, CX DOC. 03. DIAS JUNIOR, José do Espírito Santo. Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi-bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém. op. Cit. 63-66
Guamá Foot Ball Club	?	Ofício expedido ao São Domingos do dia 01/10/1935, convite para jogar no festival.
Campos Sales do Guamá Clube	?	RODRIGUES, Theodorico. Histórico do São Domingos. (1915-2000)op. Cit. p. 32. <i>Liberal</i> 25 11 1946 – festival do Belmont.

03 CLUBES

7 - BAIRRO DO JURUNAS

1 - RECIFE ESPORTE CLUBE	05/09/1946	Estatuto dos clubes CMA/UFPA CX 06, DOC. 55. ANO 1946.
2 - SÃO DOMINGOS ESPORTE CLUBE	24.05.1915	Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA- Cx 04, doc. 11, ano 1932. Fundação 1915. Regulamento. P. 13-15, Nº 37, ANO II, 06/03/1978. Possuía campo de futebol.
3 - 05 DE OUTUBRO ESPORTE CLUB	05.10.1930	5 de Outubro Esporte Clube. CMA/UFPA- Estatuto dos Clubes. ano 1942, cx 05, doc. 38. Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 32.
4 - IMPERIAL SPORT CLUB	23.08.1935	Imperial Sport Club CMA/UFPA- Estatuto dos Clubes, cx 04, doc. 35, ano 1932. Fundação 23/08/1935.– Revista <i>Gol</i> . Ano I, nº 20, 30/12/1975 a 05/01/1976. P.p. 23. Possuía campo de futebol.
5 - IMPARCIAL ESPORTE CLUBE 6 - ATLETICO CLUBE GUARANI 7 - TAMOYOS SPORT CLUB 8 - JURUNAS ATLETICO CLUBE (clubes internos do s. domingos)	?	O liberal 16.05.1952 O liberal 16 02 52 Folha vespertina 07.02.1941 Jornal <i>O Estado do Pará</i> : 15/07/1938, Of. Exp. pelo Uberabinha ao S.Domingos 06/01/1936.
9 - SÃO MIGUEL ESPORTE CLUBE	?	São Miguel Esporte Clube – Festa na sua sede Batutas do ritmo sábado, São Domingos dançante. 18 09 1952 <i>O Liberal</i> . Sábado no São Miguel - bairro do Jurunas – sarau dançante – 19 12 1951 <i>O Liberal</i>
10 - IBÉRICO	?	A Semana 29/12/1923, notícia de um jogo entre dois rivaes antigos São Domingos e Ibérico.
11- BELÉM ESPORTE CLUBE (clubes da travessa do jurunas com conceição)	1918	O Belém foi fundando em 1918 após a 1ª Guerra Mundial pelo Senhor Pedro Cândido. Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 4. Ofício expedido do São Domingos s/n de 21 de agosto de 1935, ano 1935. O liberal 06 11 1952
12 - GAUCHO SPORT CLUB	06 DE SETEMBRO DE 1925	Ofício Expedido ao S Domingos De 23 De Novembro De 1935.
13 – CARIPUNAS SPORT CLUB		Ofício Expedido do Caripunas ao S Domingos 21 de dezembro de 1935. Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 3.
14 - USINA SPORT CLUB	07 DE ABRIL DE 1935	Ofício nº 18 expedido do Usina ao São domingos 25 de outubro de 1935. Convite ao

	1928	São Domingos a fazer amistosos na sua Praça de Esportes. (possuía campo de futebol)
15 – TYMBIRAS SPORT CLUB	16/12/1930	Ofício expedido do Tymbiras ao São Domingos de 30 de setembro de 1935. Uma taça que estava em seu poder e o time tinha que jogar futebol com o Villa Pombo. Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)”, não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 32.
16 – CLUBE ATLETICO BOQUEIRÃO (campo de futebol)	14 de abril de 1936	Ofício expedido ao São Domingos, 09 de janeiro de 1936, sede social e dos times 907, campo de sports mesmo local. . 09-01- 1938, O festival do Boqueirão, <i>O Estado do Pará; Folha vespertina</i> 08.02.1941. Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 3; e p. 32.
17 – MANGUEIRAS ATLETICO CLUB	?	Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 32. p. 3; Fundado possivelmente 1934.
18 – ORATÓRIO FESTIVO (campo do oratório)	?	Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. 3; e p. 39. Possivelmente fundado no ano de 1934.
19 - PALESTRA Itália esporte Clube (CAMPINHO)		<i>A Semana</i> , 30/01/1932, Nos Subúrbios. 12º aniversário do Palestra – Clubes em festa 17 02 1952 – <i>O Liberal</i> . Livro “Histórico do São Domingos (1915-2000)” não publicado, Theodorico Rodrigues. p. p. 32. Uma agremiação da família Fonseca p. 32.
20 - VILLA POMBO SPORT CLUB	?	Bilhete datado de 22 11 de 1935 onde o Tymbiras recebe uma taça do jogo que terminou empatado com o Villa pombo do Jurunas. Ofício expedido ao São Domingos de 30 de setembro de 1935. Uma taça que estava em seu poder TYMBIRAS e o time tinha que jogar futebol com o villa pombo. Ofício Do Villa Pombo ao São Domingos de 10 de 1935, o objetivo é informar e convidar o São Domingos sobre o festival esportivo.
21 - Faísca Juvenil Club	?	Ofício expedido do Faísca de 27 dez 1935 em resposta ao grêmio interno do São Domingos denominado de Jurunas A. Club, explicando o motivo da não participação no festival que ocorreria no campo do Santo Amaro.
22 - Botafogo Football Club	?	Jornal <i>A Folha do Norte</i> , 06 agosto de 1914 e 25 de agosto de 1914 jogava no Largo Penitenciária e endereço Tv dos Apinagés.

22 clubes no bairro.
08 campos de futebol.

8 - BAIRRO DA MATINHA – (Fátima)

Clube	Fundação	Fonte	Obs quant.
Mocanguê Sport Club	14 de maio de 1935	- Ofício nº 62 expedido ao São Domingos de 27 de outubro de 1935	
Bom sucesso futebol clube Incluía o bom sucesso infantil clube no outro ofício	?	Ofício expedido ao São Domingos possivelmente de 1937, esta sem data tem local sem fundação , possivelmente o mesmo do infantil Ofício expedido 24/08/1935. <i>O Estado do Pará</i> 10/03/1938. FESTIVAL ESPORTIVO BOM SUCESSO	Campo de sports tv castelo branco junto com a sede social.

Total: 02
01 campo de futebol.

9 – BAIRRO DA MARAMBAIA

São João Esporte Clube	1936	Visita ao clube no dia 22/10/14 e no dia 03/11/2014 – fotografia que mostra a data de fundação do Clube, tirada no dia da visita.	Campo de futebol proximo a sede do clube na Marambaia

01 clube
01 campo de futebol.

10 - BAIRRO DO MARCO DA LÉGUA

Clubes	Data de funda	Fontes	Total, Obs
1 -Madureira Esporte Clube	01.01.1942	Estatutos CMA/UFPA CX 05, DOC. 37. 1942.	4
2 -Veloz Esporte Clube	15.11.1944	Estatutos CMA/UFPA CX 06, DOC. 36. 1945.	
3 - Municipal Clube	01.05.1946	Estatuto dos clubes. CMA/UFPA. 1944.	
4 - Marco Sport Club	02 /04/1930	Oficio S/N Expedido ao São Domingos d de setembro de 1935. <i>Folha Do Norte</i> 01 janeiro de 1931 – 15/09/1931 Grêmio Cidade Nova	
5 -Curuzú Sport Club	18 NOVEMBRO 1921.	Oficio nº 31 expedido ao são domingos 2 outubro de 1935. <i>Folha do Norte</i> , 08 Janeiro de 1931, A posse da nova direção clube Curuzú e festa com jazz.	Tv do Chaco
6 - Sociedade Beneficiente Benedito		(sede que vai jogar o Clube Iolanda Esp Clube) <i>O Liberal</i> 09 08 1952	
7 -Iolanda Esporte Clube		<i>O Liberal</i> 09 08 1952	
8 - São Paulo	02 02 1930.	A <i>Folha do Norte</i> 01 de set 1933; <i>O Liberal</i> 11 1952; Revista <i>Gol</i> ano I, nº 23, 06 A 1 janeiro de 1976, P. 23 a 25.	
9 - Clube Paraense		Pertencente a Raimundo Lima bairro do M Carnaval. <i>O Liberal</i> 19 02 1952.	
10 - São Salvador Futebol Club		Bairro do marco 17 12 1952 – o liberal – salvador futebol clube – jazz elegante no “os baianos) <i>O LIBERAL</i> 06/11/1952.	
11 - Vera Cruz	?	A semana 11/04/1931 clubes suburbanos	
12- Boa Vista Sport Club	?	Oficio expedido ao são domingos nº 02 1 janeiro de 1937. Convite ao são domingos p festival esportivo que foi indeferido conf rascunho no oficio	Sede social tv curuzu 1014.
13 – 2 de Julho Foot ball Club	?	Jornal a folha do norte 31 jul 1914	
14 – Esporte Clube São Braz	13 SET 1944	Estatuto dos Clubes. CMA/UFPA ano 1 CX 06, DOC 14.	
15 - Instituto Lauro Sodré F Ball Club		Jornal <i>Folha do Norte</i> , <i>Notas Sporti</i> 09/01/1914.	

TOTAL 15**06 Campos de futebol.**

1 - Campo do São Paulo endereço e fonte ? Tv estrela, Revista *Gol* ano I, nº 23, 06 A 12 de janeiro de 1976, P. 23 A 25.

2 – Campo de Futebol do Marco Sport Club. Av.1º de dezembro canto com a Humaytá – fonte: Ofício s/n Expedido ao São Domingos de 04 de setembro de 1935.

3 - Campo de *sports* do boa vista tc curuzu nº 84 canto com a duque de caxias.

4 - Campo do 2 de julho av 1ª de Dezembro.

5 - Campo Ferreira e Comandita _ ESTÁDIO da Curuzú. Paysandú.

6 - Campo da Antonio Baena – estádio Baenão. Remo.

Obs: **Bairro do SOUZA:**

02 campos de futebol.

Papão jogando no campo do Instituto Lauro Sodré – *Folha do Norte* 04 out 1914. Bairro do Souza. Estrada do Utinga – A *folha do norte* 31 dez 1914-; Campo da Tuna Luso Brasileira- estádio Francisco Vasquez.

11 - BAIRRO DE NAZARÉ

1 - Bancrevea (Banco de Crédito da Borr s/a) é mesmo time Associação Dram Recreativa e Beneficente. Clube Recreativo do Pará	15.06.1943 observar que a data do Recreativa é de 1906- 1908.	<i>O Liberal</i> 01 12 1951 – Estatuto ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL P. 7	
2 - DELTA CLUBE	?	(o liberal 02 02 1952) (o liberal 04 01 19 (09 02 1952)	
3 - UNIÃO ESPORTIVA	1906	A folha do norte 15 de agosto de 1914. O aniversário do União esportiva. CASTEL BRANCO ENTRE INDEPENDENCIA E GENTIL UNIÃO ESPORTIVA O LIBERAL 16 02 FESTA CARNAVALESCA	
4 - CLUBE DA ESGRYMA	?	ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE P. 7	
5- ESPORTE FUTEBOL CLUBE		ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE P. 7-8	
6 - BRASIL CLUBE		ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE P. 7-8	
7 - BELÉM CLUBE		ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE P. 7-8	
8 - CLUBE ESPORTIVO		ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE P. 7-8	
9 - PARÁ FUTEBOL CLUBE	05 DE ABRIL DE 19	ACESSADO EM 14 DE JULHO DE 201 HISTORIA DO CLUBE DO REMO P.33 LIGA DE FUTEBOL 1906-	
10- Sport Club do Pará	25.09.1896	ESTATUTOS CMA/UFPA CX 02, DOC ANO 1896. MONOGRAFIA DO MIC PINHO – P. 29.	
11 - Nazareth Atlético Club	07.03.1937	OFICIO EXPEDIDO AO SÃO DOMING 02 DE ABRIL DE 1937.	SEDE SOCI 14 DE MAR 1065
12 - NAZARÉ ESPORTE CLUBE	31.01.1943	<u>ESTATUTO DOS CLUBES</u> CMA/UFPA 05, DOC. 79. ANO 1943.	
13 PANTHER – NACIONAL	17. 02. 1917	Circular expedida ao São Domingos nº 01 Belém 20 de janeiro de 1917, HISTORIA CLUBE DO REMO 1911 – P. 54 – 1917 C EX PANTHER VIRA NACIONAL.	
14- Grêmio Sportivo e Musical Nuver Negra	?	Jornal a Folha do Norte 19 jul 1914.	Av. gentil bittencourt n A
15 American Sport Club	?	Jornal a folha do norte 31 jul 1914	Joao balbi 74
16 Nazareth Foot Ball Club	?	Jornal a folha do norte 18, 31 jul 1914. Jog contra o pinheiro na praça paes de caravall icoaraci	
17 Syrio Sport Club	08.03.1925	ESTATUTOS DOS CLUBES.CMA/UFPA, CX DOC. 35, ANO 1942. A folha do norte 05 set Festival do batutas do tenoné com a presença d CAMPOS RIBEIRO homenageando a beleza mulheres	

18 - Quintino Bocaiuva Foot ball Club ?		A folha do norte 20 de agosto de 1914	
19 - ORIENTE SPORT CLUB (INFANTIL)	30 AGOSTO 1914	A FOLHA DO NORTE 30 AGOSTO 1914 FUNDADO O CLUBE E INFANTIL-	Sde d romula de seixas 218 folha do norte set 1914.
20- Olympia foot ball club	05 out 1914	A folha do norte 05 de out 1914	R senador ba 56
21 – Atlântico Fooball Club	09 set 1914	A folha do norte 09 set 1914; A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO E HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIROS. o liberal 06 11 1952.	Rua Joao B
22 - São Jeronimo Football Club		A folha do norte 13 set 1914 – jogo entre S Jeronimo E fluminense.	
23 - Esporte Clube Mangueira Benefice	07 SET 1943	ESTATUTO DOS CLUBES CMA- ANO 1954- CX 07DOC 24.	

TOTAL 23

1 - Campo de futebol do Recreativa em Nazaré – A folha do norte 08 set 1914.

2 - Campo do Quintino b. F. C. Na quintino bocaiuva – A Folha Do Norte 12 de set 1914

3 -Campo da Generalíssimo Deodoro em frente a Beneficiente Portuguesa – A folha do norte 03 set 1914.

4 - Campo do São Jerônimo Foot ball Club na São Jerônimo A folha do norte 13 set 1914.

5 - Campo do Panther (Nacional) A folha do norte 13 set 1914.

6 – campo do largo de Nazaré – Praça Justo Chermont.

12 - BAIRRO DA PEDREIRA

ESPORTE CLUBE SANTA CRUZ	?	O liberal 01 10 1952 FESTA NO SANTA CRUZ – NOITADA MARTELO DE OUR PEDRO MIRANDA – 18 07 1952 – O LIBERAL. – o liberal 29/11/1946 folha vespertina 07/02/1941 – reuniões	
ESPORTE CLUBE ESTRELA DO MAR	?		
SÃO PEDRO ESPORTE CLUBE	?	o liberal 01 12 1951	
NORTE AMÉRICA	09.02.1947	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA, ANO 1947, CX 06, DOC. 58; o liberal 04 0 1952.	
C. A. FLORESTA DA PEDREIRA	01.01.1942	Estatuto dos clubes cma/ufpa cx 05, doc. 48 ano 1942.	
ESPORTE CLUB ALEGRIA	30.12.1940	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA 0 05, DOC. 02 1940.	
BLOQUEIO FUTEBOL CLUBE	01.01.1940	Estatuto dos clubes CMA/UFPA, CX 05, D 41. ANO 1942.	
GRAM- PARÁ SPORT CLUB	01.03.1927	“Ofício nº 33 expedido ao são domingos 04 novembro de 1935 estatutos dos clubes CMA/UFPA, CX 04, DOC. 26, ANO 1933	
MARQUES FUTEBOL CLUB	?	Folha vespertina 11.02.1941	
CORINTHIAS	?	Folha vespertina 11.02.1941	
FLUMINENSE	?	O ESTADO DO PARÁ 15.05.1938;	
PRATINHA ATLETICO CLUBE	?	O ESTADO DO PARÁ, 09.03.1938;	
TRIUMPHO SPORT CLUB	24 02 1926	Of. s/n expedido ao São Domingos em 16 d setembro de 1935- aceite do convite de fest	

ANDARAHY SPORT CLUBE		Of. s/n expedido ao São Domingos em 16 de setembro de 1935-	Endereço tv vileta vila são josé pedreira
Humaytá Sport Club	?	A folha do norte 05 set 1931 cam pedreirense A SEMANA 05/11/1931 FESTIVAL SUBURBANO HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS. Livro "Histórico do São Domingos" de Theodorico Rodrigues. escrito no período de 1999 a 2000. p. 32.	
CAXIAS SPORT CLUB	?	A folha do Norte 05 set 1931	
RIO BRANCO	?	A folha do Norte 05 set 1931	
VIAÇÃO BENEFICENTE ESPORTE CLUB	28 fev 1938	Estatuto dos clubes CMA ANO 1944 CX 06 DOC 02	
ESPORTE CLUBE SANTA MARIA	03 NOV 1945	ESTATUTO DOS CLUBES ANO DE 1945 CX 06 DOC 39	
JABAQUARA FUTEBOL CLUBE	01 05 1945	ARTIGO DE SERGIO MELLO ACESSADO NO DIA 04 FEV 15. FAZ REFERENCIA AO JORNAL O LIBERAL 15/01/1951 E 26/01/1951. AMBAS REPORTAGENS FAZEM REFERENCIA AO TITULO DA SEGUNDA DIVISÃO DO PARAENSE. Estatuto dos clubes- CMA- ano 1945- cx 06 doc 24.	
ITAHITÉ	?	O ESTADO DO PARÁ 07 DE MAIO 1938, FESTIVAL DE S VICENTE PAULO. Folha vespertina 11.02.1941. reportagem sobre o jogador Helio que jogou no ITAHITÉ DA PEDREIRA no ano de 1939. DA COSMOPOLITA Marília Ferreira. Gigantes do futebol paraense. Belém vol. I, 2014.	

TOTAL: 21

04 Campo de futebol =

- 1- gram para na Itororó entre duque e 25 de setembro – Ofício nº 33 expedido ao São Domingos 04 de novembro de 1935 estatutos dos clubes.
- 2 - Campo de futebol – tv angustur PEDREIRA – CAMPO DOTRIUMPHOSPORT CLUB - OFICIO SEM NUMERO expedido ao São Domingos de 16 de setembro de 1935.
- 3 - Campo de futebol do CAXIAS ofício expedido ANDARARY SPORT CLUB 16 de agosto de 1935.
- 4 - Campo de futebol do Humaitá Pedreira. Livro “histórico do São Domingos” de Theodorico Rodrigues escrito entre 1999 e 2000. p. 32.

13 - BAIRRO DO REDUTO

CLUBES	DATA DE FUNDAC	FONTE	
<u>DRAMATICO BENEFICENTE ESPORTE CLUBE</u>	<u>13/02/1933.</u>	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC ANO 1946. <u>CIRCULAR EXPEDIDA AO S</u> DOMINGOS Nº 3 DE 29 DE JULHO DE 1935.	<u>SEDE SOCIAL RUA BOAVENTURA DA SILVA 378. ASSOCIAÇÃO DOS GUARDAS CIVIS DO ESTADO DO PARÁ.</u>
<u>ITÁLIA SPORT CLUB</u>	<u>13 MAIO 1926</u>	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 03, DOC ANO 1926.; Livro italianos na Amazônia. P. 181. EM Marília Ferreira. Italianos na Amazônia(1870-1935) pioneirismo econômico e identidade. Belém, NAEA, 2013. p. 235. _____. Um século de imigração internacionais na Amazônia brasileira. (1850-1950). Belém NAEA, 2013. p. p. 131-132.	

<u>BOA FAMA</u>	Fundação da fábrica fama 1908 – Nicola Conte. Livro italiano: Amazônia p. 190. Cí fundação efetiva 191	A SEMANA 05/11/1938, FESTIVAL SUBURBANO HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDU VARIOS BAIRROS. SALOES FESTAS NA CIDAD LIBERAL 24 11 51. Livro “histórico do São Domingos Theodorico rodrigues p. 32 que ele cita que o Bôa Fama uma agremiação de operários da extinta fabrica Bôa F Sobre a Fábrica Boa Fama que possivelmente deu orige clube temos duas obras: EMMI, Marília Ferreira. Itali na Amazônia(1870-1950): pioneirismo econômico identidade. Belém, NAEA, 2008. p. _____. Um século de imigra internacionais na Amazônia brasileira. (1850-1950). Be NAEA, 2013. p. p. 131-132.	<u>Endereço da fábrica:</u> rua gasp viana 124. REDUCTO.
-----------------	--	--	--

TOTAL 03**14 - BAIRRO DO TELEGRAFO SEM FIO**

Horizonte Esporte Clube NITERÓI ESPORTE CLUB	24.12.1940 26.11.1933	Estatuto “
UBERABINHA	01 de abril de 1921	Oficio expedido ao são domingos s/n de 26 maio de 1935. Convite ao são domingos p um festival Pesquisa fotográfica no clube c ainda existe no bairro do telégrafo que tem data de fundação na porta do referido club Folha vespertina 11.02.1941 Jornal O Estado do Pará, caderno vida esportiva, 07 de janeiro de 1934. O LIBERAL BIG FESTAS - 30 01 1951

TOTAL 0302 campos de futebol.

Campo de futebol do Uberabinha endereço ? Praça Centenário Oficio Expedido ao São Domingos s/n de 26 de maio de 1935.
Convite ao São Domingos para um festival.. – Largo do esquadrão (atual Praça Brasil ou praça Santos Dumont).

15 - BAIRRO DE S. BRAZ

GUAMÁ RECREATIVO CLUB LIBERTADOR ESPORTE CLUB	01.12.1944 01.01.1942	Estatuto cx 06 doc. 10 ANO 1944. Estatuto dos clubes, cma/ufpa, cx 05, doc. 58, ano: 1942.
OLINDA ESPORTE CLUB	15.12.1941	Estatuto dos clubes, cma/ufpa, cx 05, doc. 51, ano: 1942.
TIETE	FOI ORGANIZADA EM 05 FEV 194	ESTATUTO, CX 06 DOC 29, 1945. O ESTADO DO PARÁ 15.05.19
LEBLON		(o liberal 01 12 1951) AVENIDA CEARÁ (o mais querido de de que e grêmio da elite de são braz – 13 11 52)
FERROVIARIO ESPORTE CLUB		FESTA DANÇANTE 13º ANIVERSÁRIO DE FUNDAÇÃO 18 06 1 O LIBERAL. (o liberal 01 12 1951) AVENIDA CEARÁ (o mais que

		de de queluz e grêmio da elite de são braz – 13 11 52) (o liberal 08 1952)
Time Negra Sport Club	10 de maio de 19	Ofício expedido ao são domingos s/n 17 de junho de 1937. Festival esportivo convidando o são domingos e organizado pela radio clube campo do clube do Remo.
São Braz	?	A folha do norte 05 set 1931 Posse da sua diretoria Tv jose bonifacio braz
São Francisco Futebol Club	?	Ofício expedido nº 39 ao são domingos no dia 06 de maio de 1938. Castelo branco numero 90A folha do norte 05 set 1931 festival esport seu 1º festival
UNIAOZINHO FUTEBOL CLUBE	01.06.1930	<u>Estatutos dos clubes CMA/UFPA CX 05, DOC. 43, ANO 1942.</u> Ofi expedido ao são domingos 18 de dezembro de 1935. Citado. Afolha norte – 14 de abril grêmio da família matos 08 09 1933
Nair Sport Club	?	A folha do norte 16 de agosto de 1914 – fundou-se nesta cidade o clu Jogando no largo de São Braz
Grupo do Norte Foot ball Cl	?	A folha do norte 30 ago 1914 – jogo contra o pinheiro no campo do pinheiro- a folha do norte 12 jan 1915 – reunião dos sócios na tv 14 abril.
GUARANI FOOT BALL CL	15.08.1907	ESTATUTO DOS CLUBES – jornal <i>a Folha do Norte</i> 08 set 1914 – critica ao Guarany time de São Braz e os seus comportamnetos nos jo

TOTAL 1301 Campo de futebol.Largo de São Braz o campo livre – praça Floriano Peixoto.**16 - BAIRRO DA SACRAMENTA**

Sacramenta Sport Club	07.09.1936	Ofício expedido ao são domingos 08 de outubro de 1937. Estatuto DOS CLUBES CMA/UFPA cx 05, a 1942, doc. 44. A SEMANA 14/01/1939. FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEIT ABELARDO CONDURÚ. REVISTA GOL, Nº 43, ANO II, 25/04/1978. P.14-16. Revista gol Ano I, Nº pp. 23-26. 1976.	
Barão Sport Club	12.10.1941	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA, CX 05, DOC. 26.	
Belenense Sport Club	01.09.1939	ESTATUTO dos clubes CMA/UFPA, CX 04, DOC ANO 1939.	
PARAENSE DOMINÓ CLUBE		Ofício nº 54 expedido ao são domingos 18 de outubro de 1935	MAURITI 290 SACRAMENTA

04 CLUBES**01 - campo de futebol DO SACRAMENTA Senador Lemos com Dr Freitas.****17 - BAIRRO DE VAL-DE-CÃES**

CLUBE	FUNDAÇÃO	FONTE
Santo Amaro	08.12.1944	Estatuto CMA/UFPA, CX 06, DOC. 01, 19
CIMA	?	O LIBERAL - 26-11-1946. JOGO COM C DRamatico festival do santo amaro.

Club sportivo Port Of Pará	?	Ofício expedido ao São Domingos de 15 de julho de 1937. Informando os diretores e presidente do clube no período de 1937 e 1938. Corpo administrativo.
Uracan esporte clube	08 12 1944	Estatuto CMA/UFPA cx 06 doc 25, 1944.
Val-de-cães foot ball club	?	A folha do norte 20 agosto de 1914

05 clubes

01 Campo de futebol de Val-de Cães em 1914 - A folha do norte 20 agosto de 1914

17 - BAIRRO DO UMARIZAL

1 - CRUZEIRINHO JUVENIL CLUB	31.08.1946	Estatuto CMA/UFPA, CX 06, DOC. 46. ANO 1946. (o liberal 04 1952)
2 -FLANKLIN CLUBE	?	(o liberal 04 02 1952) festa na sede do Belém 14 01 52
3 - TROPICAL CLUBE	?	O liberal 16 02 52 - O LIBERAL 28 02 1952
4 - JOVENS ESTUDANTES DA TERRA.	?	O liberal 16 02 52 -
5 - PHEBO ESPORTE CLUBE	19.01.1946	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 47. ANO 1946. - GREMIO DE FUNCIONARIOS DA PERFUMARIA PHEBO o liberal 08 02 1952 Folha vespertina 01.02.1941
6 - BELEM RECRATIVO CLUBE		FESTA DE NATAL NO BELEM RECRATIVO CLUBE NO BAIRRO DO UMARIZAL O LIBERAL 19 12 1951, JAZZ-ORQUESTRA PAN AMERICAN
7 - Amazonia Athletico Club –	01.02.1925	ESTATUTO; AMAZONIA O LIBERAL 19 02 1952; folha do norte 07-01-1931 jogo pelo paraense
8 - SANTA IZABEL ESPORTE CLUB		O LIBERAL 19 02 1952 SOIREÉ BATUTAS DO RITMO
9 - Clube Atlético Legionário	15.11.1930	Circular 214 expedida ao São Domingos 22 de agosto de 1935 sede social tv d Pedro nº 271. agradecimento ao São Domingos. ESTATUTO DOS CLUBES, Ofício expedido ao São Domingos de novembro de 1937 s/n. convite ao São Domingos em comemoração ao 7º aniversário no dia 15 do corrente
10 - Grupo técnico tucano	?	Ofício expedido ao SÃO Domingos 26 de agosto de 1935. Tv 14 de março 131 próximo avilla Guarany
11 - IDEAL ATHLETICO CLUBE	1918	ESTATUTO DOS CLUBES “ESTATUTO, DOS CLUBES OBS: CHAGAS LEVANTAR A FONTE COMPLETA, serie 1872-1918 SEDE SOCIAL 14 DE MARÇO 580. OFICIO EXPEDIDO AO SÃO DOMINGOS DO DIA 12 DE MARÇO DE 1937.
12 - RIACHUELO	1918	LIVRO GOSTOSA BELÉM DE OUTRORA DE CAMPOS RIBEIRO P. 73.
13 - PARÁ TIME	1918	LIVRO GOSTOSA BELÉM DE OUTRORA DE CAMPOS RIBEIRO P. 73.
14 - ONZE PARAENSES	1918	LIVRO GOSTOSA BELÉM DE OUTRORA DE CAMPOS RIBEIRO P. 73.
15- de março dominó club	29 set 1936	Ofício expedido ao SÃO Domingos 11 de janeiro de 1938 nº 177, 14 de março 86- jogos de sueca dominó e dama.
16 - PAULISTA FUTEBOL CLUB	05.05.1931	<u>OFICIO EXPEDIDO AO SÃO DOMINGOS DE 20 DE DEZEMBRO DE 1936. ESTATUTO DOS CLUBES</u>

TOTAL 16

Municípios e distritos

DISTRITO DE ICOARACI

PARAZINHO ATLÉTICO C. PARAISO ESPORTE CLUBE ICOARACI RECREATIVO CLUBE PINHEIRENSE SPORT CLUB	09.12.1941 01.06.1943 08 /12/1925	ESTATUTO CMA/UFPA- CX 05, DOC. 65, ANO 1943. ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 05, DOC. 73. ANO 19 08 02 1952 – CARNAVAL CHAMADO DE CLUBE CHIC DE ICOARACI, O LIBERAL, 12 02 52. CIRCULAR Nº 05 EXPEDIDA AO SÃO DOMINGOS 26.12.193 (GREMIO CHIC DE ICOARACI O LIBERAL 09 04 1952) ENCICLOPEDIA P. 346.
PINHEIRO FUTEBOL CLUBE	?	HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1913 – P. 61 – jornal a folha d norte 31 jul 1914
SANTA ROSA	06/01/1924	ENCICLOPEDIA DO FUTEBOL PARAENSE. P, 339. Campeã suburbano de 1946 – o liberal 29/11/1946. Jogo com o santa cruz d pedreira.

TOTAL 06.

SEDE SOCIAL E CAMPO DE SPORTS VILA DO PINHEIRO. CIRCULAR Nº 05 EXPEDIDA AO SÃO DOMINGOS 26.12.1936.

Campo de Sports praça Paes de Carvalho Icoaraci jornaL folha do norte 18 e 31 jul 1914.

DISTRITO DE MOSQUEIRO

Chapeo Virado	12.01.1942	Estatuto
Independência e. clube	26.05.1930	“
Pedreira esporte clube	07.09.1925	“

03 clubes

Município de Marituba

CLUBE	FUNDAÇÃO	FONTE
Marituba esporte clube	01/05/1909	Visita ao campo do clu em novembro de 2013 Fotografias de uma pa de futebol. e da frente campo com o símbolo data de fundação.

01 clube

MUNICÍPIO VIGIA DE NAZARÉ

_Uruitá sport club	Vigia de Nazaré	10 de janeiro de 1920	Oficio expedido s/n ao são domingos do 16 de agosto de 1937
--------------------	-----------------	-----------------------	--

01 CLUBE

Vila Maguary Ananindeua

ITABIRA	?	A FOLHA DO NORTE 1º SET 1933	CAMPO DE FUTEBOL NA Vila Maguary

01 clube.

TABELAS DE CLUBES

CLUBES QUE NÃO FORAM LOCALIZADOS O SEU ENDEREÇO

Todos os clubes sem endereço - CLUBES POR ORDEM ALFABÉTICA:

LETRA A –

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>ALBATROZ FOOTBALL CLUB</u>	-	-	A FOLHA DO NORTE 13/09/1	
<u>APOLLO</u>			A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
<u>ALHAMBRA</u>			VARIOS BAIRROS. A SEMANA 21/11/1942. SOIRÉE DE SABAS ASTRONOMICAS GAROTAS	
<u>APINAGÊS</u>			A SEMANA 30/01/1932 NOS SUBURBIOS	
ARITUBA FOOT BALI		25.12.1938	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPa CX 05,DOC. 83, 1	
ANA NERY SPORT CLUB		14.04.1939	ESTATUTO DOS CLUBES	
ATLETICO FUTEBOL CLUBE		?	HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 45-48	

CONT. LETRA A –

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
AMERICA			HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 74 2 DIVISÃO	
ALIANÇA			HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 7 DIVISÃO	
ALFA	?		FESTA DE SÃO JOÃO – 28 06 1952 O LIBERAL	
AUTO CLUBE	?		Livro do teodorico rodrigues p. 33 relata os clubes d participavam do campeonato e dos festivais suburba O liberal 31 05 1952. COSTA, Ferreira. Parazão centenário: a história do campeonato paraense de futebol. Belém-Pa: 2012. p. 94-95. Destaca o time d auto clube do Pará jogando a primeira divisão.	
ASAS CLUBE	?		O LIBERAL 28 02 1952 FESTAS.	
Aza vermelha esp clube		01 de julho de 1954	Estatuto dos clubes cx 07;doc. 54.	

13 CLUBES

LETRA B–

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>BEIRA-MAR</u>			A SEMANA 05/11/1938; FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS.	
<u>Bella VISTA</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
<u>Bangú atlético clube</u>		?	<u>Oficio expedido ao são domingos 15.12.1936. livro não publicado do domingos p. 32.</u>	<u>Convite ao são domingos para participar de um festival no camp do santo amaro no dia 10 JAN 19</u>
<u>BRASIL NOVO</u>			A SEMANA 13/02/1932 NOS SUBURBIOS	

BERLIM			Folha vespertina 11.02.1941	
BENJAMIM CONSTANT			HISTORIA DO CLUBE DO RE 1911 – P. 120-121 TIME ESQUADRA NAVAL	
BOM JARDIM ESPORTE CLUBE		20.12.1942	ESTATUTO DOS CLUBES	
BOTAFOGO SPORT CLUB		16.11.1936	ESTATUTO DOS CLUBES	

08 CLUBES**LETRA C–**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>COMANDANTE CASTILHOS</u>	?		A SEMANA 30/01/1932 NOS SUBURBIOS.	
<u>CLUBE DOS COMERCIÁRIOS</u>		25 DE NOV 1943	ESTATUTO DOS CLUBES CMA ANO 1944, CX 06 DOC	
CLUBE ESPORTIVO SILVA CASTR		15.11.1944	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 41 ANO 1946.	
CENTRO POPULAR ESPORTE CLU		03.05.1944	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 38 ANO 1946.	
CHACO ESPORTE CLUBE		12.10.1944	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA, CX 06, DOC. 17 1944.	
CARAVANA FUTEBOL CLUBE		01.03.1945	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 05 1946.	
CIRCULO MILITAR DE BELÉM		23.08.1943	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA 06, DOC. 33, AN 1945.	
<u>CRUZEIRINHO</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO E HOMENAGEM AO PREFEIT ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
CLUBE ATLÉTICO AGRICULTOR		25.12.1941	ESTATUTO DOS CLUBES	
CLUBE LUSO-BRASILEIRO	7	. 17.02.1917	ESTATUTOS – A SEMA 22.12.1928 – VICE CAMPI DA 2ª DIVISÃO. HISTORIA remo p. 222	

CONT. LETRA C–

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
Club Mixto carnavalesco		1906 EST. 1914	ESTATUTO CX 02,	
CLUB MILITAR DA GUAR NACIONAL		17 DE JUNHO DE 1917	ESTATUTO DOC. 45. CX 02	
CLUBE DOS ARIGÓS	?		(o liberal 03 09 1952)	
CEDRO Esporte Clube	?	08 de março de 1925 Estatuto dos clubes	O Cedro Esporte Clube, Estatutos clubes, Cx 07, doc 13, CMA/U Grêmio da colônia libanesa – BAIL O Liberal, 31 01 1952; O Lib 08/02/1952.	

CIRCULAR			Folha vespertina 11.02.1941	
CINELÂNDIA	Empregados da empresa Teixeira martisn e companh		Oficio expedido ao são domingo maio de 1937 pode ser 04 de de 1937 que é a data que recebido. Festival de cinema homenagem aos clubes suburban	

16 CLUBES**LETRA D**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAC</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
D. JOÃO -			A SEMANA 13/02/1932 NOS SUBURBIOS	
Diário oficial esporte clube			O liberal 21 /11/1946 festival d rodagem juvenil clube no camp do Uberabinha	

02 CLUBE**LETRA E**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
ENTERPE CLUB		.	CLUB DOS MUSICISTAS DE BELÉM SEMANA 16/05/1936	
ESPORTE CLUBE OLÍMPICO		20.04.1946	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UF CX 06, DOC. 38. ANO 1946.	
ESPORTE CLUBE VITORIA		28.08.1943	ESTATUTO DOS CLUBES	
ESPORTE CLUBE LIBERDADE		05.04.1942	ESTATUTO DOS CLUBES	
ESTUDANTINO			olha vespertina 11.02.1941	
EDEN CLUBE	?	03/07/1914	ESTATUTO CMA/UFPA, CX 02, DO 13, ANO 1915. – O LIBERAL 29 01 1	
ESTRELLA FOOTBAL CLUB	?		FOLHA DO NORTE 12 MARÇO DE 1915 SEXTA FEIRA	

07 CLUBES**LETRA F**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
FIRMEZA		.	o estado do Pará 23 de abril de 1938. Nos subúrb	
FOLHA			O ESTADO DO Pará 03 de abril de 1938, jogo e o folha e o reducto. POSSIVELMENTE TIME I JORNAL A FOLHA DO NORTE.	
FLORESTA ATLETICO CLUB		22.06.1930	ESTATUTO DOS CLUBES	
FRANÇA			o liberal 06 11 1952	
FAVELA		.	O LIBERAL 19 01 1952 TIMES SUBURBANO	
FLAMENGO			A SEMANA 05/11/1938, FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ; O LIBE	

			19 01 1952 TIMES SUBURBANOS. A vanguarda 30/01/1938. Jogo juvenil contra o clube chamado Uruguay.	
FLUMINENSE	?		HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 4	
FENIX ESPORTE CLUB			HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 1	

08 CLUBES**LETRA G**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>GRANDELLA</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
<u>GUERRA PASSOS</u>			A SEMANA 30/01/1938 NOS SUBURBIOS	
GLOBO ESPORTE CLUBE		04.01.1945	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 37. ANO 1945	
GAUCHINHO E. C		02.03.1942	ESTATUTO DOS CLUBES	
GAMBAYA	?		Folha vespertina 11.02.1941	
GUARDA Civil	?		Folha vespertina 11.02.1941	
GURUPÁ			Folha vespertina 11.02.1941	

07 CLUBES**LETRA I**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>ITAMARATY</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS LEVARAM SEUS CLUBES OU TIMES.	
ITA FOOTBALL CLUB		09/09/1946	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 50. ANO 1946.	
ICA FUTEBOL CLUB		14.03.1948	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 62. ANO 1948.	
ITAMARATI E. C		01.08.1943	<u>ESTATUTO DOS CLUBES</u>	
IPIRANGA	?		HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1911 – P. 68	
IMPORTADORA			Oficio expedido ao são domingos 1	

			de dezembro de 1935. Do batutas p o são domingos onde cita outros clu	
INTERNACIONAL ATLET CLUBE		01 MAIO 1938	ESTATUTO DOS CLUBES CMA ANO 1949 CX 06 DOC 35.	

08 CLUBES**LETRA J**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
JULIO CESAR		25 DE JANEIRO DE 1925	A SEMANA 22.02.1928 CAMPEÃO DA 2ª DIVISÃO, TIME DA ESCOLA RAYMUNDO PROENÇA ENCICLOPEDIA P. 294. Estatuto dos clubes CMA/UFPA cx 07, doc 59. 1925.	
JOAO BALBI			o liberal 06 11 1952	

02 CLUBES**LETRA L**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
LUSO ATLETICO CLUBE		13.08.1946	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC 42, 1946.	
LUSITANO	?		O ESTADO DO PARÁ 5 MARÇO DE 1938	
Lealdade			Oficio expedido s/n ao domingos do dia 02 dezembro de 1937. Sobre jogos de um festival.	

03 CLUBES**LETRA M**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>MIRASELVA</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
<u>MEDICINA</u>		.	QUADRO DA FACULDADE DE MEDICINA A SEMANA 16/05/193	
<u>MANGUEIRA</u>			O LIBERAL 09-08-1952, BIG FEIJODA	
<u>MONTE SANTO</u>			A SEMANA 30/01/1932 NOS SUBURBIOS.	
MATRIZ ESPO CLUBE		06.06.1944	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 06, DOC. 12. ANO 1944.	
MARANGUAPE E. C.		11.11.1941	ESTATUTO DOS CLUBES CMA/UFPA CX 05, DOC. 78. ANO 1943.	
MUNICIPALIDADE			o liberal 06 11 1952	
MAGUARI			o liberal 06 11 1952	
Municipal Clube		01/05/1946.	Estatuto dos Clubes CMA/ UFPA 06, doc 54, ano de 1946.	

09 CLUBES

LETRA N

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>NAUTICO</u>		S	A SEMANA 30/01/1932 NO SUBURBIO	
9 DE JANEIRO			o liberal 06 11 1952	

02 CLUBES**LETRA O**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>ODEON</u>			A SEMANA 30/01/1932 NOS SUBURBIOS	
<u>OFICINA</u>		.	O LIBERAL 19 01 1952 TIMES SUBURBANOS	

02 CLUBES**LETRA P**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>PANAIR</u>			A SEMANA 15/08/1942, FESTIVAL SUBURBANO AZULINO.	
<u>PALADINO</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFE ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
<u>PAZ E HARMONIA</u>		.	A SEMANA 05/11/1938; FESTIVAL SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFE ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS	
PARAMOUNT ATHLETIC CLUB (CLUB DE FUTEBOL)		12.03.1928	ESTATUTO DOS CLUBES – “AGUIA BRANCA” A SEMANA 27.02.32,	
PAULISTANO	?		O ESTADO DO PARA 09.01.1938	
PRIMAVERA			o liberal 06 11 1952	
PARQUE ATLETICO CLUB		.	BIG FESTA 31 07 1952 O LIBERAL	

07 CLUBES**LETRA Q**

<u>15 DE SETEMBRO ESPORTE CLUB</u>	<u>15 DE SET 1946.</u>	<u>ESTATUTO DOS CLUBES CMA ANO 1946 CX 06 DOC. 43.</u>
------------------------------------	------------------------	--

01 CLUBE**LETRA R**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
REPUBLICANO SPORT CLUBE		07.09.1935	ESTATUTO DOS CLUBES - o liberal 06 11 1952	
RADIANTE FUTEBOL CLUBE		16.08.1942	<u>ESTATUTO DOS CLUBES</u>	
RIO BRANCO	?		HISTORIA DO CLUBE REMO 1911 – P. 54. Oficio de dezembro de 1937 expedido em dois domingos relatando ao clube os jogos de um festival.	
SOCIEDADE RECREATIVA CLUBE TENENTE DOS DIABOS		.	“	
		02 /01/1910	ESTATUTO CX 02, DOC. 01	
REDUCTO	?	.	O Estado Do Pará - 25.04.1938	
Rodagem juvenil clube			O liberal 21/11/1946 festival rodagem juvenil clube no campo do Uberabinha.	

06 CLUBES**LETRA S**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>SATELITE</u>			Oficio expedido ao são domingos 1º dezembro de 1935. Citado (o liberal 02 1952) <u>CLUBE DOS BANCÁRIOS DE BELÉM</u>	
<u>SÃO VICENTE DE PAULO</u>			O ESTADO DO PARÁ 07 DE MAI DE 1938, FESTIVAL DO GREMIO SÃO VICENTE DE PAULO.	
<u>SALDUNNES sport CL</u>			o estado do Pará 28 de abril de 1938 Nos subúrbios	
<u>SPORTING</u>			Oficio expedido ao são domingos 1º dezembro de 1935. citado O ESTADO DO PARÁ 03 DE MAI DE 1938. O SPORTING VAE ELEGER HOJE OS SEUS NOVOS DIRECTORES	
<u>SANTA FÉ</u>			A SEMANA 05/11/1938; FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS.	
<u>SUISSINHO</u>			A SEMANA 05/11/1938; FESTIVA SUBURBANO EM HOMENAGEM AO PREFEITO ABELARDO CONDURÚ, VARIOS BAIRROS.	

CONT. DA LETRA S

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>SAUDE ATLETICO CLUB</u>			FUNCIONARIOS DA SAUDE QUE RESOLVERAM PRATICAR FUTEBOL NAS HORAS VAGAS. SEMANA 16/05/1936	
SANTOS FUTEBOL CLUB (SANTOS DO ORIENTE)		22.12.1944	ESTATUTO CARNAVAL BAILE LIBERAL 08.02.52	
SOCIEDADE PHEN CAIXEIRAL PARAENSE		1918	ESTATUTO dos clubes serie 1872-1919.	
SHOOTING			O ESTADO DO PARÁ - 25.04.193	
SÃO JOAO			o liberal 06 11 1952	
SENAC			o liberal 06 11 1952	
SÃO JORGE			O LIBERAL 19 01 1952 TIMES SUBURBANOS	
SHELL ESPORTE CLUB PARA		21 DE SET 194	ESTATUTO DOS CLUBES CMA 1945- CX 06 DOC. 222	
Salamandra	?	?	Oficio expedido s/n ao são domingo dia 02 de dezembro de 1937. Sobre jogos de um festival. Livro não publicado do Teodorico rodrigues p. time do corpo de bombeiros.	

15 CLUBES**LETRA T**

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
<u>TIJUCA</u>			o estado do Pará 23 de abril de 1938 Nos subúrbios	
<u>TIJUCA ATLETICO CLUB</u>		01 DE MAIO DE 1944	ESTATUTO DOS CLUBES CMA	

			ANO 1945- CX 06 DOC 27.	
<u>TELCO</u>		.	CORREIOS E TELEGRAFOS A SEMANA 16/05/1936	
TANGER CLUBE			O liberal 04.01.1952	
TRANSVIÁRIO	?		Servidores da extinta para eletre 33 livro não publicado do Teodo Rodrigues, 2000. O ESTADO PARÁ 01 DE MARÇO DE 1938;	
TAMOIO	?		HISTORIA DO CLUBE DO RE 1911 – P. 44	
TIRO BRASILE FOOT BALL CLUBE		1914	FOLHA DO NORTE, NO SPORTIVAS 09/01/1914.	

07 CLUBES

LETRA U

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
UNIÃO PARAENSE			HISTORIA DO CLUBE DO REMO 1 – P. 74 2ª DIVISÃO	
Uruitá atletico clube	?	18 de julho de 1929	Oficio expedido s/n ao são domingo dia 20 de agosto de 1937- rua 22 de j 503	
Universo			Oficio expedido s/n ao são domingo dia 02 de dezembro de 1937. Sobre jogos de um festival.	
Uruguay			A vanguarda 30/01/1938. Jogo juv contra o clube chamado Flamengo.	

04 CLUBES

LETRA V

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
VIACÇÃO SPORT CLUB	Sede inspetoria de veícu	?	Oficio expedido ao são domingos s/n do ano de 193 estado do pará - 25.04.1938	19 de outubro de corrente um fest no cinema independência
VOLANTE	?		o liberal 06 11 1952	
VISÃO DO BRASIL			o liberal 06 11 1952	
Vitória			A folha do norte 27/08/1914	
Vera cruz			A folha do norte 27/08/1914	

05 CLUBES

LETRA Y

<u>CLUBE</u>	<u>BAIRRO</u>	<u>DATA DE FUNDAÇÃO</u>	<u>FONTE</u>	<u>TOTAL</u>
YPIRANGA A, CLUBE		25.12.1943	ESTATUTOS DOS CLUBES	
YUNNA	?		O ESTADO DO PARÁ 09 DE MARÇO DE 1938	

02 CLUBES

TOTAL: 134 CLUBES SEM BAIRROS.

TABELAS

TABELA 1 – QUANTIDADE DE CLUBES POR BAIRRO

período	Bairros	QUANTIDADE DE CLUBES
	MARAMBAIA	1
	MATINHA	2
	CREMAÇÃO	2
	TELÉGRAFO	3
	GUAMÃ	3
	REDUTO	3
	SACRAMENTA	4
	CANUDOS	4
1896 - 1952	VAL DE CÃES	5
	BATISTA CAMPOS	7
	SÃO BRÁZ	13
	CAMPINA	14
	MARCO	15
	CIDADE VELHA	15
	UMARIZAL	16
	PEDREIRA	21
	JURUNAS	22
	NAZARÉ	23
	TOTAL	173

FONTE: Dados Numéricos referentes ao Mapa 1. Fonte: Revista *A Semana* (1919-1929); Revista *Gol* (1975-1976) *Jornal A folha do Norte* (1914, 1915; 1930-1931) *Jornal a Província do Pará* (1920) *Jornal o Estado do Pará* (1938-1950) *ESTATUTO DOS CLUBES CMA-UFPA* (1896-1950) *JORNAL O Liberal* (1951-1952), *A Vanguarda* (1938) Livro História do Clube do Remo (1968). Livro “Histórico do São Domingos” não publicado, autoria de Teodorico Rodrigues sobre o São Domingos e o bairro do Jurunas.

TABELA 2– QUANTIDADE DE CLUBES POR BAIRRO

período	locais	QUANTIDADE DE CLUBES
1896 - 1952	Ananindeua	1
	Marituba	1
	Vigia	1
	Mosqueiro	3
	Icoaraci	6
	Belém	307
	Total	319

FONTE: Dados Numéricos referentes ao Mapa 1. Fonte: Revista *A Semana* (1919-1929); Revista *Gol* (1975-1976) *Jornal A folha do Norte* (1914, 1915; 1930-1931) *Jornal a Província do Pará* (1920) *Jornal o Estado do Pará* (1938-1950) *ESTATUTO DOS CLUBES CMA-UFPA* (1896-1950) *JORNAL O Liberal* (1951-1952), *A Vanguarda* (1938) Livro História do Clube do Remo (1968). Livro “Histórico do São Domingos” não publicado, autoria de Teodorico Rodrigues sobre o São Domingos e o bairro do Jurunas.

TABELA 3 - Quantidade geral de clubes em Belém do Pará: com identificação de clubes por bairros e sem identificação dos bairros por clubes. (1896-1952)

PERIODO	CLUBES
1896-1920	62
1921-1941	150
1942-1952	95
TOTAL	307

Fonte: Revista *A Semana* (1919-1929); Revista *Gol* (1975-1976) *Jornal A folha do Norte* (1914, 1915; 1930-1931) *Jornal a Província do Pará* (1920) *Jornal o Estado do Pará* (1938-1950) *ESTATUTO DOS CLUBES CMA-UFPA* (1896-1950) *JORNAL O Liberal* (1951-1952), *A Vanguarda* (1938) Livro História do Clube do Remo (1968). Livro “Histórico do São Domingos” não publicado, autoria de Teodorico Rodrigues sobre o São Domingos e o bairro do Jurunas.

TABELA 4 - Quantidade de clubes localizados e com identificação de bairros em Belém do Pará (1896-1952)

PERIODO	CLUBES
1896-1920	41
1921-1941	84
1942-1952	48
TOTAL	173

Fonte: Revista *A Semana* (1919-1929); Revista *Gol* (1975-1976) *Jornal A folha do Norte* (1914, 1915; 1930-1931) *Jornal a Província do Pará* (1920) *Jornal o Estado do Pará* (1938-1950) *ESTATUTO DOS CLUBES CMA-UFPA* (1896-1950) *JORNAL O Liberal* (1951-1952), *A Vanguarda* (1938) Livro História do Clube do Remo (1968). Livro “Histórico do São Domingos” não publicado, autoria de Teodorico Rodrigues sobre o São Domingos e o bairro do Jurunas.

TABELA DO SÃO DOMINGOS

DADOS QUANTITATIVOS A PARTIR DO LIVRO DE SÓCIOS DO SÃO DOMINGOS DE 1915-1957

1- QUANTIDADE DE SUJEITOS/ CADERNOS DE SÓCIOS:

PERÍODOS	DOCUMENTOS
1915-1930	8
1931-1946	192
1947-1957	30
NÃO CONSTA DATA	50
TOTAL GERAL DE PESSOAS	280
TOTAL DE DOCUMENTOS	140

2- GÊNERO (1915-1957):

MASCU LINO	FEMININ O	NÃO CONSTA GÊNERO	TOTAL
279	0	1	280

3 – CLASSE DE SÓCIOS:

HONORÁRI O	EFETIVO	BENEMERIT O	COOPE RADOR	CONTRIB UINTE	ATLETA	NÃO CONSTA	ADVENTI CIO	FUNDAD OR	TOTAL GERAL
7	155	0	16	5	9	79	4	5	280

4- NATURALIDADE/NACIONALIDADE (1915-1957):

NAT/NAC.	PARAENSE	AMAZONEN SE	NADA CONST A	SERGIPAN O	PERNAMB UCANO	PORT.	TOTAL
	86	2	189	1	1	1	280

5- FAIXA ETÁRIA

IDADE	MENORES	NADA CONSTA	18 – 25 ANOS	26 – 40 ANOS	ACIMA DE 40 ANOS	TOTAL GERAL
	27	81	118	46	8	280

6 - PROFISSÕES DOS SÓCIOS (1915-1957)

PROFISSÕES	TOTAL
NÃO CONSTA	82
OPERARIO	9
MOTORISTA	6
PEDREIRO	7
ESTUDANTE	16
FUNCIONÁRIO ESTADUAL	1
GUARDA-LIVRO	2
SERVIÇO DE MÁQUINA	1
MUSICISTA	1
COMERCIÁRIO	44
COMERCIANTE	4
MARCENEIRO	14
ALFAIATE	4
MARITIMO	4
MILITAR	7
SERRALHEIRO	3
SOLDADOR	1
ARTISTA	1
ENFERMEIRO	2
FUNDIDOR	1
MECÂNICO	6
LAVRADOR	2
PADEIRO	3
FUNCIONÁRIO FEDERAL	2
FUNCIONARIO MUNICIPAL	1
PINTOR	1
CONTADOR	1
VIDRACEIRO	1
BRAÇAL	2
JORNALEIRO	1
FUNCIONÁRIO PÚBLICO	4
GARÇON	3
INDUSTRIÁRIO	3
OURIVES	1
SAPATEIRO	2
GRÁFICO	2
TIPÓGRAFO	2
INTERPITO	1
CARPINTEIRO	4
CARPINA	2
AUXILIAR DE DESPACHO	1
CALDEREIRO	2
ENCANADOR	1
AMBULANTE	1
MOTORNEIRO	1
LEITEIRO	1
POLIDOR	1
JARDINEIRO	1
ESTIVADOR	1
TORNEIRO MECANICO	2
REDATOR DE JORNAL OU CRONISTA ESPORTIVO	4
POLITICO	2
ADVOGADO OU DOUTOR	5
AUXILIAR DE ESCRITORIO	1
CUTELEIRO	1
PADRE	1
TOTAL GERAL	280

7 – ESTADO CIVIL (1915-1957)

ESTADO CIVIL	CASADO	SOLTEIRO	VIUVO	NÃO CONSTA	TOTAL
	37	150	2	91	280

8– BAIRROS/LOCALIDADE/RESIDÊNCIA(1915-1957)

BAIRROS/LOCALIDADES	TOTAL
BATISTA CAMPOS	7
JURUNAS	103
CIDADE VELHA	38
ILHA DAS ONÇAS	3
TELÉGRAFO	5
CREMAÇÃO	12
CANUDOS	3
MOSQUEIRO	1
NÃO CONSTA	78
REDUTO	1
UMARIZAL	3
NAZARÉ	8
GUAMÁ	2
CAMPINA	6
PINHEIRO	1
MARCO	3
PEDREIRA	2
MATINHA	2
CACHOEIRA DO ARARI- MARAJÓ	1
COMÉRCIO	1
TOTAL GERAL	280

TABELA DE CLUBES FUNDADOS E CITADOS NOS PERIÓDICOS NO ANO DE 1914-1915.

	clubes	ano	fonte
	1-VITÓRIA	1914	<i>A Folha do Norte 27/08/1914.</i>
	2 - Vera Cruz	1914	<i>A Folha do Norte 27/08/1914.</i>
	3 -Eden Club	1914	Estatuto dos Clubes
	5 -Tiro Brasileiro F.C.	1914	<i>A Folha do Norte 09/01/1914.</i>
	6 - Paysandú Sport Club	1914	<i>Livro “ história do Clube do Remo”</i>
	8 - Pinheiro F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 31/07/1914.</i>
	9 - Val-de-Cans F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 20/08/1914.</i>
	10 - Grupo do Norte F.C.	1914	<i>A Folha do Norte 30/08/1914.</i>
	11- Nair Sport Club	1914	<i>A Folha do Norte 16/08/1914.</i>
	12 - São Jerônimo F.C.	1914	<i>A Folha do Norte 13/09/1914.</i>
	13 - Atlântico F.C.	1914	<i>A Folha do Norte 09/09/1914.</i>
	14 - Olympia F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 05/10/1914.</i>
	15 - Oriente S. C.	1914	<i>A Folha do Norte 30/08/1914.</i>
	16 - Quintino Boacáiuva F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 20/08/1914.</i>
	17 - Nazareth F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 18 e 31/07/1914.</i>
	18 - American F.C.	1914	<i>A Folha do Norte 31/07/1914.</i>
	19 - Grêmio Sportivo Musical Nuvem Negra	1914	<i>A Folha do Norte 19/07/1914.</i>
	20 - Instituto Lauro Sodré F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 09/01/1914.</i>
	22 - 02 de julho F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 31/07/1914.</i>
	23 - Botafogo F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 06/08/1914.</i>
	24 - Ateneu F. C.	1914	<i>A Folha do Norte 25/08/1914.</i>
	4-Estrella F.C.	1915	<i>A Folha do Norte 12/03/1915.</i>
	7 - São Domingos	1915	Estatuto do Clubes
total	24	2	

Anexo – SÍMBOLOS DOS CLUBES DE FUTEBOL.

1 – Símbolo do grupo alvi-zul – clube interno do Paysandú – bairro de Nazaré.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

2- São Domingos Sport Club (1915) – bairro do Jurunas



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

3 – Pinheirense Sport Club(1925) – Vila do Pinheiro(Icoaraci)



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

4 – Combate Sport Club – bairro da Campina.



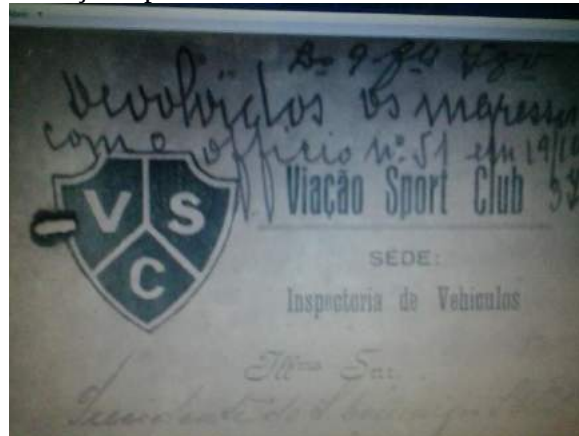
Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

5 – Rio Negro Atlético Club. Bairro da Campina.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

6 – Viação Sport Club – bairro não foi localizado.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

7 – São Boaventura Atlético Club. Bairro da Cidade Velha.



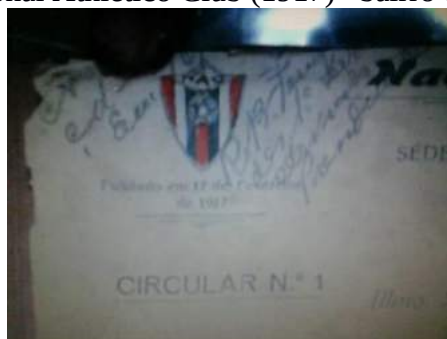
Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

8 – Paulista Foot Ball Club (1931) – bairro do Umarizal



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

9 – Nacional Athletico Club (1917)– bairro de Nazaré.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

10 –Clube do Remo(1905) – Bairro da Cidade Velha.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

11- Hellenico Sport Club (1930). Bairro da Campina.



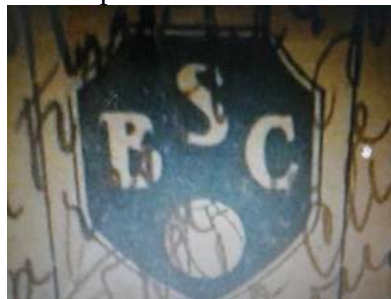
Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

12 – Tuna Luso Comercial(1903) – Cidade Velha



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

13 – Belém Sport Club – Bairro do Jurunas



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

14 – Clube Atlético Legionário - Bairro do Umarizal.



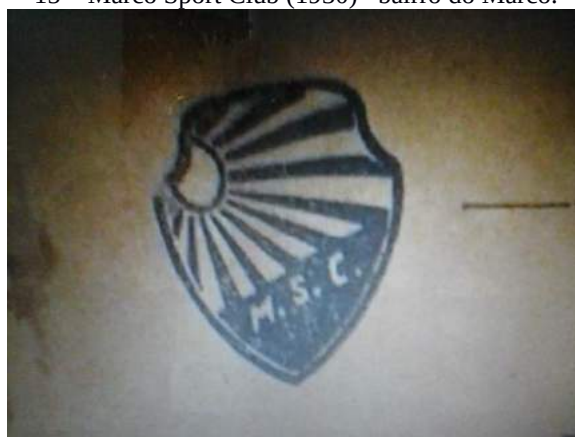
Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

14 – Santo Amaro Sport Club – bairro da Cidade Velha



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

15 – Marco Sport Club (1930)– bairro do Marco.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

16 – Cruzú Sport Club (1921)– bairro do Marco



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

17 – Aliança Sport Club (1925) – Bairro da Cidade Velha.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

18 – Sacramento Esporte Clube (1936) – bairro da Sacramento.



Fonte: pesquisa de campo no “estádio” do Sacramento/ 2013.

19- Uberabinha Sport Club (1921)– Bairro doTelégrafo



Fonte: Pesquisa de campo no “Estádio” do Sacramento.

20 – Clube Alegria (1940) – bairro da Pedreira



Fonte: Pesquisa de campo no Clube Alegria.

21 – Marituba Esporte Clube (1909) – Município de Marituba



Fonte: Pesquisa de campo no “Estádio do Marituba” 2013.

22 – Sociedade Esportiva e Beneficente Imperial (1935). Bairro do Jurunas.



Fonte: Pesquisa de campo na sede do Imperial- símbolo no alto à esquerda. 2014.

23 – São Joaquim Esporte Clube (1936) bairro da Marambaia.



Fonte: Pesquisa de campo na sede social e no “estádio do São Joaquim”. 2014.

24 – Jabaquara Futebol Clube (1945) – Bairro da Pedreira



Fonte: DIA 04 FEV 15

25 - Liberto Sport Club(1918) – bairro da Batista Campos.



Fonte: ofícios expedidos ao São Domingos. Arq. do clube.

26 – Yole Club (1916) – bairro da Cidade Velha



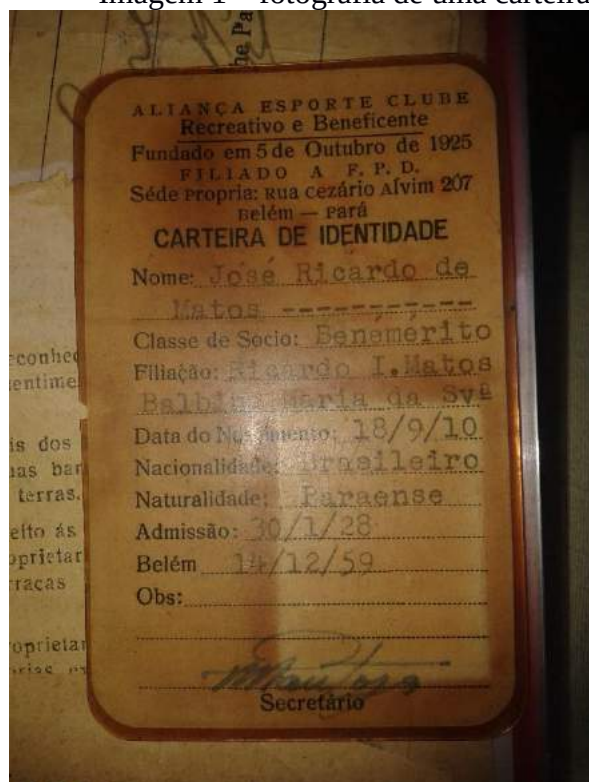
Fonte: DIA 04 FEV 15. *O Jornal* (São Luís-MA).

27 – Santa Cruz Bairro da Pedreira.



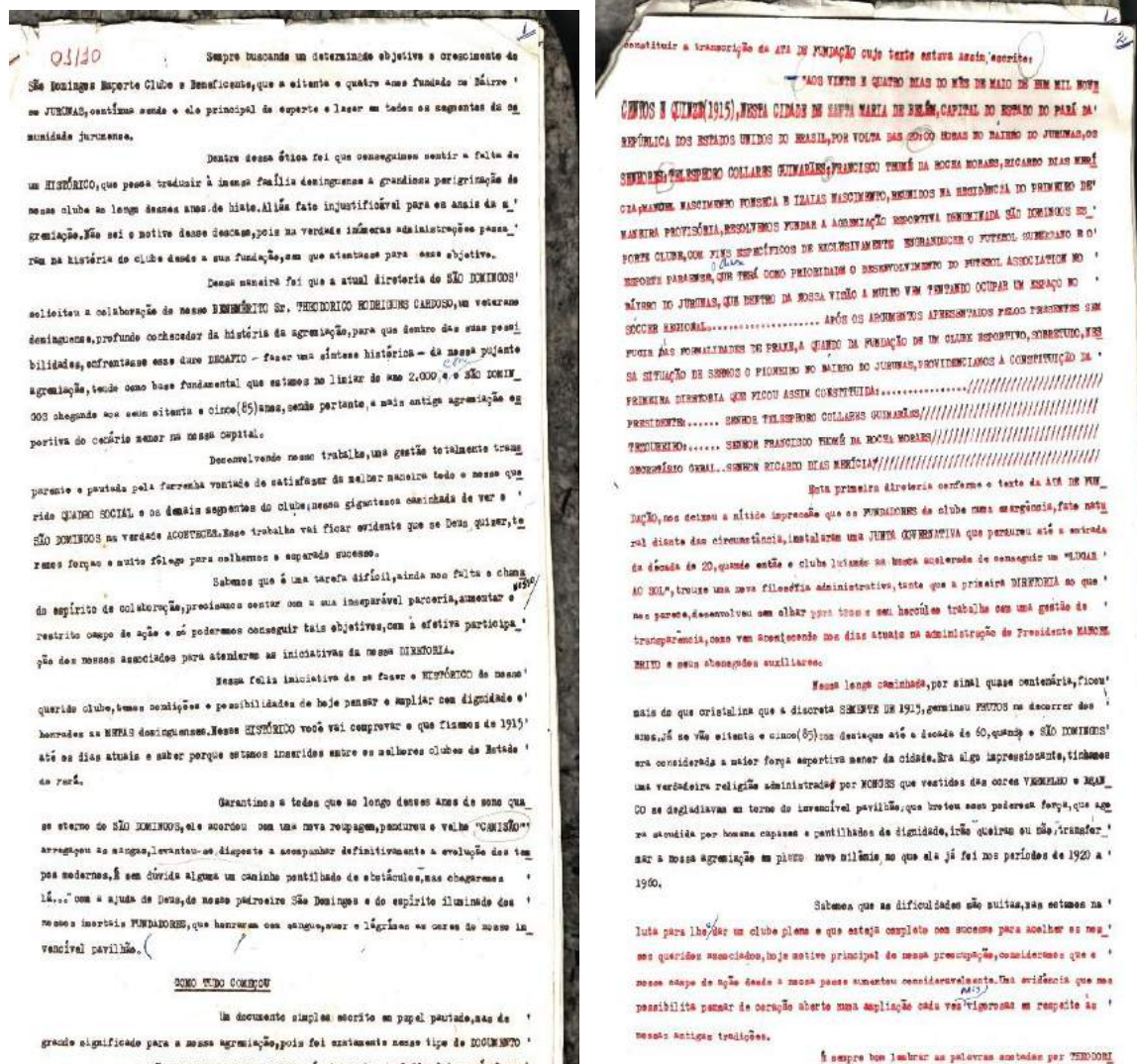
Fonte: pesquisado no DIA 19 JAN 16.

Imagem 1 – fotografia de uma carteira de Sócio do Aliança Esporte Clube.



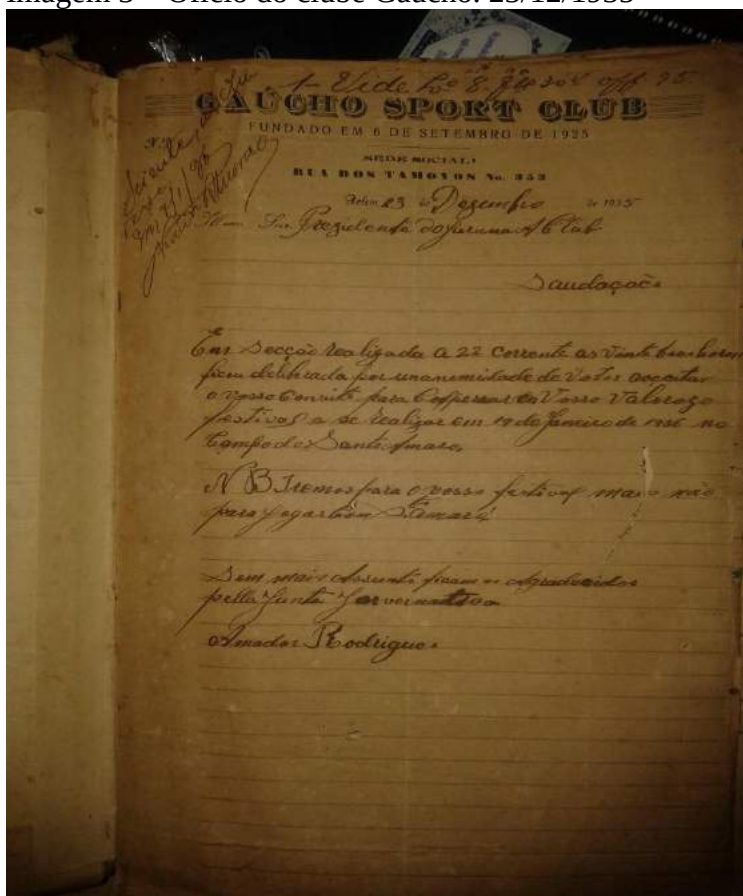
Fonte: Acervo documental do Aliança Esporte Clube. Pesquisa de campo realizada no dia 04/11/14.

Imagem 2 – fotografia do rascunho do Livro não publicado de Theodorico Rodrigues “Histórico do São Domingos (1915-2000)”.



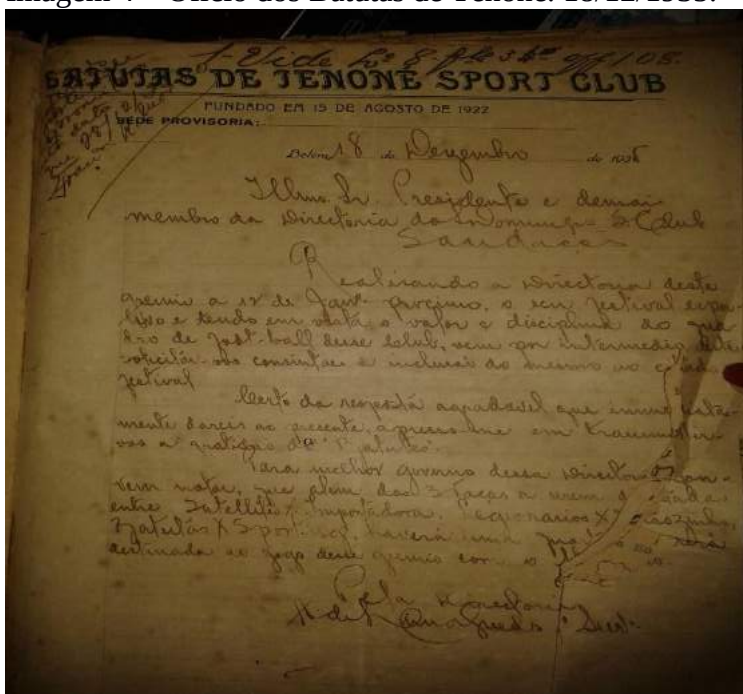
Fonte: acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 3 – Ofício do clube Gaúcho. 23/12/1935



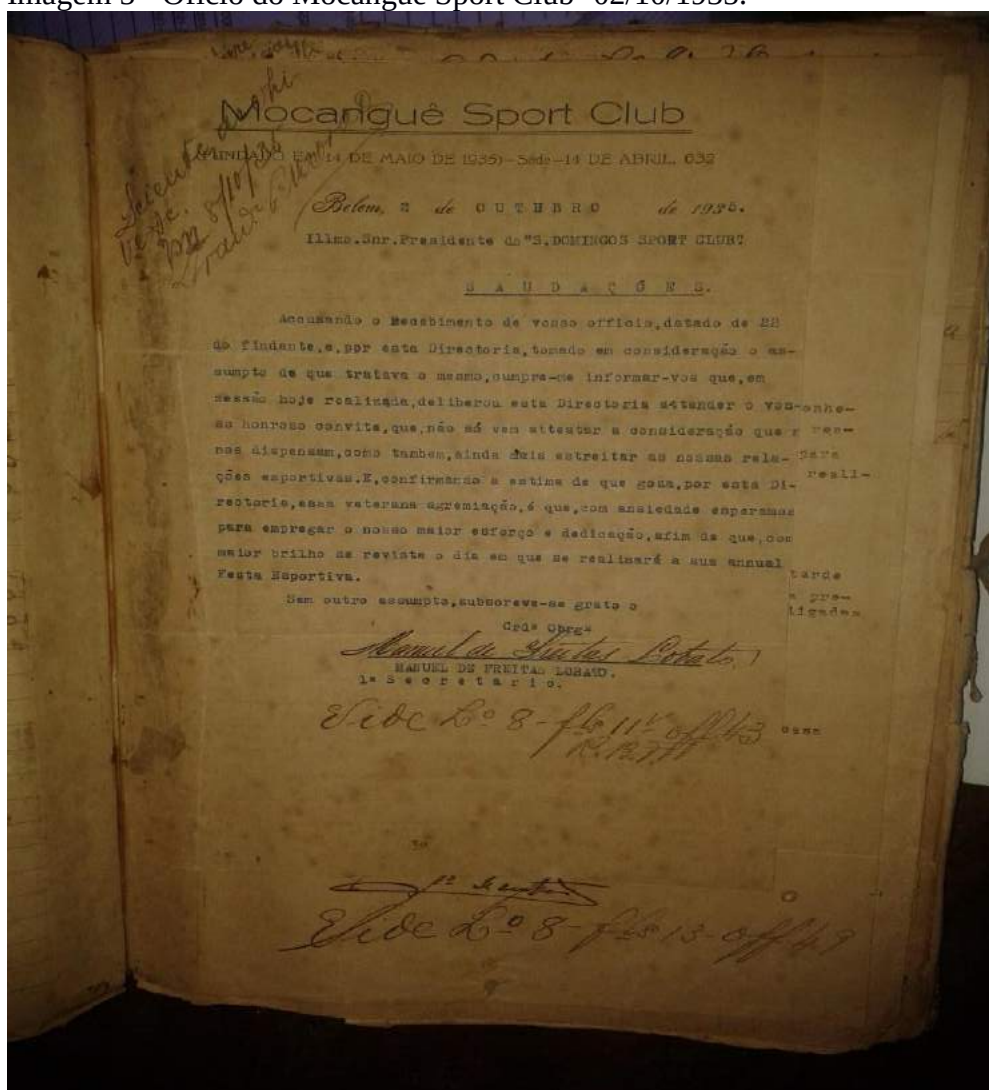
Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 4 – Ofício dos Batutas de Tenoné. 18/12/1935.



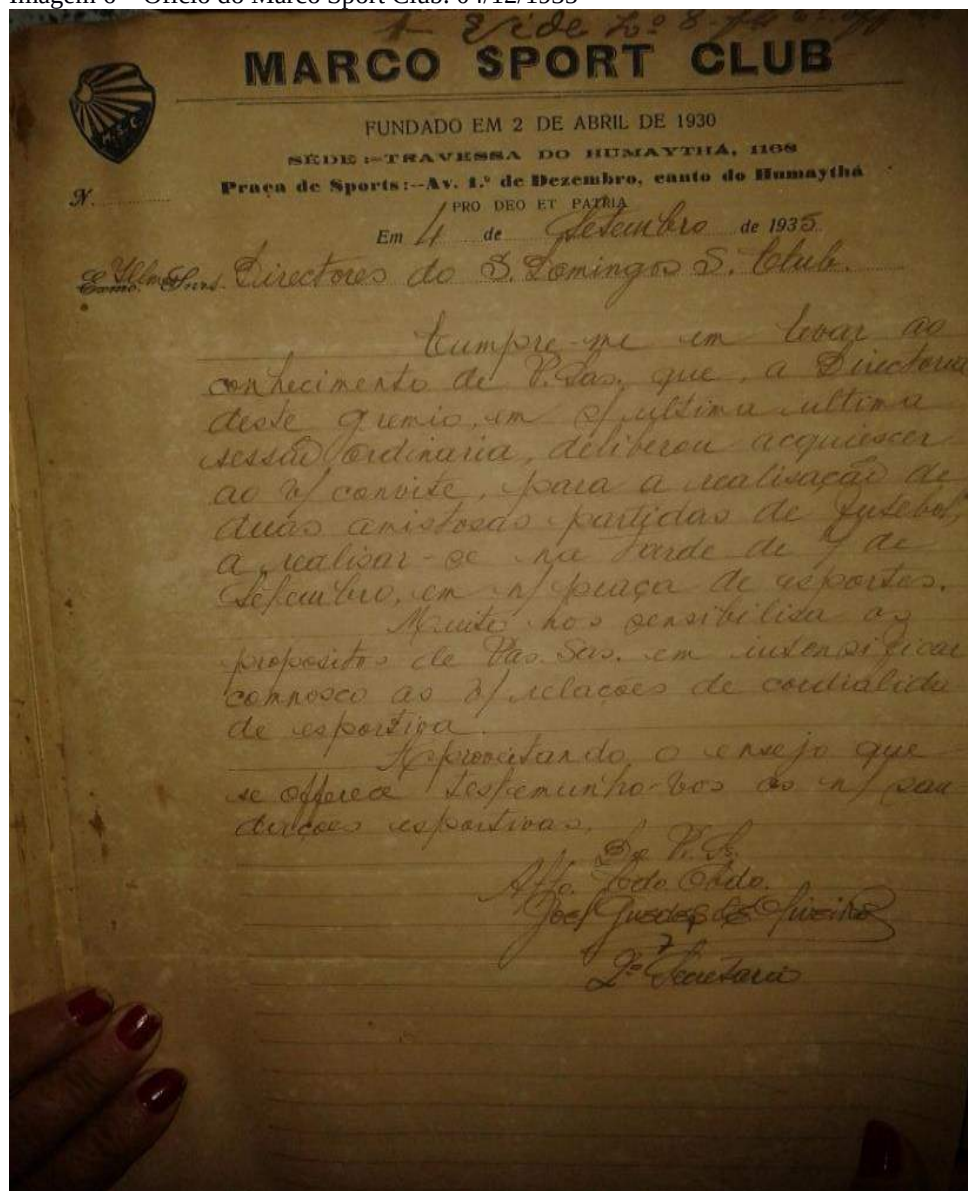
Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 5 - Ofício do Mocanguê Sport Club- 02/10/1935.



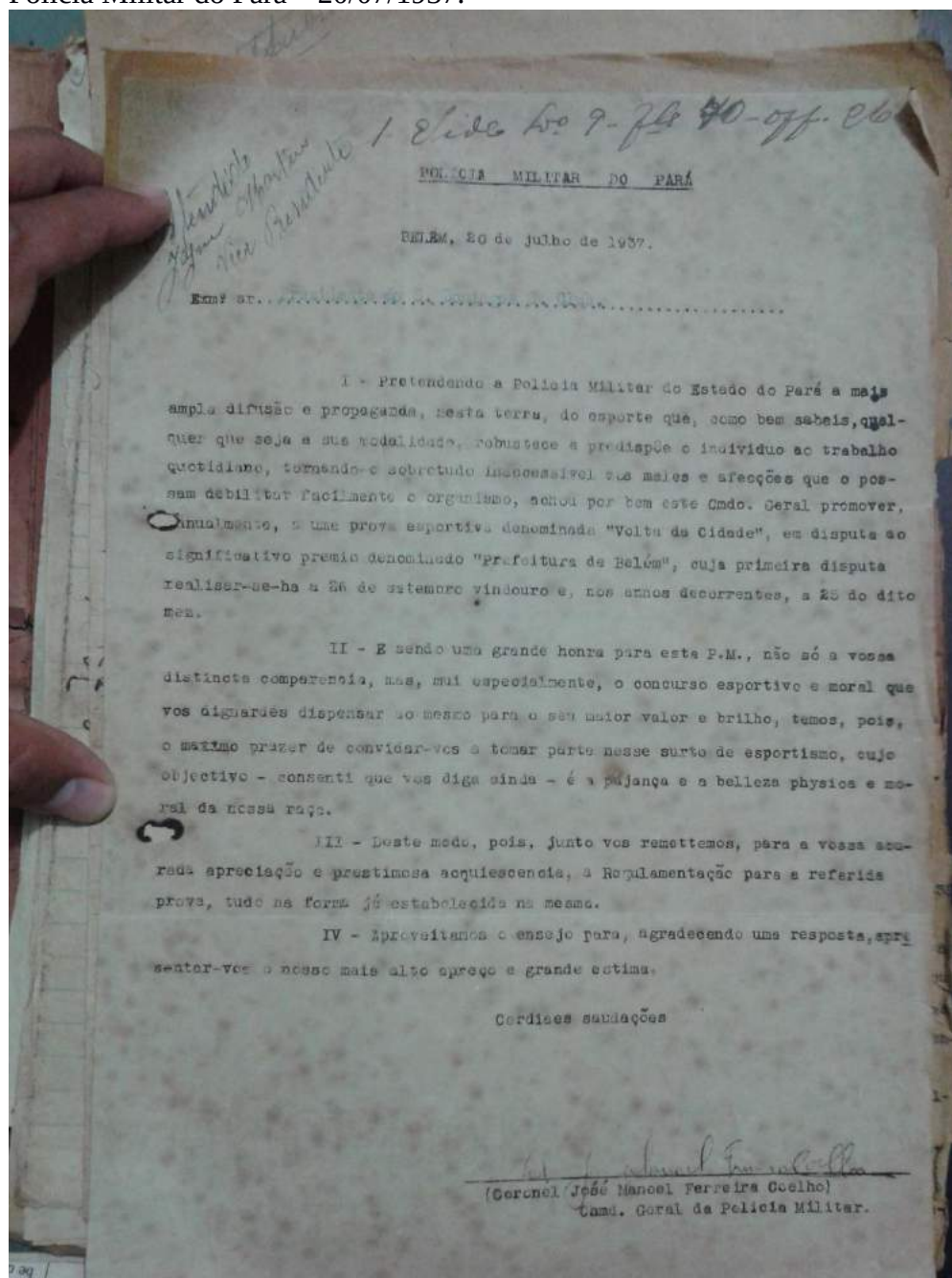
Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 6 – Ofício do Marco Sport Club. 04/12/1935



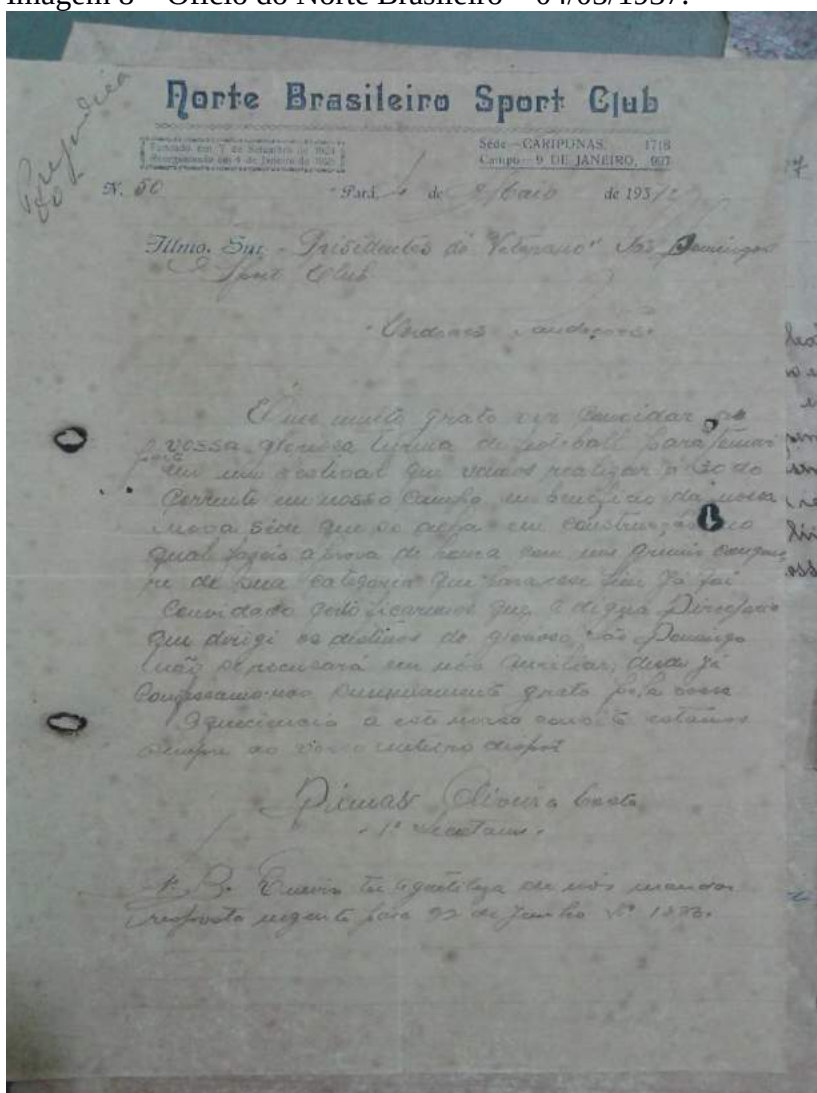
Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 7 – Regulamento da “Corrida Volat da cidade” promovida pela 1ª vez pela Polícia Militar do Pará – 20/07/1937.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 8 – Ofício do Norte Brasileiro – 04/05/1937.



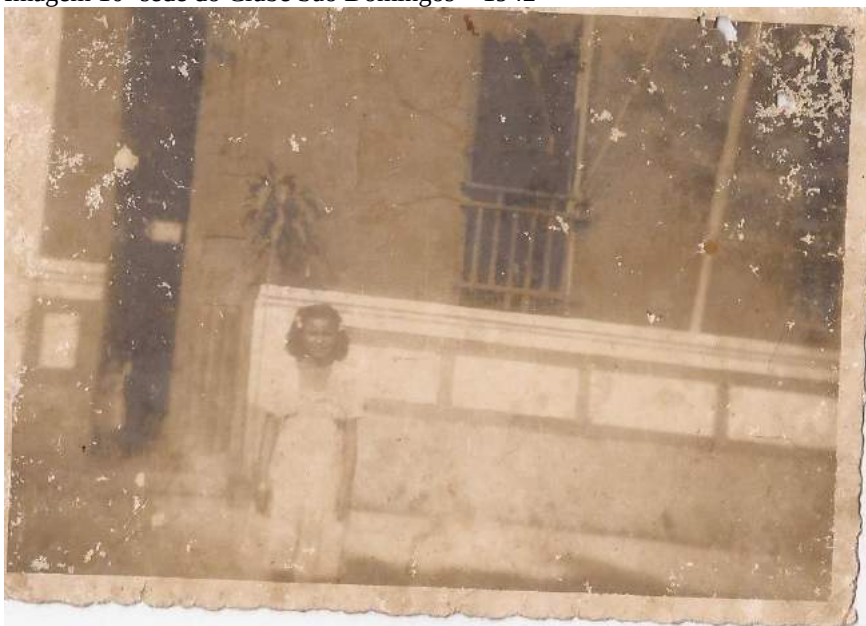
Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 9 – confraternização na sede social do São Domingos – 1946



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 10- sede do Clube São Domingos – 1942



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 11- caravana dominguense – 1946.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 12 – time do São Domingos “imortalizado” depois da vitória contra o Belém Sport. 1932.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 13- Time do São Domingos no ano de 1949.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 14 – Time do São Domingos no ano de 1950 ou 1951.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 15 – Sócios do São Domingos 1954. Visita do sambista Moreira da Silva ao Clube alvi-rubro.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 16 – Theodorico Rodrigues no São Domingos, ano de 2005.



Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 17 – Confraternização entre São Domingos e Imperial – 1975.



Fonte: Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 18 – Time do São Domingos “dia do Perdão” – 1932.



Fonte: Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 19 – Tibúrcio de Menezes – 1982.



Fonte: Fonte: Acervo documental do Clube São Domingos.

Imagem 20 – Clube São Joaquim do bairro da Marambaia. Hoje o clube vive a partir das festas dos bailes da saudade, 2014.



Fonte: Pesquisa de campo. 22/10/2014.

Imagem 21 – festival futebolístico no campo do Sacramento. O senhor de camisa vermelha é o exe-jogador Vicente Bateria, que jogou nos anos de 1980 na Tuna Luso Brasileira. 2013.



Fonte: Pesquisa de campo. 2013.

Imagem 22 – Campo do Marituba durante um “desafio” entre as equipes. Ano 2013.



Fonte: Pesquisa de campo, ano de 2013.

Imagem 23- camisa do Clube Uberabinha.



Fonte: Pesquisa de campo – sede social do Clube Uberabinha do Telégrafo – 2013.

Imagem 24 – Troféu mais antigo do Clube Uberabinha ainda possui. 1924.



Fonte: Pesquisa de campo – sede social do Clube Uberabinha do Telégrafo – 2013.

Imagem 25 – arquivo documental do Clube São Domingos -



Fonte: Pesquisa de campo, ano de 2014.